JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 1º de junho de 1980 | Ano XC — Nº 54 | Preço: Cr$ 15,00

TEMPO

Rio — Parcialmente nublado. Nevoeiros esparsos ao amanhecer. Temperatura estável. Ventos Sudoeste a Nordeste fracos a moderados. Máxima de 33,8 em Realengo e mínima de 15 no Alto da Boa Vista.

O Salvamar informa que o mar está calmo, com águas correndo de Leste para Sul. A temperatura da água é de 21 graus dentro da baía e de 20 graus fora da barra.

* Temperatura referente às últimas 24 horas.

(Mapas na página 28)

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com dois cadernos de **Classificados**, Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B** e **Cad. de Quadrinhos**, mais **Revista do Domingo**.

PREÇOS, VENDA AVULSA:

Rio de Janeiro
Dias úteis .... Cr$ 15,00
Domingos .... Cr$ 15,00

Minas Gerais
Dias úteis .... Cr$ 15,00
Domingos .... Cr$ 20,00

RS, SC, PR, SP, ES, MS, MT, GO, DF, BA, SE, AL, PE, PB, RN
Dias úteis .... Cr$ 20,00
Domingos .... Cr$ 25,00

Outros Estados e Territórios:
Dias úteis .... Cr$ 25,00
Domingos .... Cr$ 30,00

Papa condena mundo de poucos com muito e muitos sem nada

"O mundo desejado por Deus não pode ser um mundo no qual uns poucos acumulam bens em excesso e outros, em número claramente superior, sofrem de indigência, miséria e morrem". Este é um trecho da homilia que o Papa João Paulo II leu na basílica de Saint Denis, subúrbio parisiense, de população majoritariamente operária e eleitora dos comunistas.

João Paulo II foi recepcionado no Palácio do Eliseu, onde cumprimentou e trocou algumas palavras com os líderes socialista, François Mitterrand, e comunista, Georges Marchais. No salão de festas, onde havia 5 mil convidados, o Papa teve de enfrentar um tumulto em que a mulher do Presidente Giscard d'Estaing, Anne-Aymone, quase foi pisoteada. (Página 21)

Iguatu (Ceará)/Foto de Cynthia Brito

No leito quase seco do rio Jaguaribe, nesta época do ano, planta-se arroz, protegido do gado por uma cerca

Igreja responde ao INCRA com críticas à política agrária

Em resposta à divulgação, pelo INCRA, da relação de imóveis de propriedade da Igreja, um documento divulgado pelo Conselho Permanente da CNBB denuncia a internacionalização do campo; a falta de uma política de reforma agrária; a existência de uma agricultura predatória; e as violências cometidas contra posseiros.

A CNBB sugere que o INCRA divulgue a relação das terras devolutas em mãos da União, dos Estados e municípios; de propriedade de estrangeiros; e onde há conflitos de terras. O documento afirma que as terras da Igreja vêm diminuindo e diz que os dados do INCRA não distinguem estabelecimentos (unidades de produção) de imóveis (unidades de propriedades). (Página 20)

Delfim diz na ESG não crer em desestatização

"Eu não acredito na história de desestatização, porque, em primeiro lugar, não há capital privado capaz de comprar as estatais; em segundo lugar, porque, seja qual for o preço pelo qual o Governo venderia uma empresa, sempre surgiria a gritaria: "Quem é que no Governo levou a grana para vender?", afirmou o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, nos debates que travou, semana passada, no Rio, na Escola Superior de Guerra.

"Por que desestatizar? O que há de errado com as empresas do Governo?", indagou. Delfim não crê que "as empresas estatais brasileiras sejam menos eficientes ou mais eficientes que as empresas privadas. Para as estatais, é preciso, apenas, que o Governo lhes diga quanto podem investir e fiscalize para que não ultrapassem os limites", concluiu. (Pagina 24)

Seca verde anuncia mais sofrimento para o nordestino

No Nordeste, particularmente o Ceará, ainda há muito verde. Os açudes estão cheios, o gado come e bebe. Mas a "seca verde" prenuncia o desespero para daqui a quatro meses, quando começa o verão e a terra fica seca e estorricada. O salário de emergência, de Cr$ 2 mil 480, dado pelo Governo, não resolverá o problema dos 600 mil trabalhadores cearenses.

Os repórteres Sergio Fleury e Cynthia Brito percorreram 577 quilômetros Ceará adentro, de Fortaleza até Assaré, conversando com pessoas que convivem diariamente com a fome e a morte, mas não perdem a esperança e o humor (negro): "Pior do que isso, só se pior fosse". No longo itinerário percorrido fica mesmo a impressão de que "quanto mais se entra, pior fica". (Página 16)

Empresas em 79 se endividaram e liquidez caiu

A saúde financeira das empresas brasileiras piorou no ano passado. O endividamento cresceu, em média, 10%, e a liquidez caiu consideravelmente: para cada cruzeiro de dívida elas dispunham de apenas Cr$ 1,12 no final do ano, contra Cr$ 1,25 em 78. As vendas cresceram em média 5% em termos reais, mas a capacidade ociosa aumentou.

Os dados foram analisados pelo professor Stephen Charles Kanitz, da USP, a partir dos balanços de 100 empresas, e serão divulgados na edição **Melhores e Maiores**, da revista **Exame**. Ele acredita que as grandes empresas aumentarão ainda mais seu endividamento este ano, mas as pequenas e médias, certamente, encontrarão dificuldades, esbarrando na limitação de 45% à expansão dos empréstimos bancários. (Pág. 25)

Foto de Cristina Paranaguá

Sentado na escadaria do estádio, forrada com a enorme bandeira rubro-negra, símbolo da paixão do torcedor, Alan, de nove meses, espera pelo pai que foi comprar ingresso para o jogo decisivo do Campeonato Nacional entre Flamengo e Atlético Mineiro, hoje, às 17 horas, no Maracanã. Para conquistar seu primeiro título brasileiro, o Flamengo — que vai contar com Zico — tem de vencer. Ao Atlético basta empatar. Os portões do estádio serão abertos às 12h30m, e o esquema especial de segurança terá 1 mil 500 policiais. A previsão é de uma renda superior a Cr$ 15 milhões. O Flamengo já preparou a festa da vitória. (Páginas 31, 32, 33 e 34)

Friedman

"Um livro soberbo". Ronald Reagan não fez por menos diante de Free to Choose (Liberdade para Escolher), último trabalho de Milton Friedman, Prêmio Nobel de Economia e supremo guru dos monetaristas. Escrito de parceria com sua mulher Rose, o livro foi elaborado em paralelo com uma série para a TV Educativa dos Estados Unidos. O capítulo A Cura da Inflação **menciona o caso brasileiro.**

O Ministro Mário Andreazza analisa desde o uso da terra até a política indigenista. O diretor de exploração da petrobrás, Carlos Walter Marinho, mostra que só há uma maneira de achar petróleo: pesquisando. E J. O. Meira Penna trata da concentração populacional.

Caderno Especial

Leite

Nos últimos seis meses, todos os compradores de leite tipo C — 90% do mercado — do Município do Rio foram enganados: compraram leite com 2% e não 3% de gordura. E não se sabe se fresco, pois, apesar da exigência de as embalagens trazerem a data de validade, o consumidor só sabe que está adquirindo um produto "válido até quarta", que pode ser da semana passada ou de 15 dias atrás.

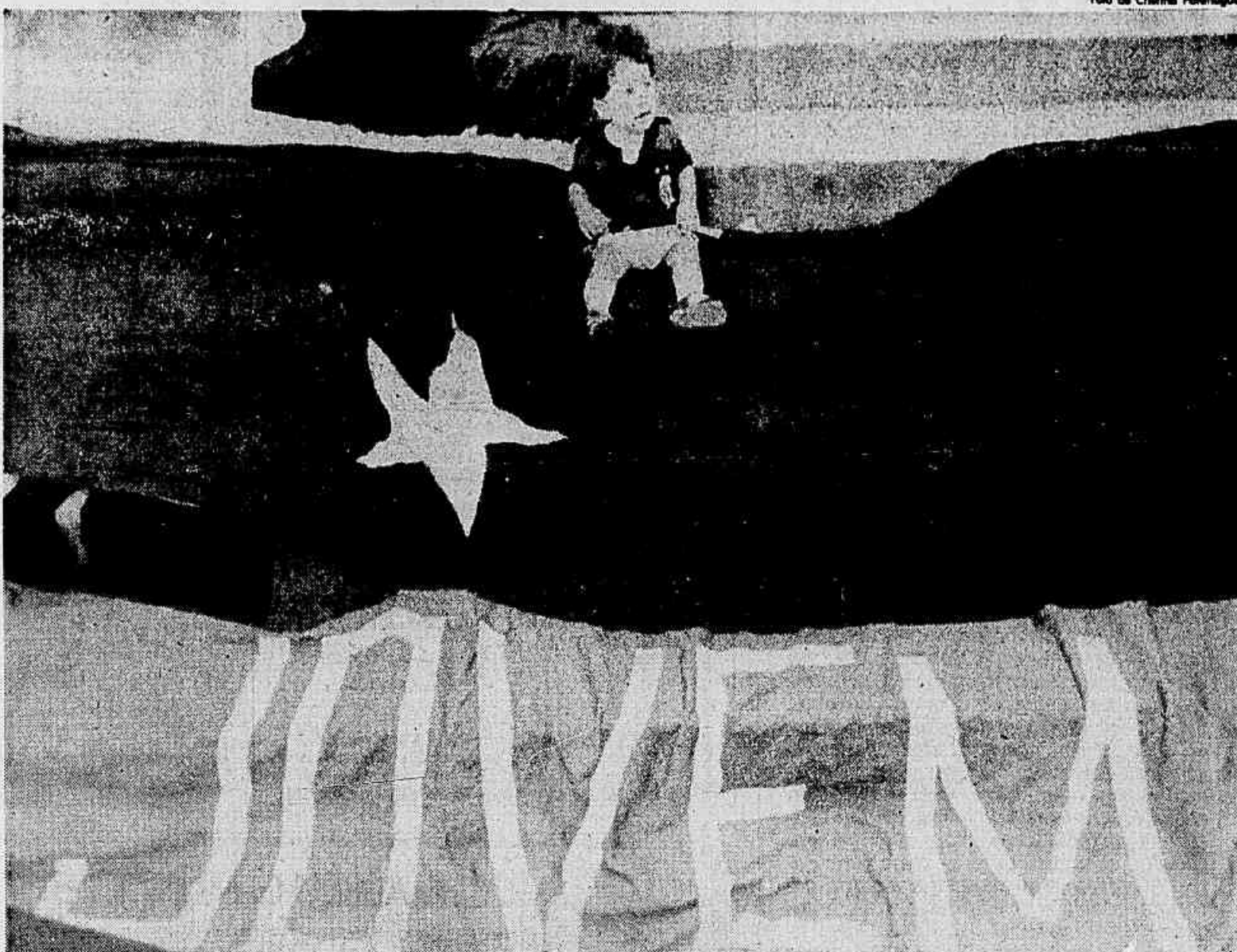
Mas, em matéria de faquirismo, José Carlos Oliveira conta como o Brasil é o campeão, surpreendendo o professor Calcutá, presidente do Comitê Internacional dos Jejuadores Olímpicos, que não sabia do grau de adiantamento brasileiro na prática do jejum. O cearense Magriço Seco, porém, conseguiu provar que a seca obriga crianças a jejuarem por até 118 dias, recorde internacional.

Caderno B

Milton Nascimento

Milton Nascimento volta aos estúdios de gravação com material acumulado na recente viagem a Paris, onde os aplausos o surpreenderam, porque ele cantou tudo em português. Discutido entre os puritanos da canção, Milton mantém sua qualidade de líder entre músicos, locomotiva que puxa diversos vagões mineiros.

Nas filas de penhores da Caixa Econômica, sem avalista e sem saldo médio, os tomadores se livram de apertos e às vezes fazem bons negócios. Um cruzeiro de iate em busca de aventura no Sudeste asiático terminou em massacre numa terra ainda hoje assolada por terrores, o Camboja, nação que se esvai à míngua.

Revista do Domingo

Parlamento não pára inquérito contra Cossiga

A pequena margem de votos (11 a nove) favorável ao arquivamento do processo em que o Primeiro-Ministro italiano Francesco Cossiga é acusado de ter facilitado a fuga de um terrorista permite que as investigações sejam reabertas. Isso pode transformar o Chefe do Governo em acusado de crime de favorecimento, determinando sua demissão depois das eleições do dia 8.

O pai do terrorista Marco Donat Cattin e vice-secretário do Partido Democrata Cristão, Carlo Donat Cattin, renunciou ao cargo ontem, depois que o Parlamento decidiu pelo arquivamento por pequena diferença. Votaram contra o encerramento do inquérito seis comunistas, um independente de esquerda, um radical e um neofascista. (Pág. 15)

Lula derrota os radicais e deve presidir o PT

O presidente deposto do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Luís Inácio da Silva, à frente da corrente mais moderada, deverá ser eleito, hoje, presidente do Partido dos Trabalhadores. Ele e seu grupo derrotaram ontem todas as propostas dos grupos divergentes, comandados por José Ibraim, líder da greve de Osasco em 1968.

Lula poderá até encabeçar uma chapa única para a comissão nacional provisória, se prevalecer a tendência verificada ontem, no início do 1º Encontro Nacional do PT, em São Paulo. Os grupos radicais, em desvantagem nas decisões, representam no máximo 10% do total dos 425 participantes com direito a voz e voto. (Página 4)

Coluna do Castello

Com Figueiredo a eleição será direta

Brasília — Dois ou três meses antes de assumir a Presidência da República, disse-me o General João Figueiredo que jamais voltaria a sofrer a aflição de escolher governadores de Estado. Referia-se ao período de 17 dias ao longo dos quais, o Presidente Ernesto Geisel e seu futuro sucessor selecionaram os governadores de 21 Estados. "Nós trabalhamos", disse, "na base de informações nem sempre idôneas e sob pressões nem sempre legítimas". As escolhas não o satisfizeram e, examinando em retrospecto o quadro de governadores, o General Figueiredo afirmou: "Hoje eu sei que o povo escolhe melhor do que nós".

Essa conversa, realizada por iniciativa do Presidente, que muito me honrou, foi precedida de uma declaração minha de que gostaria de ter a liberdade de ouvi-lo sobre todos os temas políticos sob o compromisso de nada publicar. O Presidente falou com uma franqueza que logo a nação perceberia ser da sua índole e do seu caráter. Ao fim da reunião, a que esteve presente o Sr Said Farhat, que seria mais tarde o seu Ministro da Comunicação Social, o General João Figueiredo liberou-me para publicar tudo o que dissera. "Você pode publicar dessa nossa conversa o que quiser". Na época, preferi não fazê-lo, para não gerar equívocos ou suscitar problemas, embora tivesse transmitido sob minha responsabilidade profissional as principais informações colhidas no diálogo com o futuro Chefe do Governo.

Não vou entrar em pormenores que a esta altura geraria outros inconvenientes, por ter na época o Presidente discutido até mesmo algumas escolhas que lhe pareciam inexplicáveis ou infelizes, sobretudo por serem da responsabilidade de dois generais do Exército que se haviam atribuído difícil missão em substituição ao livre jogo dos regimes democráticos, sob cuja vigência o Poder emana sempre do voto popular, sejam quais forem a influências que deformem na fonte essa manifestação da vontade do povo. Mas me parece essencial deixar o pensamento do Presidente da República sobre o assunto. Creio que ele não mudou de idéia, apesar das pressões que se exercem sobre ele para que se substitua novamente ao povo na escolha dos governadores.

E é precisamente em função dessas pressões, que se vão tornando ostensivas, que optei pela divulgação, nesta oportunidade, do que me disse antes de assumir o cargo o Presidente João Foigueiredo. Essas pressões partem notoriamente dos governadores, os quais, apesar da desintegração do MDB em diversos Partidos mais ou menos oposicionistas, não se sentem tranqüilos quanto à própria sucessão. O Norte e o Nordeste são áreas nas quais o Partido do Governo vai buscar elementos para fixar sua maioria no Congresso e parece que vêm de lá os sintomas de aflição pelos quais o Presidente Figueiredo não deseja passar novamente.

O pensamento do Presidente está, aliás, consubstanciado na emenda constitucional, redigida pelo Ministro Ibrahim Abi-Ackel e encaminhada ao Congresso Nacional, estabelecendo que as eleições de governador e de senador, a partir de 1982, se darão por sufrágio universal e voto direto e secreto. As especulações deveriam parar aí, mas na verdade os rumores de que a emenda pode ser retirada para atender a emergências da vida parlamentar geram inquietação entre os políticos. Essa inquietação encontra substância na supressão das eleições municipais deste ano e da prorrogação dos mandatos de prefeitos e vereadores. A prorrogação mantém a maioria governamental nos colégios eleitorais de todos os Estados, salvo o Rio de Janeiro.

A prorrogação estava prevista desde os tempos do falecido Ministro Petrônio Portella, mas naquela época não se atribuía malícia à decisão que, em seguida, seu substituto no Ministério transferiu, para efeito público, ao Congresso Nacional. Nunca se pode saber com certeza a força que poderão adquirir pressões num sentido ou no outro, sobretudo se a favor da eleição indireta vier a se inclinar o sistema que está na base do poder exercido pelo Presidente da República. Mas não tenho por que duvidar da lealdade do General Figueiredo, o qual, não sendo propriamente um político, está investido de uma liderança política da mais alta responsabilidade. Um Chefe de Governo, em princípio, é flexível e atento às circunstâncias, mas a franqueza habitual do General João Figueiredo, que só costuma dizer o que pensa, ainda que algumas vezes o diga de maneira imprópria, dá as suas posições declaradas a firmeza de um juramento, aliás expresso na sua afirmação de que, antes de terminar seu Governo, fará do Brasil uma democracia.

Enquanto os fatos não evidenciarem uma mudança de atitude do Presidente continuo a crer na sinceridade da confissão que me fez e na persistência da decisão que me anunciou. A eleição de governadores a partir de 1982, no que depender do Presidente da República e enquanto o Presidente for o General Figueiredo, deverá dar-se por sufrágio universal com voto direto e secreto.

Carlos Castello Branco.

Argentina quer mais aproximação

Salvador — O Embaixador da Argentina no Brasil, Sr Oscar Camilion, confirmou, ontem, a visita oficial do Presidente Jorge Rafael Videla ao Brasil, em agosto, para reafirmar a política global de aproximação e cooperação entre os dois países. Ontem, o Presidente argentino esteve em solo brasileiro durante 60 minutos, para uma escala técnica em Salvador do avião que o conduz com sua comitiva a uma missão na China.

Segundo o Embaixador Oscar Camilion, na pauta do Presidente Videla ao Brasil estão as negociações para pôr em prática o acordo nuclear do Brasil com a Argentina, no campo da cooperação científica e tecnológica, como também serão assinados os contratos no setor da metalurgia pesada para construção de reatores. Um dos pontos principais da visita será a discussão dos temas anunciados pelos dois Presidentes na Declaração Conjunta assinada em Buenos Aires.

O Presidente argentino foi recebido no Aeroporto Dois de Julho pelo Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Délio Jardim de Mattos, representando o Presidente João Figueiredo, o Governador Antonio Carlos Magalhães e representantes do Itamaraty, além de políticos e dos comandantes militares da área. No salão VIP do aeroporto, o Presidente Videla foi homenageado com um coquetel.

Embora sem detalhar os pontos da Declaração Conjunta que serão tratados pelos Presidentes do Brasil e da Argentina durante a visita do General Videla ao país, citou entre as intenções registradas em Buenos Aires a negociação para a assinatura de contratos de risco na área de exploração petrolífera. A propósito disso, salientou que o presidente da Petrobrás, Sr Shigeaky Ueki, se encontra em Buenos Aires iniciando essas negociações.

Na Declaração Conjunta, segundo o Embaixador Oscar Camilion, são previstos também contratos no setor de obras e serviços que deverão ser tratados em Brasília.

Marcílio continua irritado com Luiz Viana e cala sobre acordo

Parlamentares pedem por candidatos no Planalto

Há pelo menos dois trabalhos parlamentares sendo feitos junto ao Palácio do Planalto: um a favor da reeleição do Sr Flávio Marcílio na presidência da Câmara, para o período de 1981/82, e outro para aparar arestas e deixar desimpedido o caminho da eleição do Deputado Djalma Marinho.

Num e noutro caso, há ligações na operação com duas propostas de emendas constitucionais: a que restaura prerrogativas do Poder Legislativo e a que restabelece o pleito direto de governadores. Aparentemente, não há pertinência entre as questões, mas os três itens estão sendo examinados ao mesmo tempo pelo Governo e pelo PDS. A das prerrogativas poderá ter prioridade, desde que desacompanhada da emenda do pleito direto.

O Governo não pretende ver discutida e votada, antes do final do ano, a sua emenda das eleições diretas, preparada pelo Ministro da Justiça, Sr Ibrahim Abi-Ackel. Sua apresentação antecipada ao Congresso, antes do início da atual sessão legislativa, foi sugerida pelo líder Nelson Marchezan, para evitar a aprovação da emenda Lobão. E isso foi conseguido.

Na ocasião, o Ministério da Justiça e o comando do PDS asseguraram ao Presidente da República que a emenda do pleito direto só seria aprovada no final deste ano ou início de 1981. A pauta das emendas constitucionais estava influenciada e antes disso aconteceria. Estaria assegurado, assim, o início do debate sucessório nos Estados a partir do primeiro trimestre do próximo ano, como exigia o Planalto.

Até aí tudo bem. Mas logo surgiu a emenda devolvendo poderes do Legislativo, pelo Sr Flávio Marcílio. Com a colaboração dos Srs Djalma Marinho e Célio Borja. O Palácio do Planalto deixou claro, desde o início da discussão da matéria que não tinha a menor intenção de cruzar os braços diante da possibilidade de perder, a curto prazo, algumas de suas atribuições legislativas conquistadas após 64. A atual sistemática do decreto-lei por exemplo e a aprovação de projeto do executivo por decurso de prazo, se não votados no período fixado pela Constituição.

O Sr Flávio Marcílio entendeu que, por ter sido apoiada pela quase unanimidade do Parlamento, a começar pelo Presidente do Senado, Sr Luiz Viana Filho a matéria deveria ter prioridade na pauta. Deveria, mas não teve, principalmente depois das rixas registradas, dentro e fora do plenário, entre o Presidente da Câmara e o Presidente do Senado.

Depois de alguma confusão e muita discussão viram uma luz: a emenda das prerrogativas tira do texto constitucional, deixando apenas no Regimento Interno, a proibição de reeleição dos integrantes de Mesas Diretoras da Câmara e do Senado. Se ninguém falava na reeleição do Senador Luiz Viana, muitos admitiam a possibilidade de o Sr Flávio Marcílio ser reeleito.

Esta possibilidade porém está merecendo críticas de setores de todos os Partidos. A bancada do PP chegou a preparar um abaixo-assinado pedindo que a proibição da reeleição das Mesas continuasse no texto da Constituição. O Sr Flávio Marcílio porém tem dito e reafirmado que não é candidato à reeleição e que seu candidato ao lugar é o Sr Djalma Marinho. Mas muitos dos seus amigos continuam admitindo a hipótese o que poderia também promover a reeleição do Senador Luiz Viana Filho.

Para que isso possa acontecer, entretanto, o Presidente da Câmara terá de sustar seu combate ao Presidente do Senado e não criar problemas à liderança do PDS. Na tentativa de evitar a antecipação da votação da emenda do pleito direto.

Os líderes Nelson Marchezan e Jarbas Passarinho já estão agindo neste sentido mediante concordância do Sr Flávio Marcílio.

Vão procurar recompor as emendas contitucionais retiradas da pauta, graças ao trabalho do Sr Flávio Marcílio e de Deputados de todos os Partidos, que conseguiram cancelar assinaturas de apoio às proposições. Sem o número constitucional de assinaturas — um terço pelo menos — as emendas não podem ter tramitação e são devolvidas ao primeiro signatário. Com isso a pauta fica desobstruída, subindo na escala emendas apresentadas posteriormente às consideradas sem condições.

Entre as que subiram na pauta figuram, justamente, a das prerrogativas do Legislativo e a das eleições diretas.

A das eleições diretas, se recompostas as assinaturas das demais, ficaria onde está e poderia ser discutida e votada somente no final do ano, pelo menos. Mas a emenda das prerrogativas não seria retardada. Mas o Governo insiste em manter seus poderes para baixar decretos-leis e ver seus projetos aprovados por decurso de prazo. Se houver concordância, não haveria restrições à possibilidade de o Sr Flávio Marcílio disputar a reeleição — comenta-se na direção do PDS.

Mas amigos seus não acreditam que o presidente da Câmara concorde com tais expedientes. Além de confirmar que o Sr Flávio Marcílio já assumiu compromisso com a candidatura Djalma Marinho e que há parlamentares do PDS procurando superar possíveis dificuldades em áreas do Governo ao nome do representante do Rio Grande do Norte — um dos parlamentares mais estimados e respeitados do Congresso.

O Sr Flávio Marcílio, por sua vez, tem dito, inclusive da tribuna, que a sua luta pela devolução de prerrogativas do Legislativo não tem nenhuma implicação de ordem pessoal. "Os que pensam que existe não me conhecem direito e nem conhecem meu caráter" — disse ele, irritado.

Brasília — O Presidente da Câmara dos Deputados, Flávio Marcílio, recusou-se ontem a fazer qualquer comentário sobre a possibilidade de um acordo com o Presidente do Senado para leitura antecipada da proposta de emenda que restabelece os prerrogativas do Congresso, conforme anunciou o líder do Governo no Senado, Jarbas Passarinho.

O Sr Flávio Marcílio, ainda revelando sua irritação com o comportamento do Presidente do Senado, Luiz Viana, que impôs critério de ordem cronológica para leitura das propostas de emenda, disse que não tem qualquer preocupação com a proposição que restaura as eleições diretas de governadores.

O Deputado Flávio Marcílio afirmou que ficará satisfeito se a emenda que patrocina puder ser lida em sessão do Congresso no dia 13 de junho, conforme hipótese aventada pelo Sr Jarbas Passarinho. Acrescentou que está preocupado em garantir a antecipação na apreciação da proposta, sem discutir o mérito.

Embora os líderes do Governo afirmem que o Executivo faz restrições a muitos pontos da proposta de emenda constitucional das prerrogativas, entre os quais a eliminação do dispositivo que garante a aprovação de matérias oriundas do Executivo por decurso de prazo, o Presidente da Câmara disse que não examina "o mérito".

— Este — declarou — é um problema para ser discutido pelas lideranças dos diversos Partidos na Câmara e, em especial, com os integrantes da comissão interpartidária que elaborou a proposição. Se for realizado esse acordo, devemos lutar para incluir na comissão mista que dará parecer sobre a emenda algumas figuras que integraram a comissão que a elaborou.

Quando um repórter, lembrou que as desconfianças do Governo nasciam da suspeita de que ele é candidato à reeleição, aproveitando-se do fato de que sua proposta de emenda elimina a proibição constitucional, o presidente da Câmara reafirmou:

— Eu nunca disse a ninguém que era candidato à reeleição. Também não pedi para remover o dispositivo constitucional. E se ele cair eu não tomarei nenhuma providência para reformar o regimento, que proíbe reeleição.

O Deputado Flávio Marcílio desafiou os autores das insinuações a provar que tenha influído em qualquer detalhe do trabalho elaborado pela comissão interpartidária que teve como presidente o Deputado Djalma Marinho e como relator o Deputado Célio Borjra.

Afirmou ainda que não teve notícia formal do acordo anunciado pelo Senador Jarbas Passarinho, mas revelou que o líder do PDS na Câmara, Deputado Nelson Marchezan — a quem elogiou — prometeu que, na próxima semana, se empenharia para assegurar a leitura antecipada da proposta de emenda que restaura os Poderes do Congresso.

"O Marchezan portou-se como um líder e um cavalheiro em todo o episódio, assim como o Senador José Sarney, presidente do PDS, que tudo fez para se encontrar uma fórmula de composição", disse, lamentando que o Presidente do Senado, Luiz Viana Filho, tenha-se recusado sistematicamente a fazer qualquer concessão para facilitar a tramitação da proposta.

"Dia Nacional da Filiação Partidária" é meta do PDS

Brasília — O secretário-geral do PDS, Deputado Prisco Viana (BA) anunciou ontem que a direção nacional do Partido cogita em instituir, logo após a obtenção do registro definitivo no TSE, o Dia Nacional de Filiação Partidária. A campanha pode ser iniciada pelo Paraná.

Na sua opinião, o mais urgente a fazer no momento é tratar da estruturação do Partido, pois o processo de abertura, "o esforço pela democratização do país, se perderá inteiramente, se não formos capazes de organizar bem os Partidos, dandо-lhes uma estrutura moderna que lhes permita interferir em todos os setores da vida nacional".

Crises internas

O Sr Prisco Viana considera "urgentíssimo montar os Partidos, estruturá-los e colocá-los quanto antes em funcionamento". Só assim, disse ele, "evitaremos as dificuldades que a todo momento vai viver o processo de abertura".

O dirigente do PDS, entretanto, não vê com pessimismo as informações que chegam de quase todos os Estados, de que o Partido continua em crise. Ele acha que as divergências internas não são graves "e até demonstra nossa vitalidade".

Mesmo assim, os impasses parecem difíceis de serem superados e o quadro interno do PDS continua forçando o Governo a adotar a sublegenda nas eleições de senador e de governador e de prefeito (quando houver). Na direção do Partido governista, entretanto, os Srs Jarbas Passarinho e José Sarney continuam contrários à sublegenda no pleito direto de governador, defendida pelo Ministro Ibrahim Abi-Ackel e pelo líder Nélson Marchezan.

Nos Estados, com raras exceções, o PDS está se organizando com dificuldades. No Mato Grosso do Sul, por exemplo, tinha-se a informação de que a crise entre o Governador Marcelo Miranda e o Senador Pedro Pedrossian estaria superada, com a substituição de dois Secretários estaduais — o de Governo e o de Saúde. Isso foi feito com o Governador devolvendo à Câmara os Deputados Leite Schmit e Walter de Castro e indicando dois outros auxiliares diretos.

Mas o Senador Pedrossian não aprovou as escolhas e tornou a romper com o Governador, instaurando na Assembléia Legislativa e no Estado uma forte corrente dissidente.

No Pará há velha rixa entre os Srs Jarbas Passarinho e Alacid Nunes e até agora a direção regional não teve condições de reunir-se. Alguns **alacidistas** ameaçam deixar o PDS.

Em São Paulo, o Governador Paulo Maluf não conseguiu indicar o ex-Senador Auro Moura Andrade à presidência do Partido no Estado e não há informações concretas sobre quem dirige o PDS paulista de direito. Na última reunião de dirigentes regionais com o comando nacional representou o PDS de São Paulo o ex-presidente regional do extinto MDB, Deputado Natal Gale. Isso pode ter agravado o quadro interno, já que os antigos arenistas sentem-se preteridos nas graças do Palácio Bandeirantes pelos **malufistas** aliciados da Oposição.

Outros problemas

No Ceará, à medida que se aproximam as discussões em torno das eleições diretas de Governador em 82, a crise interna aumenta, com os grupos Virgílio Távora, César Cals e Adauto Bezerra em constantes desavenças, o ex-Governador Irapuan Costa Júnior ainda não está satisfeito como PDS goiano e em Minas a paz é apenas aparente entre o PSD e a UDN.

Entretanto, para o Sr Prisco Viana, "o êxito da democracia brasileira depende da capacidade dos políticos de criarem uma base partidária forte".

"Sem Partidos — acrescentou — bem estruturados, modernos, operativos, que, em lugar de terem a função de antigamente — meras siglas para o registro de candidatos — se constituam em organismos políticos vivos, conduto de aspirações populares e instrumentos da sociedade, para administrar o Poder, jamais teremos democracia no Brasil".

Tarso propõe nova forma de Governo

Porto Alegre — Ao oferecer sua colaboração à OAB gaúcha com vistas a um anteprojeto de Constituição para o país, o Senador Tarso Dutra (PDS-RS) sustentou que, adotada a fórmula parlamentarista de Governo, o Brasil "nunca mais correria o risco de retrocesso político e teria eliminado para sempre o pesadelo das crises institucionais".

"Todos os brasileiros devem confiar em que, através da reorganização dos Partidos, se viabilize uma reforma geral das instituições que seja, ao final, coroada pela adoção da proposta parlamentar de Governo, porque só ela anima a possibilidade de aprimorar o homem público e fecundar um verdadeiro e sólido regime democrático", enfatizou o parlamentar gaúcho.

São Paulo/Foto de Ariovaldo dos Santos

Lula conseguiu aprovar todas as suas propostas

PT faz congresso e deve hoje eleger Lula seu presidente

São Paulo — A eleição, hoje, do presidente deposto do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Sr Luís Inácio da Silva — o Lula — para a presidência nacional do Partido dos Trabalhadores, ficou praticamente assegurada ontem, quando, na abertura do 1º Congresso Nacional do PT, o líder metalúrgico e seu grupo político, por expressiva maioria, derrotaram todas as propostas apresentadas por grupos que deles divergem.

A prevalecer a tendência observada na aprovação do regimento interno do encontro, o grupo divergente, que não perfaz 10% do total de participantes, não terá condições de apresentar chapa própria para disputar a comissão executiva nacional do Partido e os delegados do PT votarão em chapa única encabeçada por Lula.

HOMENAGENS

Com apenas 15 minutos de atraso, o encontro em que serão discutidos e aprovados os estatutos e o programa definitivos e eleita a direção nacional do PT foi aberto às 10h15m por Lula, que se limitou a indicar os membros da mesa que dirigiria os trabalhos. Ele indicou os Deputados Estaduais Eduardo Matarazzo Suplicy e Irma Passoni, os dirigentes metalúrgicos depostos José Cicotti (sindicato de Santo André) e Djalma de Souza Bom (sindicato de São Bernardo) e para presidir a mesa o sociólogo Francisco Weilfort. Sem restrições, com palmas, o plenário aprovou as indicações.

Já na direção do encontro, enquanto Lula — vestindo a camisa de João Ferrador, símbolo da greve dos metalúrgicos em maio último — se sentava no plenário, o sociólogo Weilfort homenageou os Srs Apolônio de Carvalho e José Maria Crispim, os sindicalistas Joaquim Arnaldo, Benjamim de Carvalho e Plínio Melo, o presidente do CBA de São Paulo, advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, o crítico de arte Mário Pedrosa e o economista Paulo Schilling, pai da brasileira Flávia Schilling, que ficou quase 8 anos presa no Uruguai.

Sob aplausos do plenário, o sociólogo disse que, "dentro do nosso Partido, companheiros, há herdeiros de uma grande tradição de luta no Brasil". Dos homenageados, apenas o crítico Mário Pedrosa, por estar doente, não compareceu ao encontro.

REPRESENTAÇÕES

Em seguida o ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, Sr José Ibrahim, comunicou que no encontro estão representados 632 núcleos do PT em todo o país, que por sua vez representam 26 mil 134 militantes do Partido. Informou que o Partido está organizado em todos os Estados e Territórios.

Em 12 Estados o PT formou comissões provisórias municipais em um quinto dos municípios, o que supera a exigência da lei da reforma partidária, de comissões em um quinto dos municípios de 9 Estados para que o Partido possa requerer registro.

O Sr Ibrahim comunicou ainda que participavam do encontro 313 delegados, 45 dirigentes sindicais, os 11 membros da comissão executiva nacional provisória e mais 11 observadores.

Informou que "com direito a voz e voto" o 1º Encontro Nacional do PT contava com 425 participantes.

A Deputada Irma Passoni, esclareceu que a comissão executiva nacional provisória tentou elaborar um programa para o Partido "que resultasse da junção dos vários esboços, sugestões de programas enviados pelas seções estaduais do PT. Isso, entretanto, não foi possível. A comissão está apresentando um programa para ser discutido com as sugestões apresentadas pelos companheiros, para que ao final seja apresentado um programa que englobe pontos comuns a todos". A Deputada espera que do encontro surjam esclarecimentos "para as dúvidas comuns que temos todos nós, membros do Partido".

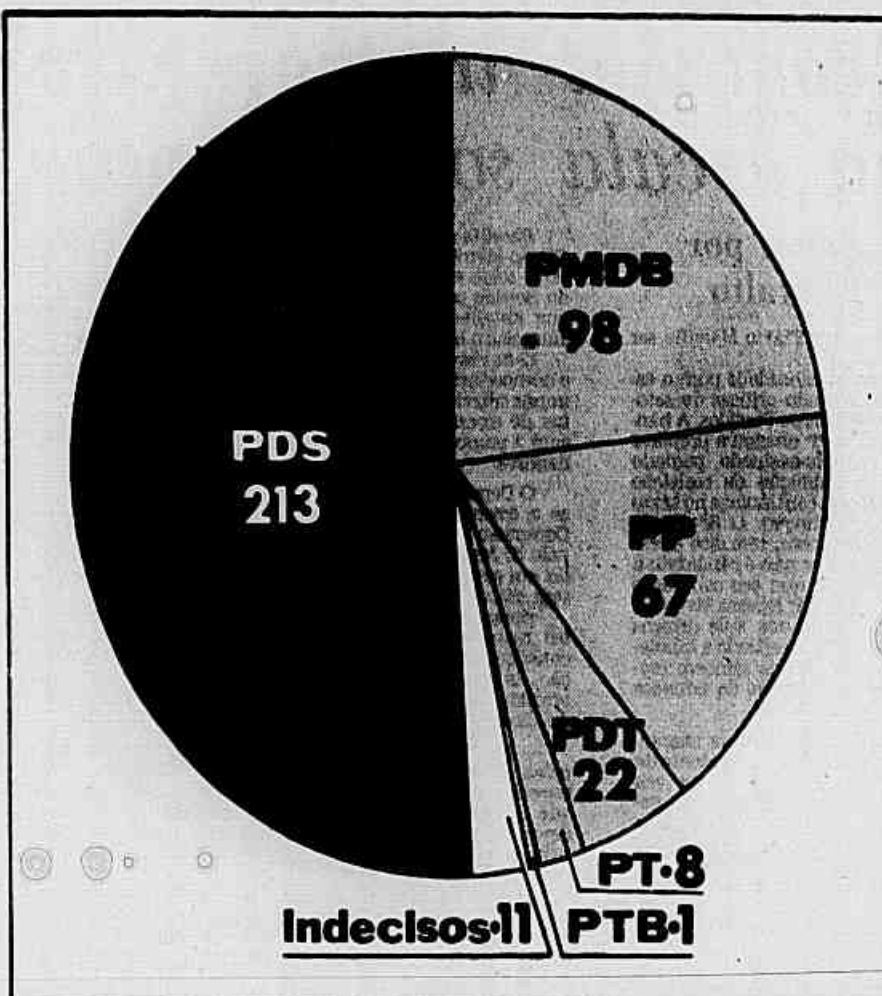
A Sra Irma Passoni dividiu o plenário em 8 grupos que discutirão esses pontos, os estatutos e o programa do Partido a serem aprovados ao final da reunião.

VITÓRIA

A seguir, sob a direção do sociólogo Francisco Weilfort, começou a discussão e votação do regimento interno do encontro nacional. A partir desse momento, os grupos que divergem de Lula passaram a questionar praticamente todos os capítulos, artigos e paragráfos do regimento interno elaborado pela coordenação nacional provisória da qual o líder metalúrgico faz parte.

Com sugestões de emendas a quase todos os pontos, esse grupo prolongou a discussão por 2h30m, sendo sucessivamente derrotado. Os grupos divergentes não conseguiram a aprovação de nenhuma emenda, prevalecendo ao final a posição moderada de Lula e seus companheiros da coordenação nacional.

COMPOSIÇÕES

Integram a coordenação nacional provisória, Lula; o Deputado federal Edson Khair (RJ); o presidente do Sindicato dos Petroleiros de Campinas, Jacó Bittar; os Srs Manoel da Conceição, ex-presidente do Sindicato Rural de Pindaré Mirim (MA); Wagner Benevides, presidente do Sindicato dos Petroleiros de Minas Gerais; Henos Amorina, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco; Paulo Skromoro, presidente do Sindicato dos Coureiros de São Paulo; Olívio Dutra, presidente deposto do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre; José Ibrahim, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco; José Cicotti, dirigente deposto do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Arnóbio Vieira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itanhaém.

Dos 11 indecisos, 7 deverão ir para o PDS e 4 para o PMDB ou PDT

PDS já tem 213 Deputados contra 196 das oposições

Brasília — Há 213 deputados inscritos no bloco do PDS, 98 no PMDB, 67 no PP, oito no PT e apenas um — Sr Jorge Cury — no PTB da Sra Ivete Vargas. Inexiste o bloco do PDT, que ainda se encontra em fase de organização. Mas a expectativa é de que fique com 22 deputados. A soma dá um total de 409. Sobram 11 "indefinidos" e as últimas estimativas indicam que sete deles terminarão assinando a ficha do PDS. Os quatro últimos ficariam entre o PMDB e o PDT.

Os levantamentos e avaliações de forças pelas lideranças são feitos a cada dia. Como o quadro partidário ainda não está cristalizado, todas as contas ficam duvidosas.

Revide e vantagens

O exemplo mais recente é o do Deputado Mário Frota, do Amazonas. Depois de uma intensa disputa pelo controle da comissão provisória do Partido no Estado, foi preterido em favor da facção do Senador Evandro Carreira.

O Sr Mário Frota e seu grupo revidaram, na semana passada, aderindo ao PDT. Mas sexta-feira, inesperadamente, encaminhou novo ofício, desta vez à direção do Partido, suspendendo sua adesão, enquanto o líder do PMDB na Câmara, Deputado Freitas Nobre, encaminhava emissários ao Amazonas para participar e atrair os rebeldes.

Há também os casos dos que se filiaram a um grupo, não gostaram do tratamento e decidiram procurar o aconchego de outra legenda, satisfazendo interesses pessoais, conveniências políticas ou submetendo-se às imposições de suas bases.

O Deputado Celso Peçanha abandonou a Oposição e com a reforma partidária foi para o Partido do Governo. Não contava, porém, com a perseguição de que se diz vítima, de parte do presidente da comissão provisória fluminense, o Senador Amaral Peixoto. Não obtera certos incentivos fiscais que prometera conquistar para algumas de suas bases eleitorais. Na semana passada mandou tirar seu nome do PDS para colocá-lo no PMDB.

Descontentes

Há outros descontentes que ainda podem mudar de posição, como o Deputado Joel Ferreira. Depois de 22 anos de Oposição ele viu que era a hora de tirar algumas vantagens do Governo para as áreas rurais pobres que o apóiam. Foi para o PDS com a promessa de que não se arrependeria. Mas se arrependeu e já pensa em voltar à Oposição, possivelmente para o PP.

Pelo Congresso há rumores de que quatro ex-emedebistas que cederam ao acenos do Sr Paulo Maluf também estariam prontos para retornar. Esses ex-oposicionistas comentam: "Na senzala, pode-se pelo menos berrar, enquanto na casa grande nem isso é permitido".

Chegou a circular no Congresso a informação de que a lei partidária não permite a mudança de bloco. Mas o entendimento do Presidente da Câmara, Deputado Flávio Marcilio, é o de que a lei só impede a mudança do parlamentar de um bloco que já tenha o registro provisório para outro também registrado no TSE.

Indecisos

A lista dos "indecisos" é a seguinte: Srs Temístocles Teixeira (MA), Carlos Augusto (PI), Geraldo Bulhões (AL), Florim Coutinho (RJ), Batista Miranda (MG), Ruy Codo (SP), Ruy Silva (SP), Francisco Castro (GO), Leite Shmidt (MS), Walter de Castro (MS) e Antonio Anibelle (PR).

O ex-Secretário de Justiça do Governo do Sr João Castelo, no Maranhão, Deputado Temístocles Teixeira, ao que tudo indica, deverá permanecer no PDS. O PP no Estado, sob a liderança do Deputado Edson Vidigal, guarda até hoje uma vaga na sua comissão provisória para ele. Mas sua amizade com o Senador Alexandre Costa — um indeciso do Senado, amigo pessoal do Governador Paulo Maluf — tem adiado a filiação. Chegando há poucos dias do Maranhão e falando mal do Governador, com quem está rompido desde que foi destituído do cargo de Secretário, declarou a amigos que "se me filiasse hoje seria ao PTB ou ao PMDB". Quem o conhece, porém, acredita que terminará ficando no Partido governista.

Interesses comerciais contrariados pelo Governador Lucídio Portella, do Piauí, são os obstáculos ao ingresso do Sr Carlos Augusto no PDS. Ele disse que só se decidirá depois que correr os 110 dos 114 municípios onde foi votado, o que pretende fazer no recesso de julho. Está disposto a conversar e cogitar do ingresso em todos os Partidos, até mesmo no PT, mas lembra que o Brasil, no momento, tem três PDS: "O do Governador Paulo Maluf, por quem tenho grande admiração; o do Governo, que é o pior de todos, e o do Presidente Figueiredo".

Elevação de passe

O Deputado Geraldo Bulhões (AL), ex-arenista rebelde, afirma que está na Oposição e que não há força humana capaz de fazê-lo retornar ao Partido do Governo. No momento, há quem afirme que terminará no PDT.

O Sr Florim Coutinho, ex-emedebista do Rio de Janeiro, tem feito muitos pronunciamentos a favor do Presidente Figueiredo. Diz inclusive que está "no clube do João", mas ainda não se decidiu partidariamente. A Oposição — com quem tem travado verdadeiras batalhas em plenário — comenta que ele está aguardando uma elevação do seu passe, ou seja, espera que o Governo cada dia mais fique apreensivo com a possibilidade de ter uma maioria minguada na Câmara. Mas ele nega tudo isso e diz apenas que ainda está consultando suas bases. Sua ida para o PDS, porém, é considerada como certa pela total incapacidade de reatamento de relações com o Governador Chagas Freitas, que comanda o PP fluminense, único Partido oposicionista com o qual se identifica.

O Sr Batista Miranda é rompido com o Ministro da Justiça, Sr Ibrahim Abi-Ackel. Os políticos mineiros, nas conversas de cafezinho do Congresso, acham, contudo, que ele terminará no PDS, em virtude da tradição de conciliação mineira.

Reação de bases

A convivência dentro de um mesmo Partido de figuras como os Srs Miguel Arraes e Franco Montoro assusta um pouco o Deputado Ruy Codo, ex-emedebista de São Paulo. As suas bases reagiram violentamente quando circulou a informação de que poderia ficar no PDS, ao lado do Governador Paulo Maluf. Namora o PTB, mas desistiu quando Sra Ivete Vargas ganhou a sigla. Pode ficar no PMDB, pois já superou um pouco o receio com relação ao Sr Miguel Arraes.

Outro paulista, Sr Ruy Silva, esteve na semana passada com o Presidente Figueiredo, em audiência privada. Desse encontro teria saído com a decisão de ingressar no PDS, ainda não formalizada.

O Sr Francisco Castro é do grupo do ex-Governador goiano Irapuã Costa Júnior. Aos mais amigos, tem alegado que está sofrendo discriminação do atual Governador Ary Valadão nas suas bases, principalmente no Município de Jaraguá. Mas, a nível federal, circula a informação de que estaria obtendo algumas vantagens, como o direito de indicar nomes para ocupar cargos no IAPAS de Goiás. Isso o levaria para o PDS.

O Sr Antonio Anibelli, do Paraná, chegou a comprometer-se com o PDS, mas houve rejeição de suas bases. Também não ficará no PMDB, "por uma questão de espaço". Tem muita admiração pelo PTB e comenta informalmente que "a sigla está acima das disputas entre Brizola e Ivete".

PP insiste na CPI da corrupção

Brasília — O Deputado Walber Guimarães (PP-PR) revelou ontem que se o PDS continuar impedindo a criação da Comissão Parlamentar de Inquérito encampada por seu Partido para apurar várias denúncias sobre corrupção, conforme proposta apresentada em junho do ano passado, recorrerá ao Supremo Tribunal Federal. A sua tese é de que as CPIs criadas por resolução do plenário não impedem a constituição das já formalizadas.

Nesta semana, o Deputado Walber Guimarães se informará sobre as condições do Sr Jacques Claude François, ex-Adido Comercial do Consulado de Toronto, que pediu asilo ao Canadá, com medo de retornar ao Brasil por ter feito denúncias sobre corrupção na diplomacia brasileira. O Sr Claude, segundo o Itamarati, estava sem condições mentais. Se esta informação não for procedente, será convocado para a CPI.

OBSTRUIR

A bancada do Partido Popular decidiu, em sua última reunião, obstruir a votação da Ordem do Dia da Câmara se o PDS não deixar que se constitua a CPI proposta pelo Sr Guimarães. Na última sexta-feira, porém, ficou resolvido que a obstrução será apenas em relação a outras CPIs. Há matérias de grande importância na Ordem do Dia que não podem ser prejudicadas.

A CPI sobre corrupção, hoje encampada pelo PP, já tem arroladas as seguintes denúncias para serem apuradas:

1) Suborno que teria sido pago pela Ericsson a funcionários brasileiros; 2) Acusação do Conselheiro Joaquim Fernando, do Tribunal de Contas de São Paulo, de que o Governador Paulo Maluf, quando foi diretor do DER, usou "criminosamente" os recursos do Estado; 3) Recusa do Banco Econômico, controlado pela família do ex-Ministro Ângelo Calmon de Sá, em pagar dois cheques administrativos, no valor de Cr$ 197 milhões 900 mil, passados pela Distribuidora Proinvest; 4) Empréstimos à Lutfalla, da família do Sr Paulo Maluf; 5) Irregularidades nas contas do DNER na administração do hoje Ministro Eliseu Resende; 6) Favorecimento à Construtora Noberto Odebrecht pelo ex-Ministro das Minas e Energia, Sr Shigeaki Ueki; 7) Aplicação inconveniente de recursos da Caixa Econômica Federal na gestão do Sr Humberto Barreto.

O Deputado Walber Guimarães encaminhará requerimento à Mesa da Câmara protestando contra a criação de CPIs, mesmo através do plenário, antes de ser constituída a que propôs. O seu argumento fundamental é de que as CPIs requeridas como o determina a Constituição não podem ser ultrapassadas pelas que o plenário autoriza.

A Constituição permite o funcionamento concomitante de cinco CPIs solicitadas por 1/3 dos deputados ou senadores. Estas CPIs são instaladas conforme a data de sua apresentação à Mesa de cada Casa. Por decisão da maioria dos deputados ou senadores podem ser instituídas outras comissões. Na Câmara, o PDS deu a interpretação de que estas CPIs são incluídas no limite máximo das cinco. Com isto vem impedindo as investigações sobre corrupção, chegando a ser apoiado, na manobra, pelo PMDB.

Não concorda o Sr Walber Guimarães com esta conclusão. O limite refere-se, apenas, às CPIs requeridas por 1/3. As de plenário, instaladas por decisão da maioria, são extraordinárias.

Pedessista quer lei contra leis

Brasília — Uma lei que dificulte o surgimento de novas leis é o objetivo da proposta de emenda constitucional da autoria do Deputado Henrique Turner (PDS-SP) que, se não for votada até sexta-feira, acabará arquivada, frustrando a segunda tentativa do seu autor para conter o crescimento do que chama "cipoal legislativo": 44 mil leis e 84 mil 700 decretos acumulados até o dia 10 deste mês.

Convencido de que a única solução era cortar o mal pela raiz, ele apresentou um projeto de emenda à Constituição, determinando que uma lei complementar estabeleça as normas básicas para a elaboração de leis. A proposta do Deputado Henrique Turner entrou em pauta na última quarta-feira mas não foi votada por falta de quorum.

A fórmula da emenda constitucional foi o recurso que o representante do PDS paulista encontrou, depois que sua primeira tentativa de disciplinar a elaboração de leis, através de projeto aprovado pela Câmara no Governo Médici, terminou rejeitada pelo Senado, que o considerou inconstitucional.

Segundo estatísticas que o Deputado Henrique Turner levantou, de 4 de outubro de 1946 a 10 de maio deste ano foram promulgadas 6 mil 675 leis. No regime revolucionário, já foram expedidos 1 mil 80 decretos-leis. Com isso totalizam-se 44 mil leis e 84 mil 700 decretos vigentes no país.

Goiânia/Foto de Jair Cardoso

Figueiredo recepcionou Stroessner no aeroporto

Figueiredo e Stroessner se reúnem em Goiás e discutem construção de hidrelétrica

Goiânia — Durou 15 minutos o encontro reservado entre os Presidentes João Figueiredo e Alfredo Stroessner, na sala das autoridades do Aeroporto Santa Genoveva, ocasião em que abordaram temas bilaterais de interesse do Brasil e do Paraguai, além de questões relacionadas com a construção da hidrelétrica de Itaipu.

O Presidente Figueiredo desembarcou às 15h20m e esperou durante 20 minutos a chegada do General Stroessner, em um Electra das Linhas Aéreas Paraguaias. O Presidente paraguaio trouxe uma comitiva numerosa, de 60 pessoas, entre ministros, autoridades militares e jornalistas. No desembarque houve uma rápida e animada conversa entre os dois Chefes de Estado.

APRESENTAÇÃO

Ainda no pátio do aeroporto, o Presidente Stroessner foi apresentado à comitiva brasileira, entre eles da qual faziam parte, entre outras autoridades, o Ministro Interino das Relações Exteriores, Sr Baena Soares, o chefe do Gabinete Militar, General Danilo Venturini, o Ministro da Comunicação Social, Sr Said Farhat, o Chefe do SNI, General Octávio Medeiros, e os Governadores de Goiás e são Paulo.

Terminado o encontro reservado, os Presidentes Stroessner e Figueiredo seguiram para o local da exposição agropecuária. Lá, o Governador Ary Valadão fez um pronunciamento destacando a estratégia do Governo Figueiredo de apoio integral ao desenvolvimento agropecuário, a base de sustentação do nascimento do Estado de Goiás.

Um boi da raça Nelore, de 42 meses, foi dado de presente pelo Governador goiano ao Presidente Stroessner. Para o Presidente Figueiredo foi dada uma pepita de ouro, com o formato do Estado de Goiás, estimada em Cr$ 100 mil.

Os dois Presidentes assistiram do palanque ao desfile de animais das raças Gir, Nelore e Holandesa e presenciaram um rodeio internacional onde aconteceram muitas quedas e algumas escoriações leves nos cavaleiros. Em seguida, os Presidentes Figueiredo e Stroessner visitaram o **stand** do Estado de Goiás e tomaram conhecimento, através de uma montagem fotográfica, do projeto agrícola do rio Formoso. Após o coquetel, ambos foram para o aeroporto de Santa Genoveva, quando se despediram.

Cerca de 2 mil soldados da Polícia Militar ficaram ao longo do trajeto entre o aeroporto e o local da exposição. Dentro da área da Exposição Agropecuária havia tropas de choque da PM com cães amestrados.

As autoridades policiais justificaram o aparato em face da ameaça feita por estudantes universitários de manifestações contra a presença do Presidente Figueiredo na Capital goiana. Na sexta-feira, a Polícia Militar agiu com violência para acabar com uma manifestação na praça universitária, quando 2 mil estudantes comemoravam o primeiro aniversário da reorganização da UNE.

A situação só se acalmou após a intervenção do Reitor José Cruciano de Araújo, que negociou com o Comandante-Geral da PM, Coronel Aníbal Coutinho, a retirada pacífica dos estudantes do local. Estes se haviam refugiado no prédio da Faculdade de Educação com medo dos policiais que soltaram cachorros contra os manifestantes, ferindo dois deles.

Guerreiro visitará sete países africanos

Luiz Barbosa
Enviado especial

Bonn — Tão gripado a ponto de não ter podido sair ontem de seu quarto no Hotel Steingenberg para aproveitar a sua única manhã livre em Bonn, o Chanceler Saraiva Guerreiro inicia hoje, em Dar es Salaam, sua visita a cinco países da África Austral e, pela primeira vez, a nível ministerial, uma visita as duas mais importantes ex-colônias de Portugal no continente africano: Moçambique e Angola.

Guerreiro concluiu sua estada em Bonn sem ter, afinal, se avistado com qualquer dos líderes das organizações religiosas Miserior e Adveniat, cujas contribuições em milhões de marcos anuais para entidades católicas e projetos sociais específicos no Brasil vêm despertando queixas do Governo brasileiro quanto ao uso de tais recursos para fins políticos internos, embora o dirigentes da Adveniat estivesse presente ao banquete oferecido na noite de quinta-feira pelo Ministro alemão Hans Dietrich Genscher. O Monsenhor Emil Stehle, contudo, não chegou a conversar com o Chanceler brasileiro.

Visita

Em Dar es Salaam, a partir de hoje, a excursão do Ministro Saraiva Guerreiro ganha todo um novo sentido em matéria de estilo e substância, comparada ao que houve em Bonn nos últimos três dias. Na Alemanha, a rigor, pouco havia de novo a ser discutido entre as partes, salvo os desdobramentos da crise internacional, no Irã, no Afeganistão, ou na América Central.

Todos os contratos e acordos bilaterais, com maior ou menor prazo, estão em andamento. Na África, no entanto, tudo está ainda por fazer e existe uma preocupação de justificar os 18 mil quilômetros de vôo necessários para trazer a delegação brasileira até aqui, em dois dias de conversações, em nível diplomático. E após uma visita ao Presidente-Professor Julius Nyerer, Guerreiro estará firmando o texto do Comunicado Conjunto com previsões de que o Brasil vá dar, futuramente, assitência técnica a Tanzânia no campo agrícola e industrial.

Lusaka, em Zâmbia, é a escala seguinte, onde o líder Kenneth Kauanda aguarda o Chanceler brasileiro. Porém, as maiores expectativas no seio da Delegação Oficial do Brasil, engrossada ontem com a chegada a Dar es Salaam de outros assessores categorizados do Itamarati (Embaixador Paulo Tarso Flexa de Lima e Ministro Marcos Azambuja) e técnicos de outros Ministérios, estão concentradas sobre as três etapas finais da missão: Moçambique, Zimbabwe (agora promovida de um mero pouso técnico no domingo, 8 de junho, a um pernoite em Salisbury) e, com maior atração ainda, Angola, tida hoje entre as principais prioridades da política externa brasileira na África, juntamente com a Nigéria.

Hoje, no entanto, a principal preocupação do Chanceler Guerreiro é superar a gripe aguda que o atacou em Bonn, para ter a disposição física necessária para fazer face à empreitada africana.

Informe JB

Álcool

É preciso entender que o álcool terá papel importante na solução do problema energético do Brasil, mas não é a solução final, que salvará a economia substituindo o petróleo.

Primeiro, é preciso entender que o álcool substituirá apenas uma parcela do petróleo. Em 1985, se o programa do Proálcool atingir sua meta, que é de 10 bilhões 700 milhões de litros, o álcool atenderá apenas a 30% da demanda da gasolina de então, e será o substituto de apenas 8% do petróleo consumido em todo o país. O restante será necessário produzir ou importar.

Não há dúvida de que em 1985 70% do petróleo brasileiro ainda serão importados.

■ ■ ■

Segundo, é preciso entender também, que o álcool é nacional, mas não é matéria abundante. Para produzi-lo, existe programa governamental, que o próprio Presidente considera atrasado, que coordena suas diversas pernas. Pois se não crescerem juntas, à medida que o programa se desenvolve, a andadura não se fará em ritmo adequado.

Estas pernas são: existência de terra cultivável; plantio da cana, que leva pelo menos três anos para crescer, na primeira safra; financiamento da safra; instalação das destilarias; capacidade de estocagem; bons canais de distribuição; fabricação do carro com motor a álcool; existência de retíficas autorizadas para a modificação dos motores e, por fim, a assistência técnica.

■ ■ ■

Todo o processo deve se desenvolver coordenadamente, sem que uma perna ande mais do que a outra.

Pois senão o Proálcool desanda.

Contra a maré

A EBTU, Empresa Brasileira de Transportes Urbanos, está financiando estudo de viabilidade para definir possíveis ligações hidroviárias na Baía de Guanabara.

Acontece que já existe amplo estudo sobre o assunto.

Iniciado por Josef Barat, ex-Secretário de Transportes no Governo Faria Lima, foi concluído por Francisco Pizarro, seu sucessor.

Nessa segunda fase, a Cia. do Metropolitano participou ativamente do projeto, que definiu as possíveis ligações na Baía de Guanabara.

■ ■ ■

O novo estudo encomendado pela EBTU, parece, assim, desnecessário.

No entanto, a empresa insiste nele. E em vez de repassar o financiamento à Secretaria de Transportes, entregou-o diretamente a uma empresa privada.

Pode ser o caminho mais rápido.

Mas parece que, neste mar, a EBTU está remando ao contrário.

Presidência

De destacada figura do PDS:

— Não há ninguém invencível na bancada para disputar a presidência da Câmara dos Deputados.

Contra o fumo

Convidado a dar depoimento para campanha contra o fumo, em Salvador, o Arcebispo Primaz do Brasil, D Avelar Brandão Vilela, confessou que chegou a dar algumas tragadas aos 12 anos de idade, por influência de colegas, mas sentiu profundo mal-estar o que o afastou definitivamente do cigarro.

■ ■ ■

O que não aconteceu com seu irmão Teotônio, que provou e gostou.

Hoje, o Senador Teotônio Vilela fuma moderadamente, mas já teve tempo de consumir três maços por dia.

E está disposto a dar seu depoimento contra o fumo.

Bom começo

Está decidido: não haverá convites para a posse do novo Prefeito do Rio, Júlio Coutinho, a realizar-se terça-feira, na parte da manhã. Mas quem for ao Palácio Guanabara e Palácio da Cidade será bem recebido.

O novo Prefeito espera assim iniciar sua gestão com as portas abertas, democraticamente.

Tudo bem

O Senador José Sarney e o Ministro Abi-Ackel jantaram na casa do Deputado Nelson Marchezan e conversaram animadamente sobre a situação política. Concordam em quase tudo, mas ainda há alguns pequenos pontos de discordância.

A sublegenda, por exemplo.

Sarney gostaria de vê-la funcionando apenas a nível municipal.

Abi-Ackel sugere que se a estenda a todos os níveis.

As conversações prosseguem.

Abandono

Como se fosse trecho perdido da Transamazônica, a estrada com 40 quilômetros de extensão que liga Campos e Macaé continua, há mais de um ano, em precárias condições de trânsito.

Quando chove, o trecho é interditado, formando-se filas de carros, incapazes de vencer o atoleiro. Os motoristas mais corajosos terminam rebocados, e voltam ao ponto de origem completamente enlameados.

Para se ter idéia da dificuldade que o trecho oferece ao tráfego, basta dizer que, em dias de sol, gasta-se duas horas para vencer os 40 quilômetros.

Um deputado

A bancada do PMDB na Assembléia Legislativa de Pernambuco condena a política *fisiológica* da maior parte dos deputados do PDS, mas o Deputado Newton Carneiro, peemedebista, encaminhou à Assembléia, anteontem, requerimento pleiteando ao Governo do Estado instalação de serviço de abastecimento de água em dois imóveis rurais, um dos quais de sua propriedade.

A solicitação foi incluída na ordem do dia, e o Deputado José Fernandes, que pertencia ao MDB, mais hoje é do PDS, pediu-lhe que retirasse o requerimento da pauta dos trabalhos.

— Fica feio para Vossa Excelência, fazer tal pedido — disse, em tom paternal, no plenário.

■ ■ ■

Na semana passada o Deputado Carneiro sugeriu que o Ministério da Fazenda trocasse o cruzeiro pelo tupi, alegando que a moeda brasileira está de tal forma desmoralizada, que é preciso retornar às origens, para fortalecer-se.

Defesa e segurança

O presidente da Comissão de Segurança Nacional da Câmara, Deputado Erasmo Dias, do PDS de São Paulo, está sugerindo a criação, no Governo, do Conselho de Defesa Social. Tal Conselho seria o órgão encarregado de traçar a política de combate à criminalidade e violência urbana. Ele já levou sua idéia aos Ministros da Justiça e do Exército e ao Presidente da República e faz sua defesa afirmando:

— Há que separar a defesa social da Segurança Nacional.

Como ex-Secretário de Segurança de São Paulo, o Deputado Erasmo Dias tem larga experiência nos dois campos.

Apoio à inteligência

Está de regresso aos Estados Unidos o Sr William Ellis, representante no Brasil do Banco Interamericano de Desenvolvimento, que deverá ocupar em Washington o importante posto de gerente de operações de crédito para o Brasil e o Caribe.

Discreto em sua atuação, Ellis desempenhou papel decisivo no processo de aprovação de financiamentos do BID para projetos na área de ciência e tecnologia no Brasil. Várias atividades da *intelligentzia* acadêmica só se tornaram viáveis depois que ele deu um toque na pessoa certa nos altos escalões do BID.

Para provar que a universidade brasileira não o esqueceu, William Ellis será homenageado com almoço amanhã, pelo professor Candido Mendes, para o qual já confirmaram presença os Reitores da PUC, da Gama Filho e da Santa Úrsula, o Sr Francisco Dornelles e o Embaixador Campos, entre outros.

Insaciável

Após palestra comemorativa dos 80 anos da Fundação Oswaldo Cruz, o Ministro Jair Soares foi indagado sobre o funcionamento dos postos de atendimento do INAMPS nos subúrbios cariocas e do Hospital dos Servidores do Estado.

Resposta do Ministro:

— Eu não dou bom-dia ao médico responsável pela área. Vou logo perguntando, como está Ramos? Como está a Penha? Como está Bonsucesso? E vou apertar mais, sou insaciável. Se ficar 5 anos na Previdência Social serão 5 anos de *arrocho*.

Lance-livre

- O PDT está refazendo toda a sua documentação para pedir o registro provisório ao TSE. Até o programa e o manifesto sofreram reajustamentos. O Partido espera ter tudo pronto dentro de 15 dias.

- O Governador Chagas Freitas estará dia 13 em Pádua. Naquele dia a cidade estará comemorando o seu 98º aniversário.

- A FEEMA promove este mês o 1º Encontro Estadual das associações de meio-ambiente. Na reunião serão recebidas sugestões e feito o pedido para que todas colaborem com o órgão da Secretaria de Obras. No Estado do Rio existem cerca de 30 entidades voltadas para os problemas ligados à ecologia.

- O Governador Francelino Pereira garante que a safra agrícola deste ano, em Minas Gerais, será a maior dos últimos 10 anos. Segundo o Governador a população do Triângulo Mineiro está rindo à toa.

- No prédio do anexo II da Câmara dos Deputados funcionam apenas dois elevadores. Um exclusivo para 10 deputados que têm gabinetes espalhados pelos 27 andares do edifício e um outro para atender cerca de 3 mil funcionários.

- O diretor da Coppe/UFRJ, professor Paulo Alcântara Gomes, embarca hoje para a Venezuela. Vai chefiando a delegação brasileira que participará do 1º Colóquio Brasil-Venezuela de Engenharia Civil.

- A adutora da Baixada Fluminense, que levará água para Nova Iguaçu, Caxias, São João do Meriti e Nilópolis rompeu esta semana a barreira dos 10 quilômetros de construção. A adutora terá 55 quilômetros de extensão.

- O Senador Jarbas Passarinho instalou uma secretária eletrônica em seu telefone de casa. Justifica afirmando que durante toda a semana fica envolvido com problemas de liderança do PDS e aos sábados e domingos deseja ficar livre para descançar e poder jogar o seu vôlei.

- Os grupos Mamulengo Só-Riso, do Recife, e Giramundo, de Belo Horizonte, representarão o Brasil no encontro de marionetistas de 120 países que será realizado este mês nos Estados Unidos.

- No dia 26 o Presidente João Figueiredo estará na Paraíba e deverá anunciar a solução para o caso da fábrica de fogões da Wallig Norte, de Campina Grande, que continua fechada.

- O Sr Israel Klabin foi eleito.

Governador insiste em nova Capital

São Paulo — O Vice-Governador José Maria Marin garantiu, ontem, em Santos, que a Assembléia Legislativa será convocada extraordinariamente, em julho, para discutir especificamente o projeto de mudança da Capital de São Paulo.

Segundo ele, "a retirada do projeto, por parte do Governador, foi um dos lances da estratégia para se conseguir a aprovação da matéria. Não teria sentido, depois de 85 dias em que o presidente Robson Marinho, utilizando até recursos anti-regimentais, impediu a discussão do projeto, que ele fosse a plenário por apenas cinco dias".

Referindo-se às vaias que o Governador tem sido vítima, o Sr José Maria Marin afirmou: "É o trabalho de um grupelho representado por baderneiros de esquerda que não se conformam com os êxitos que o Governo de Paulo Maluf começa a apresentar. O que eles querem é que o Governador fique confinado ao seu gabinete, mas isso ele não fará. Ele continuará indo ao encontro do povo."

No entender do Vice-Governador, o Sr Paulo Maluf foi quem deu início à abertura democrática do país, ao vencer a convenção da Arena em junho do ano passado. "Ele concorreu e venceu a convenção, obteve maioria na Câmara Municipal, na Assembléia Legislativa e na bancada estadual no Congresso Nacional, oferecendo ao Presidente da República as condições políticas necessárias à abertura."

Além disso, ele não tem dúvidas de que o PDS se consolidará em São Paulo até o final do ano. "O Governador Paulo Maluf fará o seu sucessor, pela via direta ou pela via indireta", concluiu, explicando que "jogamos pelas regras vigentes do jogo e, por enquanto, elas dizem que as eleições para governador em 82 serão indiretas".

Câmara vota convocação de Abi-Ackel

Brasília — A Câmara votará, esta semana, os requerimentos de convocação do Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, para falar sobre a posição do Governo a respeito das eleições municipais de 15 de novembro e sobre a atuação de agentes da Polícia Federal durante os acontecimentos do ABC paulista, na greve dos metalúrgicos.

A pedido do líder governista, Nelson Marchezan, a votação desses requerimentos foi adiada por cinco sessões, para se encontrar uma fórmula de convocar o Ministro da Justiça para falar sobre assuntos "mais genéricos". A pequena margem de maioria do PDS na Câmara, não permitiria ao Partido governista rejeitar aquelas propostas.

O requerimento do Deputado Oswaldo Macedo indaga, entre outras coisas, se o Governo está realmente interessado em realizar as eleições municipais ou se pretende avaliar a emenda do Deputado Anísio de Souza, que adia o pleito para 1982. O parlamentar quer saber, ainda, do Ministro da Justiça se o Governo pretende nomear "interventores" para os municípios brasileiros.

O Deputado Antônio Russo, por sua vez, quer explicações do Ministro da Justiça a respeito das "transgressões de direitos" ocorridas durante a greve dos metalúrgicos de São Paulo. Lembrou que vários parlamentares foram desrespeitados pela polícia nos incidentes de rua.

Délio nega empecilhos à abertura

Salvador — O Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Délio Jardim de Mattos, declarou, ontem, que a inflação e os problemas econômicos que o país enfrenta não são empecilhos para o processo de abertura política. Segundo ele, "a abertura está se fazendo com muita tranqüilidade e não há nada que a impeça".

Ao ser indagado sobre as conseqüências políticas da inflação que, segundo o Ministro do Planejamento, Sr Delfim Neto, poderá atingir a 85% este ano, frisou o Brigadeiro Délio Jardim de Mattos que "o Presidente tem reafirmado várias vezes que a inflação não prejudica a abertura. Nós já estamos sabendo conviver com a inflação", acrescentou ele.

Herdeiros doam acervo de Paschoal

O arquivo, a biblioteca, diplomas, condecorações e todos os bens que não tiverem simplesmente valor material deixados pelo Embaixador Paschoal Carlos Magno vão ser doados à Fundação João Pinheiro Filho, que mantém a Aldeia de Arcozelo. A decisão foi tomada pelos herdeiros legais do Sr Paschoal, D Orlanda Magno, sua irmã, e o Sr Armando Nicolau Pinto Martins, seu sobrinho.

A informação é do advogado Rui Medeiros, responsável pela abertura do inventário dos bens do Sr Paschoal Carlos Magno, falecido há nove dias. Segundo o advogado, a maioria das obras de artes estão no apartamento 301 da Rua Hermenegildo Barros, 55, onde o escritor, teatrólogo e diplomata morou nos últimos anos.

A decisão dos herdeiros de doar à Fundação João Pinheiro Filho os bens do Embaixador foi elogiado por Rui Medeiros:"Dona Orlanda e o Sr Armando Martins tiveram uma atitude nobre, coerente com o espírito de Paschoal, que era um homem bom e generoso, que chegou a vender sua mansão em Santa Teresa para empregar na Fundação, que acabou se constituindo na razão de ser de sua vida".

Informou ainda que os amigos do Sr Paschoal estão dispostos a iniciar um movimento para que a mansão de Santa Teresa, na Rua Hermenegildo de Barros, 162, vendida por ele para investir em Arcozelo, onde existe hoje uma escola de balé, teatro e museu, venha a ser adquirida e tombada pelo Patrimônio Histórico.

"A iniciativa do Prefeito Israel Klabin de dar uma a rua de Santa Teresa (Rua Mauá) o nome de Paschoal Carlos Magno merece aplausos, mas isso não é tudo tratando-se de quem a tanto devem a cultura e o teatro do país" — concluiu o advogado.

Farhat abre encontro de corretores

Com uma palestra do Ministro da Comunicação Social, Said Farhat, começa quarta-feira no Hotel Nacional o 10º Congresso dos Corretores de Imóveis do Brasil, que durante três dias reunirá 2 mil 500 profissionais, de todos os Estados.

Os Ministros Delfim Neto e Said Farhat enviaram telegramas ao Sr Aldo Caneca, presidente do Sindicato dos Corretores de Imóveis do Rio de Janeiro, entidade promotora do congresso, cumprimentando-o pela realização do Encontro, que promoverá um debate amplo sobre a profissão e analisará as atuais características do mercado imobiliário.

Foto de Luiz Morier

Cercado de amigos, Klabin e D Lea foram homenageados com palmas pedida pelo crooner

Documento de Guilherme Figueiredo tem 14 páginas e explica ação da Funarj

Num documento de 14 páginas, o ex-presidente da Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro, Guilherme Figueiredo, faz um balanço dos seus 14 meses à frente da instituição. Logo de início, faz uma alusão ao Governo do Estado do Rio de Janeiro.

"Ao deixar a Presidência da Funarj, quero deixar consignados os meus agradecimentos aos administradores do Estado, sobretudo da Secretaria de Planejamento, que tanto justificaram a minha gestão".

TEATRO SEM BAILES

Além de citar a Secretaria de Planejamento, dirigida por seu amigo Francisco Mello Franco, que também se demitiu, Guilherme Figueiredo estende os seus agradecimentos ao corpo de baile, coro e orquestra do Teatro Municipal, à imprensa e todos os funcionários da antiga Funterj, acrescentando:

"Gostaria de citar os nomes de todos esses colaboradores; em vez disto, peço a Deus e ao meu sucessor a luz e o bom senso de mantê-los em suas atividades honestas e ricas de talento e dedicação".

O documento cita a proteção e o término da recuperação do Teatro Municipal, lembrando que passou a ser ocupado apenas para funções da ópera, balé, música sinfônica, recitais e teatro de alta categoria. "Nada de bailes de carnaval, festinhas de formatura, beneficentes, radiofônicas, nada de invasão de televisão para incomodar ensaios e espectadores".

O Corpo de Baile do Municipal apresentou, segundo Guilherme, as seguintes criações: **Les Yeux de Degas**, música de Debussy, coreografia de Jean-Marie Dubrul; **Sarau de Sinhá**, música de Aloísio Alencar Pinto, coreografia de Denis Gray, cenário e guarda-roupa de Júlio Senna; **Le Boeuf sur Le Toit**, música de Darius Milhaud, coreografia de Gilberto Motta, cenário e guarda-roupa de Fernando Pamplona; **Quincas Berro D'Água**, sobre novela de Jorge Amado, música de Francisco Mignone, coreografia de Gilberto Motta, cenário e guarda-roupa de Caribé; **O Caçador de Esmeraldas**, sobre poema de Olavo Bilac, música de Francisco Mignone; **I Juca Pirama**, sobre poema de Gonçalves Dias, música de A. de Almeida Prado: **Cobra-Norato**, sobre o poema de Raul Bopp, música de Waldemar Henrique; **Juca-Mulato**, sobre o poema de Menotti del Picchia, música de Carmargo Guarnieri; **Futebol**, música de Marlos Nobre; **Suite Americana**, música de Aloisio Pinto.

ORQUESTRA SAI DO FOSSO

Para Guilherme Figueiredo, prestigiou-se ainda a orquestra do Teatro Municipal, "tirando-a do poço da orquestra e fazendo-a apresentar funções condignas". Além disso, foi estimulado o aparecimento de valores de ópera, com o prosseguimento da temporada internacional, na qual foram apresentadas **O Guarani**, de Carlos Gomes, **Don Giovanni**, de Mozart, **La Bohème**, de Puccini, e **La Traviata**, de Verdi, na montagem de Franco Zeffirelli. Segundo o ex-presidente da Funarj, esta temporada já estava estabelecida quando tomou posse.

Ele lembra ainda que foi lançada a pedra fundamental do prédio da administração, que deve ser construído no terreno atrás do Teatro Municipal. O projeto prevê a interligação dos dois prédios através de uma ponte, "de modo a abastecê-lo (o Municipal) rapidamente de cenários guardados em sala especial."

Além do prédio da administração, dois projetos estão prontos, esperando apenas a viabilização financeira: o Centro de Artes, que também tem projeto de Oscar Niemeyer, a ser construído ao lado da marina do Aterro da Glória, com três recintos de 500, 1 mil 200 e 2 500 lugares para música de câmara, sinfônica e espetáculos teatrais. A pedra fundamental já foi lançada. Outro projeto citado por Guilherme Figueiredo: a construção do Teatro José Maurício, na Barra da Tijuca, com capacidade coberta de 4 mil pessoas e 10 mil pessoas ao ar livre, como o Wolf Trap de Washington.

"Os teatros Villa-lobos, João Caetano, Gláucio Gil e a Sala Cecília Meireles estão em pleno funcionamento" — observa Guilherme — acrescentando que, atualmente, apresentam obras brasileiras "até então estupidamente condenadas: **Rasga Coração**, de Oduvaldo Vianna Filho, **Macunaíma**, criação de Antunes Filho, **A Resistência**, de Maria Adelaide Amaral."

Informa ainda que a Funarj recebeu, esta semana, transferidas para administração estadual, as Escolas de Artes Visuais, a Escola de Música Villa-Lobos e a Escola Martins Penna. Ele nota: "É necessário ativar todas essas escolas, motivá-las, ligando suas atividades às dos centros de produção, a fim de não estarmos formando profissionais sem mercado de trabalho."

INSTRUÇÃO PRESIDENCIAL

Guilherme Figueiredo espera que o seu sucessor obrigue a Campanhia do Metrô a construir, conforme determina a legislação, um novo Teatro Gláucio Gil, condenado a desaparecer por causa do traçado da linha para Copacabana. Sugere ainda que o novo teatro seja subterrâneo. Quanto ao programa de museus, que "inclui conquistas que certamente encherão de orgulho o carioca", cita o Museu da Missão Artística Francesa, a ser instalado no prédio construído por Grandjean de Montigny, em 1820. E observa:

"O prédio está sempre sob a ameaça de ser assaltado por interesses comerciais (que ali pretendem fazer exposições de produtos e estacionamentos para privilegiados). Propus ao Presidente da República que ali se fizesse o museu das obras de Debret, Grandjean de Montigny, os Taunay, os Ferrez e todos os criadores do aprendizado artístico brasileiro".

"Por instrução do Presidente da República", a Funarj deverá tomar posse da "mais bela peça arquitetônica do Rio Colonial": o antigo Paço da Cidade, ocupado pela Companhia de Correios e Telégrafos. Ali, segundo Guilherme, vai ser construído o Museu da Cidade, com a história do Rio desde os tempos dos vice-reis até a instalação da Família Imperial na Quinta da Boa Vista.

O documento detalha ainda as atividades do Departamento Financeiro, Departamento Artístico, Assessoria de Comunicação e Jurídica.

Arquivo 13/3/80

Figueiredo presta contas de sua gestão

Klabin se despede dançando samba e bolero em gafieira da Tiradentes

Na Estudantina seguia o baile calmamente quando, de repente, chegou o Prefeito Israel Klabin. Descontraído, dançou samba, bolero, bebeu cerveja, ensaiou passos diferentes e cumprimentou o maestro, ante os olhares atônitos ou embevecidos. "Já freqüentei muita gafieira, vocês é que não sabem", disse Klabim, antes de sair e depois de deixar Cr$ 10 mil para pagar os três copos que consumiu.

O espanhol Isidro Fernandes, dono da casa, mal conseguia articular uma palavra. Os três homens da segurança se entreolharam espantados. Ninguém esperava o Prefeito na gafieira da Praça Tiradentes, uma das atrações do Corredor Cultural, criado pela sua administração: "É o Doutor Klabin, que escolheu a Estudantina para se despedir da Prefeitura", anunciou o locutor pedindo "uma salva de palmas".

CONVITE ACEITO

O Prefeito estava sendo homenageado, na noite de sexta-feira, na sofisticada Cantina Mezzo Giorno, na Praça 15, por um grupo de jornalistas que fazem a cobertura do Palácio da Cidade, presentes também alguns dos seus secretários e assessores. Quase meia-noite, um jornalista convidou Klabin e a mulher, D Léa, para irem à Estudantina. Para surpresa de todos, o Prefeito aceitou logo.

E mais surpreso ficou o grupo que o acompanhou à Estudantina, quando Klabin confessou que gostava muito de freqüentar gafieiras, na sua mocidade. O Prefeito sempre se declarara avesso a qualquer tipo de vida social e nunca era visto nas chamadas reuniões elegantes.

Quando assumiu o cargo, o rico industrial Israel Klabin logo se manifestou preocupado com os pobres e as favelas da cidade. Ele queria que o Rio recuperasse a sua própria identidade. E ao deixar a Prefeitura, mesmo com a calça de gabardina inglesa e a camisa de seda pura estrangeira, preferiu despedir-se dos munícipes numa gafieira, como se também estivesse recuperando um pouco da sua própria identidade.

A orquestra tocava um samba-canção. Só oito pares dançavam. Arrumou-se, às pressas, uma mesa e cadeiras (algumas rangiam), perto da chapelaria, e em frente à caixa. Aparentemente descontraído, Klabin bebia cerveja e D Léa, de início, pareceu estranhar um pouco o ambiente:"Só tinha freqüentado uma gafieira em Friburgo, mas isso aqui sem dúvida é um **barato** incrível", diria ela depois, já mais entrosada.

Ao som da orquestra Gimbossa, sob as luzes verde e rosa da gafieira, e tendo à frente as imagens de São Jorge e São Sebastião, o Prefeito primeiro dançou um **sambão** e um chorinho com duas jornalistas. Depois foi a vez da mulher, mas o par teve de dançar o samba afastado, por causa da barriga de oito meses de D Léa, que vestia uma calça jeans e uma blusa de lingerie branca com flores vermelhas.

O locutor anunciou que o Clube Recreativo Tiradentes (nome oficial da Estudantina) se sentia honrado com a presença do Prefeito. E o casal, enquanto dançava, de repente se viu cercado por um cordão de amigos, secretários, assessores e jornalistas. Depois a orquestra tocou **Valsa de Uma Cidade** e **Cidade Maravilhosa**, em ritmo de valsa, para homenagear os dois. O locutor pediu de novo uma salva de palmas, enquanto Klabin cumprimentava o maestro.

Pouco antes de sair, o casal sentou de novo. Sobre a mesa, onde ficou o grupo que acompanhou o Prefeito, 15 garrafas de cerveja e pratos de queijo à francesa. Klabin e D Léa ficaram na gafieira durante 50 minutos, na madrugada de ontem. À 1h da manhã eles se despediram de todos. "Eu já rezei pra São Jorge pro mengo ser campeão", cantava o **crooner** da Gimbossa. "Moço, olha o vexame, o ambiente exige respeito", atacou depois. E o baile seguiu calmamente.

Mensagem ressalta a função pública

Depois da inauguração da sala de controle de informações, o Prefeito Israel Klabin, já sem o ar sorridente de antes, gravou mensagem de despedida ao povo carioca, em que ressaltou que a feição fundamental do cargo público deve ser a crença na missão. "Se essa missão é nobre, é moral, e é de servir, o importante não é se manter num cargo quando a missão está completa, mas sim procurar melhorar as condições propostas por aquele que governa".

"A minha mensagem ao povo da minha cidade", continuou, emocionado, "nesse momento em que minha missão neste posto termina e se inicia uma nova fase da minha vida pública, é de crença inabalável de que o Rio de Janeiro, a nossa comunidade, tem em suas mãos um destino glorioso, idéia esta que está fundamentalmente ligada à solidariedade entre todos os que aqui moram. Somos uma cidade com ricos e pobres, onde a defasagem entre a riqueza e a pobreza é, talvez, a maior do mundo".

Segundo o Sr Israel Klabin, é impossível "voltarmos a ser a cidade da bem-aventurança, a cidade da benevolência, a cidade dos sorrisos, se a cada rico não for dada a incumbência de solidarizar-se com seu próprio destino e procurar, dentro de nossa comunidade, torná-la de novo uma área de paz, uma área de alegria".

Semana do Meio-Ambiente começa hoje de manhã com concentração no Aterro

Começa hoje, às 9h30m, a Semana do Meio-Ambiente com concentração no Aterro do Flamengo, ao lado do Pavilhão das Crianças. Haverá concerto da Banda Sinfônica da Polícia Militar e participação das bandas de música das escolas municipais Orsina Fonseca, Abrahão Jabour, Roma, Santa Edwiges e Novo Horizonte, e da Sociedade Nitiren-Shossu do Brasil.

Estão previstos também encontros comunitários na Quinta da Boa Vista, na Praça Xavier de Brito, no Parque da Cidade, na Praça Primeiro de Maio, no Jardim do Méier, em Santa Cruz e na Penha. A promoção é da Secretaria de Estado de Obras e Serviços Públicos, por intermédio da FEEMA, que desdobrou por toda esta semana a comemoração do Dia Mundial do Meio-Ambiente, 5 de junho.

EXPOSIÇÃO E SEMINÁRIO

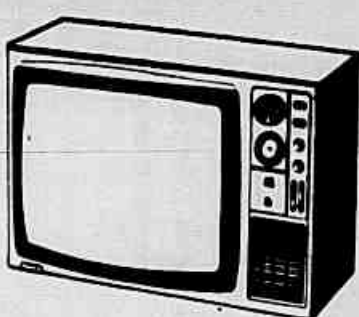
A partir de amanhã e até o fim da Semana, haverá exposições de selos, desenhos infantis e cartazes, com motivos ecológicos, no **hall** do Edifício-Garagem Menezes Cortes; na Estação Uruguaiana, do metrô, e na Estação Dom Pedro II, da Central do Brasil. Na sede do Conselho Estadual de Cultura será realizado, de segunda a quarta-feira, o Seminário O Meio-Ambiente Fluminense nos Anos 80.

Na quarta-feira, no Paço da Prefeitura do Rio de Janeiro, às 9h30m, haverá solenidade de posse dos Vigilantes do Meio-Ambiente, alunos de escolas públicas municipais escolhidos para incentivar a plantação e conservação de flora em sua comunidade. No mesmo dia será lançado o carimbo comemorativo do Dia Mundial do Meio-Ambiente, pela Assessoria Filatélica da ECT. Os Vigilantes do Meio-Ambiente voltarão à presença das autoridades estaduais e municipais para cobrar a realização dos compromissos assumidos, ano passado, em defesa do meio-ambiente.

SUPER OFERTAS PARA OS NAMORADOS

PHILIPS À CORES. C-320 - 66cm — 26"

À VISTA............35.430,
OU ENTRADA.........10.630,
10 x 3.472, TOTAL = 45.350,

NATIONAL À CORES. 205 - 480mm. 20"

À VISTA............28.630,
OU ENTRADA..........8.590,
10 x 2.805, TOTAL......36.640,

SHARP À CORES. 1602. U.H.F. - 42 cm -16"

À VISTA............27.740,
OU ENTRADA..........8.340,
10 x 2.716, TOTAL 35.500,

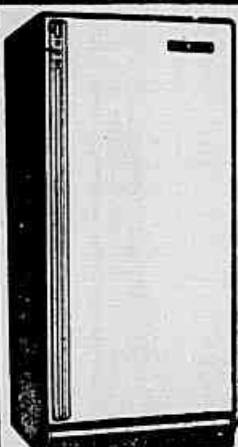
TELEFUNKEN À CORES. 665-X. 66 cm-26"

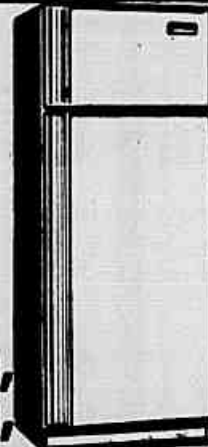
À VISTA............29.290,
OU ENTRADA..........8.790,
10 x 2.870, TOTAL = 37.490,

GELADEIRA CONSUL MOD. 910.

Junior Hotel.
95 litros.

À VISTA............8.445,
OU ENTRADA..........2.539,
10 x 827, TOTAL = 10.809,

GELADEIRA CONSUL LUXO. Mod. 2827.
285 litros.
Várias cores.

À VISTA..10.750,
OU ENTRADA 3.255,
15 x 772, TOTAL = 14.835,

GELADEIRA BRASTEMP — DUPLEX.
2 Portas. 340 litros.
Várias cores.

À VISTA..21.060,
OU ENTRADA.6.330,
10 x 2.062, TOTAL = 26.950,

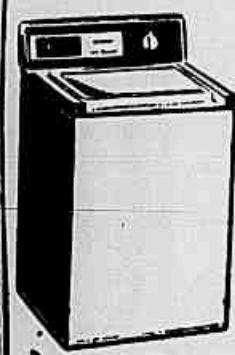
GELADEIRA ELECTROLUX
Frigobar
Para escritório

À VISTA...6.985,
OU ENTRADA 2.100,
10 x 684, TOTAL = 8.940,

SEMER RADIANTE
4 bocas.
Várias cores.

À VISTA..5.750,
OU ENTRADA.1.750,
10 x 560, TOTAL = 7.350,

À VISTA OFERTAS DA SEMANA

CONJ. GRUNDIG 3001 3x1 Toca-Discos, Tape-Deck e Radio...	17.950,
ELETROFONE GRUNDIG Estéreo - Mod. 135 - 2 c/acusticas...	3.290,
FERRO WALITA Automático. Ultra leve...	660,
SECADOR MODELADOR Arno. Com escova modeladora...	1.185,
ESPREMEDOR ARNO NOVO Leve e prático...	935,
ASPIRADOR - PO ARNO Junior. Leve e prático.	2.140,
ELETROFONE PHILIPS GF 133. Pilha e corrente...	2.290,
DEPILADOR PHILIPS Mod. 2111. Ladyshave...	2.440,
BARBEADOR PHILIPS Com 3 cortadores...	3.390,
RÁDIO PHILIPS - 051 Portatil de bolso...	635,
PANELA MARMICOC Com valvula de segurança...	495,
ASPIRADOR ELECTROLUX Z-107. Alta sucção...	4.120,

LAVADORA BRASTEMP MINIMÁTICA

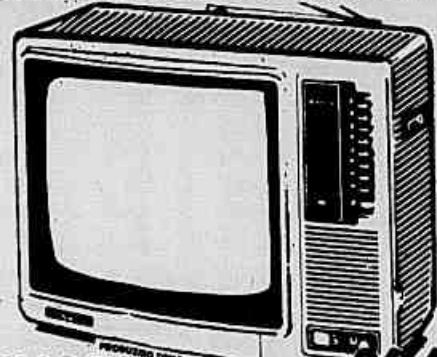
À VISTA............12.940,
OU ENTRADA..........3.890,
10 x 1.267, TOTAL = 16.560,

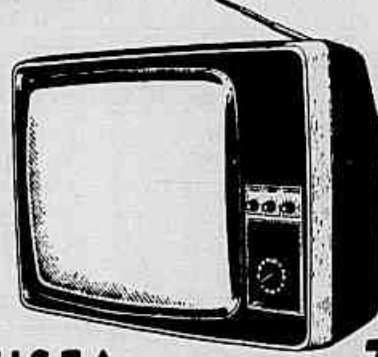
MÁQUINA REMINGTON. Mod. 25. Portátil.

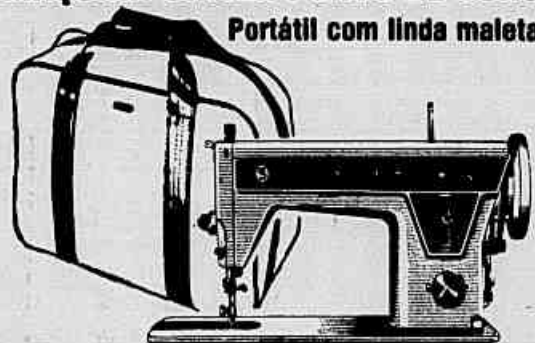
À VISTA............6.050,
OU ENTRADA..........1.824,
10 x 592, TOTAL = 7.744,

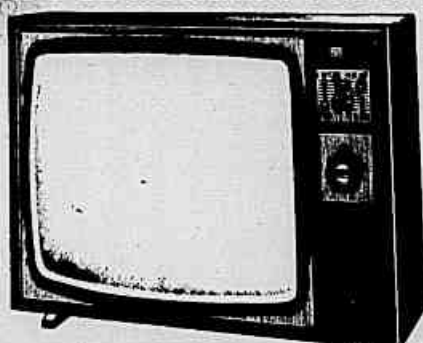
CONTINENTAL — 2001
Arabesque
Tampa de Cristal

À VISTA..8.725,
OU ENTRADA.2.625,
10 x 854, TOTAL = 11.165,

SANYO À CORES. Mod. 3712. 34 cm-14"

À VISTA............26.650,
OU ENTRADA..........8.002,
10 x 2.611, TOTAL = 34.112,

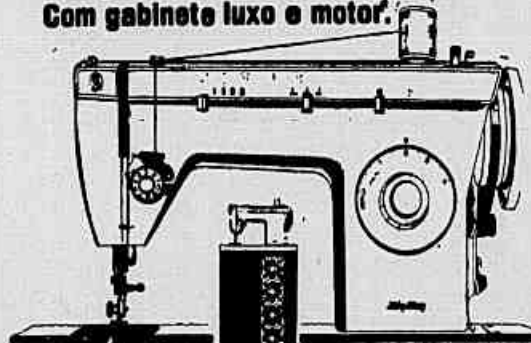
PHILIPS - MOD. T.720 44 cm - 17"

À VISTA............7.950,
OU ENTRADA..........2.385,
12 x 673, TOTAL = 10.461,

MÁQUINA SINGER PONTO DE OURO.
Portátil com linda maleta.

À VISTA............5.850,
OU ENTRADA..........1.750,
10 x 574, TOTAL = 7.490,

PHILIPS DE MESA. Mod. T-672. 61 cm-24"

À VISTA............9.230,
OU ENTRADA..........2.774,
15 x 665, TOTAL = 12.749,

MÁQUINA OLIVETTI. DORA 31

À VISTA............6.490,
OU ENTRADA..........1.960,
12 x 548, TOTAL..... = 8.536,

MÁQUINA SINGER ZIG-ZAG.
Com gabinete luxo e motor.

À VISTA............11.605,
OU ENTRADA..........3.489,
15 x 836, TOTAL = 16.029,

Tele-Rio

CENTRO - RUA URUGUAIANA 13
CENTRO - RUA URUGUAIANA 44/48
CENTRO - RUA URUGUAIANA 114/116
CENTRO - RUA DO ROSARIO 174
CENTRO - RUA DA ALFANDEGA 261
CENTRO - RUA BUENOS AIRES 294
CENTRO - RUA 7 DE SETEMBRO 183 e 187
CINELANDIA - RUA SEN. DANTAS 28/36
COPACABANA - RUA SANTA CLARA 26 A e B
COPACABANA - AV N.S. COPACABANA 807
TIJUCA - RUA CONDE DE BONFIM
MEIER - RUA DIAS DA CRUZ 213
MADUREIRA - RUA CARVALHO DE SOUZA 263
CAMPO GRANDE - RUA CORONEL AGOSTINHO 24
BONSUCESSO - PRAÇA DAS NAÇÕES 394 A
NOVA IGUAÇU - AV AMARAL PEIXOTO 400 406

NITEROI - RUA VISCONDE DE URUGUAI ESQUINA COM SAO PEDRO
LOJA MATRIZ E ATACADO - ENG. ARTHUR MOURA 268 BONSUCESSO (PBX) 280-8822
CENTRO E ZONA SUL (PBX) 244-2115

LOJAS TIMES SQUARE

DEPTO. ATACADO ENG. ARTUR MOURA 268 - 3º - TEL. 280-8822 - BONSUCESSO

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro, 1º de junho de 1980

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito
Editor: Walter Fontoura
Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro
Diretor: Bernard da Costa Campos
Diretor: Lywal Salles

Hora da Verdade

Na conferência que pronunciou na Escola Superior de Guerra, o Ministro Antônio Delfim Neto afirmou que "a política monetária ainda é *frouxa*". No mesmo dia, o Ministro da Fazenda, a quem a questão está diretamente ligada, admitiu que, de fato, a política monetária não está sendo rígida. E, por isto, o Governo se empenhará em cumprir a meta anunciada para este ano: uma expansão dos meios de pagamento não superior a 50%. Ou seja, haverá, apesar de tudo, um forte aperto no crédito.

O reconhecimento, porém, de que existe uma *frouxidão* na política monetária merece ser mais bem definido. Antes de mais nada, cabe ponderar que isto vem ocorrendo a despeito do fato de que, por enquanto, o Governo já perdeu 3 bilhões de dólares de reservas cambiais. Por isto, reduziu, nesta proporção, o volume de cruzeiros existente na economia. Esta simples circunstância — a perda de reservas — serviria, em condições normais, para enxugar os meios de pagamento.

E por que isto não ocorre, como desejariam os ministros da área econômica?

Por mais que se encontrem explicações — e são inúmeras, entre elas, como sempre, há o dispêndio público, através das incontroláveis empresas estatais — há duas causas fundamentais para a *frouxidão* da política monetária. Primeiro, é o gritante subsídio que vem sendo praticado sobre os preços dos derivados do petróleo. No momento, o preço final dos subprodutos do petróleo está chegando ao consumidor final por valores irreais. Na contabilidade de seus custos, há uma larga subestimativa do custo do dólar em cruzeiros para comprar petróleo; e, mais ainda, uma subavaliação do preço do barril de petróleo importado. É o que gera o subsídio, ou seja, a permanente e crescente dívida do Conselho Nacional do Petróleo (e, portanto, da Petrobrás) junto ao Banco Central.

Não há alternativa. Ou o Governo deixa de subsidiar os derivados de petróleo, ou o Banco Central será obrigado a rodar a guitarra para continuar pagando a diferença. E expandindo os meios de pagamento. O Governo, aí, está mais uma vez diante do impasse clássico: gradualismo ou tratamento de choque? Ou dá um aumento brutal, de uma só vez, para os derivados do petróleo, impulsionando com dramaticidade as taxas de inflação para cima, ou vai aumentando aos poucos, tentando absorver, paulatinamente, o impacto do aumento sobre a curva da inflação. Mas, de uma forma ou outra, terá de restabelecer a verdade do preço doméstico do petróleo.

A outra causa poderosa da expansão dos meios de pagamento — e o pior, em 1980, ainda está por vir — é o crédito para a agricultura. O Governo estabeleceu que a agricultura é sua prioridade *número um*. Por isto, estabeleceu que os créditos para o setor rural — para custeio, investimento, ou para cumprir a política dos preços mínimos — são *abertos* no Orçamento Monetário. Vale dizer, são praticamente ilimitados.

Surge, aí, então, mais um impasse, de natureza exclusivamente política, que transcende à administração puramente técnica de instrumentos de controle monetário. Continuará a haver irrestrita prioridade à agricultura, com crédito ilimitado e com a taxa de subsídio hoje nele embutida, ou a *frouxidão* da política monetária, também por causa do crédito à agricultura, está minando os esforços antiinflacionários de forma, agora, intolerável?

Sem definir, com precisão, a política para os preços do petróleo e para o financiamento agrícola, a expansão dos meios de pagamento continuará sendo *frouxa*, ainda por algum tempo.

Quem Manda

A Petrobrás passou da resistência passiva à desobediência ativa, em relação a ordens do próprio Governo. Em dezembro passado o Ministro das Minas e Energia determinou o abrandamento dos contratos de risco a partir da quinta rodada de licitações. A Petrobrás se recusou a cumprir a ordem.

A revelação feita pelo diretor de exploração da Petrobrás, Sr Carlos Walter Marinho Campos, foi transmitida à CPI da Câmara pelo Deputado Freitas Diniz, que a ouviu dele e do diretor dos Contratos de Risco, Sr Lauro Vieira.

À margem dos depoimentos prestados pelo seu diretor de Produção na CPI, uma fonte da Petrobrás jorrou a explicação de que a determinação do telex do Ministro César Cals foi rejeitada porque o seu cumprimento "significaria efetivamente a quebra do monopólio estatal". Ora, a ordem para o abrandamento foi um esforço do Governo para contornar o entupimento dos contratos de risco, erradamente confiados à Petrobrás. Esta resistiu de forma passiva, criando dificuldades para que empresas estrangeiras se habilitem a correr o risco. Agora desobedece deliberadamente à nova determinação.

O Ministro das Minas e Energia não reagiu à altura do desafio como era de seu elementar dever. Mais uma vez era caso de demitir ou demitir-se. Nem uma coisa nem outra aconteceu. A Petrobrás passou então à ofensiva e mandou uma contraproposta — e considera que aparentemente o Governo aceitou a fórmula: em vez do abrandamento do rigor das normas, a criação de comitês conjuntos, integrados por um funcionário da Petrobrás, um representante da empresa interessada em correr o risco e um terceiro elemento, neutro, escolhido de comum acordo pelas duas partes.

Sinal perigoso dessa rebeldia foi que o Ministro Cals aceitou ser o portador da contraproposta da Petrobrás junto ao Presidente da República. Em vez de comportar-se como Ministro, resignou-se a ser o mensageiro da contraproposta de uma desobediência flagrante. A Petrobrás armou o *gatilho* e o Ministro deixou nele sua impressão digital. É demais que uma empresa estatal pretenda sobrepor-se ao Governo e ditar-lhe soluções. A Petrobrás é apenas uma empresa. Sua obrigação é cumprir ordens e não ditar a política do Governo.

Se o episódio confessado e levado ao conhecimento de um órgão da Câmara não orientar uma imediata apuração de responsabilidades, a Petrobrás armará outros *gatilhos*. Pois uma empresa pública que tem a audácia de dizer, por um porta-voz, que "é obrigada a garantir o monopólio estatal, porque os escalões do Governo, se puderem, entregam tudo", já está sustentada pela certeza da impunidade.

Não basta o Governo fingir-se de surdo. O desafio é à autoridade do Governo, que tem um ponto fraco no Ministro das Minas e Energia. Posto à margem da política energética, está sendo posto de lado pela Petrobrás, que já se sente autorizada a fazer o Governo engolir as ordens que lhe manda.

Um Grito

Acaba de ser encaminhado ao Ministro da Justiça, pelo Promotor do 3º Tribunal do Júri, um documento que reclama atenção imediata do Governo. Em linguagem relativamente sóbria, faz-se nele uma denúncia do estado de deterioração a que chegou o Ministério Público por uma série de razões, entre as quais certamente figura o desconhecimento burocrático de sua natureza, dignidade e importância. As funções do MP passaram há alguns anos a ser confundidas com as dos membros da Procuradoria dos Estados e até de órgãos como a Previdência Social, que são, nada mais nada menos, que advogados aos quais se incumbe a defesa dos interesses da Administração.

O Ministério Público, que alguns autores chegaram a chamar "corpo de magistrados", atua junto aos juízos de primeira instância e aos Tribunais como defensor vigilante da sociedade em geral e de cada um dos cidadãos. Incumbe-lhe fazer observar os imperativos legais, participando de todas as ações em que estejam em jogo os interesses protegidos pela lei, sejam do próprio Estado ou sejam do corpo social. Cabe-lhe a iniciativa dos processos nos crimes de ação pública e, sem sua assistência, na prática, a distribuição da Justiça estaria frustrada pela manipulação dos inquéritos que conduziriam à impunidade os delinqüentes e, em contrapartida, à condenação pessoas inocentes mas indiciadas por interesses e pressões operando à margem do Direito e contra ele.

Aviltamento de vencimentos e ausência quase absoluta de uma infra-estrutura adequada estão degradando o Ministério Público no Rio de Janeiro, na medida em que obriga seus integrantes — dotados de saber jurídico e prática forense — a dedicar-se a outras atividades, que nem sempre ficam limitadas à advocacia e à assistência jurídica de empresas. Ainda agora, no caso Marli, o promotor que acompanha o respectivo inquérito é constrangedoramente denunciado como envolvido com um dos acusados de homicídio — um policial-militar que trabalhava como *segurança* de um estabelcimento comercial de que seria sócio. Até agora esse promotor, cujo comportamento em certa fase do inquérito causou estranheza aos que o acompanhavam, não deu uma explicação para desfazer a impressão penosa causada pela denúncia. É possível e desejável que venha a fazê-lo. Mas não é improvável que o aviltamento de sua remuneração, como membro do MP, o haja levado ao envolvimento de que se dá notícia — felizmente ainda não comprovada mas infelizmente ainda não desmentida.

É tarefa urgente devolver o Ministério Público à sua dignidade própria. No documento dirigido ao Ministro da Justiça, fala-se em muitos milhares de inquéritos mal orientados ou propositadamente tumultuados, sem perspectiva de solução. Refere-se o seu signatário aos crimes bárbaros praticados quase diariamente, muitas vezes com a participação de agentes do próprio Estado, em cuja apuração a imprensa se substitui, como fiscal, à atuação permanente e vigilante dos procuradores. "A sociedade", está escrito no documento, "não pode assistir impassível à deterioração da instituição que a defende e protege".

Trata-se de um grito de socorro, a ser ouvido com urgência e atenção.

Chico

— É como eu tenho dito e repetido: nem tudo está perdido

Cartas

Perplexidade

Politicamente, no regime presidencialista, a figura do Presidente da República no contexto é a de maior expressão, mérito ou culpa, pelos acertos ou erros cometidos, na difícil arte de bem governar uma nação.

Então todos entendemos que na sociedade aberta (regime democrático) a essência dessa sociedade é a eleição popular (escrutínio público) do Primeiro Magistrado da Nação. Se isso não acontecer, logicamente não há democracia, seja ou não o candidato eleito, ou melhor segundo a opinião pessoal de cada cidadão/eleitor nacional.

É do Presidente da República que teórica e tecnicamente emanam o Governo, a Ordem e as grandes decisões.

Como negar, a um povo a sua livre escolha?

(Negá-la é o mesmo que negar-lhe a Liberdade.)

Foi por esse motivo que nos causou enorme perplexidade um **flash** da televisão, quando uma jornalista interpelou o Sr Presidente João Figueiredo em São Paulo (numa festa dentro de uma usina fabricante de álcool) sobre se na abertura comportava também eleição livre/popular para o Presidente da Republica e o poderoso General-Presidente brasileiro foi taxativo e tumular: "Na abertura não existe a hipótese da eleição popular para o Presidente da República".

Então cabem as perguntas: 1 — Por que a **Abertura**? 2 — A quem irá ela beneficiar? 3 — Porque motivo a fazem? — Qual a finalidade de tantos **novos Partidos**? 5 — Qual a utilidade do Título de Eleitor dentro dessa sofista e curiosa **abertura**? (Para que votar?) 6 — A nossa classe política é realmente idiota? 7 — Vivemos num país de 130 milhões de imbecis? **Paulo C. Amaral — Rio de Janeiro.**

Trabalhismo

Quero apresentar o meu mais veemente protesto contra o resultado do julgamento (ou melhor, conchavo político nojento e vergonhoso...) que presenteou a Sra Ivete Vargas com a sigla histórica do PTB. Certo está o Deputado Alceu Collares que, no JORNAL DO BRASIL de 18/05/80, denuncia as "coincidências terrivelmente coincidentes" que foram as principais armas da Sra Ivete Vargas, para usurpar do trabalhador do Brasil, já tão esbulhado, a sigla que só a ele pertence.

Quanto ao grande líder trabalhista Leonel Brizola, entendo que suas lágrimas expressam como todos sabem a dor da sigla perdida, mas expressam muito mais a indignação pela atitude de homens que se colocam a serviço do arbítrio, para continuar a interminável pressão sobre os trabalhadores do nosso país. Concluindo, reitero a todos os trabalhistas do Brasil a minha confiança no novo trabalhismo que ressurge, porém agora mais amadurecido, e tenho a certeza é esse o trabalhismo com que sempre sonharam Alberto Pasqualini, o ex-Presidente João Goulart, o inesquecível Presidente Getúlio Vargas, e que agora têm em Leonel Brizola o líder que nos guiará e orientará em busca de uma convivência onde o trabalhador deixará de contribuir somente com o seu sangue e suor. **José Antônio Nunes Mazzeo — Valença (RJ).**

Fora da lei

Invocar a lei tem sido ultimamente a tônica dos atos das nossas autoridades: a greve do ABC é ilegal? Então vamos acabar com ela, "de acordo com a lei". O Deputado ofendeu as instituições? Então vamos processá-lo "de acordo com a lei", caso isto não seja possível, e ainda "de acordo com a lei", vamos usar a responsabilidade sucessiva e processar os jornais que publicaram o que ele disse. É o estado de direito em pleno funcionamento. Tudo "de acordo com a lei".

Mas o empréstimo compulsório não está "de acordo com a lei". Esta diz que "a União pode instituir empréstimos compulsórios, nos casos definidos em lei complementar, aos quais se aplicarão as disposições constitucionais relativas aos tributos e às normas gerais do Direito Tributário". Está nas disposições constitucionais relativas aos tributos e às normas gerais do Direito Tributário que "nenhum tributo será exigido ou aumentado sem que a lei o estabeleça, nem cobrado, em cada exercício, sem que a lei que o houver instituído ou aumentado esteja em vigor antes do início do exercício financeiro"... Que pena. **Gerardo Carvalho Giffoni — Volta Redonda (RJ).**

Igreja e greve

Não se vislumbra nos arraiais da Igreja do ABC nenhum esforço de mobilização em favor dos nossos irmãos flagelados do Nordeste. Entretanto, o que se viu em São Paulo foi a participação ampla e intensa da alta hierarquia do clero, na greve dos metalúrgicos, dando cobertura e sustentação a um movimento manifestamente ilegal, do que resultaram nefastas conseqüências para as empresas, para a economia nacional e para os próprios trabalhadores (perda de salários e demissão de muitos).

É sintomático que o "clero progressista" empreste o seu apoio ostensivo e incondicional aos operários mais bem pagos do Brasil enquanto se omite, negando assistência e socorro aos brasileiros que sofrem a tragédia da seca ou enfrentam dificuldades semelhantes em outras partes do país ou que padecem frio e fome na periferia das grandes cidades. **Edilson Lucena — Brasília (DF).**

Pena de Galé

Acabo de levar ao cemitério um amigo covardemente assassinado por uma fera humana que, depois de o roubar, uma pequena quantia de seus clientes na Praça, teve a cabeça esmigalhada e logo após o jogaram em uma pirambeira, ficando o cadáver quase 10 dias exposto à sanha de bichos e urubus. Refiro-me ao motorista de praça que foi seqüestrado, cujos autores confessaram que com ele já "eram" oito motoristas que matavam e, o detalhe mais horrendo, é que, dentre os criminosos, estão dois menores!!!

Por convicção sou contra a pena de morte. Que sofre uma fera humana se tem dois minutos ou segundos para morrer no caso da cadeira elétrica ou da forca? Não; a sociedade tem que ser desagravada e não é com uma pena rápida que o castigo fica resolvido. O criminoso sabendo que nada mais tem a perder depois de seu primeiro crime de morte, o fica repetindo com maior sadismo e impunidade.

Mas eu apresento uma sugestão que não vai contra nenhum princípio nem de ordem moral e tampouco de ordem espiritual e, com o castigo abaixo, todo criminoso pensará duas vezes, pois sabe que o que lhe espera é um horror maior do que a própria morte. Que o governo estabeleça a Pena de Galé, e que ela seja copiada da antiga galé espanhola do enclave do IFNI, que durante o dia dá 70 graus acima e acima e à noite um grau abaixo. Todo o antigo criminoso espanhol condenado a tirar **su tiempo** no IFNI sabia de antemão que o mais inaudito sofrimento ia padecer, quebrando pedra para o continente, tudo debaixo de um tremendo calor, aí sim ele, o criminoso tinha tempo de pensar na maldade que praticara. O detalhe mais importante, porém, é que o condenado tinha soldado no tornozelo um metro de ferro e na ponta uma bola de até 20 quilos! O que diferençava, em parte, a pena da galé espanhola da francesa é que, na espanhola, a corrente **era soldada**, enquanto a francesa era aparafusada; quer dizer, o espanhol tinha permanentemente a bola amarrada aos pés, nem doente a bola podia ser arrancada. Os miseráveis iam para o hospital com a bola fixada nos pés, e se morressem era enterrados com ela. (...)

Cabe aqui uma pergunta: Que recuperação se espera de uma fera alucinada?

Naturalmente que milhares serão contra minha idéia, mas tenho certeza de que milhares estarão comigo. Que se faça a Lei da Galé, que se esvaziem as prisões e que se remeta para obras necessárias ao povo, que se façam estradas, pontes, plantações, irrigações no Nordeste sedento, tudo isto com o trabalho dos criminosos empedernidos, dos traficantes e rufiões, todos sob a supervisão de uma bola de ferro soldada aos pés, somente retirada quando cumprir a pena criminoso. (...)

A nossa situação tem que ter um fim. Não sou a favor de nenhum extermínio, não sou a favor de nenhum mão branca, pois sou católico e respeito a vida humana como respeito a lei do meu país e, quero que, dentro da lei, devidamente votada pelo nosso Congresso, seja instituída a legal Pena da Galé e que ela seja aquela a quem o mundo idiotamente desdenhou, isto é, que todos os ofensores do Direito maior, que é a vida, tenham seus pés amarrados à bola de ferro e trabalhem oito horas por dia, todos os dias, até, se puderem, cumprir a pena e, como diziam os espanhóis, **sacar su tiempo. Bento A. Blanco — Rio de Janeiro.**

Frustração no Aterro

A iniciativa de fechar o Parque do Flamengo para veículos (principalmente os bólidos chamados de **ônibus** que ali voam a 100 km/h) foi muito boa. Tão boa que animado com isto comprei bicicletas para meu exercício e de meus filhos. Passear de bicicleta no Aterro do Flamengo, no entanto, exige do contribuinte dose de paciência, resignação e boa vontade.

Vejamos alguns pontos que frustram a iniciativa: — Não existem banheiros em toda a extensão do aterro. (Ideal seria que houvessem e pagos); — Automóveis e motos invadem as pistas nos dias proibidos (domingos), principalmente por trás do MAM, em flagrante abuso e desrespeito; — Já fui quase-vítima de um carro, queixei-me a uma patrulinha da PM que por acaso apareceu e de nada adiantou; — Carrocinhas tipo John's, Geneal ou coisa que o valha cobram preços extorsivos por um refrigerante e sujam as áreas adjacentes além de empilharem engradados em volta.

Nessa situação quem se pode animar a deixar o carro em casa e aventurar-se aos domingos pelo Aterro? Mas como a iniciativa é bem-intencionada, fica o nosso apelo a quem de direito: — Vamos humanizar os domingos no Parque?... Tanta gente que poderia aproveitar para despoluir o corpo e a alma!... **Fernando Silveira — Rio de Janeiro.**

Contra o arbítrio

Como homem de oposição, quero agradecer ao Sr Ministro da Justiça pelo maquiavélico trabalho a nós dispensado. Com eleições ou sem eleições, as oposições continuarão obstinadas na defesa da lei e, conseqüentemente, contra o arbítrio dos poderosos. Quanto ao conselho vampiresco para que as lideranças políticas prorroguem os mandatos de prefeitos e vereadores, seria desnecessária essa tarefa; sabemos ser afeta ao Conselho de Desenvolvimento Político, onde tem assento o Sr Abi-Ackel. **Benedito da Silva Gomes — São Fidélis (RJ)**

Livre iniciativa

A campanha do movimento nacional pela livre iniciativa foi lançada com fotografia e texto excelentes. Mas a mensagem só contém generalidades. Se não houver um plano de trabalho com resultados bem claros a serem atingidos em prazos fixados, todo esse esforço vai ficar na esperança de gente como os que escreveram e outros como eu, que leram. **A. M. de Lima — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Tópicos

Bons Ventos

A viagem de João Paulo II ao Brasil já está produzindo efeitos: o núncio apostólico D Carmine Rocco sente-se em condições de anunciar que não há mais arestas entre a CNBB e outros organismos da Igreja com relação a esta benfazeja visita. De seu lado, em Salvador, o Centro de Estudos e Ação Social, ligado aos jesuítas, até ontem preocupadíssimo com a "exploração política" que se poderia efetuar em torno da figura do ex-Cardeal Wojtyla, vem a público para declarar, em nota, que "de forma nenhuma pretende ser dono da verdade, ainda menos julgar o Papa, reconhecendo que deve ser orientado por ele e pelos pastores diocesanos". Como se encarrega de acrescentar Monsenhor Paul Marcinkus, que está no Brasil para ultimar os preparativos da vinda do Pontífice, um dos principais motivos da viagem de João Paulo II é promover a unidade da Igreja no Brasil. O Papa, diz Monsenhor Marcinkus, está "muito bem-informado" sobre a situação do clero brasileiro, até mesmo sobre suas "eventuais divergências".

Enquanto isto, o Vaticano não abdica da sua ação orientadora, particularmente necessária em momentos de confusão. Em documento divulgado pela Congregação para o Culto Divino, Roma adverte para abusos introduzidos na liturgia da Igreja e condena, particularmente, "a manipulação de textos litúrgicos com fins políticos e sociais".

Novo hábito

Na CPI sobre alimentos, o Ministro Waldir Arcoverde defendeu a "maior interferência do Poder Público na vigilância sanitária de insumos, produtos e serviços de interesse da saúde". Isto é, controle de drogas, medicamentos e alimentos. Seria perfeito se não fosse ele o Ministro da Saúde. Há algum tempo se firmou no Brasil o hábito de governantes falarem de problemas de sua área de competência, mas como se não fossem responsáveis pelas soluções.

Governo existe para enfrentar os problemas. É évidente que, antes de agir, é obrigação equacioná-lo. No caso, trata-se de rotina, e a fiscalização é uma atividade permanente. Pouco adianta chover no molhado, isto é, reconhecer o que todos sabem e dizem. A falta de fiscalização só se resolve com ação fiscalizadora e não com o reconhecimento de que é preciso haver interferência do Poder Público. Isto é obvio. Seria melhor que fosse falar do que o Ministério faz e do que deixa de fazer na fiscalização sanitária.

JORNAL DO BRASIL LTDA., Av. Brasil, 500 CEP-20940. Tel. Rede Interna: 264-4422 — End. Telegráficos: JORBRASIL. Telex números 21 23690 e 21 23262.

SUCURSAIS

São Paulo — Av. Paulista nº 1 294 — 15º andar — Unidade 15-B — Edifício Eluma. Tel.: 284-8133 PABX.
Brasília — Setor Comercial Sul — S.C.S. — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2º and. Tel.: 225-0150.

Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º and. — Tel.: 222-3955.

Niterói — Av. Amaral Peixoto, 207 - Loja 103. Tele.: 722-2030.

Curitiba — Rua Presidente Faria, 51 — Conjuntos 1103/1105 — Edifício Farid Surugi Tel.: 224-8783.

Porto Alegre — Rua Tenente Coronel Correia Lima, 1960 — Morro Santa Tereza — Porto Alegre. Tel. (PABX) 33-3711.

Salvador — Rua Conde Pereira Carneiro, s/nº (Bairro de Pernambués). Tel.: 244-3133.

Recife — Rua Gonçalves Maia, 193 — Boa Vista. Tel.: 222-1144.

CORRESPONDENTES

Macapa, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco, Manaus, Belem, São Luis, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceio, Aracaju, Cuiaba, Campo Grande, Vitoria, Florianopolis, Goiania, Washington, Novo Iorque, Paris, Londres, Roma, Moscou, Los Angeles, Toquio, Buenos Aires, Bonn, Jerusalem e Lisboa.

SERVIÇOS TELEGRAFICOS

UPI, AP, AP/Dow Jones, AFP, ANSA, DPA, Reuters e EFE.

SERVIÇOS ESPECIAIS

The New York Times, L'Express, Times, Le Monde.

ASSINATURAS — DOMICILIAR (Rio e Niterói) tel. 264-6807

Trimestral	Cr$ 1.050,00
Semestral	Cr$ 1.900,00

BH

Trimestral	Cr$ 1.070,00
Semestral	Cr$ 1.960,00

SP, ES

Trimestral	Cr$ 1.170,00
Semestral	Cr$ 2.210,00

ASSINATURAS POSTAL EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

Trimestral	Cr$ 1.470,00
Semestral	Cr$ 2.760,00

CLASSIFICADO POR TELEFONE ... 284-3737

O que nos perde (ou nos salva)

Fernando Pedreira

TODAS as histórias sobre a idade de ouro concordam num ponto: aquela foi uma idade inocente. Deve pois ter sido, necessariamente, uma idade não só sem teologia, mas também sem ciência, sem alfabeto e, mesmo, sem escrita figurativa.

A observação acima é de Ernst Junger. E, quem terá sido Ernst Junger? É provável que à idade de ouro não tenha chegado notícia dele; e eis aí o que de algum modo nos aproxima, a nós, brasileiros, daquela idade inocente.

A semelhança, entretanto, esgota-se aí. Ignoramos Ernst Junger mas, em troca, temos escrita figurativa, temos alfabeto, embora o usemos pouco, temos alguma ciência econômica (ao menos na FGV), e temos ainda uma desastrosa abundância de teologias diversas. Segundo Junger, a inocência não resistiria a uma teologia, que dirá a várias.

As nossas teologias são todas importadas, posto que somos um país tradicionalmente importador de produtos acabados, os quais consumimos de maneira conspícua. Deve-se considerar, entretanto, que o extraordinário progresso dos últimos anos modificou o antigo estado de coisas: hoje importamos em grande quantidade não só produtos acabados, mas também matérias-primas, o que não deixa de ser um passo adiante.

Duas ou três dessas matérias-primas, aliás, são hoje tidas como responsáveis maiores pelo atual déficit externo do país, que é, modestamente, a nossa melhor esperança de um resultado favorável nas próximas Olimpíadas de Moscou.

Seria, em todo caso, errôneo supor que, pelo fato de serem importadas, as nossas teologias sejam por isto menos vigorosas. Descontados os índios, na verdade, que são hoje poucos e que não descontam para o INPS, pode dizer-se sem risco de contradita que o Brasil todo é uma nação a rigor importada: parte de Portugal, parte da África, parte da Europa, parte do Oriente Médio e, até, parte do Extremo Oriente.

Ora, numa nação ela mesma importada, apesar da inegável e já prolongada influência do sol dos trópicos, não é de estranhar que vinguem tão bem produtos vindos de fora e, até, simples peças de reposição destinadas a adequar velhos e usados motores à rapidez e à trepidação da vida moderna.

Entre as diversas teologias hoje consumidas entre nós, particularmente entre os mais jovens e os adolescentes, estão, é claro, antes de quaisquer outras, as de raiz cristã, que vieram com os descobridores. É de esperar que a próxima visita do Papa João Paulo II fortaleça, entre elas, as doutrinas mais acreditadas e assentes, as quais têm sofrido, como se sabe, o assédio persistente dos partidários da teologia dita da libertação, hoje tão influentes especialmente entre os setores católicos mais aguerridos e mais militantes.

Onde há teologias, de acordo com a fórmula de Junger, não se deve procurar inocência. No caso dos modernos católicos, entretanto, o que parece difícil discernir é onde está a ramificação (ou o enxerto) e onde está o tronco. Pois a verdade é que há, no mundo contemporâneo, dois troncos, duas grandes famílias teológicas que se defrontam, mas cuja guerra exibe uma curiosa característica: entre os dois exércitos inimigos, a chamada terra de ninguém vai sendo cada vez mais povoada, ao passo que os dois campos contrapostos perdem substância, embora desigualmente.

Talvez seja esta a sina de todas as grandes guerras ideológicas. Os perdedores não são simplesmente vencidos; eles são comidos, engolidos, digeridos e inevitavelmente absorvidos. As atuais peregrinações do Papa João Paulo pelo ecúmeno têm precisamente este objetivo; elas visam repor ordem e disciplina no campo católico e evitar que a terra de ninguém continue engordando a sua custa. A autoridade e o carisma do Papa tendem mesmo a trazer de volta ovelhas desgarradas e a sacudir de cima do muro os oportunistas e os indecisos.

A outra grande Igreja moderna, que é mais nova, está ainda na fase das cruzadas, matando pagãos e convertendo-os sob o peso das armas, ou por meio da inquisição e da tortura, como se pode ver do Afeganistão, das incursões cubanas na África, e das experiências variadas dos heréticos dissidentes na Europa Oriental e na própria União Soviética.

Apesar de muito novo, entretanto, o segundo principal tronco teológico moderno já se dividiu também em ramificações diversas, seguindo aliás um desenho curiosamente semelhante ao dos seus rivais e antecessores cristãos. Há a grande Igreja comunista do Ocidente, que é predominantemente russa, moscovita, soviética; e há a Igreja comunista do Oriente, que é sobretudo chinesa. Além desses dois galhos mais poderosos, brotaram do tronco comunista, nos últimos anos, numerosos rebentos protestantes, que recusam a autoridade dos papas e que lêem, cada qual à sua maneira, as velhas Escrituras marxistas-leninistas.

Esses novos rebentos têm-se revelado, como era de esperar, um tanto erráticos, além de especialmente aguerridos e violentos (como eram aliás os protestantes propriamente ditos, a seu tempo). No Ocidente, tudo o que eles conseguiram, até aqui, foi a organização de pequenos grupos terroristas; mas, no Oriente, eles chegaram a assumir o controle de países inteiros, como o Camboja e o Vietnam, com resultados surpreendentes, mesmo para os observadores mais calejados.

Como se sabe, além das escrituras marxistas, a grande fonte inspiradora (e unificadora) da teologia esquerdista é o culto a um deus que os veteranos chamavam Proletariado internacional ou, simplesmente o Partido. Segundo Jean-Paul Sartre, aliás, o Partido (Comunista) era mesmo a representação necessária e natural do proletariado, tese que simplificava bastante as coisas, mas que foi rejeitada pelos grupos protestantes, o que levaria o filósofo, na fase final de sua vida, a procurar novos caminhos. Sartre, na verdade, era um radical e, no breve espaço de tempo em que foi um ortodoxo (o tempo de sua aliança com o PC francês), ele foi radicalmente ortodoxo.

É curioso como o deus internacional da esquerda marxista, seja qual for o nome que adote, casa-se bem com os nacionalismos contemporâneos, especialmente os mais ferozes e os mais estreitos, a ponto de inspirar e justificar conflitos entre chineses e vietnamitas, entre vietnamitas e cambojanos, entre russos e tcheco-eslovacos, húngaros, poloneses, chineses ou afegãos. De um modo ou de outro, não há dúvida de que, no altar do Proletariado universal, nações inteiras (para não falar de grupos étnicos ou de simples repúblicas autônomas) têm sido piedosamente sacrificadas, o que coloca a relativamente tão nova religião da esquerda pelo menos à altura de outras grandes e ilustres religiões do passado.

Ora pois. Conta o francês Gilles Lapouge, correspondente do **Estado** e autor de um excelente livro sobre o Brasil (**Equinoxiales**), que encontrou certa vez, no interior do Nordeste, um sertanejo, dono de 80 cabeças de gado, que desconhecia a existência da França e não acreditava nela. Quando Lapouge tentou explicar-lhe de onde vinha e quem era, o sertanejo riu-se e manifestou não só incredulidade, mas a plena certeza de que um tal país não existia nem nunca tinha existido.

Santa inocência. A França, logo a França, que inventou tantas coisas boas da vida, desde o patê de fígado trufado até o que Engels chamava "o amor sexual moderno"! E entretanto não creio que a história de Lapouge nos autorize a pensar que o interior nordestino esteja hoje vivendo a sua idade de ouro. Por mais que o Ministro Andreazza tenha lá despejado, só na última semana, outros 5 bilhões de cruzeiros, depois das muitas centenas de bilhões da Sudene, nem assim o Nordeste poderá jamais atender às exigências da fórmula de Ernst Junger.

Tanto quanto nós, sulinos de meia-pataca, os nordestinos são hoje os beneficiários de uma confusão de teologias, de uma ciência escassa e mal— assimilada, e de um alfabeto que o Governo usa para multiplicar siglas burocráticas e para democratizar a ignorância através de uma extensa rede de fábricas de diplomas universitários.

O que ainda nos melhora um pouco a sina, aqui ou no Nordeste, é o que se poderia chamar de escrita figurativa: a literatura de cordel, Graciliano e Zé Lins do Rego, Portinari e Guignard, Tom Jobim e Chico Buarque, Noel Rosa, para não falar de Zico e Toninho Cerezo.

A Declaração de Manaus

Barbosa Lima Sobrinho

AS Conferências Nacionais da Ordem dos Advogados do Brasil se reúnem periodicamente, com o objetivo da aproximação dos advogados de todo o Brasil, "para o estudo e debate das questões e problemas vinculados aos interesses cultural e profissional da classe". Mas obedecendo, acima de tudo, ao destino que lhes traçou um dos eminentes Presidentes da Ordem, o advogado Levi Carneiro, que, mesmo depois de exercer o cargo de Juiz da Corte Internacional de Haia, fazia questão de proclamar a sua total fidelidade à profissão que marcara a sua vida. Devia-se a ele a afirmação, que vinha orientando a ação e a presença da Ordem, de que o maior dever dos advogados, dos juristas, "dos homens voltados ao culto da Ordem jurídica é menos a defesa dos interesses eventuais de certo número de indivíduos em pleitos jurídicos do que os da própria coletividade nacional".

Dessa prioridade dos interesses da coletividade é que vinha resultando a inspiração com que se orientavam as Conferências Nacionais da Ordem dos Advogados, sobretudo depois que as instituições brasileiras vinham deixando de lado as tradições que marcavam o passado do país e que haviam encontrado o maior de seus advogados da palavra inspirada e corajosa de Rui Barbosa. De uma ação pacífica a Ordem se vira, de repente, envolvida em lutas que não desejara, nem sequer provocara, sobretudo a partir de duas de suas Presidências, a de José Cavalcânti Neves e a de José Ribeiro de Castro Filho, nos entreveros a que foram convocados pela ação do Ministro Buzaid, identificado com uma legislação que desejava restaurar o fascismo, sepultado nos campos de batalha da Europa, numa luta em que não estivera ausente o sacrifício dos Pracinhas brasileiros. Mais solidária com os Pracinhas do que com o Ministro, a Ordem aceitara o desafio e se constituíra, desde então, em defensora intransigente das tradições jurídicas de nossa pátria.

A partir desse instante, há que assinalar a bravura, a intrepidez das atitudes que vêm assinalando as conferências nacionais da Ordem dos Advogados, na defesa dos direitos humanos ou no pleito para a restauração do habeas corpus. No desdobramento natural da ação empreendida, com brilho excepcional, nas duas últimas Presidências da Ordem, a de Raymundo Faoro e a de Eduardo Seabra Fagundes, não há como recusar à OAB o reconhecimento de que ocupa uma posição de vanguarda, no pleito em que estão em causa as aspirações supremas do povo brasileiro.

A batalha gloriosa de Raymundo Faoro pela restauração do habeas corpus como que se amplia na promoção da 8ª Conferência da OAB, que acaba de se reunir em Manaus, "sob o signo da Liberdade", como proclama o seu Presidente, Eduardo Seabra Fagundes, que assim vem honrando e enaltecendo um dos nomes mais ilustres e respeitados do nosso mundo jurídico. Bastaria enunciar o título das teses apresentadas, todas elas examinando aspectos e afirmações da Liberdade, para que se pudesse, como diz o Presidente da Ordem, "ao término do encontro, vislumbrar o perfil da Liberdade pela qual os profissionais do Direito se batem, e que não há de contrapor-se em concepção meramente formal, para fruição de poucos, devendo ser, pelo contrário, um bem de todos, capaz de projetar-se, de forma palpável, mesmo sobre a enorme legião de deserdados".

Tal o objetivo da Conferência. O que não era mais do que confirmar a norma traçada pela palavra de Levi Carneiro, quando proclamava a prioridade dos interesses coletivos. Para que a Ordem seja, como o confessa o seu Presidente Seabra Fagundes, "vanguardeira na proteção dos direitos humanos e expressão maior na luta pelo aprimoramento da ordem jurídica".

Tive a honra de acompanhar alguns dos debates travados, na discussão de diversas teses apresentadas. Pude sentir, na convivência com os advogados que estavam em Manaus, vindos de todos os recantos do país, o espírito que os animava, todos de olhos abertos para os problemas e as esperanças do Brasil. Sentia-se, no debate, que tanto o autor das teses como os debatedores haviam deixado de lado preocupações pessoais, com o único intuito de servir, atentos aos interesses da coletividade e não a preocupações e vaidades de projeção pessoal. Tudo com absoluta serenidade, sem gritos, sem explosões retóricas, como quem procura acertar e não deslumbrar ou comover os assistentes. Ao lado da juventude numerosa dos advogados que se iniciam, estavam presentes altas e eminentes figuras do mundo jurídico brasileiro, como Seabra Fagundes, Haroldo Valadão, Djalma Marinho, Victor Nunes Leal, Evandro Lins e Silva, os dois últimos aureolados pela injustiça de que haviam sido vítimas, mas libertos de qualquer ressentimento, atentos, tão-somente, aos interesses do Brasil.

É claro que toda a Conferência se traduziu num esforço de exaltação do liberalismo, e quando se fala em liberalismo, não há como esquecer a Revolução Francesa de 1789. Mas seriam apenas da França os ideais que a Revolução proclamou? Na realidade, haviam sido os ideais como que importados da Inglaterra e já estavam em vigor nos Estados Unidos, impregnando a sua extraordinária Declaração da Independência. A função da França fora vulgarizar lições e experiências de povos que haviam marchado para diante, no culto das liberdades essenciais, contrapondo-se a tendências autoritárias que insistem em abrir caminhos para o despotismo. A luta entre o liberalismo e a ditadura não tem prazo marcado e se renova constantemente, para alegria dos servidores do Poder. Pois não foi dos nossos dias o surto fascista que provocou a II Guerra Mundial?

E o fascismo também não gostava da Revolução Francesa. No excelente resumo de Henri Michel, já havíamos aprendido que "o fascismo rejeita **a priori**, e na totalidade, a sociedade liberal do século **XIX**, inspirada pela filosofia das luzes, realizada politicamente na Revolução Francesa". De quantas catilinárias não foram alvo os homens de 89, na linguagem de Hitler ou de Mussolini, sobretudo de Mussolini! Cansaram-se de declarar falida a liberal-democracia, que nunca se impressionou com os libelos de que foi objeto, pois que suas vitórias foram sempre bem maiores do que as derrotas efêmeras que sofreu. Haja vista a Declaração Universal dos Direitos da Pessoa Humana. Que são os seus princípios se não o triunfo do liberalismo? O Conselho criado para a sua defesa tem, como Presidente, o Ministro da Justiça, e a chamada revolução de 1964, quando legislou a respeito, não teve, na Lei Rui Santos, a intenção de revogá-lo, mas decerto a de confirmá-lo com a presença de maiorias do próprio Governo.

Felizmente a 8ª Conferência da OAB não se impressionou com as críticas do sediço e falecido fascismo. Realizou todo o seu trabalho com o objetivo de exaltar a Liberdade, através de teses excelentes e de debatedores interessados, não em contestá-las, mas em aperfeiçoar a sua execução, para torná-la mais fácil e mais eficaz. E o resumo de todo o trabalho se encontra na Declaração de Manaus, um documento dos mais significativos com que pode contar a história de nossa pátria. E se houver qualquer dúvida quanto às preferências do povo brasileiro, seria o caso de um desafio, através de uma eleição direta do Presidente da República, com a presença de dois candidatos, um empunhando o AI-5, o outro com a Declaração de Manaus e os seus termos vibrantes e corajosos. Se existe quem tenha dúvidas a respeito, por que não fazer a experiência?

Não esqueçamos nunca a lição de mestre Oliveira Lima, quando concluiu que "a história da civilização é, em resumo, a história da luta da liberdade contra o despotismo e da igualdade contra o privilégio". A Declaração de Manaus se enquadra nesse trabalho ingente. Com o ser um documento em prol da liberdade, transforma-se num novo troféu, com que se assinala a marcha da civilização.

Coisas da política

Aprendendo a andar de sapatos

Wilson Figueiredo

TOME-SE emprestado a Machado de Assis e se poderá dizer, como ele disse da Bolívia, que gastamos mais constituições do que sapatos. Não é que o nosso pé seja sempre maior que os sapatos. Antes serão nossas constituições feitas com material excessivamente delicado para o uso diário.

Uma vez feita a associação de uso, é inevitável admitir que as constituições são os sapatos dos povos. Desde 1824 os brasileiros andaram calçados com uma Constituição. Depois de 65 anos namoramos nas vitrinas dos vizinhos o estilo norte-americano de calçar. Chutamos um rei que demorou demais e passamos a presidentes com prazo fixo.

Nem assim. Muitos saíram a pontapés.

Éramos um país de pés no chão, entre outros sinais exteriores de pobreza. Mas, do ponto-de-vista constitucional, os primeiros sapatos republicanos duraram 49 anos. Daí por diante tornamo-nos relativamente constitucionais. As pantufas monárquicas mostraram maior resistência. As asperezas deviam ser menores, ou, quando nada, mais liberais. Ou quem sabe perdemos o segredo da fabricação de bons sapatos? É verdade também que as Constituições de 24 e 91 foram presenteadas. A de Pedro I não tomou nem a medida do pé brasileiro. Mas coube e, exceto alguns calos produzidos ora nos liberais, ora nos conservadores, com a Constituição de 1824 o Brasil andou dentro da lei.

A República adotou a meia confecção: com a sola e o couro recortados, a Constituinte ajustou o modelo aos pés, e o país teve sapatos para seguir em frente. Bernardes providenciou a meia sola e com os mesmos sapatos chegamos aos anos 30. É bem verdade que o sapateiro se chamava Rui Barbosa, que podia ir muito bem além da sovela.

Ficamos descalços até 34, quando adquirimos sapatos novos segundo o modelo clássico republicano. Mas, ou porque nos desacostumáramos de andar com os pés nos sapatos, ou porque o couro fosse malcurtido, duraram o tempo de uma eleição. A primeira sucessão presidencial gastou-lhe o solado. E um dia em 1937 o país amanheceu com um modelo bastante difundido à época, copiado por um dr Scholl que cultivava o prazer de apertar os pés do freguês.

O estilo polaco, fabricado por Francisco Campos e Companhia — que não acreditam em pés livres — foi descalçado com alívio geral em 1945. No ano seguinte os brasileiros acreditaram ter encontrado sapatos de alta durabilidade para andar na lei o resto da vida.

O Presidente Dutra transformou os sapatos novos em objetos sagrados. Vargas voltou e se queixou de dificuldades em movimentar-se. Faltava-lhe, porém, autoridade para reclamar dos sapatos, porque tinha o vício de pisar os pés alheios. Café Filho calçou e descalçou. Kubitschek dançou e andou como ninguém, sem sair do compasso legal. Já o Presidente Jânio Quadros desistiu e voltou descalço para casa. Goulart teve que usar palmilhas e pisar leve. Quando quis pisar firme, adeus sapatos. Castelo Branco achou que dava para reformar os velhos sapatos. Mudou presilhas e cadarços. Costa e Silva não agüentou o sapato reformado ou então andou com os pés trocados. Aí veio a moda do AI-5, que era um tamanco.

Depois de 13 anos em que os velhos sapatos ficaram no armário, os brasileiros ouvem falar de novos modelos. Tudo que não é Governo neste país — e não é pouco — fala numa sapataria para fabricar sapatos adequados aos pés nacionais.

Será que o problema se resolve com sapatos mais cômodos? Talvez a sensação geral incômoda seja produzida pelo apertado cinto tributário, e ninguém o percebe. Os franceses calçam sapatos justos e dão-se bem. Os ingleses, pragmáticos, garantiram-se cedo: desde 1215 amarraram a mão do imposto. Arrancaram de João Sem Terra um pacote que continha, ao mesmo tempo, liberdade, justiça e proteção contra tributos.

O João inglês não teve terras porque era o caçula: não sobrou para ele. Nosso João, o último da linhagem presidencial de 64, ficou sem direito ao arbítrio. Mas também não há uma Constituição que garanta os brasileiros contra o arbítrio tributário. Os barões da soja conseguiram libertar-se do confisco: plantaram e o Governo não faturou. Quem sabe começou com eles o advento democrático? Menos taxação, mais Constituição.

Kennedy joga cartada final nas primárias de terça-feira

Silio Boccanera
Correspondente

São Francisco, Califórnia — A primeira fase da campanha presidencial dos Estados Unidos acaba nesta terça-feira com a realização simultânea das nove últimas primárias de 1980, destinadas a escolher o candidato de cada Partido ao pleito final de novembro.

O republicano Ronald Reagan e o democrata Jimmy Carter já são praticamente vencedores de cada lado, mas enquanto o ex-Governador da Califórnia corre sozinho na raia dos republicanos, o Presidente ainda enfrenta um desafio incômodo do Senador Edward Kennedy, que jogará depois de amanhã a última cartada em sua até agora frustrante luta pela Casa Branca.

ESFORÇO

Kennedy considera seu esforço em vencer aqui na Califórnia, onde estão em disputa 306 delegados democratas, e em Nova Jérsei, onde há 103 representantes a serem disputados para a Convenção Nacional do Partido, em agosto. Dos outros Estados, Ohio, Montana, Novo México, Rhode Island, Dakota do Sul e Virgínia Ocidental, o Senador admite poucas chances de vitória contra Carter, mas naqueles dois ele pretende demonstrar a viabilidade de sua desacreditada candidatura.

O plano de Kennedy é convencer os democratas de que a convenção não deve abrir com um vencedor predeterminado. Ele sabe que, pelas regras atuais, a reunião do Partido selecionará o candidato com maioria simples dos delegados estaduais — 1 mil 666 — e que Carter já terá conquistado durante as primárias muito mais do que este número. Mas as regras não são rígidas e podem ser mudadas pela própria convenção, sobretudo se os delegados presentes ao Madison Square Garden, em agosto, se convencerem de que escolher Carter pode resultar em derrota diante dos republicanos em novembro.

O Senador vem então tentando promover a idéia de que vitórias suas na Califórnia e Nova Jérsei demonstrariam a fragilidade eleitoral de Carter nestes Estados tão importantes (principalmente a Califórnia, maior peso político da União, que rejeitou Carter na primária de 1976, preferindo Jerry Brown; optou por Gerald Ford na disputa final daquele ano; e ainda é o Estado-base de Reagan, que aqui fez toda a sua carreira política).

Se ele vencer na Califórnia então, sustenta Kennedy, a convenção democrata deve "se abrir", ou seja, permitir a seleção do candidato presidencial do Partido com base no que os delegados ali presentes decidirem, sem importar os votos acumulados nas primárias. Ainda nesta quinta-feira, em Cleveland, Ohio, Kennedy dizia que confiava na "consciência política" dos delegados à convenção e que Carter deveria fazer o mesmo.

Duas questões se colocam então: Kennedy pode vencer na Califórnia? Há chance de se "abrir" a convenção?

Pesquisas de opinião realizadas aqui na semana passada indicam páreo duro no Estado mais populoso e rico do país, com o eleitorado dividido em 33% por Carter, outros 33% por Kennedy e um índice extraordinariamente alto de 27% de indecisos, o que bem reflete o dilema democrata deste ano, em selecionar entre dois candidatos que não agradam.

Mas o Senador vem concentrando seus últimos recursos de campanha aqui (o Presidente preferiu Ohio) e não surpreenderia se seu esforço final rendesse frutos eleitorais. Não uma avalancha, por certo, mas uma simples vitória sobre Carter para que o Senador possa esperar manchetes do tipo **Kennedy vence na Califórnia**.

O problema é que, mesmo nesta hipótese, o Senador talvez tenha que dividir o espaço dos jornais e o tempo dos telejornais com outra notícia inevitável do dia: "Carter ultrapassa número mínimo de delegados para vencer na convenção". Segundo as mais diversas estimativas, o Presidente está precisando de apenas alguns delegados mais para chegar aos 1 mil 666 e é inconcebível que não consiga obtê-los entre os 696 sendo disputados em oito Estados (a nona primária do dia, no Mississipi, é apenas para republicanos).

Passa-se então à fase de especulação sobre o que pode ocorrer após uma vitória de Kennedy na Califórnia (no caso de uma derrota do Senador neste Estado, acredita-se que ele finalmente desista da corrida pela indicação democrata, embora nem isso ele tenha admitido até agora). Com os louros nas mãos por ter vencido a maior das primárias, Kennedy pode manter-se fiel à promessa de lutar por uma convenção aberta. Esbarrará no risco de dividir o Partido com lutas internas, o que trás aos democratas lembranças sombrias de 1968 e da subseqüente eleição de Richard Nixon contra Hubert Humphrey.

Mais provável então é que nos dois meses e meio até a Convenção democrata, em Nova Iorque, o Senador utilize sua suposta vitória como bandeira para lutar pela tendência liberal dentro do Partido, tão atraído pelo conservadorismo crescente que vem constatando neste país tão preocupado em não alienar uma faixa do eleitorado atraída pela pregação de Reagan.

O candidato republicano, por sua vez, tem a indicação partidária praticamente assegurada na Convenção programada para Detroit, em meados de julho. Entre os seis adversários que tinha no início do ano quando começaram as primárias, sobrou-lhe apenas um até a semana passada — George Bush — mas até este acabou desistindo da corrida.

Reagan, portanto, limita-se a contemplar em berço esplêndido o acúmulo de delegados para endossar seu nome como candidato republicano à Casa Branca. Suas preocupações já não estão mais com as primárias. Como ele mesmo disse ainda nesta quinta-feira em Columbus, Ohio, quando lhe pediram impressões sobre a presença simultânea de Carter na cidade, para realizar comício, na mesma hora que o dele, "é bom já irmos nos acostumando à disputa final pela Casa Branca".

Los Angeles/UPI

O Senador Kennedy disse que Israel sempre pagou o preço pela política de Carter e prometeu que se for eleito jamais negociará com a OLP

Mapa Rafael Wasserman

Califórnia e Nova Jérsei (em negrito) são os principais alvos de Kennedy, mas ele ainda enfrentará Carter em mais seis Estados (em cinza) na terça-feira. No Mississipi (tracejado), só haverá primária para os republicanos

Interesse partidário pode mudar regra do jogo

Washington — Todos os delegados democratas que participarão da convocação nacional de seu Partido, em agosto, em Nova Iorque, têm compromisso de, no primeiro escrutínio, votar no candidato que apoiaram nas primárias. Essa regra, no entanto, pode ser modificada, caso falem mais alto os interesses políticos e partidários.

Há meses os assessores do Senador Edward Kennedy debatem abertamente a modificação dos procedimentos na convenção, pois sabem que uma mudança na regra do jogo poderá beneficiar seu candidato, que, segundo previsões da Casa Branca, deverá chegar a Nova Iorque com o apoio de cerca de 33% dos 1 mil 666 delegados democratas. A modificação, no entanto, também deixará o caminho livre para uma terceira opção — nesse caso, o Vice-Presidente Walter Mondale surge como uma alternativa viável.

ESTRATÉGIA

Os cabos eleitorais do Presidente Carter, depois das primárias da próxima terça-feira, darão prioridade máxima a uma estratégia destinada a eclipsar ao máximo Kennedy, de modo a que ele não ganhe terreno junto aos delegados, capitalizando preferências caso as regras convencionais sejam modificadas na última hora.

Uma das idéias é trabalhar para que Kennedy fique com o exaustivo cargo de presidente da convenção; outra, é dar ao Senador a responsabilidade pela comissão de plataforma eleitoral, opondo apenas uma resistência simbólica às suas iniciativas.

O problema é que a risca entre Kennedy e Carter — o Presidente reprova no Senador as críticas enérgicas que vem fazendo ao Governo, alegando que elas lhe causam dificuldades e ameaçam seriamente sua reeleição em novembro — pode aumentar o desapontamento dos eleitores democratas com ambos os candidatos, levando-os a considerar seriamente a possibilidade de conduzir um terceiro nome à Casa Branca. E esse terceiro nome é o do Vice-Presidente Walter Mondale.

"Por que ele não concorre à Presidência?", indagou uma professora a um repórter, em San José, Califórnia, quando Mondale, há poucos dias, fazia campanha nesse Estado (caso Carter seja o escolhido pela convenção democrata, ele comporá a chapa do Presidente).

"Quais são os seus planos?", quis saber de Mondale outro repórter. "Não tenho nenhum, a não ser fazer com que o Partido Democrata vença a eleição presidencial. Esperemos mais quatro anos, aí então eu decidirei".

A "alternativa Mondale", como já é chamada, vem sendo defendida por vários políticos democratas, entre eles Warren Spannaus, procurador-geral do Minnesota e presidente da comissão estadual Carter-Mondale.

Caso Mondale mude de idéia e a convenção democrata decida lançar seu nome, a ele não falta a experiência de um verdadeiro candidato em campanha: uma pesquisa feita entre setembro e abril últimos revelou que o Vice-Presidente, naquele período, viajou mais de 1 milhão 600 mil quilômetros, visitou 32 Estados, fez 175 discursos, participou de 170 conferências e compareceu a 125 reuniões para levantamento de fundos num total de 1 milhão 800 mil dólares.

"Visigodos" acompanham candidato

São Francisco, Califórnia (do correspondente) — São pelo menos 40 pessoas, e quem vê o grupo não pode imaginar o nível de condicionamento físico e mental a que se submete para enfrentar a ciranda do entra-e-sai de aviões, ônibus e automóveis e para resistir a discursos seguidos sobre os mesmos temas, mas em lugares sempre diferentes. É visível um espírito de turma, e alguns não reclamam de serem chamados de "visigodos": eles são os jornalistas encarregados de cobrir a campanha eleitoral do Senador Edward Kennedy.

Para manter a sanidade, o grupo que vem seguindo Kennedy desde o início de sua campanha decidiu que a única saída era manter o senso de humor. Os profissionais da informação comportam-se bem em público, mas quando estão a bordo do Boeing-727 que os leva, junto a Kennedy e seus assessores, descarregam a tensão e o cansaço através do deboche e da brincadeira, a que o próprio candidato já se acostumou.

"Atenção. Está no ar o noticiário da Televisão Krap" — anuncia periodicamente, com voz semi-séria pelo alto-falante do avião, o locutor Thomas Oliphant, repórter político do Boston Globe e encarregado de informar os passageiros sobre os incidentes ridículos do dia, que não serão reportados por nenhum dos meios de comunicação ali representados, sobretudo porque a maior parte dos fatos ou são inventados ou não se encaixam nos padrões éticos de qualquer entidade jornalística mais séria. Só mesmo na emissora Krap, termo que em inglês não muito shakespeareano, trocado apenas o K por um C, tem referenciais escatalógicos.

O Senador já se acostumou com o grupo e nem parece mais notar, quando um repórter o vem entrevistar a bordo, vestindo um chapéu com os dizeres imprensa intergaláctica. Tampouco o espanta que o grupo carregue constantemente para os comícios um macaco empalhado, vestido como se supõe seja um jornalista típico, com várias credenciais na lapela e livro de anotações à mão.

Uma produtora da NBC que faz parte do grupo regular e também está descansando neste fim de semana, para enfrentar a maratona à frente, contou em entrevista por telefone como se desenrolam os eventos a bordo, notando que a convivência forçada juntou até dois grupos que normalmente não se socializam bem: jornalistas e técnicos (cameramen e operadores de som).

Como este pessoal costuma se locomover carregado de equipamento pesado e tem o hábito de empurrar quem se meta à frente das lentes, já ganhou a denominação de os visigodos. Agora, diz a produtora, os dois grupos se entendem muito bem, contanto, é claro, que nenhum repórter se ponha em frente às câmeras.

Os visigodos estão entre os mais bem pagos do grupo de imprensa, devido a uma série de cláusulas sindicais sobre pagamento extra em diferentes condições de trabalho. Um cameramam deixou cair seu cheque de pagamento a bordo do avião uma vez e, antes que o recebesse de volta, teve a surpresa de ver o incidente e o valor nominal reportado na pseudo-emissora de bordo Krap-Tv: 4 mil 300 dólares por uma semana de trabalho.

Com salários deste nível a bordo — e despesas pagas pelos empregadores sem muita parcimônia — não costuma haver controle excessivo dos gastos. Recentemente em pleno vôo sobre árida região do Centro-Oeste, um repórter a bordo sentiu uma vontade irresistível de tomar daiquiri de banana. Na primeira escala, compraram 10 quilos de banana, dois de açúcar, sete litros de rum e um liquidificador. Correu daiquiri o resto da viagem.

Pelo lado sério, esta convivência íntima da imprensa em cobertura eleitoral cria um fenômeno conhecido como "Jornalismo da Turma", segundo definição que se consolidou após seu emprego, pela primeira vez, no já clássico livro do repórter Timothy Crouse, sobre cobertura da campanha presidencial de 1976: The Boys in The Bus. *Em resumo, o fenômeno consiste em se inclinar para as mesmas conclusões, um julgamento coletivo, devido à influência dos colegas.*

Assim, por exemplo, a campanha de Kennedy era descrita repetidamente, no início deste ano, como "fraquejante" em quase todos os meios de comunicação. Na fase atual, a qualificação homogeneizada tende a ser de "desesperante", no sentido de que o Senador está tentando os últimos recursos, porque Jimmy Carter praticamente embolsou a indicação do Partido Democrata como candidato presidencial, antes mesmo do fim das eleições primárias.

Mas, pelo menos um sinal positivo pode ser inferido daí: a convivência não torna o grupo necessariamente condescendente com o candidato a quem cobre, como Kennedy tem constatado penosamente em matérias devastadoras sobre sua campanha, por estes mesmos jornalistas que com ele brincam a bordo de seu Boeing-727 alugado.

Outro tipo de discussão, quem resulta da cobertura tão próxima dos candidatos presidenciais, questiona a melhor forma de produção jornalística nestas circunstâncias. Em outras palavras, depois de algum tempo, a proximidade pode fazer o repórter perder perspectiva sobre o candidato e sua campanha no contexto geral. Mas quem não o acompanha de perto tem mais dificuldade em perceber o desenrolar de sua campanha e as alterações significativas.

Enquanto o dilema não se resolve, os regulares em cada campanha se vão esforçando para resistir aos rigores de vôos agitados, refeições sem gosto e motéis de arquitetura duvidosa, decoração plástica tão rigorosamente padronizada, que os repórteres até estranham a originalidade de suas próprias casas, nos raros momentos em que a elas regressam.

— Passo tanto tempo nesses motéis — disse um correspondente da NBC — que minha mulher já está pensando em me fazer sentir melhor em casa, colocando aquele inescapável aviso no banheiro: "Este vaso sanitário foi desinfetado para sua proteção".

Californianos estão ressentidos

Hedrick Smith
The New York Times

Los Angeles — No quartel-general da campanha de Kennedy neste Estado, antes utilizado para a campanha do Governador Jerry Brown, Oren Teicher, jovem deputado estadual transformado em organizador do esforço para tornar Kennedy vitorioso, comentou: "A Califórnia está acostumada a ganhar muita atenção na campanha presidencial. Se quisermos vencer aqui teremos de mostrar aos eleitores que ainda estamos politicamente vivos e que a Califórnia tem importância no cômputo geral".

Apatia dos eleitores e a sensação de futilidade com a disputa presidencial democrata são os principais obstáculos de Kennedy para disputar os 306 delegados democratas da Califórnia na terça-feira. Em programas de televisão e cartas aos jornais, os californianos se mostram ressentidos por terem sido afastados do processo de designação presidencial em 1980, já que consideram os aspirantes democrata e republicano escolhidos por outros Estados, menores e politicamente menos importantes.

As grandes dimensões do Estado e os recursos limitados das campanhas de Kennedy e Carter, que não podem gastar mais de 1 milhão de dólares cada um, deram menos impacto à disputa deste ano.

Apelo em Nova Jérsei é emocional

Joseph F. Sullivan
The New York Times

Trenton, Nova Jérsei — À medida que a campanha avança para seus estágios finais, Nova Jérsei, adquire grande importância, já que as pesquisas realizadas pelos dois lados mostram um grande número de eleitores indecisos.

Carter nunca se deu bem em Nova Jérsei, tendo perdido nas primárias de 1976 e para o ex-Presidente Gerald Ford nas eleições gerais. Os 66 delegados republicanos do Estado irão à convenção oficialmente descompromissados. Reagan era esperado para mais uma visita antes do dia 3, mas agora que Bush não está mais no páreo, é incerto o seu comparecimento. Kennedy vem encontrando dificuldades, mas prometeu continuar na disputa.

Os estrategistas de Kennedy salientam que Nova Jérsei se acha dentro da área onde o Senador demonstrou maior força durante as primárias: a Leste da Pensilvânia, em Connecticut, e no Sul de Nova Iorque. O democrata por Massachusetts gosta de comparar Nova Jérsei a seu Estado natal, e freqüentemente menciona a cordial acolhida dispensada a seus irmãos em suas visitas.

Se seus discursos exalam nostalgia, isso é proposital. Kennedy tem de explorar o reservatório de afeição por sua família que existe em muitas partes do Estado para compensar a impressão generalizada dos profissionais do Partido de que Carter será o vencedor.

Jarvis ataca Imposto de Renda

Andrew J. Glass
Cox News Service

Los Angeles — Howard Jarvis, o homem que lançou a centelha da rebelião fiscal na Califórnia há dois anos, está chefiando outra campanha, desta vez para reduzir à metade o Imposto de Renda.

Na terça-feira, juntamente com as primárias presidenciais do Estado, os eleitores da Califórnia decidirão se emendam ou não sua Constituição para reduzir a receita fiscal anual em cerca de 5 bilhões de dólares.

O resultado será apreciado muito além de suas fronteiras, para determinar se o movimento popular nacional, que até agora já inspirou nove Estados a seguir o exemplo da Califórnia, limitando os impostos ou gastos estaduais, continuará na década de 80.

Inicialmente, o Governador do Estado, Edmund G. Brown, argumentou que a Califórnia não poderia agüentar uma redução no imposto territorial. Mas quando os eleitores ignoraram sua advertência e o Estado continuou a prosperar, ele mudou de idéia e apoiou Jarvis.

No entanto, agora se opõe novamente ao ativista que quer reduzir o limite do Imposto de Renda do Estado mais populoso da nação, de 11% para 5,5%. Um casal com dois filhos e renda de 25 mil dólares anuais ficaria assim com mais 300 dólares em caixa, apesar de pagar impostos federais mais altos.

Os contribuintes com menor faixa de renda ganhariam as maiores reduções percentuais. Mas os que se opõem ao projeto chamam o plano de Jarvis de doação maciça aos riscos, **já que cerca de 55% dos cortes beneficiariam os contribuintes que ganham 30 mil dólares anuais ou mais.**

Enquanto ferve o debate sobre a justiça do corte fiscal e as finanças da Califórnia continuam florescentes, Jarvis, de 76 anos, se diverte percorrendo o Estado e zombando de seus burocratas. nos restaurantes elegantes, ele é aplaudido ao entrar. Nos aviões, as aeromoças correm para beijá-lo no rosto.

Recentemente, Jarvis declarou a um repórter que o visitou em sua modesta sede no Hotel Wilshire Boulevard: "Quer saber qual é o segredo de meu sucesso? Falo a linguagem do homem do povo, que não lê muito. Mas ele vai votar, e, quando eu digo um expletivo, é uma palavra que ele compreende, porque usa todo dia. A verdade é que esses políticos são um bando de canalhas, outra expressão que ele usa, percebe?"

Jarvis, que deve sua folgada situação financeira a investimentos imobiliários na época da Depressão, ganhou cerca de 375 mil dólares ano passado apenas com palestras que pronunciou. Sem contar o que ganhou com seu livro best-seller, I'm Mad as Hell (Estou Danado da Vida), que ditou enquanto pescava num remoto rio do Estado de Idaho.

Embora passe a maior parte do tempo tentando reduzir os impostos dos outros, ele pagou impostos federais dentro da feixa dos 68%, o máximo absoluto dentro da lei. Ainda vive com a mulher e a cunhada na mesma casa pequena que comprou em 1941 por 8 mil dólares.

Jerry se prepara para 1984

Wayne King
The New York Times

Sacramento, Califónia — Dois meses depois de ter desistido de participar da campanha presidencial deste ano pelo Partido Democrata, em virtude de um decepcionante resultado nas primárias de Wisconsin, o Governador da Califórnia, Edmund **Jerry** Brown Jr., está de novo ligado na possibilidade de concorrer à Casa Branca, mas dessa vez com vistas às eleições de 1984.

"Estamos trabalhando e planejando. Não se muda o curso da política norte-americana em dois meses. Isso leva tempo", diz o Governador, de 42 anos, acrescentando: "Há um vácuo no **establishment** político dos Estados Unidos. A questão é: quem irá preenchê-lo, o que irá preenchê-lo, que idéias, que organizações, que forças? Espero ser parte delas".

Quando abandonou sua campanha de 1980, em Milwaukee, na noite do dia 1º de abril, Brown qualificou sua decisão de "a crise do nascimento, a crise de um começo".

Mais tarde, numa entrevista, ele admitiu que "muito provavelmente "voltaria a disputar a indicação presidencial. Sua desistência — que chamou de "o encerramento da fase de 1980" — levou-o de volta à Califórnia, onde pretende continuar fiel aos temas de que se valeu na sua campanha: política econômica parcimoniosa, oposição à energia nuclear, **approaches** inovadores para problemas energéticos, preocupação com os direitos das minorias.

Desde que voltou para a Califórnia, Brown **mergulhou** no trabalho e modificou significativamente seu estilo de governar e lidar com a política. Embora no passado ele sempre tivesse trabalhado por longos períodos de tempo, o Governador era encarado como uma pessoa voltada para os meios de comunicação de massa, mas inacessível à maioria dos legisladores e a muitos grupos empresariais e financeiros. Agora, **Jerry** corteja políticos, janta com alguns deles, reúne-se em pequenos grupos com outros, debatendo objetivos e problemas de uma maneira que provoca surpresas em todos que esperavam dele uma fase de calmaria e letargia depois da excitação e do desapontamento da campanha presidencial.

"Já houve cerca de 20 reuniões com autoridades financeiras, representantes de bancos, companhias de seguro, e muitas outras pessoas, inclusive as que se preocupam com o meio-ambiente", informa o Chefe de Gabinete do Governador, Gray Davis, que, na ausência de Brown, é considerado "o verdadeiro Governador"

Parafernália sofisticada garante Carter-Mondale

São Francisco, Califórnia (do Correspondente) — Ultrapassado o susto de encontrar no térreo uma boate de **strip-tease**, quem entra no escritório-sede da campanha Carter-Mondale em Washington, a poucas quadras da Casa Branca, se vê diante de um aparato que lembra menos a agitação de uma maratona eleitoral e mais as salas de uma sofisticada empresa privada.

Diante de uma tela de computador, um especialista atualiza na memória eletrônica do aparelho as fichas de todos os delegados estaduais já escolhidos nas eleições primárias para votar em Jimmy Carter na Convenção Nacional do Partido Democrata, em agosto.

A NOVA CLASSE

Além de nome, endereço e profissão, a lista inclui idade da pessoa, talvez apelido entre os amigos, nome da mulher e dos filhos, um **hobby** pessoal. Periodicamente, o computador é acionado para enviar uma notinha ao delegado, convidando-o talvez para uma visita à Casa Branca, mas sobretudo mantendo contato em nível pessoal, assegurando-se de que não mudará seu voto no plenário da convenção, quando os democratas escolherem seu candidato presidencial para este ano. Assinado: Jymmy, bem íntimo.

O mecanismo envolve esperteza, sem dúvidas, para evitar surpresas do Senador Edward Kennedy, com sua anunciada intenção de brigar pela indicação democrata até o último momento. Além disso, entretanto, revela-se no funcionamento do escritório Carter-Mondale a existência de um sofisticado aparato administrativo que já se tornou indispensável para a realização de uma campanha presidencial nos Estados Unidos.

De especialistas em informática a datilógrafas e contínuos, de estrategistas políticos a economistas e contadores, de publicitários a analistas de opinião pública, inúmeros profissionais de campanha se vêm transformando em nova categoria de trabalho, sob a bênção dos 500 mil ocupantes de cargos eletivos neste país, segundo estimativas do Escritório de Censo para um ciclo de quatro anos. No topo das pirâmides, ficam os diretores de campanha e, a seu lado, o candidato ou produto a ser vendido no mercado eleitoral.

Seja na fase de primárias — que se encerra na próxima semana — ou no período de disputa final após as convenções, os candidatos a Presidente dos Estados Unidos dependem cada vez mais de uma bem-azeitada organização administrativa para conquistar a Casa Branca.

Existem até críticos mais debochados do processo eleitoral norte-americano que sugerem ser irrelevantes neste contexto as idéias e a posição política de um candidato, pois o que realmente conta na corrida à Presidência é o confronto entre estratégias de campanha e formação da opinião pública através dos meios de comunicação.

"Na nova política americana", diz o analista Robert Kaiser, "os vencedores garantidos não são os candidatos, mas os consultores, o pessoal que dá assessoria, faz pesquisa de opinião, produz comerciais de televisão e recebe honorários seja qual for o resultado obtido pelos candidatos a que servem."

Mark Shields, que antes de se tornar jornalista administrou várias campanhas políticas em Washington, observou que "quando você pensa numa campanha presidencial, está descrevendo uma instituição como nenhuma outra em nossa sociedade, uma operação que envolve centenas ou milhares de pessoas, pagas ou não, que arrecadam e gastam milhões de dólares num período intenso de 18 meses e depois desaparecem".

Um dos motivos para a crescente sofisticação das campanhas eleitorais, não só para a Presidência mas também para outros cargos eletivos, e as reformas da legislação sobre este assunto nos últimos anos. São tantas as leis em nível federal, estadual e local, tantas as restrições sobre o que se pode fazer em um lugar mas é proibido em outro, que um candidato precisa ter mais do que idéias políticas sólidas para efetivamente vencer.

O Deputado John Anderson, por exemplo, quando resolveu abandonar a disputa pela indicação republicana e concorrer como independente, automaticamente mergulhou num emaranhado de novas exigências legais e agora passa menos tempo propagando suas idéias políticas e mais em disputas legais para conseguir incluir seu nome nas cédulas de vários Estados, cada um com exigências diferentes, tornando complicada a pretensão eleitoral de candidatos não republicanos ou democratas.

Para superar essas barreiras, é preciso depender de especialistas — e de dinheiro para contratá-los — o que exige peritos em levantar contribuições, entrando-se assim no círculo vicioso que força a ampliação dos escritórios de campanha de qualquer candidato com pretensões realmente sérias de obter o cargo em disputa. Sobretudo quando se trata da Presidência dos Estados Unidos.

Para servir a este mercado crescente, existem os chamados consultores-políticos, categoria profissional em ascensão sobretudo em Washington, onde tem sede a Associação Americana de Consultores Políticos. Uma das firmas desta especialidade aqui é chefiada por Matt Reese, que a abriu modestamente em 1966 e hoje atua em todo os país, oferecendo serviços tanto para candidatos presidenciais quanto para prefeitos do interior. E muita gente quer entrar no negócio.

"Já existem mais de 100 firmas desse setor atualmente no país", disse Reese, notando que só ele recebe de quatro a cinco pedidos de emprego por semana, provenientes de recém-formados das melhores universidades do país.

Outro profissional de campanha eleitoral é Robert Agranoff, professor de Ciência Política e diretor do Centro de Estudos de Governo da Universidade de Illinois do Norte. Autor do livro **A Administração de Campanhas Políticas** (1976), Agranoff sustenta que já existe um acervo suficiente de conhecimento acumulado sobre campanhas eleitorais neste país que permite sistematizar uma metodologia de trabalho, uma administração de campanha, como ele mesmo chama a nova disciplina acadêmica.

No comando das principais campanhas presidenciais deste ano estão Robert Strauss (Carter), Willian Casey — após a demissão de John Sears e a manutenção do Senador Paul Laxalt numa "presidência" da campanha que é formalidade — (Reagan), Stephen Smith (Kennedy) e James Baker (George Bush) — chefes políticos de organizações que se amparam em especialistas, alguns dos quais já famosos.

Patrick Caddel, por exemplo, ganhou prestígio como o jovem (hoje com 33 anos) que há vários anos faz pesquisas de opinião para Carter e ajudou-o a chegar à Casa Branca em 1976. O publicitário Gerald Rafshoon assegurou Carter em 1976 e continua a opinar sobre a imagem que o Presidente deve transmitir de público e como consegui-la em diferentes momentos. De talentos mais amplos, como consultor-geral de campanha, um dos nomes mais conhecidos é o de David Garth, que atuou até na campanha de Luiz Herrera Campins para a Presidência da Venezuela, com sucesso, e estará cuidando de John Anderson este ano.

Embaixador de Israel dá a Sadat carta de Begin com explicações sobre o Sinai

Cairo — O Embaixador israelense no Cairo, Eliahu Ben Elissar, entregou uma carta ao Presidente Anwar Sadat, na qual o Primeiro-Ministro Menahem Begin esclarece sua declaração segundo a qual Israel não completará a retirada de seus soldados da península do Sinai até que o Egito concorde com que essa região seja supervisionada por uma força multinacional.

O Ministro das Relações Exteriores egípcio, Kamal Hassan Ali, disse que Sadat ficou satisfeito com a explicação e que "consideramos a questão resolvida"; acrescentou que o Egito e Israel estão cumprindo seus compromissos assumidos com a assinatura do tratado de paz no ano passado.

INTERESSE COMUM

Fontes do Governo do Cairo informaram que a reunião de Ben Elissar com Sadat durou 35 minutos; foram debatidas, principalmente, as negociações sobre a autonomia palestina, que estão suspensas, e a suposta declaração de Begin, que teria irritado o dirigente egípcio.

"Discutimos questões de interesse comum e entreguei ao Presidente Sadat uma mensagem pessoal de Begin", limitou-se a dizer Ben Elissar. O Embaixador voltou na quarta-feira de Jerusalém, onde estivera para consultas e pediu a reunião, a primeira com o Presidente Sadat desde que apresentou suas credenciais, a 26 de fevereiro último.

Ontem, o semanário **October** publicou um artigo escrito por Anis Mansur, considerado pessoa de confiança de Sadat, no qual afirma que o Egito está esperando uma iniciativa de Washington que permitirá a retomada das negociações sobre a autonomia palestina na próxima semana ou pouco depois. Por sua vez, o jornal semioficial egípcio **Al Ahram** qualificou de "estranha" a atitude de Begin exigindo que o supervisionamento do Sinai seja feito por uma força internacional. O jornal ressaltou que, em setembro do ano passado, Egito e Israel haviam concordado em adiar por um ano a solução do problema sobre a força multinacional no Sinai.

Israel já devolveu ao Egito dois terços do território da Península do Sinai, que ocupara na guerra de 1967. A próxima retirada israelense está marcada para abril de 1982, quando as tropas judaicas se deslocarão 80 quilômetros para Leste, em direção à fronteira internacional.

Em Washington informou-se que o Governo dos Estados Unidos está tratando de desestimular uma iniciativa da França para chegar a um acordo de paz no Oriente Médio, alegando que tal gestão pode pôr em perigo o que já foi conseguido até agora com aquele objetivo.

Os diferentes pontos-de-vista dos respectivos países foram abordados durante o encontro, sexta-feira, em Washington, do Ministro do Exterior Jean-François Poncet com o Secretário de Estado Edmund Muskie.

Poncet, depois da reunião, afirmou que a França considera que muito pouco foi conseguido até agora para se conseguir um acordo de paz amplo no Oriente Médio, conforme estabelecem os tratados de Camp David. A menos que se produza alguma ação decisiva, ressaltou Poncet, "a tendência ao radicalismo e a instabilidade em toda a região se transformarão em fonte de graves problemas para todos nós". O Governo da França defende a participação da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) nas negociações de paz.

Al Fatah reforça poderes de Arafat

Damasco — O Quarto Congresso do movimento Al Fatah, braço-armado da Organização para a Libertação da Palestina, reelegeu ontem Yasser Arafat presidente de seu Comitê Executivo, membro do novo Comitê Central e comandante do Al Assifa (literalmente, A Tempestade), corpo militar do movimento, que antes era dirigido por um colegiado.

Iniciado em Damasco há nove dias, o Congresso elegeu o mais numeroso Comitê Central até agora. Além de Arafat e dos outros nove membros do comitê anterior, todos reeleitos, foram indicados mais cinco dirigentes: Abu Kuelk; Majed Charar, encarregado de informações externas; Rafik Al Nachek, representante da OLP na Arábia Saudita; Hani Al Hassan, representante da OLP no Irã; e o Coronel Saad Wayel, chefe de operações militares da OLP.

Al Fatah é o mais importante de todos os grupos que formam a OLP, cujo presidente é também Arafat. O Comitê Executivo é a instância mais alta do movimento, e tem como encargo a direção da Al Fatah. O Comitê Central vem logo abaixo. E o Al Assifa, corpo militar, é formado por cerca de 20 mil **fedayins** (combatentes), comandados pelo General Abu Hualid.

Palestinos levam armas para a Faixa de Gaza

Mário Chimanovitch

Correspondente

Jerusalém — O movimento guerrilheiro palestino está promovendo o contrabando de armas, munições e explosivos para a Faixa de Gaza através da península do Sinai, informaram técnicos ligados à segurança do Estado de Israel.

As pessoas envolvidas na atividade de contrabando "recebem instruções e dinheiro no escritório da Al Fatah" (braço armado da Organização para a Libertação da Palestina — OLP), localizado na Rua Adlee, quase em frente à velha sinagoga do Cairo, acrescentaram os técnicos, que pediram para não ser identificados.

Os técnicos israelenses alegam também que os egípcios continuam "cometendo infrações sistemáticas" contra o que ficou estabelecido no acordo militar sobre o Sinai. E dão exemplos: estacionamento em determinadas áreas da península de brigadas em número superior ao estipulado; colocação de armamentos pesados — como tanques e peças de artilharia — em localidades onde a presença dessas armas é proibida.

Segundo os acordos de Camp David, os norte-americanos deveriam fornecer ao Egito e Israel fotografias do Sinai tiradas por seu serviço de reconhecimento aéreo, a fim de que possam ser controlados os movimentos de tropas. Israel, no entanto, deixou de receber esse material norte-americano. As dificuldades de Israel em conseguir informações detalhadas sobre o Sinai deverão aumentar ainda mais no futuro, quando as tropas judaicas devolverem ao Egito novas áreas do território ocupado.

Isso talvez explique a razão pela qual o Governo israelense, logo após a renúncia do Ministro da Defesa, Ezer Weizman, decidiu adotar uma atitude mais enérgica quanto à observância dos compromissos militares na península do Sinai.

Kalantari pode ser o "Premier" do Irã

Teerã — Mussa Kalantari, atual Ministro dos Transportes do Irã, é o candidato do Partido Republicano Islâmico ao cargo de Primeiro-Ministro, anunciou o líder do Partido, **ayatollah** Muhammad Behesht, em discurso na cidade de Sari, no Noroeste do país, reproduzido ontem pelo jornal **Bamdad**, de Teerã.

Ao mesmo tempo, a agência de notícias iraniana Pars revelou que o Presidente Bani Sadr, que pela Constituição é quem tem de designar o Primeiro-Ministro, para posterior aprovação de Khomeiny e nomeação do Parlamento, já escolheu o nome do chefe do futuro Gabinete, mas que não quis informar o nome.

Segundo o jornal **Bamdad**, Behesht definiu Kalantari como "um crente e um revolucionário", embora observadores o considerem um personagem pouco conhecido na vida política do Irã. Disseram que o anúncio do nome do Ministro confirma apenas a vontade de o Partido Republicano Islâmico pressionar o Presidente Bani Sadr a aceitar um de seus militantes no cargo de Primeiro-Ministro.

Sem dar detalhes, o jornal **The Tehran Times** divulgou ontem que o Irã não aceitou as condições das Nações Unidas para reiniciar o inquérito da comissão que investigou os crimes do regime do Xá. Apesar de o jornal ter noticiado que o enviado especial da ONU a Teerã, Adeeb Daoudy, se reuniu com o Presidente Bani Sadr para discutir o assunto, ele se recusou a confirmar ou desmentir a negativa.

Com a participação de mais de 100 delegações de Partidos políticos, sindicatos e organizações internacionais, representando cerca de 50 países, começará amanhã, em Teerã, uma conferência sobre os crimes dos Estados Unidos no Irã. Também foi convidada uma delegação norte-americana, que se encontra atualmente em Nova Iorque, e que sofre pressões do Governo de Carter para que não participe, disse o Secretário da Conferência, Ahmed Salamatian.

Tropas do Iraque voltaram a atacar ontem seis postos de fronteira do Irã, utilizando canhões e obuses, denunciou a agência de notícias iraniana Pars. O Chanceler Sadegh Ghotbzadeh reuniu-se durante quatro horas com o **ayatollah** Ruhollah Khomeiny para fazer um relatório sobre a situação na fronteira.

Os incidentes na área se repetem há quatro dias. Anteontem, foram lançados diversos **raids** no interior iraniano, com apoio de helicópteros, artilharia e aviões. O Governo de Teerã disse tratar-se da maior ofensiva desde o ano passado.

A Pars não deu maiores detalhes dos ataques de ontem. O primeiro teve como alvo, ainda de madrugada, o posto de Shoor-o-Shirin, em Salehabad, na província de Ilam, mas a guarnição iraniana o repeliu. Os atacantes eram forças de infantaria apoiadas por artilharia.

Arquivo

Há um ano, quando esteve em Bonn, Brejnev precisou ser amparado pelo Chanceler Gromyko e por Helmut Schmidt; hoje, sua saúde melhorou a tal ponto que pôde viajar sem sustos a Belgrado e Varsóvia

Brejnev pode ter sido tratado por curandeira

Craig Whitney

The New York Times

Moscou — Boatos insistentes que não podem ser confirmados afirmam que uma curandeira conterrânea de Stalin é a responsável pelo aparente milagre que transformou Leonid Brejnev, de 73 anos, na pessoa saudável e bem disposta que apareceu nos recentes encontros de líderes ocidentais e comunistas em Belgrado e Varsóvia.

A sensitiva é Dzhuna Davitashvili, uma ex-garçonete de Tbilisi, Capital da Geórgia soviética. Ela cobra 250 rublos (o equivalente a Cr$ 18 mil 750) por sessão e entre seus clientes figuram cineastas, expoentes do alto escalão político como o Ministro da Saúde, Boris Petrovsky, e o Ministro do Planejamento, Nikolai Baibakov, e até mesmo dissidentes do regime.

A Romaria

Na Capital da União Soviética reina o socialismo científico e a assistência médica é gratuita. Apesar disso, muitos cidadãos comuns e importantes estão fazendo fila para serem curados por Dzhuna. Ela cobra igualmente de todos e não faz distinção. "Para mim não existem pessoas boas e pessoas más, mas apenas pessoas sãs e pessoas doentes", explica a quem a procure.

Recentemente, ela esteve hospedada num apartamento em Moscou, quase transformado em centro de romaria. De volta a Tbilisi, levou uma longa lista de reservas para sua próxima visita, em julho, à Capital.

"Eu me preocupo com ela", afirmou um dos futuros clientes. "Se ela não pagar o imposto devido por seus rendimentos, vão proibi-la de curar". As autoridades soviéticas, que publicam regularmente artigos para convencer o público de que não existem coisas como discos-voadores, reconheceram oficialmente Dzhuna Davitashvili e seu "campo de força biológico".

O jornal oficial **Trud**, dedicado a temas científicos, publicou uma entrevista no dia 12 de março com Aleksandr Spirkin, que está pesquisando a bioenergia e documentou os poderes da senhorita Davitashvili e de outros sensitivos. "Há pouco tempo em Tbilisi", contou ele, "uma experiência de cura de uma úlcera de estômago foi realizada. Quinze minutos depois que as bandagens foram removidas, esta sensitiva secou a úlcera completamente. Nos cinco minutos seguintes, ficou evidenciada a formação de novas células sadias."

Ela afirmou que a cura por biocampos não é nova. Na Europa e América, muitos sensitivos dão auxílio terapêutico para milhares de pacientes todo dia com a supervisão de médicos.

As curas

Dzhuna tornou-se uma sensação. Ela foi trazida a Moscou por Otar Ioseliani, um produtor cinematográfico da Geórgia, e imediatamente aceita por pessoas insatisfeitas com os métodos tradicionais de cura. Os russos queixam-se, com freqüência, de que só conseguem tratamento em hospitais subornando enfermeiras e médicos, que os remédios prescritos não são encontrados nas farmácias e que os pacientes têm que esperar horas na fila para serem atendidos. Mas eles não reclamam das filas em frente ao prédio de apartamentos em que Dzhuna se hospeda.

"Ela olha para a gente e fala imediatamente se pode ou não nos ajudar. Algumas vezes diz que não é capaz de curar coisas complicadas como tumores cerebrais", comentou um paciente, escritor.

Outro, cineasta, foi a Dzhuna em busca de alívio para dores de cabeça crônicas. "Ela colocou os dedos nos meus olhos e pediu-me para fechá-los. Tive a impressão de que me movia lentamente para frente e para trás. Meus amigos disseram que eu estava me movendo furiosamente e quase batia no chão. Quando acabou, minhas dores passaram e não voltaram mais. Marcas de queimaduras ficaram no local em que seus dedos me tocaram".

Dzhuna é de origem assíria, descobriu seus poderes curativos por acaso, depois de trabalhar anos como garçonete de um restaurante em Tbilisi. Agora, segundo alguns de seus pacientes, uma clínica especial será construída para ela, como uma espécie de santuário para o misticismo que continua tão profundamente arraigado na alma russa.

Teerã vai ajudar rebeldes afegãos

Teerã e Washington — A iminente criação de uma comissão "para ajudar os combatentes afegãos" foi anunciada ontem, em Teerã, pelo Chanceler do Irã, Sadegh Ghotbzadeh. Em entrevista ao jornal do Presidente Bani Sadr, **Revolução Islâmica**, o Chanceler disse: "Decidimos que, se a União Soviética não anunciar um programa de retirada do Afeganistão, o Irã ajudará militarmente os combatentes muçulmanos."

Um funcionário do Governo dos Estados Unidos, que não quis ser identificado, deu a entender que Washington está ajudando militarmente os rebeldes afegãos. "Estamos tratando de ajudar de todas as formas que podemos. Não posso revelar quais são as formas", disse, comentando que os soviéticos não podem controlar nem o campo, nem as cidades, porque os rebeldes estão encontrando recursos e têm vontade de resistir.

O Irã não ofereceu ajuda militar aos combatentes ainda e o Paquistão, no entanto, fornece apoio civil e militar, justificou o Chanceler Ghotbzadeh, esclarecendo que a comissão será integrada por três pessoas, sendo uma representante dos rebeldes muçulmanos afegãos, e formulando o desejo de que se reúnam o mais rapidamente possível.

No Departamento de Estado norte-americano, um funcionário informou que o Secretário Edmund Muskie discutiu a situação do Afeganistão com o Chanceler da França, Jean François Poncet, e que ambos concordaram que "esta é uma ameaça importante aos interesses de segurança na Europa e uma ameaça potencial à paz do mundo".

Cabul, beco sem saída

Jean-François Le Munir

Agência France Presse

Islamabad — Cinco meses após a intervenção soviética no Afeganistão e a instalação do regime de Babrak Karmal, a situação em Cabul é hoje um beco sem saída político, militar e diplomático.

As manifestações estudantis na Capital afegã, as repetidas greves, rebeliões e distúrbios duramente reprimidos demonstram que o novo Governo não conseguiu criar um clima de confiança, nem conquistar a população para a causa da revolução.

Praticamente sem transportes públicos locais ou entre as províncias, o Afeganistão, que desde os anos 30 nunca tivera tumultos populares, vive atualmente em semi-estado de guerra, com sua população à espera de dias melhores.

Os soviéticos, que se instalaram no país com todo tipo de material bélico para apoiar ou substituir o Exército afegão, exausto e sem estímulo, se dedicam em geral a colaborar em situações imprevistas, cujos resultados são manifestamente inoperantes, e exceto nas cidades, onde impera a ordem soviética, a guerrilha se movimenta livremente pelo país.

Os helicópteros de ataque soviéticos usados em Cabul para dispersar manifestações são a arma favorita desta guerra, uma vez que os guerrilheiros não dispõem de armamentos capazes de derrubá-los.

Callagham teme envolvimento com URSS

Londres — O líder do Partido Trabalhista britânico e ex-Primeiro-Ministro, James Callagham, criticou energicamente o Governo conservador de Margaret Thatcher, qualificando-o de "catastrófico", e advertiu que "se não se chegar a um acordo a respeito do petróleo poderá envolvê-la num conflito direto", disse Callagham, acrescentando que durante sua recente visita a Pequim os dirigentes chineses lhe afirmaram que estão convencidos de que os soviéticos "procuram dominar o mundo" e que suas ações no Sudoeste e Sudeste da Ásia e na África "São uma tentativa de levar vantagem sobre a Europa".

Cuba quer reunir não alinhados

Havana — O Governo cubano pretende marcar para julho, em Havana, uma reunião de emergência dos Chanceleres dos países não alinhados, com o objetivo de procurar soluções para uma série de conflitos e focos de tensão que se agravaram nos últimos tempos. A informação partiu da agência de notícias Prensa Latina.

Cuba, que atualmente preside o movimento, está realizando consultas com outros países não alinhados para ver a conveniência desse encontro, que não se esgotaria apenas na discussão de problemas políticos, mas também econômicos, segundo porta-voz do Ministério de Relações Exteriores de Havana.

Coréia cria Conselho de Governo

Seul — Doze generais, dois almirantes e 10 civis integram a comissão consultiva, criada pelo Governo da Coréia do Sul, para assessorá-lo em questões de segurança, anunciou-se ontem na Capital sul-coreana. A comissão existirá enquanto estiver em vigor a lei marcial.

Também será criada uma comissão permanente, sob a presidência do General Chung Du-hwan e integrada por até 30 pessoas, como parte da Comissão Especial para Medidas de Segurança Nacional, segundo o porta-voz do Governo, Lee Kwang-pyo. Para os observadores, a comissão permanente é que governará de fato a Coréia do Sul.

Anúncio

"Com a finalidade de resolver a atual dificuldade no estado de lei marcial, surge a necessidade de se facilitar a cooperação entre o Gabinete e o Comando da Lei Marcial, e assim aumentar a eficiência dos projetos nacionais", justificou o porta-voz do Governo.

Ao mesmo tempo, comunicou-se oficialmente a morte de 170 pessoas e ferimentos em 380, nos nove dias de distúrbios em Kwangju, Capital da província de Cholla Nam. O relatório do Governo indicou a prisão de 1 mil 40 pessoas, após a retomada da cidade pelo Exército, e que, atualmente continuam sendo interrogadas 730. "Há indícios de que agentes norte-coreanos agravaram a situação", acusou o documento.

Tumulto eleitoral mata 17 na Índia

Nova Délhi — Pelo menos 17 pessoas morreram e mais de 100 ficaram feridas ontem em dois Estados indianos onde se realizaram eleições para as assembléias locais. Os incidentes mais graves ocorreram no Estado de Bihar, onde morreram 14 pessoas, e em Uttar Pradesh, onde morreram três. Em Bihar, ocorreram choques entre facções rivais e com a polícia, várias bombas explodiram em locais de votação e admite-se que o pleito foi prejudicado.

As mortes elevam para 35 o total de vítimas dos últimos três dias, dois dos quais de eleições nos Estados de Bihar, Uttar Pradesh, Madhya Pradesh, Ragasthan, Guzerat, Punjab, Tamil Nadu e Maharashtra Orissas. A participação eleitoral foi muito baixa e não passou de 40% em muitos lugares.

Há vários dias, o país está sendo palco de confrontos entre grupos políticos e étnicos. No Estado de Assam, induístas entram diariamente em choque com imigrantes bengalis muçulmanos procedentes de Bangladesh. Mais de 30 pessoas já morreram, segundo as autoridades de Assam, enquanto fontes extra-oficiais admitem 200 mortes.

SIP dá prêmio a "O Estado"

Miami — O jornal **O Estado de São Paulo** ganhou ontem o prêmio Pedro G. Beltran, da Associação Interamericana de Imprensa (SIP) por sua "prolongada defesa da liberdade de imprensa e dos jornais de todas as tendências políticas". Lourenço Dantas Mota, do mesmo jornal, recebeu um prêmio especial para artigos especiais e crônicas.

O Prêmio Pedro Joaquim Chamorro, em homenagem ao diretor do jornal **La Prensa**, de Manágua, assassinado durante o Governo de Anastásio Somoza, foi concedido ao jornalista chileno Emilio Filippi, diretor do seminário Hoy, por seu trabalho em favor da liberdade de imprensa. O prêmio Tom Wallace, para jornais, foi dado ao **Miami Herald**, por sua cobertura dos acontecimentos ano passado nas Antilhas e na América Central.

Carter e Papa disputam Nobel

Oslo, Noruega — O diretor do Instituto Nobel, Jacob Sverdrup, confirmou hoje que o Presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, e o Papa João Paulo II são candidatos ao Prêmio Nobel da Paz deste ano, assim como Rei Juan Carlos, da Espanha.

Sverdrup confirmou igualmente que o político e sociólogo sueco Alva Myrdal, que ganhou este ano o prêmio da paz Albert Einstein, entregue sexta-feira, se encontra entre os 66 indicados para o prêmio da paz.

Carter já fora candidato ano passado por seu papel nas negociações de paz entre Israel e Egito, e a indicação do Papa se deve a seus esforços para a reconciliação mundial, especialmente na Irlanda.

"Premier" japonês é internado e PLD já admite dividir Poder

Anilde Werneck

Correspondente

Tóquio — Pode ter sido coincidência, mas dois fatos ocorridos ontem deixam mais próxima a possibilidade de o Japão vir a ser governado, em breve, por uma coligação de Partidos, encerrando um período de 30 anos de administração exclusiva do Partido Liberal Democrata.

No início da madrugada, o Primeiro-Ministro Masayochi Ohira foi internado num hospital, com estafa, e, pela manhã, o secretário-geral do PLD, Yoshio Sakurauchi, admitia que o recurso para evitar a ascensão da esquerda ao Poder poderia ser uma aliança com o Partido Democrático Socialista, de linha conservadora.

PRESSÕES

O internamento do **Premier** que, segundo seus médicos, deve durar uma semana, no mínimo, está sendo considerado a mais séria ameaça aos esforços do PLD para manter sua maioria no Parlamento. Dizia-se ontem, nos meios políticos de Tóquio, que o afastamento de Ohira da campanha para as eleições do dia 22, mesmo por alguns dias, pode ter efeito mais negativo do que todos os fatores anteriores que faziam perigar a hegemonia dos conservadores: a corrupção na área oficial, a divisão interna no Partido situacionista e o crescimento da Oposição.

Com 70 anos, completados em março passado, o Primeiro-Ministro Masayoshi Ohira é um homem forte, de quem não se conhecem problemas mais sérios de saúde. Não bebe bebidas alcoólicas, não fuma e procura compensar a vida sedentária de ex-burocrata do Ministério das Finanças praticando exercícios físicos e jogando golfe, sempre que pode. Mas, desde que venceu as eleições internas para a presidência do PLD, em novembro de 1978, vem sendo submetido a um sério desgaste mental, especialmente em razão da pressão exercida pelas correntes adversárias dentro do Partido.

Praticamente, Ohira só tem a seu favor os seguidores de sua facção e os da do ex-Premier Kakuei Tanaka, mas todos os demais grupos do Partido situacionista vêm trabalhando para tirá-lo do Governo. A Oposição se torna cada vez mais organizada e têm conquistado pontos seguidos com uma campanha direta contra a corrupção oficial. E o **Premier** já nem pode contar com o apoio da opinião pública: as pesquisas mais recentes dão ao Gabinete o menor índice de popularidade já registrado no Japão.

Mas ele tem resistido além do que se esperava, justificando com seu comportamento bravo o apelido caricato de Touro. Só pareceu uma moção de desconfiança ao Governo. Ohira retirou-se abruptamente do plenário, parecendo enfurecido, e, quando falou à imprensa pouco depois, estava abatido. Contritamente, assumia a responsabilidade pelo fracasso. Mas novamente decidia continuar na briga, dissolvendo a Câmara dos Deputados, para enfrentar nova eleição geral, a segunda em sua gestão, em apenas oito meses.

Ma seus assessores atribuíam ontem sua estafa a um colapso físico. E lembravam que, neste mês de maio, o **Premier** viajará ao México, Estados Unidos, Canadá, Iugoslávia e Alemanha Ocidental. Voltou a Tóquio pouco antes da votação da moção de desconfiança, passou a enfrentar uma situação nova, planejou a realização das eleições gerais e, agora no fim do mês, recebeu o Primeiro-Ministro da China, Hua Guofeng.

Anteontem, Ohira iniciou a campanha do PLD para o Senado, discursando em frente à estação de Shinjuku, em Tóquio, e, depois, seguiu para mais quatro comícios em Yokohama. Seus assessores contam que, ao fim do dia, ele pediu para que cancelassem uma parada de automóveis, entre o penúltimo e o último local de comício. Preferiu que seu carro fizesse outro itinerário, à velocidade reduzida.

Ohira chegou à sua residência particular, no bairro de Setagaia, às 18h30m, e foi deixado descansando, pois, ontem, teria que viajar para a cidade de Kumamoto e, hoje, para Yamagata, em campanha de arrecadação de fundos para o PLD. Seu programa previa uma viagem à Osaca amanhã, para abrir a campanha para as eleições para a Câmara.

Mas, pouco antes da meia-noite, ele queixou-se à sua mulher de que não se sentia bem. Foram chamados seus dois médicos particulares e, à meia-noite e meia era levado em ambulância para o Hospital Toranomon, perto do edifício da Dieta. O primeiro boletim médico informou que o **Premier** estava com estafa e ligeira arritmia, mas sua pressão estava normal. Pela manhã, era iniciado um **check-up** que deve ser concluído amanhã. À noite, o hospital informava que ele passava bem e que mostrava um excelente apetite. No almoço, pediu e comeu melão de sobremesa.

CORRE-CORRE

O Chefe da Casa Civil, Masayoshi Ito, que passa a responder pelo Governo, disse ontem que não se sabe ainda quanto tempo Ohira ficará hospitalizado. Tudo vai depender dos resultados dos exames. Mas a direção do Partido se reuniu imediatamente para rever a programação da campanha eleitoral para o Senado e para a Câmara. Em princípio, ficou decidido que o secretário-geral Sakurauchi substituirá Ohira nos comícios marcados para os próximos dias.

Os ex-Primeiros-Ministros Takeo Fukuda e Takeo Miki já tinham sido acionados para participar da campanha, mas, mesmo assim, é crença geral em Tóquio, que a ausência de Ohira enfraquecerá os esforços do PLD para manter-se à tona, diante da mais séria investida oposicionista que teve de enfrentar. Ohira é excelente orador de palanque, e, nos comícios, esquece as estratégicas gagueira e vacilação que utiliza em entrevistas e no Parlamento. Em seu discurso de sexta-feira, em Shinjuku, convenceu uma grande multidão de que os Partidos oposicionistas só sabem criticar o Governo, mas não apresentam um plano concreto de administração.

Se já era difícil a situação do PLD — e de Ohira particularmente — esta estafa veio contribuir para agravar ainda mais as perspectivas para ambos. A não ser — o que não é improvável — que o eleitorado se comova com a doença do **Premier** e não debande para os candidatos de Oposição. No Japão, o internamento num hospital, num momento de crise, é panacéia **tiro-e-queda** para superar dificuldades políticas, jurídicas e policiais.

Londres pode intervir nas Novas Hébridas

Londres — Andrew Stewart, Ministro-residente britânico no arquipélago de Novas Hébridas, pediu à Grã-Bretanha e à França que intervenham na ilha de Espírito Santo, a mais importante do arquipélago, a fim de sufocar a rebelião apoiada por colonos franceses e negociantes norte-americanos, que se opõem à decisão britânica de conceder independência às Novas Hébridas, no próximo dia 30 de julho.

Os revoltosos, sob o comando de Jimmy Stevens, tentaram ontem sem êxito tomar mais uma ilha, a de Tanna. Pretendem assumir o controle da ilha, separá-la do resto do arquipélago, eliminar os impostos, criar cassinos e explorar outros setores. Por trás deles está uma fundação norte-americana — a Fenix — que agrupa os empresários americanos residentes em Novas Hébridas.

O arquipélago, onde vivem 17 mil habitantes, produz cacau e café. Nele vivem uns cinco mil colonos franceses, cerca de 500 ingleses e vários norte-americanos, mas o grosso da população é de origem melanésia. Há muita rivalidade entre os diversos grupos.

Amanhã, em Paris, o secretário do Ministério do Exterior francês, Jean Dijoud, irá se reunir com seu colega britânico Peter Blaker para estudar uma solução para o conflito.

Ministro salvadorenho pede renúncia em protesto contra repressão que fez 26 mortos

San Salvador — O Ministro do Comércio Exterior de El Salvador, Carlos Cordero, renunciou ontem ao cargo afirmando que não quer ser "cúmplice da repressão" que o Governo desencadeia atualmente contra a oposição de esquerda e que deixou um saldo de 26 mortos nas últimas 48 horas.

Pelo menos sete pessoas morreram em Jucuapa, no Sul do país, onde os guerrilheiros das Forças Populares de Libertação, envergando uniformes de campanha, realizaram um dos ataques mais audazes dos últimos anos. Eram cerca de 70 homens, atacaram a cidade, tiveram breve tiroteio com a guarnição local e exortaram a população a se juntar à insurreição popular.

RETALIAÇÃO

Quando saíram, chegaram à cidade homens armados em trajes civis, supostamente terroristas de direita, que tiraram à força dois professores primários de suas salas de aula, fuzilando-os em praça pública.

A renúncia do Ministro Carlos Cordero, 38 anos, é a quinta desde a instalação da Junta civil-militar de Governo em janeiro deste ano. Todos os que renunciaram alegaram o mesmo motivo: não queriam compactuar com a repressão.

Pelo menos 20 mil de um total de 50 mil trabalhadores filiados à Federação Sindical Nacional dos Trabalhadores Salvadorenhos entraram ontem em greve por tempo indefinido, em protesto contra a repressão. É o mais numeroso e forte agrupamento trabalhista do país.

Donat Cattin renuncia após escândalo na Itália

Roma — O vice-secretário da Democracia Cristã italiana, Carlo Donat Cattin, renunciou ontem às suas funções depois de um debate de oito horas, no Congresso de Roma, em que uma Comissão Parlamentar de Inquérito decidiu por 11 votos contra nove arquivar o caso criado pela fuga de seu filho, o terrorista Marco Donat Cattin, que teria sido favorecida por uma indiscrição do Primeiro-Ministro Francesco Cossiga.

Até mesmo o secretário-geral do Partido Socialista Italiano (PSI), Bettino Craxi, que era um dos poucos e mais ardorosos defensores do Senador Donat Cattin, pedir ontem, numa entrevista a **Il Messagero** suas saída da direção democrata-cristã. A renúncia pode evitar que o escândalo repercuta no resultado das eleições administrativas de 8 de junho próximo, prejudicando a DC e seus aliados.

ALIADO DO PC

Donat Cattin, de 60 anos, começou a carreira política em Turim, numa das correntes de esquerda da Democracia Cristã, ligada ao movimento sindical do Partido, e nos primeiros anos de militância foi muitas vezes aliado do Partido Comunista.

Progressivamente evoluiu para posição rigidamente anticomunistas, culminando no último Congresso da DC, quando tornou-se líder da ala mais intransigentemente adversária de qualquer tipo de concessão ou acordo com Enrico Berlinguer. Ele é considerado o principal mentor do documento — o preâmbulo à resolução do Congresso, que reitera a posição anticomunista da DC — motivo pelo qual passou a ser chado "Líder dos preambulistas".

Nascido em Finale Ligure a 25 de junho de 1919, foi deputado durante cinco legislaturas, de 1958 até 1979. Nas últimas eleições do ano passado, foi eleito senador e deputado, mas optou pelo último cargo. Além de dirigente sindical e administrador local, em Turim, fez várias vezes parte do Governo: Ministro do Trabalho (1969-72), da Indústria (74-78), Subsecretário de Participações Estatais no Governo de Aldo Moro (63-68).

Zaccagnini o nomeou subsecretário no final de 1978, em lugar de Galloni, que fora eleito presidente da bancada democrata cristã na Câmara dos Deputados e foi confirmado como único subsecretário em março deste ano.

Votação foi dura batalha parlamentar

Araújo Netto
Correspondente

Roma — A votação da comissão não significa que o caso Marco Donat Cattin se encerrou. A maioria de 11 contra nove não é suficiente para determinar o arquivamento. Tornou-se, portanto, inútil, o esforço de parlamentares democratas-cristãos, socialistas e do presidente social-democrata da comissão de inquérito, na esperança de considerar sem fundamento as suspeitas que recaem sobre o comportamento do Chefe de Governo, Francesco Cossiga.

Os nove votos da maioria, integrada por seis comunistas, um independente de esquerda, um radical e um neofascista, asseguram a reabertura das investigações que podem transformar o Chefe do Governo em acusado de "crime de favorecimento". Acusação que pode determinar a sua demissão depois das eleições de 8 de junho.

Investigações

Para reabrir estas investigações, a minoria de ontem precisaria recolher — o que não é difícil — 315 assinaturas de parlamentares da Câmara e do Senado. Somente os comunistas, os independentes de esquerda, os radicais e democratas proletários, alguns dos Partidos que defendem o mais completo esclarecimento das dúvidas sobre o comportamento do Chefe do Governo, através de suas bancadas asseguram a este requeirmento 327 assinaturas.

Antes mesmo de concluir-se, a reunião da comissão permanente de inquérito já era considerada uma das mais "duras batalhas parlamentares da história republicana".

Num dos intervalos da longa reunião, o Deputado Franco Franchi, representante do Partido neofascista Movimento Social Italiano (MSI), depois de um discurso em que considerou terrivelmente suspeita e embaraçosa a posição do Chefe do Governo no escândalo, disse: "Penso que Cossiga não esperará o anúncio da coleta de assinaturas para o requerimento que 315 parlamentares das duas Casas devem apresentar para prosseguir a investigação".

Ele explicou que pensa assim "porque é certo que Cossiga se demitirá logo depois das eleições. O debate na comissão de inquérito fez emergir suas pesadas responsabilidades, muito maiores do que as de Donat Cattin, que tinha um motivo humano para o seu comportamento. A opinião pública neste momento mantém uma dúvida intolerável, sobre o Chefe do Governo, responsável pela segurança do Estado, que por motivos partidários ou pessoais favorece um terrorista, Marco Donat Cattin".

Falando em Nápoles, num comício eleitoral, o secretário do Partido Comunista Italiano, Enrico Berlinguer, alinhou o segundo Partido nacional às posições mais intransigentes e rigorosas defendidas desde o início do caso por um considerável números de líderes e forças políticas.

"Nós não consentiremos", disse Berlinguer, "em nome dos comunistas, que esse caso seja arquivado por decisão de uma limitada maioria da comissão de inquérito. Afirmamos que o Parlamento deverá fazer plena luz. Com esta finalidade, já convocamos para segunda-feira a direção do Partido e os líderes das bancadas parlamentares para tomar a mais oportuna das decisões. Para demonstrar seriamente que se possui o senso do Estado, e para inspirar confiança nas instituições, pedimos que se proceda uma separação clara entre a esfera pública e aquela privada, entre os interesses da coletividade nacional e os interesses de família."

Posição quase idêntica à dos comunistas, radicais, democratas proletários neofascistas foi assumida ontem pelo Secretário do pequeno Partido Liberal, Valério Zaone. "Um arquivamento apressado desse caso tão clamoroso quanto excepcional não corresponde a nenhum interesse legítimo. Muito menos àqueles do Presidente do Conselho de Ministros, Francesco Cossiga. Mas sobretudo não corresponde ao interesse das instituições. A oito dias das eleições administrativas, um clima de suspeitas, ameaças e talvez chantagens e vinganças dentro dos Partidos obscurece a política italiana e enfraquece a força do Estado na luta contra o terrorismo", afirmou o Secretário do Partido Liberal.

A primeira e inocente vítima do escândalo da fuga do terrorista filho do vice-secretário da Democracia Cristã foi o jornalista Antônio Ghirell, secretário de Imprensa do Presidente da República, Sandro Pertini. Ontem à tarde anuciou-se o afastamento de Ghirelli, amigo pessoal e devotado do Presidente, das funções que há dois anos vinha exercendo.

Isto porque, em Barcelona, acompanhando o Presidente Pertini na visita que fez à Espanha, a Secretaria de Imprensa, chefiada por Ghirelli, divulgou um comentário que o Presidente não fizera sobre o caso. Opinião que o Presidente Pertini, mais tarde, desmentiria através de outro comunicado da própria Secretaria de Imprensa. Ghirelli assumiu toda a responsabilidade pelo erro.

La Paz/UPI

Siles Zuazo, ameaçado pelos vetos militares, fez greve de fome de um dia

Militares bolivianos propõem democracia sem os políticos

La Paz — Com as Forças Armadas bolivianas em regime de prontidão e sob rumores de um novo golpe de Estado, o Comandante do Exército, General Luís García Meza, disse ontem que os militares defendem um novo tipo de eleições, às quais se candidatariam "cidadãos partidários de encaminhar o país a uma democracia de novo estilo", sem a participação dos atuais líderes políticos.

La Paz foi acordada ontem por bombas. Várias explosões danificaram prédios públicos e a Embaixada da Argentina, enquanto se noticiava que o serviço secreto do Exército havia prendido cinco jovens cubanos e duas bolivianas, "quando tentavam colocar explosivos no Arsenal de Guerra". O Comandante do Exército fez ontem visitas às guarnições de Cochabamba e Santa Cruz de la Sierra.

O país vive um clima de tensão muito semelhante ao que antecedeu a longa lista de golpes militares desfechados na Bolívia. Mas um comentarista político com importantes fontes nos quartéis disse que, desta vez, há mais insegurança entre os militares quanto a um novo plano golpista, devido à resistência popular de novembro de 1979, que fez frustrar o regime (instalado por golpe) do Coronel Alberto Natusch Busch.

O Comitê Nacional de Defesa da Democracia (Conade), entidade formada por partidos políticos, grupos estudantis, religiosos e sindicais, tendo à frente a poderosa Central Operária Boliviana (COB), já instruiu o povo, através de jornais, para que reaja com uma greve geral a qualquer nova tentativa de quebrar a normalidade.

Dois fatos contribuíram, ontem, para aliviar os rumores de golpe. O Supremo Tribunal Eleitoral comprometeu-se a servir de mediador entre quartéis e sindicatos, visando assegurar a realização das eleições de junho. E o ex-Presidente da República e candidato da Unidade Democrática e Popular (UDP) — frente de esquerda moderada — Hernán Siles Zuazo suspendeu ontem uma greve de fome iniciada na véspera para protestar contra as ameaças que pairam sobre as eleições.

Siles Zuazo é, segundo se diz, um dos políticos visados pelo General García Meza, em sua exortação a um novo tipo de eliçóes que vete a participação dos líderes atuais. Os outros são o ex-Vice-Presidente Victor Paz Estenssoro, também candidato por uma frente de centro-direita comandada pelo Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR); o líder da COB, Juan Lechín, que anteontem retirou sua candidatura; e o Senador e ex-Presidente Walter Guevara Arze, derrubado no ano passado pelo Coronel Natusch Busch.

Segundo observadores, o chamado General García implica vetos a todas essas candidaturas por parte da ala mais conservadora nas Forças Armadas.

Aproximação dos EUA com a Argentina leva Derian a ameaçar deixar o Governo

Norva Iorque — A Subsecretária de Estado para os Direitos Humanos, Patricia Derian, declarou-se disposta a renunciar ao cargo em virtude de divergências com a nova política oficial de Washington em relação à Argentina, informou ontem The New York Times. "A menos que as coisas mudem, provavelmente renunciarei nos próximos dias", disse a funcionária.

Principal responsável pela aplicação da política de direitos humanos do Governo Carter, Patricia Derian e seu marido, o ex-prota-voz do Departamento de Estado, Hodding Carter, estavam de férias quando o Governo decidiu normalizar gradualmente as relações com Buenos Aires.

TARDE DEMAIS

Mesmo com a nomeação do liberal Edmund Muskie para o cargo de Secretário de Estado, Patricia Derian disse que não mudará de opinião. Reconheceu que "provavelmente é tarde demais para que voltem atrás e se não o fizerem, vou sair e não vou dizer que será por motivos pessoais".

A decisão norte-americana de atenuar críticas ao regime militar argentino teve como marco a postura do Governo Videla em recusar-se a aderir ao boicote de cerais à União Soviética, determinado pelos Estados Unidos, numa represália à intervenção no Afeganistão.

Os principais assessores de Carter, entre eles o professor Zbigniew Brzezinski, funcionários da CIA e do Pentágono reuniram-se recentemente na Casa Branca e prevaleceu a opinião de Brzezinski, a favor da normalização das relações com a Argentina. Para que isto aconteça, Washington terá, em contrapartida, de sacrificar sua política de direitos humanos, conforme exigência do próprio Videla.

Perguntada sobre o que considera sua maior contribuição desde 1977, quando assumiu o cargo, Patricia Derian não hesitou: "Dezenas de milhares de pessoas hoje caminham livremente pelas ruas, em todo mundo, devido à nossa política de direitos humanos".

CRÍTICAS E VIAGEM

Em Buenos Aires, ontem, no mesmo dia em que o General Jorge Videla iniciou sua viagem à China, passado a Chefia de Estado temporariamente ao Ministro do Interior, General Albano Harguindeguy, os três grupos políticos mais importantes do país assinaram um documento conjunto de conteúdo crítico às realizações econômicas do regime militar.

O documento foi emitido pelo Partido Justicialista (peronista), pela União Cívica Radical, de Ricardo Balbín, e pelo Movimento de Integração e Desenvolvimento (frondizista). Os três grupos criticam a política econômica do Ministro José Alfredo Martínez de Hoz e exigem a adoção de novo programa. Pediram, também, a libertação da ex-Presidenta Maria Estela de Perón.

Aprista exige renovação da liderança partidária

Lima — O ex-candidato à Vice-Presidência do Peru, Andrés Townsend, exigiu ontem a realização de eleições para renovar o colegiado que dirige o Partido Aprista Peruano, além de um amplo debate interno para examinar as causas da derrota no pleito presidencial de 18 de maio. Townsend quer, na verdade, a destituição do principal dirigente aprista, Armando Villanueva, candidato à Presidência derrotado por Belaúnde Terry.

O atual colegiado, de nove membros, é francamente **armandista**, ou seja de posições mais à esquerda do que as defendidas pelo grupo de Townsend. Novas divergências separam os dois líderes apristas: Villanueva, derrotado nas urnas, foi contrário à participação do PAP no Governo nacional proposto por Belaúnde. Townsend é favorável.

Na estrada que leva para Aracoiaba, crianças ajudam suas mães a transportar madeira

Em Quixeló, perto do açude de Orós, o transporte é feito em jegues, em terras ressequidas

Seca verde prenuncia desespero daqui a 4 meses no Nordeste

Reportagem de Sergio Fleury (texto) e Cynthia Brito (fotos)

Mais uma vez se repete no Nordeste o problema da seca, e mais uma vez as pessoas imaginam, de longe, que toda a vegetação já está seca, estorricada, o gado morrendo de sede, a população com fome. Ao contrário, ainda se pode ver muito verde, particularmente no Ceará, onde os açudes estão cheios, o gado comendo e bebendo. Apenas uma coisa é certa: a população rural continua com fome porque o inverno (chuvas) não foi suficiente para fazer vingar as plantações de milho, feijão e arroz, a alimentação básica daqueles que só plantam para comer.

Os que conseguiram colher alguma coisa calculam que no máximo até setembro tudo já terá acabado, justamente no tempo em que começa o verão, a época em que a terra seca. E o período sem água para o gado e para a população. Para quem não teve nada para guardar e comer, o remédio que não cura, mas alivia **é o dinheiro da emergência, um salário mensal de apenas Cr$ 2 mil 480 que deverá ser pago para 600 mil trabalhadores rurais cearenses. A fome existe na seca e fora dela, no inverno e no verão: agora ainda é a chamada** seca verde, **mas daqui a quatro meses será o desespero para todo o Nordeste. O que se repete de ano para ano.**

De Fortaleza a Assaré, 577 km de aflição

Quem viajar agora pelas estradas cearenses verá ainda muito verde, muito açude cheio, chuva pouca em alguns locais, uma **neblina** (chuva miúda) pela madrugada, mas verá também as plantações de milho, feijão, arroz e algodão praticamente secas, perdidas, para o desespero de no mínimo 600 mil trabalhadores rurais que dependem dessas colheitas não só para viver agora, meses do inverno nordestino, mas para sobreviver ao verão que começa a partir de setembro, quando tudo seca e estorrica.

Partindo de Fortaleza, a primeira grande cidade, talvez a mais conhecida, é Quixadá, a 160 km de distância, com 35 mil habitantes na zona urbana, local onde foi construído o Açude do Cedro com uma capacidade de 128 milhões 163 mil metros cúbicos de água. Obra iniciada no século passado pelos escravos (1890) só foi concluída 16 anos depois, a primeira grande iniciativa para resolver o problema da seca de 1877 que deixou muitos estragos.

Jegues com talhas

E é na beira desse açude que vivem atualmente milhares de rendeiros que, em troca de uma pequena taxa paga anualmente à Prefeitura, têm direito de plantar e pescar enquanto o açude não recuar com a seca. Mas o **Cedro** resolve parcialmente o problema daqueles que moram em suas margens e não há muitos cedros interior adentro.

Saindo por estrada de terra de Quixadá para o interior do município não é preciso ir muito longe para ver os estragos com a perda das plantações de subsistência. No caminho as imagens se repetem: jegues com as talhas de água sobre o lombo e puxados por crianças que evitam, por medo, qualquer aproximação com estranhos. Esta água é para beber e fazer comida, uma apanha diária de às vezes até 4 km de distância.

Nas plantações perdidas, os agricultores, donos de terras geralmente herdadas de pais e avós, sofrem o mesmo problema daqueles sem terrenos. Muitas vezes não têm ajuda em forma de financiamento, a não ser na época das secas quando também são obrigados a receber o auxílio de emergência (salário mensal este ano de Cr$ 2 mil 480 a ser pago a fundo perdido pelo Governo federal).

Pouco salvou

A 40 km de Quixadá, na localidade de São Bernardo, há uma dessas propriedades. Francisco Rodrigues Sobrinho, 58 anos, herdou 26 hectares de seu pai e depois comprou mais alguns. Atualmente tem duas propriedades registradas independentemente no INCRA, mas nesta seca perdeu tudo, pouco salvou.

Ele trabalha com a mulher Francisca, 54 anos, e mais sete filhos, três dos quais já estão inscritos, como ele, no Plano de Emergência. O casal não sabe ler e os filhos apenas escrevem os nomes. Galinhas já desistiu de criar porque "morrem sempre de doença e as vacinas são caras e longe de se comprar". O jegue em que pega água ele ganhou numa troca depois de um ano de inverno bom. Como vai receber o dinheiro da emergência, já começou semana passada a trabalhar no seu terreno, preparando a terra para enfrentar o verão e começar tudo de novo com a chegada do próximo inverno que ele espera ser melhor. Nos anos anteriores sempre pensou também a mesma coisa.

Já enfrentou várias secas, nunca viu uma cidade grande, e acha que se não fosse o **papai governo** já tinha morrido há muito tempo. "**Há um pai no céu que é Deus e um pai na terra, que é o Governo". E agradece a presença das autoridades ali, confundindo, depois de muita conversa e muita informação, a reportagem, que lhe fazia perguntas, com fiscais do Governo.**

No Rio quase seco

Mais para o Centro-Sul, passando pelas cidades de Quixeramobim, Mombaça e Acopiara, chega-se a Iguatu, onde a situação é a mesma dos 130 municípios cearenses (são 141) que estão sob regime de emergência. Cidade com 30 mil habitantes, fica às margens do Rio Jaguaribe que passa por dentro de seu centro, agora com a seca está com o seu leito à mostra. Água é pouca.

E é nessa pouca água que a população urbana mais pobre, a que também plantou milho, feijão e arroz em terrenos próximos da cidade, tentará fazer outras plantações. Agora, naquela água empoçada, a plantação é só de arroz. Para isso é necessário cercar primeiro a área do plantio para evitar que os jegues e o gado comam tudo.

Depois é tempo de, como Francisco Borges do Nascimento, um homem doente de 70 anos de idade e que não foi ao médico "que custa caro e nem há dinheiro para o tratamento". Aposentado do Funrural com uma pensão mensal de Cr$ 1 mil 434, recebe a ajuda dos filhos e noras. Maria de Fátima Soares é uma das noras que aos 22 anos, grávida, ajuda a plantar e a lavar roupa da família nas águas que ainda resistem do rio Jaguaribe. Daqui a 90 dias "vai dar um arrozinho para encher mais a barriga".

Remédio que não cura

A apenas 17 km de Iguatu, na direção da região dos Inhamuns, há um contraste ao longo da antiga estrada do algodão: devido às chuvas da madrugada que "só servem para atrapalhar", há muito-lama; de um lado vê-se o gado comendo água-pé, uma folhagem que dá muito nas pequenas aguadas; do outro lado, sem irrigação, as plantações de feijão, milho e algodão estão perdidas.

Na primeira cidade que aparece, Jucás, a 38 km de Iguatu, uma cena que se vem tornando comum aos 130 municípios cearenses sob regime de emergência: diante do posto do Gescap (Grupo Especial de Socorro às Calamidades Públicas), alistamento de trabalhadores rurais para receber salário mensal de Cr$ 2 mil 480 (salário-referência) até que seja decretado o fim da emergência. A do ano passado, também com seca, foi suspensa agora em janeiro.

Pela atual emergência, todo dono de terra com até 100 hectares tem direito a registrar, para efeito do recebimento do salário, três de seus trabalhadores. Como 100 hectares é pouco, esses agricultores, que, na maioria, herdaram as terras de seus pais, são os primeiros a se inscrever, o fazendo mesmo com mais dois parentes (geralmente seus filhos). No ano passado o alistamento foi de até cinco trabalhadores por propriedade, o que deve ser repetido agora, também. Caso isso não ocorra muitos trabalhadores rurais ficarão sem assistência, sem condições até de comer. As consequências dessa situação são imprevisíveis.

Para os próprios trabalhadores rurais, o pagamento da emergência "é um remédio que não cura, só alivia".

Cidade-fantasma

Perto de Jucás está a cidadezinha de Carius, e, a partir daí, a estrada piora, vira um caminho cheio de buracos, estreito, com vegetação local ainda bem verde, quase fechando a passagem dos veículos que se aventuram pela região na direção que vai dar em Terezina, no Piauí. Nas margens, alguns povoados, sítios com moradores que resistem aos problemas da perda da plantação, alguns até mesmo sem esperança de conseguir algum amigo, dono de terras, que possa inscrevê-lo na emergência. Sobre o verão, a partir de setembro, quando tudo seca, eles nada comentam: rezam.

Saboeiro é uma dessas pequenas cidades, a 100km de Iguatu, 517km de Fortaleza. Com menos de 1 mil habitantes, ao meio-dia parece uma cidade-fantasma. Há pouca gente nas ruas. Na Rua do Mercado se localiza a escola que funciona na antiga capela de Sant'Ana, construída por Ananias Arruda, na casa onde, em 1895, nasceu sua mãe. Do lado de fora se ouve a aula do bê-a-bá. "Agora, uma palavra com a sílaba se", pede a professora. E todos os alunos respondem: "Seca."

Pior fica

No único "restaurante" local, o da maranhense Lindenalva, come-se uma comida boa, temperada, de bom paladar. E da morena de farto sorriso, simpática, ouve-se a história do marido Aurélio, de 35 anos, que desde a madrugada está na prisão "curtindo uma ressaca por ter arranjado uma briga e tentado matar, a faca, um outro morador". Ele é motorista, não consegue emprego, "**dá de beber no desespero**" e aborrece a mulher Lindenalva que tem de trabalhar para sustentar as três filhas e "ainda mais uma que já está no bucho".

E 60 km adiante de Saboeiro, "**quanto mais se anda, pior fica**": chega-se à cidade de Assaré. A mesma paisagem, os mesmos problemas, a mesma incerteza, o mesmo desespero de Ilda Modesto da Cruz, 32 anos, que tinha sete filhos, mas agora só tem cinco, pois dois morreram de fome: um tinha quatro meses e só tomava maisena com açúcar; o outro, de três anos, era enfraquecido, não resistiu.

— E eles não morreram na seca, não; morreram no tempo bom, quando por aqui também falta comida que alimenta.

Na casa de taipa, um jantar só de feijão

Ilda Modesto da Cruz, 32 anos, mora com o marido Nilton, 37, e com os cinco filhos pequenos em uma casa de **taipa** na cidade cearense de Assaré, a 557 Km de Fortaleza. Às 18h da última segunda-feira, quando se prparava para dar apenas feijão para o jantar dos filhos, confessou que até aquela hora eles só tinham comido uma banana, algumas macaúbas (fruta), pão e uns picolés. Ela e o marido, apenas café e pão, nada mais.

Juntos há 10 anos, tomam conta das terras de Totonho Augusto, casado com Altamira Rolim, da Paraíba, que tem "mais de 200 gados de leite e **solteiros** (bois)", mas que só lhes permite tomar um litro de leite por dia quando os animais estão por perto. Eles não sabem ler nem escrever o nome, e por isso "deram" a filha mais velha Francinete, de 16 anos, para a irmã do patrão, que a levou para estudar em São Paulo.

SÓ QUANDO DÁ

A casa de Ilda e Nilton fica na Serra da Ema, perto da cidade, onde se podem ver grandes plantações de milho secas, perdidas. Eles tiraram pouco feijão e milho, nada de algodão, para vender. Eles têm, também, algumas "cabeças de criação" (bodes e ovelhas), mas só vão matar quando vier o verão, a partir de setembro, quando acabar o que plantaram.

A alimentação básica é feijão e milho, o ano todo, pois carne custa caro: a de gado, Cr$ 120; a de criação, Cr$ 80 o quilo, incluindo a de porco. COm o feijão eles fazem uma espécie de sopa, "mas só para quem sabe"; e com o milho fazem o **mucunzá**, depois de pilado e cozido junto com o feijão, resultando uma espécie de bolo de pão.

Água eles arranjaram em botijões chamados canecas e que são carregados por **jegues** nos açudes, aguadas ou cacimbas mais próximas. Por enquanto ainda á água nesses locais, mas a partir de setembro a Prefeitura de Assaré é obrigada a distribuí-la em carros-pipas. Na seca do ano passado algumas crianças pediam esmolas para comprar refrigerantes, única maneira de beber algum líquido. Atualmente uma Coca-Cola custa Cr$ 10.

NÃO PAGA, MAS AJUDA

Para tomar conta das terras do patrão, eles não recebem nada, nem um salário mínimo porque podem plantar e colher e ainda tomar um litro de leite. Segunda-feira, Nilton Neves da Cruz passou o dia inteiro fora de casa, no Centro de Assaré, pedindo esmolas na feira, não para ele, mas para um vizinho que esta doente e que "deverá morrer qualquer hora dessas". O dinheiro era para comprar remédio,"não para o médico que já desenganou ele".

Ao falar da sua vida, Ilda vai do riso ao choro: ri quando brinca com os dois filhos montados em um jegue posando para as fotografias; chora quando se lembra que já teve outros dois filhos que morreram de fome. Uma, tinha apenas quatro meses quando morreu e só tomava **mingau de escoteiro,** maisena com açúcar; a outra tinha três anos,"mas era muito enfraquecida desde nascida".

Além de Francinete, 16 anos, que está fora, Ilda ainda tem Vilma, 11 anos; **Toinho,** 10; Paulo, 7; Maria, 6; e Ambrósio, 4 anos. Nenhum estuda, todos ajudam a mãe na **casa** de apenas três cômodos: um na frente, um no meio e a cozinha dos fundos.

NÃO FUMA, NÃO BEBE

Quando fala da filha que estuda em São Paulo, ela chora outra vez porque na última vez que a viu, um mês atrás, Francinete prometeu tirar os pais e os irmãos dali quando acabar seus estudos. Mas ela ainda está no terceiro ano.

Ilda, Nilton e as crianças dormem cedo, no máximo 19h30m, porque não há energia elétrica em casa. E acordam cedo para lidar com a lavoura, com os animais. Nasceram em Assaré, tentaram a vida no Maranhão e voltaram porque todo lugar é igual: "E não adianta ter homem em casa. O Nilton não joga, não fuma, não bebe, procura trabalho e não acha. E foi o patrão quem criou ele: imagina se a gente não tem essa ajuda."

Pescaria no açude rende uns peixinhos

Como choveu bastante em fevereiro e março, os açudes cearenses ainda estão cheios. O do Tronco está localizado perto da cidade de Capistrano, a 73km de Quixadá, e é dele que se alimenta, de 15 em 15 dias, a família de Antônio Moura da Silva; a mulher, o filho de 18 anos e a filha de 10. "Peixe mesmo não dá para pescar, mas aparecem umas piabas, umas cumatás, uns acarás."

Caniço na mão, uma latinha amarrada no pescoço, cheia de **tintim** (isca apanhada com um pano, uma espécie de camarão), Antônio, sua mulher Maria Lúcia, a filha Maria Aurilene e uma vizinha entram de roupa dentro do açude, até um pouco acima da cintura, e com mais de uma hora de pesca, conseguem apanhar uma porção, que depois de frita dará para engrossar as refeições durante alguns dias.

SÓ COISA MIÚDA

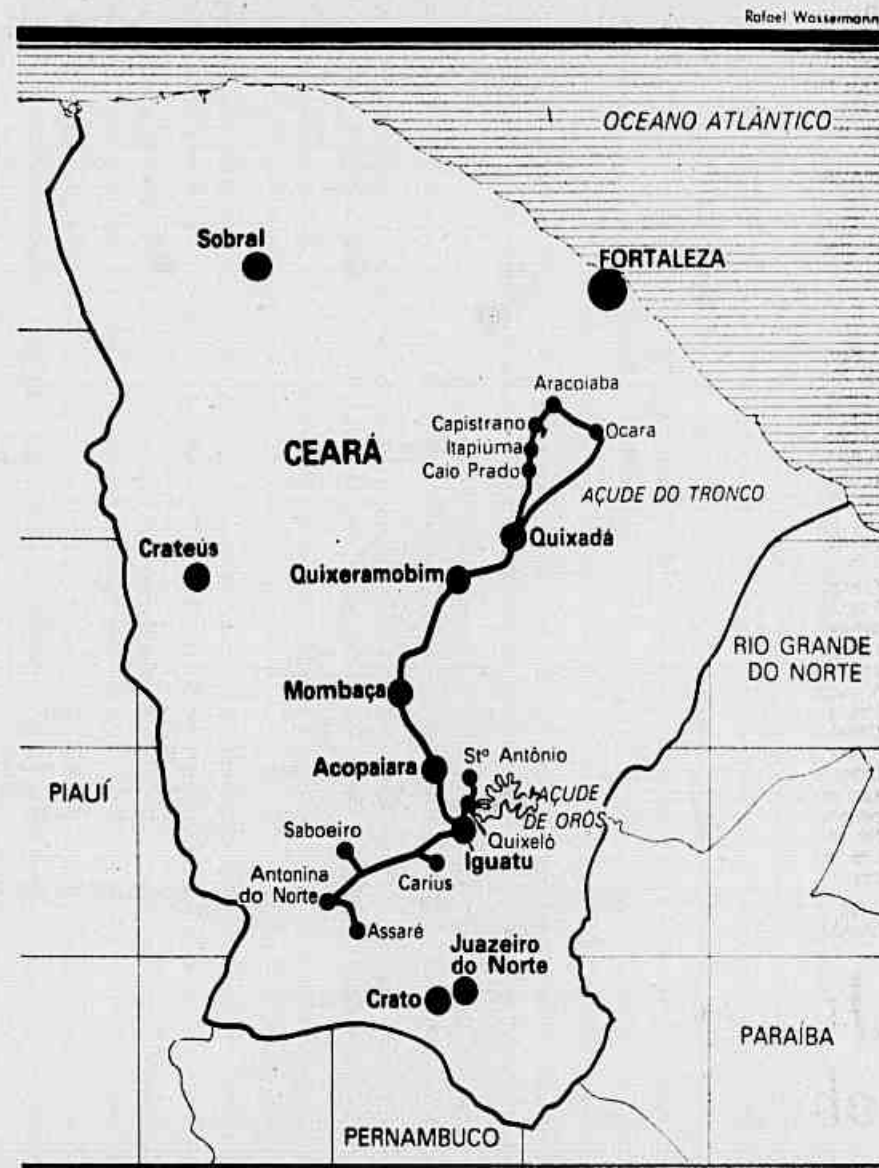
Desconfiados, retraídos, temerosos até de prestar informações sobre o modo de viver e suas dificuldades, Antônio e Maria contam que nasceram em Capistrano, ele agora com 40 anos, dois anos mais moço do que ela. O pai era da Paraíba, mas foi ali que comprou uma casinha deixada depois de herança.

Como não tem terreno, ele planta no dos outros e este ano só tirou 18 quilos de feijão, daí a necessidade de pescar aqueles peixinhos que no máximo chegam a 10 centímetros de comprimento. Para ajudar a família, o filho João fica em Capistrano percorrendo a cidade com o seu jumento e vendendo água do Açude de Salgado, a Cr$ 8 a talha.

Na beira do Açude do Tronco, onde sempre pescam, há muitos caramujos, mas Antônio não sabe explicar se ali já houve algum caso de esquitossomose. Ele acha que "não dá doença porque muita gente pesca e não tem notícia de alguma queixa".

ESTÁ NO ALFABETO

Também desconfiada, Maria Aurilene evita as respostas e sobre a escola diz apenas que "está no alfabeto". Seus pais confessam que não sabem ler e ficam envergonhados diante da filha que aos 10 anos está aprendendo: "O nosso filho João sabe um pouco, mas de nada adiantou. Só se sair daqui para as cidades grandes e deixar de nos ajudar."

A partir de setembro o Açude do Tronco recua bastante e não dá mais para pescar nem os acarás de hoje em dia. A esperança de Antônio Moura da Silva de que até lá permitam pescar no Açude de Salgado, bem maior, o que é proibido atualmente porque "botaram lá uns peixes para criar".

Este é o itinerário de 577 km percorrido pelos repórteres no Ceará

Rio Choró fica seco até o "inverno"

Caio Prado é uma pequena vila, não mais de 1 mil habitantes, às margens do rio Choró, atualmente um imenso areal. No dia 6 de março o rio encheu depois de uma chuva, a última deste ano, e quatro dias depois já estava seco de novo, como agora. E assim vai ficar até o próximo **inverno.**

Partindo de Quixadá, a 160 km de Fortaleza, chega-se a Vila Caio Prado por uma estrada de terra, mais 49km adentro. Na paisagem, os postes da energia de Paulo Afonso, a vegetação típica da região, os **teteus** (gavião), garças e **carcarás** junto aos açudes cheios nas chuvas de fevereiro, mas que começam a se esvaziar rapidamente. Ainda há muito verde, mas apenas da vegetação resistente que serve como alimento aos animais.

"É lá atrás"

Para os moradores restou a tristeza de um inverno ruim e a certeza de um verão (agosto a janeiro) pior ainda. Nas três ruas da vila as casas da mesma arquitetura simples: um cômodo na frente servindo como "sala", que pode guardar tanto uma bicicleta como sacas de aniagem; depois o cômodo que serve de quarto, às vezes para mais de cinco pessoas; e finalmente a cozinha, fogão de lenha que "só serve para quando se tem comida". Banheiro "é lá atrás".

Na rua principal, as **bodegas** (bares que vendem de tudo), a escola e a casa onde mora Paulo Souza Barros que nasceu a quatro léguas de Caio Prado e há 54 anos. Na sua calçada, o feijão que conseguiu colher este ano, pouco mais de 20 quilos. Ele plantou duas **tarefas** de feijão (cada **tarefa** equivale a 3,25 hectares, 10 mil metros quadrados), mas perdeu praticamente tudo.

Moreno forte, nordestino típico, Paulo Souza Barros vive com a mulher Maria Oliveira e o filho Vicente de Paula, 11 anos, em uma casa boa que não é dele, mas de um parente que está fora e dá "graças a Deus ter alguém para tomar conta". O terreno em que ele planta também não é dele, mas, apesar disso, resiste, e fica, porque seus nove outros filhos estão ganhando a vida em Fortaleza.

Ovos, leite, praia

Ele conhece a Capital do Estado, mas não fica porque "lá é muito desumano": "De três ovos que se compra, dois é goro; o leite tem água; a praia é nojenta". Além de plantar umas coisinhas, Paulo é o vendedor de passagens de ônibus, ganhando 8% de comissão em cada bilhete. Quando não é dia de ônibus ele vai para o roçado.

Orgulhoso dos filhos, não confirma se eles mandam dinheiro no final do mês. A mais velha é Maria José, 25 anos, atendente de enfermagem; outros dois são ajudantes de mecânico; três trabalham em escritórios; e o restante "estuda e come com o que os outros ganham".

Como não tem terra e não pode perder a comissão das passagens, Paulo Souza Barros não se beneficiará da emergência. Continuará plantando, depois, mas sem vínculo com algum agricultor. Para ele a seca não é um grande problema, mas sim a carestia que faz com que a energia elétrica da casa suba, agora 55%: "Vou ter de voltar para o lampião a gás. Como pagar Cr$ 775 por mês de energia?"

"Deu para segurar"

Quando Paulo diz que a carestia é pior do que a seca é porque bem ou mal **deu para segurar** (salvar) alguma coisa, principalmente feijão. Ninguém tem dinheiro para pagar o litro de leite a Cr$ 15 ou o quilo da carne a Cr$ 120. Em Caio Prado, todos os sábados matam um boi e só não matam mais porque sobra: um boi para 1 mil habitantes é muito em um local onde poucos têm condições de comprá-lo.

Às 12 horas de um dia de semana qualquer, quase não há gente nas três ruas da vila, à exceção de crianças que voltam do grupo escolar. As pessoas estão dentro das suas casas aproveitando a hora do calor intenso para debulhar o feijão colhido, o alimento que terá de durar o máximo possível verão adentro. Para alguns, será o único, o básico; para a grande maioria não vai dar nem para agüentar os próximos quatro meses.

Em duas casas vizinhas, os irmãos Josias e Manuel Vidal de Negreiros utilizam a sala para isso. Josias, 62 anos, plantou 10 quilos de feijão e colheu 100 quilos; Manuel, 65 anos, colheu três vezes mais e explica, orgulhoso, que ele deu mais trato à plantação do que o irmão.

Pensa que é rico

Na sala de Manuel Vidal de Negreiros estão guardadas as coisas mais valiosas da casa: em um canto, fazendo inveja a muito morador local, os 300 quilos de feijão; em frente, a máquina de costurar Singer da mulher Joana (55 anos) comprada em oito prestações, fora a jóia, por Cr$ 6 mil. A mensalidade de Cr$ 455 é paga com o auxílio de todos: dos "trabalhinhos na fazenda (pano) para as vizinhas", do auxílio dos três filhos que estão em Fortaleza há mais de 10 anos e do outro que está em Caio Prado e trabalha na bodega para ganhar Cr$ 2 mil.

Mas ao mesmo tempo que está orgulhoso de sua colheita, porque **pior do que isso, só se pior fosse**, Manuel tem consciência de que daqui a quatro meses a situação vai-se agravar bastante, e a preocupação procede, é matemática: ele dispõe de 300 quilos de feijão para ser consumido em quatro meses, o que dá 2,5 quilos/dia: na sua casa comem oito pessoas.

A situação de Manuel, que é igual aos que conseguiram colher alguma coisa neste inverno de seca, teve, no comentário do bêbado Toinho, que chama mulher loura de "dona Americana", a frase definitiva: "Ele pensa que é rico com esse feijão todo, mas é tão pobre quanto nós porque isso não vai dar para nada."

Flagelados invadem delegacia da Emater no R. G. do Norte

Natal — Mais de 1 mil flagelados invadiram sexta-feira o escritório da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-RN) de São Miguel, a 500km de Natal, exigindo inscrição no plano de emergência e gêneros alimentícios. No prédio, quebraram vários móveis no tumulto que se formou.

Para acalmar os ânimos, o Prefeito Raimundo Fernandes distribuiu alguns gêneros alimentícios e Cr$ 100 para cada homem. A 2ª Companhia da Polícia Militar, sediada no Município de Pau dos Ferros, a 30km, deslocou um grupo de soldados para São Miguel, mas não houve violência. O subcomandante da companhia, Tenente Nelson Ferreira, disse que recebeu recomendação de evitar violência contra os flagelados. "Mas a ordem será mantida a qualquer preço."

Brasília — O diretor de crédito rural do Banco do Brasil, Aléssio Vaz Primo, ao voltar de viagem de uma semana ao sertão nordestino, disse que a monocultura não é uma boa política para a região. "Mesclar numa mesma propriedade de atividades diferentes como bovinocultura, suinocultura, caprinocultura e agricultura, tudo tocado ao mesmo tempo, não é apenas uma opção: é uma questão de sobrevivência".

As observações do Sr Vaz Primo poderão influenciar a política de crédito rural do Banco do Brasil, que já para o plantio da próxima safra, incentivará os empresários rurais nordestinos a se dedicarem, ao mesmo tempo, a mais de uma atividade econômica.

FAZENDA MODELO

Entre as propriedades que o diretor de crédito rural do Banco do Brasil visitou no sertão nordestino, está a fazenda do empresário rural José Inácio, do interior paraibano. Nela, mesmo não chovendo há dois anos, e não existindo poços artesianos, a produção econômica se mantém inalterada, gerando lucros, como se nada estivesse acontecendo. O Sr Primo elege esta propriedade rural como o exemplo a ser seguido pelos empresários do setor rural do Nordeste.

O segredo do Sr José Inácio é aproveitar todos os locais indicados para açudagem. As barragens, de todos os tamanhos e características, sucedem-se ao longo da propriedade, armazenando água mais do que suficiente para muitos anos de estiagem absoluta. Com o verde da caatinga são alimentados os caprinos. O verde das margens dos açudes destina-se aos bovinos. A infra-estrutura serve também para a suinocultura. Os cultivos são irrigados, produzindo inalteradamente, como se não estivesse ocorrenda a seca.

GOTA DE CHUVA

"Tudo é simples e muito rentável", diz o Sr Aléssio Vaz Primo, que é também professor de Análise Macroeconômica na Universidade Federal do Paraná. "É há dois anos não cai ali uma gota sequer de chuva."

Sobre as reclamações do empresariado nordestino, muito ouvidas no Seminário Agricultura 80, em Brasília, pedindo regionalização do crédito agrícola, com mais facilidades para o crédito às regiões como o sertão árido, incluindo o crédito de investimento, o Sr Vaz Primo comentou: "Não é o Governo que muda as regras do jogo. É a inflação que faz isso."

"A fase atual é de perplexidade. Estamos chegando ao ponto máximo do descompasso entre a demanda pelo crédito e a oferta de dinheiro. A inflação subverte os valores, provocando o descompasso entre os números e as grandezas, infeccionando todo o ambiente econômico-social. A subersão dos valores, quando os números já não têm tanto valor, por causa da inflação intensiva, complica tudo, porque a administração se faz com números, na certeza de que os números medem as quantidades.

AVENTURA E PRUDÊNCIA

O Sr Vaz Primo reconhece que atualmente quase não se consegue fazer previsões, nem julgar desempenhos econômicos, sendo por isso que em muitos casos, durante a inflação intensiva, "acaba-se premiando a aventura e penalizando a prudência". "Se o Governo conseguisse ficar incólume à inflação, seria mais fácil administrar o país."

Mas garante que não está havendo restrição para o crédito de custeio, apesar de admitir alguma restrição para o crédito de investimento, de capitalização, o que teria começado há pouco mais de um mês.

Como prova de que a área produtiva rural está sendo bem atendida, apesar dos efeitos nefastos da inflação, o Sr Vaz Primo mostra que este ano ocorreu falta de carne bovina, apesar do preço do boi em pé ser o mesmo de outubro passado; está faltando do pinto de um dia; teremos excedentes de milho e arroz, de carne de porco e de ovos; e nunca anteriormente a área rural se mostrou tão excitada na busca dos créditos.

Governadores pedem nova usina

Recife — Oito governadores do Nordeste pediram ao Presidente da República Cr$ 1 bilhão 900 milhões para acelerar as obras de construção da usina hidrelétrica de Itaparica e os projetos e contratação de obras da usina de Xingó, todas duas do sistema de produção de energia Chesf.

O corte no orçamento da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf) já provocou atraso de um ano nas obras de Itaparica, onde a Chesf deveria aplicar Cr$ 8 bilhões este ano, e só terá condições de investir Cr$ 1 bilhão 200 milhões. A Chesf esperava ter seu orçamento aprovado em Cr$ 20 bilhões — que seria igual ao do ano passado, corrigindo-se monetariamente os seus valores. No entanto, receberá somente Cr$ 16 bilhões 200 milhões este ano.

Os Governadores da Bahia, (Antônio Carlos Magalhães), de Pernambuco (Marco Maciel), da Paraíba (Tarcísio Burity), de Sergipe (Augusto Franco), do Rio Grande do Norte (Lavoisier Maia), do Ceará (Virgílio Távora) e de Alagoas (Guilherme Palmeira) alegam que somente a entrada em operação das duas hidrelétricas eliminará o déficit de energia elétrica que deverá ocorrer em 1985.

Salientam também que a aceleração do cronograma da Chesf proporcionará mais emprego na área em que estão localizadas — exatamente em municípios do sertão atingidos pela seca, e lembram ainda que, com o funcionamento destas usinas, serão economizados 126 milhões de dólares em óleo gasto atualmente em termelétricas.

A construção de Itaparica custa Cr$ 40 bilhões e a Chesf pretendia investir Cr$ 8 bilhões em suas obras até 1984, prazo previsto para sua entrada em operação, agora retardado pela falta de dinheiro.

Por falta de recursos, a Sudene certamente não executará o plano do Centro Técnico Aeroespacial de São José dos Campos para provocar chuva artificial em algumas áreas da seca. Para a nucleação das nuvens é necessário comprar um avião, um radar portátil e um sistema de comunicação entre terra e ar, por Cr$ 176 milhões e mais de Cr$ 25 milhões para pagamento de pessoal.

Atualmente, a Sudene analisa o plano do CTA, mas prevê sua utilização para o próximo ano. Teme também assumir riscos, já que o resultado completo da pesquisa sobre a provocação de chuvas artificiais só estará pronto em junho de 1981, sem obter resultados concretos, causando ou muita expectativa ou pânico na população.

Juazeiro cobra promessas de obras contra as inundações

Salvador — Com o título **Carta de Juazeiro — Clamor de seu povo**, nove entidades "não políticas" da principal cidade baiana do Vale do São Francisco aprovaram documento cobrando a "execução, o mais breve possível, do sistema de obras contra inundações, o que já foi prometido reiteradas vezes por autoridades federais, estaduais e municipais." Após a construção da barragem de Sobradinho, Juazeiro sofreu inundações nos dois últimos anos.

Com 68 itens cobrando dívidas assumidas com a cidade por diferentes políticos e governantes, a carta-aberta exige o imediato registro do principal porto fluvial do Médio São Francisco, que tradicionalmente sempre foi em Juazeiro, mas que, com o reinício da navegação no Rio após a construção de Sobradinho, está sendo reivindicado pela cidade pernambucana de Petrolina.

SOMOS NÓS

Assinada, entre outros, pelo presidente da Associação Comercial, Industrial e Agrícola, Antônio Joaquim Neto, e pelo Bispo Diocesano, D José Rodrigues, a carta afirma: "Apesar do privilégio da situação geográfica e da potencialidade de seu povo e da terra, Juazeiro vem sendo vítima da omissão de suas lideranças, da demagogia de seus políticos e, o que é pior, do descaso de sucessivos Governos, nas áreas federal, estadual e municipal, nestes últimos 30 anos".

"Juazeiro somos nós, cerca de 150 mil habitantes, dos quais 40 mil eleitores que já estão cansados de promessas e continuados desenganos. Queremos, agora, não mendigar, mas reivindicar direitos que nos assistem por força de nossa condição humana e pelo de sermos, ainda, o verdadeiro pólo de desenvolvimento desta região", diz o documento.

Entre as promessas não cumpridas, as entidades cobram a "construção do teatro de Juazeiro, prometido pelo ex-Ministro do Interior, Rangel Reis, em 1975; construção do centro integrado de esportes, prometido pelo então Ministro Jarbas Passarinho; captação da imagem de TV baiana, prometida pelo Governador do Estado e pelo Senador Lomanto Junior".

Empresas ainda exigem atestados abolidos

Recife — Dez meses após oficialmente extintos pelo Programa Nacional de Desburocratização, os atestados de antecedentes, idoneidade moral, vida e residência, continuam a ser exigidos por empresas particulares pernambucanas — para a admissão de novos empregados — pelo Juizado de Menores e até pela Delegacia Regional do Trabalho — para o registro profissional de professores.

Embora o Instituto de Identificação da SSP-PE, nos últimos meses, venha reduzindo muito o tempo de entrega dos atestados de antecedentes — que hoje podem ser obtidos em apenas três dias, e gratuitamente — os pedidos só diminuíram em 10%. E isto, segundo o diretor Sílvio Lelis, deve-se mais à não exigência do documento pelas entidades governamentais do que pela iniciativa privada.

Pela manutenção

O diretor do Instituto de Identificação defende a manutenção da exigência do atestado de antecedentes, pois, segundo ele, este ainda é o único documento que permite à empresa privada, ou mesmo a universidade e até órgãos do Governo, conhecerem os novos candidatos e ter mais segurança nas novas admissões.

Apesar do Programa Nacional de Desburocratização tê-lo extinto, o atestado de vida e residência, por exemplo, ainda continua sendo solicitado em todas as delegacias de postos policiais de Pernambuco, como instrumento para a obtenção de benefícios, às camadas mais baixas da população, que vão desde dispensa de taxas de matrículas em escolas municipais, até comprovação de dependência financeira junto ao Imposto de Renda.

A exigência de documentos oficialmente extintos ainda continua mais rígida para os registros de novos profissionais liberais, principalmente professores de nível superior. Para a obtenção do registro, o candidato, por exemplo, tem de apresentar, além dos documentos normais, um atestado de idoneidade moral, atestado de antecedentes criminais e xerox de carteira de identidade.

A exigência mais discutida continua sendo o registro de novos jornalistas. Além de requerimento, xerox de identidade, diploma, um parecer do sindicato da classe, são necessários três outros documentos: uma certidão informando que o candidato não está indiciado em qualquer cartório civil, uma folha corrida da Polícia Federal, uma certidão negativa da auditoria da 7ª Região Militar, todos, evidentemente, com o carimbo de "nada consta".

A exigência de atestado de antecedentes, cópias xerox de carteira de identidade e atestados da Polícia Federal e da auditoria da 7ª Região Militar, apesar da orientação do Ministro Hélio Beltrão, até o momento vem sendo mantida pela maioria dos conselhos regionais profissionais do Estado para o registro de novos formandos.

As mudanças

Os dois maiores exemplos onde o programa de desburocratização de fato vem surtindo efeito são o Departamento de Trânsito e a Polícia, onde a burocracia por muitos anos imperou.

Hoje o Detran-PE eliminou a figura do despachante, colocando em seu lugar, um pequeno grupo de recepcionistas capazes de provar ao usuário que, pelo menos ali, ele pode pedir e obter seus documentos sozinhos. Para evitar que novos despachantes surjam, dois agentes do DOPS de Pernambuco transitam diariamente pelos corredores do Detran.

Na Polícia, a modificação maior vem justamente do Instituto de Identificação onde, desde o ano passado, começou a funcionar um programa de atendimento às comunidades de baixa renda da região metropolitana de Recife. Semanalmente, Kombis do Instituto se deslocam para os bairros da periferia e colhem o material necessário às confecções de carteiras de identidade, entregando-as prontas, uma semana depois, no mesmo local.

Além disso, a SSP-PE, através de um programa de descentralização do serviço de identificação, acabou com a figura do despachante de carteira de identidade, ao mesmo tempo em que espalhou pela cidade pelo menos 30 postos de identificação.

Maior rapidez

Salientando que é um projeto para o futuro, o diretor do Instituto de Identificação, Sílvio Lelis, admite que sonha em trabalhar com computadores eletrônicos, mas não quer falar sobre isso.

Ano passado, informou, foram distribuídas 256 mil 169 identidades, e mais de 280 mil atestados de antecedentes. Este ano, mais de 100 mil identidades foram confeccionadas, até maio.

A maior rapidez na distribuição dos documentos de identidade, segundo o Sr Sílvio Lelis, está fazendo com que a população passe a ter mais consciência de se documentar sem precisar pedir favores a ninguém. Um exemplo disso é que, para uma população hoje perto de seis milhões de pessoas, Pernambuco tem pelo menos 2 milhões 213 mil com documentos de identidade.

Ação popular de moradores exigirá que metrô construa estação do Largo do Machado

Uma campanha de protesto e uma ação judicial foram as principais propostas aprovadas na reunião da Associação dos Moradores do Flamengo, Catete e Glória para sustar a decisão da Companhia do Metropolitano, anunciada durante a semana, de não construir a estação de passageiros do Largo do Machado.

Foram sugeridas, também, melhores condições de vida para os habitantes, como a reurbanização imediata de todas as áreas atingidas pelas obras do metrô, a limitação definitiva do gabarito dos prédios e a construção de um supermercado que atenda às necessidades da região, pois os existentes, além de precários, cobram preços acima da média.

Tantos transtornos

Diz o presidente da Associação dos Moradores do Flamengo, Catete e Glória, Marciano Gonçalves Neto: "Estamos decididos a ingressar na Justiça com uma ação popular contra a Companhia do Metropolitano, pois consideramos um abuso e desrespeito à nossa comunidade a decisão de não construir a estação do Largo do Machado, depois de tantos anos de transtorno que essas obras causaram às nossas vidas."

Explicou que já foram esgotados todos os argumentos junto aos técnicos da empresa e não resta outra saída. "Eles alegam que para concluir a obra necessitariam Cr$ 850 milhões, mas isso é problema dos Governos federal e estadual. Os usuários é que não podem ser prejudicados, tendo de se deslocar entre as estações do Catete e Morro Azul, a pé, se quiserem utilizar aquele meio de transporte."

Professores vão parar três dias

Por um abono salarial de 48% e pelo imediato envio do projeto de carreira do magistério ao Congresso Nacional, os professores das universidades federais paralisarão suas atividades nos dias 11, 12 e 13. Nas de João Pessoa, Natal e Porto Alegre, a greve será apenas no dia 11.

A decisão foi tomada em reunião das diretorias das Associações de Docentes das Universidades Federais. Cada uma das entidades decidirá que atividades promover durante a paralisação, como atos públicos, debates sobre a situação do professor com representantes do MEC, da Seplan e do DASP, e debates com os alunos sobre o ensino público gratuito.

Hoje pela manhã, as Associações de Docentes, reunidas no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, no Largo de São Francisco, discutirão sua participação no 33º encontro anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que se realiza em julho, no Rio. Participam da reunião as Universidades Federais da Bahia, Goiás, Santa Catarina, Minas, Paraíba, a UFF, UFRJ, Universidade Rural, Universidade de Santa Maria, de São Carlos, PUC do Rio e Escola Paulista de Medicina.

CNBB não combate Governo por planejamento familiar mas continua doutrinação

São Paulo — "A Igreja não fará uma guerra contra o Governo, por causa da eventualidade da adoção oficial de uma política de planejamento familiar, mas apenas continuará sua doutrinação constante, com confiança e coragem, pelo respeito à vida", disse ontem, nesta Capital, o secretário-geral da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida.

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil deixou claro não ser contra uma política de planejamento familiar que seja apenas a divulgação de métodos naturais de espaçamento da prole, mas disse que denunciará "tudo o que atentar contra a vida, a dignidade da família e a vida conjugal", declarando-se contra o "controle da natalidade" e o "antinatalismo".

Depois de participar da sagração do novo bispo de Itapeva, Dom Fernando Legal, na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, no Bom Retiro, em São Paulo, o bispo-auxiliar da Arquidiocese de São Paulo explicou: "Não sabemos exatamente o que o Governo fará no campo do planejamento familiar, pois nada foi dito oficialmente."

Segundo o secretário-geral da CNBB, há um mês e meio, as autoridades eclesiásticas fizeram contatos com os Ministérios da Saúde e da Previdência Social e foram informados de que o programa de planejamento familiar do Governo se limitaria à divulgação dos métodos naturais que possibilitem tal planejamento.

"Para a Igreja, o importante não é o planejamento familiar apenas, mas o apreço à vida. Por ser a favor da vida, a Igreja insiste em evitar qualquer programa de cunho antinatalista. Se houver a necessidade de um planejamento familiar, que seja feito de comum acordo entre os cônjuges e respeitando os valores éticos, portanto na base dos métodos naturais. Nesse caso, nada teríamos a opor, pois estaria dentro da doutrina anticoncepcional da Igreja", disse.

Dom Luciano Mendes de Almeida não vê ainda a existência de uma polêmica entre o Estado e a Igreja por causa do planejamento familiar. "Nos contatos com o Governo, ficou clara a intenção de atuar no planejamento familiar, excluindo o controle da natalidade estatal e arbitrário", disse.

Foto de Geraldo Viola

Alfredo Cunha hoje, ao lado da mulher Massako Bernadete Moki da Cunha, da filha Roberta e do advogado Joaquim da Silveira Varjão

Ex-soldado que foi baleado em São Domingos quer pensão

Aparecida do Norte, São Paulo — A feirante Massako Bernadete Moki da Cunha, casada com um ex-pracinha ferido com um balaço na cabeça durante missão na República Dominicana, há 15 anos, quer agora uma reparação de guerra, além de uma pensão. Ela está acionando a ONU, a OEA, os Governos do Brasil e dos EUA. Seu advogado é o General Joaquim da Silveira Varjão, que entrou com uma ação cível no Supremo Tribunal Federal.

A primeira vitória foi há dias quando a União foi citada, na pessoa do Procurador da República; mas o ex-soldado Alfredo Antônio da Cunha, 34 anos, já não reconhece nem a filha. Ontem, pela manhã, o médico José Francisco Miléo, da Santa Casa, afirmou que o ex-pracinha é irrecuperável para a vida ativa — o projétil causou uma lesão cerebral e seu comportamento mudou.

ERA NORMAL

O médico lembra-se do jovem quando partiu para a República Dominicana. "Quando voltou já não era o mesmo. Estou certo de que não é uma neurose de guerra. Um osso na caixa craniana está fragmentado".

Alfredo Antônio da Cunha vive escondido num quarto, sob efeito de sedativos e, às vezes, desaparece "sem saber voltar para casa, como um desmemoriado". Não fala uma palavra por dias seguidos, e sua conversa é truncada: mistura informações sobre a iminente visita do Papa com lembranças do que se passou em junho de 1965, "quando foi ferido em combate", conforme consta do boletim expedido pelo Regimento Escola de Infantaria.

O advogado Joaquim da Silveira Varjão, General-de-Divisão R/1, é quem foi buscar os documentos comprobatórios de que o ex-pracinha foi entregue à sorte desde que voltou da capital dominicana. Em Santo Domingo começaram os sinais da doença mental. Lapsos de memória, ausência e um comportamento às vezes agressivo. Durante a entrevista ontem não disse uma palavra — mostrava-se assustado como uma criança, e escondeu-se no quarto escuro.

DIREITO INTERNACIONAL

O General Joaquim Varjão vinha acompanhando o caso há mais de um ano, mas só depois de ouvir outros advogados — peritos em Direito Internacional — decidiu acionar o Governo brasileiro e, também, a ONU, que esteve representada durante o conflito civil na República Dominicana. A ação aponta também como réu o Governo dos Estados Unidos, que pediu na OEA a intervenção da Força Interamericana de Paz.

A autora do feito inédito é a mulher do ex-pracinha, a Sra Massako da Cunha, de origem japonesa. Para sustentar o marido e a filha Roberta, ela trabalha nas feiras livres das cidades ribeirinhas do Vale do Paraíba. Ela contou ontem, emocionada, na feira de Aparecida do Norte, que conheceu Alfredo Antônio da Cunha antes de partir para o Caribe, onde foi se juntar a outros 2 mil soldados brasileiros. "Mas, por que isso aconteceu com ele?"

O General Varjão não questiona se era justo ou não enviar àquela força tarefa brasileira para o estrangeiro em 1965 — um fato que depois seria considerado pelo Centro de Estudos Estratégicos de Washington como o maior erro da diplomacia norte-americana.

Os **marines** desembarcaram em abril sob o pretexto de que era preciso proteger a vida de cidadãos norte-americanos. Àquela altura a ditadura de Trujillo tinha sido destruída e o Presidente Juan Bosh deposto. Perto de 4 mil pessoas morreram durante a revolução civil.

Os pracinhas brasileiros sofreram poucas baixas, em tiroteios com franco-atiradores. Alfredo Antônio da Cunha em janeiro de 1965 não passava de um recruta, conforme consta do seu certificado de reservista anexado ao processo no Supremo Tribunal Federal. Em dezembro, após o ferimento em combate, com a cabeça enfaixada deixava as fileiras do Exército e voltava para Guaratinguetá e Aparecida do Norte, onde se fixou afinal. Nunca mais mandou uma carta para os parentes em Pernambuco, onde nasceu.

ESPERANÇAS

Em nenhum emprego parou por mais de três meses. Mas a Sra Massako Bernadete Moki da Cunha tinha esperanças de que se recuperasse um dia. Ele, fisicamente, não demonstra nenhuma anomalia — apenas o buraco na cabeça encoberto pelos cabelos. A bala passou de raspão, e quebrou um osso. "A doença mental desenvolveu-se após o ferimento" diz o atestado do médico José Milléo, reconhecido em cartório.

A história do ex-pracinha era guardada pela família e evitava-se comentar na cidade, "afinal, ele era um herói de guerra", disse ontem o General Varjão que pede na ação cível "pensão especial e permanente proteção de subsistência e assistência à família". Explicou o advogado que não se trata apenas da "paga do soldado', que retorna e muitos anos depois decide reivindicar os seus direitos.

Em sua opinião, a União Federal (o Brasil) tinha de ser acionada como país integrante da Organização dos Estados Americanos — OEA, "um órgão regional da Organização das Nações Unidas — ONU". E frisa que, a despeito de ponto-de-vista contrário, pela Carta da OEA, ratificada em 1967, "o Brasil é Estado-membro... dentro das Nações Unidas", conforme o Artigo 1º.

O despacho divulgado na semana passada pelo **Diário Oficial** arrola como réu o Governo dos EUA, na pessoa do Embaixador Robert M. Sayre. O advogado considera que a Força Interamericana de Paz, criada pela OEA, era presidida por um militar norte-americano e, dessa forma, há também responsabilidade dos EUA, afinal parte do equipamento militar foi fornecida pelos americanos.

A Sra Massako da Cunha está de posse também de documentos expedidos pelo Ministério do Exército onde se conta a natureza do ferimento. Um outro anexado ao processo frisa que o pracinha Afredo Antônio da Cunha é acima de tudo um herói, ferido em combate e que a pátria lhe é grata.

Arquivo-1965

Alfredo Antônio da Cunha em São Domingos

Foto de Cristina Paraguassu

No Bairro do Peixoto quase 100 crianças se reuniram para pintar e trabalhar com papel

Bairro Peixoto procura um símbolo em manhã infantil de pintura e criatividade

A Praça Vereador Rocha Leão, no Bairro Peixoto, parecia uma escolinha de arte, ontem pela manhã. Cerca de 100 crianças se reuniram para pintar desenhos que possam sugerir um símbolo para a representação do Bairro, achando tudo "muito divertido". Os adultos ajudavam na organização e os velhos assistiam sentados nos bancos.

A idéia partiu do artista plástico Carlos Vergara, morador do Bairro — que buscava inspiração para a criação do símbolo — e foi posta em prática pela Associação de Moradores e Amigos do Bairro Peixoto, aproveitando a ocasião para atrair a atenção dos moradores sobre a entidade, que existe desde 1962 mas voltou a funcionar no começo deste ano.

PROJETOS

Uma assembléia-geral realizada em 31 de janeiro deste ano reativou a Associação que andava parada. Na opinião de Maria Lúcia Verneck Vianna, presidente da entidade, o renascimento desta e de tantas outras associações cada vez mais ativas no Rio, se deve a uma série de fatores:

"A população do Rio é muito maltratada, e de repente descobriu uma forma de se organizar e defender seus interesses. A nova conjuntura, de abertura política, também é responsável por isso. A atividade tem caráter apartidário, unindo pessoas dos mais diferentes níveis e idéias em função de uma coisa comunitária, de defender a melhoria da qualidade de vida."

Desde que foi reativada, a associação já começou algumas campanhas, que ainda não deram um resultado objetivo. "Uma delas é o limite do gabarito em torno da praça para quatro andares. O antigo dono da área, Comendador Peixoto, ao permitir o loteamento, impôs algumas condições: que o bairro fosse estritamente residencial e seus edifícios mantivessem um certo padrão, com limite de quatro andares. A partir da gestão Marcos Tamoyo, os gabaritos foram liberados, de forma que as novas construções ultrapassaram esse limite. Queremos preservar a tradição, contando com a participação de toda a comunidade."

"Queremos também a colocação de quebra-molas na cercania da praça. Indiretamente participamos de sua reurbanização, discutindo o projeto do Departamento de Parques e Jardins com seu diretor, Mário Sofia. O rinque — atualmente em mau estado — vai ser reformado e transformado numa quadra polivalente de esportes. Algumas áreas da praça serão gramadas e instalaremos ainda aparelhos de ginástica.

BOA RECEPTIVIDADE

A associação tem planos mais amplos, que ainda precisam de uma maior união dos moradores para serem levados em frente. "Queremos criar uma creche e uma escolinha de arte para crianças, mas ainda não temos condições porque a participação não é suficiente. Nosso jornal, **Peixotinho**, cujo primeiro número vai circular na festa de São João — de 5 a 8 de junho — deve ajudar muito nessa questão de divulgação. Um dos principais problemas que pretendemos levantar é a sujeira dos cachorros, não proibindo, mas estimulando os proprietários a educarem seus animais. Apesar de tudo a receptividade tem sido boa até agora, mas esperamos que melhore."

A manhã da pintura ontem, foi também uma forma dos associados checarem a receptividade dos moradores do bairro. Conseguindo doações de tinta, papel, pincel, barbante e cola pelo próprio comércio local, o resultado foi considerado bastante positivo. A região ao lado do rinque, onde as crianças pintavam, estava cercada por barbantes que expunham os desenhos seguros por pregadores de roupa. Dois palhaços desfilavam entre as crianças, que adoraram a brincadeira. A Associação pretende repetir a iniciativa, da próxima vez utilizando também barro e massa de modelagem. Os desenhos vão decorar a barraca de São João, onde os associados venderão os mais diversos objetos doados pelos moradores, a fim de angariar fundos para a entidade.

MUTIRÃO NA LAURO MÜLLER

Com papel crepon colorido suficiente para 10 mil bandeirinhas, folhas para fazer 200 lanternas, cola, régua, tesoura, guache e muita animação, as crianças residentes na Rua Lauro Müller, em Botafogo, participaram, ontem, do Mutirão dos Enfeites, no qual prepararam a decoração da festa junina da Associação da Lauro Müller e Adjacências (ALMA) e do Sesc de Copacabana.

A intenção dos organizadores é que a festa, a ser realizada dia 28, represente o espírito comunitário e, dentro deste objetivo, uma semana antes do **Arraialma** haverá novo mutirão para a confecção de 16 barraquinhas que venderão comidas e realizarão jogos. O dinheiro arrecadado será destinado à ALMA. A festa terá várias atrações, como um conjunto de forró e repentistas.

As crianças foram os que mais participaram no Mutirão dos Enfeites, mas os adultos também ajudaram, orientando e coordenando o corte e colagem dos 10 quilômetros de bandeirinhas necessários para enfeitar a área da festa, a feitura das guirlandas além da confecção das 200 lanternas e cartazes. Um dos integrantes da ALMA, Pedro Porfírio, explicou que tudo isso poderia ser comprado pronto, mas preferiram incentivar a criação da comunidade.

A festa é uma tradição da Rua Lauro Müller e este ano contará com a promoção e participação do Sesc de Copacabana. Terá quatro quadrilhas, duas das crianças, uma dos adolescentes e outra dos adultos; 16 barraquinhas; casamento caipira; apresentação de bumba-meu-boi; repentistas; conjunto de repentistas e violeiros. Começará às 18h, sem previsão de término.

Brasileiros têm remédio anticárie

Nova substância anticárie eficiente, principalmente, no tratamento de crianças, desenvolvida por dentistas brasileiros a partir do xinitol, criado na Suíça, será lançada no 5º Congresso Internacional de Odontologia. O congresso, a ser realizado de 25 a 29 de janeiro de 1981, na UERJ, foi lançado, oficialmente, ontem, durante as comemorações do 43º aniversário da Associação Brasileira de Odontologia.

O objetivo principal do congresso será a prevenção na área odontológica, segundo explicou o presidente do evento, Dr Geraldo Halfedl. Em conseqüência haverá um pavilhão de prevenção que fará a aplicação da nova substância anti cárie. No mesmo período serão realizados o III Congresso Brasileiro de Odontologia das Forças Armadas e II Jornada Nacional de Estudantes de Odontologia. Esperam-se 12 mil participantes.

Os organizadores do 5º Congresso Internacional de Odontologia esperam repetir os resultados do congresso de 1979 que reuniu 10 mil pessoas entre brasileiros e estrangeiros. Para proferir conferências foram convidados professores de outros países, especialmente, dos EUA. Serão utilizadas 50 salas nas quais haverá atividades de 8 às 20 horas.

CNBB denuncia internacionalização e violências no campo

Brasília — Denunciando a internacionalização do campo, a falta de uma política efetiva de reforma agrária, a prática de uma agricultura predatória e violências contra posseiros, o Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil distribuiu ontem o documento Terras da Igreja no Brasil, onde tece comentários e apresenta dados sobre a questão levantada com a divulgação dos imóveis da Igreja.

Informa o documento que, em 1970, a Igreja possuía 12 mil 581 estabelecimentos com um total de 629 mil 209 hectares, e em 1975 — data em qual se firmou a reportagem publicada há duas semanas pelo **Jornal da Tarde**, de São Paulo — tinha 6 mil 774 estabelecimentos para 177 mil 918 hectares de terra. Sugere ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, responsável pela divulgação, que faça o mesmo com as terras devolutas em mãos da União e dos Estados e Municípios; as que estão em mãos de estrangeiros e revele onde há conflito de posse, grilagem e invasão de terras indígenas.

ANÁLISE

Terras da Igreja no Brasil é um documento de análise sobre a repercussão em torno do documento anterior, a Igreja e os Problemas da Terra, aprovado na assembléia de Itaici, no começo do ano. A CNBB publicará dois livros sobre o tema: um comentando e o outro apresentando dados que foram levados a Itaici.

O documento da CNBB começa por chamar atenção para o fato de que nos dados que foram divulgados não houve distinção entre estabelecimentos (unidades de produção) e imóveis (unidades de propriedade), como também entre o que pertence à Igreja na rubrica Instituição Pia ou Religiosa, como consta no cadastro do INCRA. O objetivo, além de afirmar que as terras da Igreja não representam nenhum latifúndio, demonstra que suas propriedades são utilizadas.

Dos 629 mil 209 hectares que possuía em 1970, 7,8% eram arrendados e 6,9% estavam em mãos de ocupantes (posseiros). Os dados de 1975 não estão todos publicados, mas, baseada no que se sabe em 17 Estados da Federação, a Igreja comprova que houve uma diminuição de 14% no número de estabelecimentos e de 58% no total de área possuída.

Mencionando os dados fornecidos pelo INCRA e que o jornal paulista disse estarem ainda incompletos, faltando terras da Igreja registradas em nomes que não os de cúrias e dioceses, e a possibilidade de existirem propriedades em Roraima e Rondônia, como também o caso de quatro áreas de tensão em terras da Igreja — o documento da CNBB informa:

"Sobre o tamanho dos imóveis em mãos da Igreja, os dados do INCRA mostram que se trata em geral de pequenas e médias propriedades. Apenas 33 são superiores a 1 mil hectares, e cinco superiores a 10 mil hectares. Não há dados para saber se alguma destas propriedades cai dentro do conceito oficial do latifúndio (por extensão ou por exploração deficiente).

E ainda, quanto ao uso — prossegue o documento — convém ressaltar que muitas destas terras pertencem a instituições de caridade, noviciados e seminários, que delas tiram parte do sustento dos seus mantidos.

CONSIDERAÇÕES

A Igreja Católica — diz o documento, no tópico Considerações Sobre a Terra da Igreja — não é um bloco monolítico nem uma unidade administrativa, referindo-se à distinção que precisa haver entre as propriedades de diversas instituições beneficentes. Observa que as terras da Igreja tendem a diminuir e que a maior parte delas está localizada em Estados de ocupação mais antiga.

Ressalvando que há um empenho da Igreja em que todas as suas terras sejam devidamente utilizadas, o documento denuncia "uma manobra diversionista dos que discutem sobre as terras da Igreja, insignificantes no seu conjunto, desviando a atenção dos verdadeiros problemas". Menciona a internacionalização do campo, a falta de uma política efetiva de reforma agrária, o êxodo rural, a prática de uma agricultura predatória e violências contra posseiros, como alguns destes problemas.

REFORMA AGRÁRIA DA IGREJA

O documento da CNBB relata experiência bem-sucedida de reforma agrária em terras da Igreja e diz que há outras em andamento, sem revelar em que áreas. Cita o que foi feito nas dioceses de Aracaju, Barra (BA) e de Ponta de Pedras (Ilha do Marajó) como bem-sucedidas e lamenta que o mesmo não tenha ocorrido em Goiânia, com a fazenda Resplendor, onde os posseiros venderam a terra assim que a receberam.

Na Barra foram distribuídos 2 mil 880 hectares para lavradores que criaram um processo coletivo de produção, enquanto que em Ponta de Pedras a cooperativa agrícola mista Irmãos Unidos possui 17 mil hectares e é constituída por 282 associados, distribuídos entre 16 campos comunitários.

O documento conclui com um capítulo de sugestões, dirigidas para o INCRA e para as regionais da CNBB. Ao INCRA, a Igreja sugere que, "depois de levantar e publicar a relação das terras da Igreja", faça o mesmo com terras em mãos de grupos estrangeiros; terras devolutas, passíveis de entrarem em planos de colonização e/ou reforma agrária; as áreas onde há conflito de terra, áreas de terras griladas por particulares ou por empresas e terras indígenas invadidas.

Às regionais, a CNBB sugere um levantamento de terras da Igreja que apresentem conflitos e a apuração sobre a existência ou não de latifúndios em mãos de entidades religiosas.

Os números da Igreja

QUADRO 1

Brasil, 1970: Terras de instituição pia ou religiosa, de acordo com o censo agropecuário do IBGE

Condição do Produtor	Estabelecimentos	Área (HA)
Explorados pelo Proprietário	1.363	523.414
Arrendados	4.796	48.609
Em parceria	1.302	7.982
Com ocupante	5.120	43.204
Total	12.581	623.209

Fonte: IBGE, censo agropecuário, 1970

Quadro: 2:

Brasil, 1970/75: Terras de instituição pia ou religiosa, de acordo com os censos de 1970 e 1975 (relação parcial, correspondente a 17 Estados).

Condição do Produtor	Estabelecimentos 1970	Estabelecimentos 1975	Área (Ha) 1970	Área (Ha) 1975
Explorados pelo proprietário	620	842	371.399	103.218
Arrendados	2.373	1.812	25.896	45.633
Em parceria	889	114	3.514	2.711
Com ocupante	3.947	3.976	24.225	26.356
Total	7.829	6.744	425.034	177.918

Fonte: IBGE, censos agropecuários de 1970 e 1975.

Salesiano é novo bispo de Itapeva

São Paulo — O novo Bispo de Itapeva, São Paulo, Dom Fernando Legal, foi sagrado ontem, numa cerimônia iniciada às 10h, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, no bairro do Bom Retiro, pelo Núncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco.

Paulistano, 48 anos, padre salesiano, Dom Fernando Legal toma posse em sua diocese hoje. O episcopado é um serviço e não uma honra; o Bispo deve distinguir-se mais pelo serviço prestado que pelas honrarias recebidas", disse o sagrante, em sua homilia.

CONTROLE NATAL

"Ainda não há nada. Vamos ver. Não se venda a pele do urso, antes de caçá-lo", disse ontem, depois da ceirmônia de sagraçaõ, o Núncio Apostólico, Dom Carmine Rocco, a respeito das críticas feitas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a uma possível política oficial do Governo de controle da natalidade.

Papa defende dignidade, justiça e paz para trabalhador

Arlette Chabrol
Correspondente

Paris — João Paulo II reservou uma de suas mensagens mais importantes da visita à França aos trabalhadores e imigrantes reunidos ontem à tarde diante da basílica de Saint Denis, no coração de um subúrbio operário e comunista. Na homilia, o Papa insistiu longamente no direito à dignidade, à justiça e à paz para cada trabalhador.

"O mundo desejado por Deus não pode ser um mundo no qual uns, pouco numerosos, acumulam em suas mãos bens em excesso, e os outros, em número claramente superior, sofrem de indigência, miséria e morrem de fome" — salientou o Papa, que também denunciou a acumulação de armas nucleares, força destrutiva.

A homilia

João Paulo II começou lembrando o culto da maternidade. "Não podemos separar o homem de seu começo de vida", explicou. "Hoje, que tanto aprendemos sobre os mecanismos biológicos que, em seus respectivos domínios, determinam esse começo, é-nos necessário, com viva consciência e com maior convicção, proclamar o começo de vida".

E esse começo, ele indicou claramente, se verifica muito cedo, quando a criança "ainda desconhecida, logo após concebida, é plenamente abrigada no seio materno". Essa denúncia clara da interrupção da gravidez condena o aborto mesmo que se saiba que "esta criança será talvez fraca, inadaptada, deficiente".

Precisou que não se deve fazer "nenhuma consideração de qualidade ou de grau de inteligência, de sensibilidade ou de rendimento físico, mas apenas considerações ligadas à humanidade, ao fato de que ela é homem".

Em seguida, falando diretamente a seu auditório, "trabalhadores franceses e estrangeiros que vivem e trabalham aqui em condições frequentemente precárias de alojamento, salário, emprego", a todos os que sofrem o desenraizamento e o afastamento da família e de sua pátria, o Papa abordou a "dura condição operária", desta vida urbana atual, que torna as relações humanas difíceis, na afobação de uma corrida jamais terminada entre o local de trabalho, o alojamento familiar e os locais de aprovisionamento.

"O homem perde seu lugar adequado no conjunto da ordem econômica" — disse. "Quando se considera o trabalho, antes de tudo, como um dos elementos da produção, como uma mercadoria ou um instrumento, pouco importa o nome do sistema sobre o qual se apóia esta posição: se o homem é submetido à produção, se ele dela se torna apenas o instrumento, se tira do trabalho, do trabalho humano, sua dignidade e seu sentido específico".

E citou a frase de um cardeal fundador das juventudes católicas: "Um jovem trabalhador vale mais que todo o ouro do mundo".

Diante de trabalhadores espanhóis, portugueses, iugoslavos, africanos, Karol Wojtyla lembrou sua experiência como trabalhador manual, quando foi empregado de uma fábrica: "Desta experiência de alguns anos, tirei a convicção e a certeza de que, no trabalho, o homem se exprime como sujeito capaz de amar, se orienta em direção aos valores fundamentais, pronto à solidariedade com todos os homens".

E ressaltou que o problema fundamental do mundo do trabalho é, além da força moral, "a justiça e a luta pela justiça social".

Deve-se dizer que seria difícil imaginar um auditório melhor para afirmar que "o mundo desejado por Deus não pode ser um mundo no qual uns, pouco numerosos, acumulam em suas mãos bens em excesso, e os outros, em número claramente superior, sofrem de indigência, miséria e morrem de fome".

Este auditório acabara de dizer a João Paulo II como se sentia excluído, vítima do desemprego, de ameaças de expulsão, de péssimos salários.

O Chefe da Igreja, porém, recusou ver o problema como um enfrentamento entre duas classes sociais, opostas uma à outra. "Não devemos nos fechar em esquemas muito estreitos. Trata-se hoje, na realidade, de sociedades inteiras, de zonas inteiras do mundo, que já foram definidas de diversas maneiras. Fala-se por exemplo de sociedades desenvolvidas e de sociedades subdesenvolvidas. Mas é preciso falar também de sociedades de consumo, e daquelas nas quais os homens morrem literalmente de fome."

Após este apelo implícito a um reequilíbrio entre o Norte e o Sul do planeta, o Papa fez alusão ao que se passa nos países do Leste. "O homem não tem apenas fome de pão", disse. "Ele tem fome, algumas vezes e mais ainda, de verdade. Ele tem fome de liberdade, quando não são violados alguns de seus direitos tão fundamentais quanto o direito à liberdade de consciência e à liberdade religiosa, quanto o direito à educação dos filhos de acordo com a fé e as convicções dos pais e das famílias. Quanto uma conjuntura política ou uma concepção do mundo imposta pela força."

Até o líder comunista Georges Marchais foi cumprimentar João Paulo II

Giscard oferece recepção

Paris (da Correspondente) — Perturbada pela chuva, a visita de João Paulo II a Paris ontem teve dois pontos altos: a recepção presidencial no Palácio do Eliseu, onde o Papa apertou a mão e trocou algumas palavras com os líderes socialistas e comunistas; e a homilia pronunciada na basílica de Saint Denis.

Ontem pela manhã, quando João Paulo II acordou em seu apartamento na Nunciatura Apostólica, constatou que o céu de Paris não estava com ele: chovia muito e fazia frio. Mas o representante de Deus na Terra não se desencorajou com tão pouco.

Depois do café da manhã à francesa — croissants e pães frescos — recebeu representantes de religiões cristãs não católicas (protestante, ortodoxa, luterana). Em seguida intelectuais como o filósofo Raymond Aron, a socióloga Germaine Tillon e o historiador Pierre Chaunu, todos conhecidos pelo conservadorismo.

Esses encontros, porém, eram apenas o início da primeira etapa séria do dia, que começou às 10h no Palácio do Eliseu, onde o Presidente da República recebeu João Paulo II e o apresentou à sua família. Os dois posaram para a posteridade e se refugiaram num salão privado para conversar por 45 minutos das coisas do mundo.

Segundo Valery Giscard D'Estaing, eles falaram sobre a situação internacional. O Papa aprovou o encontro do Presidente francês com Leonid Brejnev em Varsóvia, afirmando que entendia todas as iniciativas que permitam uma melhor compreensão internacional.

O Papa se mostrou muito impressionado com o montante da ajuda da França aos países do Continente africano, expressando o desejo de que as nações ricas aumentem seus esforços nesse sentido. Os problemas do Oriente Médio, as relações Leste-Oeste, a questão das desigualdades, também foram abordados, assim como a necessidade de tudo fazer para preservar a paz no mundo.

Aparentemente, os assuntos delicados que o Chefe de Estado francês não queria discutir (porque foi ele, no início de seu Governo, que permitiu a liberalização do aborto e o divórcio) não foram mencionados.

Após as conversações, que demoraram 15 minutos a mais que o tempo previsto, João Paulo II foi apresentado aos membros do Governo e às principais personalidades políticas francesas. Foi assim que milhões de telespectadores (a cerimônia foi transmitida ao vivo) viram o Papa apertar a mão do secretário-geral do Partido Comunista, Georges Marchais, que estava muito sorridente e parecia feliz em trocar algumas palavras com o Chefe da Igreja.

Tarde foi mais movimentada

Paris (da correspondente) — Depois da recepção no Palácio do Eliseu, João Paulo II almoçou com o Cardeal François Marty no Arcebispado. Esta foi a única refeição oficial que o Papa aceitou incluir em seu programa. E foi muito rápida, porque a tarde foi ainda mais movimentada que a manhã.

Às 15h, o cortejo papal chegou à Casa das Irmãs de São Vicente de Paula, freiras muito conhecidas por seu devotamento aos doentes, onde rezou na Capela da Medalha Miraculosa e, nos jardins, conversou com religiosas na região parisiense e freiras contemplativas que desejavam vê-lo.

Em seguida, o Chefe da Igreja foi, de carro, encontrar, às 16h 30m, os imigrantes poloneses que o esperavam no Campo de Março, plenos de calor e entusiasmo, apesar do tempo chuvoso. Eram mais de 15 mil, na presença do Monsenhor Zbigniew Bernecki, Cardeal-Arcebispo de Cracóvia. "Não se deixem minar por complexos", disse-lhes o Papa. "Não se afastem da fonte que os permitiu crer. Saibam ler, discernir e escolher. A integração é um processo importante e necessário. Mas, não renunciem ao que constitui sua substância, ao fio que os liga ao passado. Não se deixem obnubilar pelos **slogans** fáceis, os lugares-comuns, as opiniões superficiais".

Fiéis pedem excomunhão de Pinochet e Videla

Paris — Com cartazes pedindo a excomunhão dos Presidentes do Chile, Augusto Pinochet, e da Argentina, Rafael Videla, um grupo de pessoas juntou-se aos fiéis que esperavam o Papa João Paulo II sair da Nunciatura Apostólica, mas foram dispersados pelos encarregados da segurança.

João Paulo II foi saudado, antes de seguir para o Palácio do Eliseu, por muitos fiéis, que gritavam "Querido Santo Padre, Tu salvarás a Terra", e abençoou uma criança inválida.

PROTESTOS

"Vade retro Papanas", "Não a João Paulo II **superstar**": assim os estudantes de Teologia protestante comentaram a visita do Papa. George Casalis, professor da Faculdade de Teologia Protestante de Paris, qualificou o pontificado de João Paulo II de "marcha à ré em direção ao autoritarismo".

Segundo Casalis, o Episcopado francês e a direita política do país entenderam imediatamente a vantagem de obter o que ele julga um "gigantesco homem-show", tendo em vista as eleições presidenciais do próximo ano. Para o professor, o Papa encarna uma instituição "triunfalista, jurídica e clerical". Ele se mostrou preocupado com o futuro do ecumenismo.

Vidigal recebe os "10 Mandamentos para Ver o Papa"

Os participantes da Assembléia da Associação dos Moradores da Favela do Vidigal receberam um folheto contendo **Os 10 Mandamentos Para Ver o Papa**:

1. Ajude seu irmão a ver o Papa. Não é só você que deseja vê-lo.
2. Mantenha calma. Para demonstrar devoção não é preciso exagerar.
3. Colabore com as autoridades. Siga as orientações.
4. Não corra, não empurre, não se exalte.
5. Antes de você, pense nos velhos, nos inválidos, nas mulheres grávidas e nas crianças.
6. Vá para a Niemeyer se a sua casa não estiver no caminho do Papa.
7. Prepare o corpo e a alma para ver o Papa. Alimente-se bem, evite o que possa provocar sede, vá ao banheiro.
8. Peça aos amigos, comadres, parentes e patrões que não moram no Vidigal para não insistir em vir ao Vidigal ver o Papa.
9. Compenetre-se de que o mundo está com os olhos voltados para nós.
10. Faça com que o Papa se sinta em casa.

Julho, dias 3 e 4: o roteiro de João Paulo II em São Paulo e Aparecida

Rota do Papa no Brasil tem hora marcada em 10 cidades

De 30 de junho, ao desembarcar em Brasília, até 10 de julho, quando partirá de Fortaleza para Roma, João Paulo II tem extenso programa a cumprir no Brasil. Mesmo sem a confirmação da Santa Sé, as 10 Capitais que o Pontífice visitará já elaboraram seu roteiro.

Brasília, dia 30

12h — Desembarque na base aérea. Recepção, por representantes do Governo, cúpula da CNBB e Núncio Apostólico. Um carro aberto conduzirá João Paulo II, em velocidade moderada, pelo Eixo Monumental.

13h15m — Chegada à catedral de Brasília. O Papa cumprimentará rapidamente o clero e vestirá os paramentos para a missa.

13h45m — Missa em palanque aberto, em frente à catedral e em direção à Esplanada dos Ministérios. O comparecimento previsto é de 1 milhão de pessoas. Em seguida, percurso em carro aberto rumo ao Palácio do Planalto, passando pela Esplanada dos Ministérios, Praça dos Três Poderes e estação rodoviária.

15h15m — Recepção, no Palácio do Planalto, pelo Presidente da República, ministros de Estado e dos Tribunais e pelos presidentes da Câmara e do Senado, acompanhados de suas famílias.

15h45m — Almoço na Nunciatura Apostólica, seguido de um período de descanso e de visita (no prédio ao lado) à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

19h30m — Retorno à Nunciatura, jantar e descanso até o embarque no dia seguinte, às 9h, para Belo Horizonte.

Belo Horizonte, dia 1º

10h30m — Chegada à Pampulha, com recepção prevista de autoridades, bispos e cerca de 50 mil pessoas.

10h40m — Saída, em carro aberto, a 10km/h, pela Av. Antônio Carlos. Entrada pela contramão no Viaduto da Rodoviária, ganhando a Av. Afonso Pena, que será seguida até o final, na Praça Israel Pinheiro. A previsão de público, no percurso, é de 2 milhões de pessoas.

12h — Praça Israel Pinheiro: missa solene em altar de 7 metros de altura, com a participação de todos os bispos mineiros. A previsão é de 100 mil fiéis.

14h — Ainda em carro aberto, João Paulo II se dirigirá ao Palácio Episcopal Cristo Rei, onde é possível que ocorra um encontro com jovens.

15h30m — Em carro fechado, o caminho da Pampulha. Embarque para o Rio.

Rio, de 1 a 3

Com a vinda do delegado do Vaticano, Monsenhor Paul Marcinkus, para discutir os últimos detalhes de segurança e maior proveito espiritual da próxima vinda do Papa ao Brasil, o Rio de Janeiro saiu ganhando. Aqui, João Paulo II dormirá duas noites e permanecerá 40 horas (e não apenas 36 como previa o roteiro elaborado pelos bispos).

O Papa, que passará em Belo Horizonte apenas cinco horas ao contrário das 15 que o roteiro primitivo estipulava, deverá chegar no dia 1º de julho, às 18h40m, à Base Aérea do Galeão, onde o esperarão para lhe dar as boas-vindas 2 mil crianças de toda a Arquidiocese — as mesmas que no mesmo local lhe dirão adeus no dia 3, às 8h, quando ele deverá tomar o avião que o levará a São Paulo.

Em sua estada no Rio, João Paulo II cumprirá o programa que tem sido noticiado, variando só a data e os horários. No dia 1º de julho, duas horas depois de sua chegada, ele deverá estar no Aterro do Flamengo para, perto das 18h30m, começar a celebração da sua primeira missa no Rio, num altar armado no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Grande Guerra, no mesmo lugar onde há 25 anos foi realizado o Congresso Eucarístico Internacional.

Do Aterro do Flamengo, Sua Santidade seguirá — de carro fechado ou helicóptero — até a Residência Assunção, no Sumaré, onde jantará e passará a noite, com a sua comitiva e o Cardeal Eugênio Sales (anfitrião).

No dia 2 de julho, de manhã o Papa deixará o palacete do Sumaré para visitar a Favela do Vidigal, onde falará para os moradores e benzerá a capela que os favelados estão construindo em honra de São Francisco de Assis. A seguir, o Pontífice irá para a Catedral nova, onde falará para os religiosos e religiosas (inclusive de ordens contemplativas) de toda a Arquidiocese e fará o discurso de abertura do Encontro do Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano), que celebra então seus 25 anos de fundação, aqui mesmo no Rio de Janeiro.

Da Catedral, o Papa seguirá para o Alto do Corcovado, aonde deverá chegar perto do meio-dia. Aí, ele será recebido por um coro formado de jovens, dirigirá uma breve saudação e dará sua bênção a toda a Cidade. A comissão encarregada de preparar a visita do Papa se empenhará para que nesse momento repiquem os sinos e toquem sirenas e buzinas de todo o Rio de Janeiro, seguindo-se então um momento de silêncio e total paralização da Cidade para que as pessoas possam recolher-se e orar juntas com o Papa, e dele receber sua bênção apostólica.

A seguir ao Corcovado, o Papa voltará ao Sumaré para almoço e mais tarde, não se sabe ainda a hora, descerá até o Estádio do Maracanã para celebrar, com todo o clero presente, missa de ordenação de 70 novos padres. Antes de entrar no gramado, onde se erguerá o altar, João Paulo II passará, em carro aberto, pela geral, para que todos possam vê-lo de perto.

A entrada no Maracanã só será permitida através de convite, que por sua vez só será distribuído nas vésperas através das secretarias paroquiais.

Já com o sol posto certamente, o Pontífice voltará uma última vez para o Sumaré para jantar e descansar sua segunda noite no Rio. Na manhã seguinte, antes das 8h, ele estará seguindo (não se sabe ainda se de carro fechado, se de helicóptero) para a Base Aérea do Galeão, onde tomará o avião que levará a São Paulo.

São Paulo, 3 e 4

3 de julho, 9h — Chegada ao Aeroporto de Congonhas e percurso em carro aberto — se não chover — pelas Avenidas Rubem Berta, 23 de Maio e Tiradentes.

11h — No Campo de Marte, missa para 1 milhão de pessoas.

13h — Deslocamento, em helicóptero, para o Colégio Santo Inácio, no Morumbi; almoço e repouso; recepção de crianças para bênção.

16h — Embarque em helicóptero para o QG do II Exército, com benção a doentes e portadores de defeitos físicos. Em seguida, no Ginásio do Ibirapuera (em frente), encontro com padres e freiras.

17h — A caminho do Morumbi, onde o espera concentração de trabalhadores.

19h — Volta ao Colégio Santo Inácio, para pernoite.

4 de julho, 7h — Embarque em helicóptero para Aparecida do Norte.

8h30m — Ginásio Bom Jesus de Aparecida, para almoço.

15h — Vôo em helicóptero para São José dos Campos e embarque, em avião a jato, para Porto Alegre.

Porto Alegre, 4 e 5

4 de julho, 17h — Chegada ao Aeroporto Salgado Filho, recepção pela colônia polonesa em trajes típicos e percurso, pela Avenida Farrapos, rumo ao Centro da Cidade, até à catedral Metropolitana.

18h — Na Praça da Matriz, com a catedral fechada para que o público se concentre em frente ao palanque oficial, a primeira bênção do Papa a Porto Alegre. Em seguida, recolhimento à Cúria, para jantar.

20h — Audiência, na Cúria, aos representantes do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs. Participarão o presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, o cardeal Vicente Scherer e os presidentes das igrejas Metodista, Evangélica de Confissão Luterana e Episcopal do Brasil.

5 de julho, 9h — Chegada em carro fechado à esquina das Avenidas Érico Veríssimo e José de Alencar, para celebração de missa com o comparecimento previsto de 600 mil fiéis.

12h — Volta à Cúria Metropolitana, para almoço. Em seguida, embarque no Aeroporto Salgado Filho, para Curitiba.

Curitiba, 5 e 6

5 de julho, 16h15m — desembarque no Aeroporto Afonso Pena, no Município de São José dos Pinhais, a 20 quilômetros de Curitiba.

16h45m — Início do desfile, até o campo do Coritiba Football Club, onde concederá audiência aos poloneses.

18h — Audiência com poloneses (e representantes de outras etnias) no campo do Coritiba (Estádio Couto Pereira).

20h30m — Jantar no Arcebispado de Curitiba.

6 de julho, 7h30m — Saída do Arcebispado em carro aberto e desfile até o Centro Cívico.

8h — Missa dos imigrantes no Centro Cívico (com duração prevista de uma hora e 45 minutos).

9h50m — Saída do Centro Cívico em carro aberto.

10h30m — Embarque para Salvador.

Salvador, 6 e 7

6 de julho, 13h — Desembarque na Base Aérea e recepção de 15 minutos. Saída em carro aberto pela orla marítima, Centro da Cidade Alta e chegada à Catedral Basílica, para breve saudação e benção. Recolhimento à residência particular do Cardeal Avelar Brandão, para descanso de hora e meia.

A programação do fim da tarde de domingo de João Paulo II em Salvador ainda não está definida. Há duas opções: a ida ao Bonfim (preferida por Dom Avelar) ou ao Teatro Castro Alves, às 20h, para um encontro com religiosos e representantes da sociedade baiana.

7 de julho, 8h — Após pernoite na residência de Dom Avelar, saída para bênção às crianças, na Praça Dois de Julho (Campo Grande), em frente ao Palácio Arquiepiscopal. Em seguida, embarque em helicóptero no 2º Distrito Naval (Cidade Baixa) rumo à Favela dos Alagados, para benção da nova capela. Volta, de helicóptero, ao Centro Administrativo da Bahia.

9h30m — Recepção, no Centro Administrativo, pelo Governador.

10h — Missa campal, com duração prevista de hora e meia, seguida de embarque para o Farol de Itapoan, nas proximidades do aeroporto ali João Paulo II almoçará no Centro de Treinamento de Líderes da Arquidiocese, descansará um pouco e tomará, às 14h, o avião para o Recife.

Recife, 7 e 8

7 de julho, 15h — Desembarque no Aeroporto Militar e percurso, em automóvel, entre Recife e Olinda (37 quilômetros), com duração prevista de quatro horas.

Pernoite no Palácio do Bispo, na Avenida Rui Barbosa.

Belém, 8 e 9

8 de julho, 12h20m — Chegada ao Aeroporto Val-de-Cans e embarque em helicóptero para o Seminário Pio X (na Rodovia BR 316). Ligeira refeição e repouso.

14h30m — Embarque em helicóptero para a colônia de hansenianos em Marituba, onde falará a 2 mil internos.

15h — Volta de helicóptero ao Centro, onde passará para um carro aberto.

17h30m — Chegada à basílica de Nazaré, para celebração de missa.

19h — Saída para a Catedral, onde celebrará outra missa. Em seguida, travessia a pé do Largo da Sé, rumo ao Arcebispado, onde pernoitará.

O embarque para Fortaleza, dia 9 de julho, deverá ocorrer às 6h, mas o horário não está ainda confirmado.

Fortaleza, 9 e 10

9 de julho, 7h — Desembarque no Aeroporto Pinto Martins.

7h40m — Início do desfile pelas ruas da cidade.

8h30m — Chegada ao Castelão, para encontro com os migrantes.

11h30m — Fim do desfile. Entrando pela Prainha, João Paulo II vai repousar e almoçar.

15h30 — Saída da residência arquiepiscopal, em direção ao Castelão. Celebração eucarística.

19h30 — Jantar com os bispos no Seminário Regional e retorno à residência arquiepiscopal.

10 de julho, 7h — Missa na residência arquiepiscopal.

8h — Saída para encontro com religiosos e leigos no Centro de Convenções.

11h30m — Saída do Centro de Convenções para o aeroporto.

12h — Embarque para Roma.

Fotos de Delfim Vieira

Os técnicos do IBDF e da FEEMA defendem os mangues de Magé e Itaboraí

Técnicos querem mangues de Magé como reserva biológica

A proibição da pesca e a desapropriação de terras são alguns dos problemas sociais previstos por técnicos do IBDF e da FEEMA para transformar cerca de 30 quilômetros quadrados de mangues, em Magé e Itaboraí, em área de reserva biológica. Os manguezais de Magé correspondem a 5% de proteção natural da Baía de Guanabara, os 95% restantes serão aterrados pelo Projeto Rio.

Um acordo de cavalheiros entre a FEEMA e os coordenadores do Projeto Rio assegura aos cientistas a preservação sob a responsabilidade deles dos quase 80 quilômetros quadrados de áreas inundáveis, na região de Magé. Em troca eles não tentarão impedir o aterro do fundo da Baía. Cerca de 120 quilômetros quadrados de São Gonçalo a Duque de Caxias.

Dificuldades

A transformação dos manguezais de Magé em reserva biológica foi sugerida há três anos pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Com o Projeto Rio o caso foi novamente levantado e, na semana passada, o IBDF deslocou técnicos para fazer o levantamento da região e analisar o que pode ser preservado.

O coordenador-geral do Departamento de Parques e Reservas Equivalentes do IBDF, especialista em áreas silvestres, Eduardo Pontes, dirigiu os trabalhos. Sua equipe foi integrada por um botânico do Museu Nacional, Jesus Barcia; um ecólogo, Jean Paul Poupard; um biologista marinho, Catuetê Albuquerque; e um agrônomo, Gabriel Borges. Participaram ainda a zoóloga Norma Crud de Araújo e a botânica Dorothy Maciel, da FEEMA, especialistas em mangues e responsáveis pelos trabalhos que sugeriram a criação da reserva.

Depois de um levantamento da região, os cientistas constataram que nem todos os 80 quilômetros quadrados de áreas inundáveis têm características de manguezal. Em muitas partes, a poluição e o homem descaracterizaram os mangues. Mas, de qualquer forma, eles constataram a necessidade de preservar a área que conserva as características.

Do ponto-de-vista científico, a região deveria ser recuperada e mantida em suas características naturais. Isso representaria ter que afastar o homem dos manguezais, impedir a pesca, fechando todos os canais de acesso ao mar, estendendo essa proteção a uma faixa de um quilômetro para dentro da baía e controlar desmatamentos e indústrias que prejudicam as transformações naturais nos manguezais.

O coordenador da equipe, Eduardo Pontes, acha que o trabalho científico não pode limitar-se aos pareceres técnicos, pois correm o risco de serem totalmente irrealizáveis. Os cientistas têm, também, que se preocupar com os problemas políticos e sociais que as necessidades ecológicas causarem e procurar alternativas.

No caso de Magé, as possibilidades de conservar os manguezais ficaram restritas a cerca de 30 quilômetros quadrados delimitados por canais naturais. Essa restrição geográfica diminui os problemas sociais que poderiam ser criados, mas influencia menos ainda (a região total já influi apenas 5%) na conservação da Baía de Guanabara e suas espécies animais.

Os 30 quilômetros quadrados abrangem um pedaço de Itaboraí. A maior parte entretanto fica no Município de Magé, na região delimitada pelo rio Guaxindiba, seguindo em direção de Itaboraí. Duas fazendas e um loteamento — Parque Agrinco — serão desapropriadas. Somam, aproximadamente, 1 mil e 800 hectares.

Reações

Segundo o diretor da Associação Mageense em Defesa do Meio-Ambiente, Radamés Marzulo, Magé é um município que sofre as dificuldades de sua má localização, entre a serra dos Órgãos e as áreas inundáveis. A AMMA estava interessada em preservar os manguezais, impedindo os aterros e as dragagens dos rios e canais, mas se surpreendeu com os problemas sociais que surgiram. Mesmo assim, a diretoria da Associação considera válida a preservação da área.

Dos 180 mil habitantes do município, apenas cinco mil vivem de pesca, principalmente do caranguejo, na área dos manguezais. As principais atividades econômicas são a agricultura e pecuária. A indústria é pouco desenvolvida.

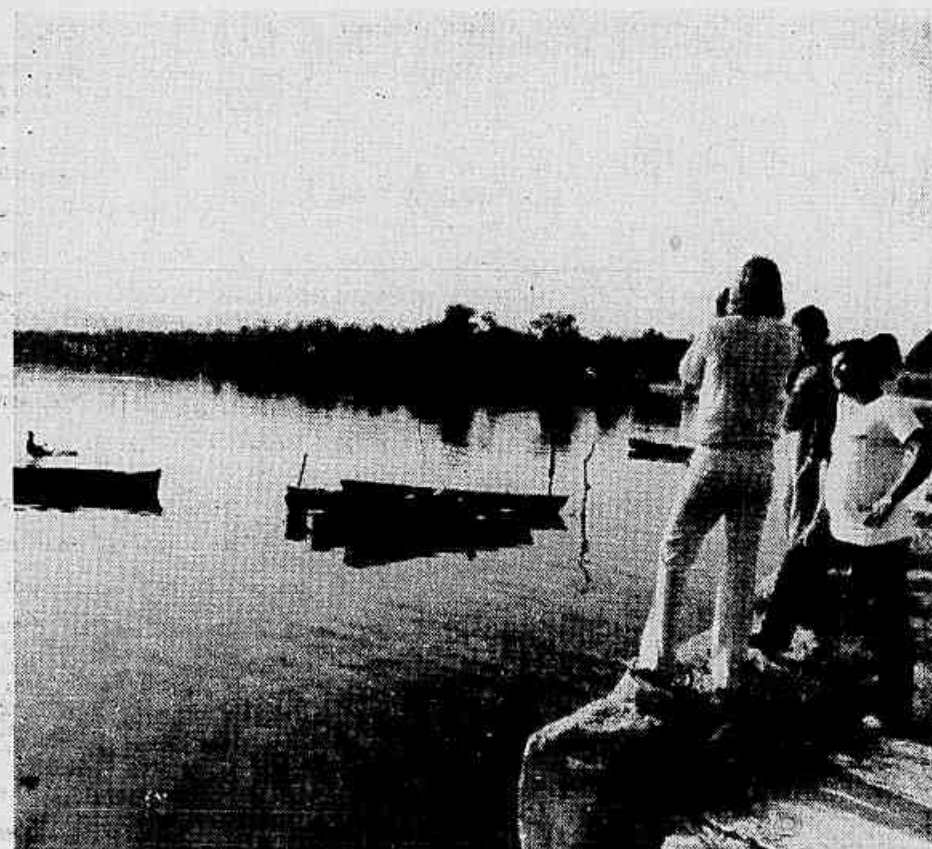
Se toda a área inundável e com característica de mangue fosse preservada ao natural, milhares de currais de pesca teriam que ser deslocados. Com a área delimitada pelos cientistas apenas algumas dezenas terão que se afastar da costa. Os pescadores de Magé abastecem os mercados de Duque de Caxias e Teresópolis.

Radamés Marzulo está consciente da reação que a medida provocará no município e não apenas nos pescadores. Políticos e fazendeiros defendem o aterro dos mangues para transformá-los em campos de pastagem e zonas agrícolas e loteamentos. Mas justificam sempre com a sobrevivência dos pescadores. Estes desenvolvem a pesca predatória. As pessoas mais influentes conseguiram dragar muitos canais e rios, através do DNOS. Isso colaborou para descaracterizar parte dos manguezais: a mudança do curso dos rios impede a irrigação dos mangues.

Importância

Os manguezais exercem uma função fundamental na manutenção e conservação da vida nos mares. Nesses fundos de baía desenvolve-se a desova de robalos, garoupas, camarões caranguejos e outros animais marinhos. Os mangues funcionam como filtro do mar. Recebem todos os produtos trazidos pelos rios, selecionam e os transformam em nutrientes necessários à vida marítima.

As folhas dos mangues vão para o fundo dos rios que cortam o manguezal e servem a bactérias, protozoários e pequenos animais marinhos que alimentam peixes, camarões e moluscos. Os manguezais são áreas de reprodução natural da fauna marinha.

Desse fundo de baía que vai de Duque de Caxias a São Gonçalo e que é altamente poluído pelas indústrias, depende a vida da baía de Guanabara. Mesmo assim, contra o parecer dos cientistas, há um plano para aterrar a região, expandir a Baixada Fluminense, sanear a área e criar locais de lazer. São 120 quilômetros quadrados de manguezais que estão à disposição do Projeto Rio, de acordo com o oficioso acordo com a FEEMA.

O levantamento da área a ser preservada está sendo feito pelo IBDF

Biblioteca do BB fica no Rio

Atendendo a pedido do Secretário estadual de Educação e Cultura, professor Arnaldo Niskier, o presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Collin, informou ontem que a biblioteca do Banco do Brasil não mais será tranferida para Brasília, conforme decisão tomada anteriormente. O professor Arnaldo Niskier fez o pedido sob alegação de que a transferência da biblioteca deixaria enorme vazio cultural no Rio de Janeiro.

A biblioteca do Banco do Brasil, na esquina das Avenidas Rio Branco e Presidente Vargas, tem cerca de 50 mil volumes e diariamente é consultada por alunos da rede oficial de ensino e de escolas particulares. A decisão do presidente do Banco do Brasil atendeu também a apelo dos funcionários da biblioteca, que já haviam marcado até assembléia no Sindicato dos Bancários.

Audi se defende de acusação feita pela Coprotrade

São Paulo — O advogado da Química Industrial Paulista (do grupo Audi), Paulo Ramos, afirmou ontem que o processo movido contra seu cliente pela Coprotrade S/A "é uma tremenda chantagem. Na verdade, meu cliente foi vítima de uma tentativa de subfaturamento, através da exportação de tambores de **thinner**".

A denúncia contra o empresário Nagib Audi, presidente da Química Industrial Paulista, foi feita pelo Promotor Carlos João Eduardo Senger, que se baseou na representação do advogado da Coprotrade, Sr Edevaldo Alves da Silva, que fez a acusação de um golpe de quase 5 milhões de dólares que teria sido aplicado pela Química Industrial Paulista contra a Coprotrade.

O advogado Saulo Ramos explicou que em 1978 a Química Industrial Paulista foi procurada pelo Sr Fredy Sidi, da Coprotrade, com duas cartas de crédito, em valor superior a 50 milhões de dólares, destinadas à compra de **thinner** pelo importador do Kuwait Kaleh Mohamed Al Ateeki. Segundo o Sr Saulo Ramos, a Coprotrade depois alegou dificuldades de exportação do **thinner**. Disse o advogado que a Cacex não deixou que uma intenção de realizar um subfaturamento se concretizasse. Fredy Sidi, dirigente da Sidi Trading, em Londres, pretendia remeter a mercadoria para Marselha, ao preço de 480,44 dólares o barril, e depois remetê-la para o Kuwait ao preço de mais de 600 dólares.

Delfim acha desnecessária a desestatização da economia

"Eu não acredito na história de desestatização, porque em primeiro lugar não tem capital privado capaz de comprar as estatais; em segundo lugar, porque seja qual for o preço pelo qual o Governo venderia uma empresa, sempre haveria a gritaria: "Quem é que no Governo levou a **grana** para vender", afirmou o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, nos debates que travou semana passada, no Rio, na Escola Superior de Guerra.

"Por que desestatizar? O que é que há de errado com as empresas do Governo?", indagou o Ministro, acrescentando não crer que "as empresas estatais brasileiras sejam menos eficientes ou mais eficientes que as empresas privadas, afinal as pessoas que as administram são as mesmas. No caso das estatais é preciso apenas que o Governo lhes diga quanto podem investir e fiscalize para que não ultrapassem os limites", conclui o Sr Delfim Neto.

Compatibilização

O Ministro do Planejamento — segundo o texto distribuído por sua assessoria, no Rio — respondeu a um dos debatedores, que lhe indagou "como compatibilizar o orçamento monetário com o crédito sem limites ao setor agrícola", dizendo ser "muito simples a questão: controlar tudo, inclusive o crédito agrícola, ter menos inflação mas correr o risco de nenhuma safra... ou controlar o que era possível, deixar livre a agricultura e ter o que comer no ano seguinte? Acho que não erramos deixando o crédito livre para a agricultura. Pelo menos teremos o que comer..."

Ele anunciou que o subsídio do trigo este ano "chegará aos Cr$ 60 bilhões", e acrescentou: "Além do pão, acontece que inúmeros produtos de trigo, como o macarrão, massas em geral e biscoitos integram hoje a dieta do pobre e não é justo retirar tudo de uma vez. Nós vamos começar a retirada do subsídio no mês de julho, mas vamos devagar e vamos levar alguns anos até reduzir tudo."

À pergunta sobre compatibilização de política austera antiinflacionária e abertura política, o Sr Delfim Neto disse que "o Brasil é um país perfeitamente administrável. Uma greve aqui, uma reivindicação mais forte ali não pode inibir a abertura política". E indagou: "Será que somos tão diferentes dos outros países do mundo Ocidental, somos tão incompetentes que não podemos administrar uma economia aberta sem risco de crise?"

O Ministro do Planejamento considerou o Brasil um "país em desenvolvimento, necessariamente tomador de capital, precisando da poupança externa para crescer com menor custo social, com menor compressão do consumo". E continuou sua resposta sobre a dívida externa dizendo que esta não é necessariamente o mal: "O mal é quando você não exporta o suficiente para amortizar a dívida. No meu entender, a política de endividamento foi correta, porque permitiu reduzir os custos sociais do ajustamento à crise do petróleo".

Indagado se não seria conveniente obrigar as multinacionais a transformarem suas dívidas no exterior (cerca de 10 bilhões de dólares) em capital de risco, respondeu: "Não se pode obrigar ninguém a fazer nada. Aliás, seria uma burrice tentar isso. Teria péssima repercussão e não aconteceria nada. O que se pode fazer é induzi-las a ir transformando a dívida em capital, oferecer estímulos para isso."

Disse que o Governo não decide sobre índice de produtividade na questão da produtividade porque "isso seria o fim da abertura política, do debate, da discussão".

Itaipu terá de 5 bancos suíços empréstimo de US$ 200 milhões

São Paulo — Cinco bancos suíços terminaram na última sexta-feira, na Europa, a sindicalização de um empréstimo de 200 milhões de dólares para a Itaipu Binacional, em condições as mais vantajosas do mercado financeiro internacional, ou seja, com prazo de 10 anos e oito de carência e **spread** (taxas de risco) de 1 1/8. A sindicalização foi liderada pelo Swiss Bank Corporation. Esse é o último grande empréstimo em condições extremamente vantajosas, antes de o Banco Central admitir empréstimos internacionais com **spread** a 1,5.

A confirmação do término da sindicalização foi dada na noite de sexta-feira à Itaipu Binacional, sendo que o empréstimo está dividido em duas parcelas de 100 milhões de dólares. Os próximos empréstimos internacionais a serem conseguidos pelo país, sendo que um nessa semana, pelo Ministério dos Transportes, já terão um **spread** maior (cerca de 550 milhões de dólares no mercado norte-americano).

A Itaipu Binacional conseguiu esse empréstimo de 200 milhões de dólares devido a uma carta de intenção assinada pela Brown Boveri da Suíça, que, ao ganhar a concorrência para o fornecimento de uma subestação transformadora S-F6 (hexafluoreto de enxofre) para a hidrelétrica de Itaipu, comprometia-se a conseguir um crédito paralelo de 200 milhões de dólares, independente do financiamento do equipamento eletromecânico orçado em 40 milhões de dólares.

Nesse ínterim, os juros subiram na Europa, o **Libor** se elevou muito e houve uma tentativa, por parte de banqueiros suíços, de renegociar o **spread** e o prazo do empréstimo paralelo de 200 milhões de dólares. A Itaipu Binacional não aceitou a renegociação e chegou a informar à Brown Boveri suíça que o negócio seria desfeito, caso não fosse respeitado o protocolo de intenção. A Itaipu tinha como alternativa para substituir os recursos de 200 milhões de dólares o oferecimento de um crédito também paralelo de idêntico valor por empresas japonesas, também a longo prazo.

Os recursos conseguidos pela Itaipu Binacional serão divididos em duas parcelas de 100 milhões de dólares, sendo uma delas com prazo de 10 anos de resgate e oito de carência, com **spread** de 1 1/8 e outra com prazo de 10 anos e cinco de carência com **spread** também de 1 1/8. O total de 200 milhões de dólares faz parte dos recursos que a Itaipu Binacional necessitará para este ano: 450 milhões de dólares.

A empresa também conseguiu com o LLoyd Bank, agência de Assunção, Paraguai, um empréstimo de 20 milhões de dólares e agora está iniciando a sindicalização com agências de bancos estrangeiros do Paraguai, através de suas matrizes, de mais 200 milhões de dólares.

A Companhia Energética de São Paulo (CESP) usará a mesma estratégia de Itaipu na construção das hidrelétricas de Taquaruçu, Porto Primavera e Rosana, assinando protocolos de créditos paralelos na concorrência dos equipamentos eletromecânicos.

Endividamento e ociosidade das empresas crescem em 79

São Paulo — A saúde financeira das empresas brasileiras piorou no decorrer de 79, com o endividamento crescendo, em média, 10%, e sua liquidez entrando em processo de deterioração, segundo revela a análise do balanço de 100 companhias, da edição Melhores e Maiores da revista **Exame**, coordenada pelo professor Stephen Charles Kanitz, da USP.

O termômetro de insolvência elaborado pelo professor da USP, com base em cinco indicadores, mostra que a situação das empresas se agravou no ano passado. O fator de insolvência passou de 4,20 em 78 para 3,69 em 79, numa escala que vai de mais sete a menos sete, onde estão classificadas três situações: a de **solvência** (de mais sete a zero); a de **penumbra**, de zero a menos três; e a de **insolvência** (de menos três a menos sete).

"Coincidência ou não, o endividamento das empresas brasileiras aumentou com a volta do Ministro Delfim Neto ao Poder, como no período de 1968 a 1973, indicando a expectativa de que os negócios vão melhorar no futuro e, por isso, compensa investir", comentou o professor Stephen Kanitz. A influência da maxidesvalorização determinada em dezembro, no entanto, observou, foi significativa.

Segundo ele, ao assumir o Poder em 1968, o atual Ministro do Planejamento, na época à frente da Pasta da Fazenda, criou mecanismos de empréstimos a longo prazo, permitindo que as empresas aumentassem substancialmente seu nível de endividamento, aproveitando inclusive o tabelamento dos juros. Dessa forma, a relação entre dívidas e patrimônio evoluiu de 37 centavos por cruzeiro para 62 centavos por cruzeiro no período de 5 anos — 1968/1973.

Quando o comando da economia passou para o ex-Ministro Mário Henrique Simonsen, as taxas de juros foram liberadas e as empresas reduziram seu endividamento para entre 59% e 60% de seus ativos. Agora, esse endividamento volta a crescer, chegando a 65 centavos para cada cruzeiro de patrimônio, nível que pode ser considerado elevado, principalmente se considerarmos que a rentabilidade — lucro em relação ao patrimônio — não se alterou e a liquidez diminuiu.

Os balanços dessas 100 empresas de vários setores indicam que as vendas cresceram 5%, em média, mas que a produtividade das máquinas e equipamentos — obtida através da divisão das vendas pelo ativo fixo — caiu. Dessa forma, pode-se concluir que a ociosidade das empresas aumentou no ano passado.

Para este ano, o professor da USP acredita que as grandes empresas aumentarão ainda um pouco mais seu índice de endividamento, aproximando-se da relação 70 centavos de empréstimos para cada cruzeiro de patrimônio. Mas as pequenas e médias empresas, certamente, encontrarão dificuldades, esbarrando na limitação de expansão dos empréstimos de 45%, imposta pelo Governo. Os bancos deverão escolher seus clientes entre aqueles que oferecem maiores garantias e reciprocidade, o que excluirá a maior parte das empresas médias e pequenas.

O Sr Stenphen Kanitz acredita que, para sobreviver, as pequenas e médias empresas terão de recorrer às grandes, dilatando prazos de pagamento para 30, 60 e 90 dias. Observou que as grandes poderão obter empréstimos de longo prazo via Resolução 63 e, praticamente, financiar o capital de giro de seus clientes menores a taxas inferiores às que estes obteriam nos bancos. Lembrou, no entanto, que muitas companhias grandes não farão isso e seus clientes ficarão com grandes dificuldades de capital de giro.

O economista assinalou que o grau de liquidez das empresas sofreu sensível deterioração entre 78 e 79, caindo de 1,25 para 1,12, ou seja, os balanços analisados indicam que as companhias dispunham no final do último período, em média, de apenas Cr$ 1,12 para cada cruzeiro de dívida. Nessa situação, poucas delas teriam recursos para suportar uma expansão ou mesmo financiar suas vendas, com exceção das multinacionais, geralmente em boa situação financeira, que normalmente aproveitam os períodos de dificuldades para conquistar novas parcelas do mercado.

Consumidor vai pagar menos IOF

São Paulo — O vice-presidente da Acrefi-Associação das Empresas de Crédito, Financiamento e Investimento, Sr Liberto Vilar, explicou ontem que a alíquota de 3,6% de IOF-Imposto sobre Operações Financeiras, que vigorará a partir do dia 16, levará o consumidor a pagar menos imposto, pois ele incidirá também sobre os juros e encargos da operação.

Citou, como exemplo, uma operação com prazo de 18 meses, no valor de Cr$ 100 mil mais Cr$ 70 mil de juros. Com a alíquota de 6,9%, que será válida até o dia 16, o IOF corresponderia a Cr$ 6 mil 900, incidindo apenas sobre os Cr$ 100 mil emprestados.

— A partir da segunda quinzena, entretanto, a alíquota será de 3,6%, incidindo sobre os Cr$ 170 mil, relativos ao principal mais juros. Isto levará o consumidor a pagar Cr$ 6 mil 120 de imposto, ou seja, 11,3% a menos.

Para o presidente de Secovi-Sindicato das Empresas de Compra, Venda e Administração de Imóveis, Sr Paulo Germanos, o impacto será "bastante sentido, num setor onde não havia taxação", e a oferta de moradia para a classe média, que já é sensivelmente inferior à demanda, ainda deverá cair mais.

IBGE amplia cada vez mais pesquisa sobre desemprego

Primeiro levantamento mensal sobre o comportamento da oferta de mão-de-obra realizado no Brasil, a pesquisa de emprego do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) começou em janeiro deste ano, com o objetivo de colher dados para elaborar índices de emprego, desemprego e subemprego no país. Trata-se de uma pesquisa por amostra domiciliar, ou seja: entre todos os domicílios estimados para uma região, o entrevistador visita uma amostra predeterminada para conseguir suas informações.

Inicialmente a pesquisa foi realizada apenas no Rio e em São Paulo. Desde abril, cobre também Belo Horizonte e Porto Alegre, devendo englobar, até setembro, todas as áreas metropolitanas do país. Segundo o IBGE, são os maiores focos de concentração urbana que apresentam os maiores problemas sociais, e é lá que se deve obter dados estatísticos para poder elaborar políticas de desenvolvimento. No entanto, o presidente do IBGE, Jessé Montello, já admite a possibilidade de ampliar a pesquisa a outras áreas, futuramente.

A pesquisa mensal de emprego utiliza, para aplicar seus questionários, as amostras de domicílios já empregadas em outro levantamento que o órgão realiza desde 1967, a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios). A PNAD também levanta informações sobre o comportamento da mão-de-obra, mas é realizada anualmente e divulgada no mínimo seis meses depois do ano de referência, o que não permite ter uma idéia da evolução da situação do emprego.

Como na PNAD, selecionam-se, na pesquisa mensal de emprego, os municípios da amostra. Numa segunda fase, ocorre a escolha de setores censitários dentro de cada município (baseados no Censo de 1970) e, por último, escolhem-se os domicílios dentro de cada setor.

Estes são os tamanhos das amostras até agora selecionadas para a pesquisa mensal de emprego: 12 mil 55 domicílios no Rio, 9 mil 713 em São Paulo, 5 mil 315 em Belo Horizonte e 5 mil 613 em Porto Alegre (segundo o professor Jessé Montello, pode-se admitir uma média de 4,5 pessoas por domicílio).

O esquema é simples: entrevistadores do IBGE percorrem os domicílios da amostra e perguntam a cada membro da família de 15 anos ou mais se ele está ou não empregado. O período de referência é a situação da força de trabalho na semana anterior. O IBGE considera como força de trabalho ou população economicamente ativa toda a população com 15 anos ou mais, empregada ou desempregada.

Pessoas empregadas, segundo o conceito utilizado pelo IBGE, são "aquelas que trabalham por pagamento ou lucro no período considerado" e aquelas que "temporariamente não trabalharam por motivo de doença, greve, licença ou férias", além daquelas que "trabalharam em empresas familiares, ainda que não tivessem recebido remuneração em dinheiro, por um mínimo de tempo especificado (15 horas ou mais semanais)". Pessoas desempregadas, de acordo com o IBGE, são aquelas que "não trabalharam no período de referência e estavam ativamente procurando trabalho".

Outro mecanismo para conseguir maior representatividade da pesquisa é um tipo de rotatividade dos domicílios entrevistados. Um domicílio só entra na pesquisa "por no máximo quatro meses consecutivos, prestando uma informação por mês e só retornando à referida amostra oito meses depois, permanecendo por mais quatro meses e sendo então definitivamente eliminado da amostra", diz uma nota divulgada pelo IBGE, explicando este sistema de renovação das amostras.

Os índices

A pesquisa mensal de emprego do IBGE não levanta somente os índices referentes à situação de emprego, desemprego e subemprego. Colhe também dados sobre rendimentos, horas trabalhadas, número médio de semanas sem trabalho, ocupação, atividade, posição na ocupação e uma série de outras informações.

Para o índice de desemprego aberto, o IBGE considera o percentual médio das pessoas desempregadas (procurando trabalho) em relação à população economicamente ativa total. É interessante notar aqui que o renomado especialista chileno em direito de seguridade social, Patrício Novoa, considera que só se pode falar de desemprego aberto quando mais de 2% a 3% da população estiverem desempregados.

A pesquisa calcula ainda o percentual de pessoas que procuram trabalho pela primeira vez em relação ao total de pessoas na força de trabalho, o percentual das pessoas desempregadas, o desemprego de chefes de família em relação ao total de pessoas desempregadas, o número de empregados despedidos no mês de referência, o número médio sem trabalho dos desempregados, o percentual médio de pessoas que trabalham por domicílio, o nível de pessoas ocupadas por ramo de atividade.

NOS Estados Unidos, o número de desempregados é aferido através da instituição do seguro-desemprego (unemployment-compensation program). Quando uma pessoa é demitida, procura uma agência oficial de emprego (employment bureau) e registra o seu nome. Se, depois de duas semanas, continuar desempregada, tem direito a receber um auxílio financeiro.

A quantia deste auxílio e o tempo de duração variam de acordo com as leis de cada Estado da federação norte-americana. Representa entre 60% e 80% do salário recebido anteriormente, e o tempo varia entre 26 e 40 semanas. Este auxílio é retirado de um fundo, para o qual cada empregado contribui mensalmente.

Apesar de estar mais perto da realidade do que os indicadores aferidos em pesquisas por amostragem, o representante da AFL (American Federation of Labour) no Brasil, Paul Somogyi, considera que o índice de desemprego calculado através da soma de pessoas registradas nestas agências de emprego tem uma desvantagem: só engloba pessoas que estejam efetivamente procurando um emprego, sem abranger, portanto, os desempregados que não se utilizam das agências de emprego para achar um trabalho, nem aqueles que desistiram da procura.

O seguro-desemprego já está sendo estudado pelo Ministério da Previdência Social, em colaboração com o Ministério do Trabalho, para ser aplicado no Brasil. Segundo o advogado Francisco Costa Neto (OAB/RJ), trata-se de norma constitucional, uma vez que o Inciso XVI do Artigo 165 da Constituição assegura aos trabalhadores "previdência social nos casos de doença, velhice, invalidez e morte, seguro-desemprego, seguro contra acidente do trabalho e proteção da maternidade, mediante contribuição da União, do empregador e do empregado".

Recessão nos EUA causa retração nos investimentos

Trajano de Moraes

Pressionadas pela queda das encomendas e pelos altos custos financeiros, as empresas norte-americanas estão cancelando ou adiando os planos para construção de novas fábricas e para compra de equipamentos, fazendo retroceder o nível de investimentos, que há menos de dois meses parecia ser um dos poucos destaques da economia dos EUA este ano.

Mas, apesar da queda recorde de 4,8% no índice que engloba os principais indicadores econômicos norte-americanos, o Governo está animado com o arrefecimento dos preços em abril e espera uma queda brusca no ritmo inflacionário em meados do verão (de julho a setembro), o que, a se confirmar, reforçaria as perspectivas de uma redução na carga tributária e as próprias chances de reeleição do Presidente Carter.

Apostando na queda

Enquanto se avolumam as evidências de que a recessão deste ano poderá ser tão violenta quanto a de 1974/75, Washington prefere destacar a influência que terá ao pressionar os preços para baixo; os economistas do Governo acreditam que o índice de preços ao consumidor crescerá a taxas ao redor de 0,5%, até as eleições de 4 de novembro.

A taxa de 1,4%, registrada nos três primeiros meses do ano, e que projetava uma inflação anual de 18%, cedeu para 0,9% em abril. Tanto o Secretário do Tesouro, William Miller, quanto o principal assessor econômico de Carter, Charles Schultze, já começam a antecipar um índice anual de 10% no final deste ano. Apesar dos aumentos no preço do petróleo e de o Departamento de Agricultura ter adiantado que os preços agrícolas voltaram a subir em maio (0,9%), depois de terem recuado 4,5% em abril.

Embora a maioria dos economistas preveja que a redução dos investimentos este ano não será tão forte quanto na recessão de 1974/75, o fato é que os executivos já começaram a revisar seus planos.

Depois de ver canceladas várias encomendas de equipamentos de transporte e projetos de construção e engenharia, a Pullman Inc instruiu suas equipes técnicas, na semana passada, para "restringir todos os planos de investimento".

A Ford Motor Co anunciou uma redução de 2 bilhões 500 milhões de dólares nos seus gastos nos Estados Unidos nos próximos cinco anos, deixando dúvidas sobre se terá condições de realizar os investimentos necessários para continuar fabricando veículos em todos os segmentos do mercado. Foi uma das mais afetadas pela queda de 42% na venda de carros americanos nos primeiros dias de maio.

A definhante Chrysler Corp, ainda à espera da ajuda oficial, anunciou um corte nos gastos este ano de 136 milhões de dólares. A General Dynamics, por sua vez, reduziu seus investimentos para 1980 em 80 milhões de dólares; a American Can, em 30 milhões de dólares; American Natural Resources, em 65 milhões de dólares; Mid-Continental Telephone, em 28 milhões.

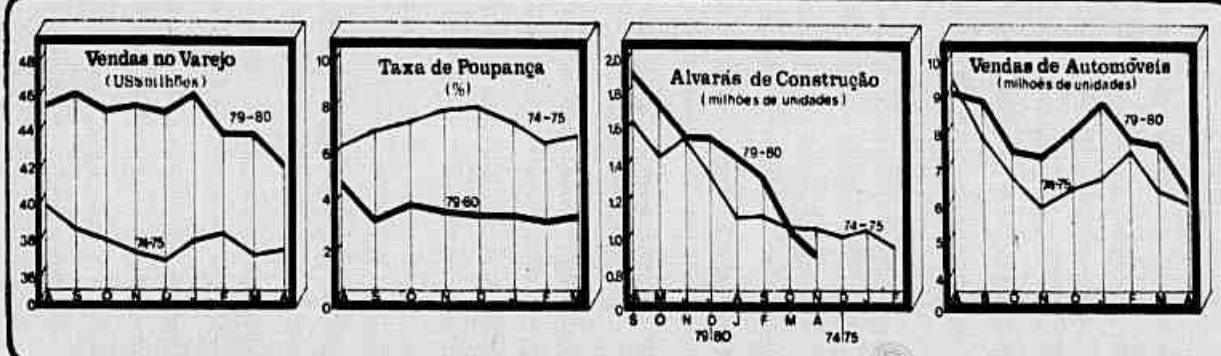
A Bethlehem Steel Corp não mexeu nos gastos de 1980, mas está revisando os programados para 81 e além, enquanto a National Steel Corp já cortou 20% de seu orçamento deste ano. Com a crise no setor de bens de capital, as siderúrgicas reduziram a expectativa de produção em 1980 de 90/95 milhões de toneladas para 80/85 milhões.

A General Motors, no entanto, anunciou uma elevação de 2 bilhões de dólares nos investimentos programados para os próximos cinco anos. No 1º trimestre, o nível de investimentos se manteve a uma taxa anual de 273 bilhões de dólares, ou 11% do Produto Nacional Bruto (PNB), a mesma do ano anterior. A vitalidade no 1º trimestre registou-se em setores que já tinham apresentado bom desempenho em 1979: energia, setor aeroespacial, de metais não ferrosos, máquinas elétricas, químico e de papel. Este ano, esses setores planejam elevar os investimentos numa faixa de 18% a 40%.

O único setor que parece à prova de recessão é o energético. Depois de lucros recordes em 79, a indústria pretende elevar suas inversões este ano em 22,3%, segundo pesquisa da McGraw Hill. No final de abril, a Union Oil Co., por exemplo, ampliou em 100 milhões de dólares seus planos de investimento este ano, e fixou-os em 1 bilhão 600 milhões de dólares.

Política industrial

Preocupado com a crise que se abate sobre a indústria automobilística e da construção civil, o Governo Carter está realizando um estudo para determinar suas chances de sobrevivência sem proteção oficial. Mas, após já ter aprovado uma verba de 1 bilhão 500 milhões de dólares para evitar a falência da Chrysler, não descarta a possibilidade de um pacote global de ajuda que incluiria, em relação ao setor automobilístico, proteção contra as importações, incentivos fiscais e alívio das exigências sobre segurança e poluição.

A política automobilística poderá, segundo **The New York Times**, servir de ponto de partida para uma estratégia ampla de auxílio a setores industriais que, com esse **empurrão**, tiverem boas possibilidades de competição internacional. Os setores siderúrgico, eletrônico e de processamento de dados poder-se-iam qualificar. "Sou cético sobre a possibilidade de o Governo fazer alguma coisa bem", confessa George Eads, membro do conselho de assessores econômicos da Casa Branca. Os próprios integrantes do grupo de trabalho que analisa as necessidades da indústria automobilística manifestam dúvidas de que o Governo possa ser tão eficiente quanto Detroit ao decidir sobre investimentos, preços e produtos. O que preocupa os planejadores é que a política industrial norte-americana acabar-se-á tornando política e indiscriminada, em vez de seletiva e baseada em critérios de eficiência.

A crise deste ano é quase tão forte quanto a de 1974 e a taxa de poupança já está muito menor

Desemprego bate o recorde em Detroit

Detroit, *EUA — Impulsionada por dispensas maciças nas linhas de montagem de veículos e nas fábricas de produtos de aço e borracha que fornecem componentes à indústria automobilística, a taxa de desemprego no Estado de Michigan, onde fica Detroit, subiu dois pontos percentuais em abril para 12,2% — a maior do país.*

Pelos mesmos motivos, a taxa em Ohio elevou-se em um ponto e meio para 7,4%, ultrapassando o nível nacional de 7% em abril, que significa a existência de mais de 7 milhões de pessoas desempregadas. Só em Michigan, mais de meio milhão de pessoas ficaram sem empregos, pela primeira vez desde a grande recessão na indústria automobilística que se seguiu ao embargo árabe do pretóleo, em 1974.

A Associação de Comércio e Desenvolvimento de Saint-Louis, Missouri, estima em 50% a baixa da produção de automóveis e caminhões na região, como conseqüência do fechamento de fábricas da General Motors, Ford e Chrysler. O órgão calcula em 27 mil o número de empregos a serem suprimidos, em 380 milhões de dólares a queda dos rendimentos individuais e em 3 bilhões de dólares as vendas que não serão realizadas.

Os negócios em Saint Louis ainda não foram duramente afetados porque o Governo e os sindicatos garantem aos trabalhadores despedidos de 70% a 95% de seus salários, durante um ano. Já começaram a expirar os auxílios concedidos em maio do ano passado. "Por que não diminuem o preço dos veículos para que o povo possa comprá-los e nós voltemos ao trabalho?", indaga Mary Robinson, ex-funcionária de uma fábrica da Ford.

FED solta as amarras que prendiam crédito

Nova Iorque — Quando, nos últimos dias, o **Federal Reserve Board** (FED, o Banco Central) anunciou a retirada dos controles creditícios impostos no dia 14 de março e reduziu a taxa de desconto bancário de 13% para 12%, o mercado achou que a fase no **stop** está superada e que é tempo de acelerar fundo de novo.

Muitos analistas acreditam que o Fed está atuando como um agente do Presidente Carter para previnir uma recessão muito profunda e um aumento muito rápido do desemprego, mas o certo é que, de qualquer maneira, foram reacesas as expectativas inflacionárias.

Para A. Gilbert Heebner, vice-presidente do Philadelphia National Bank, "a atenção de Washington está voltada para retirar a economia da recessão, principalmente num ano eleitoral. Não é preciso muita imaginação", diz ele, "para perceber a taxa inflacionária anual de 18% como parte de um ciclo que poderá superar folgadamente os 20% em meados desta década". Para Donald Maud, vice-presidente da Merril Lynch, uma das maiores corretoras dos EUA, "a melhoria do quadro inflacionário foi seriamente comprometida pela perspectiva de uma recessão mais curta do que a esperada".

O presidente do Banco da Reserva Federal de Nova Iorque (o mais importante depois do FED), Anthony Solomon, manifestou ao **The New York Times** sua preocupação diante do relaxamento do crédito admitido nas últimas semanas pelo Banco Central. "O mercado deve ficar convencido de que o FED está determinado a manter a disciplina monetária judiciosamente. A política do **stop and go** (pára e anda) não é apropriada".

Informe Econômico

De surpresa em surpresa

A participação, quinta-feira, do Ministro do Planejamento, Delfim Neto, no ciclo de conferências da Escola Superior de Guerra, já havia surpreendido muitos observadores pelo tom sério e severo de sua palestra.

Mas, sua participação nos debates — aos quais a imprensa não teve acesso — foi ainda mais surpreendente. Sobretudo, suas restrições à desestatização da economia brasileira.

A desestatização da economia foi colocada como uma das prioridades das diretrizes do Governo Figueiredo, interessado, como o Ministro tem declarado, em fortalecer a iniciativa privada no país.

É possível que a posição de Delfim, afastando a necessidade de reduzir a presença estatal na economia, tenha em conta que a prioridade básica no momento é o controle da inflação e o reequilíbrio do balanço de pagamentos.

Mas, o Governo, por seus membros, não pode renunciar ao compromisso de reduzir a presença do Estado na economia. Presença essa que parece não estar diminuindo, como indicam os 4 bilhões de dólares levantados pelo país no primeiro quadrimestre, dos quais 90% o foram pelo setor estatal, naturalmente para expandir seus negócios.

Preocupação

As empresas privadas fornecedoras de empresas de economia mista, sob controle do Governo Federal, estão preocupadas com os atrasos nos pagamentos, que em alguns casos são superiores a três meses. Desde janeiro, esse atraso se tornou uma constante.

Meta possível

A julgar pelas estatísticas referentes às exportações brasileiras em janeiro e fevereiro — mesmo diante das baixas vendas de café e do complexo soja — há possibilidade de a ambiciosa meta de exportação de 20 bilhões de dólares ser alcançada.

Em relação a igual período de 1979, as exportações de açúcar demerara cresceram 165,3%, enquanto as de açúcar cristal aumentaram 351,1%. As vendas de minério de ferro expandiram-se 58,2%, com 25% para as de manganês. A comercialização externa de ferro fundido elevou-se 231,8%.

Apesar da queda de 100% nas vendas de soja em grão; 40,1% nas de café em grão; 20,5% nas de cacau em amêndoas; e de 23,3% nas exportações de farelo e torta de soja, a pauta de produtos básicos arrecadou mais 22%.

Os produtos industrializados, embora com aumento de somente 7,1% nos semimanufaturados, devido às quedas nas exportações de óleos de soja (98,2%) e mamona (63,8%), arrecadaram mais 44,6%, porque os manufaturados expandiram-se 57,8%, com destaque para o açúcar refinado (176,4%); fios de algodão (111,9%); produtos siderúrgicos (93,3%); material de transporte (59,9%); máquinas e equipamentos (54,1%); e suco de laranja (36,8%).

O problema é que as importações cresceram 57,2%, sendo 192,9% em fertilizantes; 104,7 em combustíveis e lubrificantes; 92,3% em produtos químicos inorgânicos; 82,6% em cereais, e 46,7% em metais não ferrosos.

Destes produtos, as importações de cereais devem cair bastante por conta da supersafra; as maiores importações de fertilizantes devem contribuir para o aumento da produtividade agrícola. A pauta como um todo — à excessão da incógnita petróleo — pode ser contida com o IOF nas operações de câmbio.

Cujo efeito mais plausível deve ser a diminuição do déficit comercial com os Estados Unidos, que cresceu 150% nos primeiros dois meses de 1980, passando de 195,4% milhões de dólares, em 1979, para 490 milhões de dólares no início do ano. Já que o déficit com os países exportadores de petróleo dificilmente pode ser compensado bilateralmente.

Novo cliente

A Colômbia está negociando a compra de vagões de carga de indústrias nacionais. São mais de 250 unidades, equivalente a mais de 700 mil dólares. O contrato está em fase final de análise.

Crescimento não parou

O único setor industrial que não apresentou bom comportamento nos primeiros cinco meses do ano foi o de bens de capital sob encomenda, que não recebeu pedidos em carteira. Os demais setores da indústria de transformação tiveram crescimentos até superiores a 20%, como o do ramo de fabricação de televisores em cores e branco e preto. A indústria automobilística, apesar da greve de abril e início de maio, deverá encerrar o semestre com um crescimento de 2 a 5% sobre igual período de 1979.

Apesar disso, as empresas industriais enfrentam sérias dificuldades com a elevação dos custos de produção, por causa dos reajustes freqüentes nos preços das matérias-primas. No setor textil, os preços das fibras sintéticas (dependem do petróleo) e de outras matérias-primas tiveram reajustes absurdos, superiores a 100%, segundo confirmou o Conselho Nacional da Indústria Têxtil.

Título precário

A indústria têxtil conseguiu esta semana um reajuste de 20% nos preços de seus produtos. "Foi um reajuste a título precário", esclareceu o presidente do Conselho Nacional da Indústria Textil, Luís Américo Medeiros. O setor estava há seis meses sem reajuste. Segundo estudo desenvolvido pelo Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem, a elevação de preço deveria ser de pelo menos 80%.

Multinacionais não temem lei que disciplinará sua atuação

O novo código de regulamentação das atividades das empresas multinacionais, que deverá ser conhecido ainda neste primeiro semestre, não está preocupando as empresas estrangeiras de capital aberto que operam no país. Os dois projetos de lei apresentados — que atingem mais diretamente as empresas de capital limitado — já começaram a ser discutidos no Senado, com a preocupação do Governo de não desestimular o ingresso do capital estrangeiro no país.

O primeiro projeto, oriundo da CPI das multinacionais e assinado pelo presidente e pelo relator da Comissão, Deputado Herbert Levy e ex-Deputado Alencar Furtado, e que tem o apoio do Governo federal, é mais um código de ética do que propriamente uma legislação com poder de coerção. O segundo, já adotado pelo Partido Popular, e apresentado pelo presidente do Banco Itaú e ex-prefeito de São Paulo, Olavo Setúbal, é considerado mais abrangente, pois introduz exigências para um maior controle das empresas, inclusive a obrigação de tornar pública a tradução em números do que remetem para o exterior.

FISCALIZAÇÃO

O líder do Governo no Congresso, Jarbas Passarinho, garantiu a aprovação do projeto do Deputado Herbert Levy, depois de negociadas algumas alterações em seu texto. O Governo pretende, sem desestimular o ingresso desses capitais, criar mecanismos que favoreçam o desenvolvimento brasileiro.

Assim, o código que vier a ser adotado para as multinacionais deverá absorver alguns itens incluídos no projeto do ex-prefeito paulista. O trabalho oriundo da CPI das multinacionais é considerado mais pragmático e de aplicação duvidosa, tendo alguns itens ou artigos que se tornam também de difícil configuração, como os itens I e II do Artigo 1º.

Um ponto considerado muito positivo é o que diz respeito ao desenvolvimento da capacidade científica e tecnológica do país, hoje tido como o ponto crucial nas relações das empresas multinacionais em todos os países em desenvolvimento que atuam. É que o poder tecnológico superou o econômico tamanha a velocidade em que se desenvolveram e o nível de sofisticação que atingiram.

O que trata da concorrência desleal ou abuso de poder econômico são matérias já previstas no Conselho Administrativo da Defesa Econômica (CADE). Também considerada de difícil configuração é o que se define no projeto como "desrespeito à identidade social e cultural do país".

Não são suficientemente claras as punições propostas, já que a sustação dos incentivos fiscais e dos estímulos fiscais e creditícios esbarram na atual legislação, que tornam bastante difíceis, pelas restrições impostas, acessos a essas facilidades às empresas com capital estrangeiro.

A intervenção na empresa — também proposta como punição — depende de ato judicial, mesmo caso da cassação do direito de operar no Brasil, onde, mesmo que aprovada, depende de autorização do Presidente da República. Quanto à desapropriação de ações, a Constituição só reconhece por necessidade social ou de utilidade pública.

BALANÇOS

A principal virtude do projeto do ex-Prefeito Olavo Setúbal é a obrigatoriedade de publicação dos balanços, o que atinge principalmente as empresas multinacionais que operam como sociedades limitadas — é o caso da IBM e da Gillette, duas das maiores em operação no país — tornando pública a intimidade dessas empresas.

Outro ponto considerado importante é a aplicação das regras das sociedades de capital aberto, inclusive as da Comissão de Valores Mobiliários, que são mais rígidas quanto às demonstrações financeiras. Pede, também, a auditagem por auditores independentes, registrados junto à CVM.

Os dois parágrafos a serem acrescentados ao Artigo 1º da Lei nº 4 131 (Lei de Remessa de Lucros), de setembro de 1962 (que por sua vez foi modificada em alguns artigos pela de nº 4 390, de agosto de 1964), não podem ser traduzidos como novidades. Elas disciplinam a aplicação do capital estrangeiro e as remessas de valores para o exterior.

São casos já definidos na Lei das S/A, já prevendo que somente às ações nominativas cabe o direito de voto. Elas estendem a exigência de ações nominativas — identificação do capital — sempre que participe de outras empresas, sejam quantas forem, mesmo que brasileiras. Assim, toda ação, cota ou parte de capital adquirido por dinheiro remetido do exterior, terão a forma nominativa.

Outro destaque, é o Parágrafo Único do Artigo 3º, que exige a explicação dos lançamentos financeiros, tornando também públicas as operações dessa natureza entre a empresa estrangeira no país e a matriz e filiadas. O projeto do Sr Olavo Setúbal não estabelece punições e apenas torna pública a intimidade dessas empresas.

Shell diz que não será afetada

A mudança da legislação das multinacionais não afeta e não traz nenhum prejuízo para a Shell do Brasil, de acordo com seu presidente, Sr Peter Landsberg. "Se sair e for transformada em lei, a Shell cumprirá a lei, o que já é uma tradição."

O seu ponto-de-vista em relação aos projetos em discussão no Senado foram transmitidos através de sua assessoria de imprensa, já que sua agenda e uma viagem na sexta-feira não permitiam uma entrevista pessoal. Ele citou, ainda, o código de ética da empresa, "que tem um regulamento próprio, uma declaração de princípios rigorosa, que cumpre fielmente".

Tanto a Esso Brasileira de Petróleo quanto a IBM se recusaram a fazer comentários sobre os dois anteprojetos de controle da atuação das empresas multinacionais no país — o do ex-Prefeito de São Paulo, Olavo Setúbal, e do Deputado Herbert Levy.

O diretor da IBM, Murilo Loureiro, disse que a empresa não comenta "uma coisa que ainda não está concretizada, que ainda não existe". A mesma posição foi manifestada pelo porta-voz da Esso, Wandir Nogueira, que afirmou que "a empresa não se sente em condições de discutir o que ainda não é lei".

A posição da Esso, disse ele, é aceitar a lei. "Seguimos uma ética muito rígida. A Esso sempre acatou, acata e acatará qualquer decisão do Governo."

Remessa de lucro não preocupa Fiat

Se for aprovada uma nova legislação em relação às multinacionais, pelo menos um ponto não tem qualquer interferência com a Fiat do Brasil: a remessa de lucros, pois a empresa ainda não os obteve desde que iniciou suas operações no país.

"Infelizmente", para o vice-presidente excutivo da Fiat no Brasil, professor Franco Grassini. "Ela é uma empresa com características mais ítalo-latino-americana, mais transnacional do que propriamente multinacional, pois só mantém centros de produção na Itália, Brasil e Argentina".

Uma outra característica que "muda a substância da sociedade", segundo ele, é o fato de ser uma empresa privada, com a maioria do controle nas mãos de uma família. "As multinacionais não devem nunca mexer com as decisões de política interna do país onde atuam e se o Governo decidir aprovar uma nova legislação, a Fiat não tem nada a esconder. O Brasil deve ser absolutamente soberano", afirmou.

Lembrou o professor Franco Grassini que a empresa que preside já é associada do Governo de Minas Gerais na unidade industrial que mantém em Betim, "e o Estado tem uma auditoria que controla tudo que fazemos". Assim, a proposta do Sr Olavo Setúbal não o preocupa, o mesmo ocorrendo com a publicação dos balanços, que já faz, "não com todas as exigências sugeridas agora".

As leis que existem sobre remessa de lucros não preocupam o vice-presidente executivo da Fiat, "pois são boas e já as conhecíamos quando resolvemos fazer investimentos no país". Ele não vê, também, grandes diferenças nas legislações existentes no Brasil e na Argentina quanto à atuação das multinacionais. "O que acontece é que na Argentina há maior liberdade de movimento para todas as empresas e não só as multinacionais. Há um clima maior de mercado. Aqui a economia é mais dirigida".

As punições sugeridas pelo Deputado Herbert Levy também não preocupam. "Não há como ter preocupações, pois a lei deu definições claras, abordando muito os problemas internos". Para o professor Franco Grassini, o relacionamento com as multinacionais sempre encontrará soluções, pois "precisamos do Brasil e o Brasil precisa de nós".

Foto de Geraldo Viola

Presidente da GE, José Bonifácio, diz que a empresa não tem nada a temer

GE aceita controle sem interferências

Para o presidente da General Eletric do Brasil, José Bonifácio Amorim (ex-presidente da IBM), "está certo que o Governo procure controlar e acompanhar as atividades e operações para verificar se estão contribuindo para um melhor desenvolvimento da economia. Mas deve ser feito sem a menor interferência na maneira de operar da empresa, que é competência de cada uma".

"Pode exigir balanços etc, mas não controlar a comercialização, os lucros, a exemplo do que ocorre nos países mais desenvolvidos, que em sua maioria não procura intervir nas atividades", afirmou. Como Sociedade Anônima a GE já publica seus balanços anualmente, incluindo as operações de câmbio, segundo ele.

Interesse

"A GE já está há mais de 60 anos no país e emprega um número superior a 13 mil pessoas. Seu maior interesse é que o Brasil vá bem, pois assim ela também irá bem. Para nós não há preocupação se o Governo quizer fazer o controle, pois nada temos a temer", lembrou.

O Sr José Bonifácio Amorim disse, ainda, que hoje as empresas multinacionais já sofrem rigoroso controle das matrizes, que acompanham as práticas comerciais e a política da empresa, que não podem também ferir a legislação de seu país de origem. "Recebemos sistematicamente a visita de auditores da matriz e, aqui do Brasil, temos a auditagem da Price, que é também a auditora da maioria das empresas nacionais".

As penalidades propostas pelo projeto apresentado pelo Deputado Herbert Levy não são novidades para o presidente da GE. Para ele, após a Revolução de 1964, o Governo aplicou-as diversas vezes, "mas de uma maneira decente, pois interviu e comprou; pode também cassar o direito de operar, desde que vá à Justiça. Não pode é ser feito arbitrariamente, o que não acredito que possa ocorrer".

Se a legislação for modificada, a empresa se adaptará a ela. Atualmente a GE, de acordo com seu presidente, já justifica as operações de câmbio em seus balanços e não estão pagando **royalty** ou assistência técnica. No momento não tem, também, nenhum empréstimo e os que existiam foram incorporados ao capital.

— A GE está inteiramente integrada aos objetivos, à economia, ao desenvolvimento do país e tem um comportamento altamente ético na maneira de conduzir a comercialização. Uma empresa que tem realmente bom comportamento e que procura seguir a política do Governo, a estratégia e que possui uma maneira de proceder dentro de um clima altamente sadio, não deve ter nada a temer, afirmou.

Para ele, um ponto negativo que pode vir a acontecer é que, com a aprovação da nova legislação, ocorrerá uma avalancha de pedidos de auditoragem, parando a vida administrativa da empresa. "Não pelo fato de temer alguma coisa, que descubram algo, mas que podem criar o caos na parte administrativa", concluiu.

Projeto Olavo Setubal

Art. 1º — O atual Parágrafo único do Artigo 3º da Lei nº 4 131, de 3 de setembro de 1962, passará a ser o Parágrafo 3º, acrescentando-se ao citado artigo os seguintes Parágrafos 1º e 2º.

§1º — Os capitais estrangeiros registrados sob a forma de investimento direto, de que trata a letra "a", bem como os referidos nas letras "c" e "d", deverão ser representados, obrigatoriamente, por ações nominativas, quotas ou partes de capital.

§2º — As pessoas jurídicas estabelecidas ou com sede no Brasil, de cujo capital participam, como sócias ou acionistas controladoras, pessoas físicas ou jurídicas com residência ou sede no estrangeiro, poderão participar de pessoas jurídicas com sede no Brasil, bem como estas de outras, sucessivamente, mas todas essas participações deverão ser representadas, também obrigatoriamente, por ações nominativas, quotas ou partes de capital.

Art. 2º — As pessoas jurídicas estabelecidas ou com sede no Brasil, qualquer que seja a forma que revistam, cujos sócios ou acionistas controladores tenham participações de capital registradas de acordo com o disposto no Artigo 3º da Lei nº 4 131, de 3 de setembro de 1962, submeterão suas demonstrações financeiras à auditoria de auditor independente registrado na Comissão de Valores Mobiliários.

§ 1º — Entende-se por sócio ou acionista controlador, para os efeitos desta lei, o titular de direito de sócio qeu lhe assegurem, de forma permanente, a preponderância nas deliberações sociais e o poder de designar a maioria dos gerentes ou administradores sociais.

§ 2º — As pessoas jurídicas coligadas ou sob controle daquelas de que trata este artigo submeteràol, também, à mesma auditoria as suas respectivas demonstrações financeiras.

Art. 3º — As pessoas jurídicas no **caput** do Artigo 2º deverão observar as disposições dos Artigos 175 a 188 e 243 a 250 da Lei nº 6 404, de 15 de dezembro de 1976, e as normas da Comissão de Valores Mobiliários aplicáveis à companhias abertas, de acordo com o disposto no parágrafo único do Artigo 22 da Lei nº 6 385, de 15 de dezembro de 1976, atentanto, ainda, ao que dispõe o parágrafo único deste artigo.

Parágrafo único — As notas explicativas das demonstrações financeiras deverão discriminar o volume total das operações de câmbio comprado e vendido no exercício social, com observância dos itens específicos do Código de Classificação do Banco Central do Brasil, dando especial destaque às operações que tenham como beneficiárias, no exterior, quaisquer empresas pertencentes ao mesmo grupo econômico, das pessoas jurídicas referidas no **caput** do Artigo 2º.

Art. 4º — Sem prejuízo do disposto no art. 9º e seus parágrafos da Lei nº 4 131, de 3 de setembro de 1962, modificado pela Lei nº 4 390, de 29 de agosto de 1964, as remessas para o exterior, efetivadas pelas pessoas jurídicas de que trata o **caput** do Art. 2º dependem de comprovação do cumprimento das disposições desta lei.

Art. 5º — Esta lei entrará em vigor no dia 1º de janeiro de 1981, revogadas as disposições em contrário.

JUSTIFICATIVA

O extraordinário desenvolvimento industrial dos países mais adiantados, especialmente após a II Guerra, propiciou o aparecimento de gigantescas concentrações de recursos financeiros, tecnológicos e humanos, detidos por empresas que, em função dessa dimensão, passaram a atuar em grande número de países, dominando importantes setores da economia mundial.

Essas empresas, comumente conhecidas por multinacionais, também se expandiram enormemente no Brasil, onde têm destacada atuação em importantíssimas áreas da nossa economia, como nas indústrias automobilística, farmacêutica, petroquímica, eletrônica, informática e comunicação, entre outras.

Em nosso país, a ação dessas empresas está regulada por diversas leis que as obrigam a prestar informação quanto às suas atividades, especialmente no que se refere às relações externas, ao Banco Central do Brasil, Cacex, Instituto Nacional da Propriedade Industrial, assim como a diversos outros órgãos. Ocorre, entretanto, que os dados apresentados nem sempre chegam ao conhecimento público, nem são submetidos à auditoria de órgãos especializados, razão pela qual propomos, através desse anteprojeto, que as referidas companhias sejam obrigadas a publicar seus balanços, observando as disposições legais e normas da Comissão de Valores Mobiliários, aplicáveis às companhias abertas, já que essas normas têm sido extremamente eficazes e deram ao público brasileiro uma visão bastante clara das atividades das companhias abertas nacionais.

Não se justifica que as empresas estrangeiras não façam o mesmo, pois a maioria delas são companhias abertas em seus países de origem e, por isso mesmo, lá submetidas a esse tipo de obrigação.

Além disso, considerando a situação peculiar do Brasil, entendemos que todas as relações financeiras entre essas companhias e o Exterior, representadas por operações de câmbio comprado e vendido, devem ser especificadas em notas explicativas nas demonstrações financeiras.

Para perfeito esclarecimento, esses valores deverão ser separados de acordo com o Código de Classificação de Operações Cambiais do Banco Central do Brasil, em remessa de lucros, **royalties**, assistência técnica, amortizações de empréstimos, custos financeiros, importação e exportação de mercadorias e outros itens.

Entendemos também que, além do total, deverão ser destacadas para cada item, as operações executadas com empresas do respectivo grupo econômico no Exterior e com empresas independentes.

Os relatórios, balanços e demais dispositivos exigidos de acordo com esse nosso projeto, deverão ser auditados por auditores independentes, registrados junto à Comissão de Valores Mobiliários. Devemos destacar aqui a importância dessa medida, lembrando que a ação de corrupção de algumas companhias americanas no Exterior, que tanto escândalo provocou recentemente no mundo, foi identificada em decorrência da atuação de auditores independentes, os quais, de acordo com a legislação local, levaram os fatos ao conhecimento da Securities Exchange Comission, organismo equivalente nos EUA à CVM do Brasil.

Entendemos, também, necessário, para que não sejam contornados os dispositivos que propomos, devam os investimentos estrangeiros no Brasil ser feitos sob a forma de ações nominativas, quotas ou partes de capital. Da mesma maneira, as pessoas jurídicas com sede no Brasil, de cujo capital social participem, como sócias ou acionistas controladoras, pessoas físicas ou jurídicas com residência ou sede no estrangeiro, só poderão participar de outras sociedades, direta ou indiretamente, desde que essa participação seja também nominativa.

Estamos convictos de que, somente em função da divulgação ao público de tantos dados sobre suas operações no Brasil, as multinacionais já tenderão a um comportamento visando a atender melhor o interesse nacional. Com a publicação desses dados, os institutos de estudos políticos e econômicos, as associações de classe, os sindicatos dos empregados, as universidades e, enfim, toda a sociedade brasileira poderão avaliar melhor a ação das multinacionais. Com base nessas análises, novas leis poderão ser promulgadas, criando o controle efetivo da ação dessas empresas em nosso meio, objetivando o interesse do país.

Projeto Herbert Levy

Artigo 1º — Considera-se comportamento exigível às empresas que operam no território nacional sob o controle de capital estrangeiro a abstenção da prática de qualquer ato:

I — Configurativo de intromissão em assuntos internos do país ou nas relações entre o Brasil e qualquer outra nação;

II — Indicativo de atuação como instrumento de política externa de qualquer país;

III — Que caracterize escusa à integração nos objetivos e prioridades nacionais de desenvolvimento fixados pelo Governo federal, ou importe efetivamente em prejuízo para aqueles objetivos;

IV — Que identifique oferecimento de obstáculo à prestação ao Governo de informações pertinentes às suas atividades, de molde a impossibilitar sejam elas reconhecidas ou não como consentâneas com os objetivos programáticos estabelecidos pelo Poder Público;

V — Que se traduzem em:

a) Negativa de contribuição para o desenvolvimento das capacidades científica e tecnológica do país;

b) Recursos a práticas restritivas reconhecíveis como concorrência desleal ou abusos de poder econômico;

c) Desrespeito à identidade social e cultural do país.

PENAS

Artigo 2º — A violação ao disposto no Artigo 1º desta lei sujeitará a empresa às seguintes penas, aplicadas isoladas ou cumulativamente:

I — Sustentação dos incentivos fiscais e dos estímulos fiscais e creditícios;

II — Intervenção na empresa;

III — Cassação do direito de operar no Brasil;

IV — Perda do controle acionário da empresa, mediante desapropriação de tantas ações quantas bastem a esse fim;

Artigo 3º — O Poder Executivo regulamentará a presente lei dentro de 90 dias da data de sua publicação.

Artigo 4º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Falecimentos

Rio de Janeiro

Airton Barbosa, músico, 35 anos, câncer, no Hospital do INPS, em Ipanema, deixando viúva e dois filhos. Além de fagotista da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal, era um dos fundadores do Quinteto de Sopro Villa-Lobos, tendo se destacado ainda como compositor e produtor de discos de música erudita.

Carlos Fernandes dos Santos, no Hospital de Ipanema, infarto, carioca, casado com Maria de Lourdes Santana dos Santos, tinha três filhos, Paulo, Nádia e Nilza, vários netos, morava em Copacabana (será sepultado às 10 horas no Cemitério São João Batista).

Nancy Cardoso da Fonseca, 79, insuficiência cardíaca, em casa, na Lagoa, carioca, prendas do lar, viúva de Aristides Lima da Fonseca (advogado), não tinha filhos (será sepultada às 9 horas no Cemitério São João Batista).

Magaly Nunes Ferreira, 40, embolia pulmonar, no Hospital Silvestre, carioca, prendas do lar, desquitada, tinha uma filha, Wilma Maria, morava em Botafogo (será sepultada às 11 horas no Cemitério São João Batista).

Roberto Silva de Souza, 55, infarto agudo do miocárdio, no local de trabalho — Confeitaria S. S. Ltda., no Méier — proprietário, carioca, casado com Norma Pires de Souza, tinha dois filhos, Lelia e Leonidas, morava no Grajaú (será sepultado às 11 horas no Cemitério São Francisco Xavier).

Célia Pinto Martins, 66, insuficiência coronariana, no Prontocor, carioca, casada com Paulo Ribeiro Martins, não tinha filhos, prendas do lar, morava em Vila Isabel (será sepultada às 11 horas no Cemitério São Francisco Xavier).

Helena Torres Mansur, 62, parada respiratória, na Casa de Saúde Santa Maria, carioca, prendas do lar, solteira, morava na Glória (será sepultada às 10 horas no Cemitério do Catumbi).

Estados

Iracema de Souza Ferreira, 74, de bronco-pneumonia, no Hospital Santa Elizabeth, em São Leopoldo-RS, gaúcha de Cruz Alta, era viúva de Pedro Vaz Ferreira Filho, não tinha filhos.

Mario Coelho Pouey, 47, de câncer, na sua residência, em Porto Alegre. Gaúcho de Quaraí, era protético dentário, casado com Nedy Figueiredo Pouey, não tinha filhos.

Gervasio Rodrigues, 81, parada cardíaca, no Hospital de Cardioclínica, em Porto Alegre, gaúcho de São Vicente, era Coronel reformado da Brigada Militar e foi Prefeito de Bage, de 1932 a 1935, casado com Maria Nely Rodrigues, tinha seis filhos, Carlos, Armando, Jurema, Selmar, Osmar e Luiz Fernando, além de 18 netos e cinco bisnetos.

Aparelho ajuda busca de avião

Um aparelho que detecta magnetos, latas, pedaços de ferro e outros materiais será instalado num dos aviões que participam da busca do avião prefixo **PT-KQK**, da Votec, desaparecido desde 13 de maio quando levava cinco geógrafas, do Projeto Radanbrasil, para levantamentos nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais.

Ontem, quatro helicópteros — dois da Aeronáutica, um da Votec e um do Projeto Radanbrasil — e um avião Albatroz passaram todo o dia na região de Lavrinhas, litoral entre Rio de Janeiro e Santos, Ilha de São Sebastião, Ubatuba, até Guaratinguetá, incluindo ainda as cidades de Cruzeiro, Lorena e Bertioga, mas nada encontraram.

A Aeronáutica continua procurando incessantemente o avião, gastando horas de vôo, homens e com desgaste de material, mas as buscas têm sido infrutíferas. Segundo um oficial do Serviço de Busca e Salvamento, o interesse de políticos e autoridades policiais em promover suas cidades faz com que todos participem da busca mas mesmo assim nada é encontrado.

Segundo o mesmo oficial, com a ajuda do aprelho que deve chegar hoje, as buscas poderão obter sucesso.

Delegacia de Campos Elísios apresenta pela primeira vez redução nos casos de assalto

Pela primeira vez desde a sua fundação — em 1969 — a 60ª Delegacia Policial, em Campos Elísios — a segunda em violência na Baixada Fluminense, perdendo apenas para a de Belford Roxo — passou uma semana sem registrar um assalto e encerra o mês com nove. Em janeiro, a 60ª DP registrou 72 assaltos, sendo 40 a ônibus.

O declínio dos assaltos, segundo o delegado Orlando Correia, se deve à ronda que vem sendo realizada e às **batidas** constantes na jurisdição das 18h às 24h, quando era maior a incidência de roubos. À noite, todo ônibus que se dirige a Campos Elísios é parado na Rio—Petrópolis e seus passageiros revistados.

ATE POLÍCIA

Depois de meia-noite, quando os ônibus não circulam mais, os **camburões** da delegacia são colocados em pontos chaves das rodovias Rio—Petrópolis e Rio—Magé, parando todos os carro que ali passam e os revistando. Até **camburões** da polícia ou da PM são revistados e abertos, pois eles podem conduzir pessoas mortas para serem abandonadas em pontos desertos da região.

SEQÜESTROS

Dos 19 seqüestros ocorridos entre 1º de junho do ano passado até ontem, na área da 60ª DP, em Campos Elísios, à polícia só falta esclarecer seis. Dois outros — José Carlos Machado Buriti e Édson Frederico da Mota — foram esclarecidos. Eles foram seqüestrados pelo mesmo grupo que matou o irmão de Marli Pereira Soares. Nos demais casos, os seqüestradores já apareceram: estavam presos e foram liberados.

Os seis casos que o delegado Orlando Correia está investigando deverão ter solução em breve, segundo policiais da 60ª DP, porque a polícia está procurando localizar testemunhas para um possível reconhecimento. Dos seis casos, apenas um duplo seqüestro não deve ter relação com os grupos de extermínio que agem na Baixada Fluminense. As vítimas foram as irmãs Valdecilia e Valéria do Nascimento, de 15 e 13 anos.

MESMO MODO

Nos quatro outros casos, os métodos usados pelos seqüestradores foram os mesmos: bateram nas casas durante a madrugada ou arrombaram as portas em nome da polícia; invadiram os lares e seqüestraram as vítimas. Depois, voltaram e roubaram.

Os casos que estão sendo investigados são os seguintes: Heraldo de Sousa, o **Surrão**, seqüestrado em 31 de outubro do ano passado; Luís Morais Bragança, seqüestrado em 27 de agosto; Alex Freitas Marques, seqüestrado em 17 de setembro; Luís Carlos da Silva, em 26 de fevereiro deste ano; e Ezequiel Cândido do Nascimento, em outubro de 1979. Neste último crime, a polícia acredita no envolvimento dos matadores de Paulo Pereira Soares Filho, irmão de Marli, porque entre eles havia um que se assemelhava a João Gomes de Amorim Filho.

Delegado acredita que seqüestrados morreram

Seqüestrados por soldados do 20º BPM e da 2ª Cia. Independente da PM, em suas casas, em Comendador Soares, Adilson da Silva e José de Souza até hoje não apareceram. O delegado Sérgio de Andrade, da 56ª DP, porém, tem informações que eles foram assassinados e seus corpos, algemados, foram encontrados no Trevo das Margaridas, no início da Rodovia Rio—São Paulo, dois ou três dias depois de seqüestro.

O delegado, ontem, enviou ofício a várias delegacias da Baixada Fluminense e à 39ª DP para saber sobre o encontro de corpos depois do dia 25 de fevereiro — quando ocorreu o seqüestro — bem como ao IML indagando se alguns dos cadáveres recolhidos ali foram identificados, através das impressões digitais, como sendo de Adilson da Silva e José de Souza.

O delegado Sérgio de Andrade disse que já está perto do fim o caso Deise, pois já conseguiu saber quem foi o autor do seqüestro — soldados da 2ª Cia. que estavam sob o comando do Cabo Amauri José de Amorim — faltando saber o que foi feito de Adilson e José, pois eles foram entregues, vivos, ao Tenente Jerônimo Monteiro, oficial de dia na 2ª Cia. Independente da PM.

Empresas de vigilância apresentam sugestões para aprimorar seus serviços

São Paulo — A Abrevis — Associação Brasileira de Empresas de Vigilância e Segurança, por sua regional de São Paulo e com conclusão dos trabalhos de um grupo especial, deverá encaminhar à Secretaria da Segurança Pública, em prazo de urgência, um elenco de sugestões físicas, estratégicas e tecnológicas, destinadas a aprimorar a prestação de serviços de vigilância e segurança junto aos bancos.

A solicitação partiu do secretário Octávio Gonzaga Júnior preocupado com o aumento nas estatísticas de assaltos a bancos, num total de 25 desde o começo do ano. Tais sugestões serão examinadas por uma comissão sob a presidência do Coronel Togor Tessitore, titular da Coordenadoria de Informações e Operações do gabinete do secretário.

REGULAMENTAÇÃO

Isso acontece quando o Ministério da Justiça estuda regulamentação das atividades dessas empresas. Ainda recentemente, o Ministro Abi-Ackel, em audiência ao presidente da Abrevis, Francisco Gonzalez, declarou que estava interessado nesta regulamentação, a nível nacional. Antes, porém, seriam analisados e corrigidos os fatores básicos, apontados tanto pela polícia como pelos empresários, que viriam provocando o baixo índice de eficiência nesses serviços.

Da parte da polícia, os motivos apontados são os seguintes: insuficiência na qualificação do pessoal empregado pelas empresas em função de baixos salários; falhas nos sistemas de fiscalização das empresas aos chamados **postos de serviço**, nos bancos; alarmas defeituosos.

Por parte das empresas, o problema principal reside na determinação que é feita pelos gerentes de bancos aos vigilantes, no sentido de que não atirem em caso de assalto, pois o boletim de ocorrência garante o seguro da importância roubada. Argumentam, ainda, com os baixos preços que os bancos pagam pelo serviço dos vigilantes; com a sofisticação dos métodos empregados pelos assaltantes; com a curta duração do treinamento do candidato a vigilante (22 dias); com a displicência da polícia no atendimento dos alarmas.

A comissão de trabalho da Abrevis está sendo coordenada, em âmbito estadual, pelo empresário Nélson Rodrigues e, em âmbito nacional, pelo presidente da associação, Francisco Gonzalez.

Assaltante ataca o diretor do Chase em sinal e leva carro, relógio e Cr$ 22 mil

O americano Roger Philip Hipskind, de 48 anos — diretor do Banco Lar Brasileiro, associado ao Chase Manhattan Bank, terceiro maior banco do mundo — foi assaltado sexta-feira à noite, nas esquinas das Ruas Abade Ramos e Jardim Botânico. Ele parou no sinal com seu carro, o Alfa Romeo placa RO-5950 e foi surpreendido por um homem de 25 anos presumíveis que, armado de revólver, roubou-lhe o carro, Cr$ 22 mil, um relógio, talões de cheques e documentos de identidade.

O assalto ocorreu às 20h. Logo depois, o executivo foi à 15ª DP, na Gávea, onde registrou queixa, acrescentando que o homem vestia calça preta e camisa azul e branca com listras. Policiais da 15ª DP informaram que o assaltante e o veículo roubado ainda não foram localizados.

PRINCIPAL EXECUTIVO

O Sr Hipskind é hoje, com o afastamento há um mês do Sr Robert Blocker da diretoria do Lar Brasileiro e da vice-presidência do Grupo Chase para a América do Sul, o principal executivo do grupo financeiro no Brasil. O Chase tem ativos de 65 bilhões de dólares, depósitos de 50 bilhões de dólares e responde por cerca de 5% (2,5 bilhões de dólares) da dívida externa brasileira.

O Banco Lar Brasileiro é o 20º maior banco do país, com depósitos ao redor dos Cr$ 15 bilhões e empréstimos de Cr$ 26 bilhões, para um ativo de Cr$ 68 bilhões. Além de diretor do banco comercial e responsável por parte dos negócios desenvolvidos no Brasil pelo banqueiro David Rockfeller, maior acionista do Chase, Hipskind é diretor do banco de investimento e da empresa de **leasing** do Lar Brasileiro.

Arquivo

Roger Philip Hipskind

Mulher acusada de participar da morte de turista italiano apresenta-se e desmente tudo

Apresentou-se ontem na 12ª Delegacia Policial, em Copacabana, Vera Lúcia dos Santos, acusada de ter participado do assassínio do turista italiano Amedeu Michelin, morto por dois assaltantes na madrugada do dia 25, na Praça do Lido, quando Bruno Bresciane, que estava com Amedeu, levou um tiro na perna.

A mulher ao se apresentar para se defender das acusações dos policiais da 12ª DP, não sabia de um mandado de prisão expedido pelo Juiz da 15ª Vara Criminal, que a condenou a quatro meses de prisão por ter infringido o Artigo 65 do Código Penal. Vera Lúcia, nervosa ao saber que ficaria presa, negou qualquer envolvimento na morte do turista.

DESMENTIDO

Vera Lúcia dos Santos, que não prestou depoimento oficial na 12ª DP, logo que chegou à delegacia tentou desmentir as acusações feitas contra ela pelos policiais e por sua amiga Maria de Fátima Pequena. A princípio negou que freqüentasse Copacabana, dizendo que mora em Ipanema, não sabendo explicar como o seu nome foi envolvido no caso da morte do turista.

Segundo Vera Lúcia, de há muito não tem contato com Paulo Fernandes Filho, apontado como seu amante e que nada sabe a seu respeito desde quando se separaram. A polícia sabe que ela mora em Copacabana, na Rua Belford Roxo, em apartamento alugado em companhia de Paulo Fernandes e que eles nunca se separaram.

A mulher, que já registra diversos antecedentes criminais entre os quais quatro infrações do Artigo 65 (perturbação da ordem pública), três do Artigo 59 (vadiagem), uma do Artigo 157 (assalto) e uma do Artigo 129 (agressão) ontem, na delegacia, afirmou não conhecer nenhuma das pessoas que a polícia aponta como participantes da morte do Amedeu Michelin.

Apesar das negativas de Vera Lúcia dos Santos, o delegado Bernardino Fonseca continua afirmando que o crime está desvendado e que colhe mais provas para poder pedir a prisão preventiva de Guilherme de Oliveira Carneiro — apontado como o homem que atirou nos turistas matando Amedeu Michelin — Paulo Fernandes Pereira Filho, quatro mulheres e mais um menor que a polícia pretende prender nas próximas horas.

Tempo

INPE/CNPq Via Rio-Sul 9h16min.

A área branca sobre o oceano Atlântico, estendendo-se desde o litoral da África até o litoral da Venezuela, indica nebulosidade e chuvas associadas à zona de convergência intertropical. Nos Estados do Acre, Amazonas, parte do Pará e a Região Norte do território de Rondônia aparecem com área branca indicando nebulosidade e chuvas associadas à massa de ar equatorial continental. As regiões Centro-Oeste, Nordeste, Este e Sudeste do Brasil aparecem com a área escura indicando o tempo bom. A área branca cobrindo o Rio Grande do Sul e o Nordeste da Argentina indica a posição de uma frente fria com pouca atividade. Mais ao Sul na Argentina, entre Buenos Aires e Bahia Blanca, uma área branca muito bem definida estende-se até o Chile e segue sobre o oceano Pacífico. Esta área branca indica a posição de uma frente fria com atividade moderada. A massa de ar polar que acompanha essa frente é responsável pelo acentuado declínio de temperatura que está ocorrendo no Sul da Argentina.

As imagens do Satélite Meteorológico SMS são recebidas diariamente pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE/CNPq) em São José dos Campos (SP). As imagens do satélite são transmitidas em infravermelho, as áreas brancas indicam temperaturas baixas e as áreas pretas temperaturas elevadas. Determinando-se as temperaturas dos topos das áreas brancas e das áreas pretas, pode-se, com uma escala cromática, conhecer a temperatura da superfície da Terra, das massas de ar e do topo das nuvens.

NO RIO

Parcialmente nublado. Nevoeiros esparsos ao amanhecer. Temperatura estável. Ventos Sudoeste—Nordeste fracos a moderados. Máxima de 33,8 em Realengo e mínima de 15 no Alto da Boa Vista.

O SOL

Nascer	6h26m
Ocaso	17h15m

A CHUVA

PRECIPITAÇÃO (mm)

Últimas 24 horas	0.0
Acumulada este mês	31.2
Normal mensal	72.9
Acumulada este ano	290.1
Normal anual	1075.8

O MAR

Rio/Niterói — Preamar — 04h10m/1.2 m e 11h50m/0.2 m; Baixa-mar — 17h/1.2 m

Angra dos Reis — Preamar — 02h58m/1.2 m e 11h11m/0.3 m; Baixa-mar — 15h42m/1.1 m e 23h48m/0.5 m

Cabo Frio — Preamar — 03h38m/1.1 m e 10h32m/0.2 m; Baixa-mar — 16h40m/1.2 m e 23h02m/0.5 m

Temperatura

Dentro da Baía — 21°

Fora da barra — 20°

Mar calmo

Águas correndo de Leste para Sul

OS VENTOS

Sudoeste—Nordeste fracos a moderados.

A LUA

CHEIA 30/5 — MINGUANTE 6/6 — NOVA 12/6 — CRESCENTE 20/6

NOS ESTADOS

Boa Vista — Nub. c/chuvas esp. Temp. estável. Ventos Norte fracos. **Manaus** — Pte. nub. a nub. c/chuvas esp. Temp. estável. Ventos: Este fracos. Máx.: 30.0; mín.: 22.5. **Macapá** — Nub. c/chuvas esparsas. Temp. estável. Ventos: NE fracos a mod. Máx.: 28.0; mín.: 23.0. **Belém** — Nub. a nub. c/chuvas esp. Temp. estável. Ventos: Este fracos a mod. Máx.: 32.4; mín.: 23.4. **S. Luís** — Pte. nub. a nub. c/chuvas esp. Temp. estável. Ventos: Este fracos. Máx.: 31.0; mín.: 22.6. **Teresina** — Parcialmente nublado. Temp. estável. Ventos: Este fracos a moderados. **Fortaleza** — Pte. nublado. Temp. estável. Ventos: Este fracos a moderados. Máx.: 31.0; mín.: 24.4. **Natal** Pte. nub. a nub. c/chuvas esp. Temp. estável. Ventos: Este fracos. **João Pessoa** — Pte. nub. a nub. c/chuvas esp. Temp. estável. Ventos: Este fracos. Máx.: 28.6; mín.: 23.2. **Recife** — Pte. nub. a nub. c/chuvas esp. Temp. estável. Ventos: Este fracos. Máx.: 28.4; mín.: 23.1. **Maceió** — Pte. nub. a nub. c/chuvas esp. Temp. estável. Ventos: Este fracos. Máx.: 31.0; mín.: 22.4. **Aracaju** — Pte. nub. a nub. c/chuvas esp. Temp. estável. Ventos: Este fracos. Máx.: 28.6; mín.: 24.0. **Salvador** — Pte. nub. a nub. c/chuvas ocas. Temp. estável. Ventos: Este fracos. Máx.: 27.8; mín.: 22.0. **Vitória** — Parcialmente nublado. Temp. estável. Ventos: SE/NE fracos. Máx.: 27.8; mín.: 21.4. **Rio Janeiro** — Pte. nub. Nevoeiros esp. ao amanhecer. Temp. estável. Ventos: SSW/NE fracos a moderados. Máx.: 33.8; mín.: 15.0. **B. Horizonte** — Pte. nub. a nub. Névoa úmida p/manhã. Temp. estável. Ventos: N fracos. Máx.: 26.7; mín.: 19.5. **Brasília** — Claro a pte. nub. Temp. estável. Ventos: Este fracos. Máx.: 25.8; mín.: 12.4. **São Paulo** — Parcialmente nublado. Temp. estável. Ventos: NE fracos. Máx.: 24.9; mín.: 15.2. **Curitiba** — Claro a pte. nub. c/nevoeiros esparsos. Temp. estável. Ventos: Este fracos. Máx.: 27.2; mín.: 17.1. **Porto Alegre** — Instável c/chuvas e trovoadas. Temp. lig. declínio. Ventos: N fracos a mod. Máx.: 28.1; mín.: 16. **Rio Branco** — Pte. nub. a nub. Temp. estável. Ventos: fracos. Períodos de calmaria. **Porto Velho** — Pte. nub. Temp. estável. Ventos: fracos. Períodos de calmaria. Máx.: 30.4; mín.: 22.3. **Goiânia** — Claro a pte. nub. Temp. estável. Ventos: Este fracos. Máx.: 29.7; mín.: 14.2. **Cuiabá** — Pte. nub. a nub. Temp. estável. Ventos: variáveis fracos. Máx.: 33.8; mín.: 22.7. **Campo Grande** — Claro a pte. nub. Temp. estável. Ventos: variáveis fracos. Máx.: 29.0; mín.: 18.0.

ANÁLISE DA CARTA SINÓTICA DO INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA: Frente quase estacionária localizada ao Norte do Rio Grande do Sul com fraca atividade. Nova frente fria moderada, atividade localizada na Bahia Blanca.

NO MUNDO

Amsterdã, 05, claro — **Atenas**, 16, claro — **Beirute**, 16, claro — **Belgrado**, 13, chuvoso — **Berlim**, 03, claro — **Bruxelas**, 05, claro — **Buenos Aires**, 09, chuvoso — **Caracas**, 21, chuvoso — **Copenhague**, 05, claro — **Chicago**, 02, nublado — **Cairo**, 15, claro — **Estocolmo**, 11, claro — **Chicago**, 02, nublado — **Frankfurt**, 03, claro — **Genebra**, 07, nublado — **Hong Kong**, 20, nublado — **Honolulu**, 23, nublado — **Jerusalém**, 12, claro — **Lima**, 17, claro — **Lisboa**, 11, claro — **Londres**, 06, claro — **Los Angeles**, 15, nublado — **Madri**, 05, claro — **México**, 12, claro — **Miami**, 24, chuvoso — **Montreal**, 04, nublado — **Moscou**, 14, nublado — **Nova Delhi**, 27, claro — **Nova Iorque**, 09, claro — **Oslo**, 03, claro — **Paris**, 06, claro — **Roma**, 07, claro — **San Francisco**, 11, nublado — **Tel Aviv**, 16, claro — **Tóquio**, 11, claro — **Toronto**, 06, nublado — **Viena**, 11, nublado.

Explosão programada pelo DNER leva muita gente à Av. Brasil mas decepciona

Os preparativos levaram quatro horas; com uma semana de antecedência os convites (avisos) foram enviados aos moradores dos prédios vizinhos; meia hora antes as arquibancadas (passarelas e amuradas) já estavam lotadas e, nos últimos minutos, o trânsito parou e uma sirena soou forte e intermitente. Depois, mais apupos que aplausos e a invasão do local. A explosão decepcionou: foi fraca e só durou sete segundos.

O segundo desmonte de rocha, usando 320 quilos de dinamite, pelo DER na Avenida Brasil, Km 13, para abrir uma pista paralela ao Trevo das Margaridas (acesso à Rio—São Paulo) ao Caju não chegou a complicar o trânsito ou a vida da vizinhança, ontem, por volta das 14h. Mas quebrou a rotina e afastou das atividades normais centenas de pessoas das proximidades de Cordovil, que temerosas de uma "chuva de pedra" só viram, e assim mesmo muito rapidamente, uma nuvem de fumaça e poeira.

A EXPLOSÃO

Como da primeira vez, dia 18, tudo se passou muito rapidamente e a explosão transcorreu conforme os planos feitos com muita antecedência pelo engenheiro Nélson Gomes de Freitas, da Nelson Procópio Demolições, e executada pelo detonador José Camilo dos Reis, 50 anos, que desde 1958 vive de fazer explosões, mas nunca se acidentou, mesmo sendo o único a ficar mais próximo (150 metros) das pedras que precisam desaparecer.

Para desmontar e reduzir a rocha, de cerca de 600 metros cúbicos, com a maior parte encoberta, foi necessário formar uma malha de fios sobre uma superfície de quase 300 metros quadrados interligando 50 **bananas** de dinamite semi-enterradas. Na rede, fazendo novas interligações, foram instalados 150 dispositivos de retardos que, segundo o engenheiro Nélson de Freitas, atuam no sentido de evitar a explosão simultânea de todas as peças de dinamite, diminuindo assim a vibração e reduzindo seus efeitos.

Os dispositivos de retardo das explosões deram-lhes uma seqüência de 50 milissegundos e, havendo 150 instalados, o total do tempo da explosão foi de 7 mil 500 milissegundos ou 7 segundos e cinco décimos. Se a pedra tivesse que ser removida "a frio", por processos em que não fossem usados explosivos e só marteletes, compressores, talhas e muito trabalho manual, o trecho só estaria desimpedido dentro de três a quatro meses.

OS CUIDADOS

Para evitar que os fragmentos e estilhaços — que ao final quase não foram vistos nem projetados — os responsáveis pela explosão colocaram sobre a área a ser atingida várias malhas formadas com pneus interligados. Dos seis conjuntos colocados, dois nem sequer foram projetados para o alto, sofrendo apenas um ligeiro deslocamento, mas os demais, sobre a rocha que aflorava, foram atingidos e ficaram amontoados.

Isso seria resultante do processo de explosão utilizado para o local, que consistiu no chamado "fogo raso", segundo a denominação dos técnicos mas que representa a formação de uma malha não muito profunda de dinamites que provocam o baixo percentual de lançamento de detritos, estilhaços ou fragmentos.

A NOVA PISTA

O desmonte da rocha, segundo neste mês, foi necessário para liberar o trecho inicial de dois quilômetros entre os Trevos das Margaridas (acesso à Rio—São Paulo) e o das Missões (acesso à Rio—Petrópolis) de uma pista paralela à Avenida Brasil, cujo projeto do DER pretende ligar Parada de Lucas ao Caju. A futura pista terá 10,5 metros com três faixas de trânsito.

Homem-asa cai e morre em Niterói

Niterói — O estudante Maurício Coelho de Melo Borges, 19 anos, morreu ontem ao cair de 100 metros com sua asa-delta. Do alto do **Morro** da Viração — de onde saltara momentos antes — e da **Praia** de Charitas — onde o corpo se estatelou no estacionamento do Restaurante Casarão — seus amigos e o irmão Marcelo viram toda a queda.

Considerado um piloto experiente, Maurício sobrevoava a praia com asa do tipo **dragon fly**. Durante uma manobra, o aparelho pegou vento e fechou, caindo em **parafuso**. Soldados da Escola de Oficiais do Corpo de Bombeiros tentaram socorrê-lo, mas ele teve morte instantânea.

Segundo Roberto, um dos colegas de Maurício, "ele deve ter forçado a estrutura da asa, uma vez que, na hora do acidente, o vento era bom para o vôo, até mesmo para principiantes".

EUA prendem 385 quilos de cocaína

Miami — Poucos minutos depois de ser preso com cocaína pura, no valor de 207 milhões de dólares, José Roberto Gasser-Terrazas depositou fiança no valor de 1 milhão de dólares e foi solto para, em liberdade, responder a processo. Os 385 quilos de droga foram aprisionados em um aeroporto na selva sul-americana, em país que não foi identificado pela polícia dos Estados Unidos.

Um companheiro de José Roberto, também preso, teve sua fiança fixada em 3 milhões de dólares e continua preso. Esta está sendo considerada uma das maiores apreensões de droga de todos os tempos nos Estados Unidos e seus transportadores pertencentes às mais importantes quadrilhas de traficantes que agem nos Estados Unidos.

Overtown estréia com fácil vitória no páreo de potros

Overtown, por St. Ives em Oviol, venceu o segundo páreo de ontem no Hipódromo da Gávea, atropelando forte no início da reta final. O tempo do ganhador para os 1 mil 400 metros na pista de grama leve foi de 1m24s4/5. W.Costa foi um jóquei correto no dorso do pensionista de João Assis Limeira.

A carreira foi ponteada por Van Royal que mostrou ser um potro ligeiro e muito pronto na saída. No final, teve que ceder a maior classe de Overtown, mantendo, no entanto, o segundo lugar. Em terceiro longe o competidor Gavião da Gávea. A Comissão de Corridas avisa que hoje na varanda da social e na tribuna de honra não será permitido o ingresso em traje esporte.

Resultados

1º PÁREO — 1300 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 58.000,00

1º	Michel, G. Meneses	58	2,10	12	16,50
2º	Garotão, F. Esteves	57	1,50	13	11,70
3º	Grande Forte, E. Marinho	57	7,10	14	4,30
4º	Bull Ton, J. Oliveira	57	17,30	23	17,30
5º	Aberfeldy, A. Souza	58	13,40	24	4,50

N/CM. CORDELIER e GALOPANTE
Dif. — 1/2 corpo e 1 corpo — Tempo — 1'22"4 — venc. — (6) 2,10 — Dup. (44) 1,80 — placê — (6) 1,00 e (5) 1,00 — Mov. do páreo Cr$ 544.690,00. MICHEL — M.T. 5 anos — SP — Levino e Notte di Luna — criador — Haras Santana da Rosa — Propr. — Moacyr Cardoso Castello Branco — Treinador — N. P. Gomes Fº.

2º PÁREO — 1400 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 95.000,00

1º	Overtown, W. Costa	55	16,30	11	31,30
2º	Van Royal, G. F. Almeida	55	12,10	12	13,10
3º	Gavião da Gávea, J. P. Oliveira	55	7,90	13	11,70
4º	Fim de Papo, J. M. Silva	55	6,90	14	3,80
5º	Let's Run, E. Ferreira	55	1,40	22	55,40
6º	Estereofônico, J. Pinto	55	7,80	23	7,90
7º	Sistema, A. Oliveira	55	15,00	24	2,70
8º	Quinn, J. Queiroz	55	18,90	33	25,50
9º	Bregal, U. Meireles	55	30,70	34	2,30
10º	Gran Selenia, J. Mendes	55	19,00	44	15,50

Tempo — 1'24"4 — venc. — (7) 16,30 — Dup. (13) 11,70 — placê — (7) — 11,50 e (1) 9,00 — Mov. do páreo Cr$ 1.453.820,00. OVERTOWN — M.A. 2 anos RJ — St. Ives e Oviol — criador — Haras Verde e Preto — Propr. — Stud Quatrocentão (SP) — Treinador — J. A. Limeira.

3º PÁREO — 1600 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 78.000,00

1º	Inchineza, A. Souza	56	11,20	12	4,70
2º	Ura, G. F. Almeida	55	1,60	13	10,30
3º	Ofania, A. Oliveira	55	2,50	14	1,80
4º	Dannaby, J. M. Silva	55	4,20	23	12,20
5º	Cote, F. Esteves	56	11,10	24	3,30
6º	Great Chance, A. Ramos	55	12,50	33	70,10

Dif. — 3/4 de corpo e 1 corpo — Tempo — 1'41"3 — venc. — (3) 11,20 Dup. — (34) 6,40 — placê — (3) 2,80 e (5) 1,40 — Mov. do páreo Cr$ 1.299.920,00. INCHINEZA — F. C. 3 anos — RS — Golf e Rampour — criador — Haras Eraporã — Propr. — Stud Sambola — Treinador — C. Ribeiro.

4º Páreo — 100 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 68.000,00.

1º	El Madrugador, J. Malta	57	2,30	12	2,10
2º	Boots, E. B. Queiroz	54	8,20	13	3,20
3º	Jymbio, J. Ricardo	54	1,90	14	9,20
4º	Merano, A. Ferreira	56	7,10	22	14,50
5º	Graecus, G. Meneses	55	2,30	23	3,20
6º	Cisco, C. Pensabem	54	17,50	24	13,20
7º	Hentol, F. Silva	54	3,10	33	12,70
8º	Quiet Now, A. Abreu	54	14,90	34	14,70

Dif. — cabeça e cabeça — Tempo — 1'00"4 — venc. — (2) 2,30 — Dup. — (23) 3,20 — placê — (2) 1,80 e (3) 3,00 — Mov. do páreo Cr$ 1.427.860,00 EL MADRUGADOR — M. C. 4 anos — RS — Buru e Nimbuia — criador — Luiz Barbosa da Silveira — Propr. — Luiz Alberto Kindlein. Treinador — R. Morgado.

5º PÁREO — 1600 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 48.000,00

1º	Quick, J. Escobar	57	3,00	11	95,30
2º	Embalador, F. Silva	54	5,60	12	10,70
3º	Egiptólogo, E. Ferreira	54	2,50	13	15,80
4º	Oleta, J. Pinto	55	6,50	14	5,70
5.I.	Frinage, G. F. Almeida	58	3,90	22	17,40
6º	Obvious, P. Rocha Fº.	51	10,70	23	86,70
7º	Pingo Bueno, L. Gonzalez	53	18,90	24	2,20
8º	Dalamila, F. Carlos	54	21,20	34	4,70

N/C. GASOLENO
Dif. — 1 corpo e 1 corpo — Tempo — 1'43" — venc. — (8) 3,00 — Dup. — (34) 4,70 — placês — (8) 2,00 e (5) 2,60 — Mov. do páreo Cr$ 1.468.000,00. QUICK — M.C. 6 anos — SP — Chin e Quillon — criador — Haras Sideral — Propr. — Stud Homs (MG) — Treinador — S. Morales.

6º PÁREO — 1400 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 58.000,00

1º	Cafeeiro, J. Pinto	58	2,70	11	14,70
2º	Czar Rurik, A. Souza	56	16,90	12	6,00
3º	Clivers, J. Ricardo	56	9,00	13	4,60
4º	Preterito, E. R. Ferreira	55	6,20	14	6,30
5º	Sator, F. Pereira	56	10,30	22	15,50
6º	Glazan, J. Queiroz	52	17,30	23	3,80
7º	Dalbion, A. Oliveira	57	3,00	24	6,70
8º	Fluster, F. Esteves	55	5,90	33	21,10
9º	Innacio, A. Abreu	58	9,70	34	3,20
10º	Greenness, W. Costa	50	21,10	44	19,10

N/C. PLUTO
DUPLA EXATA (06-03) Cr$ 96,00 — Dif. — pescoço e 1/2 corpo — Tempo — 1'25"3 — venc. — (6) 2,70 — Dup. — (23) 3,80 — placês — (6) 2,50 e (3) 7,90 — Mov. do páreo Cr$ 1.798.240,00. CAFEEIRO — M. C. 5 anos SP — Link e Panatela — criador — Haras Rincão — Propr. — Feliciano Campos da Graça Leite — Treinador — J. L. Pedrosa.

7º PÁREO — 1400 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 68.000,00

1º	Hester, J. Ricardo	56	1,80	11	6,90
2º	Turno, F. Pereira	56	4,10	12	4,00
3º	Escamoso, J. Pinto	57	6,30	13	9,50
4º	Cavalari, R. Macedo	57	30,30	14	10,60
5º	Fine Gold, J. M. Silva	57	4,70	22	29,40
6º	Atrium, E. Ferreira	57	21,10	23	3,30
7º	Rondjor, F. Esteves	57	6,90	24	3,50
8º	Umatá, A. Souza	56	24,60	33	10,60
9º	Talarico, P. Rocha Fº.	52	20,10	34	3,20
10º	Eliseu, C. Morgado	57	21,50	44	42,10

Dif. — 1 corpo e 1 corpo — Tempo — 1'25"2 — venc. — (4) 1,80 — Dup. (24) 3,50 — placê — (4) 1,50 e (8) 2,10 — Mov. do páreo Cr$ 2.047.370,00. HESTER — M. A. 4 anos — RS — Codnjoz e Jirita — criador — Haras Flamboyant — Propr. — Eltes Arrouxelas — Treinador — J. Silva.

8º PÁREO — 1100 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 68.000,00

1º	Ilang, J. Queiroz	54	4,50	22	11,60
2º	Janarina, W. Gonçalves	54	1,70	23	3,80
3º	Equidade, F. Esteves	54	8,30	24	1,60
4º	Que Cardorosa, A. Oliveira	55	2,20	33	20,40
5º	Queen Norma, E. Ferreira	54	2,20	34	3,20
6º	Miss Elite, J. Ricardo	57	6,20	44	5,00

N/CM: ANIELA e OITENTINHA
Dif. — 1 corpo e vários corpos — Tempo — 1'07"3 — venc. — (4) 4,50 Dup. — (34) 3,20 — placê — (4) 1,90 e (6) 1,50 — Mov. do páreo Cr$ 1.405.210,00. ILANG — F. C. 4 anos — RS — Gavroche e In Time — criador — Haras Quebracho — Propr. — Haras Don Cardoso — Treinador — P. Morgado.

9º PÁREO — 1000 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 48.000,00

1º	Ixiane, E. Ferreira	56	1,70	11	8,40
2º	Royalmo, J. Esteves	57	10,30	12	2,30
3º	Xarra, C. Morgado	57	7,80	13	4,20
4º	Brucutu, F. Esteves	58	8,70	14	11,50
5º	Salsalito, J. Ricardo	55	8,70	23	2,60
6º	Tungstênio, E. B. Queiroz	55	3,90	24	8,00

N/CM. BAIM BAR e EFIRO.
Dif. — 2 corpos e 2 corpos — Tempo — 1'03"1 — venc. — (4) 1,70 — Dup. — (23) 2,60 — placês — (4) 1,20 e (5) 3,10 — Mov. do páreo Cr$ 1.369.390,00. IXIANE — F. A. 6 anos — PR — L'Express e Ixia — criador — Haras Rio Iguassu — Propr. — João Abbud — Treinador — J. T. Alves.

10º PÁREO — 1000 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 68.000,00

1º	Harmanda, J. Ricardo	56	5,90	11	12,30
2º	Amaparã, G. Meneses	57	4,90	12	4,00
3º	Tarinska, J. R. Oliveira	56	13,30	13	2,50
4º	Rolein Erika, W. Gonçalves	57	23,60	14	3,00
5º	Contadora, W. Costa	55	4,00	22	33,80
6º	Mabalba, J. M. Silva	57	1,90	23	10,10
7º	Queen Beatriz, R. Freire	57	19,00	24	10,80
8º	Talanda, G. F. Almeida	57	7,30	33	14,60
9º	Harpina, F. Pereira	57	21,70	34	10,00
10º	Trathilde, E. R. Ferreira	57	24,40	44	14,50

DUPLA EXATA (07-09) Cr$ 53,70 — Dif. — 3 corpos e pescoço — Tempo — 1'02"2 — venc. — (7) 5,90 — Dup. — (34) 10,00 — placês — (7) 3,10 e (9) 3,10 — Mov. do páreo Cr$ 1.573.290,00. HARMANDA — F. T. 4 anos RS — Golf e Quantas — criador — Haras Eraporã — Propr. — Israel Poyastro — Treinador — A. Ricardo.

APOSTAS Cr$ 18 milhões 231 mil 512,00.

Fotos de José Camilo da Silva

Depiction (Tumble Lark em Snow England, por Snow Cat)

Bravio (Felicio em Jarucê, por Maki)

Brighton (St. Ives em Brigitte II, por Good Time II)

Baronius (Falkland em Pavane, por Chio)

H. Kidd (Captain Kidd II em Quérsia, por John Araby)

Um "derby" entre Baronius e Dark Brown

A disputa do Grande Prêmio Cruzeiro do Sul (Grupo I), 2 mil 400 metros, grama, Cr$ 2 milhões ao primeiro colocado, segunda prova da Tríplice-Coroa carioca, marcando o sensacional encontro de Baronius, candidato ao difícil e cobiçado título, e Dark Brown, é indiscutivelmente a grande atração da reunião desta tarde no Hipódromo da Gávea. Além deste grandíssimo clássico, haverá outra prova nobre, o simplesmente clássico Associação de Criadores e Proprietários de Cavalos de Corrida do Rio de Janeiro, em 1 mil metros, grama, Cr$ 150 mil ao ganhador, para animais de três anos e mais idade. Na programação comum, há uma prova especial em 2 mil metros, três páreos em 1 mil 300 metros, dois páreos em 1 mil metros, um páreo em 1 mil 500 metros e outro em 1 mil 100 metros, fazendo uma média (incluindo os dois clássicos) de 1 mil 390 metros.

Páreo a páreo

Primeiro páreo

Tanto Antalya quanto Aristaretta tiveram péssimos percursos quando reapareceram há um mês em páreo dominado por Land Girl. Normalmente, a nosso ver, devem abrir o programa formando a dobradinha pois são tranqüilamente superiores às adversárias. Tiir é a mais séria rival da parelha treinada por Francisco Saraiva. Por ser uma Falkland, Pretentious não deve ser totalmente esquecida.

Segundo páreo

Apesar de ter corrido há menos de sete dias, Bicana, aparentemente, é a força. Na noturna de segunda-feira, perdeu o segundo no final para Kimber depois de acompanhar desde o início a fácil ganhadora West Bird. Bedouine é adversária perigosa pois sua última corrida já foi bastante razoável. O retrospecto de Full Girl na grama é ótimo para a turma. Na areia, no entanto, não sabemos como ela se comportará.

Terceiro páreo

Elais vem de perder o Grande Handicap de Outono de modo incrível. Mas o peso que leva agora, à primeira vista, não é dos mais favoráveis. Bi-Cobalt está bastante favorecido pela escala de peso e, agora, corrido mais tranqüilamente, pode enfrentar com pleno sucesso os 2 mil metros. Abala, dependendo do ritmo inicial da prova, pode aparecer perigosamente no final. Beagle é igualmente muito perigoso.

Quarto páreo

O estreante paulista Plus Ultra surge como o nome mais interessante deste simplesmente clássico de velocidade em homenagem à ACPCCRJ, pela primeira vez disputado no Hipódromo da Gávea. Sua corrida no quilômetro internacional paulista há duas semanas (sexto próximo dos primeiros) indica esta sua posição de ligeiro destaque. Quadratura é candidata bastante séria desde que reedite suas melhores atuações como seu bom segundo lugar para Bicuda no clássico Costa Ferraz, em março. Apesar de campanha absurda e de vir de infrutífera viagem a São Paulo, Lugareño pode surpreender. Tutankan, levado a correr percursos acima de sua possiblidades (a milha), é ganhador clássico no quilômetro. Adelfo estaria melhor em distância um pouco maior. Tuyupins volta de São Paulo onde nada vinha produzindo. Nem por isso, no entanto, deve ser subestimado.

Quinto páreo

Um Derby sensacional em que Baronius estará tentando passar pela segunda prova da tríplice-coroa para seguir o brilhante caminho de seu companheiro de écurie e élevage, o notável African Boy, em 1979, e alcançar o difícil título. Dono de impressionante capacidade de aceleração, o filho de Falkland terá dois poulains de jeu, Bravio e Busiris, o primeiro uma faixa de luxo. O grande adversário para a caminhada de Baronius e Dark Brown, vindo de excepcional vitória na milha e meia do grandíssimo clássico São Paulo após seu segundo, para o mesmo Baronius, nos dois quilômetros da Taça de Ouro. Diga-se de passagem que Dark Brown já ostenta o título de derby-winner paulista do ano passado, ex-aequo com Hersio Kidd. Como Baronius, o filho de Tumble Lark terá igualmente dois poulains de jeu, Dipiction e Duck, o primeiro, como Bravio, uma faixa de luxo. Um duelo eletrizante é o que o novo encontro destes dois potros faz prever. O terceiro nome deste grandíssimo clássico São paulo, apesar de sua frustrada participação no São Paulo de duas semanas atrás, é Hersio Kidd, o outro derby-winner paulista de 1979 e corredor de muito bom nível. Caso não tenha sentido a viagem, nome perigoso.

Sexto páreo

Uci reaparece em turma bem mais fraca do que aquela em que vinha correndo honrosamente. Em termos normais, é o candidato número um à vitória nesta carreira. Beaulieu teve boa performance em sua rentrée e, agora, mais aguerrido, pode perfeitamente supreender o filho de Royal Orbit. Kalamoun vem-se especializando em percursos infelizes. Na última, desenvolveu apreciável esforço final para terminar em terceiro. Tuviento, a parelha Umarco-Oxiquito, Gregoriano e Revuelto devem ser também lembrados.

Sétimo páreo

Apesar de, agora, enfrentar os machos, a ligeiríssima Garian pode perfeitamente, em 1 mil metros, continuar sua série de vitórias. Cadenciado fracassou na grama mas nesta distância e na reia é rival perigosíssimo. Aron deve ser muito respeitado. O estreante Zé do Pito, aos dois anos, derrotou nestas mesmas distância e pista, o futuro clássico Caduto Logo, adversário temível.

Oitavo páreo

Baibana correu muito bem na estréia e a turma não sofreu melhoras sensíveis para que ela não possa agora ser a vencedora. Comentadíssima em seu debut, Mil Folhas fracassou com fortes dores de canela e reaparece cercada, novamente, de enormes esperanças. Sulista correu duas vezes, ambas honrosamente e pode ganhar agora. Tour d'Argent vem melhorando de corrida para corrida. Ciad é ótimo reforço para Bibana. Como vemos, um páreo muito equilibrado nestes dois anos, infelizmente maracado para ser corrido sob a luz do refletores.

Nono páreo

Carreira rigorosamente desinteressante para um Derby day. Princesa Eva, Arupa e Tamarana, aparentemente, são os nomes menos capazes de perder.

Décimo páreo

Outra carreira de dois anos equivocadamente marcada para ser disputada sob a luz dos refletores. A estréia de Cross Wind foi bastante interessante e caso confirme pode perfeitamente derrotar o inédito, na Gávea, Olinkraft, um filho de Sail Through com duas fáceis vitórias em Serra Verde e, por esta razão, o principal nome à vitória neste páreo de encerramento. Caldonazzo mostrou melhoras em sua segunda apresentação e é também nome perigoso. Outro estreante muito comentado é Hiuto. Minimus, filho de Sabinus, estréia também cercado de esperanças. Cananeu correu bem mais na areia. Uma carreira onde o equilíbrio é a tônica.

O programa desta tarde na Gávea

1º PÁREO — às 14h00 — 1300 metros — Caroatá — 1m15s 4/5 — (Grama)

1—1 Sarça Ardente, J. Queiroz	1	56	6º (8) Barrarlos e Duinha	1200	NL	1m15s	P. Morgado
" Duinha, A. Abreu	8	57	2º (8) Barrarlos e Pretentious	1200	NL	1m15s	P. Morgado
2—2 Antalya, G. Meneses	2	56	6º (12) Land Girl e Trena	1300	GL	1m18s4	F. Saraiva
2 Aristaretta, J. M. Silva	4	56	8º (12) Land Girl e Trena	1300	GL	1m18s4	F. Saraiva
3—3 Tiir, G. F. Almeida	3	56	6º (8) Terina e Arpista	1300	AP	1m22s2	G. F. Santos
4 Pretentious, J. Ricardo	5	56	3º (8) Barrarlos e Duinha	1200	NL	1m15s	Z. D. Guedes
4—5 Hamart, Juarez Garcia	6	56	7º (8) Terina e Arpista	1300	AP	1m22s2	A. Orciuoli
" Miss Encerramento, F. Pereira	7	57	3º (8) Terina e Arpista	1300	AP	1m22s2	A. Orciuoli
6 Vivita, J. Pinto	8	57	5º (8) Barrarlos e Duinha	1200	NL	1m15s	W. Aliano

2º PÁREO — às 14h30 — 1000 metros — Tom Sawyer — 1m00s — (Areia)
DUPLA EXATA

1—1 Alef, G. F. Almeida	1	56	3º (7) Radina e Cabalina (RS)	1500	AL	1m37s2	O. M. Fernandes
2 Danena, J. M. Silva	2	56	9º (10) Pedra Redonda e La Faby	1100	NL	1m09s	R. Nahid
2—3 Bedouine, G. Meneses	3	56	3º (10) Palma de Majorca e Full Girl	1000	GL	58s4	F. Saraiva
4 Sabiá Laranjeira, F. Esteves	4	56	2º (8) Dabella e Recret	1000	AP	1m01s4	J. A. Limeira
5 Kilda, J. Escobar	5	56	7º (11) On Marche e Bicana	1000	NL	1m03s	J. A. Limeira
3—6 Natif, A. Souza	6	56	3º (6) Gimmick e Bossano (CP)	1200	NU	1m20s	A. P. Lavor
" Neidir, P. Rocha Fº	7	56	9º (9) Standar e Yuval (CP)	1000	NP	1m04s4	A. P. Lavor
7 Niceana, E. B. Queiroz	8	56	10º (10) Palma Majorca e Full Girl	1000	GL	58s4	J. B. Silva
4—8 Full Girl, J. Pinto	9	56	2º (7) Biabela e Traide Maide	1300	GL	1m20s1	Z. D. Guedes
9 Bicana, J. Ricardo	10	56	3º (8) West Bird e Kimber	1000	NP	1m02s1	A. Araujo
10 Bivertido, E. R. Ferreira	11	56	9º (11) On Marche e Bicana	1000	NL	1m03s	W. Aliano

3º PÁREO — às 15h00 — 2000 metros — Baronius — 2m00s — (Grama)
6º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Beagle, A. Oliveira	1	58	2º (5) Kaulinho e Fanull	2100	NL	2m14s1	L. Coelho
2—2 Bi-Cobalt, J. Queiroz	2	49	16º (16) Baronius e Dark Brown	2000	GL	2m01s1	A. Araujo
3—3 Lança Perfume, J. M. Silva	3	56	1º (8) Vai-Au-Vent e Moresco	1300	NL	1m20s	S. Morales
4 Degallium, P. Vignolas	4	52	3º (9) Esteoral e Quilotim	1600	NL	1m41s3	A. Orciuoli
4—5 Elais, J. Ricardo	5	58	2º (7) Match Point Again e L. Arrow	2000	GL	2m02s1	J. A. Limeira
6 Abala, E. Ferreira	6	52	4º (8) Il Trovatore e Elais	1600	GL	1m35s1	A. Morales

4º PÁREO — às 15h30 — 1000 metros — Solylus — 56s 2/5 — (Grama)
GRANDE PRÊMIO ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES E PROPRIETÁRIOS DE CAVALOS DE CORRIDA DO RIO DE JANEIRO
7º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Real Nordic, J. Ricardo	1	58	1º (6) Montchenant e Aron	1000	GL	58s4	A. Morales
" Quadratura, A. Oliveira	4	57	4º (10) Maina e Aniela	1000	GL	58s	A. Morales
2—2 Aniela, E. Ferreira	2	57	2º (10) Maina e Deep Light	1000	GL	58s	F. Saraiva
" Adelfo, E. Ferreira	11	59	4º (5) Atop Sin e Arrabalero	1300	AP	1m20s	F. Saraiva
3 Tuyupins, J. M. Silva	3	58	19º (22) Hatters e Anarchy	1000	GL	58s1	S. Morales
3—4 Lil Abner, J. Queiroz	5	59	5º (6) Cognac e Cerro Lopez	1100	NL	1m07s4	G. Feijó
" Tutankan, F. Esteves	6	59	6º (7) Elais e Blue Betting	1600	GU	1m36s	G. Feijó
5 Number One, A. Ramos	7	59	1º (9) Jymbio e El Madrugador	1000	NL	1m01s2	J. A. Limeira
4—6 Plus Ultra, E. R. Ferreira	8	59	6º (22) Hatters e Anarchy	1000	GL	58s1	J. T. Alves
7 Beaujolais, J. F. Fraga	9	58	10º (10) Tuyupins e Aron	1000	NL	1m00s3	F. Abreu
" Lugareño, J. Pinto	10	58	12º (22) Hatters e Anarchy	1000	GL	58s1	F. Abreu

5º PÁREO — às 16h00 — 2400 metros — Sunset — 2m25s1. — (Grama)
GRANDE PRÊMIO CRUZEIRO DO SUL (2ª Prova da Tríplice Coroa)
8º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Shot Lancer, E. R. Ferreira	1	56					
2 Gerki, J. Escobar	2	56	9º (16) Baronius e Dark Brown	2000	GL	2m01s1	B. Ribeiro
3 Bravio, E. Ferreira	3	56	6 (16) Baronius e Dark Brown	2000	GL	2m01s1	S. Morales
" Big Chief, F. S. Machado	4	56	3º (3) Blue Betting e Rock Ridge	2000	GL	2m29s2	F. Saraiva
" Busiris, F. S. Machado	8	56	4º (12) African Boy e Hersio Kidd	2400	GL	2m23s1	F. Saraiva
" Baronius, G. Meneses	9	56	2º (9) Alkebir e B. Burns (CJ)	1600	AL	1m42s4	F. Saraiva
2—4 Ugaga, G. F. Almeida	5	56	1º (16) Dark Brown e Depiction	2000	GL	2m01s1	F. Saraiva
5 Dark Brown, J. Queiroz	6	56	5º (16) Baronius e Dark Brown	2000	GL	2m01s1	R. Morgado
" Duck, J. Fagundes	7	56	1º (15) Big Lark e Miradale	2400	GL	2m27s1	A. Cabreira
" Depiction, A. Bolino	11	56	2º (11) Artung e F. Paille (CJ)	2200	AL	2m23s1	S. Lobo
3—6 Blue Betting, F. Esteves	10	56	13º (15) Dark Brown e Big Lark	2400	GL	2m27s1	A. Cabreira
7 Diau, F. Pereira	12	56	1º (3) Rock Ridge e Bravio	2400	GL	2m29s2	G. Ulloa
8 Nagami, J. Pinto	13	56	7º (16) Baronius e Dark Brown	2000	GL	2m01s1	L. Coelho
9 Brighton, J. Ricardo	14	56	3º (16) Baronius e Aragonais	2000	GL	2m01s1	J. A. Limeira
4-10 Hersio Kidd, L. A. Pereira	15	56	3º (6) Farna e Aragonais	1600	GL	1m35s3	A. Paim Fº
11 Rock Ridge, A. Oliveira	16	56	9º (15) Dark Brown e Big Lark	2400	GL	2m27s1	A. Andretta
12 Match Point Again			2º (3) Blue Betting e Bravio	2400	GL	2m29s2	A. Morales
W. Gonçalves	17	56	2º (7) El Rebelde e Bagaar	2400	AP	2m34s3	E. P. Coutinho

6º PÁREO — às 16h30 — 1500 metros — Stick Poker — 1m29s — (Grama)
9º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE — DUPLA EXATA

1—1 Gregoriano, J. M. Silva	1	55	2º (11) Undalo e Kynko	1400	GL	1m25s2	S. Morales
" Kynko, T. B. Pereira	4	55	3º (7) R. Now e Kibo	1300	NL	1m21s	S. Morales
2 Beaulieu, G. Meneses	2	55	4º (11) Leão do Norte e Tuviento	1400	GL	1m23s3	F. Saraiva
2—3 Umarco, F. Pereira	3	55	2º (9) Piccolomondo e Bisau	1300	NL	1m21s1	W. Meirelles
" Oxiquito, J. Pinto	7	55	2º (7) Baccio D'Agnolo e Tuviento	1600	AP	1m41s	W. Meirelles
4 Alinhado, A. Oliveira	5	55	3º (9) Beacon e Piccolomondo	1300	NL	1m21s1	A. Araujo
3—5 Hossgor, F. Esteves	6	56	3º (7) Baccio D'Agnolo e Oxiquito	1600	AP	1m41s	G. Feijó
6 Tuviento, W. Gonçalves	8	55	3º (7) Baccio D'Agnolo e Oxiquito	1600	AP	1m41s	I. C. Barioni
7 Revuelto, P. Vignolas	9	56	4º (11) Undalo e Gregoriano	1400	GL	1m25s2	Z. D. Guedes
4—8 Uci, G. F. Almeida	10	55	12º (18) Baronius e Biriatou	1600	GL	1m35s	G. F. Santos
9 Khaled, J. F. Fraga	11	56	1º (9) Catrill e Erasmus	1200	GL	1m13s1	B. Ribeiro
10 Kalamoun, J. Ricardo	12	56	3º (11) Leão do Norte e Tuviento	1400	GL	1m23s3	W. P. Lavor
11 Racard, E. R. Ferreira	13	56	4º (9) Piccolomondo e Umarco	1300	NL	1m21s1	E. P. Coutinho

7º PÁREO — às 17h00 — 1000 metros — Tom Sawyer — 1m00s — (Areia)
10º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Latagão, R. Freire	1	55	6º (6) Royal Nordic e Montchenant	1000	GL	58s4	R. Tripodi
2 Marcosminis, G. F. Almeida	2	56	1º (6) Achanti e Alonaez	1000	NL	1m01s2	A. Paim Fº
2—3 Aron, M. C. Porto	3	55	3º (6) Royal Nordic e Montchenant	1000	GL	58s4	I. C. Barioni
4 Cadenciado, T. B. Pereira	4	55	5º (6) Royal Nordic e Montchenant	1000	GL	58s4	L. Coelho
3—5 Zé do Pito, P. Vignolas	5	56	9º (13) L. Joe e Kratos (CJ)	1200	AL	1m15s3	O. M. Fernandes
6 Escala, J. Queiroz	6	56	4º (6) Royal Nordic e Montchenant	1000	GL	58s4	P. Morgado
4—7 Bedouin, J. Ricardo	7	56	1º (9) Alinhado e Piccolomondo	1300	NL	1m21s1	A. Orciuoli
8 Garian, J. M. Silva	8	54	1º (8) Ana Tonga e Braila	1100	NL	1m07s4	S. Morales

8º PÁREO — às 17h30 — 1300 metros — Yard — 1m18s 3/5 — (Areia)
11º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Tour D'Argent, G. F. Almeida	1	55	3º (8) Decolette e Tour D'Argent	1300	GL	1m19s1	W. Aliano
" Terlizzi, E. R. Ferreira	2	55	Estreante	Estreante			W. Aliano
2—2 Bibana, W. Costa	2	55	4º (8) Salteirona e P. Child	1000	GL	59s4	Z. D. Guedes
" Ciad, J. Ricardo	6	55	5º (10) Segunda e Hetchia	1000	GL	1m00s	Z. D. Guedes
3—3 Miss Mage, E. Marinho	3	55	10º (10) Segunda e Hetchia	1000	GL	1m00s	A. P. Lavor
4 Adelaide, W. Gonçalves	4	55	5º (10) Vat e La Marquise	1300	NP	1m22s	E. P. Coutinho
5 Sulista, A. Oliveira	5	55	4º (11) Venise Star e La Aurora	1300	GL	1m18s1	M. Sales
4—6 Handcuff, A. Souza	8	55	13º (13) Salteada e La Aurora	1100	AP	1m09s4	A. V. Neves
7 Essa, F. Pereira	9	55	Estreante	Estreante			L. Coelho
8 Mil Folhas, J. Pinto	10	55	7º (8) Vaina e Jokaster	1200	AL	1m15s	A. P. Silva

9º PÁREO — às 18h00 — 1300 metros — Yard — 1m18s 3/5 — (Areia)
12º PÁREO DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Princesa Eva, A. Oliveira	1	57	4º (11) Orenda e Ariaita	1100	NU	1m09s3	M. Sales
2 Arupa, F. Araujo	2	56	4º (7) Lessori e African Star	1000	NL	1m02s2	R. Carrapito
2—3 Tamarana, F. Pereira	3	58	2º (6) Tatina e Inera	1300	NL	1m23s2	G. L. Ferreira
4 Xabanga, Juarez Garcia	8	58	4º (6) Tatina e Tamarana	1300	NL	1m23s2	C. I. P. Nunes
3—5 Dedéia, H. Vasconcellos	4	56	6º (7) Bla Bla Bras e Arupa	1400	GL	1m26s1	J. E. Souza
6 Clima, M. Andrade	5	56	5º (8) Starlight e Gay Brigadier	1300	NL	1m22s1	W. G. Oliveira
4—7 Mixordia, C. Valgas	6	56	4º (6) Tatina e Tamarana	1300	NL	1m23s2	A. Vieira
8 La Embaixadora, F. Silva	7	55	7º (9) Liberia e Tatina	1200	NL	1m15s3	P. Duranti

10º PÁREO — às 18h30m — 1100 metros — Galego — 1m06s 2/5 — (Areia)
DUPLA-EXATA — 13ª PROVA DO CONCURSO TRÍPLICE

1—1 Erol, R. Freire	1	55	Estreante	Estreante			W. G. Oliveira
2 Chairman, C. Xavier	2	55	9º (12) Tadellos e Gajado	1000	AP	1m02s	N. P. Gomes Fº
2—3 Caldonazzo, G. Alves	3	55	2º (10) Lezara e Carpaccio	1000	NL	1m02s4	S. Morales
4 Cananeu, F. Lemos	4	55	5º (12) Tadellos e Gajado	1000	AP	1m02s	O. Serra
5 Baby Ju, F. Silva	5	55	6º (7) O'Brien e Carpaccio	1300	NL	1m22s4	J. B. Silva
3—6 Olinkraft, J. Pinto	6	55	1º (4) Accigliato e L. B. Masel (BH)	1100	AL	1m09s3	Z. D. Guedes
7 Hustler, J. Mendes	7	55	6º (10) Lezara e Caldonazzo	1000	NL	1m02s4	F. Abreu
8 Cross Wind, J. Ricardo	8	55	4º (10) Lezara e Caldonazzo	1000	NL	1m02s4	I. C. Barioni
4—9 Holster, G. F. Almeida	9	55	Estreante	Estreante			I. Amaral
10 Minimus, F. Pereira	10	55	Estreante	Estreante			G. L. Ferreira
11 Hiuto, G. Meneses	11	55	Estreante	Estreante			A. P. Silva

Retrospecto

1º páreo Antalya — Aristaretta — Tiir
2º páreo Bicana — Bedouine — Niceana
3º páreo Bi-Cobalt — Abala — Beagle
4º páreo Plus Ultra — Quadratura — Lugareño
5º páreo Baronius — Dark Brown — Hersio Kidd
6º páreo Uci — Beaulieu — Kalamoun
7º páreo Garian — Cadenciado — Zé do Pito
8º páreo Bibana — Sulista — Mil Folhas
9º páreo Princesa Eva — Arupa — Tamarana
10º páreo Olinkraft — Cross Wind — Hiuto

Espanha faz GP sem saber se vale para o Mundial

ROTEIRO

SURFE

A finalíssima do Torneio Arpoador 80 de Surfe será disputada hoje entre seis baterias de dois surfistas e a melhor disputa será na terceira, onde Daniel Friedmann (Brasil Nuts) e Bocão (Company), dois dos mais **experientes,** se enfrentam e serão obrigados a se eliminarem **para** continuar competindo.

Na etapa de ontem, os dois, junto com Cauli (Brasil Nuts) foram os melhores, embora as ondas, de aproximadamente um metro, não tenham cooperado. As outras baterias reúnem Esmael (Realce) x Cauli; Cronig (Cia. dos Pés) x Gordo (Uit); Betinho (Uit) x Cássio (Ocean); Luís (Uit) x Guilherme Prates (Calções Daniel), e Baixinho (Calções Daniel) e Moisés (Ocean). A prova começa às 9 horas.

PESCA COSTEIRA

A lancha **Wikaka II** comandada por Arthur Redig venceu ontem a etapa de abertura da temporada de pesca costeira, somando 205 mil 200 pontos, com 192 peixes. O segundo foi a lancha **Sansana** de J. Magalhães Neto, com 148 peixes capturados e 171 mil 600 pontos. No total foram pescados 1 mil 500 exemplares, com mais incidência para pargos. O maior peixe de ontem foi um namorado, pesando 13,800 kg, pescado por J. Magalhaes, da lancha **Sansana**. O segundo maior foi uma garoupa, com 3,600 kg.

ATLETISMO

Resultados fracos, obtidos em ritmo de treinamento, não convenceram aos que presenciaram a segunda competição seletiva dos atletas juvenis, ontem à tarde, na pista do Estádio Célio de Barros, dentro dos preparativos para o Campeonato Estadual da categoria, sábado e domingo próximos.

Tecnicamente, a melhor marca pode ser atribuída ao atleta do Fluminense, Marco Aurélio Vieira, vencedor dos 400m rasos com 50s3. A seletiva será encerrada esta manhã, no mesmo local, a partir das 9 horas.

Vencedores — 100m barreiras: Vera Lúcia Oliveira (Gama Filho) 17s2; **200m** Claudiléa Matos (Gama Filho) 26s6; **800m:** Jacilene Pereira (Vasco) 2m23s1; **Distância:** Kátia Matos (Gama Filho) 4,73m; **Dardo:** Mônica Alcântara (Flamengo) 33,26m; **Pentatlo** — primeiro dia: Luiza Araújo (Vasco) 1517 pontos; **100m:** Silvio Sena (Fluminense) 11s3; **400m:** Marco Aurélio Vieira (Fluminense) 50s3; **400m barreiras:** Paulo Nascimento (Gama Filho) 1m03s8; **1500m:** Alexandre Bittencourt, (Fluminense) 4m19s0; **4x 100m:** Fluminense, 44s9; **Triplo:** Silvio Sena (Fluminense) 13,54m; **Martelo:** José Cláudio Lopes (Gama Filho) 43,58m **Vara:** Édson Quintanilha (Gama Filho) 2,80m; **Disco:** David Geremberg (Flamengo) 33,64m:

MOTOCROSS

A segunda etapa do Campeonato Estadual de Motocross será realizada hoje, a partir das 10h30m, na pista da praia de Boa Viagem, em Niterói, nas categorias Especial (125 a 250 cilindradas) e Novatos e Estreantes. Participam pilotos de São Paulo e Minas mas somente os cariocas somam pontos para a classificação geral.

VÔO LIVRE

Um total de 24 pilotos foram eliminados ontem, na terceira etapa do Torneio de Outono de Vôo Livre e, dos 35 que restaram, apenas 14 participarão das finais hoje à tarde, com saltos da Pedra Bonita e pouso na praia do Pepino. Os 35 pilotos farão um vôo pela manhã e 21 deles serão desclassificados.

Embora os organizadores pretendessem realizar três vôos ontem para cada piloto, só foi possível a realização de um, com destaques para Paulo Falcão, líder do torneio, e Bento Berenguer, 23º colocado, que realizaram excelentes manobras. O bicampeão brasileiro Paul Gaiser pousou no centro do alvo, mas se colocou no 24º lugar, já que nas duas etapas anteriores sua pontuação foi ruim.

HIPISMO

João Alberto Malik de Aragão venceu ontem à tarde na Hípica a principal prova do dia, aberta a juniores e seniores, com obstáculos a 1m30cm tabela mista, ao cronômetro. Tendo empatado com Elizabeht Assaf, com **Samurai** — ambos não perderam pontos em 29s — ele cumpriu o desempate com **Paxá** em 29s4 enquanto Beth gastou o tempo de 30s8. Na mesma prova, a classificação para juniores foi vencida por Manoel Galliez Pinto, com **Arlequim B**. Ele não perdeu pontos em 40s6.

Na primeira prova do dia, iniciada às 10 horas, Elizabeth Assaf foi mais uma vez o destaque. Montando **Pretinho** ela cumpriu o percurso de obstáculos a 1m20cm, ao cronômetro, sem faltas no tempo de 51s6. O segundo lugar ficou com Rafael Fragoso Pires, com **Overtime** — 0 em 54s — e o terceiro com João Alberto Malik de Aragão, com **Ali-Khan** — 0 em 54s2.

GOLFE

Numa atuação segura, provando que a sua colocação como primeiro do **ranking** estadual não é por acaso, Marcelo Stallone ganhou ontem, no campo Itanhangá, o título anual do clube, vencendo na partida final a Ismar Brasil, por nove **up**.

Foto de Delfim Vieira

Os Tigres (de branco) golearam os Leões e tentam hoje no Itanhangá o bicampeonato do Torneio JORNAL DO BRASIL

Madri — Indiferentes aos problemas políticos que envolvem a prova, os carros Ligier, de Jacques Lafitte e Didier Pironi; os Williams, de Carlos Reutemann e Alan Jones; e os Brabham, de Nélson Piquet e Ricardo Zunino, dominaram completamente os treinos de ontem e, como em Zolder e Montecarlo, a vitória no GP da Espanha, hoje, a partir das 10 horas, parece ao alcance de qualquer um destes pilotos, com certo favoritismo para Laffite, Pironi e Alan Jones. A validade da prova para o Campeonato Mundial, entretanto continua pendente.

Os Ligier e Williams mostraram ontem nítida superioridade sobre os Brabham. Assim as chances de Piquet ficam um tanto reduzidas pois o carro não apresenta equilíbrio suficiente entre a aerodinâmica, suspensões e motor. Emerson Fittipaldi, com o Skol-Fittipaldi F-7, classificou-se em 19º lugar, atrás do finlandês Keke Rosberg, o companheiro de equipe. A corrida será transmitida pela Rede Bandeirantes de Televisão.

Além de Alain Prost, que se colocou em quinto com o McLaren, mostrando que realmente é um piloto competitivo, quem surpreendeu foi o norte-americano Eddie Cheevers, com um Osella, obtendo a 10ª colocação para largar a primeira vez nesta temporada. Nos seis GPs anteriores, ele não conseguiu tempo suficiente para se classificar entre os melhores.

Os Arrows, de Ricardo Patrese e Jochen Mass, que alguns consideravam sérios rivais dos favoritos, devido à sua reconhecida agilidade, ficaram desta vez situados nas sexta e sétima filas e dificilmente acompanharão o desempenho dos carros do primeiro pelotão. Já os Tyrrell, Jean-Pierre Jarier e Derek Daly, necessitam de muitos retoques nas suspensões e aerofólios, pois não oferecem segurança aos pilotos, nas curvas.

A decisão da Ferrari, Renault e Alfa Romeo de não participar da prova deixou os pilotos Jody Scheckter, Gilles Villeneuve, Jean Pierre Jabouille, Rene Arnoux, Patrick Depailler e Bruno Giacomelli ausentes dos treinos de ontem, facilitando a classificação dos demais concorrentes.

Corrida vai ser julgada dia 10

Como a Ferrari, Renault e Alfa Romeo recusaram ontem à noite mais uma proposta conciliatória, feita pela Associação de Construtores de Fórmula-1 (FOCA), para participar da corrida, a validade ou não do GP da Espanha, hoje, no circuito de Jarama, será decidida na reunião da Federação Internacional de Automobilismo (FIA), marcada para dia 10 de junho, na frança.

Nenhuma das três escuderias participou dos treinos e não aceitou a proposta da FOCA que consistia em anular as classificações obtidas ontem e realizar hoje novos treinos classificatórios, pela manhã, e a corrida à tarde. A Ferrari, Renault e Alfa Romeo ficaram solidárias à Federação Internacional de Automobilismo Desportivo (FISA), enquanto a FOCA preferiu ficar do lado dos pilotos multados, por não comparecerem às reuniões prévias que antecedem cada GP.

COMO COMEÇOU

A situação do GP da Espanha começou a deteriorar-se quando a FISA resolveu multar 18 pilotos ausentes das reuniões de Mônaco e Bélgica. Os pilotos se recusaram a pagar a multa de (2 mil dólares (Cr$ 100 mil) por ausência e o presidente da FISA, Jean Marie Balestre, resolveu que não podiam competir na Espanha, antes do pagamento.

A FOCA proibiu que os pilotos pagassem a multa, sob o argumento de que também é legal oferecer aos punidos o direito de defesa. O conflito colocou em perigo a corrida e, com a intenção de proteger a sua realização, os organizadores do Real Automóvel Clube da Espanha (RACE) decidiram ignorar o poder da FISA e de seu presidente, realizando a corrida, independente da sua validade ou não para o Campeonato Mundial de Fórmula-1.

Uma vez mais a intransigência de alguns dirigentes impediu o acordo para solucionar o problema. O choque de interesse entre o presidente da FOCA, Bernnie Ecclestone, e da FISA, Jean Marie Balestre, terminou em divórcio, após dois anos de difícil convivência. A FOCA procura extrair da Fórmula-1 todos os benefícios monetários possíveis, em função de um espetáculo que seus integrantes oferecem, de cidade em cidade, durante o ano.

A FISA, no entanto, persegue o objetivo de limitar os excessivos apetites comerciais da sua adversária.

ORDEM DE LARGADA

1ª Fila	
1. Jacques Laffitte (Ligier)	2. Alan Jones (Williams)
2ª Fila	
3. Didier Pironi (Ligier)	4. Carlos Reutemann (Williams)
3ª Fila	
5. **Nélson Pîequet (Brabham)**	6. Alain Prost (McLaren)
4ª Fila	
7. Ricardo Zunino (Brabham)	8. Mario Andretti (Lotus)
5ª Fila	
9. Jan Lammers (ATS)	10. Eddie Cheevers (Osella)
6ª Fila	
11. Ricardo Patress (Arrows)	12. John Watson (McLaren)
7ª Fila	
13. Elio de Angellis (Lotus)	14. Jochen Mass (Arrows)
8ª Fila	
15. Jean Jarier (Tyrrell)	16. Derek Kaly (Tyrrell)
9ª Fila	
17. Emilio Villoto (Williams)	18. Keke Rosberg (Skol-Fittipaldi)
10ª Fila	
19. **Fittipaldi (Skol-Fittipaldi)**	20. Geoff Lees (Shadow)
11ª Fila	
21. Patrick Gaillard (Ensign)	22. David Kennedy (Shadow)

OS TEMPOS

1. Jacques Laffite (Ligier)	1m12s64
2. Alan Jones (Williams)	1m13s02
3. Didier Pironi (Ligier)	1m13s03
4. Carlos Reutemann (Williams)	1m13s27
5. **Nélson Piquet (Brabham)**	1m13s60
6. Alain Prost (McLaren)	1m13s63
7. Ricardo Zunino (Brabham)	1m14s18
8. Mario Andretti (Lotus)	1m14s24
9. Jan Lammers (ATS)	1m14s42
10. Eddie Cheever (Osella)	1m14s42
11. Ricardo Patres (Arrows)	1m14s43
12. John Watson (McLaren)	1m14s57
13. Elio de Angelis (Lotus)	1m14s58
14. Jochen Mas (Arrows)	1m14s80
15. Jean Pierre Jarier (Tyrrell)	1m14s82
16. Derek Daly (Tyrrell)	1m14s96
17. Emilio de Villota (Williams)	1m15s04
18. Keke Rosberg (Skol-Fittipaldi)	1m15s10
19. **Emerson Fittipaldi (Skol-Fittipaldi)**	1m15s17
20. Geoff Lees (Shadow)	1m15s70
21. Patrick Gaillard (Ensign)	1m15s95
22. David Kennedy (Shadow)	1m16s44

SITUAÇÃO DO MUNDIAL

	Pontos
1. **Nélson Piquet (Brasil)**	22
2. René Arnoux (França)	21
3. Alan Jones (Austrália)	19
4. Didier Pironi (França)	16
5. Carlos Reutemann (Argentina)	15
6. Jacques Laffite (França)	12
7. Ricardo Patrese (Itália)	7
8. Elio de Angellis (Itália)	6
9. **Emerson Fittipaldi (Brasil)**	5
Jochen Mass (Alemanha)	5
11. Keke Rosberg (Finlândia)	4
12. Gilles Villeneuve (Canadá)	3
Derek Daly (Irlanda)	3
Alain Prost (França)	3
John Watson (Irlanda)	3
16. Jean Pierre Jarier (França)	2
Jody Scheckter (África do Sul)	2

Emerson acredita que problema termine bem

Para Emerson Fittipaldi, tudo terminará bem, pois confia em que o automobilismo é muito mais importante que as questões pessoais. Emerson, piloto e construtor, esteve entre os que buscaram a todo custo uma saída positiva para a crise do GP da Espanha.

A possibilidade do fim do Campeonato Mundial de Pilotos e Construtores deixou Emerson preocupado, pois está com tudo pronto para o lançamento do F-8, no GP da França.

— Claro, a situação atual, confusa, pode muito bem frustrar não só o GP da Espanha como o Campeonato Mundial e boa parte do que já se conseguiu na Fórmula-1.

Velejadores solitários têm sua primeira regata no Rio

Mais de 50 timoneiros confirmaram inscrição na 1ª Regata Pellicano para Velejadores Solitários, com largada programada para hoje, às 9 horas, próximo à marina da Glória. Como as inscrições poderão ser feitas até 30 minutos antes da saída, na jamanta da Comissão de Regatas, os organizadores acreditam que pelo menos mais uns 10 barcos vão concorrer.

Primeira prova deste tipo realizada no Brasil, a Regata para Velejadores Solitários é patrocinada pela Veleria Pellicano, que vai distribuir equipamentos a todos os que completarem o percurso, além de premiar os melhores classificados em todas as classes. O apoio aos iatistas e a infra-estrutura cabe ao Iate Clube do Rio de Janeiro, enquanto a organização está a cargo da Associação Brasileira de Veleiros de Oceano.

Sucesso antecipado

O percurso, da marina da Glória à ilha Rasa, ida e volta, mede aproximadamente 16,5 milhas e, segundo José Roberto Braile, o Pré, presidente da ABVO, a Regata já pode ser considerada como uma das maiores festas do iatismo brasileiro, tal o número, inesperado, de timoneiros inscritos.

José Roberto recebeu até ontem à tarde, no Departamento de Vela do Iate Clube do Rio de Janeiro, mais de 50 inscrições, mas explicou que apenas os barcos que estão em dia com a anuidade da ABVO poderão concorrer. Segundo ele, o pagamento pode ser efetuado até poucos minutos antes da largada.

Como todos os barcos inscritos foram projetados para regatas, e com previsão para um número mínimo de tripulantes, a condução por um único homem é complexa, principalmente porque: o **lay out** do convés é planificado de tal maneira que as catracas e regulagens são distribuídas por vários locais, e dispostas a distâncias regulares, de modo a permitir que os tripulantes não se esbarrem durante uma manobra.

Este problema não é enfrentado pelos famosos navegantes solitários, que correm as perigosíssimas regatas Transat ou a Route de Rhum, porque seus barcos apesar de grandes — monocascos ou trimarãs — são projetados de tal maneira, que tudo, ou quase tudo se concentra no **cockpit**. Mas, em compensação, eles velejam cerca de 4 mil 200 milhas, na Transat, durante cerca de um mês, enfrentando tempestades, frio, nevoeiro, baleias adormecidas, **icebergs** e, não raras vezes, enormes navios encobertos pela noite fechada ou espessos nevoeiros.

As transats

A mais famosa regata em solitário do mundo é a Transat, entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Ela é realizada de quatro em quatro anos e a primeira foi em 1960, com a vitória de Francis Chichester. Em 1964, o célebre velejador francês Eric Tabarly surpreendeu, ganhando com o seu **Pen Duick II**.

Na primeiro regata correram cinco barcos e na segunda, 14. Em 1968 começou a era dos multicascos e 35 barcos foram à raia, mas apenas 18 completaram o percurso. A vitória ficou com o inglês Geoffrey Williams. Em 1972, largaram 52, completaram 40 e o francês Alain Colas, com um enorme trimarã, estabelece um novo recorde para a travessia: 20 dias, 13 horas e 15 minutos. Ano passado, durante a Route de Rhum, também para solitários, Colas desapareceu no Atlântico, sem que não surgissem sequer vestígios de seu barco.

Em 1976, os gigantes começaram a surgir e Colas lançou o seu barco **Club Mediterranée**, que media 72 metros — tamanho de um Boeing 747 — para ser timoneado por um único homem. Ele acabou desclassificado porque teve ajuda para chegar a um porto da Terra Nova com as velas avariadas. Esta regata foi trágica, largaram 125, mas apenas 73 completaram o percurso. Vários naufrágios, dois concorrentes morreram e um dos barcos foi encontrado sem ninguém a bordo. A vitória mais uma fez ficou com Eric Tabarly e seu **Pen Duick VI**. A regata deste ano está marcada para o próximo sábado.

Tigres e Trevos fazem a final do Torneio JB

Tigres e Trevos fazem hoje, a partir das 15 horas, no campo do Itanhangá, a final do Torneio JORNAL DO BRASIL de Pólo, aberto ontem com dois jogos. No primeiro os Tigres derrotaram os Leões por 10 a 7 (10 a 1 no aberto) e no outro os Trevos venceram o Globo por 7 a 5 (7 a 4 no aberto). O Torneio, promovido pelo JORNAL DO BRASIL, reúne equipes com **handicap** mínimo de 12 gols.

No primeiro jogo da tarde, lento devido à recente parada por causa do mau tempo, os Tigres demonstraram seu predomínio absoluto com Jorge Rangel, o melhor jogador do pólo carioca, sendo mais uma vez o destaque ao marcar quatro gols. Logo no primeiro tempo os Tigres marcaram dois a zero, aumentando essa vantagem para cinco no segundo tempo e seis no terceiro. Nos dois tempos seguintes a equipe ainda aumentou para 10 e só no tempo final os Leões conseguiram marcar seu gol, através de Hector Silva.

Os Leões receberam seis gols de vantagem e perderam com Argemiro Baudson, Rafael Silva, Eduardo Secco e Hector Silva. Os Tigres jogaram a marcaram com Armando Klabin (3), Daniel Klabin (1), Paulo César Tovar (2) e Jorge Rangel (4).

Ao contrário do primeiro jogo, Trevos e Globo fizeram uma partida muito movimentada e só decidida no quarto tempo, quando os Trevos, que até então venciam apertado por 3 a 2, marcaram três gols. O quinto tempo não teve gols e no último os Trevos aumentaram para sete e o Globo descontou. Na equipe dos Trevos todos os jogadores estiveram impecáveis, com um bom rendimento em campo enquanto no time-família do Globo mais uma vez Sérgio Figueiredo se destacou.

O Globo, que hoje faz com os Leões, a partir das 13h 30m, o jogo que apontará o terceiro colocado, formou com Sérgio (1), Serginho (1) Mauro (1) e André Figueiredo (1), enquanto os Trevos venceram com Luís Carlos Paiva Chaves (2), Saul Madeira (2), William Pretyman (2) e Alejandro Silva (1).

Só chuva e frio em Roland Garros

Paris — O sol brilhante que iluminou na sexta-feira a bela **performance** do australiano McNamee, vencedor de McEnroe, não voltou a aparecer no sábado, escondido atrás de nuvens baixas e escuras. A chuva e o frio, raros nessa época do ano, complicaram bastante a etapa de ontem, reduzindo à metade os jogos programados.

Marcado para começar às 11 horas, o programa de Roland Garros só pôde ter início quase às três horas da tarde, com a entrada, na quadra central, para mais uma partida, pelo campeonato feminino, da americana Billie Jean King contra uma compatriota pernalta de quase dois metros de altura, L. Allen, vencida pela primeira vez em dois **sets** a um, não traduzindo a contagem a facilidade da vitória de Mrs King.

Ao aperitivo seguiu-se o **menu**, régio, que previa como primeiro prato Bjorn Borg contra o jovem francês Pascal Portes, e como o prato de resistência o jogo de Vilas contra o inglês Buster Motram, que tem quase tanto de altura quanto de lentidão.

Quanto a Borg, não tomou conhecimento do adversário. Entrou na quadra e resolveu seu problema exatamente em uma hora e trinta e cinco minutos, eliminando o francês em 6/3, 6/0 e 6/1.

A torcida francesa bem que incentivou o tenista patrício, mas a diferença de categoria era enorme.

Continua a ser um prazer, não tanto pelo estilo, que lembra muito mais um lenhador, assistir a Bjorn Borg jogar. Ele encanta pela regularidade, seriedade, frieza, precisão, das quais se utiliza com o rigor de um cirurgião entregue à tarefa de operar um paciente.

Com Portes, ontem, foi exatamente assim. Jogou do princípio ao fim com a mesma intensidade, variando a velocidade da bola e os golpes até induzir o adversário, enervado e descontrolado, ao erro.

Vilas, que entrou logo depois para enfrentar Mottram, estava seguindo exatamente a trilha aberta por Borg, quando uma pancada de chuva obrigou a suspensão da partida e o adiantamento para hoje do seu final.

Embora não rapidamente quanto Borg, Vilas já tinha decidido dois **sets**, 6/2, 6/2, e vencia o terceiro por 2/1 quando a chuva começou a cair forte.

O curioso é que depois de perder os dois primeiros **sets**, Mottram começou a mudar o jogo levantando muito a bola, que passou a incomodar Vilas. Tanto que o argentino estava prestes a ter o seu serviço quebrado quando o jogo foi suspenso.

De qualquer forma, a interrupção não deve levar a outro final que não a vitória de Vilas, embora um jogo de tênis só termine com o último ponto. Mottram, mesmo suspendendo a bola para tentar neutralizar a agressividade de Vilas, não se mostrou um adversário perigoso e, ao que tudo indica, deve despedir-se hoje de manhã do torneio. Se a chuva, evidentemente, deixar.

Pelo que estão jogando Borg e Vilas, é uma pena que a distribuição das chaves os impeça de jogar a final. Segundo estabelece a tabela, na melhor das hipóteses, os dois poderiam disputar uma das semifinais. O que, com a eliminação de McEnroe, o jogo até agora pouco convincente de Connors e Gerulaitis, ambos na chave oposta, pode vir a se constituir na verdadeira finalíssima.

Além de ter sido eliminado do Torneio de Roland Garros pelo australiano Paul McNamee, o norte-americano John McEnroe ainda terá que pagar uma multa de 1 mil 250 dólares — cerca de Cr$ 63 mil — por atitudes contrárias aos regulamentos. Na partida de quinta-feira, McEnroe comportou-se mal na quadra, insultou o árbitro e negou-se a participar do habitual encontro com a imprensa.

RESULTADOS DE ONTEM

Simples masculinas: Bjorn Borg (Suécia) 6/3, 6/0, 6/1 Pascal Portes (França); Manuel Orantes (Espanha) 7/6, 6/0, 6/3 Bruce Manson (EUA); Corrado Barazzutti (Itália) 6/2, 6/4, 6/3 Belus Prajoux (Chile); Peter McNamara (Austrália) 6/7, 6/2, 7/6, 6/4 Christophe Roger Vasselin (França).

Simples femininas: Billie Jean-King (EUA) 6/4, 3/6, 6/2 Leslie Allan (EUA); Dianne Fronholtz (Austrália) 4/6, 6/4, 6/3 Hana Strachonova (Tcheco-Eslováquia); Virginia Ruzici (Romênia) 7/6, 6/3 Mima Jausovec (Iugoslávia), Wendy Turnbull (Austrália) 3/6, 6/4, 6/1 Anne Smith (EUA).

Duplas masculinas: Tayan-Martin (EUA) 7/5, 3/6, 6/3 Alvaro Fillol (China)-Emilio Montano (México); Francisco Gonzales (Porto Rico)-Bob Lutz (EUA) 6/3, 6/3 Gunthardt (Suíça)-Sanders (Holanda); Bertolucci-Panatta (Itália) 6/4, 6/7, 6/3 Ricardo Ycaza (Equador)-John Kohlberg (EUA); Case-Masters (Austrália) 4/6, 6/3, 6/3 Lewis-Petrovic (EUA); Fassbinder (Alemanha Ocidental)-Moore (África do Sul) 7/6, 7/6 Curren (África do Sul)-Denton (EUA); Tim-Tom Gullikson (EUA) 7/5, 6/2 Freyss-Fritz (França).

Duplas femininas: Ivonna Madruga-Adriana Villogran (Argentina) 6/3, 3/6, 6/2 Dupont-McCallum (EUA).

Polícia utiliza 1 mil 500 para manter a ordem

Ainda que haja uma invasão de mineiros ao Rio de Janeiro, como tudo indica que ocorrerá, a polícia considera-se preparada para evitar atritos entre torcedores, colocando no policiamento quase 1 mil e 500 homens.

A despeito de todas as providências e do otimismo do Coronel Jorge Reis, comandante do 6º BPM, e do delegado Carlos Bandeira Poppe, titular da 18ª Delegacia Policial, ambos torcem para que o Flamengo ganhe a partida, por considerarem que assim serão bem maiores as possibilidades de funcionar, como desejam, o plano de policiamento no Maracanã.

O maior número de policiais será da Polícia Militar, que deslocará para o Maracanã mais de 1 mil homens, o equivalente ao dobro do número que normalmente tem integrado o esquema de policiamento, interno e externo, do estádio. Esses policiais pertencem a 14 quartéis, fórmula que a PM encontrou para reforçar a vigilância no Maracanã sem enfraquecer o de outras áreas da cidade.

Os ônibus conduzindo torcedores mineiros permanecerão estacionados na Rua Mata Machado, onde a PM colocará um número de policiais capazes de manter vigilância sobre até 200 ônibus, embora, segundo as previsões, o número desses veículos deverá ser em torno de 100.

Outra providência do Comando do 6º BPM será colocar 70 homens separando torcedores do Flamengo e do Atlético.

Em caso de vitória do Flamengo, os policiais procurarão reter os torcedores do Atlético por um período entre 40 e 45 minutos, tempo considerado suficiente para que termine o escoamento de público e a movimentação de veículos. Mas, de qualquer forma, o comandante do 6º BPM apela para os chefes de torcida que procurem moderar os ânimos dos integrantes das respectivas torcidas organizadas.

Outra recomendação é para que as pessoas que desejem qualquer informação, especialmente motoristas, que se dirijam aos soldados da Polícia Militar, ao invés de perguntarem a qualquer desconhecido ou a guardadores de carro, evitando assim muitos problemas.

Segundo o Coronel Reis, no domingo passado, quando o Flamengo decidiu com o Coritiba a vaga para disputar a final do Campeonato Nacional, o esquema de policiamento — somente de integrantes da Polícia Militar — foi superior a 500. Desta vez, o esquema se estenderá até a Avenida Presidente Vargas, até onde é prevista retenção do trânsito, quando anteriormente a segurança ia até a Praça da Bandeira.

Na área na Polícia Civil, além de todo o efetivo da 18ª Delegacia Policial, participarão do esquema policiais, em número que variará entre três e quatro de cada uma das 10 delegacias empenhadas na vigilância contra a ação de pivetes.

Embora seja previsto um intenso movimento de veículos pelas estradas de acesso ao Rio, neste fim de semana, o Departamento Nacional de Estrada de Rodagem não organizou qualquer esquema especial para o tráfego, a não ser os preparativos normais que sempre são tomados nesses períodos.

Mas além de ônibus ou carros particulares, também de avião muitos torcedores deverão chegar ao Rio, sendo que, nos seis vôos que a Varig-Cruzeiro fará entre 7h30m de hoje e 12 horas de amanhã, o único em que havia disponibilidade de passagem era no horário das 19 horas de ontem o que, segundo um funcionário do setor de reservas da empresa, constituiu um fato fora da rotina, possivelmente em função do jogo decisivo. Era também razoável a procura de passagens nos vôos para hoje e amanhã na Vasp e na Transbrasil.

No setor de hospedagem, o presidente do Sindicato das Empresas, Milton de Carvalho, afirmou que nessa época do ano costuma ser fraco o movimento de hóspedes, mas prevê que entre os hotéis de uma a três estrelas haja uma procura relativa de hóspedes em razão do jogo.

Zona Sul teve dia tranqüilo

A Zona Sul do Rio não parecia, ontem de manhã, estar às vésperas da decisão da Taça de Ouro do Campeonato Nacional, a não ser por alguns carros que passavam buzinando e sacudindo a bandeira do Flamengo, ou pelas filas nos pontos de venda de ingresso. A maioria da população preferiu a praia ou as compras nas ruas de comércio.

Um atleticano perdido nas redondezas do Teatro Municipal calcula que cerca de 100 ônibus da torcida mineira estarão chegando até hoje à tarde, e, apesar de confiantes na vitória, sentem receio da reação dos flamenguistas. Juca, chefe da torcida Jovem do Flamengo, acha que, se o time perder ninguém vai conseguir segurar o povo.

Segundo um motorista de táxi, torcedor do Flamengo, as únicas soluções pacíficas para o jogo de hoje serão ou a vitória do Flamengo ou uma goleada do Atlético — "assim a torcida vai sair cabisbaixa, sem moral para brigar. Mas se for **pau a pau**, o negócio vai ficar preto".

Com ou sem vitória, Juca assegura que a torcida vai dar um **show** de beleza. "Já temos cerca de 20 mil rolos de papel higiênico e 500kg de papel para picar, além de inúmeras bandeiras novas. Será uma festa autêntica. Se ganharmos, a torcida atleticana vai poder andar à vontade, dependendo do comportamento dela. Nosso problema é com a polícia mineira, e não com a torcida. Mas se o Flamengo perder, não vai dar para segurar o povo".

Da orla marítima do Flamengo — passando por Copacabana — ao Leblon, o sábado parecia um dia como outro qualquer. Era raro encontrar alguma bandeira ou torcedores mais entusiásticos. Pela manhã, o Chevete marrom placa ZR 0049, com três rapazes dentro, desfilava com duas enormes bandeiras rubro-negras, uma delas com corações, buzinando sem parar.

Tumulto começa cedo nas filas

Como se o jogo fosse poucas horas depois, o tumulto, a afluência e as filas sempre desorganizadas começaram muito cedo ontem no Maracanã; eram 10h e já havia muita gente nos guichês do lado direito do portão principal, e os carros, mal-estacionados, quase formavam um bloqueio de interdição da alameda da Avenida Maracanã. A renda deve passar dos Cr$ 15 milhões.

Também se anteciparam os vendedores ambulantes de flâmulas, bandeiras, almofadas, chapéus, e uma série de outros artigos coloridos, listrados predominantemente de vermelho e preto, mas sempre oferecendo as cores de outros clubes. Eles já estavam em volta do Maracanão ontem à tarde, garantindo o "ponto" para as vendas de hoje.

Às 11h, a alameda da Avenida Maracanã junto ao Estádio, defronte da estátua de Belini parecia estar interditada porque era grande o número de carros ali parados enquanto seus motoristas enfrentavam as desorganizadas filas diante dos guichês da única bilheteria aberta àquela hora. Pouco mais tarde, uma patrulha da Polícia Militar estacionou no local, aparentemente para garantir a ordem e evitar tumultos como os de anteontem nas proximidades do Teatro Municipal.

Muitos torcedores procuravam adquirir suas entradas com bastante antecedência, presumindo que mais tarde seu preço normal de Cr$ 120 (para as arquibancadas) ficaria inflacionado com a intermediação dos cambistas. Há quem admita até que a cotação do ingresso hoje, horas antes do jogo, possa chegar a Cr$ 300 enquanto as cadeiras comuns, de Cr$ 250 atinja Cr$ 400.

Botafogo começa a excursão de um mês

A delegação do Botafogo viaja às 23 horas de hoje para o México, primeira etapa de uma excursão que se prolongará por todo o mês e que tem como ponto principal a disputa de um torneio quadrangular, no Canadá.

O clube deve fazer um total de oito a 10 jogos, recebendo a quota de 15 mil dólares (Cr$ 750 mil) por apresentação. A estréia será quinta-feira, em Guadalajara, contra o Universidad.

O TIME-BASE

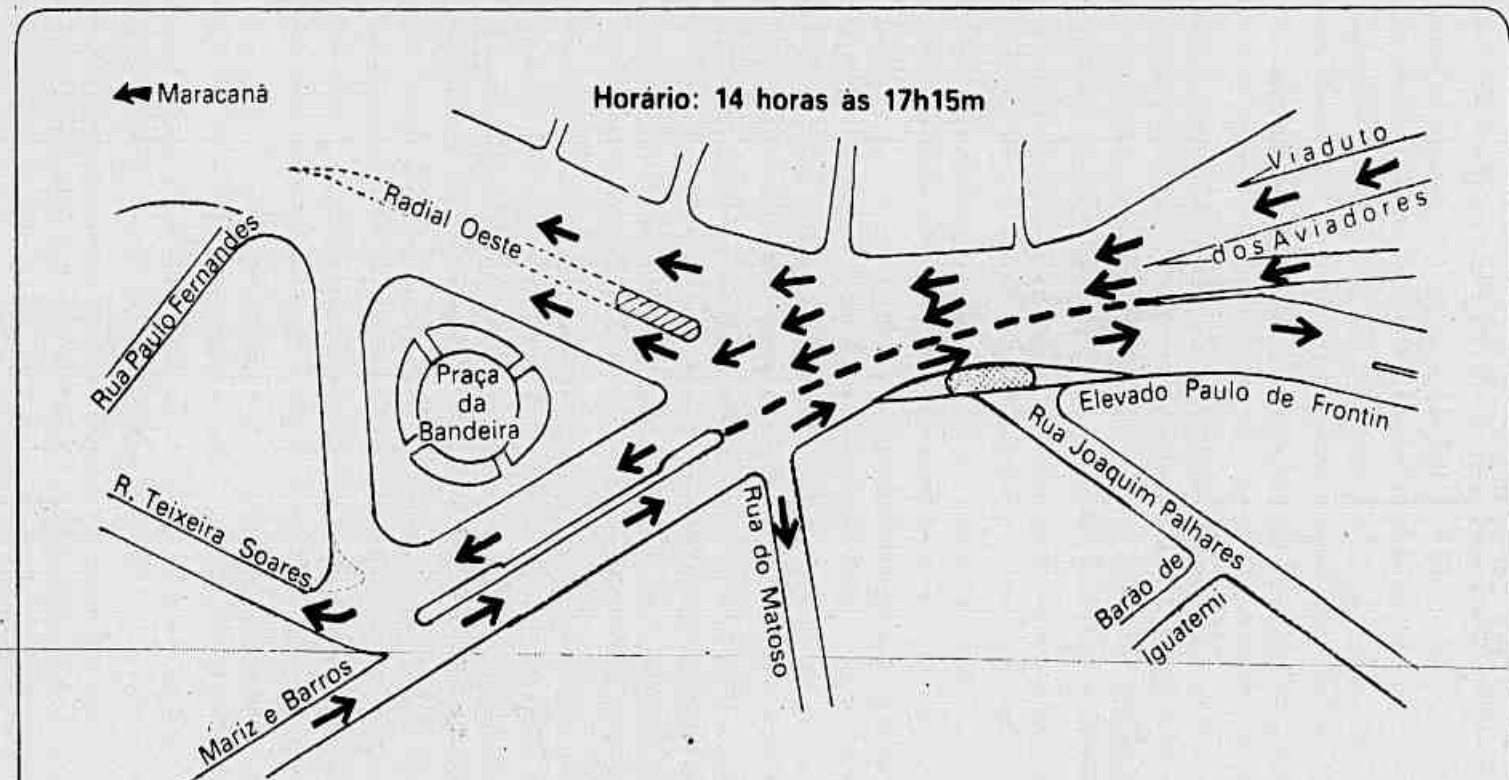
A temporada, além das vantagens financeiras, servirá para o treinador Oton Valentim — longe das habituais interferências da cúpula dirigente — armar com calma o time-base para a Taça Guanabara. A princípio, Oton não contará com dois titulares, o zagueiro Luís Cláudio e o ponta-direita Edson, todos na Seleção de Novos e que somente após o dia 10 se incorporam à delegação. Mas, já tem o time definido para a excursão: Paulo Sérgio; Perivaldo, Miltão, Renê e Serginho; Wecsley, Mendonça e Marcelo; Gil, Cláudio Adão e Renato Sá. Além destes, Oton Valentim contará com o goleiro Luís Carlos, Carlos Alberto, Ronaldo, Zé Carlos, Luisinho, Ziza e Jérson.

O time estreará em Guadalajara, onde o futebol brasileiro goza de grande prestígio. No domingo joga em Puebla. Daí segue para o Canadá, onde disputará um quadrangular juntamente com as equipes do Olimpic, Glasgow e Ascari, nos dias 13, 15, 18 e 21, com jogos em Montreal, Quebec e Hamilton.

Foto de Cristino Paranaguá

Foto de Cristino Paranaguá

Foto de Waldemar Sabino

A decisão movimenta o Rio: as bandeiras começam a ser agitadas e filas se formam para a compra de ingressos

Aprenda a chegar e sair do Maracanã

Dividido em três esquemas diferentes, para antes, durante e depois do jogo no Maracanã, o plano de trânsito para domingo estabelece, entre as principais modificações, a inversão de mão, das 18h30m às 20h30m, do eixo Viaduto dos Aviadores—Elevado Paulo de Frontin—Túnel Rebouças, de modo a permitir o escoamento da Praça da Bandeira para a Zona Sul, com a utilização das duas pistas e galerias.

Antes do jogo, das 14 horas às 17h15m, outra inversão de mão facilitará o acesso ao Maracanã para os motoristas procedentes do Centro da Zona Sul e da Zona Norte, via Avenida Brasil—Francisco Bicalho: é a utilização das pistas da Rua Teixeira Soares e da Avenida Radial-Oeste, partindo da Praça da Bandeira para o estádio. Durante o jogo, ou seja, das 17h15m às 18h30m, o tráfego será normal tanto no Rebouças como nas demais vias e áreas.

Três etapas

O plano de circulação foi elaborado pelo Detran e contará com a cobertura do DER e dos 2º, 6º e 19º Batalhões da Polícia Militar, para a sua execução, além do policiamento específico de outros setores para o problema de segurança individual e repressão contra assaltantes e marginais.

Algumas alterações terão validade para todo o período, ou seja, das 14 horas às 20 horas. São elas: interdição de tráfego na alameda da Avenida Maracanã, junto ao portão principal do Estádio (Estátua de Belini) e das rampas de acesso da Avenida Bartolomeu de Gusmão (ao lado da Quinta da Boa Vista) para o Viaduto Oduvaldo Cozzi; bloqueio ao tráfego, na chegada ao Maracanã, exceto para acesso ao estacionamento; nos acessos da Rua Mariz e Barros para a Ibituruna e Professor Gabizo; da Ibituruna para a Radial-Oeste; da General Canabarro para a Mata Machado e Luís Gama; da Avenida Paula e Souza (entre São Francisco Xavier e Professor Eurico Rabelo) para a Canabarro.

Outros acessos bloqueados: da Pereira Nunes para as Ruas dos Artistas e Maxwell; da Felipe Camarão para a Dona Zulmira e Professor Manoel de Abreu; da Deputado Soares Filho à Avenida Maracanã e Rua Barão de Mesquita; da Rua São Francisco Xavier à Avenida Radial-Oeste, nos dois sentidos; da Radial-Oeste para o Viaduto Oduvaldo Cozzi; e da São Francisco Xavier para as Ruas Artur Menezes, Professor Manoel de Abreu, Visconde de Itamarati e Avenida Maracanã.

À saída do jogo, das 18h30m às 20 horas, também haverá bloqueio do acesso das Ruas Teodoro da Silva e Pereira Nunes para a Professor Manoel de Abreu.

Alternativas

Além do esquema de trânsito, o Detran indicou algumas opções para a circulação de veículos para o tráfego de entrada, saída ou apenas de passagem pela área do Maracanã.

Os procedentes da Radial-Oeste com destino a Vila Isabel, Praça Saens Peña e outros nessa direção, devem seguir pelo Viaduto de São Cristóvão, atravessando a linha férrea, Avenida Bartolomeu de Gusmão, Visconde de Niterói, Viaduto de Mangueira, Rua São Francisco Xavier, Oito de Dezembro, Justiniano da Rocha, Avenida 28 de Setembro, Pereira Nunes.

Da Mariz e Barros e Ibituruna também em direção a Vila Isabel, devem os motoristas seguir pela Mariz e Barros Almirante Cochrane, Major Ávila, Praça Varnhagen, Felipe Camarão e 28 de Setembro; desse ponto, caso o destino seja o Méier, os veículos devem prosseguir pelas Ruas Jorge Rudge, São Francisco Xavier e Avenida 24 de Maio.

Da Teodoro da Silva (oriundos do Grajaú ou da Tijuca (Av. Maracanã) para a Praça da Bandeira, a opção é seguir a Pereira Nunes, Barão de Mesquita, Pareto, Almirante Cochrane, Pereira de Siqueira, São Francisco Xavier, Heitor Beltrão, Felisberto de Menezes e Gonçalves Crespo, para atingir a Mariz e Barros.

Ainda da Teodoro da Silva para o Méier, a melhor alternativa é Felipe Camarão, Jorge Rudge, Luiz de Matos, São Francisco Xavier e 24 de Maio.

O tráfego da Marechal Rondon (procedente do Méier) para o Centro deve seguir pelo Viaduto da Mangueira, Visconde de Niterói, Bartolomeu de Gusmão, Rua Francisco Eugênio, Avenida Francisco Bicalho, Viaduto dos Pracinhas e Presidente Vargas.

Sem Rebouças

Com a inversão de mão do Rebouças e do Elevado Paulo de Frontin (que das 18h 30m às 20h 30m não permitirá tráfego da Lagoa para o Rio Comprido), o tráfego procedente da Zona Sul para o centro deverá ser orientado para o Humaitá, Botafogo, Pinheiro Machado, Túnel Santa Bárbara e daí seguir o itinerário desejado, De acordo com o destino, de Botafogo podem os motoristas seguir pelas Praias de Botafogo e Flamengo.

Durante o regime de mão-única no Rebouças, o tráfego procedente do Maracanã contará ainda com outra facilidade de escoamento na Lagoa: a Rua Fonte da Saudade funcionará em regime de mão única também, permitindo que as duas alamedas dêem tráfego para a Rua Humaitá—Botafogo.

D Iraci vive para o Atlético

Belo Horizonte — "O Atlético, é tudo para mim, é o marido que já morreu, é o filho que eu não tive", exclamou ontem, poucas horas antes de embarcar para o Rio de Janeiro, a viúva Iraci de Carvalho, de 64 anos, um dos cerca de 25 mil atleticanos que em 230 ônibus especiais, carros particulares, aviões e ônibus de carreira, estão deixando esta Capital e outras cidades mineiras para assistirem à partida final da Taça de Ouro, no Maracanã.

Boa parte da torcida vai ao Maracanã em ônibus fretado por várias das 40 torcidas organizadas do clube, levando consigo, além de muito papel picado, bandeiras, foguetes e a esperança de que voltarão com o título. Ninguém quer se lembrar de 1977, quando o Atlético perdeu no Mineirão para o São Paulo na decisão por pênaltis depois de fazer a melhor campanha, deixando o estádio "só em silêncio e soluços", como recordou D Iraci de Carvalho.

Além das caravanas de torcedores, que começaram a deixar Belo Horizonte anteontem à noite, os atleticanos esgotaram todas as passagens nos aviões e ônibus de carreira e viajaram para o Rio em kombis alugadas e automóveis particulares. A maioria dos ônibus viajou ontem à noite, com chegada hoje cedo ao Maracanã.

Eduardo Eustáquio de Sousa, presidente da "Força Viva" uma das mais tradicionais torcidas organizadas do Atlético, disse que tanto na sua como nas demais torcidas impera o propósito de fazer de cada jogo uma festa, não uma guerra. Disse que entre a "Força Viva" e as torcidas organizadas do Flamengo existe um bom relacionamento, só havendo tumulto "por causa de uns **gatos-pingados** que existem em todas as torcidas".

Já a "Garra Atleticana", torcida formada de dissidentes de outras torcidas, acha que o clima criado leva a crer que os atleticanos estão partindo para uma batalha. Com a maior caravana (60 ônibus, que deixaram Belo Horizonte ontem à noite) a "Garra" teme problemas decorrentes da falta de bom senso de uns poucos torcedores do Flamengo. A preocupação é maior porque seus ônibus vão estacionar na Rua Mata Machado, próxima aos portões das gerais do Maracanã. Entre os 2 mil 400 torcedores que a "Garra" leva ao Rio, estão ali os 15 mascotes que sempre entram em campo com o Atlético.

Eduardo Eustáquio, da "Força Viva", não quis deixar passar a oportunidade de elogiar a Polícia Militar do Rio de Janeiro, pois ela sempre deu especial proteção à sua torcida nas 28 vezes que nos últimos seis anos ela foi ao Maracanã prestigiar jogos do Atlético. Acredita que o mesmo apoio será dado agora e promete que todas as determinações dos policiais serão acatadas. Garantiu ainda que se o resultado do jogo for negativo para seu clube "ninguém vai apelar, pois estamos com o Atlético tanto nos piores como nos melhores momentos."

Para o presidente da Força Viva, só a torcida botafoguense poderá apoiar a do Atlético no Maracanã. Acha que a do Vasco, que poderia também, não o fará porque "ela teve um probleminha com a polícia mineira em Belo Horizonte, quando seu time jogou aqui. A polícia mineira agrediu a do Vasco, como também a do Flamengo, embora a gente saiba que o torcedor tem lá suas culpas. Mas os dois estão errados, é duro dizer isso, mas a gente tem de dizer."

D Iraci de Carvalho, que torce pelo Atlético desde 1935, enfrenta com galhardia o desconforto das caravanas esportivas e, para ela, a única coisa de realmente ruim que poderá acontecer é uma derrota do Atlético.

Há três anos ela participa da Força Viva e vai onde ela vai (trata-se da única torcida internacional", ou seja, a única que acompanhou o Atlético ao exterior) em 1978 quando da Libertadores da América, ela foi com o Atlético à Argentina. Ao retornar a Belo Horizonte, foi direto trabalhar, apesar de ter passado quatro noites sem dormir.

D Iraci ganha pouco mais pode sustentar "esse vício" pois não tem outro. "Não jogo, não fumo, não bebo, não vou a salões de beleza, gasto meu dinheiro com o Atlético, amo e respeito sua bandeira como amo e respeito a do Brasil", explica. Sua casa é cheia de camisas, símbolos, coisas do Atlético. As clientes do consultório onde trabalha a enchem de presentes. Mesmo seu patrão, "que é cruzeirense, mas boa praça: quando saio em cima da hora para ver o jogo do Atlético, ele vai ao Mineirão só para me levar no seu carro."

— Enquanto os cruzeirenses torcem não propriamente pela vitória do Flamengo, mas pela derrota do Atlético, os atleticanos que ficaram em Belo Horizonte se preparam para comemorar o título.

O clima entre os atleticanos, no entanto, não é de muito otimismo. Eles acreditam no seu time, mas acham que o Atlético deixou escapar a grande chance de garantir o título na quarta-feira, quando ganhou com a diferença de apenas um gol, "quando poderia ter marcado pelo menos mais dois ou três."

Mesmo assim, os torcedores se preparam para a festa, que pode começar após o jogo, na Av. Afonso Pena, continuar no Aeroporto da Pampulha, e ir pela madrugada.

O **Jornal de Casa**, semanário gratuito, circulará hoje em Belo Horizonte com uma bandeira do Atlético encartada em cada um dos seus 110 mil exemplares. Para algumas emissoras de rádio de Belo Horizonte já é o campeão, restando-lhe apenas cumprir tabela contra o Flamengo.

JORNAL DO BRASIL □ domingo, 1º/6/80 □ 1º Caderno

Coutinho só teme os contra-ataques do Atlético

Procópio prefere o jogo violento

— Seria bom que o Flamengo jogasse mesmo com violência, esquecendo-se do futebol. Será mais difícil para o Atlético se o time deles jogar na bola. Tenho dito, repetidas vezes, desde o início da Taça de Ouro, que o Flamengo é a melhor equipe do Brasil, principalmente jogando no Maracanã.

O comentário foi feito ontem pelo técnico Procópio, após assistir, na Vila Olímpica, a um treino recreativo entre os profissionais do Atlético, último apronto antes do embarque para o Rio. Ele ressaltou que a equipe mineira jogará apenas futebol, sem preocupar-se antecipadamente com possíveis provocações. Salientou, entretanto, que os jogadores mineiros não irão afinar.

Dúvidas

Procópio ainda tem duas dúvidas para escalar o time. Os laterais Orlando e Jorge Valença continuaram o tratamento e, segundo o médico Neylor Lasmar, Orlando reunia ontem melhores condições de entrar na partida. Hoje cedo há uma revisão na concentração das Paineiras, quando será definido o time. O médico está confiante na recuperação dos dois.

Jorge Valença, com contusão nos ligamentos do joelho direito, apresentou melhoras ontem e já conseguia dobrar a perna. Caso ele seja mesmo vetado, Procópio optará entre Marcus Vinícius e Silvestre, também vindo de uma contusão, para a lateral esquerda. É grande a disposição dos dois titulares de participarem da decisão.

Tranqüilo, apesar do dois problemas, Procópio fez preleção de 45 minutos aos jogadores antes do treino e afirmou que eles devem estar conscientes de que irão enfrentar uma equipe respeitável, não devendo se preocupar por ser a partida no Maracanã.

O técnico procurou elogiar a equipe do Flamengo e Cláudio Coutinho, "um dos treinadores mais estudiosos que conheço". Sobre o esquema de jogo para enfrentar o Flamengo, não quis adiantar qualquer informação e mostrou-se um pouco preocupado com o trio de arbitragem.

Isso me preocupa um pouco. A CBF deveria optar por um trio diferente para esta segunda partida. Peço a Deus que ilumine o escolhido para que ele saiba, se necessário, coibir a violência, usando os poderes que tem.

Procópio frisou que o Atlético buscará a vitória, embora o empate assegure o título. O treinador citou como exemplo o jogo contra o Vasco (0 a 0) no Mineirão, para ele a partida mais difícil para o Atlético. "Sem buscarmos o empate, como no jogo contra o Vasco, ele pode acabar acontecendo em benefício a nosso time."

Por mais de uma vez, afirmou que o time do Atlético sabe é jogar futebol, e entrará em campo para isso. Observou, porém, que os jogadores mineiros não fugirão às divididas. Sobre a inclusão de Zico, Júlio César e Toninho, ele disse que o Flamengo é um todo e não quis comentar as afirmações do presidente Márcio Braga, que promete até trocar de nome se seu time perder.

Acho que ele está certo em emcomendar o chope e outras coisas. Afinal, um dos dois saira vencedor.

Atlético quer pôr fim à animosidade

Cansados da viagem e procurando seguir a orientação do supervisor Wilson de Oliveira, para que fossem direto para os quartos, os jogadores do Atlético chegaram no fim da tarde ao Hotel das Paineiras dispostos a desfazer o clima de animosidade criado a partir do momento em que dirigentes e jogadores do Flamengo anunciaram o revide à violência de quarta-feira.

— Todo o time está muito tranqüilo para o jogo — assegurou o atacante Palhinha. — Não quero intimidar ninguém, mas a verdade é que, se houve violência em Belo Horizonte, partiu do Flamengo e o próprio Rondinelli, que é meu amigo desde que estivemos na Seleção Brasileira, cansou de bater em mim e no Reinaldo, principalmente. A questão é que no grito ninguém vai ganhar. Nem o Tarzã ganha mais no grito. Acho que os jogadores do Flamengo estão-se fazendo de vítimas para impressionar, mas quero ver é no campo quem é melhor.

Indagado se a animosidade em torno da partida seria prejudicial ao espetáculo, Reinaldo afirmou que a ele, particularmente, não afetaria.

— Na verdade, partidas decisivas são disputadas com muita garra, mas isso não me afeta muito, não. Agora, se eles partirem para cima utilizando a violência, nós também agiremos da mesma forma, e isso até nos beneficia porque o Atlético é, reconhecidamente, um time mais pesado que o Flamengo.

Com suas escalações ainda condicionadas a uma revisão médica que será feita pelo médico Neilor Lasmar hoje de manhã, os laterais Orlando e Jorge Valença praticamente asseguraram que jogam por causa da acentuada melhora nos dois dias de tratamento intensivo.

Considerado um jogador desleal por muitos e apenas viril pelos mais comedidos, o zagueiro Chicão definiu com uma frase o espírito do jogo de hoje:

Não acredito em clima de revanchismo. O que o Flamengo e o Atlético devem fazer é apresentar o futebol que os levou a esta decisão".

Depois de receber a delegação ontem no Hotel das Paineiras, o presidente do Atlético, Elias Kalil, afirmou que o clube partirá para empreendimentos mundiais após a decisão do Campeonato Nacional e que deverá contratar reforços de peso, confirmando o nome de Sócrates com o primeiro da lista.

Há quatro dias no Rio, Elias Kalil disse que, pelo que pode sentir, o Atlético deverá mesmo encontrar um ambiente hostil para o jogo contra o Flamengo, com base nas declarações de dirigentes e jogadores cariocas.

O dirigente garantiu que o maior interesse do Atlético no momento é conquistar o Campeonato Nacional e não sabe quanto arrecadará com os dois finais. Mas prometeu partir para novas contratações, uma das quais pode ser a de Sócrates.

— Existe realmente o nosso interesse pelo Sócrates e o Atlético está preparado para tentar contratá-lo. É nosso plano reforçar ainda mais a equipe depois do Nacional e qualquer grande jogador interessa. Se o Corinthians fixar o preço do passe de Sócrates e houver um time brasileiro em condições de contratá-lo, este será o Atlético.

Com relação aos empreendimentos mundiais, disse que o clube já acertou uma série de jogos na Europa, em julho, com o empresário Elias Zacour. "O Atlético partirá agora para o mundo". Sobre a gratificação pela vitória sobre o Flamengo, que representaria a conquista do título nacional, afirmou que ainda não foi discutida e que os jogadores estão satisfeitos com o que têm recebido nos últimos jogos.

• A venda antecipada de ingressos na Gávea foi considerada muito boa: rendeu Cr$ 522 mil. Foram colocados à disposição dos sócios e torcedores 20 camarotes a Cr$ 1 mil 250, mil cadeiras a Cr$ 250, 350 cadeiras especiais a Cr$ 500 e 600 arquibancadas a Cr$ 120.

• Rondinelli sofreu ontem, pela manhã, uma intervenção cirúrgica para fixar o maxilar inferior, deslocado e fraturado no jogo de quarta-feira, no Mineirão. A operação foi realizada numa clínica na Rua Eurico Rabelo, durou quatro horas, e o jogador passa bem, embora mostrasse sinais de alheamento, por causa da anestesia. O único detalhe foi anotado pelo médico Giuseppe Taranto, do Flamengo, que acompanhou a intervenção: "pela manhã, já sob efeitos do anestésico que tomou em sua casa, Rondinelle ainda estava furioso por não poder participar da decisão. É uma pena, mas ele não pode ir ao jogo e nem sabemos se será liberado pela manhã para ir para casa".

• Entre a numerosa parafernália de fotógrafos, radialistas, cinegrafistas e jornalistas, também estava na Gávea o ator Carlos Eduardo Dolabela e sua mulher Pepita Rodrigues. Dolabela estava de câmera em punho, documentando com seu aparelho de video-cassete todos os momentos do treino e também fazendo algumas entrevistas.

• A diretoria do Flamengo oferece à torcida uma bandeira em homenagem à torcedora Cristina Albuquerque Faria, morta há alguns dias por um pivete, à saída do maracanã. Na bandeira constam os nomes de toda a diretoria e de todos os jogadores que participaram da campanha do Campeonato Nacional.

• Além das taças oferecidas pela Caixa Econômica e CBF, o time que conquistar o título também vai receber o prêmio Gaijin (filme premiado pela Crítica Internacional no Festival de Cannes), uma placa de prata oferecida pelo Grupo Nosso Cinema.

Lucro não é tão grande

Apesar de toda a euforia da torcida, na véspera do jogo decisivo da Taça de Ouro ficou constatado que o Flamengo, um dos times que mais investiu no futebol nos últimos anos, termina a competição conseguindo apenas equilibrar as suas despesas. Os números ainda não estão totalmente atualizados, mas a diretoria antecipa que não houve o lucro que era esperado do atual Campeonato Nacional.

A previsão orçamentária para o Departamento de Futebol é de Cr$ 10 milhões por mês e o clube, para não ter prejuízo, teve que arrecadar em média Cr$ 2 milhões por partida, o que os dirigentes consideram até certo ponto absurdo, já que numa decisão como amanhã o Flamengo deveria ter um superlucro.

— E o Flamengo conseguiu explicar o orçamento um pouco porque está nas finais — disse Joel Teppet, vice de finanças. Para nós, foi um bom campeonato. E para quem não chegou até o fim? Por isso, acho que 26 clubes é o número ideal, porque eliminaríamos os jogos deficitários e não haveria vantagem técnica: todos os times são homogêneos e quem perdesse nas primeiras rodadas poderia se recuperar no futuro por causa do equilíbrio. Tivemos lucro, é verdade, mas no fim só deu para equilibrar. Não contamos ainda a quantia que virá dos direitos de transmissão dos jogos pela televisão.

A diretoria ainda não decidiu se pagará prêmio ao time no caso de conquista do título. Segundo Joel Teppet, o assunto está sendo estudado, embora o vice-presidente de Futebol, Eduardo Mota, afaste em princípio a afirmativa do vice de Finanças:

— Nossa premiação é aquela acertada no início do ano, com os jogadores recebendo os 25% da quota líquida que couber ao clube. Além disso, ainda vão receber proporcionalmente quantias que ganharmos das transmissões diretas.

O Flamengo partirá em junho para 3 ou 4 jogos na Europa, um no Chile e outro em Manaus. A quota por partida deve ser de Cr$ 1 milhão 500 mil, apesar de a diretoria saber que dificilmente conseguirão a quantia sem a inclusão de Zico, Júnior, Raul, todos servindo à Seleção Brasileira.

Foto de Luiz Maurier

Zico, observado pelo Dr Cotecchia, provou estar pronto para final

Um pouco agitado no fim do treino e preocupado com o número de torcedores que começavam a cercá-lo para ouvir suas declarações, o técnico Cláudio Coutinho afastou, completamente, a hipótese de armar o Flamengo com um esquema especial de marcação sobre Toninho Cerezo ou Reinaldo, os principais jogadores do Atlético. Segundo Coutinho, a preocupação do time tem que ser com o conjunto do adversário.

Embora reconheça que sua equipe tem que adotar um sistema tático eminentemente ofensivo, pois apenas a vitória o interessa, Coutinho afirmou que o Flamengo vai usar um esquema baseado no risco calculado:

— O Flamengo vai ser um time equilibrado. Não podemos sair loucamente para o ataque porque o contra-ataque do Atlético é mortal. Contra o Palmeiras, jogamos assim e tomamos quatro gols. A torcida vai ter que mostrar paciência. Temos 90 minutos para fazer um gol e ele pode acontecer como na decisão do Campeonato Carioca de 78, aos 43 minutos do segundo tempo.

Coutinho não quis falar sobre tática, afirmando que qualquer detalhe pode ser uma orientação para o técnico adversário. Ele dirigiu treinamento coletivo rápido, substituindo a recreação, para orientar a defesa, já que Manguito há algum tempo não vem jogando. Segundo ele, não há problema de adaptação entre Marinho e o Manguito.

— Manguito está bem, não tem problema. Fiz o treino para testar os machucados — Zico e Júlio César — e também para acertar alguns detalhes de cobertura. Agora, não vou dizer quem joga pela direita ou pela esquerda na zaga.

Coutinho comentou a tranqüilidade com que os jogadores estão encarando a decisão, garantindo que não há o pensamento de vingança. Sobre a possibilidade de exercer marcação sobre Cerezo e Reinaldo, afirmou

— Cerezo, Reinaldo, Palhinha, Éder, todos são jogadores importantes no esquema do adversário, por isso teremos que nos preocupar com o Atlético como um todo e não com alguns jogadores. Não podem ser marcados individualmente, porque vigiamos uns e esquecemos outros. O Flamengo vai ser um time equilibrado, sabendo que precisa da vitória. É um risco que vamos correr, atuando ofensivamente, mas sempre nos cuidando na defesa, porque, volto a dizer, os contra-ataques do adversário são perigosos.

A incógnita que representa o esquema do Atlético também foi um assunto abordado pelo treinador do Flamengo, que sabe da possibilidade de Procópio não contar com o lateral-esquerdo Jorge Valença, embora na Gávea a maioria já soubesse que o próprio Valença tinha afirmado ao chegar ao Rio que estava em condições de jogar. Coutinho foi objetivo ao analisar o Atlético:

— Não posso imaginar como o time vai jogar. Se eles têm desfalques na defesa, devem ter bons reservas, como também acontece no Flamengo. Sai um titular e entra o reserva que consegue manter o mesmo padrão. Espero apenas que o Flamengo esteja melhor do que esteve em Belo Horizonte. Isso é o que posso dizer, não tenho nenhum elemento para analisar como o Atlético vai jogar. Vamos jogar tranqüilamente, na bola, sem violência. Na técnica, pensando apenas no futebol.

Violência não amedronta Zico

O assunto violência é inevitável. Zico afirma que em decisão de título tudo é possível e que o Flamengo não se vai intimidar, embora em sua opinião seus companheiros não devam iniciar qualquer ato de hostilidade:

— Acho que o Atlético vai jogar fechado, com tranqüilidade, esperando o Flamengo para contra-atacar velozmente. Quanto ao clima de violência que envolve o jogo, acho que tudo pode acontecer em decisão. Espero que possamos jogar na técnica, retribuir com gols, uma vitória e volta olímpica os pontapés que foram dados em Belo Horizonte. Mas se tiver que ir numa dividida, vamos rasgando.

Sobre uma eventual marcação individual sobre Cerezo e Reinaldo, a opinião de Zico é igual a dos outros jogadores:

— O Cerezo por exemplo corre o campo todo, é muito difícil de se marcar. De seus passes nascem os gols do Atlético ou sua maioria. Mas o adversário tem outros jogadores importantes. Palhinha e Chicão são mais fáceis de marcar, mas acho que não há necessidade. Temos que encarar o Atlético como uma força de conjunto e não nos preocuparmos com um ou outro jogador. Peço apenas paciência à torcida, porque quem ataca desordenadamente em busca de uma vitória sempre acaba levando goleada.

Henrique Frade, a visita de um ídolo com problemas

Como nos velhos tempos do Super-Super de 1958, que parou o Rio e todos só pensavam na decisão Vasco e Flamengo, ou mesmo na véspera da decisão de 1955, quando o Flamengo vivia as tensões do dia anterior ao que conquistaria o segundo tricampeonato da sua história — o primeiro tri do Maracanã — o centroavante Henrique Frade estava cercado por jornalistas e radialistas.

Ontem, no entanto, em circunstâncias diferentes: o atacante valente — como Roberto ou Nunes — que provocava as defesas adversárias estava visitando a Gávea, palco de seus dias de glória, procurando o médico Pinkwas Fizsman para uma conversa a respeito de um problema que o vem prejudicando há tempos. Henrique está com calcificação na virilha, andando de muletas para não forçar a coxa esquerda.

— A vontade era estar lá dentro do campo treinando para jogar, mas a idade já não deixa. Estou aqui procurando o doutor Pinkwas, que vai tratar da minha calcificação na virilha.

Logo que chegou, Henrique foi cercado pela imprensa, uma prova evidente de que no meio dos astros da atualidade sua imagem e seu prestígio continuam intocados. Atualmente, Henrique tem uma marmoraria em Vila Isabel e o futebol agora é a agradável lembrança dos anos que passou tendo seu nome gritado pela torcida do Flamengo.

— Em 1958 enfrentamos o Vasco jogando para vencer. O adversário precisava do empate para ser campeão e acabou sendo, ficamos em segundo lugar. Mas jogar pelo empate não é um bom negócio. Normalmente, quem entra pelo empate perde. Naquele tempo o futebol era mais difícil, não havia campos como o Maracanã, Mineirão, Serra Dourada e outros, que equilibram o jogo e são neutros. Os campos eram pequenos e atrapalhavam mesmo.

Henrique não está numa posição muito cômoda para o jogo de hoje. Dois vínculos afetivos bastante fortes o prendem aos times que decidem o título: além de já ter jogado no Atlético ele nasceu em Formiga, Minas Gerais, mas foi no Flamengo que viveu seus melhores momentos de ídolo de uma torcida exigente. Henrique assistiu ao jogo do Mineirão e fez uma ressalva:

— É muito difícil comparar o futebol da minha época com o atual. Tínhamos tão bons jogadores como hoje. Uma coisa é certa: atualmente ninguém dá tanta pancada como no passado. Acho uma coisa errada no Flamengo: o Nunes chegou em Belo Horizonte dizendo que o Atlético era igual ao Olaria. Tinha que dizer que o Galo é o maior time do mundo, porque foi prejudicado por suas declarações.

Ao pensar nas provocações do atacante, Henrique recordou uma passagem da sua vida no Flamengo.

— Como já disse, o futebol da minha época tinha muita pancadaria. E sempre que eu tentava alguma provocação, o Dida e Moacir, que não eram tão fortes como eu, pediam pelo amor de Deus que eu não mexesse com os zagueiros adversários.

Henrique deixou o Flamengo em 1963, transferido para o futebol uruguaio. No Atlético, jogou até 1966, quando abandonou definitivamente a profissão para se dedicar ao comércio.

Foto de Luiz Maurier

Henrique, artilheiro da década de 50, esteve na Gávea por causa de problemas de saúde

Toninho pede calma à torcida

— Apenas Pelé e Garrincha mereciam marcação especial e ainda assim era difícil ou quase impossível marcá-los. Temos que nos preocupar com o Atlético como time que tem vários jogadores capazes de decidir uma partida individualmente, não adianta ficar falando que vamos marcar Cerezo e Reinaldo ou Palhinha. Aí, deixamos livre o Chicão.

A opinião do lateral Toninho, que volta ao time do Flamengo após cumprir suspensão automática de dois jogos, pode ser considerada uma declaração oficial de todos os outros jogadores. Toninho acha que a decisão de Coutinho no sentido de não deixar qualquer jogador encarregado da marcação individual de Cerezo e Reinaldo é a mais correta possível. Em sua análise além de inutilidade da tentativa, seria impossível entrosar a equipe de uma hora para outra no sistema de marcação homem a homem:

Não vejo necessidade de marcar ninguém tipo marcação européia. Isso é um detalhe que tem de ser exaustivamente treinado e poderíamos cair no erro pior do que o de deixar Cerezo e Reinaldo jogando sem marcação. O futebol do Atlético é um time e não um ou dois jogadores.

O maior problema que vê na decisão de amanhã é o controle do próprio time do Flamengo que, ao ser incentivado por sua torcida, pode correr o risco de abandonar os cuidados na marcação dos adversários para buscar o gol desesperadamente. Toninho acha que este assunto será debatido na preleção de hoje e ele mesmo vai levantar a questão:

— Isso vai ser debatido na conversa na concentração amanhã (hoje). Temos a nosso favor a torcida e o mando de campo, além de muito tempo para marcarmos o gol que nos daria a vitória e o título. Por isso, não podemos nos esquecer da defesa e partir para o ataque loucamente. O entusiasmo da torcida só pode atuar no sentido de incentivar o time e não levando-o a um descuido. A torcida vai ter que esperar, ter paciência, porque o gol pode sair até no último minuto.

Toninho, ao contrário da maioria, não lamentou a derrota em Belo Horizonte. Em sua opinião, ela foi benéfica para o Flamengo:

— O melhor negócio que aconteceu com o Flamengo foi perder para o Atlético lá em Minas de 1 a 0. Se empatássemos, aqui poderíamos empatar e geraria uma acomodação muito natural. Quem tem duas opções num jogo, tende a se acomodar. Agora, só nos resta uma alternativa. Vencer.

Mais tranqüilo, já sem o sentimento de vingança que envolvia todos os jogadores nas horas subseqüentes ao jogo de quarta-feira, Toninho afirma que ao Flamengo o interessante é jogar tranqüilamente, sem violência:

— Assim como não podemos entrar no jogo da torcida, pressionando o Atlético desde o princípio, também não podemos entrar no do Atlético, de dar botinadas e tentar ganhar no grito. Vamos jogar na técnica. Os primeiros 15 minutos serão nervosos, passes errados e muitos estudos. No segundo tempo é que começam a aparecer os espaços, sempre alguém está mais cansado do que outro e fica mais fácil. Uma coisa no entanto é obrigatória: o Flamengo tem sempre que ter a iniciativa do ataque.

Foto de Waldemar Sabino

Indiferentes aos comentários, os jogadores do Atlético chegaram descontraídos

Técnico orienta dupla de zaga

O técnico Cláudio Coutinho, para ter certeza de que Júlio César e Zico estavam realmente recuperados das contusões que ameaçavam suas escalações, resolveu substituir a tradicional pelada de dois toques que normalmente é realizada nas vésperas dos jogos por um treino coletivo. A movimentação dos jogadores foi boa, não houve sinal de hesitação de qualquer um deles tanto ao dividir as jogadas como nos chutes ou passes que exigissem maior força.

Se o treinamento serviu para testar as condições de Zico e Júlio César, o mesmo não se pode dizer em relação ao entrosamento de Marinho com Manguito. No primeiro lance para os reservas, Anselmo aproveitou o descuido do miolo da zaga e marcou um gol. Coutinho, no entanto, não se preocupou muito com o detalhe, já que antes do coletivo teve uma longa conversa com os dois zagueiros.

Ele orientou o posicionamento de Manguito, que atuará como zagueiro central, permanecendo Marinho na quarta-zaga. Coutinho ainda vai fazer uma preleção mais demorada hoje pela manhã, mostrando ao time como deve ser a postura da equipe, usando o quadro-negro. Coutinho não usou na concentração nenhum vídeo-tape. Ele relacionou para a reserva Cantarele, Nélson, Carlos Alberto, Adílio, Reinaldo e Anselmo. A concentração começou após o treino.

Foto de Alberto Ferreira/1971

Foto de Ronaldo Theobald

Zico chegou ao Flamengo menino, corpo franzino, impróprio para o futebol. Profissional sério e dedicado, tem hoje o melhor contrato do Brasil

Zico, o justo prêmio para quem se dedica à profissão

Oldemário Touguinhó

Quem observar à primeira vista um jogador no Brasil receber Cr$ 6 milhões de luvas e Cr$ 250 mil de ordenado mensal pode pensar que isso foi conquistado apenas com a sua arte de jogar futebol. No entanto, este não é o caso de Zico que, para chegar a ser o atleta mais bem pago do Brasil, teve que se dedicar inteiramente à sua profissão, que começou no próprio Flamengo, há 14 anos, quando tinha apenas 13 anos e era um menino de pernas finas e peito encolhido.

Por ser tão franzino, chegou até a ser mandado embora e só mesmo pelo empenho do seu amigo Celso Garcia, que o levou ao Flamengo, é que foi mantido na escolinha do clube. Depois, Zico submeteu-se a tratamento médico e físico que tomava quase o dia inteiro. Finalmente esse esforço está recompensado agora: é o maior salário de todo o país, como jogador de futebol.

Melhoria constante

Zico chegou no Flamengo para jogar na Escolinha em 1967, mas o primeiro contrato como profissional só foi assinado em 1973. A partir de 31 de maio, passou a receber o salário de Cr$ 2 mil e 500 com luvas de Cr$ 36 mil. O segundo, em 74, melhorou para Cr$ 72 mil de luvas e Cr$ 6 mil mensais. Em 75: Cr$ 174 mil de luvas e os mesmos Cr$ 6 mil de ordenado. 1976: luvas de Cr$ 360 mil e ordenado de Cr$ 30 mil. 1977/1978 (dois anos): Cr$ 2 milhões e 205 mil de luvas, com salários de Cr$ 123 mil, no primeiro ano, e Cr$ 136 mil, no segundo. 1979: Cr$ 2 milhões 450 mil de luvas e Cr$ 150 mil de ordenado mensal. 1980: Cr$ 6 milhões de luvas e ordenado mensal de Cr$ 250 mil.

Para o professor Eduardo Motta, vice-presidente de futebol do Flamengo, os contratos de Zico servem para mostrar a ascensão técnica do jogador.

— A cada ano, procuramos aumentar as suas luvas. Não adianta apenas pensar em salário. Era como se a gente comprasse o passe de um craque da qualidade do Zico por apenas Cr$ 6 milhões. Onde encontrar um Zico por este preço? Se alguém chegar à Gávea com Cr$ 100 milhões, para comprar Zico, pode voltar que não nos interessa. É por isso que considero Zico um grande negócio para o Flamengo. Pagamos Cr$ 6 milhões de luvas e acaba sendo até barato demais, pois ele já é nosso e não temos que pagar a ninguém.

— O importante — continuou Motta — é que ele é o nosso ídolo e um profissional perfeito. Agora mesmo, quando estava machucado, passou dias e noites em tratamento, para poder jogar a decisão. Isso orgulha qualquer dirigente.

Na verdade, dentro do clube, Zico é respeitado como jogador, homem e profissional. Os companheiros são os primeiros a se entusiasmar com a renovação de seu contrato e não se importam se o salário é o maior de todos, pois reconhecem quanto ele é importante para o time.

E você, Zico, o que acha de fazer um contrato tão superior ao dos outros jogadores? Isso aumenta a sua responsabilidade?

— Nem um pouquinho. Desde que me dediquei ao futebol resolvi entregar-me inteiramente à profissão. Um dia, o Celso Garcia me trouxe para a Gávea. Eu ainda era uma criança. Senti que precisava ficar mais forte a fim de enfrentar os problemas de choques, num corpo a corpo. Por isso, acertei com os médicos e com o Francalaci, para ficar treinando na academia deste. Participava dos exercícios da equipe da Escolinha e, mais tarde, dos juvenis. Em seguida, partia para a academia do Francalaci, a fim de continuar os meus exercícios. Saía de lá direto para a Escola Rivadávia, no Centro da Cidade, onde estudava à noite.

— Depois, passei a treinar com os titulares mas tive alguma dificuldade, porque na minha posição jogava o Doval, que também era um dos meus ídolos, pois sempre torci pelo Flamengo. Por isso, entrei em várias posições, assim como acontece agora com o Tita. O certo é que jamais deixei de treinar diariamente, no clube e com o Francalaci. Assim, acabei ganhando a vaga de titular e até hoje me esforço, com a mesma disposição de quando era apenas uma criança da Escolinha.

As declarações de Zico são as mesmas de Francalaci:

— Não adiantava fazer nada, se Zico não tivesse a força de vontade que tem. Tentei fórmula idêntica com muitos jogadores, mas a maioria desistiu no meio do caminho. Zico não. Ele passa a semana inteira se preparando para o jogo e, quando acontece uma contusão como essa que sofreu contra o Coritiba, vai para casa e se trata o dia inteiro. Isso é que é um verdadeiro profissional. Não é preciso falar com ele mais de uma vez, pois todo programa de recuperação é seguido, como uma religião. Por isso o clube não cria problemas em renovar o seu contrato e faz bem em lhe pagar o máximo, pois Zico, como nenhum outro, sabe valorizar a profissão de atleta.

Sonho concretizado

Zico fez o teste final, ontem. Correu, chutou e não sentiu nenhuma dor na parte posterior da coxa esquerda. Por isso, confia numa grande vitória hoje à tarde.

— Acho que não existe nada mais emocionante do que a gente entrar em campo, para decidir um título vestindo a camisa do clube que a gente gosta. Lá em casa, todos são Flamengo. Quando menino, jamais pensava em ganhar dinheiro com o futebol. Só esperava vestir um dia a camisa do meu clube. Hoje, falo de coração, podia ser até o mais mal pago jogador do mundo, que não trocaria por nada essa felicidade, ou seja, o Maracanã cheio de bandeiras vermelhas e pretas e eu, lá no campo, defendendo o meu Flamengo. Não tem dinheiro que pague tudo isso — concluiu, alegre e emocionado.

São Paulo liga a TV

São Paulo — Todos os jogos da rodada de hoje pelo Campeonato Paulista começarão às 11 horas para permitir que o público assista, pela televisão, à decisão do título brasileiro entre Flamengo e Atlético Mineiro. A iniciativa da Federação Paulista de Futebol de fazer essa mudança teve como principal objetivo evitar uma queda brusca de arrecadações.

Dos nove jogos de hoje só dois serão disputados na Capital. No Pacaembu, o Corintians, que pode perder o técnico Rubens Minelli para a Seleção da Arábia Saudita, enfrenta, como favorito, o Comercial de Ribeirão Preto. O Palmeiras joga com o Guarani no Parque Antártica num jogo sem favoritos. Os outros jogos são: Portuguesa de Deportos x Botafogo, Noroeste x São Paulo, Ponte Preta x Santos, 15 de Jaú x Juventus, Ferroviária x Internacional, 15 de Piracicaba x Marília e São Bento x Francana.

Campo Neutro

ZICO renovou contrato e treinou dois-toques.

Isto quer dizer que não só vai jogar como o fará com a cabeça voltada unicamente para a partida e suas próprias possibilidades de influir no seu resultado.

Isto significa que na última metade da semana as esperanças do Flamengo robusteceram-se com a mesma ênfase com que engordou o prestígio da gasolina no tanque do torcedor.

Quanto à equipe do Flamengo em si, deve ela recobrar sua última fisionomia estrutural, com Tita, brilhante terceiro-homem de meio-de-campo pela antiga meia-esquerda, voltando à ponta direita para, à revelia conceitual da posição, cumprir as indisfarçáveis funções de quarto-homem.

Em suma, retorna o Flamengo ao sistema 4-4-2, com Toninho, Manguito, Marinho e Júnior na última linha de zagueiros, Andrade, Carpeggiani, Zico e Tita combatendo e organizando no meio-de-campo, e a dupla Nunes e Júlio César a fuçar a área do Atlético.

Este esquema, entronizado na Gávea desde a recente efetivação de Júlio César na ponta esquerda, é perfeitamente defensável, embora aparentemente torto. Isto porque, malgrado sua assimetria, coloca o Flamengo, com os homens que vão executá-lo, em condições de agredir o adversário pelas três faixas do campo.

Pela direita, por exemplo, embora a Tita repugnem as tentativas de linha de fundo, tal objetivo pode ser alcançado através de manobras conjuntas e por iniciativa pessoal de Toninho. E ambos, em lá chegando, dispõem da necessária competência no pé direito para realizar o cruzamento com o efeito, a velocidade e a direção recomendáveis.

Pela esquerda, Júnior concentrará sua esplêndida capacidade de agredir nas incursões em diagonal à área, repassando à excelência da canhota de Júlio César a obrigação de abastecer as penetrações pelo centro com bolas oriundas do fundo.

Pela faixa central, finalmente, a couraça de Nunes, a dinâmica de Tita, a lucidez de Carpeggiani, a luminosidade de Zico.

Um perfeito amálgama ofensivo.

Bem diferente do ataque nomeado para o jogo de quarta-feira: Reinaldo, Nunes e Carlos Henrique.

Não podia dar certo.

Nunca se viu uma nomeação que refletisse tamanho desprezo pela instituição do QI.

■ ■ ■

COM a efetivação de Robertinho e Zezé, ou Mário, nas pontas, e o agrado de Gilberto como terceiro-homem pelo meio, Zagalo anda agora atrás de um centroavante.

Entre os de futebol mais inteligente no país, há um cujo Código de Endereço Postal é 20 000.

Mora perto, chama-se Cláudio Adão e está a baixo preço.

O Fluminense podia tentar uma conversa com Flamengo e Botafogo, a quem o atacante está emprestado, aproveitando o fato de o Sr Charles Borer ainda não ter decidido o que fazer com ele: devolvê-lo, comprá-lo de vez ou simplesmente *gremiá-lo*.

■ ■ ■

VÍTIMA de fratura do úmero, no rigor de um lance de pelada, Aírton Brandão, assistente técnico do Vasco, já tem assegurado o pleno restabelecimento, graças a uma brilhante intervenção cirúrgica — durou seis horas — do competente traumatologista Clóvis Muñoz.

O Vasco não ficará privado da eficiência de Brandão.

A habilidade que falta a um pé na extrema esquerda do time sobra na mão canhota do administrador Brandão, que com ela, enquanto preciso for, será capaz de escrever e pôr em execução tudo que a sua capacidade profissional recomendar.

■ ■ ■

AS preocupações do Tenente Siqueira, encarregado do policiamento do Maracanã, estendem-se a um tipo de problema que tem tanto de inusitado quanto de delicado.

Mulheres estão assaltando mulheres nos banheiros femininos do estádio.

O Tenente, que só dispõe de homens para comandar, enfrenta embaraçosa alternativa:

Dependendo do policial que entre lá dentro, este poderá constranger as mulheres.

Conforme sejam as mulheres que lá estejam, o policial corre o risco de ser assaltado.

■ ■ ■

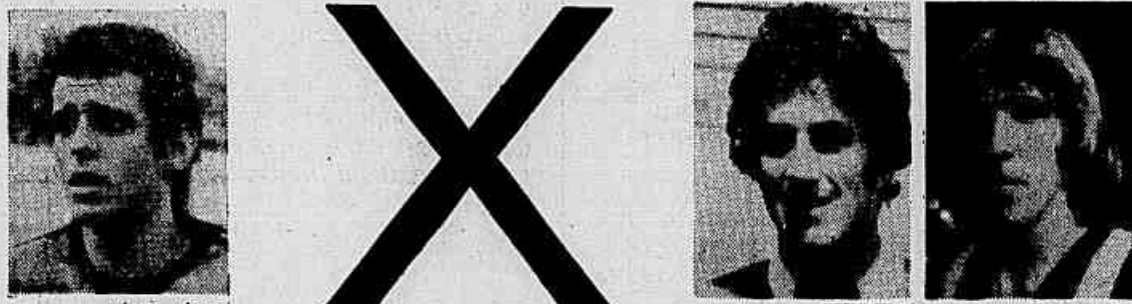
DE PRIMEIRA: O Sr Márcio Braga admite, caso o Flamengo perca o título, um rebatismo público. Ser chamado de Geni não é nada. O problema é a qualidade do material que a torcida pode jogar em cima dele.

William Prado
Redator-Substituto

Lan

Fla com Zico tenta seu primeiro título nacional

RAUL · TONINHO · MANGUITO · MARINHO · JUNIOR

ANDRADE · CARPEGGIANI · ZICO · TITA · NUNES

JÚLIO CÉSAR · X · JOÃO LEITE · ORLANDO

OSMAR · LUISINHO · JORGE VALENÇA · CHICÃO · CEREZO

PALHINHA · PEDRINHO · REINALDO · ÉDER

Local: Maracanã.
Horário: 17 horas.
Juiz: sorteio entre Carlos Rosa Martins (RS) e Jose Assis Aragão (SP)

Tricampeão do Rio de Janeiro, dono da maior torcida do Brasil e hoje contando com o reaparecimento de Zico — uma das maiores estrelas do país — o Flamengo tenta contra o Atlético Mineiro, a partir das 17 horas, no Maracanã, conquistar pela primeira vez o título brasileiro. Para isso, tem de vencer, por qualquer resultado, o Atlético, que precisa apenas do empate para ser campeão.

Além de Zico, o técnico Cláudio Coutinho escalou o lateral-direito Toninho, que já cumpriu a suspensão automática de dois jogos, e o ponta-esquerda Júlio César, recuperado de uma torção no tornozelo. No Atlético, o técnico Procópio tem dúvidas nas duas laterais. Orlando e Jorge Valença estão contundidos, mas, segundo o médico Neilor Lasmar, devem ganhar condição de jogo.

Se já havia otimismo na Gávea, ele aumentou quando o médico Célio Cotecchia examinou Zico na quinta-feira e constatou que o músculo de sua coxa reagia bem ao tratamento prescrito. No dia seguinte, Zico participou do treinamento, nada sentiu e garantiu a escalação. A euforia então tomou conta do Flamengo.

O presidente Márcio Braga, por exemplo, encomendou logo 40 mil litros de chope e organizou uma passeata — da Estátua de Belini aos Arcos da Lapa — para comemorar o título, até agora inédito para o Flamengo. Coutinho também não esconde sua confiança — "se jogar o que sabe, o Flamengo não perde para nenhum time do mundo" — enquanto os jogadores prometem uma atuação de gala para a platéia carioca.

A previsão para hoje é de uma renda superior a Cr$ 15 milhões. O esquema de segurança, dentro e fora do Maracanã, contará com mais de 1 mil 500 homens, que procurarão dar proteção especial aos torcedores vindos de Minas, em pelo menos 100 ônibus especiais, a fim de evitar qualquer choque ou conflito com a torcida do Flamengo.

O trânsito também vai ter esquema especial, antes e depois da decisão. Os portões do estádio serão abertos às 12h30m. Às 15h, haverá uma preliminar entre veteranos (Garrincha, Pampolini, Félix, Dida, Airton e Brito) e artistas (Chico Buarque, Paulinho da Viola, Jorge Ben, Jair Rodrigues, Agnaldo Timóteo e os integrantes do MPB-4, entre outros).

Trata-se de futebol

É muito dura a parada entre Flamengo e Atlético. Os dois clubes formaram excelentes times com muito bom conjunto. A repetição dos jogadores é que leva a isto. E apesar dos contratempos, estes dois clubes foram os que mais puderam repetir formações. Neste particular estamos longe do ideal. O excesso de jogos impede isto. Tanto com respeito às punições como contusões. Mas mesmo assim os dois conseguiram apresentar ótimos jogadores e vale um cotejo.

No gol, Raul e João Leite. Tanto faz. Para o meu time qualquer um serve. Na lateral direita estão o Orlando e Toninho, salvo modificações de última hora. O Orlando foi convocado para a Seleção e esta experiência talvez seja positiva. O Toninho já é dos melhores. No meio, o Flamengo tem Rondinelli e Marinho. O Atlético com Osmar e Luisinho. O Rondinelli é mais e o Luisinho também. Na esquerda é barbada para o Júnior. O Jorge Valença é bom jogador mas perde. Isto se o Júnior se recuperar da forma que apresentou em Belo Horizonte, onde não acertou um passe.

No meio a parada é duríssima. O Flamengo de Zico e o Atlético de Cerezo. Não vale disputar com estes dois. Separados, dão de dez a zero nos outros, mas é melhor considerar empate. Andrade ganha do Chicão e Palhinha ganha o outro lugar, tanto do Carpegianni como do Adílio. Lá na frente a coisa também é muito dura. Reinaldo é barbadona e ganha fácil qualquer disputa. Mas Tita pela direita ganha do Pedrinho. Tita sabe bem mais das coisas. Na esquerda outra parada duríssima. O Éder e o Júlio César. Entre estes dois, em forma, talvez o Júlio César ganhe. Assim, meio no entra-e-sai parece mais para o Éder, que está em melhor forma física.

Igual, portanto, o negócio, o que fará uma excelente perspectiva para o jogo. No apito o Aragão ou o Rosa Martins. Só vi o Aragão duas vezes. Em Curitiba e agora esta última em Belo Horizonte, como auxiliar. Foi bem nas duas, embora estivesse em posição fácil neste último jogo. O Rosa Martins também é muito bom. Mas um bom desempenho do juiz dependerá mais dos treinadores e diretores dos dois clubes, do que lá dentro. Suponhamos que os jogadores se desmandem. O único remédio é mandar para fora. E se uns três ou quatro tiverem de tomar banho mais cedo? Isto significa que entraram muito embrasados e a arbitragem fica complicada. Mas, mesmo assim, o árbitro terá de ser enérgico e mandar até os onze embora, se for o caso. Trata-se de futebol.

JOÃO SALDANHA

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro □ Domingo, 1º de junho de 1980

caderno B

LEITE

OUTRA TRAGÉDIA CARIOCA

Norma Couri

TODA a população do Município do Rio de Janeiro que comprou leite tipo C (90% do mercado) nos últimos seis anos foi enganada. O leite vendido aqui nesse período foi rigorosamente o reconstituído. Ou seja, continha 2%, e não 3%, de gordura por litro.

Quem afirma é o Dr Aroldo Quevedo, chefe da Seção de Leites e Derivados do Serviço de Inspeção de Produção Animal. Segundo ele, é impossível fiscalizar o leite reconstituído: não há padrão algum estabelecido em forma de lei. "Como punir?" — ele pergunta. E assim o carioca consumiu durante todo esse tempo, enganado, a mistura malfeita de leite em pó desnatado (um mínimo), muita água e 2% de creme, como gordura.

Se para tal mistura a lei não previu punição alguma, o regulamento aprovado por decreto de março de 1952 (e que deveria ser revisto de quatro em quatro anos mas não é; sua última revisão é de 1956, pois a de 1960 ainda está em recompilação) é claro. Estabelece, no Parágrafo 1º do Artigo 505: considera-se fraude a venda de um tipo de leite por outro superior.

O Dr Quevedo viajou semana passada para a Europa, não sem antes encaminhar a Brasília (à Divisão de Inspeção de Leite e Derivados), uma vez mais, os resultados dos estudos de seu grupo de trabalho, estabelecendo normas para o leite reconstituído, de Cr$ 12. Exige-se aumento de densidade e de extrato seco desengordurado.

De suas Normas Para Produção de Leite Pasteurizado Reconstituído, consta também a exigência de fazer registrar na rotulagem dos litros de leite, em cor marrom, o teor de gordura e o prazo de validade. Mas pelo menos no litro de leite de Cr$ 19, chamado de leite especial — "Quase ficou sendo extra, mas nós conseguimos eliminar esse engano"; afirma o Dr Quevedo — e que nada mais é do que o real leite C (deve ter 3% de gordura, o dito especial tem 3,2%), a data de fabricação vem em pálido e desmanchado azul, confundido-se com o restante dos letreiros. E se não burla claramente a lei (Portaria 005, de 24 de abril de 1980), não deixa de ser uma eficiente forma de confundir a consumidora: **válido até quarta**. Trata-se de quarta-feira da semana passada? Da semana que vem? De duas semanas atrás?

Foto de Luís Carlos David

Olmar de Paula: "O nosso leite não chega nem ao dedo do pé do leite americano ou europeu"

Para quem comprou leite reconstituído como C e compra leite C como especial, nada de mais que leve leite da quarta-feira passada como desta semana. E, pior, que compre diariamente como leite um produto que, de acordo com o Código Norte-Americano de Regulamentos Federais, seria considerado água: nos Estados Unidos, para ser leite, o produto deve vir de vacas saudáveis e conter nunca menos de 3,25% de gordura.

Está bem que o consumidor carioca só agora, depois de seis anos, tome o real leite C, ainda que como especial e pagando preço realmente extra. Mas que se engane comprando leite Longa Vida a Cr$ 35, é demais. Diz a consumidora Norma Carneiro que o médico recomenda esse tipo de leite a seus quatro filhos. Mas como custa caro, ela o mistura com o de tipo B, de Cr$ 21, "pois o especial, quando ferve, parece que levou maisena". O Dr Quevedo afirma que o leite Longa Vida é, em vitaminas, tão bom quanto o C, apenas custa o dobro:

— Em que é melhor? Em nada. Pela temperatura em que foi processado, 140 graus, teve as vitaminas destruídas. De resto, é igual ao outro.

Entre o leite reconstituído e o leite em pó, o Dr Quevedo fica com o último:

— São iguais, o leite em pó deve dar até mais gordura e sai mais barato. Em geral, o leite em pó é bom.

Quanto ao leite B, deverá desaparecer do mercado: só é consumido por 5% da população do Município do Rio de Janeiro, a Zona Sul.

— Nutritivamente — garante o Dr Quevedo — é igual ao chamado especial, de 3,2% de gordura. Sanitariamente, é melhor, pasteurizado na hora. Mas vai desaparecer.

Além do mais, tudo vai subir de preço:

— Se o leite tinha antes 2% de gordura, e agora tem 3,2%, isso significa que na fabricação do queijo e da manteiga outro tipo de gordura, que não a do leite, está sendo utilizada. Os preços vão subir, do leite e de todos os derivados.

Do recente acordo de cavalheiros entre a Sunab e as usinas, ficou o comprometimento de despejar 70% do leite de 3,2% de gordura no mercado, e apenas 30% do outro, magro (antigamente comprado como C, mas contendo apenas 2% de gordura). Esse resultado agradou a nutrólogos e ao Dr Quevedo, em especial, mas não a cavalheiros como o Sr Simões Filho, que todo dia corre à filial das Casas da Banha, da Avenida Presidente Antônio Carlos, para implorar seus litros de leite a Cr$ 12. Não adianta. Esse leite acaba cedo, porque não há dinheiro para o leite de Cr$ 19.

O Sr Simões Filho, como a maioria da população que quer defender o leite das crianças, compra o que pode. O leite de Cr$ 12. Enquanto defensores dos consumidores, como o engenheiro agrônomo José Lutzemberger, não deixam de levantar suas preocupações e suspeitas:

— Há formol no leite. Com certos tipos de leite não se consegue mais fazer iogurte.

Lutzemberger defende o leite comprado num agricultor bem próximo, o leite local, eliminando-se o transporte, que adiciona componentes químicos e exige análises posteriores:

— Prefiro correr os riscos conhecidos com o leite natural a correr os riscos dos componentes químicos, cujos efeitos não sei quais são. Transportar o leite a 500 quilômetros é colaborar com uma estrutura absurda e idiota.

O Dr Quevedo diz que isso seria o ideal, mas há de se considerar detalhes na fabricação do nosso leite. Por exemplo: o leite cru, que sai das fazendas, não tem padrão:

— Nossa produção higiênica é péssima. O leite é recolhido em latões, transportados em charretes e colocados em abrigos rústicos, de onde passam para um caminhão no qual devem chegar à usina o mais tardar às 11h do mesmo dia. É preciso que o leite seja filtrado, resfriado, analisado no posto e só então transportado em caminhões para a usina central, no máximo em 24 horas.

— Há atrasos?

— Há. Em certos lugares, atrasos de 30 horas, mas a resistência é grande e há análises. Desde que esteja bom para o consumo, aproveita-se.

— E o formol?

— Quando é encontrado, não sobra leite nem para a gordura. Bicarbonato talvez seja a fraude mais comum. Há cloro e água oxigenada, também. Mas é fácil descobrir. Dependendo do componente encontrado, a gordura vai para a indústria de sabão. Às vezes nem pode ser aproveitada. Mas há suspeitas. No interior, todo mundo sabe quem são os fraudadores.

— E não seria melhor que, em vez de se gastar tanto dinheiro com análises e componentes de conservação, se investisse mais nas vacas, nas fazendas, nas condições de ordenha?

— Seria. Condições sanitárias para as vacas. Mas isso a nossa inspeção não pode controlar.

— Há dúvidas quanto à contaminação dos latões de transporte e do chumbo dos canos por onde passa o leite?

— Não digo que sim nem que não. Mas tudo é controlado.

Quanto aos cuidados com leite, de acordo com a portaria de 24 de abril deste ano, há tolerância. A prova de redutase, por exemplo (com azul de metileno, as bactérias se reproduzindo ficam azuis e, dependendo do tempo que levam para ficar brancas outra vez, sabe-se se o leite é melhor ou pior; quanto mais rápido pior), que pela lei não deveria ter duração inferior a duas horas e meia, passou, nas diposições transitórias referente ao leite de 3,2% de gordura, ao tempo mínimo de uma hora e meia.

— E vai-se beber o quê, se não se tolerar tanto? — pergunta o Dr Quevedo.

O professor de Bacteriologia do Instituto Biomédico do Departamento de Microbiologia da Universidade Federal Fluminense, Olmar de Paula, concorda sem concordar. Diz que o leite talvez seja o produto mais estudado. E conclui:

— A matéria-prima já não faz jus aos estudos.

Concorda também em que o Longa Vida, embora tenha aspecto bom, perde todas as vitaminas com a industrialização:

— O leite A não existe mais. Pasteurizado na própria granja, embalado e vendido 12 horas após a ordenha, a preços altíssimos, é coisa do passado. É integral. O que a vaca deu de gordura é o que se vende, o leite ideal.

Afirma também que o leite determina os padrões de desenvolvimento de um país. Por exemplo, o ideal é um litro ou mais de leite por dia. O brasileiro consome uma colher de sopa.

— De qual?

— Do que está à venda.

Ou seja, o de 2% de gordura, no caso carioca nos últimos seis anos.

— O nosso leite não chega nem ao dedo do pé do leite americano ou europeu. Aqui, o número de germes permitido no leite tipo C chega a 150 mil. Na Suíça, apenas 40 mil. Tudo em função das condições econômicas e sanitárias do país. Ou das regiões: será que o leite do Nordeste pode ter a mesma qualidade do leite do Sul do país?

Quanto aos componentes encontrados, ele diz:

— Antigamente encontravam-se formol, água e até urina, que não diminui a densidade, como a água. Hoje em dia é mais difícil, mas há 20 anos cheguei a fazer um museu de elementos estranhos encontrados no leite: barrigudinhos, baratas, lagartixas, besouros. Uma das causas é a folha de bananeira com que se envolvia a tampa de rosca dos latões, no transporte por jegue, para não permitir vazamento. Uma fonte de contaminação.

Quem andar pelo interior de Minas Gerais ainda hoje encontrará a mesma folha de bananeira envolvendo os latões nos jegues, mas ainda assim o professor Olmar de Paula diz ter diminuído muito a contaminação:

— Existem casos extremos. Uma vez encontrei 88 milhões de bactérias por grama de leite cru. Mas um bom pasteurizador elimina 95% da carga bacteriana do leite.

— Quais são os malefícios causados pelas bactérias ainda restantes no leite?

— Nenhum. Antes da pasteurização, introduzida no final do século XIX, na Alemanha, havia inúmeros casos de tuberculose, brucelose, febre tifóide, escarlatina, causados pelo consumo de leite cru. Mas esses casos foram a zero.

— E o número de germes permitidos por milímetro no leite C, por exemplo, que era de 300 mil e passou a 150 mil?

— Deus queira que chegue a 100 mil. Mas são microorganismos banais. Você os tem nas mãos. A pasteurização elimina as formas patogênicas. Sobram as banais, que não produzem doença.

O que não deve de forma estar presente no leite são os coliformes:

— Contaminação fecal, um grupo de bactérias do trato intestinal, em contato com o leite. Podem estar nas mãos dos transportadores ou nos próprios canos por onde passa o leite. Manda-se que se higienizem os tanques, os canos, diariamente. A contagem do teor de coliformes é feita inclusive porque um em cada 100 mil coliformes é portador de febre tifóide. Se há um grande número de coliformes no leite, quem vai garantir que não haja perigo de contaminação de febre tifóide?

Foto de Campanella Netto

Válido até quinta. De que semana? Da passada?

A FRAUDE EXPOSTA

O Professor Olmar de Paula recomenda a fervura do leite três vezes, mas o Dr Quevedo é contra: "É desnecessário, e depois a fervura elimina as vitaminas."

Ferver ou não ferver não é o único problema da consumidora brasileira. Os rótulos, invariavelmente disfarçados, chegam próximos do embuste: as informações sobre o leite vêm em letras mínimas, as datas confundindo-se ou escondidas pelas dobras das caixas e sempre que possível fantasiadas de número de registro. Pois, no Brasil, 060680 é nada menos do que 6 de junho de 1980, data de fabricação.

Caixas de leite são encontradas, em todos os supermercados, vazando, estufadas e expostas assim mesmo ao consumo.

As consumidoras, quando podem, compram o tipo especial ou o B, sem saber a diferença entre eles. Para elas, é de cor ou de Cr$ 2. O de Cr$ 12 fica para as filas que se formam às sete da manhã, pois em todos os postos de venda do Rio esse tipo de leite se esgota às 10hs.

É o leite de 2% de gordura, muitas vezes a única alimentação de uma família sem recursos para os queijos, os ovos ou outra fonte de compensação alimentar.

É esse, na verdade, o leite do brasileiro. O mais barato. E sendo essa gordura a fonte de vitamina A, cálcio, retinol, alimento dos mais completos para os nutrólogos, não espanta ser a nossa população desnutrida, raquítica, doente.

— Leite é alimento de alto valor biológico — diz o nutrólogo Guilherme Franco. "Alimento de todas idades. Mas no Brasil, Euclydes da Cunha já dizia que o sertanejo, comedor de carne-seca, fubá e arroz, não enxergava. Pois a carência de vitamina A causa cegueira e as crianças são desatentas em aula, não copiam as lições, por não enxergar direito. Não podem comer queijo, um concentrado do leite. Que o Governo devia subsidiar o leite, não resta dúvida. É a classe pobre quem mais precisa dele. E faz filas pelo seu litro de Cr$ 12. Para complementar o leite de 2% de gordura seriam necessários queijos, iogurtes, verduras, frutas."

A alimentação básica do brasileiro é arroz, feijão, fubá, farinha de mesa, quando não são encontrados outros elementos mais estranhos.

— Quem vai comprar cenoura a Cr$ 70 o quilo? — pergunta o Dr Guilherme Franco.

O ideal, para Guilherme Franco, seria o consumo de três copos de leite por dia.

— A realidade é uma colher de sopa por dia. O resultado: 70% da população com cárie dentária, além de outros problemas mais graves. Mas como se vai sanar isso? Falar que o leite A tem todas as condições nutricionais e higiências quando o brasileiro luta por Cr$ 1?

O QUE SE VENDE NO RIO

TIPO B — integral, condições sanitárias superiores às dos demais, exigência quanto ao tempo de distribuição após a chegada à usina. Segundo especialistas é o melhor existente no mercado, pois o leite tipo A não é encontrado. Custa Cr$ 21.

Tipo C — teor de gordura: 3% no mínimo. Não existe no mercado carioca há pelo menos seis anos.

Tipo Especial — É o leite C, tem 3,2% de gordura. Custa Cr$ 19.

Leite reconstituído — largamente vendido no lugar do leite C, nos últimos seis anos, mas, na verdade, não contendo mais de 2% de gordura — é o leite magro — além da mistura de muita água e algum leite em pó. Como não há regulamento, não há, igualmente, condições de punição. Custa Cr$ 12.

Leite em pó — segundo especialistas é melhor do que o reconstituído.

E acaba custando mais barato, pois o reconstituído nada mais é do que leite em pó e água. Custa de Cr$ 69,50 a Cr$ 324,40.

Leite Longa Vida, magro ou comum — é leite esterilizado, o que faz com que perca as vitaminas e o cálcio. Afora o preço, dizem os entendidos, não ganharia em nada do leite tipo C, se ele existisse.

Custa Cr$ 35 ou Cr$ 36.

Leite desnatado — destinado às fábricas de sorvetes, de doces ou congêneres. É isento de gordura.

UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO

SÃO PAULO — Um copo de leite antes da aula e, na merenda, pão com mistura de proteína de soja e de milho. Essa foi a receita usada pelo ex-Secretário Municipal da Educação de São Paulo, professor Hilário Torloni, para baixar a média de repetência na primeira série do primeiro grau, de 47% em 1976, em sua rede de 278 escolas, para 36% em 1978.

O professor Torloni contou ontem que, "quando assumi a Secretaria Municipal de Educação, minha primeira preocupação foi com o crescimento anormal da curva de repetência, que atingiu, em 1976, o pique de 47% na primeira série primária. A Secretaria promoveu então uma pesquisa que verificou uma grande deficiência protéico-calórica nos alunos e um grande contingente de anêmicos".

Os resultados da pesquisa, feita em 30 escolas da rede municipal, foram satisfatórios. Os técnicos em nutrição acrescentaram proteína à merenda escolar, aumentando a média, de 15 gramas/dia por merenda, para 28 gramas nas escolas regulares, com carga de quatro horas por dia de aula, e para 50 gramas/dia nas escolas em que também era servido almoço. "A pesquisa foi feita na escola de primeiro grau, e na pré-escola, porque queríamos ter uma medida de sua eficiência na questão da repetência e isso só seria possível havendo exames de avaliação de fim de ano, o que não acontece na pré-escola" — disse ontem o professor Hilário Torloni.

Segundo o ex-Secretário municipal da Educação, "os primeiros sintomas de melhoria foram sentidos na atenção e na capacidade de assimilação de alunos antes apáticos, dispersivos ou mesmo até agressivos. Essa atitude mais adequada, contudo, só era sentida nas duas últimas horas de aula, justamente depois que era servida a merenda. Por isso, resolvemos distribuir a chamada "merenda inicial": um copo de leite antes das aulas".

O sucesso da pesquisa foi tão grande que logo a Secretaria Municipal de Educação resolveu estendê-la a toda a rede. Em 1978, muitas escolas atingiram baixos índices de repetência na primeira série, em torno de 15% e algumas chegaram até a 8%, obtendo-se a média de 36%, porque havia escolas em que tal índice atingira 75% em 1976. O professor Hilário Torloni ainda não tomou conhecimento das tabulações, por computador, da pesquisa paralela efetuada sobre o problema da anemia.

A PRODUÇÃO EM DECLÍNIO

SÃO PAULO — Os produtores de leite das principais bacias leiteiras do país — Vale do Paraíba e Sul de Minas Gerais — também são responsáveis pela queda na produção dessa matéria-prima, pois não se preocuparam em melhorar as pastagens ou em obter maior produtividade do rebanho nos últimos anos. Em 1980, o Brasil deverá deixar de produzir cerca de 500 milhões de litros de leite, em relação a 1979, quando a produção foi de 9 bilhões 803 milhões 283 mil litros.

E, 1978, o Brasil havia produzido 10 bilhões 474 milhões 272 mil litros de leite, mas esse foi considerado um ano atípico, devido às boas condições climáticas durante o ano inteiro nas regiões das bacias. Em 1979 foram produzidos 670 milhões 589 mil litros a menos do que em 1978, e hoje já se considera certo que o país importará leite em pó desidratado para suprir a demanda, que é maior do que a produção.

Quem visitar as bacias leiteiras notará que houve pouca evolução em termos de técnica de pastagem e de melhoria de produtividade. Essa preocupação sempre inexistiu para a grande maioria dos produtores. Os centros urbanos se ressentem hoje da falta de leite, porque há a preferência, apesar de não declarada, de entregar a matéria-prima às indústrias de laticínios, que oferecem melhores condições de pagamento aos pecuaristas. Outro fator que tem influído para a diminuição da produção leiteira é a falta de financiamento para a retenção da cria e da matriz, em conseqüência do que muitos pecuaristas as estão vendendo para criadores de gado de corte. As vacas leiteiras amamentam seus bezerros, que dessa forma têm uma engorda mais rápida. Alguns pecuaristas de leite também vendem suas matrizes diretamente para o abate, levando em conta que alcançam Cr$ 1 mil por arroba, base considerada compensadora. Uma vaca, em média, tem 16 arrobas, o que equivale a Cr$ 16 mil líquidos.

O melhor gado das bacias leiteiras do Brasil é o da raça holandesa, com vacas produzindo uma média de 3 mil litros por mês, vindo a seguir o crioulo, resultado de cruzamentos, com 1 mil 500 litros/mês. E em terceiro lugar o zebu, com uma produção mensal de 800 litros, em média. A produtividade, de acordo com especialistas, poderia ser elevada em até 30% numa primeira etapa, com cuidados especiais, como pastagem melhorada, ração e apuração da raça.

O produtor sempre alega que os preços do leite não são compensadores. O fato é que as bacias leiteiras não se alteram, sempre nas mesmas regiões, com os mesmos criadores. São pecuaristas resignados com uma produção baixa, sem a tecnificação que poderia elevar a produtividade e tornar o negócio lucrativo. Essa falta de rentabilidade restringe a produção, reduz o lucro, mantendo o despreparo do produtor, que só reage dizendo que "não há estímulo". É o círculo vicioso da produção leiteira.

A falta de estímulo, uma realidade, não é a única responsável pela atual situação. As indústrias de laticínios consideram que há possibilidade de implantação de outras bacias nas regiões de Goiás e Mato Grosso do Sul. Uma dessas indústrias, a Nestlé, tem estudos a esse respeito, e hoje ela informa que está com uma capacidade ociosa de 50%, o que eleva seus custos, como assegurou o seu presidente, Sr Alexandre Mahler.

A entressafra, com início no próximo mês de junho, vai complicar o abastecimento de leite dos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Na Grande São Paulo, por exemplo, o fornecimento de leite está reduzido em 40%, dificultando o atendimento da população. É a crise sazonal do abastecimento de leite.

SERVIÇO

SEXTA-FEIRA

CADERNO B

JORNAL DO BRASIL

A CENSURA EM DEBATE

COMO COMPREENDER QUE NEM TODOS FALEM?

Deborah Dumar

O diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas, Sr José Vieira Madeira, manteve-se calado durante as quase quatro horas de debates que marcaram, quarta-feira, a abertura, no Rio, do Seminário Nacional Sobre Censura de Diversões Públicas, na Sala Funarte. Mais tarde diria que era "um mero espectador" e que, como funcionário público, não deveria opinar.

Outros — mas por outros motivos — também não opinaram. Ou foram mais longe: recusaram-se a participar do seminário e até o repudiaram. O jornalista Pompeu de Sousa, representante da Associação Brasileira de Imprensa, condenou essa atitude:

— O Governo não nos dará liberdade, nós é que teremos de conquistá-la. O Poder jamais abdicou do poder. É demissionária, alienante e alienada a recusa em participar dos debates e do próprio Conselho de Censura. Não adianta virar as costas. É preciso ter a coragem de se comprometer, de lutar fora e dentro das instituições para alcançar a liberdade. Não concordo com a censura. Concordo em participar de um debate sobre ela porque é para destruí-la que estou no Conselho.

O Seminário foi aberto com 20 minutos de atraso e debateu em seu primeiro dia o tema O Poder da Censura e Seus Titulares. Participaram da discussão cerca de 50 pessoas, entre atores, autores, compositores, cineastas, professores e outros intelectuais. O primeiro a falar foi o professor Syleno Ribeiro de Paiva, secretário-geral do Ministério da Justiça, que promove o acontecimento. Disse:

— A mão está estendida e o ouvido está aberto para escutar os artistas brasileiros. Não trazemos uma palavra acabada. Como compreender que nem todos falem? Pluralismo social é o que desejamos. São plurais as manifestações. Estamos aqui para buscar a compreensão dos opostos, soluções que não desonrem ninguém. Se apelo eu fizer, será no sentido de que, se for possível e desde logo, o seminário olhe para o futuro. Façamos algo pelo amanhã.

Orlando Miranda, diretor do Serviço Nacional de Teatro e presidindo a mesa, deu a palavra ao diretor teatral Aderbal Júnior, depois de anunciar a ausência de alguns expositores convidados (nomeou entre estes o cineasta Nélson Pereira dos Santos, que mais tarde chegaria trazendo uma nota de repúdio do Sindicato dos Artistas ao seminário, e Guilherme Figueiredo, "que por força de trabalho, mandou um representante").

Aderbal Júnior, "traduzindo o pensamento geral", se pronunciou de saída contra a existência pura e simples da censura. Disse ser improcedente a alegação de que o Estado exerce a censura em nome da sociedade. E logo foi interrompido por uma representante do Teatro Oficina, que leu uma moção de protesto contra a realização do seminário já distribuída, anteriormente, à platéia. Trecho da moção:

— O Teatro Oficina 5º Tempo vem manifestar sua honra e sua alegoria por ter sido distinguido com um não convite para este seminário nacional sobre a censura, e aproveita para declarar seu repúdio a toda e qualquer forma inferior ou superior de censura.

Mais adiante o texto falava do pedido de liberação da peça **O HOmem e o Cavalo**, de Oswald de Andrade, "a avó das peças proibidas" (desde 1934) e dos espetáculos criados pela Embrafilme para impedir a exibição do filme **O Rei da Vela**, baseado em obra do mesmo autor. Depois de dirigir-se à platéia durante cerca de 10 minutos, sem subir ao palco, um dos representantes do Teatro Oficina convocou "os interessados na extinção da censura" a abandonar o local. Foi seguido por um seu colega de grupo teatral.

Retomando a palavra, Aderbal Júnior reafirmou ser contra a Censura, mas a favor do debate sobre ela, por ter ele mesmo proposto tal discussão, numa época em que era impossível realizá-la.

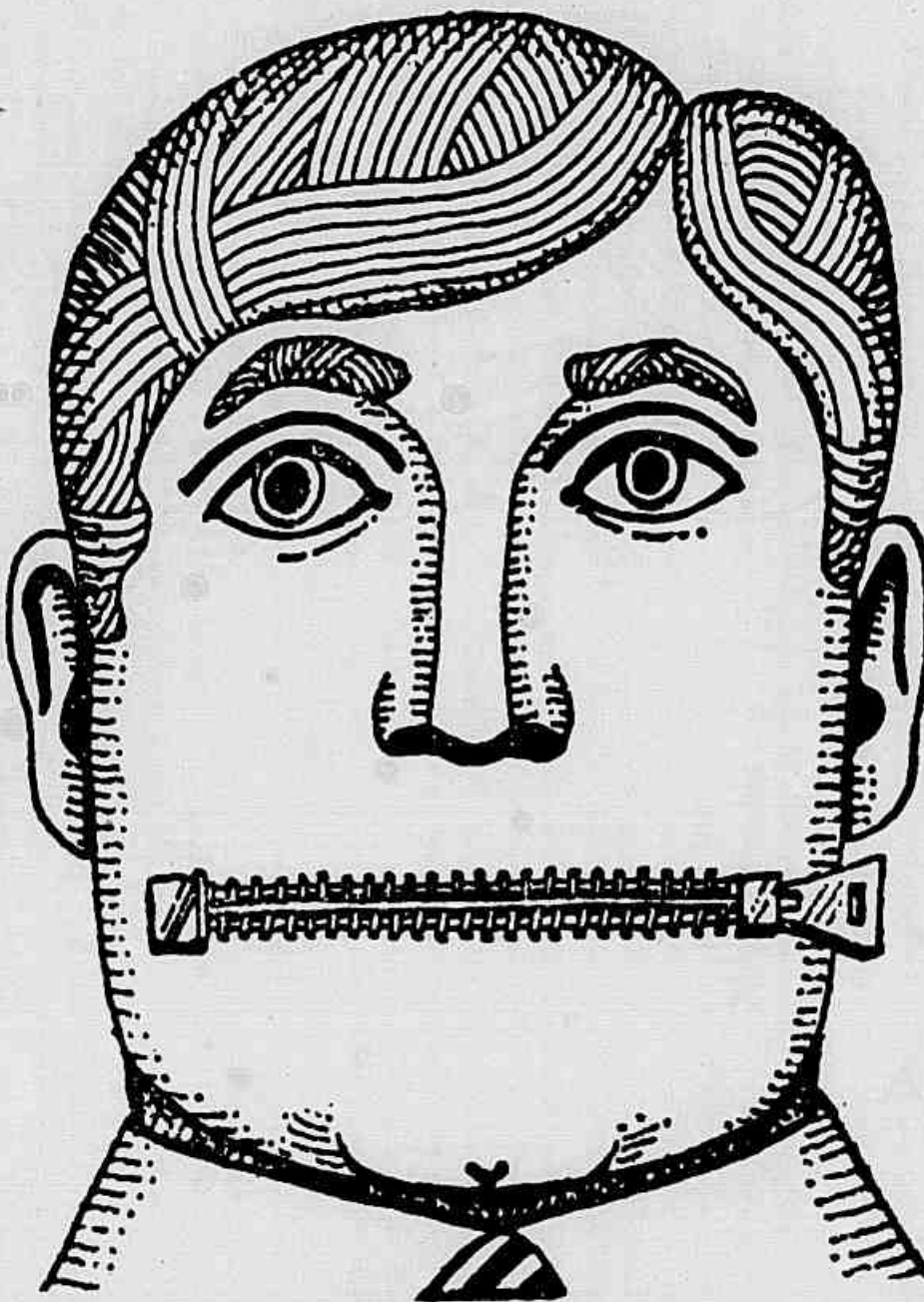
A atriz Norma Benguel foi a debatedora seguinte. Falou já sem a presença do professor Syleno, que se retirara desculpando-se por ter de tomar um avião para Brasília. Norma pediu anistia para diversos filmes, como **Maria Bonita**, acusou os distribuidores cinematográficos de reduzi-los por questões comerciais e criticou a crítica, "uma das formas de Censura". Afirmou:

— Existe censura cultural e existe censura a nível pessoal. Como diz o Caetano (Caetano Veloso, provavelmente), só virando pelo avesso. É revolução cultural mesmo. Liberdade é conquista, e começa pela liberdade individual e pela auto-estima. O inimigo principal, no Brasil, é o imperialismo americano.

Antes, havia dito não ser contra nada, porque se sente censurada desde que nasceu, por ser mulher.

Uma pergunta feita pelo cenógrafo Marcos Flaskman foi repetida durante todo o debate: antes de se falar sobre os titulares da Censura, quem são eles? Flaskman falou também sobre a censura econômica.

Bráulio Pedroso, autor teatral e de textos para a televisão, abordou o Código de Menores, já aprovado e em vigor:

— Em relação à televisão, todos os homens brasileiros têm a idade mental de 14 anos. Os criadores não são crianças, não são imbecis. O Código de Menores é uma coisa que já está sobre nossas cabeças e deveria ser eliminada, para que ganhássemos atestado de adultos e pudéssemos discutir.

Luiza Barreto Leite, professora de teatro, disse que a pior de todas as censuras é a econômica. Lembrou que "o Serviço Nacional de Teatro está em coma e a Fundação de Artes Cênicas em compasso de espera". Ilustrando sua intervenção, citou a peça **O Transplante**, de **César Vieira**, escrita e proibida em 1969. Levada novamente à censura, com o título de **O Rei Morreu, Viva o Rei**, em 1976, foi novamente vetada, alegando-se que um de seus personagens seria Wladimir Herzog, o jornalista morto numa dependência do Exército, em São Paulo. "Ora, César Vieira escrevera a peça anos antes da morte de Herzog". A professora de Arte Dramática condenou a idéia de se passar a censura para área do Ministério da Educação. "Contra a censura policial, nós sabemos, pelo menos, nos precaver".

Orlando Miranda recebeu então a nota do Sindicato dos Artistas e Técnicos, traduzida por Nelson Pereira dos Santos. Foi aplaudido ao lê-la, principalmente nesta passagem: "Temos a certeza de que, em tal debate, o conjunto da nação brasileira optara por não delegar a ninguém o direito de decidir os temas e as formas dos nossos pensamentos".

Em seguida, o autor, diretor teatral e crítico Clóvis Levi lembrou que a Censura "faz parte de um contexto político, assumida pelo Governo que negava a tortura". O representante de Guilherme Figueiredo trouxe a opinião do escritor e teatrólogo: contra a censura de texto e a favor da classificação dos espetáculos por faixas etárias. João Rui Medeiros, diretor do Departamento de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, se manifestou contra a arbitrariedade do censores de ensaio geral, que se apresentam munidos de carteirinhas da Polícia Federal. Insistiu na necessidade de se saber quem são realmente os titulares da Censura, que poder têm, qual o grau hierárquico do aparelho censório. Requereu a divulgação de tudo isso.

Otaciano Nogueira, presidente do Conselho Superior de Censura, pronunciou-se contra a existência da Censura, reconhecendo no entanto que ela, "lamentavelmente", existe. E em seguida passou a historiar o seu aparecimento, irritando a platéia, que exigia mais objetividade. Irritado ele também, afirmou:

— É preciso fazer alguma coisa para mudar. A primeira é o debate, e se quisermos resolver todos os problemas do país, não debateremos nada. Temos de ser humildes para debater o que está a nosso alcance e não ir além dos nossos tamancos. A Censura é constitucional. Então, para extingui-la, teremos primeiro de mudá-la. A minha sugestão é resolver a questão paliativamente.

Antes do encerramento dos debates, Orlando Miranda pediu um minuto de silêncio em memória de Paschoal Carlos Magno.

INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIA

Noticiário sob a responsabilidade de Léo Christiano Editorial

Guia Internacional das Artes

Durante o mês de junho a Caixa Postal 25026/20670 de Léo Christiano Editorial receberá cartas de artistas de todo o Brasil atualizando informações de seus currículos com telefones e endereços dos ateliês: sai nova edição do Guia Internacional das Artes no próximo semestre. Aos artistas que enviaram as taxas de Cr$ 350,00 (1978) e Cr$ 850,00 (1979) não se cobrará mais nada. Os que não pagaram até agora, se cobrará Cr$ 1.200,00. O GUIA vem com nova diagramação, chamadas em inglês e português e circulará nos principais centros culturais do mundo, por convênio com a UNESCO.

Para anunciar aqui ligue 288 5414 — correspondência para Caixa Postal 25 026/20 670 — Rio

GUIA SEMANAL/COMPRA, VENDA & SERVIÇOS

Sami Mattar e Portinari

Sami Mattar vai reunir a inteligência da colônia libanesa com o objetivo de levantar um conjunto de temas em cima dos quais pretende trabalhar. O exemplo vem de Portinari que, para realizar a série de painéis que documentou os ciclos de cultura no Brasil, por encomenda de Capanema para o MEC, teve suas pesquisas orientadas por mestre Affonso Arinos.

Junho 1 — 1980 — Edição 268 — Ano VI

Conselho Federal de Cultura se Reúne Amanhã sem Paschoal

★ **Adonias Filho** chega amanhã da Bahia para presidir reunião do Conselho Federal de Cultura, onde a ausência de **Paschoal Carlos Magno** deverá ocupar a maioria dos pronunciamentos. Mesmo ausente, a presença de **Paschoal** é tão forte e viva que se vai falar dele para todo o sempre.

★ Amanhã, vernissage, a partir das 17h, na Sala Cecília Meireles. **Rita Caurio** abre a 1ª Mostra de Mini Têxteis Brasileiros, com 12 artistas tapeceiros de 6 Estados.

Adonias Filho

★ Colecionadores do Brasil inteiro com atenção voltada para o leilão que **Renato Magalhães Gouvêa** promove em S. Paulo, a partir do dia 12 de junho, no Clube Monte Líbano. Durante 3 noites serão vendidas as peças mais importantes da coleção **Plácido Gutierrez** e exemplares magníficos do mobiliário brasileiro da coleção **Oswaldo Rizzo**. Telas de **George Grimm**, **Castagneto** e 2 dos mais raros quadros de **Papf**, além de **Portinari**, **Guignard**, **Di Cavalcanti** (s) antigos e uma bela coleção de pintura estrangeira antiga.

★ Depois de **Paulo Klabin** mostrar que ele é ótimo, a Bahia vem buscar aqui a exposição de **João Grijó**.

★ **Martinho de Haro** marcou na Galeria Trevo (274-8345) para 25 de junho a primeira da série de exposições em que comemora "50 Anos de Pintura". Os 16 quadros que já chegaram de Santa Catarina mostram paisagens, naturezas mortas e cenas de carnaval. **Martinho de Haro** integrava a exposição de arte moderna organizada por **Lúcio Costa** no início dos anos 30, ainda como estudante. Ajudou Visconti na decoração do Teatro Municipal e fez parte do famoso Núcleo Bernardelli.

★ Vem aí a exposição de **Juarez Machado** na Mini Gallery. Pela primeira vez ele vai expor quadros a óleo. Na apresentação, o requinte e o virtuosismo de **Jayme Maurício**.

★ "Da Cor à Cor Inexistente", clássico de **Israel Pedrosa**, edição Léo Christiano Editorial, dentro de 40 dias. Todos os pedidos de livrarias do Brasil e alguns do exterior serão atendidos. Sairá a 2ª edição.

★ A Sul América prorrogou por mais 30 dias o seguro das peças do Museu Costa Pinto (Bahia) que compõem a exposição "O Século XIX Através das Artes Decorativas", ora montada no Museu do I Reinado, famosa casa da Marquesa de Santos aberta ao público de terça a domingo entre 13 e 17h.

★ **Wilma de Paoli** vendeu em Hannover todos os quadros dos artistas de Niterói: **Flores da Cunha**, **Gavazzoni** e **Jayme Cavalcante**.

★ **Paulo Simões** vai inaugurar mostra de desenhos na Fundação Cultural de Curitiba, dia 4, com apresentação de **Antônio Bento**.

★ A data nacional da Tchecoslováquia comemorada em Brasília com uma exposição de arte na Galeria Opus.

★ A exposição de pinturas de **Jorge Guinle** (filho de **Jorge** e **Dolores Guinle**), na Galeria de **Anna Maria Niemeyer**, vem precedida de duas apresentações, textos assinados por **Jayme Maurício** e **Ivo Pitanguy**.

★ **Gilka Serzedelo Machado** aniversaria hoje. O próximo leilão da Galeria Ipanema será na própria Galeria Ipanema, em setembro.

★ **Edino e Christina Ramos de Oliveira** voltam de curta lua-de-mel. **Edino** é o responsável pelos serviços gráficos de Léo Christiano Editorial.

★ **Manuel Barbato** é o pintor profissionalmente mais bem equipado na especialidade de retratos. Mandou fazer um livro com a reprodução das celebridades que retratou e com isto vai atraindo novos retratados. Expõe esta semana na Galeria Matisse, na Tijuca.

Rapoport

★ A próxima exposição de **Alexandre Rapoport** na Galeria Trevo corre o risco de abrir completamente vendida. Pela primeira vez uma Galeria esconde quadros de compradores para não frustrar convidados da exposição.

★ **Sami Mattar e Sílvia** comemoram aniversário de casamento com 11 netinhos. E que Paola, a pastora belga com que **Sami** homenageou **Picasso**, teve 11 filhotes, que vão crescer em Teresópolis.

★ Chegaram para alguns colecionadores os convites da exposição de **Sergio Telles** na Galeria Wildenstein de Tóquio, 6 de junho. Breve daremos notícias dos resultados.

Oscar Niemeyer

★ **Oscar Niemeyer** ficará por mais 2 meses em Paris. Foi tomar posse como Conselheiro do Comitê Artístico da UNESCO.

★ A exposição de **Géza Heller**, literalmente vendida. Ainda ficou uma lista de encomendas na Galeria Lebreton.

★ **Ernani** vai fazer leilão em junho. Os telefones do Palácio dos Leilões (286-3246 e 266-6259) voltam a funcionar.

★ A exposição de **Marlene Maria Godoy Barreiros** vai até dia 8 de junho na Fundação Cultural do Distrito Federal.

★ **Leone** visita a média de 8 casas por dia, avaliando pessoalmente as coleções que separa para leilão (287-4758). Seu 7º leilão será em julho.

★ O **Laerpe Motta** da capa do catálogo do leilão da Galeria Monet foi vendido por Cr$ 72.000,00.

★ Quando terminar a atual remessa dos exemplares do livro "PANCETTI o Pintor Marinheiro", agora à venda na Galeria Acervo por Cr$ 10.000,00 (com 20% de desconto) terá mesmo que pagar os 10 mil.

★ **Georgina Uchôa** será grande notícia na imprensa capichaba, esta semana. Sua exposição em Vitória é apresentada por **Sérgio Bernardes**.

★ Hoje os Salões do Hotel Nacional em Brasília centralizam a atenção de colecionadores: é a exposição do leilão organizado por **Luiz Caetano Queiroz** que começa amanhã e vai até quarta-feira.

SERVIÇOS

★ De viagem marcada para um mês de Europa os pintores **Willy Gutbrod**, **Oscar e Ney Tecidio**. No roteiro, longa temporada em Florença, onde conhecerão o **atelier de Ernesto Frederico Sheffel**, um brasileiro que lá vive e trabalha há mais de 10 anos.

★ Conselho nordestino aos marchands desta praça: "Quem fala demais dá bom dia a cavalo".

Oferta carioca

• O jornal **Clarín**, de Buenos Aires, que circulou no dia 15, traz um anúncio imobiliário que fará muito brasileiro pensar duas vezes antes de comprar um apartamento.
• Aos investidores portenhos estão sendo oferecidos apartamentos no Rio, com vista para o mar, a 450 dólares o metro quadrado.
• O preço não é, apesar de tudo, o mais atraente do anúncio. A compra de cada apartamento dará de brinde a seu proprietário um automóvel zero quilômetro, um projeto gratuito de decoração, todos os impostos pagos durante um ano, contas de condomínio, luz, gás e telefone pagas também durante um ano, mais empregada doméstica gratuita pelo mesmo período.

* * *

• Quem ainda achar pouco, ganhará do corretor Carlos Cortella, passagens de ida e volta para as primeiras férias no Rio.

■ ■ ■

Reciprocidade

• É estranho que a invasão de motocicletas que os grandes centros urbanos do país vêm registrando ultimamente, em lugar de alegrar, ainda irrite alguns motoristas.
• Feitas as contas, cada motocicleta emplacada na cidade traz vantagens para todos, seja pelo menor consumo de combustível acarretado, ou simplesmente pelo espaço ocupado nos estacionamentos e nas próprias ruas.
• É preciso que os **motoqueiros** tenham sempre em mente, entretanto, que, por serem mais frágeis, devem-se proteger mais. Para serem respeitados pelos automóveis, é necessário, antes de tudo, que eles também os respeitem.

■ ■ ■

Enfim, à mesa

• *O almoço da Confraria dos Gastrônomos, dia 14 de junho, do qual será* host *o General Médici, deverá ser, dos últimos encontros da entidade, o que mais membros da Ordem do Tatu reunirá em torno de uma mesa.*
• *A curiosidade em torno do acontecimento, pode-se dizer, é imensa.*

Decisão

• As seis vagas existentes do Tribunal de Justiça do Estado deverão ser preenchidas por pessoas estranhas à magistratura, escolhidas brevemente pelo Governador Chagas Freitas.
• As vagas, abertas há algum tempo, mas à espera de uma decisão do Tribunal de Justiça, não mais admitirão postulantes vindos do Tribunal de Alçada oriundos das classes de advogados e membros do Ministério Público.

Lentamente

• *Já foram processados pela Secretaria da Receita Federal dez lotes de declarações do Imposto de Renda.*
• *Desse total, 98% são relativas a pagamentos, e apenas 2% a devoluções.*
• *As devoluções maciças só deverão ser processadas — e pagas — na segunda quinzena do mês de agosto.*

Polêmica

• O **The New York Times** que circula hoje está publicando um artigo assinado pelo correspondente Warren Hoge sobre o cirurgião plástico Ivo Pitanguy.
• O cirurgião é acusado por colegas médicos de prometer mais do que cumpre.
• Fica aberta a polêmica.

■ ■ ■

Sem dúvida

• *Ventos que sopram de Brasília dão como certo que o Governo chegou a uma conclusão sobre a principal dúvida da regulamentação do depósito compulsório sobre ganhos de capital — as bonificações.*
• *A regulamentação deverá sair na próxima semana, com uma solução surpreendente.*

■ ■ ■

Chapas falsas

• A polícia começa a descobrir aos poucos uma série de placas oficiais falsas que circulam pela cidade, provavelmente há anos, impunemente.
• São geralmente, chapas brancas, e todas as descobertas foram detectadas no posto de pedágio da ponte Rio—Niterói.

Zózimo

Pussy Grinda e Helmut Berger no Régine's de Monte Carlo

RODA-VIVA

• Está mais próxima do que nunca a possibilidade de Shirley Mac Laine confirmar uma série de apresentações no Rio, brevemente. As negociações chegam a termo hoje.

• **Antes do jogo do Fla x Atlético, hoje, no Maracanã, será disputada uma partida entre cantores e veteranos da Copa: no gramado, no time dos cantores, Carlinhos Vergueiro, Alceu Valença, Toquinho, Chico Buarque, Djavan, Paulinho da Viola e Jorge Ben. Garrincha descerá com a bola de um helicóptero e Vinícius de Morais dará o** kick-off.

• Wakayashi e Ohara estão expondo na Galeria Documenta, de São Paulo, numa coletiva que mistura pinturas e esculturas.

• **O Ministro Eduardo Portella é o mais novo agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Alfonso X, condecoração entregue pessoalmente pelo Rei Juan Carlos, da Espanha.**

• Encontro político na varanda do Antonio's: João Vicente Goulart e Tertuliano dos Passos.

• **A vaga do Conselho Federal de Cultura aberta com a morte do Embaixador Paschoal Carlos Magno deverá ser ocupada pelo Sr Raul Lima, ex-diretor do Arquivo Nacional.**

• O jantar com que o Sr Antonio Carlos de Almeida Braga homenageou o Sr Karlos Rischbitter, em Curitiba, contou com a presença do Governador Nei Braga e do Prefeito Jaime Lerner.

• **A Srª Elisa Maria Cylleno inaugurou seu apartamento da Vieira Souto com um almoço** only for women.

• Será em benefício da Casa da Criança Lar São José e de O Sol a palestra que a Srª Teresinha Leal de Meireles fará dia 23 de junho, no Planetário da Gávea, sobre Toledo, Córdoba e Granada.

• **A pianista Marta Argerich, ao contrário do que esta coluna noticiou, não tinha marcado nenhum compromisso profissional no Brasil este ano.**

• O acadêmico Josué Montello supervisionará pessoalmente as obras de restauração do prédio onde funciona a Casa de Cultura que leva seu nome.

Futebol e vôo livre

• *Quando voltar da tournée que fará pelo Sul, Mikhail Baryshnikov terá em sua agenda duas visitas ao Maracanã.*

• *A primeira, no dia 8, para assistir ao jogo Brasil x México. O bailarino, aliás, tem programada nesse mesmo dia, à tarde, uma visita à concentração do time, nas Paineiras.*

• *A segunda, uma semana depois, quando o Brasil enfrentará a seleção soviética. Baryshnikov faz questão de assistir à partida e já avisou que torcerá com todos os pulmões pelo time de seu país.*

* * *

• *A paixão do bailarino pelo esporte não se limita ao futebol.*

• *Num encontro que teve na noite de quinta-feira com Carlinhos Niemeyer, Baryshnikov declarou-se um apaixonado pelo vôo de asa delta — sendo imediatamente convidado para, quando regressar de Belo Horizonte, realizar um vôo duplo, dividindo uma asa com o próprio Niemeyer.*

• *Ele aceitou.*

Desinformação

• *O crítico de cinema do* L'Express, *que se assina F.F., não podia estar mais desinformado ao escrever sobre o filme* Bye Bye Brasil, *que participou do Festival de Cannes.*

• *Diz, por exemplo, a propósito do cinema brasileiro, que Gláuber Rocha não filma mais, Rui Guerra se expatriou, de Nelson Pereira dos Santos não se fala mais e que Cacá Diegues, autor do filme em questão, está se despedindo do cinema.*

• *Tudo errado: Gláuber, na verdade, está concluindo um longa-metragem de três horas de duração,* A Idade da Terra; *Rui Guerra, de Moçambique, se expatriou precisamente para se radicar no Brasil; Nelson Pereira dos Santos está montando um longa e um curta-metragem, rodados, respectivamente, em São Paulo e no Rio; e Ca cá Diegues, ao contrário das previsões de monsieur F. F., não se está despedindo do cinema: já tem na gaveta um projeto engatilhado para sua próxima produção.*

Guerra de mercado

• Para tornar ainda mais competitivos seus carros no mercado norte-americano, os dois maiores fabricantes japoneses — Toyota e Nissan — estão ultimando entendimentos com o Governo de Formosa para lá instalarem montadoras de seus automóveis.

• Se isso se efetivar, e o Governo americano não criar novas barreiras alfandegárias, a General Motors, a Ford, a Chrysler e a AMC enfrentarão tempos ainda mais difíceis ,que os atuais, quando se registra uma perda de mercado em torno dos 35%.

Fred Suter
Redator-Substituto

Cotações
★★★★★EXCELENTE
★★★★MUITO BOM
★★★BOM
★★REGULAR
★RUIM

Cinema

Estréias da semana

- Gaijin — Caminhos da Liberdade
- Semente do Diabo
- Massacre da Guiana
- Além do Silêncio
- O Amor em Fuga

★★★★★
Z (Z), de Costa-Gavras. Com Yves Montand, Irene Papas, Bernard Fresson, Jean-Louis Trintignant, Pierre Dux, Charles Denner e Julien Guiomar. **Studio-Tijuca** (Rua Desembargador Isidro, 10 — 268-6014): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (14 anos). A partir do assassinato do deputado Gregorios Lambrakis (em maio de 63, à saída de uma conferência na Associação Amigos da Paz, contra a instalação de foguetes Polaris em território grego) Vassilis Vassilikos escreveu o romance **Z** (editado em 67 e logo depois apreendido pela censura). A partir do romance, Costa Gavras (nascido em Atenas, radicado em Paris, naturalizado francês durante as filmagens de **Z**) realizou o filme, com a colaboração do escritor Jorge Semprun (no roteiro) e do músico Mikis Theodorakis, então exilado na Europa depois de sucessivas prisões na Grécia.

★★★★★
APOCALIPSE (Apocalypse Now), de Francis Ford Coppola. Com Marlon Brando, Robert Duvall, Martin Sheen, Frederic Forrest, Albert Hall e Sam Bottoms. **Ilha Auto-Cine** (Praia de São Bento — Ilha do Governador — 393 3211): 19h, 22h. Até terça. (18 anos). Roteiro de John Milius e Coppola livremente inspirado no romance **Heart of Darkness**, de Joseph Conrad. O capitão Williard (Sheen), inadaptado à vida civil e veterano de missões especiais na guerra do Vietnam, recebe uma tarefa sigilosa e angustiante: embrenhar-se na selva, até o Camboja, a fim de matar o coronel Kurtz (Brando), oficial exemplar que teria aderido à barbárie, liderando massacres terríveis, dos quais seriam vítimas inclusive combatentes americanos. A viagem de Williard até encontrar Kurtz, que lidera os nativos como um deus que exige permanentes sacrifícios de sangue, mergulha o capitão no horror de uma guerra alimentada de drogas, corrupção e mentiras. O cineasta de **O Poderoso Chefão** jogou sua carreira em cinco anos de produção, ao custo de mais de 30 milhões de dólares — quantia só duas vezes superada na história do cinema. Produção americana filmada nas Filipinas. Premiado com o Oscar de Fotografia (Vittorio Storaro) e Som e ganhador da Palma de Ouro em Cannes, 79. **Reapresentação**

★★★★
GAIJIN — CAMINHOS DA LIBERDADE (Brasileiro), de Tizuka Yamasaki. Com Kyoko Tsukamoto, Antônio Fagundes, Jiro Kawarasaki, Gianfrancesco Guarnieri, Álvaro Freire e José Dumont. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 281 — 275-4546): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos). O filme — que conta o processo de imigração japonesa para o Brasil, em 1908, durante o período da expansão cafeeira — foi premiado no Festival de Gramado como o melhor filme, melhor ator coadjuvante (José Dumont), melhor roteiro, melhor cenografia (Yurika Yamasaki) e melhor trilha sonora (John Neschling). No Festival de Cannes ganhou o prêmio especial da Associação dos Críticos Internacionais.

★★★★
A CLASSE OPERÁRIA VAI PARA O PARAÍSO (La Classe Operaria Va in Paradiso), de Elio Petri. Com Gian Maria Volonté, Mariangela Melato, Gino Pernice, Luigi Diberti, Donato Castellaneta e Salvo Randone. **Caruso** (Av. Copacabana, 1 326 — 227-3544): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (16 anos). Produção italiana de 1972. No Brasil, o filme chegou a ser exibido, depois foi censurado e agora novamente liberado. Massa (Gian Maria Volonté) trabalha numa fábrica e é considerado **operário-padrão**, chegando a ser hostilizado pelos colegas. Mas, depois de um acidente onde perde um dedo da mão, sua atitude na fábrica muda radicalmente ao ver o gesto de solidariedade dos companheiros. Aos poucos torna-se militante radical acabando por ser demitido. Novamente os companheiros mostram solidariedade, começando um movimento para sua readmissão, com uma série de passeatas e greves. Ganhador da Palma de Ouro no Festival de Cannes, 1972.

★★★★
KRAMER x KRAMER (Kramer vs. Kramer), de Robert Benton. Com Dustin Hoffman, Meryl Streep, Jane Alexander e Justin Henry. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges Medeiros, 1 426 — 274-7999): 20h, 22h30m. Até quarta (14 anos). História do relacionamento e divórcio de um casal e a disputa pela posse do filho em um tribunal de Nova Iorque. Premiado com os Oscar de Melhor Filme, Direção e Roteiro Adaptado (baseado no romance de Avery Corman) ambos os prêmios ganhos por Robert Benton, Ator (Dustin Hoffman), Atriz Coadjuvante (Meryl Streep).

★★★★
ESSE OBSCURO OBJETO DO DESEJO (Cet Obscur Objet du Désir), de Luis Buñuel. Com Fernando Rey, Angela Molina e Carole Bouquet. **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-4998): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (16 anos). A história (livremente adaptada do livro **La Femme et le Pantin**, de Pierre Louys) pode ser resumida numa frase, explica o roteirista Jean Claude Carriere: um homem que deseja e uma mulher que se recusa, um e outro com o mesmo ardor. O estilo usado para a história é aquele que se encontra em todos os filmes de Bunñuel, desde **Un Chien Andalou**, feito em 1928: as imagens são criadas e ordenadas como se fossem a direta projeção de um sonho, de um sonho mais ou menos voluntário, porque para o diretor "é muito certo o que disse uma vez Andre Breton: uma pessoa que não sonha é um ser desprezível". **Reapresentação**.

★★★★
BYE BYE BRASIL (brasileiro), de Carlos Diegues. Com Betty Faria, José Wilker, Fábio Junior e Zaira Zambelli. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904), **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), **Rian** (Av. Atlântica, 2.964 — 236-6114): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos). Um grupo de artistas ambulantes, a Caravana Rolidei, cruza de caminhão todo o sertão nordestino em direção à floresta amazônica, saindo de Piranhas, em Alagoas, até Altamira dai se deslocando para Belém e em seguida para Brasília. Diegues, o realizador de **Xica da Silva** e de **Chuvas de Verão**, segue a viagem ao mesmo tempo interessado em retratar o que se passa com os artistas ambulantes (que encontram público cada vez menor nas cidades que contam com televisão) e o que se passa com as pessoas que eles encontram ao acaso no meio da viagem. Candidato à Palma de Ouro no Festival de Cannes, 1980.

★★★
O AMOR EM FUGA (L'Amour en Fuite), de François Truffaut. Com Jean-Pierre Léaud, Marie-France Pisier, Dorothée, Dany e Claude de Jade. **Tijuca-Palace** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos). Retorno da personagem Antoine, presença quase constante na filmografia de Truffaut desde sua estréia em 1959 com **Os Incompreendidos**, tendo como protagonista o mesmo ator, Jean-Pierre Léaud. Lembranças e **flashes-backs** de diversas épocas de Antoine onde se juntam as inquietações e interrogações do cineasta numa clave autobiográfica. Música de George Delarue e fotografia de Nestor Almendros. Produção francesa.

★★★
O SÓCIO DO SILÊNCIO (The Silent Partner), de Daryl Duke. Com Elliott Gould, Christopher Plummer, Susannah York, Mario Kassar e Andrew Vajna. **Roma-Bruni** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 287-9994): 15h, 17h15m, 19h30m, 21h45m. **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 379 — 268-2325): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos). Miles Cullen é um respeitado, mas tolo, solteirão com seus 30 e poucos anos de idade, que trabalha como caixa-chefe num banco de Toronto. Ele se interessa somente por peixe tropical e por sua atraente colega Julie, que tem por ele apenas um carinho especial, desde que iniciou um romance com o gerente do banco. Trilha sonora de Oscar Peterson. Produção americana.

★★★
A GAIOLA DAS LOUCAS (La Cage aux Folles), de Edouard Molinaro. Com Ugo Tognazzi, Michael Serrault, Michael Galabru, Claire Maurier e Remy Laurent. **Veneza** (Av. Pasteur, 184, 295-8349): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145, 264-2025): de 2ª a 6ª, às, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. (16 anos). Comédia baseada na peça de Jean Poiret, sucesso de bilheteria em inúmeros países (aqui interpretada por Jorge Dória e Carvalhinho). O casamento entre uma jovem, considerada modelo de virtude, e o filho do gerente de uma boate de travestis, **La Cage aux Folles**. Na festa, os anfitriões precisam representar o que não são: o gerente e a estrela do **show**, homossexuais, vivem juntos há 20 anos. Michel Serrault conquistou o Prêmio César, como "melhor ator". Realização francesa em co-produção franco-italiana.

★★★
OS SETE GATINHOS (brasileiro), de Neville D'Almeida. Com Antônio Fagundes, Ana Maria Magalhães, Lima Duarte, Cristina Aché, Ary Fontoura, Regina Casé, Sady Cabral, Sura Berditchevsky, Mauricio do Valle, Thelma Reston, Claudio Correa e Castro e Sonia Dias. **Jóia** (Av. Copacabana, 680 — 237-4714): 15h30m, 17h40m, 19h50m, 22h. **Jacarepaguá Auto-Cine 2** (Rua Cândido Benício, 2.973 — 392-6186): 20h, 22h. (18 anos). Adaptação da peça de Nelson Rodrigues (estreada em 58 no Rio). O processo de desintegração de uma família do Grajaú: **Seu** Noronha, contínuo da Câmara dos Deputados; a mulher, solitária; as filhas, em sua maioria vivendo longe do controle dos pais — mas todos concordando com a pureza de Silene, a caçula. A crença na pureza e na virgindade de Silene é algo transcendental para o pai — um valor em torno do qual a menor dúvida lhe parece ignóbil e ameaça de tragédia.

Robert Duvall em *Apocalipse*, de Francis Ford Coppola: em cartaz no *Ilha Auto-Cine* e *Lagoa Drive-In*.

★★
MASSACRE DA GUIANA (Guyana — Crime of the Century), de René Cardona Jr. Com Stuart Whitman, Gene Barry, John Ireland, Joseph Cotten, Bradford Dillman e Jennifer Ashley. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 288-4999), **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982), **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h, 16h20m, 18h40m, 21h. **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953). **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. (14 anos). O filme relata acontecimentos verídicos ocorridos em novembro de 1978, quando homens, mulheres e crianças cometeram suicídio coletivo em Johnsontown, na Guiana, exortados pelo reverendo Jim Jones, que pouco antes matara numa emboscada o deputado californiano Lee Ryan, que estava investigando a seita devido a queixas dos parentes dos membros dessa congregação. Produção americana.

★★
ALÉM DO SILÊNCIO (Voices), de Robert Markowitz. Com Michael Ontkean, Amy Irving, Alee Rocco, Barry Miller, Hebert Berghof e Viveca Lindfors. **Studio-Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 247-8900), **Cinema-3** (Rua Conde de Bonfim, 229): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (livre). Jovem cantor ambicioso de um **night-club** de Hoboken, Nova Jersey, encontra uma garota surda-muda que espera se tornar bailarina profissional. Eles animam o espírito de cada um deles e encorajam um ao outro a buscar, separadamente, seus sonhos artísticos. Produção americana.

★★
ZABRISKIE POINT (Zabriskie Point), de Michelangelo Antonioni. Com Mark Frechette, Daria Halprin e Rod Taylor. **Palácio-1** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541): 14h15m, 16h30m, 18h45m, 21h. (18 anos). O primeiro filme realizado por Antonioni nos EUA, 1969, estréia no Brasil com uma década de atraso, em conseqüência de proibição da Censura. Produção de Carlo Ponti para a Metro. Entre os protagonistas, um realizador de grandes empreendimentos imobiliários, sua secretária e um jovem radical que rouba um avião. A jovem encontra afinidades imediatas com o rapaz e adere às suas idéias de contestação social.

★★
MOMENTO DE DECISÃO (The Turning Point), de Herbert Ross. Com Anne Bancroft, Shirley MacLaine, Mikhail Baryshnikov, Leslie Browne e Tom Skerritt. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m. (14 anos). História passada nos bastidores do balé, com duas protagonistas femininas: uma fez carreira e começa a sentir a aproximação da fase de declínio, a outra, grande amiga, deixou a carreira para casar e vê a filha dedicar-se ao balé com entusiasmo. Filme americano. **Reapresentação**.

★★
O COMBOIO DO MEDO (Wages of Fear), de William Friedkin. Com Roy Scheider, Bruno Cremer, Francisco Rabal, Amidou e Ramon Bier. **Méier** (Av. Amaro Cavalcanti, 105 — 229-1222): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos). Aventura de **suspense**, baseada no livro de George Arnaud, já filmado, no cinema francês, sob direção de Clouzot. Um terrorista árabe, um negociante francês e um ladrão americano, mal sucedido em seus golpes, refugiam-se em Porvenir, cidade latino-americana situada numa região pantanosa, onde convivem — sob domínio de uma empresa americana — bandidos internacionais e nativos tiranizados. Os três fugitivos, mais um alemão anti-semita e um aventureiro local, aceitam missão quase suicida (liquidar incêndio em um campo de petróleo) a fim de ganhar um prêmio em dinheiro e escapar de Porvenir. Produção americana. **Reapresentação**.

★
SEMENTE DO DIABO (Prophecy), de John Frankenheimer. Com Talia Shire, Robert Foxworth, Armand Assante, Richard Dysart, Victoria Racimo e George Clutesi. **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 240-1341), **Baronesa** (Rua Cândido Benicio, 1.747 — 390-5745): 14h, 16h20m, 18h40m, 21h. **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães 286 — 255-2610), **Condor Largo do Machado** (Largo do Machado 29 — 245-7374): 14h20m, 16h40m, 19h, 21h20m. **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 248-4519): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. **Art-Méier** (Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Astor** (Rua Ministro Edgar Romero, 236): 14h50m, 17h, 19h10m, 21h20m. (14 anos). Médico sanitarista americano é enviado às florestas de Maine, onde deve conduzir pesquisa ecológica sobre o impacto da indústria madeireira sobre o meio ambiente. Juntamente com sua esposa, grávida, confronta-se com uma série de terríveis misteriosos acontecimentos e ambos colocam a própria vida em perigo ao tentarem descobrir a causa. Produção americana.

★
EMMANUELLE, A VERDADEIRA (Emmanuelle), de Justi Joeckin. Com Sylvia Kristel, Floriano Cuny, Marika Green, Daniel Sarky e Jeanne Colletin. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — — 220-3135): de 2ª a 6ª, às 10h, 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e dominga, a partir das 14h. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 288-6898), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira), **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532), **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628), **Stúdio-Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, **Jacarepaguá Auto-Cine 1** (Rua Cândido Benicio, 2973 — 392-6186): 20h, 22h. **Olaria**: 15h, 17h, 19h, 21h. Sexta e sábado sessões à meia-noite, no **Art-Copacabana**. (18 anos). Produção francesa de 1974, proibida no Brasil e agora liberada com pequeno corte. O filme é baseado no livro de Emmanuelle Arsan (escrito em 1957 e proibido na França). Emmanuelle, 19 anos, é mulher do diplomata francês em Bangkok, onde chega para tomar posse do suntuoso palacete onde irá morar. Assediada por membros da colônia francesa local, ela se transforma numa presa cobiçada tanto por homens como mulheres.

★
O CONVITE AO PRAZER (Brasileiro), de Walter Hugo Khouri. Com Sandra Bréa, Roberto Maya, Helena Ramos, Serafim Gonzalez, Kate Lyra, Aldine Muller e Rossana Ghessa. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1783), **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 12h50m, 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. **Roxi** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178), **Rosário** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h. **Santa Alice** (Rua Barão de Bom Retiro, 1.095 — 201-1299): de 2ª a 6ª, às 17h10m, 19h20m, 21h30m. Sábado e domingo, a partir das 15h. **Vitória** (Bangu): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos). Marcelo, membro da alta burguesia e herdeiro da empresa paterna, é um quarentão aparentemente cínico e desiludido. Encontra-se, depois de muitos anos, com um amigo, Luciano, e relembram suas situações conjugais. Luciano declara-se em "liberdade vigiada" e Marcelo em "prisão livre." No dia seguinte, Marcelo recebe Luciano em seu apartamento de cobertura, mantido apenas para encontros amorosos.

★
O TORTURADOR (Brasileiro), de Antônio Calmon. Com Jece Valadão, Vera Gimenez, Otavio Augusto, Rejane Medeiros, Rodolfo Arena e Ary Fontoura. **Coral** (Praia de Botafogo, 316 — 246-7218): de 2ª a 6ª, às 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. **Palácio** (Campo Grande): 15h, 17h, 19h, 21h. **Rex** (Rua Alvaro Alvim, 33 — 240-8285): de 2ª a 6ª, às 12h, 15h05m, 18h10m, 19h55m. Sábado e domingo, às 13h50m, 16h55m, 20h. Programa complementar no **Rex: O Dragão Nunca Morre.** (18 anos). Dois mercenários partem para um país imaginário da América do Sul, Carumbai, para capturarem um criminoso de guerra nazista, condenado em Nuremberg. A região está agitada por movimentos revolucionários e com a prisão de um grupo de guerrilheiros os acontecimentos se precipitam.

★
MUITO PRAZER (Brasileiro), de David Neves. Com Itala Nandi, Antônio Pedro, Cecil Thiré, Otávio Augusto, Betty Van Wien, Vera Barroso e participação especial de Nelson Cavaquinho. **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 255-2908): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, (16 anos). Três arquitetos e três pivetes trabalham frente a frente em um cruzamento de tráfego da Zona Sul. Os arquitetos observam as atividades dos pivetes e estes, ao mesmo tempo, são observadores dos arquitetos. Esta relação influencia os conflitos domésticos e existenciais dos arquitetos. **Reapresentação**

★
O CÍRCULO DE FERRO (Circle of Iron), de Richard Moore. Com David Carradine, Christopher Lee, Jeff Cooper, Roddy McDowall e Eli Wallach. Programa complementar: **Bruce Lee, o Imortal**. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2ª a 6ª, às 10h30m, 14h, 17h30, 19h20m. Sábado e domingo, a partir das 14h. (14 anos). David Carradine, popularizado pela série Kung Fu, na televisão, faz quatro papéis diferentes nessa produção cujo argumento teria sido escrito para o falecido Bruce Lee. Aventura de lutas marciais. **Reapresentação**.

TRINITY E SEUS COMPANHEIROS — De Damiano Damiani. Com Terence Hill, Miou-Miou, Robert Charlebois e Klaus Kinski. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 38 - 240-6541): 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. **Scala** (Praia de Botafogo, 320 — 246-7218): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (Livre). Trinity chega a uma cidade e provoca conflito com bando de desocupados, chegando a duelar com o pistoleiro mais temido da região. Depois, espalha o boato sobre a existência de uma mina de ouro na terra dos índios, provocando a cobiça de um coronel da cavalaria. Produção americana.

ESSAS DELICIOSAS MULHERES (Brasileiro), de Ary Fernandes. Com Claudete Joubert e Paulo Ramos. **Studio-Catete** (Rua do Catete, 228 — 205-7194): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos). A distribuidora não forneceu informações sobre o filme. **Reapresentação**.

O DRAGÃO NUNCA MORRE (The Dragon Dies Hard), de Dick Randall. Com Bruce Lee. Programa complementar: **O Torturador. Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 240-8285): de 2ª a 6ª, às 12h, 15h05m, 18h10m, 19h55m. Sábado e domingo, às 13h50m, 16h55m, 20h. (14 anos). Anunciado como retrospecto da vida de Bruce Lee, campeão de lutas marciais e ídolo dos filmes de Kung Fu. **Reapresentação.**

BRUCE LEE, O IMORTAL (The True of Death), de Steve Harries e Chien Ten Tai. Com Bruce Lee, Shou Lung e Alice Meyer. Programa complementar: **Círculo de Ferro. Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2ª a 6ª, às 10h30m, 14h, 17h30m, 19h20m. Sábado e domingo, a partir das 14h. (18 anos). Produção chinesa de Hong Kong. **Reapresentação.**

MATINÊS

SESSÃO COCA-COLA — Tom & Jerry — Lagoa Drive-In: 18h30m. (Livre).

O CAVALINHO MÁGICO — Jacarepaguá Auto-Cine 2: 18h30m. (Livre).

FESTIVAL TOM E JERRY — Cine-Show Madureira: 14h, 16h, 18h. (Livre).

Extra

A CLASSE OPERÁRIA NO CINEMA BRASILEIRO (I) — Exibição de **Os Libertários**, de Lauro Escorel, **Destruição Cerebral**, criação coletiva e **Pau Pra Toda Obra**, de Reinaldo Valpato e Augusto Sevá. Às 20h, no **Cineclube Barravento**, Rua Muniz Freire, 60 — Tijuca. Após a sessão haverá debates.

AS MENSAGENS DO CINEMA EM SUPER 8 — Exibição de **Horizontes**, de Maurício R. Bittencourt, **Baco**, de Sérgio Ney e Marcos T.C., **Niemeyer 314**, trabalho coletivo e **Bye Bye Sibéria**, de A. Fernando. Às 18h30m, no **Cineclube Jean Renoir da Aliança Francesa do Méier**, Rua Jacinto, 7. Após a sessão haverá debates com os realizadores do filme.

Grande Rio

NITERÓI

ALAMEDA (718-6866) — **Semente do Diabo**, com Talia Shire. Às 14h50m, 17h, 19h10m, 21h20m. (14 anos).

BRASIL — O Convite ao Prazer, com Roberto Maya. Às 15h, 17h, 19h, 21h (18 anos).

CENTER (711-6909) — **O Massacre da Guiana**, Com Stuart Whitman. Às 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. (14 anos).

CENTRAL (718-3807) — **O Convite ao Prazer**, com Roberto Maya. Às 12h50m, 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (18 anos).

CINEMA-1 (711-1450) — **O Convite ao Prazer**, com Roberto Maya. Às 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (18 anos).

EDEN (718-6285) — **Trinity e Seus Companheiros**, com Terence Hill. Às 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. (Livre).

ICARAÍ (718-3346) — **Emmanuelle, a Verdadeira**, com Sylvia Kristel. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

NITERÓI (719-9322) — **Emmanuelle, a Verdadeira**, com Sylvia Kristel. Às 13h30m, 15h30, 17h30m, 19h30m, 21h30m. (18 anos).

DRIVE-IN ITAIPU — Kramer X Kramer, com Dustin Hoffman. Às 20h30m, 22h30m. (14 anos).

PETRÓPOLIS

DOM PEDRO (2659) — **Semente do Diabo**, com Talia Shire. Às 14h50m, 17h, 19h10m, 21h20m.

PETRÓPOLIS (2296) — **Emmanuelle, a Verdadeira**, com Sylvia Kristel. Às 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos).

CASABLANCA — Cinzas no Paraíso, com Richard Gere. Às 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. (14 anos).

TERESÓPOLIS

ALVORADA (742-2131) — **A Herança dos Devassos**, com Sandra Bréa. Às 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos). Matinê: **Trinity e Seus Companheiros**, com Terence Hill. Às 14h. (Livre).

Curta-metragem

O GUARDA-CHUVA VERMELHO — De Lygia Pape. Cinema: **Condor Copacabana.**

ART-NOUVEAU — De Fernando Coni Campos e Sérgio Sanz. Cinema: **Ricamar.**

FUTEBOL 3º — MEIO DE VIDA — De Roberto Moura. Cinema: **Studio-Tijuca.**

SCLIAR: O HOMEM E SUA PINTURA — De Ruy Santos. Cinemas: **Metro Boavista e Condor Largo do Machado.**

INSOLÊNCIA — De Marizo Leão. Cinema: **Bruni-Tijuca.**

MAJOR COSME DE FARIAS... O ÚLTIMO DEUS DA MITOLOGIA BAIANA — De Júlio Romiti. Cinema: **Baronesa.**

ENEIDA — De José Maria Bezerril. Cinema: **Jacarepaguá Auto-Cine 1.**

Teatro

PLATONOV — Texto de Anton Tchecov. Dir. de Maria Clara Machado. Com Vicentina Novelli, Octávio de Moraes, Bia Nunes, Bernardo Jablonski, Maria Clara Mourthe, Ricardo Kosovski, Juarez Assumpção, Fernando Berditchevsky, Toninho Lopes e outros. **Teatro Tablado**, av. Lineu de Paula Machado, 795 (226-4555). Hoje, às 19h. Ingressos a Cr$ 150 e Cr$ 100, estudante.

OS SOBREVIVENTES — Texto de Ricardo Meirelles. Dir. de Vilma Dulcetti. Com Anselmo Vasconcellos, Elza de Andrade, Jitman Vibranovski, Toninho Vasconcelos, Vera Setta. **Teatro Opinião**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Hoje, às 18h30m e 21h30m. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 100, estudantes.

NÓS — Colagem de textos de vários autores, compilado e organizado por Elyseu Maia. Com Marcelo Picchi, Lourdes de Moraes e Hélio Makumba. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Hoje, às 18h30m e 21h30m. Ingressos a Cr$ 150 e Cr$ 100, estudantes.

PAPO-FURADO — Comédia de Chico Anísio. Dir. de Antônio Pedro. Com Ítalo Rossi, Elizangela, Ricardo Blat, Ivan de Almeida, Walter Marins, Vinicius Salvatori, José de Freitas. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). Hoje, às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes.

LONGA JORNADA NOITE ADENTRO — Texto de Eugene O'Neill. Dir. de Roberto Vignatti. Com Nathália Timberg, Mauro Mendonça, Otávio Augusto, Wolf Maia, Cláudia Costa. **Teatro Copacabana**, Av. Copacabana, 327 (257-1818). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150 estudantes.

OS ÓRFÃOS DE JÂNIO — Texto de Millor Fernandes. Dir. de Sérgio Britto. Com Tereza Rachel, Suzana Vieira, Stella Freitas, Cláudio Corrêa e Castro, Milton Gonçalves e Hélio Guerra. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 2º (274-9895). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos Cr$ 250 e Cr$ 150, estudante.

O DESEMBESTADO — Texto de Ariovaldo Mattos. Dir. de Aderbal Júnior. Com Grande Otelo, Rogério, Nelson Caruso, Marta Pietro e Iracema Borges. **Teatro do América F.C.**, Rua Campos Salles, 118 (234-8155). Hoje, às 18h e 21h30m. Ingressos Cr$ 200 e Cr$ 150, estudante.

EL DIA QUE ME QUIERAS — Texto de José Ignacio Cabrujas. Dir. de Luís Carlos Ripper. Com Ada Chaseliov, Chico Ozanan, Heleno Prestes, Nildo Parente, Pedro Veras, Thaís Portinho, Yara Amaral. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (220-6997). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 100, estudantes.

A MALUQUINHA DE ARROIOS — Texto de André Brun. Prod. do Teatro Experimental de Cascais. Dir. de Carlos Avilez. Com Zita Duarte, Maria Albergaria, Luís Rizo, Ivone Silva, Rogério Paulo, Ruy de Matos, Nuno Emanuel, Maria Otília, Antônio Marques, Luísa Salgueiro, Henrique Santos, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, João Vasco. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Hoje, às 21h.

O AUTO DAS SETE LUAS DE BARRO — Texto e dir. de Vital Santos. Mús. de Jadilson Lourenço. Prod. do Grupo Folguedo de Caruaru. Com Antônio Medeiros, Aguinaldo Melo, Iva Araújo, Tonico Neto e outros. **Teatro Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 120 e Cr$ 60, sócios. Até dia 8 de junho.

A ALMA BOA DE SETSUAN — Texto de Bertolt Brecht. Dir. de Eric Nielsen. Dir. musical de Ian Guest. Com Suzana Faini, Orlando Macedo, Luiz Imbassahy, Sylvia Heller, Renato Pupo, Arnaldo Marques, Carlos Vieira, Henriqueta Moura e outros. **Teatro Gláucio Gill**, Praça Card. Arcoverde (237-7003). Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 150,00 e Cr$ 100,00 estudante.

ESTE BANHEIRO É PEQUENO DEMAIS PARA NÓS DOIS — Duas comédias em um ato de Ziraldo. Dir. de Paulo Araújo. Com Stênio Garcia, Regina Viana, Clarice Piovesan, Martin Francisco, Stepan Nercessian, Thelma Reston, Vanda Lacerda. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). De 3ª a 6ª, às 21h30m; sáb., às 20h30m, 22h30m; dom., às 18h e 21h30m. Ingressos de 3ª a 5ª a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudante; 6ª, sáb., e 2ª sessão de dom., a Cr$ 300 e vesp. de dom., a Cr$ 300 e Cr$ 200, estudantes. Em espaços insolitamente exíguos, o autor desencadeia uma luta revolucionária e uma comédia de adultério (14 anos).

A SERPENTE — Texto de Nelson Rodrigues. Direção de Marcos Flaksman. Com Cláudio Marzo, Sura Berditchevsky, Carlos Gregório, Xuxa Lopes, Yuruah. **Teatro do BNH** (Av. República do Paraguai, (acesso pelo viaduto que liga o Passeio Público à Pça. Tiradentes). (262-4477). De 3ª a 6ª, às 21h30m. Sábado, às 20h, 22h. Domingo, às 19h e 21h. Ingressos, de 3ª a 5ª e dom., a Cr$ 250 e Cr$ 150 (estudantes) 6ª e sáb., a Cr$ 250. O que acontece quando uma esposa feliz resolve emprestar o seu marido, por uma noite, à sua irmã mal-amada.

BRASIL: DA CENSURA À ABERTURA — Texto de Jô Soares, Armando Costa, José Luiz Archanjo e Sebastião Nery. Dir. de Jô Soares. Com Marília Pera, Marco Nanini, Sílvia Bandeira, Geraldo Alves. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1 426 (274-7999 e 274-7748). De 4ª a 6ª, às 21h30m., sáb. às 20h e 22h30m, e dom. às 20h. Ingressos de 4ª a sáb. a Cr$ 300 e dom. a Cr$ 300 e Cr$ 150, estudantes. **Show** satirizando os costumes dos políticos brasileiros nas últimas décadas, através de suas amostras particularmente pitorescas (14 anos).

A DIREITA DO PRESIDENTE — Comédia de Mauro Rasi e Vicente Pereira. Dir. de Álvaro Guimarães. Com Gracindo Júnior, Araci Balabanian, Jorge Botelho, André Villon e Bento. **Teatro Glória**, Rua do Russel, 632 (245-5527). De 4ª a 6ª, às 21h30m; sáb., às 20 e 22h30m dom., às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150. Um famoso cabeleireiro, uma jovem ambiciosa, um alto funcionário do Governo e um traficante encenam, à sombra do Palácio do Planalto, o seu pequeno ritual de luta pela subida na escala social.

A FILHA DA... — Comédia de Chico Anísio. Dir. de Antônio Pedro. Com Yolanda Cardoso, Lutero Luiz, Alcione Mazzeo. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de São Vicente, 52-3º (274-7246). De 4ª a 6ª e dom., às 21h30m, sáb., às 20h e 22h30m, vesp., 5ª às 17h30m, e dom., às 19h. Ingressos 4ª, 5ª e dom, a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes, 6ª e sáb, a Cr$ 300, vesp. 5ª, a Cr$ 150. Peripécias dos preparativos do casamento de filha de uma ex-prostituta com o filho de uma família tradicional.

ARACELLI — Texto de Marcílio Moraes. Dir. de Carlos Murtinho. Com Rosamaria Murtinho, Cláudia Martins, Deny Perrier, José Augusto Branco, Marco Antônio Palmeira, Mário Jorge. **Teatro Senac**, Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2641). De 4ª a 6ª, às 21h30m, sáb, às 20h e 22h30m e dom, às 18h e 21h. Ingressos de 4ª a 6ª e dom, a Cr$ 200 e Cr$ 100, estudantes, sáb. (1ª sessão), a Cr$ 250 e Cr$ 120, estudantes e 2ª sessão, a Cr$ 250. O chocante crime que traumatizou Vitória em 1973 transformado em texto teatral de caráter documental.

TEU NOME É MULHER — Comédia de Marcel Mithois. Dir. de Adolfo Celi. Com Tônia Carrero, Luís de Lima, Célia Biar, Hélio Ary, Ivan Mesquita, Maria Helena Velasco e Marcos Wainberg. **Teatro Maison de France**, Av. Pres. Antônio Carlos, 58 (220-4779). De 4ª a 6ª, e dom., às 21h30m, sáb., às 20h e 22h30m, vesp. dom., às 18h. Ingressos de 4ª a 6ª, e dom., a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes e sáb. a Cr$ 250. A laboriosa carreira de uma recordista em golpes de baú no **jet set**.

TOALHAS QUENTES — Comédia adaptada por Bibi Ferreira de um original de Marc Camoletti. Dir. Bibi Ferreira. Com Suely Franco, Milton Moraes, Jonas Mello, Cleide Blota, Mila Moreira. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 4 /56 (240-6141). De 3ª a 6ª, às 21h15m, sáb., às 20h e 22h30m, dom, às 18h e 21h15m. Ingressos de 3ª a 5ª e dom., a Cr$ 250 e Cr$ 150 estudantes. 6ª e sáb., a Cr$ 300. Na sua casa de campo em Petrópolis, um casal recebe três hóspedes para um fim de semana repleto de qüiproquós e intenções equívocas.

RASGA CORAÇÃO — Texto de Oduvaldo Vianna Filho. Dir. de José Renato. com Raul Cortez, Débora Bloch, Sônia Guedes, Ary Fontoura, Tom I Gonçalves, Isaac Bardavid, Márcio Augusto, Guilherme Karan, Oswaldo Louzada, Sidney Marques **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695) de 3ª a 6ª, às 21h30m, sáb, às 19h45m e 22h45m e dom, às 18h e 21h30m. Ingressos 3ª, 5ª e dom, a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes, 4ª a Cr$ 250 e Cr$ 80, estudantes e 6ª e sáb, a Cr$ 250. Tendo como painel de fundo a História do Brasil das últimas quatro décadas, o autor, na sua magistral obra-testamento, mostra com lirismo, ternura e ironia as contradições, perplexidades, generosidades e descaminhos de três gerações da classe média brasileira. Recomendação especial da Associação Carioca de Críticos Teatrais.

DELITO CARNAL — Texto de Eid Ribeiro. Dir. de Paula Reis. Com Rosane Goffman, Sebastião Lemos, Eduardo Lago, Paulo Renato Braga, Charles Myara, Angela Rebello, Paulo Carvalho. **Aliança Francesa da Tijuca**, Rua Andrade Neves, 315 (268-5798). 6ª, sáb e 2ª, às 21h e dom, às 20h30m. Ingressos de 6ª a dom, a Cr$ 150, e Cr$ 100, estudantes e 2ª a Cr$ 80 e Cr$ 50 (mediante carteira do Sindicato dos Artistas).

Crianças

COM PANOS E LENDAS — Musical de José Geraldo Rocha e Vladimir Capella. Direção de Ivan Merlino e Vladimir Capella. Com Angela Dantas, Marco Miranda, Nadia Carvalho, Otávio Cesar e outros. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539. Hoje, às 10h30m e 17h. Ingressos às 17h, a Cr$ 100, e dom., às 10h30m, a Cr$ 80.

MARIA MINHOCA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Juracy Alarcon Chamarelli. Com o grupo de Teatro Crismaran. **Teatro Dirceu de Mattos**, Rua Barão de Petrópolis, 897, ao lado do túnel da Rua Alice. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 50.-

EU CHOVO, TU CHOVES, ELE CHOVE — Texto e direção de Sylvia Orthof. Produção de Adalberto Nunes. Com Bia Sion, Cláudia Richer, Everardo Sena e Jorge Maurilio. **Teatro SENAC**, Rua Pompeu Loureiro, 45. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

O SEGREDO DAS MÁGICAS — Texto de Alexandre Vieira e Maria Cristina Brito. Direção coletiva do grupo Olhos D'Agua. Com Alexandre Vieira, Arminda Amorim, Henrique Pires, Maria Cristina Brito e Inês Junqueira. Música e direção musical de Zé Alberto. Orientação coreográfica de Graciela Figueiroa. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). Hoje, às 16h30m. Ingressos a Cr$ 50.

FLICTS — Texto de Ziraldo e Aderbal Júnior. Direção de José Roberto Mendes. Músicas de Sérgio Ricardo. Com Alby Ramos, Ligia Diniz, Cacá Silveira, Maria Gislene, Daniela Santi e outros. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

DUVI-DE-O-DÓ — Texto de Lucia Coelho e Caique Botkai. Direção de Lucia Coelho. Com o grupo Navegando, **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52. Hoje, às 15h30m. Ingressos a Cr$ 100.

CRESÇA E APAREÇA — Texto de Alexandre Marques. Direção de Marco Antônio Palmeira. Com Eduardo Azevedo, Eliana Dutra, Francisco Sztockman, Marco Antônio Palmeira e Maria Alice Monsur. **Teatro das Laranjeiras**, Rua das Laranjeiras, 232. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 80.

DR. BALTAZAR, O TALENTOSO, NO MUNDO DA IMAGINAÇÃO CONTRA O DR. DRÁSTICO — Musical de Neila Tavares. Direção de Mona Lazar. Com Zemario Limongi, Wagner Vaz, Wagner Fontes e outros. **Teatro do América**, Rua Campos Sales, 118. Hoje, às 15h30m. Ingressos a Cr$ 80 e Cr$ 60, sócios.

QUERIDOS MONSTRINHOS — Texto de Paulo Cesar Coutinho. Direção de Chico Terto. Com Suzana Queiroz, Vera Holtz, Mara Souto e Pedro Aurélio. **Teatro Casa - Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

ARCO-ÍRIS SEM COR — Texto de Raimundo Alberto. Direção de Fayvel Hohchman. Com o grupo América. **Teatro Glaucio Gill**, Pça. Cardeal Arcoverde, s/nº (237-7003). Hoje, 16h. Ingressos a Cr$ 60.

QUEM FANTASMOCANTA... OS HOMENS ESPANTA — Musical infanto-juvenil de Sérgio Melgaço. Dir. do autor. Mus. de Lucia Maria Dantas, coreografia de Edien Lyra e Carla Chaves. Com Marthita Gonzales, Fernando Perez, Amélia Navarro, Fernando Pontes e Antônia Pereira. **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos , 143 (235-1113). Hoje, às 15h. Ingressos a Cr$ 100,00. Até dia 12 de julho.

QUE-PE-CO-POI-SA-PÁ / A BOMBA ATÔMICA — Texto de Pernambuco de Oliveira. Direção de Antônio Debonis. Com Jimmy, Carlos Aurélio, Lena Viegas e Nety Ferreira. **Teatro Municipal de Niterói**, Rua 15 de Novembro, 35. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 60. Último dia.

LENDAS DE CHICO BENTO — Texto e direção de Luiz Zaga. Com o grupo Integral. **Teatro Leopoldo Fróes**, Rua Professor Manoel de Abreu, 16, Niterói. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 60. Último dia.

A HISTÓRIA DO CHAPEUZINHO VERMELHO — Texto e direção de Charles Cerdeira. Com o grupo Faz-Acontece. **Teatro Arcádia**, Trav. Alberto Cocozza, 18, Nova Iguaçu. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40 e Cr$ 30.

A MENINA QUE PERDEU O GATO... — Texto de Marco Antônio Apolinário Santana. Direção de Luis Mendonça. Com Nádia Maria, Silvia Maria, José Rocha e Márcio Luiz. **Teatro do América F.C.**, Rua Campos Salles, 118. Hoje, às 16h30m. Ingressos a Cr$ 80.

O GATO DE BOTAS — Produção de Brigitte Blair e Carlos Nobre. Direção de Carlos Nobre. Com Olga Renha, Maneca de Jesus, Antônio Duarte e José Silva. **Teatro Serrador**, Rua Senador Dantas, 13. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 50.

LIBEL, A SAPATEIRINHA — De Jurandyr Pereira. Direção de Jorge Lúcio. Com Ruth Machado, Luis Carlos Cavalcanti, Jorge Lúcio, Alice Kocnow e Carlos Ferraz. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100. Até fins de Junho.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Texto e direção de Jair Pinheiro. **Teatro Tereza Rachel**, Rua Siqueira Campos, 143. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Produção de Roberto de Castro. Apresentação do grupo Carrossel. **Teatro do Colégio Laranjeiras**, Rua Conde de Baependi, 69. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 60.

QUEM QUER FAZER ALGUMA COISA NO REINO DO FAZ NADA? — Musical infantil de William Gonzalez. Direção do autor. Com Getúlio Barbosa, Edson Mourão, Tito Paranhos, Carmem Bello e Lim. **Teatro Rio do Planetário**, Rua Padre Leonel Franca, 240. Hoje, às 16h e 17h30m. Ingressos a Cr$ 70. Último dia.

OS TRÊS MOSQUETEIROS — Musical de Benjamim Santos. Dir. de Ricardo Amorim. Dir. musical de Cacá Santos. Com Dalmo Sandes, Ricardo D'Amorim, Marcia Leite e outros. **Teatro Opinião**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 80.

O MISTERIOSO SEQÜESTRO DO PRÍNCIPE NÃO SEI — Texto de Jurema Pena. Dir. de Raimundo Reis, mús. de Arnaldo Guimarães. Com Rita Tucunduva, Marcos Negrão, Natan de Souza e outros. **Aliança Francesa do Meier**, Rua Jacinto, 7. Hoje, às 16h30m. Ingressos a Cr$ 60. Último dia.

O DIAMANTE DO GRÃO MOGOL — Musical "capa e espada" de Maria Clara Machado. Dir. e coreografia de Wolf Maia. Com Lupe Gigliotti, Cininha de Paula e grande elenco. Cenários e adereços de Analu Prestes, figurinos de Kalma Murtinho. **Teatro Vanucci**, R. Marquês de São Vicente, 52-3º andar. Hoje às 17h15m. Ingressos a Cr$ 100.

PASSAGEIROS DA ESTRELA — Texto de Sérgio Fonta. Direção de Lauro Goes. Com Lidia Brondi, Julio Braga, Ruth de Souza, Sadi Cabral e outros. Músicos de Egberto Gismonti. **Teatro Villa Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

O ELEFANTE — Texto do grupo Mixirico. Direção de Jorginho de Carvalho. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti**, Rua Tenente Manuel Alvarenga Ribeiro, 66. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40 e Cr$ 20, comerciários.

AZULNIL E AMARELOURO — Texto e dir. de Manoel Kobachuk e Jorge Crespo. Espetáculo com e bonecos, prod. do Grupo Carreta. **Sala Monteiro Lobato**, anexa ao Teatro Villa-Lobos, Av. Princesa Isabel, Copacabana. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 60. Último dia.

O LIMÃO QUE TINHA MEDO DE VIRAR LIMONADA — Texto e direção de Paulo Afonso de Lima. Com o grupo Carroça de Téspis. **Teatro Laranjeiras**, Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rua das Laranjeiras, 232. Hoje, 17h. Ingressos a Cr$ 80.

OS TRÊS PORQUINHOS E O LOBO MAU — Texto e direção de Jair Pinheiro. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51, (521-2955). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 70.

EMÍLIA A BONECA TRAPALHONA, NO SÍTIO DO PICA-PAU — Texto e direção de Osvaldo Ferra. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 70.

A GATA BORRALHEIRA — Texto e direção de Jair Pinheiro. **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 100.

EMÍLIA, SACI E VISCONDE CONTRA ASTERIX, O GAULÊS — Musical com texto e direção de William Guimarães. Com Kátia Regina, Roberto dos Santos e Ricardo dos Santos. **Teatro Alaska**, — Av. Copacabana, 1241 (247-9842). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 80.

SUPER-HERÓIS CONTRA MULHER-GATO E CIA. — Musical com texto e direção de William Guimarães. Com Fabiana Gouveia, Wagner José, Solange Gouveia e Jorge Eliano. **Teatro Alasca**. Av. Copacabana 1.241. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 80.

O CIRCO DE DOM PEPE, PEPITO E PEPON — Com o grupo Quintal. **Teatro de Fantoches e Marionetes do Parque do Flamengo**, entrada em frente à Rua Tucuman. Hoje, às 10h30m. Entrada franca.

ZÉ COLMÉIA E A PANTERA COR-DE-ROSA — Direção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro do Colégio Laranjeiras**, Rua Cde de Baependi, 69. Hoje, as 10h30m e 16h. Ingressos a Cr$ 60.

PLANETÁRIO — Programação para às 16h, **Amiguinho Sol**, para crianças de quatro a sete anos; às 17h **O Universo em que Vivemos**, para crianças de oito a 12 anos; às 18h30m, **Do Geocentrismo ao Heliocentrismo**, para adolescentes e adultos. Av. Pe. Leonel Franca, 240. Gávea. Ingressos a Cr$ 20 e Cr$ 10, estudantes.

CIRCO ORLANDO ORFEI — Leões e cavalos amestrados, acrobatas, contorcionistas, ginastas, trapezistas e outras atrações. **Praça Onze** (221-5531). Hoje, às 10h, 15h, 18h, 21h. Ingressos na geral a Cr$ 120 e Cr$ 60 (menores), na lateral a Cr$ 150 e Cr$ 80 (menores), central a Cr$ 180 e Cr$ 100 (menores), cadeira sem número a Cr$ 220 e Cr$ 130 (menores), cadeira numerada a Cr$ 250 e Cr$ 150 (menores) e camarote a Cr$ 300 por pessoa. Os ingressos estão à venda no local, **Mercadinho Azul e Guanatur** (256-2383 e 255-1271.

Show

NEGRA ELZA — Show de lançamento do Lp da cantora Elza Soares acompanhada por Ivan Boticelli (piano), José Paulo Miranda (cavaquinho e bandolim), Hélio Silva (ritmista), Theomar Ferreira (bateria), Romildo Cardoso (baixo) e Maynto (percussão). Direção de Gerson Alves. **Teatro Carlos Gomes**, Pça Tiradentes (222-7581). Hoje, às 19h. Ingressos a Cr$ 150. **Último dia**.

ZUMBIDO — **Show** do cantor e compositor Paulinho da Viola. **Teatro João Caetano**, Pça. Tiradentes (221-0305). hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 150, estudantes, sáb., a Cr$ 250. Último dia.

FLÁVIO Y SPIRITO SANTO — Concerto de **rock** com o grupo formado por Flávio Rodrigues (voz, violão e harmônica), Jorge varela (baixo e voz), Marcos Vianna (guitarra e voz) e Walter Guimarães (bateria e voz). **Casarão**, Praia de Charitas, Niterói. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 100, homem, e Cr$ 50, mulher.

DE REPENTE...FICOU SÉRIO — **Show** com o grupo Mantra—Mistério Crescente, formado por Álvaro Mota, Fernando Fernandes, Lelé Alves e Mônica Couto (voz), Bruno (percussão), Edgar (baixo) e Luiz Sarmanho (guitarra e voz). Direção de Jorge Roberto Borges. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338. Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 70. **Último dia.**

O AMOR E A RELATIVIDADE — **Show** do cantor, compositor e violonista Toinho Sena acompanhado de Didito (guitarra), Ricardo Amaury (baixo), Paulo Malaguti (piano), Áurea Regina (flauta), Nilton Amaral (violino), André Tandeta (bateria), José Mário Sena (percussão) e José Roberto S. Paulo (violão). **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 100. **Último dia.**

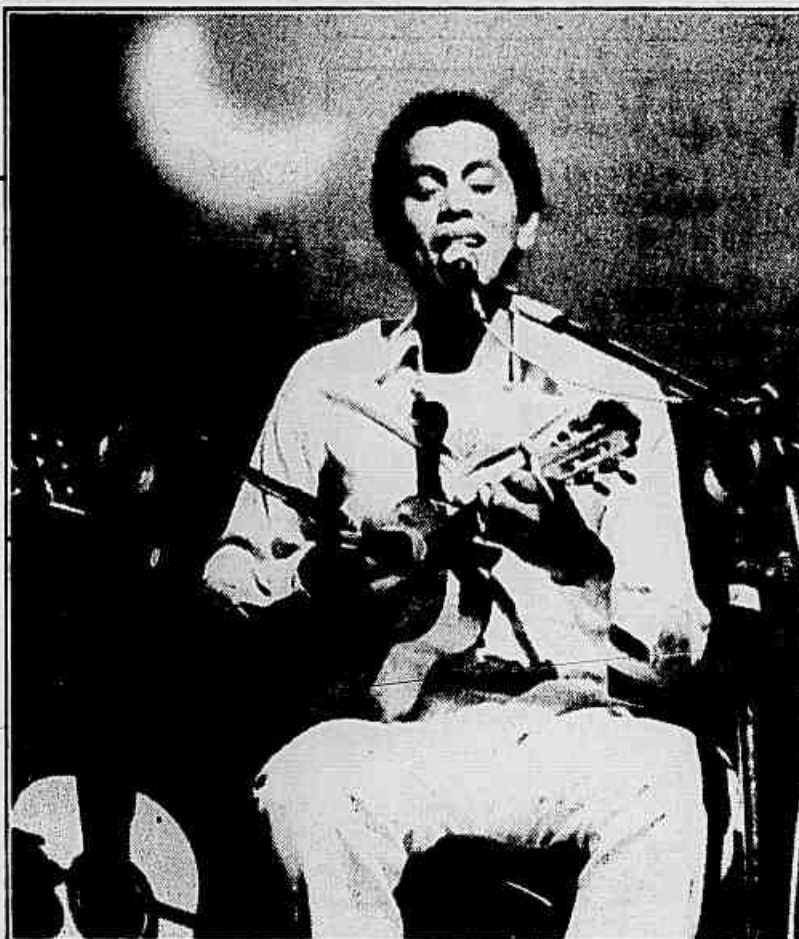
COMO FOI QUE VOCÊ CONSEGUIU CHEGAR ATÉ AQUI — **Show** dos cantores e compositores César Costa Filho e Paulino Soares. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046). Hoje, às 21h30m. Ingressos, a Cr$ 150, e Cr$ 100, estudantes. Até dia 8 de junho.

VIVA O GORDO E ABAIXO O REGIME — **Show** do humorista Jô Soares. Texto de Jô Soares, Millôr Fernandes, Armando Costa e José Luís Archanjo. Cenário e iluminação de Arlindo Rodrigues. Direção de Jô Soares. Direção musical de Edson Frederico. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). hoje, às 18h e 21h. Ingressos, a Cr$ 300, e vesp. a Cr$ 300, e Cr$ 150, estudantes.

SAUDADE DO BRASIL — **Show** da cantora Elis Regina com participação de 11 atores e bailarinos e acompanhamento da banda formada por Cesar Camargo Mariano (teclados), Sérgio Henriques (teclados), Nonô (trumpete), Faria (trumpete), Bangla (sax), Lino Simão (sax), Paulo (flauta), Chiquinho Brandão (flauta), Chacal (percussão), Natam (guitarra), Kzam (baixo), Bocato (trombone) e Sagica (bateria). Dir. Ademar Guerra, dir. musical e arranjos de Cesar Camargo Mariano, coreografia de Marika Gidali, figurinos de Kalma Murtinho, cenário de Marcos Flaksman e programação visual de Carlos Vergara. **Canecão**,, Av. Wenceslau Brás, 215 (295-3044 e 295-9747). Hoje, às 20h30m. Ingressos a Cr$ 400.

REVISTA

GAY GIRLS — Revista musical com Nelia Paula, Verusko, Maria Leopoldina, Ana Lupez, Theo Montenegro, Stella Stevens e La Miranda. **Teatro Alasca**, Av. Copacabana, 1241. Hoje, às 21h30m. Ingressos, a Cr$ 200 e Cr$ 150, estudantes.

MIMOSAS ATÉ CERTO PONTO Nº2 — **Show** de travestis, com texto e direção de Brigitte Blair. Com Marlene Casanova, Camile, Alex Mattos e outros. **Teatro Serrador** (R. Senador Dantas, 13 — (220-5033). Hoje, às 18h, 21h. Ingressos a Cr$ Cr$ 200.

Hoje, último dia do *show Zumbido* do cantor e compositor Paulinho da Viola

Dança

BALÉ DALAL ACHCAR — Espetáculo de balé clássico e moderno, com a participação da Associação de Balét do Rio de Janeiro. Bailarina convidada: Marlene Bellardi. Programa: **Pas de Six**, música de Drigo, coreografia de Dalal Achcar, **Messias**, música de Haendel e coreografia de Gilberto Motta, **Morte do Cisne**, música de Saint Saens, coreografia de Fokine, **Pas de Trois Camponês**, música de Adam, coreografia de Desmond Doyle e outros. **Cine-Show Madureira**, Rua Carolina Machado, 542. Hoje, às 10h. Ingressos, a Cr$ 50. Promoção do JORNAL DO BRASIL.

BALÉ NACIONAL DO SENEGAL — Apresentação do balé folclórico composto por 43 artistas. Programa: **Féerie Africaine**, concebido por Maurice Senghor, realizado por Mamadou M'Bayer e Abdu Mamadou Diouf. **Sala Cecília Meireles**, Lgo. da Lapa, 47. Hoje, às 17h e 21h, às 21h. Ingressos a Cr$ 500, Cr$ 400 e Cr$ 300.

José Carlos Oliveira

SEVERINA, CAMPEÃ E MÁRTIR

SILKI, o faquir, ao sair da urna estava 30 quilos mais magro. Mas batera o recorde mundial de jejum, após passar 115 dias encerrado numa gaiola de vidro, em companhia de algumas cobras.

O professor Calcutá, presidente do Comitê Internacional dos Jejuadores Olímpicos (CIJO), e o Comandante Biafra, perito mundial em fomes prolongadas, ajudaram a tirar o faquir de sua reclusão pública e, solenemente, diante dos microfones e filmadoras, preparavam-se para homologar o recorde.

De repente, surgiu no local o cearense Magriço Seco e contestou a vitória de Silki.

— Mas como pode ser contestada — perguntou o professor Calcutá — se a marca acaba de ser alcançada?

— Além do mais — ajuntou o Comandante Biafra — não temos notícia de que em qualquer outro lugar do mundo, aém de São Paulo, esteja sendo realizada prova semelhante. Esse Magriço Seco está querendo tumultuar.

— Não quero tumulto — afiançou Magriço Seco. — A única coisa que me interessa é ver a justiça triunfar.

— Por Deus, por Deus! — gemia Silki, algo afetado. — Preciso iniciar imediatamente a minha alimentação de soro e papinhas. Estou em agudo estado de desnutrição.

— Tudo bem, tudo bem — disse o presidente do CIJO. — Você já vai para o hospital. Mas antes precisamos esclarecer esse mal-entendido. Levará no máximo cinco minutos.

— Certo — volveu o Comandante Biafra. — Não podemos homologar o seu recorde enquanto não tivermos certeza de que Magriço Seco está mentindo.

— Mentira é coisa que desconheço — declarou Magriço Seco. E exibiu seus documentos: — Vejam, vejam, e me digam se não estou com a razão.

Os documentos a que se referia eram fotos tiradas na cidadezinha de Aracatiaçu, distrito de Sobral, no Ceará. Fotos de 36 crianças, tiradas desde o primeiro e até o último dia em que se entregaram ao jejum absoluto, tendo como testemunhas deste feito suas respectivas famílias e demais moradores do local.

— Mas essas crianças são todas faquires e faquiresas? — perguntou o professor Calcutá.

— Todas — afirmou Magriço Seco.

— Eu não sabia que o faquirismo estava tão adiantado no Brasil. Isso é bom. Mas me diga uma coisa: todas essas crianças conseguiram ultrapassar a marca dos 115 dias, batendo assim o recorde agora estabelecido pelo famoso Silki?

— Não — informou Magriço Seco.

— Umas desistiram no primeiro mês. Outras chegaram a 35 dias, 42, 67... Enfim, apenas a pequena Severina Fominegra, de sete anos de idade, alcançou a marca dos 115 dias, igualando-se a Silki, e continuou jejuando. Precisamente ontem ela completou 118 dias sem comer absolutamente nada.

— Mas essa criança é um assombro!

— Não tenho a menor dúvida — disse Magriço Seco.

— Neste caso — ponderou o Comandante Biafra — vamos ao Ceará. Examinaremos a competidora, interrogaremos as testemunhas, convocaremos autoridades idôneas (médicos, dietistas, etc.) e, se for confirmado o que você diz, proclamaremos Severina Fominegra a nova campeã mundial de jejum, a maior campeã olímpica da fome, em todos os tempos.

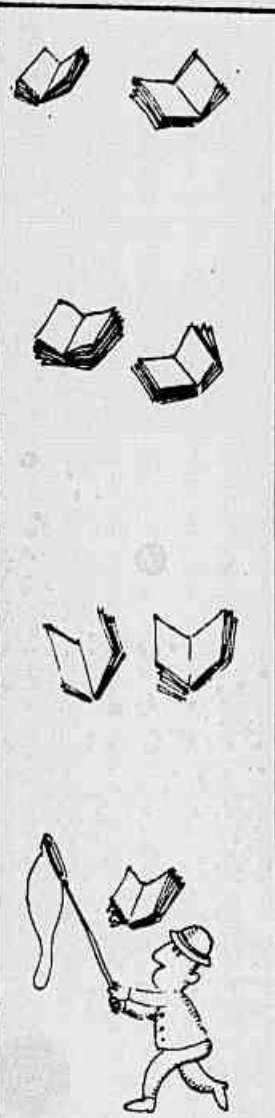
— As testemunhas, os médicos, os dietistas estão lá, esperando pelos senhores — respondeu Magriço Seco. Só a campeã é que nada poderá dizer. Ela morreu no 119º dia, 14 horas após dar por encerrada a sua experiência.

— Fantástico! — comentou o Professor Calcutá. — Entrará na história das competições esportivas como "Severina Fominegra, campeã e mártir"!

— Não posso aceitar isso — reagiu Silki. — Há anos que me preparo para esta grande prova.

— Os fatos são os fatos, pobre rapaz — disse o Comandante Biafra.

— Mas aquela menina — insistiu Silki — aquela Severina Forminegra de Aracatiaçu, deve ser profissional. Eu sou amador. Todo mundo sabe que os verdadeiros campeões olímpicos devem ser amadores puros.

— Ela era profissional? — perguntou o Comandante Biafra.

— Não. Amadora pura — afirmou (e comprovou com documentos) o enviado cearense Magriço Seco.

— Lamento, Sr. Silki, conclui o Professor Calcutá — mas a medalha de ouro, o troféu de prata, o diploma de homologação do seu recorde será entregue, por ser de direito, à pequena Severina Fominegra do Ceará.

Foi assim que esse povoado abscuro, Aracatiaçu, ganhou o direito de ocupar para sempre um lugar de destaque na história das grandes competições esportivas realizadas no mundo. Muitos anos se passarão até que outro campeão ultrapasse a fantástica marca de Severina Forminegra: 118 dias sem comer absolutamente nada!

O Brasil pode orgulhar-se de sua nova campeã. A ela se seguirão outros atletas, de ambos os sexos. Em Aracatiaçu, em 100 crianças, 99 aprendem a jejuar desde o dia em que nascem. Agora que uma delas teve o seu mérito reconhecido internacionalemnte, as outras farão o possível para continuar sobrevivendo cada vez mais tempo, até alcançar, ou se possível utrapassar a marca dos 118 dias.

Com justo orgulho cívico, quero gritar daqui: — Viva Severina Fominegra! Viva as crinças de Aracatiaçu! Viva o Ceará, celeiro de campeões! Viva o Brasil!

LIVRO

SÁBADO
CADERNO B

JORNAL DO BRASIL

LIVRO

SÁBADO
CADERNO B

JORNAL DO BRASIL

ESPECIAL

TERÇA, 11HS. DA NOITE.

Patrocínio da sua

CADERNETA DE POUPANÇA

Poupe.
Conquiste uma vida melhor.

ELZA SOARES

"Eu sou a própria imagem da mulher brasileira. Sou a que faz tudo aquilo que as outras gostariam de fazer mas não têm coragem".

RÁDIO JORNAL DO BRASIL AM 940 KHz

Encontros e Desencontros

PROIBIDO ATÉ 14 ANOS

RESGATE SUICIDA

ROGER MOORE
JAMES MASON · ANTHONY PERKINS em "NORTH SEA HIJACK"
MICHAEL PARKS · DAVID HEDISON
14 ANOS TECHNICOLOR

LS · CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO

MOMENTO DE DECISÃO / ART-NOUVEAU — A LENDA DO AMOR NA CHINA / A LENDA DO QUATIPURU (INÉDITO) — VENDAVAL / NOITES — A INGLESA ROMÂNTICA / LINGUAGEM MUSICAL — A REVANCHE DOS DISCÍPULOS DE SHAOLIN (INÉDITO) / O MILAGRE DE IEMANJÁ — OS 7 GATINHOS

Prêmio da Crítica Internacional no Festival de Cannes
Cinco prêmios no Festival de Gramado
Aplaudido no Festival de Berlim

GAIJIN
CAMINHOS DA LIBERDADE

Uma história de amor e esperança

Antônio Fagundes, Kyoko Tsukamoto, Gianfrancesco Guarnieri, Louise Cardoso, Carlos Augusto Strazzer — Um filme de Tizuka Yamasaki — Produção CPC — colorido — 14 anos — EMBRAFILME

HOJE — HORÁRIOS 2.30-4.50 7.10-9.30

VITÓRIA · ROXY · OPERA · CARIOCA · SANTA ALICE · MADUREIRA · ROSÁRIO · VITÓRIA · CENTRAL · BRASIL — AMANHÃ

NÃO DEIXE SEU MARIDO ASSISTIR ESTE FILME SOZINHO.

O CONVITE AO PRAZER

18 anos colorido

"Mais ousado que EMMANUELLE"

um filme de WALTER HUGO KHOURI

SANDRA BRÉA · HELENA RAMOS · ROSSANA GHESSA · KATE LYRA · ROBERTO MAYA · ALDINE MULLER · SERAFIM GONZALES · PATRICIA SCALVI

LS · CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO

GLORIA VANDERBILT LUTA NA JUSTIÇA PELO DIREITO DE SER VIZINHA DE HENRY KISSINGER

Beatriz Schiller

Correspondente

NOVA IORQUE — As finanças de Henry Kissinger e de outros proprietários de apartamentos no edifício River House, na Rua 59, serão vasculhadas pela Comissão de Direitos Humanos da Corte de Justiça de Nova Iorque. Os respeitáveis moradores foram citados judicialmente para revelar a sua situação financeira porque recusaram a Gloria Vanderbilt o direito de comprar um apartamento dúplex no edifício de luxo, alegando que ela não tem condições de se manter em uma propriedade tão cara. Gloria Vanderbilt, no entanto, afirma possuir 7 milhões de dólares à mão, e que este valor deve atingir os 20 milhões em 1982. O seu advogado mostrou provas, confirmando essas afirmações. O preço do apartamento atinge 1 milhão e 100 mil dólares e com as provas de que ela possui mais do que essa quantia, resta a sua alegação de que foi recusada no prédio por ser amiga do cantor negro Bobby Short, famoso pianista em Nova Iorque.

Pelo sistema norte-americano de propriedade, não se compra propriamente um apartamento, mas ações da cooperativa ou corporação em que se constitui cada edifício de moradia. Através da compra de ações, o proprietário adquire o direito de habitar uma unidade do edifício que, como qualquer corporação, tem um corpo de diretores que vota novas aquisições.

A estratégia da Comissão de Direitos Humanos da Corte de Nova Iorque é a de solicitar aos membros da cooperativa do edifício River House que comprovem possuir mais dinheiro do que a Sra Vanderbilt. Se esta superioridade for verificada, o juiz poderá aceitar a alegação dos atuais moradores do prédio. Mas em caso contrário, se ficar esclarecido que são razões racistas que impedem a compra, o caso será levado aos tribunais, já que a Constituição dos Estados Unidos não permite discriminação de raça ou cor.

— Solicitamos à corporação do River House o fornecimento desses dados — afirma o conselheiro da Comissão de Direitos Humanos, Alan Serrins — mas até agora não recebemos a cooperação que esperávamos."

As intimações judiciais também obrigam os dirigentes da corporação do River House a enviar à Comissão de Direitos Humanos da Corte de Justiça de Nova Iorque as atas e documentos relativos a outros moradores aprovados no passado como compradores e que hoje vivem em propriedades no mesmo prédio. Entre eles estão o ex-Secretário de Estado Henry Kissinger, e o advogado Myron Sparber, de vida profissional conturbada e que em 1962 foi expulso da ordem dos advogados por ter tentado "influenciar" uma testemunha para favorecer ao médico, a quem defendia, de ação de uma cliente que pedia 2 mil 500 dólares de compensação por erro médico.

O advogado de Gloria Vanderbilt, Thomas Anfrews, considera impossível que o ex-professor e ex-Ministro de Estado Henry Kissinger tenha a mesma quantia financeira de sua cliente. Seus cálculos se baseiam numa simples constatação: os salários médios dos professores e o salário de um Secretário de Estado. E se o problema, por outro lado, for analisado do ponto-de-vista da respeitabilidade da Sra Vanderbilt, lembra que sua cliente trabalha na área de moda, e que o fato de ser amiga de um homem de cor, ambos de passado limpo, não é razão para impugná-la. Lembra ainda que outro morador do River House, o advogado Myron Sparber, além de ter perdido o direito de advogar, foi sentenciado a prisão por um período entre 18 e três anos.

— "Fiquei atônito ao descobrir que o mesmo corpo de diretores do prédio que recusou a Glória Vanderbilt o direito de morar no edifício, aprovou a compra de apartamento por Myron Sparber, comenta Thomas Andrews.

Mas a advogada do River House, Marion Epley explica que os diretores do edifício recusaram a Gloria Vanderbilt o direito de adquirir o 24º andar por duas razões: "A primeira se refere à manutenção da privacidade de seus moradores. A publicidade que Gloria Vanderbilt traria a River House não é bem-vinda. E a segunda está ligada a nossa preocupação com as suas finanças." Mas Gloria Vanderbilt contesta imediatamente: "Estão negando-me a compra em conseqüência da minha amizade com o pianista popular Bobby Short, que é negro."

O luxuoso River House, na Rua 59, em Nova Iorque, é o centro de uma polêmica que envolve Gloria Vanderbilt, Bobby Short e até o ex-Secretário Henry Kissinger

Gloria Vanderbilt é categórica: "Estão me negando a compra em conseqüência da minha amizade com o pianista negro Bobby Short"

Para tentar ajudar a amiga, Bobby Short declarou que não sabe a razão de tanta polêmica. "Não me vou casar com Gloria, portanto não morarei lá." Mas basta a possibilidade de que ele a visite para tornar Gloria indesejável aos moradores de River House. De qualquer forma é positivo que a Justiça norte-americana demonstre lealdade aos princípios da Constituição e ao cumprimento da lei. Como o racismo é proibido por lei, somente se ficar provado que Gloria Vanderbilt é menos rica do que seus potenciais vizinhos é que poderá ser recusada.

Fotos de Ari Gomes

UM MITO QUE CAI AO CHÃO

Suzana Braga

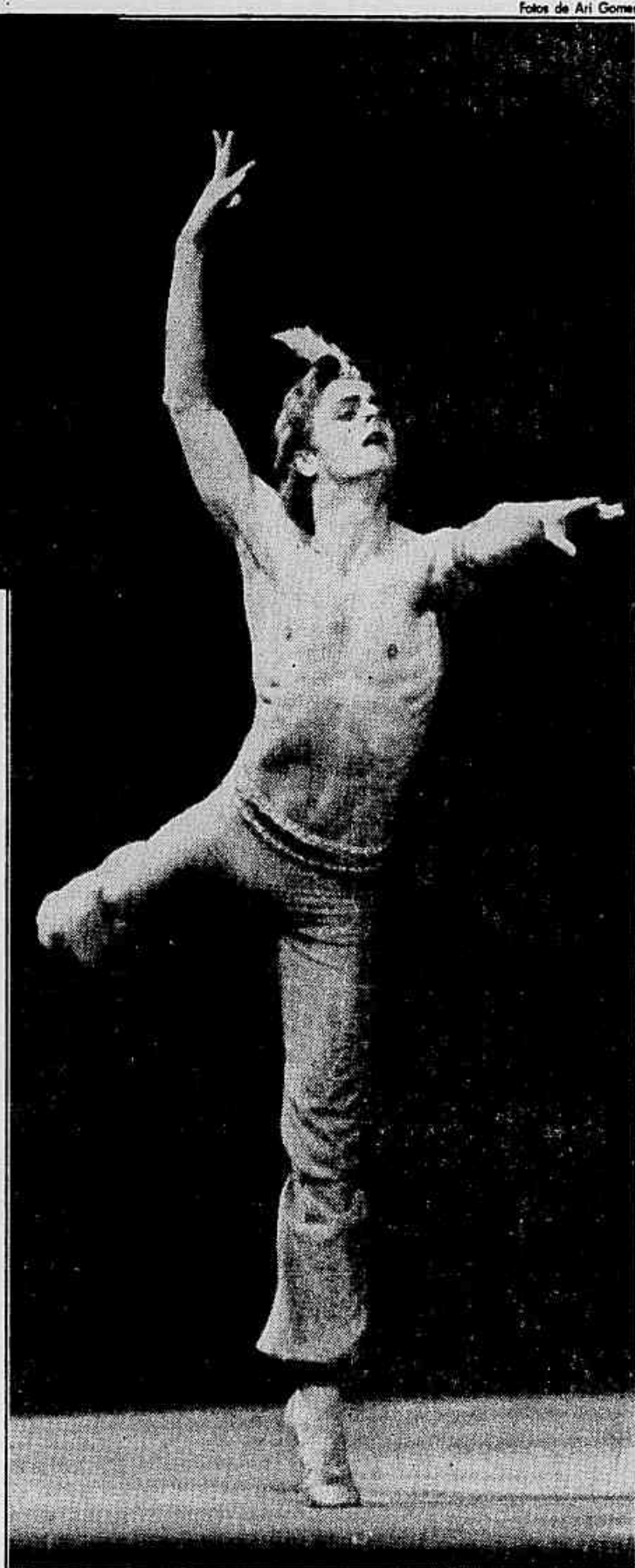
FOI triste a estréia de Baryshnikov, na quarta-feira, no Teatro do Hotel Nacional. Triste, no sentido de que cerca de 2 mil pessoas se prepararam, se engalanaram, gastaram entre Cr$ 2 mil e Cr$ 6 mil na expectativa de assistirem ao ás da dança e encontraram não o superbailarino esperado, mas um mito que cai ao chão.

Mikhail Baryshnikov estava em noite infelicíssima, sem resistência, não indo além de um **trailer** para a aflita platéia que chegou a prender a respiração quando o bailarino quicou, segurou o pé, perdeu a música, quicou de novo e acabou por jogar a sapatilha para o ar, furioso. Acautelando-se, com um pé calçado e outro não (justamente o pé em que depositava o peso do corpo ao final dos saltos), o resto de sua variação de **O Corsário** foi um arremedo com toques de sofisticação. Mas o espetáculo da platéia não foi menos emocionante. O público se mostrava irreverente nas suas observações. Uma senhora, por exemplo, conversava com outra aos cochichos, sendo alertada: "psiu, estamos vendo uma obra de arte." Observação a que ela respondeu: "quando a arte que está no palco não dá para ser vista, a melhor maneira da gente se distrair e não reclamar do dinheiro gasto é encontrando uma boa conversa." E conversas não faltaram. Já no início do espetáculo, quando anunciaram que seria proibido o uso de **flashes**, uma outra senhora, também muito dignamente, comentou em voz alta. "Engraçado, não pode **flashes**, mas não proibiram os rádios de pilha que os cavalheiros estão escutando, sigilosamente, no bolsinho do paletó." Na verdade, não foram poucos os rádios na platéia, já que grande parte dela desejava acompanhar a partida Flamengo e Atlético. Por sorte, não explodiu nenhum gol do Flamengo, caso contrário, talvez Baryshnikov voasse no palco não de maneira habitual.

No bar do saguão do teatro, o novelista de televisão Gilberto Braga, contrariado comentava: "Jurei que nunca mais na minha vida assistiria a um espetáculo com fita, sem estrutura...". "Mas o Béjart também foi com fita", exclamou a atriz Martha Rossman. "Ora, Béjart é Béjart", replicou Gilberto em uma conversa que já estava atraindo uma rodinha. "Não precisa chegar tão alto falando só em Béjart e Alvin Ailey. O Ballet de Stuttgart ofereceu uma temporada bem mais simples mas que achei corretíssima." Ao seu lado a atriz Theresinha Sodré tomava um refrigerante alheia ao balé que se desenrolava na sala de espetáculos. Gilberto continua falando: "Acho válido que ele (Baryshnikov) queira ganhar dinheiro, que faça esse tipo de espetáculos, da mesma forma que acho válido Márcia de Windsor animar festas de debutantes no interior..." Um senhor aparece quase correndo e o garçon aflito tenta servir a bebida." Nada disso, quero saber o resultado do jogo."

Na platéia, Vilma Vernon observa: "Acho pouco o que ele dança, é como um relâmpago, a gente começa a tomar o gostinho e é como se nos arrancassem o prazer de vê-lo mais." Desirée Doraine, bailarina do Teatro Municipal, está encantada: "Baryshnikov é sempre uma maravilha, estou deslumbrada, que grande bailarino..." Mas não é bem essa a opinião de duas outras pessoas que discutem: "Ora, de que adianta uma feijoada para a gente tentar catar dois grãozinhos de caviar".

À saída, as sedas e os brocados estavam bastante amassados, depois de duas horas sentados não muito confortavelmente, e nem passariam tão impávidos pela generosa guarda montada nas portas, fantasiada de qualquer coisa parecida com soldadinhos de chumbo ou de membros do exército de D Maria I. As recepcionistas da profissional Ana Maria Tornaghi eram facilmente identificadas pelo uniforme azul-marinho com listas brancas, desenho exclusivo de Courrèges, e pelo bom trato que davam à assistência.

Sobrando a decepeção, restava ao público apenas a confraternização, não pelo frustrado balé, mas pelo fracasso do Flamengo.

Baryshnikov se apresentou mal na noite de estréia mas no segundo espetáculo superou seu aparente desinteresse e dançou como sempre faz, com garra e entusiasmo

ATÉ O BRILHO FALTOU

O pas-des-deux de O Corsário *transcorreu bem — se não considerarmos o incidente da sapatilha — mas sem grandes brilhos. Zhandra Rodrigues apresentou uma bela variação e, na coda, Baryshnikov ainda não refeito do incidente, diminuiu quantitativamente suas piruetas. Mas foi em* Romeu e Julieta *que os bailarinos conseguiram afinar-se melhor, apesar da péssima qualidade do som e da luz que deixava, invariavelmente, Julieta no escuro. É uma peça de grande beleza que agora, com os dois mais entrosados, atingiu uma boa qualidade, salvando em parte a noite. Baryshnikov mostrou o seu virtuosismo habitual e sua atuação escapou apenas por sua bela presença como Romeu e pelo exagero de erotismo, o que causou suspiros incontroláveis nas adolescentes da platéia.*

No final, Zhandra Rodriguez (que fez uma bela Julieta) tinha a noite ganha. A platéia ficou conquistada pela bailarina venezuelana, deixando Misha no segundo plano, fato que deve tê-lo irritado. A sua fisionomia ao agradecer os aplausos não parecia das mais felizes.

Há ainda a ressaltar, em relação a O Corsário *e* Romeu e Julieta, *que o espetáculo de estréia do Hotel Nacional foi o mais deficiente de todos os apresentados até então. Tanto como infra-estrutura empresarial como pela queda de ritmo dos bailarinos que, já em São Paulo (especialmente Baryshnikov), não era dos melhores. E na noite de quarta-feira foi a primeira em que Baryshnikov não recebeu, ao entrar no palco, uma onda de aplausos.*

O Balé da Fundação Clóvis Salgado de Minas Gerais, que apresenta dois números complementando o programa, continua errando. Estafou o público mesmo se vendo livre dos horríveis cenários que acompanham Les Silphydes *e* Concerto de Mozart. *A companhia está tão mal traçada, mal esquematizada, que não poderia tentar balés de repertório tradicional ou se arriscar em coreografias malabaristicamente difíceis. A linha seriam balés simples, inteligentes, que disfarçassem as deficiências e tirassem proveito das qualidades existentes. Infelizmente foi digna de pena a apresentação dos mineiros, principalmente sabendo-se agora que eles também são prejudicados pela falha organização.*

À MESA, COMO CONVÉM

NINO

Rua Domingos Ferreira 242-A Tel 255-9696

● ● ● ★★★

Apicius

O pessimismo que, em minha alma, cresce como um **champignon** venenoso por mais que me belisque e me esforce, não acredito neste país, mesmo!... talvez tenha-me feito injusto com Búzios. Mais olhei para alguns defeitos que para dezenas de qualidades. Perdoem-me as pedras e os peixes e as praias também. Mas é que mal acordo para os prazeres deste maio que anda esplendoroso e meus olhos, viciosos, pousam nas páginas dos jornais. E neles o Brasil que leio é igualzinho ao faquir Silki que passou 115 dias deitado em leito de pregos, sem comer e cercado de serpentes. Das quais uma, para cúmulo de maldade, insistia em mordê-lo.

Mas deixemos de lado as tristezas. Os pregos e as cobras não me tentam (embora há quem diga que algumas delas, quando bem-feitas, podem ser saborosas.) Prefiro outros móveis. Entre eles as cadeiras de alguns restaurantes. E, aproveitando que há tempos não via a Sra M.D., convidei-a para jantar no Nino.

Há muito que não ia ao restaurante. E, relendo minhas memórias antigas, vi que, das últimas vezes que lá fui, sempre gostei mais das anteriores. Talvez saudades do tempo que passa e faz da memória sutil tempero. Não sei. O fato é que o restaurante é amável, o serviço, perfeito e a comida, quase sempre decente. Por sorte, na noite em que lá fomos, havia poucas pessoas conhecidas e não faziam barulho. Podia-se até — juro que é verdade! — falar sem usar megafone, aparelho cada vez mais indispensável na noite carioca. Enquanto bebíamos lentamente nosso **whiskey-sauer**, a Sra M.D. e eu passeávamos nossos olhos sem guia pelo cardápio. Tão amenos estávamos que nem chegamos a falar mal da vida alheia. Ou melhor: só falamos um pouco e unicamente de pessoas mais íntimas.

Deteve-se a Sra M.C. em um badejo **Lonette**. Estava bom. Nem demais nem de menos. Correto, sem dúvida, mas anônimo. Um desses badejos que a gente encontra na esquina, cumprimenta (aos badejos é de praxe fazê-lo com a cabeça, sem tocar-lhe as guelras) e fica-se perguntando "de onde será que o conheço?" Embora se dedique a tarde toda à pergunta, nunca se acha a resposta. Pois era assim nosso badejo.

Quanto a mim, fui ainda mais comedido. Pedi um **grapefruit**, pois é época deste amável fruto. Em seguida, encomendei umas rãs. Já nesta ocasião, ajudado pelo passar do tempo e predisposto a alguma gula, olhei com conscupiscência para os bichinhos. Olhar, no entanto, foi meu único prazer. Estavam duras, sem graça, sequinhas. Deveriam pertencer a uma espécie de rãs mumificadas. Asseguraram-me que de excelente família. Não duvido que possam ser convidadas para chás ou obras de beneficência sem envergonhar quem as convida. Mas para serem comidas...Aconselho o item seguinte do cardápio. Seja ele qual for.

Embora tenha eu deixado parte das rãs no prato, não entusiasmei-me a pedir outro. Os ranzinzas animais saltadores me espantaram o apetite.

Fomos então às sobremesas. Torta de nozes para a Sra M. C. e de chocolate para mim. Decentes ambas.

Pergunte-me agora o leitor se o jantar estava bom. Estava, apesar da comida. E mesmo esta — como a única exceção das rãs durinhas — não se prestava a nenhuma crítica extrema. Era razoável e decente do princípio ao fim. Por que dizer então que estava bom o jantar? Porque era no Nino. Lá é bom de se estar. O serviço, inalteravelmente atencioso. O bar, de uma honestidade suíça. E a comida — pois, afinal de contas, é a comida que faz um restaurante — mantém-se agora, como há já muitos anos — em um bom nível. Não duvido que, algumas horas antes ou depois, as rãs estivessem bem mais comíveis. Como não duvido que, no cardápio, talvez se escondesse — já não digo uma rara iguaria — mas algo de até muito prazeroso. Em noites, como a em que lá fomos, de pouca gente, ou em almoços tardios, o ambiente tem aquele ar simpático dos velhos cachorros que abanam o rabo.

Em suma, leitor: já não dá mais para te esconder. É uma questão pessoal: gosto do Nino. Gosto com o coração. Já com a boca, se insistires em parecer mais preciso, usarei eu da terminologia de um economista, divagando sobre a importância das consoantes nas siglas dos partidos. Disse ele que o T é uma consoante lingodental apical explosiva. Já o pobre D não passa de uma dental pranda. Quanto ao N do restaurante em questão, andei eu consultando as autoridades mais competentes. Disseram-me elas que trata-se de uma consoante labial branda. Está, pois, tua pergunta respondida.

Aberto todos os dias para almoço e jantar. Aceita cheques e cartões de crédito.

COTAÇÕES

Cozinha: ★ ruim; ★★ regular; ★★★ boa; ★★★★ muito boa; ★★★★★ excelente. Ambiente: ● confortável; ●● muito confortável; ●●● superconfortável; ●●●● luxo; ●●●●● muito luxo.

TELEVISÃO &RÁDIO

Cartas

Invasão

Sou um grande apreciador dos programas da RÁDIO JORNAL DO BRASIL, que procura dar a seus ouvintes o que há de melhor em música e notícias, bem apuradas e de interesse geral. É muito lamentável que esta organização jornalística não tenha uma TV para brindar seus espectadores com programas úteis, alegres e sadios. Infelizmente, tanto a TV Globo quanto a TV Tupi apresentam cenas, até de anúncios, que não deveriam de forma alguma invadir uma casa de família. Até o humorismo, que tais estações apresentam, é de péssima qualidade, grosseiro e vulgar, ferindo a visão e a audição do espectador mais sensível.

Um programa do **Canal 4** que se apresentava, até bem pouco tempo, razoável e de certo humor político, passou ultimamente a uma triste exibição de um palhaço gordo e de algumas mulatas de procedência duvidosa.

Até quando seremos obrigados, nesta cidade que dizem ser a mais culta do Brasil, a receber em nossas casas tanta vulgaridade, tanta baixeza e tanta grosseria produzidas e esparramadas pelas estações de TV (**Silvino de Vasconcelos — Campo Grande — Rio de Janeiro**)

Sugestão

Permita-me, como telespectador, dar uma sugestão aos senhores que dirigem os canais de televisão, principalmente a TV Globo e a Tupi. A Globo, nos gols do **Fantástico**, deveria informar a quantidade de público presente e a renda da partida. Achei linda a abertura do **Carga Pesada**, mas lamento profundamente que os episódios estejam diretamente ligados à violência. A vida dos camioneiros não está sempre ligada à violência. Eles têm episódios lindos. Valeria à pena se fazer uma pesquisa. Os próprios camioneiros poderiam colaborar.

Quanto à TV Tupi, o programa **Aqui e Agora** deveria informar sobre assuntos pendentes como no dia em que Sr Flávio Cavalcanti foi convidado a comparecer e a dar uma explicação sobre a **Ave Maria**. Não apareceu e ficou por isso mesmo. Um índio deu uma resposta à senhorita Cristina e só o Sr Leite Mendes foi solidário no ar com a entrevistadora. Por que o programa não procura saber e informar porque o índio não tem barba? Acho que o assunto é pitoresco e interessa ao público. Em suma, o programa deveria informar sobre todos os assuntos pendentes.

Gostaria também que as discussões entre o Sr Leite Mendes e o Sr Wagner Montes cessassem definitivamente. Está provado que isso não é bom para o programa. O Sr Leite Mendes, apesar de toda a cultura, vai acabar se aborrecendo no limite de tolerância suportável e sairá do programa. Se isso acontecer, não veremos mais a Tupi. A **Ave Maria** ficaria mais bonita se, após as belas palavras introdutórias do Sr Hilton Franco, fosse rezada, aparecendo apenas a imagem de Nossa Senhora e a voz do diretor.

Desculpe-me, mas acho que toda sugestão é válida, mesmo sendo absurda. **José Luiz Oliveira — RJ**

Protesto

Acabo de ver, num misto de indignação e tristeza, um programa da TV-E intitulado **Cartas Filmadas**. São três curtas-metragens: um brasileiro, um iraniano e outro alemão. No brasileiro, é difícil imaginar algo mais deseducativo: trata-se de um menino de favela que vai para as matas da Gávea caçar micos. Diz ele, no princípio, que é para comer, mas o apresentador me parece assaz bem-nutrido, não precisando destruir a fauna para se alimentar. Ele mostra toda a técnica de caça aos micos, que consiste em encher uma garrafa com grãos de milho, bananas e colocá-la amarrada a uma árvore. O menino se coloca num galho mais alto à espreita e consegue pegar o pobre animal, atraído pelo alimento, com um pano.

Como os que vêm de camadas sociais mais ignorantes, o menino fala um português eivado de erros, horroroso. Sei que isso é a realidade, pois não seriam formas camonianas as que ele usaria. Mas então por que a TV, que se diz **Educativa**, exibe tanto este mal do **malfalar**?

O filme iraniano, igualmente, apresenta um insosso mico fazendo gracinhas para algumas crianças. Quanto ao alemão, que começa como o iraniano, anima as crianças a terem um mico aprisionado e diz que no Brasil pode-se comprar um por Cr$ 2. E acrescenta: "O transporte é que sai caro!".

Realmente, um programa entristecedor! Será que este meu protesto poderia ser transmitido à direção da TV-E? **Vera Sauer (RJ)**

A MARATONA OLÍMPICA DA TV BRASILEIRA

De 19 de julho a 3 de agosto — as duas semanas em que se realizarão os Jogos Olímpicos deste ano — um pequeno exército de profissionais da TV Globo (22 narradores, repórteres, redatores, técnicos e coordenadores) estará ocupando o 23º andar do Hotel Cosmos, em Moscou, transformado em quartel-general de uma das mais difíceis e onerosas operações já efetuadas pela televisão brasileira em termos de cobertura esportiva.

— Mas, por favor, não me pergunte quanto estamos gastando — adverte Ciro José, diretor da Divisão de Esportes da Globo e um dos comandantes da operação. Na advertência, fica claro que ele prevê o espanto que poderiam causar as cifras já investidas ou ainda por investir.

Cifras, de resto, difíceis de precisar, já que alguns cálculos dependem do que acontecerá em Moscou. Por exemplo: quem pode prever quantos minutos de satélite serão realmente utilizados, sabendo-se que o Brasil pode surpreender em alguns esportes, aumentando assim o interesse do telespectador por esses esportes e o próprio tempo de transmissão?

O importante é que a operação é mesmo onerosa (Ciro José não informa, mas é certo que ela custará bem mais do que os 3 milhões de dólares gastos pela Globo na Copa do Mundo de 1978 e bem menos do que os 100 milhões que a NBC pretendia gastar com a cobertura exclusiva para os Estados Unidos, antes do boicote). Onerosa e difícil.

— Uma Olimpíada é um evento gigantesco, envolvendo mais de uma centena de países e milhares de atletas — lembra Michel Laurence, editor de Esportes da Globo, responsável pela retaguarda olímpica.

O fato é que, para o pequeno exército, os Jogos de Moscou são mesmo uma decisiva guerra profissional. Uma guerra que não se limita às duas semanas que vão da cerimônia de abertura à festa de encerramento. Na verdade, como revela Ciro José, a operação teve início há quase dois anos, assim que terminou a Copa do Mundo na Argentina. Desde então, planos foram traçados, contatos feitos, reuniões e mais reuniões, até que finalmente o plano de ação foi definido, há seis meses, seguindo-se a escolha dos 22 profissionais que irão a Moscou para o trabalho **in loco**. Antes, porém, houve os entendimentos para a compra dos direitos de transmissão dos Jogos para o Brasil, feita junto à televisão estatal soviética, através da Organização das Televisões Inter-Americanas (OTI). A Globo, no Rio, e a Cultura, em São Paulo, são as únicas redes brasileiras que adquiriram esses direitos. Mas trabalharão cada qual por si.

— Em 1976 — recorda Ciro José — a imagem que transmitimos para o Brasil foi gerada pela CBC (Canadian Broadcasting Corporation). Mas fizemos um contrato paralelo com a ABC americana (American Broadcasting Company), obtendo assim filmes e **tapes** para enriquecer nossa cobertura. Desta vez, contudo, usaremos apenas as imagens da televisão soviética, na parte das competições, e as nossas próprias em entrevistas, reportagens, comentários, programas fixos ou **flashes** ocasionais.

O que significa dizer que a desistência da NBC de fazer a cobertura dos Jogos em nada afetou o esquema da Globo.

— Antes mesmo do boicote, já sabíamos que nossa imagem seria gerada pela televisão soviética. Não tínhamos nada a ver com a NBC.

No momento, a Globo apresenta dois programas sobre os Jogos; um diário **Minuto Olímpico** (22h10m), outro semanal, **Olimpíada 80** (domingos, 11h45m). A partir de 19 de julho — quando será transmitida, ao vivo, a cerimônia de abertura — a programação muda:

1. Um boletim diário, às 12h45m, com quinze minutos de duração. Constará de entrevistas, análises, informações diversas.

2. Um bloco permanente dentro do **Jornal Nacional**, às 19h50m, com um tempo mínimo de cinco minutos, dedicado aos acontecimentos do dia, uma ou outra notícia de última hora.

3. Um grande boletim no fim da noite (horário ainda a ser definido), com duração de uma hora e balanço completo do dia.

4. Transmissão ao vivo ou em videotape, durante todo o dia, das provas mais importantes, em geral as finais de esportes coletivos, eventos com presença brasileira, competições clássicas de atletismo, natação etc. (a televisão soviética transmitirá literalmente todas as provas, cabendo a uma equipe da OTI, da qual fazem parte dois operadores e dois editores da Globo, o trabalho de edição final).

Ciro José fala dos 22 componentes da equipe, um dos quais ele próprio. Armando Nogueira será o supervisor geral, Luciano do Valle ficará na parte da narração e quatro outros profissionais — Fernando Vanucci, J. Havila, Monika Leitão e Marcello Matte — atuarão como repórteres e narradores eventuais. Luís Antônio Nascimento e Armando Augusto serão os editores de texto, completando-se a equipe com um coordenador geral (Leonardo Gryner), um coordenador (Teti Afonso) e mais o pessoal técnico: dois editores de TV, dois operadores, dois cinegrafistas e quatro operadores técnicos.

Uma equipe — e este é o seu maior desafio — em que a grande maioria vai a uma Olimpíada pela primeira vez. Ciro José está tranqüilo:

— Trata-se de uma equipe basicamente jovem, mas uma boa parte dela já se formou dentro da televisão.

Michel Laurence explica que, nos últimos seis meses, foram todos devidamente preparados para o tipo de cobertura que terão pela frente. Um preparo que vai da leitura exaustiva de um grosso manual (contendo tudo, inclusive os regulamentos de cada esporte olímpico e informações sobre os atletas) até aulas de russo, com noções elementares do alfabeto e do idioma.

Toda a televisão brasileira, a Globo, inclusive, foi muito criticada pela cobertura dos Jogos de 1976, nos quais, na verdade, nenhuma delas chegou a merecer sequer uma medalha de bronze. Este é outro desafio, embora Michel Laurence não coloque as coisas nesses termos:

— Estamos preparados para dar ao telespectador o melhor em matéria de cobertura olímpica.

Michel acredita que, durante as duas semanas de competição, a retaguarda trabalhará quase em regime de 24 horas por dia. As seis horas de diferença de fuso-horário entre Moscou e o Rio ajudam a cobertura (ao contrário do que aconteceu em relação a Montreal). Mas, mesmo assim, a retaguarda não poderá descansar.

O boicote americano tende a afetar o brilho dos Jogos, diminuindo o interesse do telespectador brasileiro? Ciro José diz que não.

— Em 1976, um dia antes de abertura dos Jogos, mais de 20 países africanos se retiraram, também por questões políticas. Entre os atletas africanos, todos sabem que estavam alguns dos melhores fundistas e meio-fundistas do mundo. E nem por isso as medalhas disputadas naquelas provas tiveram menor importância.

Mas Ciro acha que a presença brasileira no basquete e no vôlei, por exemplo, deve ser incentivada. E não apenas por interesse da televisão:

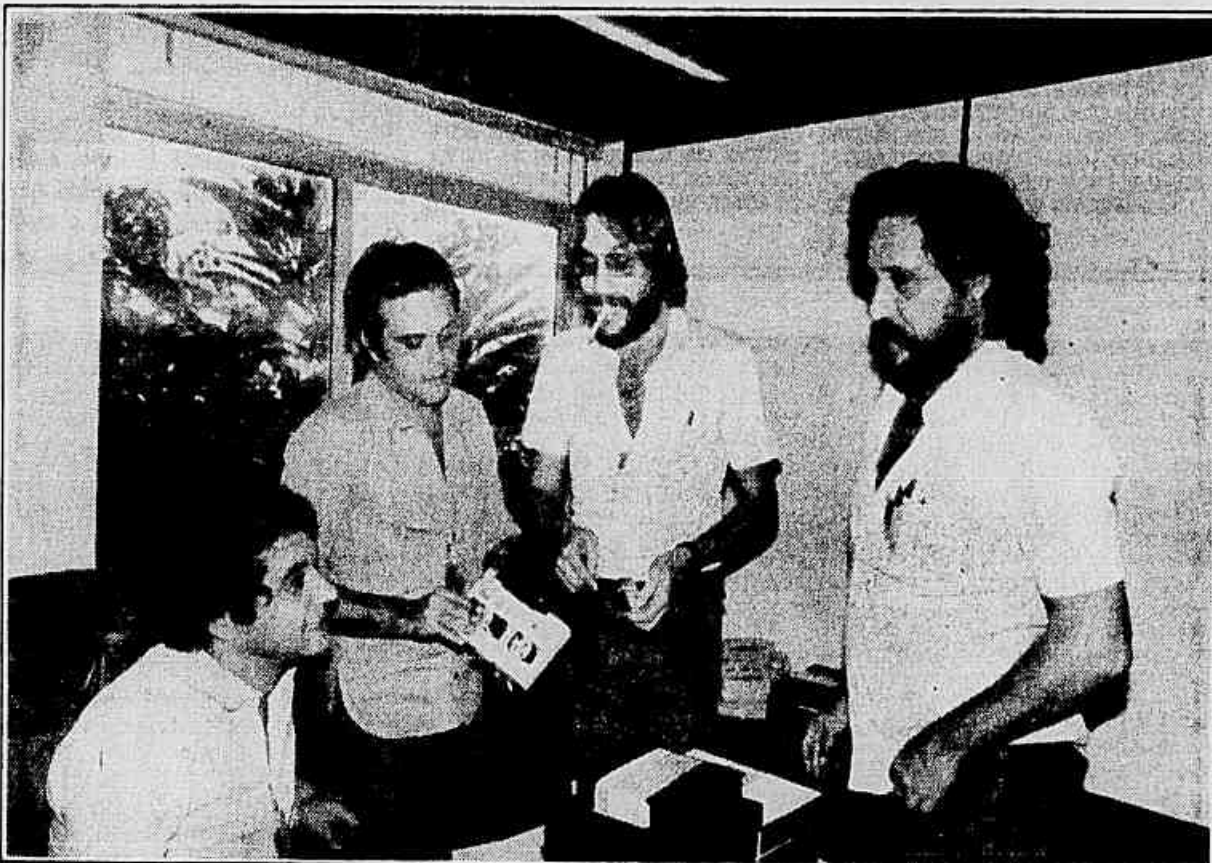
— Nossos esportes precisam competir a nível internacional. É o contato com países mais fortes que lhes dará experiência.

Para Ciro José, a cobertura olímpica da Globo é apenas uma etapa de um trabalho bem mais amplo:

— Lembra-se de Nadia Comaneci em Montreal? Suas atuações acabaram despertando no público brasileiro o interesse pela ginástica , até então um esporte pouco conhecido entre nós. Nosso objetivo é usar os Jogos Olímpicos como motivação, despertando o interesse do brasileiro por outras modalidades, além do futebol, e criando assim um novo público para o esporte amador.

São quatro os patrocinadores olímpicos da Globo: Kolynos, Coca-Cola, General Motors e Topper. Mais uma vez Ciro José passa por cima da questão das cifras. Isso é com o "departamento competente", ao qual já se sabe que será inútil recorrer: se nada se informa sobre gastos, muito menos se informará sobre faturamento.

Uma última palavra, desta vez sobre a televisão soviética. Ciro esteve com Leonardo Gryner em Moscou e garante que está tudo pronto para atender às necessidades de redes e emissoras visitantes. Diante do comentário feito pela revista **Time** — segundo o qual a televisão soviética ainda não conhecia a câmara lenta e os quadros parados — sorri:

— Não tem sentido uma afirmação dessa. A mais modesta televisão do mundo dispõe, há muito tempo, desses recursos. Quanto mais a soviética.

Ciro José, Fernando Vanucci, Leonardo Gryner e Michel Laurence, integrantes do *front* e da retaguarda olímpica da TV Globo

OS PATROCINADORES E O BOICOTE

São Paulo — O vice-presidente da McCann-Ericson do Brasil, Altino Barros, empresa que detém as contas de três dos quatro anunciantes da cobertura olímpica — General Motors, Coca-Cola e Kolynos — esclareceu que os contratos de publicidade com a Rede Globo de Televisão foram acertados em novembro do ano passado, "portanto bem antes do boicote proposto pelo Presidente Jimmy Carter".

Explicou que nenhuma das empresas de origem norte-americana envolvidas no contrato — General Motors e Coca-Cola — recebeu pressões de suas matrizes para abandonarem o patrocínio

— Aliás — assinalou Altino Barros — aconteceu o inverso. Com a desistência dos Estados Unidos e de outros países, o que dá a possibilidade de o Brasil obter mais medalhas, cresceu o interesse dos patrocinadores, que acreditam num retorno ainda maior do investimento.

Com relação ao investimento, gerente de propaganda da GM, Flavio Puliti, afirmou que "é segredo de estado", mas posso dizer que, comparando o custo unitário da Globo ao custo que negociamos, saiu pela metade. Tanto que a Globo tentou uma renegociação posteriormente e os patrocinadores não concordaram. No entanto, após o boicote, a TV Globo achou que o preço era justo.

Disse também que a decisão de patrocinar a Olimpíada é local e nada tem a ver com o boicote. Além disso, não houve qualquer pressão da matriz com relação ao patrocínio.

Acrescentou que, do patrocínio, constam ainda alguns adicionais como o Minuto Olímpico, que a TV Globo leva ao ar de segunda a sábado, por volta das 22 horas. A cobertura de jogos realizados pelas equipes de basquetebol — masculino e feminino — no Pré-Olímpico. E, a partir de agora, flashes que serão inseridos no Jornal Nacional com imagens de Moscou.

— Isto — disse — deverá despertar muita curiosidade, pois o expectador terá interesse em saber como é a União Soviética.

Outro fato ressaltado pelo diretor de propaganda da General Motors foi a inclusão do pugilista Chiquinho de Jesus, atleta adotado pela GM há três anos, na delegação brasileira de boxe que vai participar das Olimpíadas.

— A escolha desse atleta (participará das disputas na categoria de meio-médio), é de grande significação para nós. E se ele conseguir trazer uma medalha, isto terá muita repercussão, principalmente no aspecto social.

ONDE CANTA O SABIÁ

PARA COMPOSITORES UNIVERSITÁRIOS

Dar oportunidade a jovens compositores para que possam mostrar seus trabalhos é o objetivo de **Onde Canta o Sabiá**, programa da Rádio MEC, que deverá entrar no ar este mês. Aberto exclusivamente a universitários de todo o país, esse programa terá também por finalidade pesquisar uma possível evolução musical brasileira nos meios universitários e paralelamente despertar o interesse de alguma gravadora que vier a analisar as músicas nele apresentadas.

Produtor de **Onde Canta o Sabiá**, Aguinaldo de Fiori informa que será apresentado uma vez por semana, com uma duração de 30 minutos. Cada semana terá um compositor que irá falar do seu trabalho musical.

— O que importa para mim e Paulo Salgado, diretor artístico da Rádio MEC — diz Aguinaldo — é a qualidade das composições, tanto em termos de letra como de música. Se o trabalho do artista for bom, marcaremos o dia da gravação. Caso prefira, poderá levar seu próprio conjunto, mas por conta própria.

Aguinaldo informa também que entrou em acordo com Mazola, e Adail Lessa, respectivamente diretor-artístico e diretor de elenco da gravadora Ariola.

— Eles se propuseram a analisar os trabalhos e, se lhes interessarem, futuramente gravá-los.

As inscrições estão abertas na Rádio MEC, Praça da República, 141-A, 6º andar, sala número 27, às quartas-feiras, de 14 às 16 horas, mediante apresentação do recibo de mensalidade ou anuidade, comprovando ser o compositor estudante universitário ativo e uma fita cassete contendo no máximo de seis a 10 músicas gravadas. As gravações dos programas serão realizadas nos estúdios da Rádio MEC, sem pagamento aos compositores que deles participarem. O dia e a hora estipulados para a gravação deverão ser cumpridos rigorosamente, caso contrário o compositor perderá o direito de nova oportunidade.

— Já deverão participar de **Onde Canta o Sabiá**: Celso Viafora, estudante de Direito da USP e autor de **Sabiada**, música de abertura do programa; Elisa Lemos, estudante de musicoterapia e autora de **Duas Caras**, música que foi gravada por Marília Medalha; Grupo Varanda, de Niterói. Banda de Lá, também de Niterói, Vania, que estuda psicologia, e Gibran Helayel, da Escola Superior de Música do Rio de Janeiro — informa Aguinaldo.

O IBOPE MUITO TRANQÜILO DE "ÁGUA VIVA"

A novela **Água Viva** — com um pique de 79.3, obtido na quarta feira, dia 21, e a média de 73.3, nos demais dias — foi o programa de maior audiência na televisão carioca durante o mês de maio, segundo pesquisas realizadas pelo IBOPE de sexta-feira, dia 2, a domingo, 25.

Pertenceram também a **Água Viva** os dois maiores piques seguintes: 78.7 e 78.3, alcançados quarta e quinta-feiras, 22 e 23. O segundo programa de maior audiência no mês foi o **Jornal Nacional**, também da Globo, com a média de 73.3 e o quarto maior pique: 77.7, sexta-feira, dia 2.

Um confronto com igual pesquisa efetuada seis meses atrás revela que esse noticioso transmitido pela Globo às 19h50m perdeu para a chamada "novela das oito" a liderança que ocupou durante todo o ano passado. O fato se explica tanto pelo sucesso de **Água Viva** como pela audiência de **Chega Mais**, bem mais baixa do que a da novela que a antecedeu, **Marrom Glacê**. Quando o **Jornal Nacional** era apresentado entre duas novelas de grande audiência — **Marrom Glacê** e **Os Gigantes** — capitalizava o público de ambas, somava-o ao seu próprio e assim chegava à liderança.

A TV Globo foi líder de audiência em praticamente todos os horários e, em todos os dias da semana. A exceção, mais uma vez, ficou por conta do **Programa Sílvio Santos**, nas tardes de domingo. Somando-se as médias registradas por ele, nas transmissões simultâneas pelos canais 6 e 11, tem-se o índice de 26.2, superando o da Globo no horário, que foi de 22.1.

Houve alguns programas não regulares que acusaram boa audiência, com a transmissão direta do jogo Flamengo x Coritiba, quarta-feira, 21, ou a reprise do especial **Liza com Z**, sexta-feira, dia 2.

Já as séries da Globo não tiveram o êxito esperado. Nenhuma delas chegou, sequer, aos 40 pontos(**Malu Mulher**, a de maior audiência, registrou a média de 38.6). Também não teve sucesso de audiência o Festival de Música Popular **MPB-80**, cuja segunda eliminatória, sexta-feira, 16, não foi além de 33.5.

Eis os 10 programas de maior audiência nos 25 primeiros dias de maio, todos da Globo, de acordo com as médias do Ibope:

1. **Água Viva**, 73.3
2. **Jornal Nacional**, 70.1
3. **Planeta dos Homens**, 67.4
4. **Chega Mais**, 63.5
5. **Os Trapalhões**, 62.7
6. **Flamengo x Coritiba**, 60
7. **Fantástico, o Show da Vida**, 58.6
8. **Olhai os Lírios do Campo**, 54.7
9. **Liza com Z**, 43
10. **Primeira exibição**, 41.7

O décimo-primeiro seria, então, **Malu-Mulher**, com seus 38.6

TELEVISÃO

Manhã

7.30 [6] — **Mobral**. Educativo.
45 [6] — **O Despertar da Fé**. Religioso.
[11] — **Nossa Terra, Nossa Gente**. Educativo.

8.00 [6] — **A Voz do Pastor**. Religioso.
15 [4] — **Santa Missa em Seu Lar**.
30 [7] — **Brasil Rural**. Programa sertanejo.
45 [11] — **Jornal da Manhã**.

9.00 [6] — **Rex Humbard**. Religioso.
30 [4] — **Globo Rural**. Noticiário agropecuário.
[11] — **A Pantera Cor de Rosa**. Desenho.

10.00 [2] — **Telecurso 2º Grau**.
[4] — **Concertos para a Juventude**.
[6] — **Caravela da Saudade**. Folclore português.
[7] — **Guerra, Sombra e Água Fresca**. Seriado.
[11] — **Piu-Piu**. Desenho.
15 [2] — **Telecurso 2º Grau** (resumo da semana).
30 [7] — **Fórmula-1**. Transmissão ao vivo, direto do autódromo de Jarama.
[11] — **Johnny Quest**. Desenho.

11.00 [4] — **Esporte Espetacular**.
[6] — **Presença**. Religioso.
[11] — **Popeye**. Desenho.
30 [2] — **Palavras de Vida**. Mensagem do Cardeal D Eugênio Salles.
[6] — **Programa Sílvio Santos**. Quadros musicais, filmes infantis e desenhos, jogos entre casais e concursos.
[11] — **Programa Sílvio Santos**, em cadeia com o Canal 6.
45 [4] — **Olimpíadas 80**. Noticiário.

Tarde

12.00 [2] — **Futebol Compacto**. Os principais lances de um clássico.
[4] — **Clube Hanna Barbera**. Desenho.

1.00 [2] — **Turma do Lambe-Lambe**. Infantil com Daniel Azulay.
[4] — **Fred e Barney Show**. Desenhos.
[7] — **Conversa de Arquibancada**.
30 [4] — **Espinafre 80**. Desenho.

2.00 [2] — **Teatro Infantil**.
[4] — **Festival de Desenhos Inéditos**.
10 [7] — **O Melhor Futebol do Mundo**. VT do jogo: **Corintians e Comercial**.

3.00 [2] — **Cine Viagem**. Desenhos.
[4] — **Esquadrão Resgate**. Seriado.
50 [7] — **TV Bolinha**. Colouros.

4.00 [2] — **Filmes Seriados**. Filme científico.
[4] — **Sessão de Domingo**. Filme: **A Dama e os Bandidos**.

5.00 [2] — **Cartas Filmadas**. Hoje: **Engraxando Sapatos**.

Noite

6.00 [2] — **É Preciso Cantar**. Hoje: **Nássara**.
[4] — **O Incrível Hulk**. Filme.

7.00 [2] — **O Mundo Mágico**. Hoje: **Câmara Cascudo**.
[4] — **Os Trapalhões**. Humorístico.
[7] — **Família**. Seriado.
45 [2] — **Espaço 2**.

8.00 [4] — **Fantástico**. Música e jornalismo.
[6] — **Flash Esportivo**.
[7] — **Programa Hebe Camargo**.
[11] — **Bang Bang à Italiana**. Filme: **Os Violentos Vão Para o Inferno**.
05 [6] — **Programa Flávio Cavalcanti**. **Show** e jornalismo.

9.00 [2] — **Esporte Total**. Mesa-redonda.

10.00 [7] — **Bola na Mesa**. Debate esportivo.
[11] — **Tarzã**. Seriado.
15 [4] — **Os Gols do Fantástico**.
30 [4] — **Futebol Compacto**. Hoje: **Flamengo x Atlético**.

11.00 [6] — **Futebol**.
[11] — **O Homem do Sapato Branco**. Jornalístico.
10 [4] — **Concertos Internacionais Manon Lescant**, de Puccini, com a Orquestra e Coro do Metropolitan Opera House, sob a regência de James Levine.

Madrugada

00.00 [7] — **O Melhor Futebol do Mundo**. VT de **Flamengo e Atlético**.
10 [4] — **Coruja Colorida**. Filme: **A Rainha da Noite**.

Os filmes de hoje

A DAMA, OS BANDIDOS E A PRIMEIRA PREFEITA

UM dos diretores da média geração mais afinados com o western, *Burt Kennedy conduz com bastante segurança* A Dama e os Bandidos, *que apresenta uma curiosidade:* o mocinho é *Suzanne Pleshette, interpretando uma detetive. Apesar de implausível, é um enfoque diferente, que funciona.*

Com sua máscara assustadora, Jack Palance é o mercenário de Os Violentos Vão Para o Inferno, *um faroeste à italiana mantido em ritmo acelerado por Sérgio Corbucci, acostumado no gênero, e que desperdiça a esplêndida Giovanna Ralli. Dyan Canyon compõe com bastante desenvoltura a ambiciosa* madame *de um bordel que chega a prefeita de uma cidade norte-americana. A direção é dividida entre Ralph Nelson, o autor de* Os Dois Mundos de Charly, *e Vincent Sherman. (HUGO GOMEZ)*

Suzanne Pleshette em *A Dama e os Bandidos* (canal 4, 16h)

A DAMA E OS BANDIDOS
TV Globo — 16h
(Kate Bliss and the Ticker Tape Kid) — Produção norte-americana de 1978, dirigida por Burt Kennedy. Elenco: Suzanne Pleshette, Tony Randall, Don Meredith, Harry Morgan, Burgess Meredith, David Huddleston. **Colorido.**
★★ **Detetive particular (Pleshette) é contratada por rico latifundiário para descobrir quem está por trás dos assaltos a fazendas e bancos de sua propriedade e consta que não passava de vaqueiros despojados de suas terras que pretendiam se vingar.**

OS VIOLENTOS VÃO PARA O INFERNO
TV Studios — 20h
(Il Mercenario) — Produção italiana de 1968, dirigida por Sergio Corbucci. Elenco: Franco Nero, Tony Musante, Giovanna Ralli, Jack Palance, Eduardo Fajardo. **Colorido.**
★★ **Em defesa dos oprimidos no México, em 1917, dois homens de origens diferentes, o Polaco (Nero) e um revolucionário (Musante), conjugam esforços para derrotar um barão de terras (Fajardo) e o mercenário (Palance) que o protege.**

A RAINHA DA NOITE
TV Globo — 24h15m
(Lady of the House) — Produção norte-americana dirigida por Ralph Nelson e Vincent Sherman. Elenco: Dyan Cannon, Armand Assante, Zohra Lampert, Susan Tyrrell, Collen Camp, Kim Hamilton, Sam Freed. **Colorido.**
★★ **De condição social humilde, Sally Stanfor (Cannon) se torna famosa proprietária de um luxuoso bordel na Califórnia entre as décadas de 30 e 40, e acaba enveredando pela política, conseguindo se eleger a primeira prefeita do mundo.**

Os da semana

ALGUNS "WESTERNS" E AS REPRISES COSTUMEIRAS

SEMANA lamentável, sem uma única estréia e com reapresentações que ninguém mais agüenta rever, para não falar num festival de Renato Aragão que só mesmo um público até 10 anos, ou com mentalidade dentro dessa faixa etária, consegue tolerar. O descaso com o telespectador está merecendo uma semana em prol de uma programação decente.

O único destaque de segunda-feira vai para Sem Lei, Sem Alma *(no 7, às 21h), um* western *vigoroso, bem interpretado e conduzido com segurança por John Sturges, um bom realizador no gênero.*

Na terça, recomenda-se Férias de Amor *(no 4, às 23h35m), a história de um homem errante que pára no Kansas o tempo suficiente para roubar a namorada de um amigo a quem não via há anos. A fotografia é magnífica, Kim Novak está esplendorosa, a música* (Moonglow) *tornou-se um clássico, mas os melhores desempenhos são de Rosalind Russel e Betty Field em papéis secundários.*

Quarta-feira podem ver Nossa, Que Loucura! *(no 4, às 23h35m), uma comédia adoidada de Peter Yates, com Barbra Streisand surpreendentemente bem, e* Uma Cruz à Beira da Estrada *(no 7, às 0h05m), drama contundente, de fundo religioso, com Audrey Hepburn, numa excelente atuação sob as ordens de Fred Zinnemann.*

Os admiradores de John Ford deverão apreciar Terra Bruta *(no 4, às 23h35m), que não figura entre os melhores trabalhos do diretor de* Depois do Vendaval. *Jo Van Fleet é o ímã que atrai a atenção por* Rio Violento *(no 7, às 0h05m), uma produção de Elia Kazan sobre problemas ambientais. Ambos na quinta.*

Na sexta, apenas O Assassino *(no 6, às 23h), um policial com tinturas psicológicas, dirigido por Elio Petri, com Marcelo Mastroianni e a perene Micheline Presle. (H. G.)*

Segunda-feira, 2:

14h30m — Canal 4 — Robin Hood, o Trapalhão da Floresta. Brasileiro (74) de J. B. Tanko, com Renato Aragão, Dedé Santana, Mário Cardoso. (Cor)

15h — Canal 7 — Primavera do Amor (April Love). Americano (57) de Henry Levin, com Pat Boone, Shirley Jones, Dolores Michael. (Cor)

21h — Canal 6 — A História de Rodolfo Valentino. Italiano, com Franco Nero, Suzanne Pleshette. (Cor)

21h — Canal 7 — Sem Lei, Sem Alma (Gunfight at the O.K. Corral). Americano (57) de John Sturges, com Burt Lancaster, Kirk Douglas. (Cor)

0h05m — Canal 7 — Horas Intermináveis (14 Hours). Americano (51) de Henry Hathaway, com Richard Basehart, Paul Douglas, Agnes Moorehead. (P&B)

0h35m — Canal 4 — Vida e Assassinato do Peixe Rei (The Life and Assassination of the Kingfish). Americano (77) de Robert Collins, com Edward Asner. (Cor)

Terça-feira, 3:

14h30m — Canal 4 — Robin Hood, o Trapalhão da Floresta. Brasileiro (74) de J. B. Tanko, com Renato Aragão, Dedé Santana, Mário Cardoso. (Cor)

15h — Canal 7 — Mil Palhaços (A Thousand Clowns) Americano (65) de Fred Coe, com Jason Robards Jr., Barbosa Harris, Martin Balsam. (P & B)

23h35m — Canal 4 — Férias de Amor (Picnic). Americano (55) de Joshua Logan, com William Holdem, Rosalind Russell, Kim Novak, Betty Field. (Cor)

0h05m — Canal 7 — Três Ladrões Desajustados (Steelyard Blues). Americano (72) de Alan Myerson, com Donald Sutherland, Jane Fonda, Peter Boyle (Cor)

Quarta-feira, 4:

14h30m — Canal 4 — O Trapalhão na Ilha do Tesouro. Brasileiro (75) de J. B. Tanko, com Renato Aragão, Dedé Santana, Mário Cardoso, (Cor)

15h — Canal 7 — Caminhos Sem Volta (The Racers). Americano (55) de Henry Hathaway, com Kirk Douglas, Bella Darvi, Gilbert Roland. (Cor)

21h — Canal 7 — Sem Refúgio (No Place To Hide). Americano (77) de Jack Starrett, com Lee Van Cleef, Tony Musante, Edward Anhalt. (Cor)

23h35m — Canal 4 — Nossa, Que Loucura! (For Pete's Sake). Americano (74) de Peter Yates, com Barbra Streisand, Michael Sarrazin. (Cor)

0h05m — Canal 7 — Uma Cruz à Beira do Abismo (The Nun's Story). Americano (58) de Fred Zinnemann, com Audrey Hepburn, Peter Finch. (Cor)

Quinta-feira, 5:

14h30m — Canal 4 — Simbad, o Marujo Trapalhão. Brasileiro (76) de J. B. Tanko, com Renato Aragão, Dedé Santa, Rosina Malbouisan. (Cor)

15h — Canal 7 — Rochedos da Morte (Beneath the 12 Mile Reef). Americano (53) de Robert D. Webb, com Robert Wagner, Gilbert Roland. (Cor)

21h — Canal 6 — Todos os Amigos da Terra. Americano, com Bill Crosby, Gloria Foster. (Cor)

23h35m — Canal 4 — Terra Bruta (They Rode Together). Americano (61) de John Ford, com James Stewart, Richard Widmark, Shirley Jones. (Cor)

0h05m — Canal 7 — Rio Violento (Wild River). Americano (60) de Elia Kazan, com Montgomery Clift, Lee Remick, Jo Van Fleet, Albert Salmi. (Cor)

Sexta-feira, 6:

14h30m — Canal 4 — O Trapalhão no Planalto dos Macacos. Brasileiro (76) De J. B. Tanko, com Renato Aragão, Dedé Santana, Muçum, Milton Carneiro. (Cor)

15h — Canal 7 — A Última Caça (The Last Lion). Sul-africano (72) de Elmo de Witt, com Jack Hawkins, David Van Der Walt, Karen Spies. (Cor)

21h — Canal 7 — A Prova do Leão (The Naked Prey). Americano (66) de Cornel Wilde, com Cornel Wilde, Gert Van Der Berg, Bella Randels. (Cor)

23h — Canal 6 — O Assassino (L'Assassino). Italiano de Elio Petri, com Marcello Mastroianni, Micheline Presle, Cristina Gajoni. (P & B)

0h05m — Canal 7 — Legado de um Herói (Bequest to the Nation). Britânico (73) de James Callan Jones, com Glenda Jackson, Peter Finch. (Cor)

0h35m — Canal 4 — Minha Filha... Minha Vida (Lisa — Bright and Dark). Americano (73) de Jeannot Szwarc, com Anne Baxter, Ken Lenz. (Cor)

2h35m — Canal 4 — O Homem Que Morreu Duas Vezes (The Man Who Died Twice). Americano (70) de Joseph Kane, com Stuart Whitman, Brigitte Fossey (Cor)

Sítio do Pica-Pau Amarelo: a falta de um certo toque mágico

O DIFÍCIL EQUILÍBRIO DO DIA-A-DIA NO VÍDEO

Maria Helena Dutra

TRATAMENTOS opostos. Bem editado, bom de ritmo e mostrando trabalho ágil de seus profissionais, o **Jornal Nacional**, tem excelente padrão técnico. Disparadamente superior, a por isso obrigatório e preferido, a qualquer concorrente de outras emissoras. Mas o noticiário da Rede Globo persiste num vício que chega a ser engraçado. No exterior, tudo é desgraça, devastações e informações pessimistas. Do Brasil, até enchentes e secas são tratadas com esperança, euforia e tom ascendente. Chegou a tal ponto que Cid Moreira, um dos melhores locutores que este país já teve, adaptou-se ao diapasão. E com o mesmo entusiasmo iguala o aumento do prêmio da Loteria Esportiva ao desenfreado crescimento do déficit de nossa balança de pagamentos. Tudo é glória.

Mas o **Jornal Nacional** ainda é bem produzido. Ruim, de verdade, anda o **Vox Populi**, programa jornalístico da TV Cultura de São Paulo, transmitido aqui pela Educativa, com muito atraso. A edição que focalizou José Sarney, exibida na semana passada, foi um compêndio de como transformar a política em assunto gelado e distanciado de todos nós. Até o tema **sânscrito védico** pareceria mais animado e mais próximo de nossa realidade. Entrevistas sem questionamento e capacidade de aprofundar qualquer assunto formam, de maneira indiscutível, as matérias-primas dos piores programas de televisão em todos os tempos.

* * *

Está ensinando. Este negócio de aprender com os outros é meio furado, mas profissionalmente, no Brasil, todos sabemos, a melhor escola é mesmo a prática dos mais antigos. No momento quem melhor dá aulas sobre como representar bem, mesmo numa produção mal arrumada, é a atriz Elza Gomes. Imperdíveis lições da pessoa de espírito mais jovem de toda a equipe da novel.

* * *

Extremamente sério. Enquanto é julgada a concordata da Rede Tupi, sua programação está sendo loteada entre produtores independentes que lhe tiram a unidade como estação e não tem nenhuma responsabilidade de arcar com as despesas e direitos de seus funcionários. Para não se repetirem os trágicos fatos que aconteceram com o pessoal técnico e humildes funcionários das Televisões Excelsior, Continental e Rio, tornam-se cada vez mais necessárias providências dos sindicatos de classe, das secretarias de Trabalho e do próprio Ministério em todos os Estados nos quais a empresa tem estações. Afinal, autoridades existem também para prevenir. Remediar vai ser muito difícil.

* * *

Nenhuma adequação. O programa Vôo Livre, agora iniciado pela Televisão Educativa, se propõe a ser um animador trabalhista. Vai realizar uma série de competições culturais entre universitários e aos vencedores dará como prêmio estágios remunerados em empresas estatais e até mesmo particulares. Num momento de inegável fechamento do mercado de trabalho, pode até ser uma prestação de serviços nada desprezível. Resta saber, à medida que forem acontecendo outros programas, se o pessoal da produção está realmente interessado em ajudar ou apenas explorar grupos carentes como intérpretes não remunerados desta atração semanal.

Se ainda não dá para avaliar intenções, a audição de estréia deixou impressão pouco favorável em termos de realização. É que toda a linguagem do programa pertencia a um curso de primeiro grau em televisão. O locutor, os entrevistados e os jovens queixosos se portavam como se estivessem no Boliche Royal, Cidade Contra Cidade ou o Aqui e Agora. Tudo rigorosamente primário. De universitário, mesmo, e para azar de todos, era a identificação de um entrevistado pelo processo de múltipla escolha. Pintou mal.

* * *

A mesma receita. Provam os índices de audiência que o tipo de filme preferido pelo público brasileiro é o de terror.

O resultado é que agora está difícil escapar dos dráculas, feiticeiras, espectros e filho do diabo que surgem em todos os canais. A própria Globo coloca, de quando em vez, na sua **Primeira Exibição** de sábado, uma horripilância destas no ar. São geralmente de má qualidade, embora ainda melhores (parece incrível, mas é verdade) do que os atemorizantes importados pelos outros canais. Para quem gosta, até seria uma opção se não houvesse a burra unanimidade de oferecimento maciço de uma só tendência.

Principalmente em horários nos quais ainda é grande o número de aparelhos ligados, que é o espaço de 9 às 11 da noite. Apenas na madrugada, lá por volta de meia-noite, ou mesmo uma da manhã, é que surgem produtos mais diversificados. Como uma história bonita, e bem defensável, de tolerância e convivência entre uma médica e uma velha curandeira que o canal 4 acabou de exibir, às 2h25m. Enfim, para poucos, paz e compreensão. Para muitos, sangue.

ESTÁ faltando humor. Os programas especiais sobre música popular brasileiras andam sendo feitos com uma empostação tão séria que parece ser o assunto primo da teoria da relatividade. Até o simpático **É Preciso Cantar,** na Educativa, que tratou de Nássara, o fez com respeito, multas informações e algumas inovações como o passeio do compositor pelo que resta do seu Rio de Janeiro. Falhou apenas em se adaptar ao estilo do autor e ser tão brilhantemente engraçado como ele.

FALTA o toque mágico. Os adaptadores do Sítio do Pica Pau Amarelo, **de Monteiro Lobato, são fiéis às histórias desta série de livros. É um fato e seria até idiota fugir delas porque a estação produtora, a Globo, pagou os direitos e não iria deixar de explorá-los. Mas fica difícil captar esta fidelidade no resultado final porque todos os autores do ciclo para televisão precisam inventar muito para colocar estes episódios nas convenções rígidas de uma novela. Plena de trilhas sonoras, ganchos e muita ação. Presa aos clichês do gênero, desaparece a poesia e, principalmente, aquela coisa infantil, tão bem captada pelo autor original, de unir a realidade com sonhos e encantamentos.** No quarto ano da série, o Picapau Amarelo **continua naturalista. Por mais abelhas, libélulas e sacis que multiplique.**

Rádio Jornal do Brasil FM Estéreo

ZYD-460
99,7MHz

A programação de música clássica para hoje é a seguinte:

HOJE

10 h — **Sinfonia em Dó Maior**, de Paul Dukas (Filarmônica de Londres e Walter Weller — 41:51); **Concerto nº 2, em Sol Menor, para Piano e Orquestra, Op. 22**, de Saint-Saens (Rubinstein e Ormandy — 22:36), **Sinfonia nº 3, em Mi Bemol Maior, Eroica, Op. 55**, de Beethoven (Filarmônica de Berlim e Karajan — 50:00); **Sones en la Giralda**, de Joaquín Rodrigo (harpista Catherine Michel e Orquestra de Monte Carlo — 7:43); **Waldesruhe, Op. 68**, de Dvorak (violoncelista Maurice Gendron e Filarmônica de Londres — 5:08); **Te Deum**, de Lully (Jean-François Paillard — 40:00).

20 — **Suite**, de John Bull (London Festival Brass Ensemble — 6:04); **Concerto em Lá Menor, para Piano e Cordas**, de Mendelssohn (Ogdon e Marriner — 26:30); **Sinfonia em Si Menor, WQ 182/5**, de Carl Philip Emanuel Bach (Leppard — 10:06); **Concerto nº 1, para Piano e Orquestra**, de Bartok (Serkin e Szell — 23:44); **Requiem, em Ré Menor, K 626**, de Mozart (Karajan — 52:40); **Sonata nº 8, em Dó Menor**, de Platti (Puyana — 11:15); **Concerto Triplice, em Dó Maior, para Piano, Violino, Violoncelo e Orquestra, Op. 56**, de Beetheven (Arrau, Szering, Starker e Inbal — 37:20).

AMANHÃ

20 h — **Transmissão Quadrafônica — SQ — Sinfonia nº 93, em Ré Maior**, de Haydn (Bernstein — 25:00); **Concerto em Sol Menor, para Piano e Orquestra, Op. 33**, de Dvorak (Sviatoslav Richter e Carlos Kleiber — 43:22); **La Mer**, de Debussy (Karajan — 25:26).

21h42m — **Stéreo, 2 Canais — Sonata em Si Menor, para Flauta e Cravo, BWV 1030**, de Bach (Larrieu e Puyana — 18:05); **Concerto nº 3, em Sol Maior, para Violino e Orquestra, K 216**, de Mozart (Grumiaux — 22:00); **Fantasia para Piano, Coro e Orquestra, Op. 80**, de Beethoven (Serkin e Bernstein — 17:40); **Concerto em Fá Maior, para 3 Violinos e Cordas**, de Telemann (Collegium Musicum de Paris — 17:25).

CLODOVIL

ASTRO DA TV, SUCESSO TOTAL NA ALTA COSTURA

Sucesso na moda e na televisão. O costureiro paulista nunca entrou em nada para perder

Maria Lucia Rangel

ESQUECEU-SE um pouco o figurinista e anda-se cultivando o homem de comunicação. Ninguém mais duvida da enorme comunicabilidade de Clodovil depois de sua estréia num programa diário de televisão. Conselhos como "não levantar o dedo mínimo ao segurar a xicara de café" ou "por que não andar de **bobbies** nos cabelos ao lado de seu marido" lhe dão como saldo, além da popularidade, pilhas de cartas que ele mesmo faz questão de responder. O Ibope registra ainda uma maior audiência para TV Mulher durante os minutos em que o costureiro está no ar.

— Sabe por que eu esperava fazer sucesso na TV? Nunca entrei em nada na vida para perder, embora tenha pavor de brilhar no Brasil porque suscita inveja, usada por muitos para nos prejudicar.

É seriíssimo à primeira vista. E tenta mesmo não parecer simpático. Intercala poucas palavras com o telefone que não pára de chamá-lo. Mas fica a descoberto em pouco tempo, demonstrando gostar de uma conversa. Veste-se de maneira sóbria — calça marron, camisa branca e paletó de **tweed** — usa umas poucas jóias, destacando-se o anel de ouro com sua inicial em brilhantes, e, sobretudo, fala bem, depressa e num raciocínio direto:

— Mas o sucesso tem que ser baseado no talento. Quantos a gente não vê desaparecer porque não possuem alicerces? E deve sempre ser utilizado em benefício de terceiros.

"Um olho no presente e dois no futuro", é como Clodovil justifica sua aparição em alguns programas de televisão há alguns anos "quando em termos profissionais ela não era sinônimo de **chic**". Mas já então ele tinha-se dado conta de que muita gente não sabia ler mas podia ouvir:

— Mas agora, sinto que o programa que faço saiu da caixa de **kleenex** e o seu grande lance é ter calor humano e um toque tipicamente brasileiro. Os nossos sinônimos devem estar alicerçados na nossa cultura, na nossa economia. É como desejar que uma mulher no Brasil use perfume. Seria uma pessoa fedida. O Brasil é país para colônias.

E Clodovil recebeu de cinco a 12 minutos para fazer o que quisesse. Dedicou-se a criticar, principalmente, comportamento.

— Penso neles porque vivencio isso. Não tenho vergonha do que fui, de onde nasci e da minha origem humilde. Quando falo do dedinho levantado da xicara é porque conheço gente que toma café assim.

Clodovil não acredita em destino, mas no desconhecido. Acha mesmo que um programa como o que faz teria que acontecer um dia:

— Profissionalmente estou colocado. Como gente, não. Nem sei o que quero ser.

A maioria das cartas que recebe — uma média de 40 por dia — pede conselhos e modelos de roupas. Umas poucas criticam sua agressividade, a maneira como aponta erros diante da câmera:

— Lembra quando Charles Chaplin dá um bofetão em Claire Bloom no filme **Luzes da Ribalta**? Ela tinha vergonha de dançar mas com o susto sai dançando e adora. É mais ou menos isso. As pessoas aceitam o bofetão de leve. Procuro não fazer média. Claro que às vezes existem pressões externas, mas somente 10%. E quando erro, dou a mão à palmatória no ar. Tiro proveito do erro para não errar amanhã.

Mas, no fundo, Clodovil se diz um inseguro que busca "o afeto, o afeto, o afeto":

— Não sou uma pessoa com muita ligação no amor, embora gostasse muito de ser. Mas vivemos num mundo de formas estabelecidas e nele, o amor deve acontecer da maneira que as pessoas querem. Não é questão de minoria ou maioria, mas de consciência. Também não faço das minhas aventuras uma doença. Elas acontecem pela necessidade.

Clodovil tem uma **boutique** que é entre a loja de alta-costura e a televisão que se revesa. Admite que trabalha o tempo em que está acordado. Na rua, dá autógrafos e percebe as pessoas comovidas com a sua presença ("Desde a época do 8 ou 800"). Acredita que devido à identificação com sua origem humilde, ainda quando queria ser padre e o pai sonhava com a profissão de médico, o público lhe dê tanto apoio. Foi no colégio que ganhou do diretor o apelido de Jacques Fath, mas ele não sabia quem era:

— No primeiro ano do curso Normal mandei um desenho para a revista Radiolândia e quando foi publicado quase morri de emoção. Quando me mudei para a capital, vendi 11 desenhos para uma loja recebendo um total de Cr$ 1 mil 200, um dinheirão. Mas nunca mais compraram nada. Eu ia todas as semanas mostrar meus últimos trabalhos, eles olhavam, e na semana seguinte eu via tudo nas vitrines. Roubavam minhas idéias porque gostavam.

Até chegar a fazer seu nome muito tempo passou. Clodovil abandonou uma loja para sua sócia, sofreu uma nova infecção no olho direito (em pequeno já havia tido úlcera na córnea e perdido 40% da visão), perdeu o pai e pensou em viver no interior com a mãe e a tia viúvas e uma prima. Mas uma cliente insistiu para que fizesse uns vestidos e ele ficou:

— Só nesta casa já estou há cinco anos.

A casa tem três andares e fica na Avenida Cidade Jardim. Na porta, as letras douradas indicam "Clodovil Hernandes". Dentro, o ambiente é sóbrio, todo em tons beges, e de moda, pouco se vê. Clodovil manda descer um vestido inacabado e chama atenção para as mangas, em que plumas de avestruz foram presas uma a uma. O tecido é de calça de fraque, mas será sofisticado com bordados. A blusa não possui uma pence, é modelada num manequim com as medidas exatas da cliente:

— Isto é alta costura. O problema é que quando você inova as pessoas não aceitam. Só quando Paris decreta. A brasileira não tem cultura para assimilar uma coisa nova. Então, ou a gente espera pelo que vão fazer lá fora ou dá um fim qualquer à roupa.

Os grandes lançamentos de verão e inverno, feitos até dois anos atrás, ele abriu mão. O investimento é altíssimo e não compensa mais. Mas, no fundo, Clodovil gostaria de poder dedicar-se somente à alta costura:

— É gratificante. O pintor gosta de ver seu quadro reproduzido em gravuras, mas o seu ideal é pintar uma tela.

Na **boutique** está o **prêt-à-porter**, roupas do dia-a-dia, **lingerie**, lenços, bolsas. Na loja, o que ele chama de "arroz com feijão", vestidos intermediários entre a alta costura e a **boutique**. As grandes criações ele faz de encomenda:

— Fala-se tanto em moda nacional mas na realidade a profissão de figurinista não existe. Poderíamos lutar por ela, mas com quem?

Clodovil dá o toque final ao modelo em *mousseline* com bordado delicado

A leveza é procurada pelo figurinista em quase todos os seus modelos, como este om a saia em *mousseline* e blusa bordada

Cetim verde-água com bordado delicado para o tipo de vestido que Clodovil chama de "arroz com feijão"

JORNAL DO BRASIL

ESPECIAL

RIO DE JANEIRO, DOMINGO,
1º DE JUNHO DE 1980

A CURA DA INFLAÇÃO

Milton e Rose Friedman

Prêmio Nobel de Economia de 1976, intransigente defensor da liberdade econômica, crítico ferrenho das teorias de Keynes, Milton Friedman rompeu os limites acadêmicos da chamada escola de Chicago ao ser chamado para assessorar o Governo Nixon, quando estabeleceu as bases de contenção de um processo inflacionário em aceleração.

Monetarista, resumiu sua teoria numa reunião em São Paulo (1973):"A única maneira universalmente aceita de reduzir a inflação é reduzir o volume da moeda em circulação". Além de Nixon, Friedman orientou os Governos de Pinochet (Chile) e Begin (Israel). A Cura da Inflação é um capítulo de seu último livro, Free to Choose (Liberdade de Escolher), escrito com Rose Friedman, sua mulher, onde cita o problema brasileiro e do qual transcrevemos trechos.

■ ■ ■

COMPARE dois retângulos de papel mais ou menos do mesmo tamanho. Um é esverdeado no reverso e tem um retrato de Abraham Lincoln no verso, que além disso leva o número 5 em cada um de seus ângulos e algumas coisas impressas. Você pode trocar esse pedaço de papel por certa quantidade de comida, roupas ou outros bens. As pessoas, de bom grado, aceitarão a troca.

O outro retângulo, recortado talvez de uma revista ilustrada, pode também ter um retrato, números e dizeres impressos. Pode também ser colorido de verde no reverso. No entanto, só serve para acender o fogo.

Onde está a diferença? A impressão na nota de cinco dólares não dá resposta. Diz apenas "NOTA FEDERAL DE RESERVA/ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA/CINCO DÓLARES" e, em corpo menor, "ESTA NOTA É MOEDA LEGAL PARA TODAS AS DÍVIDAS, PÚBLICAS E PRIVADAS". Até alguns anos atrás, as palavras "COMPROMETEM-SE A PAGAR" estavam incluídas entre "OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA" e "CINCO DÓLARES". Isso parecia explicar a diferença entre os dois pedaços de papel. A condição de moeda legal significa que o Governo aceitará os pedaços de papel para o acerto de dívidas e impostos a que faz juz e que os tribunais os considerarão na regularização de dívidas declaradas em dólares. Por que têm também de ser aceitos por particulares em transações particulares, em troca de serviços e bens?

A resposta mais simples é que cada pessoa os aceita por acreditar que outras farão o mesmo. Os pedaços de papel verde têm valor porque todo mundo acha que eles têm valor. Todos acham que eles têm valor porque em sua experiência eles já tiveram valor.

A existência de um meio de troca comum e de aceitação generalizada baseia-se porém numa convenção que deve sua existência à mútua aceitação do que, sob um certo ponto-de-vista, é uma ficção.

A convenção, ou a ficção, não é uma coisa frágil. Pelo contrário, o valor de ter um dinheiro comum é tão grande que as pessoas se apegarão à ficção mesmo sob provocações extremas — donde, como veremos, vem parte do ganho que os emitentes do dinheiro podem derivar da inflação e donde a tentação de inflacionar.

Embora o valor do dinheiro baseie-se numa ficção, o dinheiro serve a uma função econômica extraordinariamente útil. No entanto, é também um disfarce. As forças reais que determinam a riqueza de uma nação são a capacidade de seus cidadãos, seu zelo e inventividade, os recursos sob seu comando, seu modo de organização política e econômica etc. Como John Stuart Mill escreveu há mais de um século: "Não pode haver em suma uma coisa mais intrinsecamente insignificante do que o dinheiro, na economia de uma sociedade; a não ser por seu aspecto de artifício para poupar tempo e trabalho. Ele é uma máquina para fazer rápida e comodamente o que sem ele seria feito menos cômoda e rapidamente; e, como outros tipos de máquinas, só quando está com algum defeito passa a exercer uma influência independente e distinta".

Variedades de dinheiro

Uma surpreendente variedade de itens foi usada através dos tempos como dinheiro. A palavra pecuniário, vem do latim pecus; que quer dizer gado, uma das muitas coisas que já serviram de dinheiro, como o sal, a seda, as peles, o pescado seco, as penas e até pedras (na ilha de Yap, no Pacífico). Conchas e contas foram as formas de dinheiro primitivo mais amplamente utilizadas. Nas economias mais avançadas, antes da vitória do papel e da escrituração contábil, predominaram os metais — ouro, prata, cobre, ferro, estanho.

Uma das formas mais interessantes e instrutivas em uso nas colônias americanas era o dinheiro-tabaco da Virgínia, Maryland e Carolina do Norte. Em vários períodos o tabaco foi declarado a única moeda legal, tendo permanecido um dinheiro básico da Virgínia e das colônias vizinhas por quase dois séculos, até bem depois da Revolução Americana. Era o dinheiro que os colonos usavam para comprar comida e roupas, para pagar impostos ou até mesmo para uma noiva.

Aconteceu com o tabaco o que acontece com o dinheiro. O preço original fixado por ele, em termos do dinheiro inglês, era mais alto que o custo de cultivá-lo, e assim os plantadores meteram mãos à obra e produziram cada vez mais. O suprimento de dinheiro, nesse caso, cresceu tanto literal quanto figurativamente. Como sempre acontece quando a quantidade de dinheiro aumenta mais rapidamente do que a quantidade de bens e serviços disponíveis para compra, houve inflação...

O tabaco como moeda ilustra vividamente uma das mais velhas leis da economia, a Lei de Gresham, que reza que "o dinheiro ruim expele o bom". O plantador de tabaco, que tinha de pagar impostos e outros compromissos fixados em termos de tabaco, usava para tanto, compreensivelmente, o produto de qualidade mais baixa, retendo seu melhor tabaco para exportar em troca de dinheiro "forte", ou seja, a libra britânica. Em conseqüência, só o tabaco de baixa qualidade tendia a circular como dinheiro. O problema da qualidade só foi aliviado um pouco quando "em 1727 legalizaram-se as notas de tabaco...

Hoje, quando o meio de troca comumente aceito não tem relação com comodidades, a quantidade de dinheiro é determinada em cada grande país pelo Governo. O Governo e só ele é responsável por qualquer rápido aumento na quantidade de dinheiro. Esse simples fato tem sido a grande fonte de confusão quanto à causa e à cura da inflação.

A causa da inflação

A inflação é uma doença, doença perigosa e às vezes fatal que pode destruir uma sociedade, quando não contida a tempo. Os exemplos não faltam. As hiperinflações na Rússia e na Alemanha após a I Guerra Mundial — quando os preços às vezes duplicavam e mais que duplicavam de um dia para o outro — prepararam o terreno para o comunismo, num país, e para o nazismo, no outro. A hiperinflação na China após a II Guerra facilitou a vitória de Mao sobre Chiang Kai-Shek. A inflação no Brasil, que chegou a 100% ao ano em 1964, levou ao Governo militar. Uma inflação bem mais extrema contribuiu para a derrubada de Allende no Chile, em 1973, e de Isabel Perón na Argentina, em 1976, ambas seguidas pela ascensão de juntas militares ao Poder.

Nenhum Governo está disposto a aceitar a responsabilidade de produzir inflação, mesmo em grau menos virulento. Os servidores governamentais sempre encontram desculpas — os gananciosos homens de negócios, os sindicatos cobiçosos, os consumidores perdulários, os xeques árabes, o mau tempo ou qualquer outra coisa que, mesmo remotamente, pareça plausível. Sem dúvida, os homens de negócios são gananciosos, os sindicatos são cobiçosos, os consumidores são perdulários, os xeques árabes aumentaram o preço do petróleo e o tempo, com freqüência, está mau. Tudo isso pode produzir altos preços para artigos individuais: mas não pode produzir preços ascendentes para os bens em geral. Tudo pode causar subidas ou baixas temporárias no índice de inflação. Mas não pode produzir uma inflação continuada por uma razão muito simples: nenhum desses supostos culpados possui máquina impressora na qual rodam esses pedaços de papel que carregamos no bolso; nenhum pode legalmente autorizar um contador a fazer entradas nos livros que são o equivalente desses pedaços de papel.

A inflação não é um fenômeno capitalista. A Iugoslávia, país comunista, já experimentou um dos mais bruscos índices de inflação de qualquer país europeu; a Suíça, um bastião do capitalismo, um dos mais baixos. A inflação também não é um fenômeno comunista. A China teve pouca inflação sob Mao; a Itália, o Reino Unido, o Japão, os Estados Unidos — todos países grandemente capitalistas — experimentaram uma inflação substancial na última década. No mundo moderno, a inflação é um fenômeno gráfico, um fenômeno de impressão.

O reconhecimento de que a inflação substancial é sempre e por toda parte um fenômeno monetário é apenas o começo para uma compreensão da causa e da cura da inflação. A questão fundamental é: por que os governos modernos aumentam tão rapidamente a quantidade de dinheiro? Por que produzem a inflação, quando eles mesmos compreendem seu potencial de perigo?(...)

A produção é limitada pelos recursos físicos e humanos disponíveis e pela melhoria do conhecimento e da capacidade em usá-los. Na melhor das hipóteses, a produção só pode crescer bem devagar (...)

As formas modernas de dinheiro — o papel-moeda e as entradas de contabilidade — não estão sujeitas a limites físicos. A quantidade nominal, ou seja, o número de dólares, libras, marcos ou outras unidades monetárias, pode crescer a qualquer ritmo e cresceu às vezes em ritmos fantásticos.(...)

Os diferentes países experimentaram índices de crescimento monetário muito diferentes. Em cada caso essa diferença foi acompanhada por um índice diferente de inflação. O Brasil é o exemplo extremo, tendo experimentado um crescimento monetário mais rápido que os demais e também uma inflação mais rápida.

O que causa o quê? A quantidade de dinheiro cresce rapidamente porque os preços aumentam rapidamente, ou vice-versa? Uma pista é que na maioria dos gráficos o número determinado para a quantidade de dinheiro é para um ano que termina seis meses antes do ano ao qual corresponde o índice de preços.(...)

Os sindicatos são geralmente um bode expiatório. Acusam-nos de usar seu poder monopolístico para forçar o aumento de salários, que ocasiona o aumento de custos, que ocasiona o aumento de preços. Mas então como é que os gráficos do Japão, onde os sindicatos têm importância relativa, e do Brasil, onde eles só existem para o sofrimento e sob estrito controle do Governo, mostram a mesma relação que os gráficos do Reino Unido, onde os sindicatos são mais fortes que em qualquer outra das demais nações, da Alemanha e dos Estados Unidos, onde eles têm considerável força? Os sindicatos podem proporcionar úteis serviços a seus membros. Podem também causar uma boa dose de dano, limitando para outros as possibilidades de emprego, mas eles não produzem inflação. Os aumentos de salários, por sobre os aumentos de produtividade, são um resultado da inflação, e não uma causa.

Os homens de negócios, de idêntico modo, também não causam inflação. O aumento de preços por que eles se responsabilizam é um resultado ou um reflexo de outras forças(...)

Outra explicação favorita da inflação, sobretudo entre servidores governamentais que procuram onde botar a culpa, é que ela é importada do exterior (...) Mas está claro que ela já não é correta para os últimos anos. Se o fosse, como poderiam os índices de inflação ser tão diferentes em diferentes países? O Japão e o Reino Unido experimentaram a inflação ao índice de 30% ou mais ao ano, no início da década de 70, quando a inflação nos Estados Unidos estava por volta de 10% e na Alemanha abaixo de 5% (...)

A baixa produtividade é outra explicação favorita da inflação. Considere-se no entanto o Brasil, que experimentou um dos mais rápidos índices de crescimento de produção no mundo — e também um dos mais altos índices de inflação. É verdade que o que importa para a inflação é a quantidade de dinheiro por unidade de produção, mas, como notamos, as mudanças de produção são danificadas por mudanças na quantidade de dinheiro (...) Mas a produtividade é uma carta secundária para a inflação; o dinheiro é que é o grande trunfo.

E os xeques árabes e a OPEP? Eles nos impuseram pesados custos. O drástico aumento no preço do petróleo diminuiu a quantidade de bens e serviços que tínhamos à nossa disposição para usar, porque tivemos de exportar mais para pagar pelo petróleo. A redução na produção aumentou o nível dos preços. Mas isso aconteceu de uma vez para sempre; não produziu nenhum efeito duradouro sobre o índice de inflação, a partir desse índice de preços mais altos. Nos cinco anos após o choque petrolífero de 1973, a inflação declinou tanto na Alemanha quanto no Japão. Na Alemanha, de cerca de 7% ao ano para menos de 5%; no Japão, de mais de 30% para menos de 5%. Nos Estados Unidos, um ano após o mesmo choque, a inflação chegou a um máximo de cerca de 12%, declinou para 5% em 1976 e então subiu para mais de 13% em 1979. Essas próprias experiências diferentes podem ser explicadas por um choque petrolífero que foi comum a todos os países? A Alemanha e o Japão são 100% dependentes de petróleo importado, mas conseguiram conter a inflação melhor do que os Estados Unidos, que são apenas 50% dependentes, ou o Reino Unido, que se tornou um grande produtor(...)

Crescimento monetário?

Tudo quanto foi verdade em relação ao dinheiro-tabaco ou ao dinheiro conectado à prata e ao ouro leva a considerar que com o papel-moeda de hoje o excessivo crescimento monetário, e portanto a inflação, é produzido pelos governos.

Nos Estados Unidos, o acelerado crescimento monetário, durante os últimos quinze anos, mais ou menos, aconteceu por três razões relacionadas: o rápido crescimento dos gastos governamentais, a política de emprego pleno do Governo e uma política errônea praticada pelo Sistema Federal de Reservas.

Os gastos governamentais mais altos só não levarão a um mais rápido crescimento monetário e à inflação se os gastos adicionais forem financiados por impostos ou por empréstimos feitos ao público. Nesse caso, o Governo tem mais a gastar e o público menos. Aos gastos governamentais mais altos correspondem os gastos privados mais baixos para consumo e investimento(...)

A única outra maneira de financiar os gastos governamentais mais altos é aumentar a quantidade de dinheiro. Os Estados Unidos podem fazê-lo, ordenando que o Tesouro — órgão do Governo — venda obrigações ao Sistema Federal de Reserva, outro órgão do Governo. O Sistema paga por essas obrigações, seja com Notas Federais de Reserva recentemente impressas ou pelo registro de um depósito, em seus livros, a crédito do Tesouro dos Estados Unidos. O Tesouro pode então pagar suas notas, seja em espécie ou com um cheque emitido sobre sua conta no Sistema Federal. Quando o dinheiro adicional é depositado em bancos comerciais por seus receptores iniciais, serve como reserva para eles e como base para uma adição muito maior à quantidade de dinheiro(...)

Uma segunda fonte de crescimento monetário nos Estados Unidos, nos últimos anos, foi a tentativa de produzir emprego pleno. O objetivo é admirável, como acontece com tantos programas de Governo, mas os resultados não o foram. "Emprego pleno" é um conceito muito mais ambíguo e complexo do que à primeira vista parece (...)

A política de emprego pleno reforça a tendência do Governo de aumentar os gastos e baixar os impostos, financiando qualquer déficit resultante com o aumento da quantidade de dinheiro, e não com impostos ou empréstimos públicos.

O Sistema Federal de Reserva, por outro lado, pode aumentar a quantidade de dinheiro por modos que não sejam o financiamento dos gastos governamentais. Pode fazê-lo, comprando obrigações do Governo e pagando por elas com um dinheiro forte recentemente emitido. Isso capacita os bancos a fazerem um volume maior de empréstimos particulares, o que também pode ser representado como favorável ao emprego. A política monetária do Sistema Federal de Reserva, pressionada para promover o emprego pleno, teve a mesma tendência inflacionária que a política fiscal do Governo.

Essas políticas não tiveram êxito em produzir o emprego pleno, mas ambas produziram inflação(...)

A terceira fonte de crescimento monetário nos Estados Unidos, nos últimos anos, foi uma política errônea adotada pelo Sistema Federal de Reserva(...)

O Sistema não deu seu coração ao controle da quantidade de dinheiro, mas sim ao controle das taxas de juros, algo que ele não tem o poder de fazer. O resultado foi o fracasso nas duas frentes, com amplas oscilações no dinheiro e nas taxas de juros(...)

O resultado final dos altos gastos governamentais, da política do emprego pleno e da obsessão do Sistema Federal de Reserva com as taxas de juros foi uma verdadeira montanha-russa em permanente ascensão. A inflação se elevava e depois caía. Mas a cada elevação ele se punha a um nível mais alto do que o clímax precedente. O tempo todo os gastos governamentais foram subindo como uma fração de renda; as receitas fiscais do Governo também foram subindo como uma fração de renda, mas não tão rápido quanto os gastos, e assim o déficit também foi subindo como fração de renda(...)

A renda do Governo

Financiar os gastos governamentais com o aumento da quantidade de dinheiro parece uma mágica, como tirar alguma coisa do nada. Tomemos um exemplo simples: o Governo constrói uma estrada, cobrindo as despesas decorrentes com Notas Federais de Reserva recentemente impressas. Todos parecem ficar bem. Os trabalhadores recebem seu pagamento, podem comprar comida e roupa, custear sua moradia. Ninguém pagou impostos mais altos. No entanto há uma estrada nova onde antes não havia nada. Quem pagou por ela?

A resposta é que todos os possuidores de dinheiro pagaram pela nova estrada. O dinheiro extra eleva os preços quando é usado para induzir os trabalhadores a construírem a estrada, em vez de se entregarem a alguma outra atividade produtiva. Esses preços mais altos são mantidos à medida que o dinheiro extra circula no fluxo de gastos que vai dos trabalhadores aos vendedores das coisas que eles compram, desses vendedores a outros, e assim por diante.

O dinheiro extra impresso é equivalente a um imposto sobre os saldos em dinheiro. Se o dinheiro extra eleva os preços em 1%, cada detentor de dinheiro pagou com efeito um imposto igual a 1% de sua posse em dinheiro. Os pedaços de papel extra que ele agora tem de possuir (ou os registros contábeis que tem de fazer), a fim de conservar o mesmo poder de compra de antes, não se distinguem dos demais pedaços de papel que ele tem no bolso ou no cofre, mas na verdade são recibos de impostos pagos.

A contrapartida física desses impostos são os bens e serviços que poderiam ter sido produzidos pelos recursos que construíram a estrada. As pessoas que gastam menos do que suas rendas, para manter o poder de compra de seus saldos em dinheiro, abriram mão desses bens e serviços a fim de que o Governo pudesse obter os recursos para construir a estrada (...)

Uma terceira maneira pela qual a inflação fornece renda ao Governo é pagando — ou rejeitando, se assim preferirem — parte de sua dívida. O Governo faz empréstimos em dólares e os liquida em dólares. Mas os dólares com que paga, graças à inflação, valem menos que os dólares que toma de empréstimo. Isso só não seria um claro ganho se o Governo, nesse interim, tivesse pago juros suficientemente altos sobre a dívida, como compensaão pela inflação. Mas, em geral, isso não acontece (...)

A cura da inflação

A cura da inflação é simples de explicar mas difícil de pôr em prática. Assim como o excessivo aumento da quantidade de dinheiro é a única causa importante da inflação, sua cura exclusiva e única é uma redução no índice de crescimento monetário. O problema não é saber o que fazer. Isso é muito fácil. O Governo deve aumentar menos rapidamente a quantidade de dinheiro. O problema é ter a disposição política para tomar as medidas necessárias. Depois que a moléstia inflacionária acha-se em estado avançado, a cura toma um longo tempo e tem penosos efeitos colaterais(...)

A analogia entre a inflação e o alcoolismo é instrutiva. Quando o alcoólatra começa a beber, vêm a princípio os bons efeitos; os efeitos negativos surgem apenas na manhã seguinte, quando ele acorda de ressaca e geralmente não sabe o que fazer para sentir-se melhor.

Quando um país inicia um episódio inflacionário, os primeiros efeitos parecem bons. A maior quantidade de dinheiro permite a quem lhe tem acesso — hoje, fundamentalmente os governos — a gastar mais sem que ninguém tenha de gastar menos. Os empregos se tornam mais abundantes, os negócios entram em efervescência, quase todo mundo — a princípio — se sente feliz.

Mas os gastos mais altos começam então a elevar os preços; os trabalhadores descobrem que seus salários, ainda que maiores em dólares, irão comprar cada vez menos; os homens de negócios descobrem que seus custos subiram, de modo que as vendas extraordinárias não são tão lucrativas como davam de início a entender, a menos que eles possam subir seus preços com rapidez ainda maior.

Os efeitos negativos começam a emergir: preços mais altos, demanda menos intensa, inflação combinada com estagnação. Como acontece com o alcoólatra, a tentação é aumentar ainda mais a quantidade de dinheiro, o que produz a montanha-russa na qual estamos há tempos. Em ambos os casos, é preciso uma dose cada vez maior — de álcool ou de dinheiro — para dar ao beberrão ou à economia o mesmo "embalo".

O paralelo entre alcoolismo e inflação conduz à cura. A cura do alcoolismo é simples: parar de beber. Mas é difícil de pôr em prática porque os efeitos negativos, dessa vez, vêm primeiro e os bons efeitos só aparecem depois (...). Os primeiros efeitos colaterais de um índice de crescimento monetário mais lento são dolorosos: menor crescimento econômico e elevado desemprego temporário, sem muita redução da inflação, por algum tempo. Os benefícios só aparecem depois de um ou dois anos, mais ou menos, em forma de uma inflação mais baixa, uma economia mais saudável, um potencial de rápido crescimento não inflacionário (...)

Assim como os altos gastos governamentais são uma causa para o excessivo crescimento monetário, os baixos gastos governamentais são um fator capaz de contribuir para que esse crescimento se atenue. Aqui, também, tendemos a ser esquizofrênicos. Todos nós gostaríamos de ver os gastos governamentais baixarem, posto que não são esses gastos que nos beneficiam. Todos gostaríamos de ver os déficits reduzidos, posto que fosse através de impostos lançados sobre outros (...)

Efeitos colaterais de uma cura

Lemos à exaustão que o elevado desemprego e o crescimento lento são curas da inflação, que as alternativas que temos de enfrentar são mais inflação ou mais desemprego, que as forças em jogo ou bem se reconciliam ou bem promovem positivamente o crescimento mais lento e o desemprego mais alto, a fim de curar a inflação. Nas últimas várias décadas, no entanto, o crescimento da economia americana arrefeceu-se, o nível médio de desemprego elevou-se e, ao mesmo tempo, o índice de inflação subiu cada vez mais alto. Tivemos assim mais inflação e mais desemprego. Outros países passaram pela mesma experiência. Como é possível?

A resposta é que o crescimento lento e o desemprego elevado não são **curas** da inflação. São **efeitos colaterais** de uma cura-bem sucedida. Muitas políticas que estorvam o crescimento econômico e estimulam o desemprego podem, ao mesmo tempo, aumentar o índice de inflação (...)

Consideremos o que acontece logo que começa o crescimento monetário inflacionário.

O efeito colateral inicial de um rápido crescimento monetário é o aparecimento da prosperidade e de um índice maior de empregos. Mais cedo ou mais tarde, porém, o sinal há de se interpor. Quando isso ocorre, todos descobrem que se enganaram: os trabalhadores, os fabricantes, os varejistas(...)

Quando eles descobrem seu erro, elevam ainda mais os preços e os salários — não só para corresponder à maior demanda, mas também tendo em vista os aumentos dos preços das coisas que compram. Vemo-nos então numa espiral salário/preço que em si mesma é um efeito da inflação, não uma causa. Se o crescimento monetário não se acelerar ainda mais, o estímulo inicial ao emprego e à produção há de ser substituído por seu oposto; ambos tenderão a decrescer em resposta aos preços e salários mais altos. À euforia inicial sucederá uma ressaca(...)

A seqüência de acontecimentos que se segue a uma diminuição do crescimento monetário é a mesma já esboçada, só que na direção oposta. A redução inicial de gastos é interpretada como uma redução na demanda de produtos específicos, que após um intervalo leva a uma redução de produção e empregos. Depois de um outro intervalo a inflação diminui e a isso sucede uma expansão de produção e empregos. O alcoólatra acha-se na pior fase de seu tratamento, mas a caminho de uma abstinência tranqüila(...)

Aliviando os efeitos colaterais

Não sabemos de um exemplo histórico em que a inflação tenha terminado sem um período intermediário de lento crescimento econômico e desemprego mais alto que de costume. Essa é a base de experiência para o nosso julgamento de que não há maneira de evitar os efeitos colaterais de uma cura da inflação.

É possível, contudo, aliviar esses efeitos. A mais importante medida, para tanto, é diminuir a inflação **gradual mas firmemente**, com uma política coesa e anunciada de antemão, de modo a se tornar crível (...)

Na prática, o controle de salários e preços foi quase sempre usado como um substituto da contenção fiscal e monetária, e não como um seu complemento. Por essa experiência, participantes do mercado foram levados a considerar a imposição do controle de salários e preços como um sinal de que a inflação está subindo, e não baixando. No caso, por conseguinte, suas expectativas inflacionárias tenderam igualmente a subir.

Conclusões

Cinco simples verdades corporificam a maior parte do que sabemos sobre a inflação:

1. A inflação é um fenômeno monetário que decorre de um aumento mais rápido na quantidade de dinheiro do que na produção (embora, é claro, as razões para o aumento de dinheiro possam ser várias).

2. No mundo de hoje, o Governo determina — ou pode determinar — a quantidade de dinheiro.

3. Há apenas uma cura da inflação: um índice mais baixo no crescimento da quantidade de dinheiro.

4. É preciso tempo — medido em anos, não em meses — para que a inflação se desenvolva; e é preciso tempo para que ela seja curada.

5. Os efeitos colaterais da cura, embora desagradáveis, são inevitáveis.

Os Estados Unidos aventuraram-se por quatro vezes, durante os últimos 20 anos, a um grande crescimento monetário. Em todas elas o crescimento monetário foi seguido de início pela expansão econômica e depois pela inflação. Em todas elas as autoridades diminuíram o crescimento monetário a fim de conter a inflação. O crescimento monetário mais lento foi seguido por uma recessão inflacionária. Com o passar do tempo, a inflação declinou e a economia se refez. Por ora, a seqüência é idêntica à experiência do Japão, de 1971 a 1975. A diferença crucial, infelizmente, é que não demonstramos a mesma paciência do Japão, dando à contenção monetária a necessária continuidade. Em vez disso, reagimos de maneira excessiva à recessão, acelerando o crescimento monetário, disparando um novo ciclo inflacionário e condenando-nos a uma inflação mais alta seguida de um alto desemprego.

Deixamo-nos enganar por uma falsa dicotomia: inflação ou desemprego. Essa opção é uma ilusão. A opção real é saber se temos um alto índice de desemprego como resultado de uma alta inflação, ou apenas como um efeito colateral temporário de sua cura.

FREE TO CHOOSE

A Personal Statement

MILTON & ROSE FRIEDMAN

SADAT   BEGIN

O TALENTO POLÍTICO E O NEGOCIADOR DE PÉS NA TERRA

William Butler

MAIS uma vez o Presidente egípcio demonstrou o seu talento de manobra política e diplomática. Tendo suspendido as negociações com Israel quanto a um regime de autonomia para os habitantes da Cisjordânia e Gaza, Sadat anunciou, apenas alguns dias depois, que estava renovando essas negociações, e dentro de 48 horas o seu Governo declarou que as negociações ficam suspensas apesar de tudo. Houve mudanças dramáticas e inesperadas semelhantes a essa nas negociações que precederam os acordos de Camp David e o tratado de paz entre o Egito e Israel. E sempre, no final, o sábio Presidente egípcio demonstrou compreender bem que negociar significa alcançar compromissos passo a passo, pois não se pode ditar um acordo.

Quanto ao Sr Begin, ele demonstrou, novamente, ser um negociador simples que joga com as cartas na mesa. Ele é bem direto sobre o que considera vital. Da mesma forma, não faz tentativa alguma para esconder sua visão de que uma concessão não é apreciada como tal a menos que você se recuse a fazê-la em primeiro lugar.

O egípcio é um mestre do gesto e do drama. O israelense, sem grande brilho, mantém os pés na terra. Será essa a combinação ideal para resolver a disputa do Oriente Médio? Quem pode dizer? O fato é que esses dois homens tão diferentes realizaram mesmo aparentemente impossível e assinaram um acordo de paz entre os dois países.

O que eles têm em comum que lhes tornou possível encontrarem-se no meio do caminho? A esse escritor parece que o segredo está na habilidade que ambos demonstraram ao enfrentar pressões e abusos sem medo, confiantes em que iam na direção certa. Dessa forma, convenceram um ao outro de que são sérios. O Sr Sadat não se intimidou com o coro de hostilidade e ameaça dirigido a ele pelo bloco soviético e vários países árabes. Begin não se curvou mais do que acreditara possível mesmo quando as condições eram difíceis e a imprensa mundial clamava que era ele quem deveria fazer mais concessões. Mas teve a coragem de fazer concessões que a oposição trabalhista de seu país dizia que não deveriam ser feitas. E deve ter sido doloroso para ele quando os membros do seu próprio Partido o chamaram de traidor. Conta-se que seu predecessor, o Sr Itzhak Rabin, admitiu que ninguém a não ser o Sr Begin podia ter feito essas concessões e alcançar, assim, o tratado de paz. Parece que a capacidade de fazer concessões depende em grande parte de uma reputação intransigente; se alguém assim faz uma concessão importante, o seu povo fica convencido de que ela tinha de ser feita.

Futuros historiadores, beneficiados por documentos ainda não publicados e pelas vantagens da perspectiva, farão o balanço das concessões que pavimentaram o caminho para um acordo. Uma só constatação pode ser feita agora sem muita dificuldade: raramente ou nunca apresentou-se o Sr Sadat como obstinado. Quase todas as vezes o Sr Begin foi apresentado como inflexível e duro. Comentaristas e políticos diziam freqüentemente que o Sr Sadat precisa tentar satisfazer os árabes que se opõem à sua política de paz, e que o Sr Begin precisa ajudá-lo nisso. O Sr Begin nunca aceitou essa tese, insistindo em que não é possível satisfazer o lobo e manter o cordeiro com vida ao mesmo tempo. Agora que as negociações sobre a autonomia não estão progredindo bem, veremos se o brilhante Sadat conseguirá novamente culpar o Sr Begin, hesmo sendo o próprio Sadat quem não quer continuar o diálogo.

Veremos também se a interrupção das conversações é apenas a repetição de táticas semelhantes do passado ou algo mais sério. Podemos somente tentar alguma análise das duas posições. Se tomarmos como um fato político que o Sr Sadat deve tentar satisfazer seus oponentes árabes, devemos admitir que as divergências quanto à natureza do regime de autonomia derivam de considerações alheias à matéria, a qual deve ser a equação do máximo de autonomia e do máximo de segurança para os israelenses. Sendo que os países árabes que se opõem a Sadat são contrários a todo o processo de paz e rejeitam a autonomia, o Presidente Sadat não tem condições realmente de satisfazê-los com um pouco mais de autonomia e um pouco menos de segurança para Israel. Portanto, ao que parece, ele está tentando colocar nas vestes de autonomia um conteúdo que é, na realidade, um embrião de soberania. É claro, autonomia e soberania não são a mesma coisa em absoluto e os acordos de Camp David estipularam autonomia ("autonomia plena").

Arquivo

O Sr Sadat vê a questão de maneira diversa. Para ele, o passado é passado, os jordanianos são jordanianos, o que já foi comido já foi comido e os palestinos da Cisjordânia e Gaza devem ter o direito natural de autodeterminação. Aqui os dois homens parecem ter trocado papéis: o Presidente egípcio toma um caminho simples e direto enquanto o Primeiro-Ministro de Israel vai pelo lado mais complexo. Pergunta ele por que razão os árabes da Cisjordânia e Gaza são diferentes dos árabes do Khuzistão, que clamam somente por autonomia, e dos bascos que devem contentar-se com ela, e dos curdos, e dos baluches, e das inúmeras outras comunidades étnicas e culturais em todo o mundo que não têm soberania alguma. Ele salienta que não existe uma soberania basca em lugar algum, nem curda, nem corsa, enquanto que já existem 22 Estados árabes, um dos quais é, em realidade, palestino, mesmo sendo chamado por outro nome.

Enquanto esses pontos-de-vista diversos são debatidos, a OLP e outros fazem o que podem para impedir que o processo de paz de Camp David seja elevado a seu objetivo de uma paz global, e encorajam a população da Cisjordânia e Gaza a confrontar os israelenses com desobediências civil e violência, para demonstrar que nada menos do que a autodeterminação servirá para eles. O Sr Sadat provavelmente acha que o Sr Begin deveria perceber a escrita na parede e mostrar maior flexibilidade antes que seja tarde. O Sr Begin acha provavelmente que é muito menos perigoso lidar com uma população inquieta e até mesmo hostil do que retroceder 14 km do mar e enfrentar, então, uma coalizão de exércitos apoiada pela União Soviética.

O Sr Sadat e outros talvez achem que o princípio da autodeterminação deve ser satisfeito de algum modo, ou não haverá fim para o problema, e o Sr Begin argumenta que em nome desse mesmo princípio de autodeterminação a Tchecoslováquia foi forçada pelos europeus a ceder o território dos sudetos à Alemanha e essa foi não a solução de um problema e sim o início da catástrofe para a Europa e o mundo.

É sabido que o Presidente Sadat compreende a preocupação de Israel com a sua segurança, porque os negociadores do Egito e Israel estão de acordo com a presença permanente de tropas israelenses na Cisjordânia e Gaza. Contudo, parece que os egípcios exigem que o regime de autonomia tenha o poder de determinar o deslocamento de tais tropas e suas linhas de comunicação. Aqui é possível visiumbrar outras diferenças entre o Sr Sadat e O Sr Begin. Este último é incapaz de aceitar a idéia de que pode ter tropas na Cisjordânia, mas que outros determinarão onde elas serão fixadas. Como já dissemos, ele tem os pés no chão. Não quer ambigüidades, enquanto que o Presidente Sadat não se interessa demais por detalhes práticos, sempre buscando conceitos que parecem reconciliar os opostos.

Eis o ponto essencial. Os árabes irão aceitar que a população árabe da Judéia, Samaria e Gaza não se constitua em um Estado à parte? Comparadas a essas, questões sobre Jerusalém e as colônias judias são realmente de importância secundária. Elas podem ser resolvidas satisfatoriamente assim que o problema principal for solucionado, que é se uma soberania adicional, árabe, será ou não estabelecida entre o mar Mediterrâneo e o rio Jordão. A menor distância entre o mar e o rio é de 50 km e a maior é de 90 km. Ridículo, não é? Os israelenses veriam em tal soberania um segundo Estado palestino e negam qualquer justificativa moral ou prática para tal Estado. Nas palavras do Sr Begin: autodeterminação é um direito reconhecido para nações, não para frações delas. Os árabes palestinos já possuem um Estado que se estende por mais de 80% do território da Palestina tal como foi colocado nos mapas, pela primeira vez nos termos atuais, pela Liga das Nações. Esse Estado se autodetermina Jordânia, nome bíblico hebreu. Quando se estabeleceu como reino, o seu chefe, Rei Abdalla, pretendia chamá-lo Palestina, mas, então, mudou de idéia. Sessenta por cento da população da Jordânia se identifica como palestinos. O resto era assim chamado há até cerca de 40 anos atrás. Logo, qual é a justificativa para um segundo Estado palestino? pergunta o Sr Begin.

O essencial da questão é quem terá o controle militar e de segurança da Cisjordânia e Gaza. Begin e, na verdade, todos os israelenses são inflexíveis nesse ponto, já que aquele que controlar esses territórios terá Israel pelo pescoço, dominando completamente suas partes vitais, que estão comprimidas em uma faixa costeira de apenas 14 km de largura mínima e uns 35 km de largura máxima. Em termos das dimensões do Brasil, isso é quase inacreditável. Mas é essa a realidade. Se uma extensão de 14 km não pode ser defendida militarmente, então a autonomia, diz o Sr Begin, deve ser estritamente autonomia e não algo mais. Porque se a OLP converter a Cisjordânia em uma Cuba, ou se uma coalizão de exércitos árabes se estabeler ali, Israel pode se acabar e, de qualquer forma, haverá uma tremenda explosão de guerra com conseqüências incalculáveis.

O Sr Begin estará exagerando esses perigos? Seus críticos dizem que sim, e alguns deles acreditam que seu grande interesse em Cisjordânia e Gaza tem origem não tanto em considerações sobre segurança quanto em idéias religiosas e promessas bíblicas. Não é fácil adivinhar os pensamentos íntimos de um homem, mas generais podem olhar o mapa e facilmente formar uma opinião sobre a situação estratégica de um país que tem o mar de um lado e o inimigo a 14 km desse mar. E todos os que lêem jornais sabem que os países árabes, que constantemente entram em choques sérios entre si, com certeza entrarão em choque com Israel se as condições o permitirem, sem falar da violência da OLP. Observemos o quadro. A Tunísia acusou a Líbia de uma tentativa armada para derrubar seu regime, o Iémen do Norte e o Iémen do Sul lutavam entre si há apenas alguns meses, Marrocos e Argélia estão em guerra por causa do antigo Saara espanhol, o Iraque e a Síria estão brigando há anos, os árabes cristãos e os muçulmanos não conseguem entrar em acordo no Líbano, e assim por diante. Há não muito tempo atrás, forças líbias e egípcias realizaram uma sangrenta batalha nas fronteiras, na qual blindados de fabricação brasileira fizeram boa figura. E todos os dias tem-se notícia das tentativas do Iraque de obter o controle, direto ou indireto, da província petrolífera de população árabe no Irã, chamada Khuzistão pelos iranianos e Arabistão pelos árabes.

Ambos, Sadat e Begin, perceberam em Camp David que esse assunto tão complexo não pode ser resolvido simples e rapidamente, e o segredo de seu sucesso está no acordo que fizeram para constituir um regime de autonomia por um período de cinco anos, durante o qual a paz e a convivência serão testados e fortificadas e, então, disposições finais seriam negociadas.

O que significa a suspensão das conversações agora? Será que os dois senhores são incapazes de perseguir a lógica de Camp David ou estão simplesmente jogando duro, cada um com seu estilo próprio, como já fizeram várias vezes no passado? Encontrarão eles, sozinhos, o caminho de volta à mesa de negociações ou precisarão da ajuda de Jimmy Carter?

William Butler é jornalista e especialista em assuntos internacionais

CARTAS

Comércio exterior

Acabo de ler o editorial de hoje (22-5) do JORNAL DO BRASIL intitulado **Sem Política** e creio ser esta a primeira vez que se aborda o comércio exterior brasileiro sob o ângulo certo: o mercadológico.

Em nossa entidade, em conferências e palestras que temos repetidamente feito há cerca de 10 anos e em nosso estudo publicado na revista **Comércio e Mercados**, de setembro de 1969, já preconizávamos uma nova estrutura para o comércio exterior brasileiro, cujo enfoque principal era expungi-lo do seu aprisionamento bancário e financeiro quanto à filosofia predominante e eliminar a sua estrutura cartorial e ineficiente.

É, portanto, com grande satisfação que vemos o JORNAL DO BRASIL apontar exatamente o caminho do **marketing** como único capaz de levar o esforço nacional de comércio exterior aos seus verdadeiros objetivos.

A grande verdade, e que aí está, é que o processo anquilosado do nosso comércio exterior não foi capaz de vencer a barreira histórica do 1% de nossa participação no comércio internacional.

Feitos todos os cálculos, o crescimento do comércio exterior brasileiro é estritamente vegetativo.

As exportações brasileiras alcançarão os 20 bilhões ou pouco mais esperados, todavia nada terá sido feito senão submeter-se àquela tendência histórica e ao ajustamento dos números às taxas inflacionárias correntes.

Não se pode pensar em comércio exterior com uma política hesitante, com concepções ainda amoldadas ao tempo das corporações de ofícios e sobretudo sem o apoio e o incentivo adequados àquele que faz e anima o processo comercial: o vendedor.

É tão absurdo o entendimento vigente que, para viajar, o vendedor conta somente com 1 mil dólares para suas despesas no exterior.

É tão assombrosa a incompetência que para exportar é necessário submeter-se a uma licença concedida com todas as dificuldades e as mais descabidas exigências.

É tão impressionante o entorpecimento, que para importar existem dezenas de isenções de licenças de importação e, no entanto, não existe sequer uma única isenção de licenças de exportação quando se quer vender ao exterior.

É tão incoerente a estrutura que o vendedor internacional, na figura do agente de exportação, é simplesmente desconhecido pela Cacex.

Exportar neste país, vender produtos brasileiros no exterior, continua sendo, além de um desafio, uma aventura e uma punição.(...)

E P Luna, presidente da Agebrás, Associação Brasileira de Agentes, Consultores e Técnicos de Comércio Exterior — Rio de Janeiro.

Trabalhista autêntico

Não é pelo fato de haver nascido nas Minas Gerais, que me tem me causado profunda mágoa a omissão ao nome de Lúcio Bittencourt, na ocasião em que duas correntes políticas se digladiam, discutindo com qual delas está o trabalhismo **autêntico**.

Vejo citações permanentes a Alberto Pasqualini, tanto de um lado como de outro, mas a Lúcio Bittencourt, talvez o maior representante da **autenticidade** trabalhista no Brasil, nenhuma referência tenho encontrado.

Como bom mineiro, mantinha-me mudo, até agora.

Entretanto, não posso mais continuar calado, quando um dos mais expressivos secretários do **brizolismo**, em pronunciamentos em Porto Alegre, publicados no JORNAL DO BRASIL de 26 de maio, página 3, relembra, ao lado de Vargas, Pasqualini, Fernando Ferrari, Salgado Filho e Leonel Brizola, do "PTB real, concreto, com sua vinculação histórica, que é parte da memória nacional", o nome de "Júlio (sic) Bittencourt".

Se o líder do PTD na Câmara federal (é dele o pronunciamento) não sabe quem foi Lúcio Bittencourt, desconhecendo até o seu nome, então como será possível a ele e a seus liderados falarem sequer em **PTB histórico**, "parte da memória nacional"?

E mais: quando o Sr Leonel Brizola pertenceu ao **PTB autêntico? Para** reavivar a memória do parlamentar e corrigir a "memória nacional", não teria sido o cunhado de João Goulart um dos mais lídimos áulicos do trabalhismo **janguista**, antítese daquele defendido por Lúcio Bittencourt e Pasqualini?

Um esclarecimento final ao Sr Alceu Colares, com reflexos na mencionada "memória nacional": Alberto Pasqualini e Lúcio Bittencourt, sem dúvida possível os maiores vultos do trabalhismo **autêntico** no país, justamente tiveram que vencer o oportunismo e peleguismo da face negra do PTB para imporem a verdadeira essencialidade do trabalhismo, o que conseguiram apenas parcialmente à custa de extremos sacrifícios.

A real memória nacional, por certo, será revelada ao Sr Alceu Colares, se ele procurá-la nos anais da Câmara e do Senado, aos quais, como deputado, deve ter livre e fácil acesso, máxime como líder do PTD.

Neles, verá então, inclusive, um voto de censura ao Presidente Vargas, por parte de Lúcio Bittencourt, líder do PTB na oportunidade, por não ter atendido a preceito de ideologia trabalhista. Verá, também, que a incolumidade do monopólio estatal do petróleo se deve, em grande parte, a substancioso e erudito trabalho de Lúcio Bittencourt.

Não diria que Lúcio Bittencourt foi a maior grandeza de autenticidade do trabalhismo pátrio, porque respeito a imagem de Alberto Pasqualini e não desejo confrontar os dois. Permito-me recordar, porém, que enquanto Pasqualini nasceu no berço do trabalhismo brasileiro, como conterrâneo de Vargas, Lúcio Bittencourt foi designado para lançar a semente trabalhista em terra árida como a minha, dominada pela UDN e PSD, conseguindo fazê-la brotar com tanta pujança que o PTB, um zero à esquerda nas Minas Gerais, transformou-se em uma das maiores forças políticas locais, dividindo o prestígio eleitoral com as outras duas.

E isso foi conseguido em apenas seis anos. Seis anos, desde a primeira e minguada assembléia do PTB a que Lúcio compareceu, até a sua morte. E, nesses seis anos, o **PTB** mineiro desenvolveu-se tanto que, pela primeira vez, elegeu um representante ao Senado, triplicando a sua bancada na Câmara federal. E mais: galgaria o Governo do Estado com Lúcio Bittencourt, se a morte não interrompesse a caminhada, poucos dias antes da eleição.

É, como se verifica, sumamente injusto que alguém que se diga trabalhista, autêntico ou não, troque o nome desse líder incomum, chamando-o de "Julio", com base na "memória nacional". Melhor será fazer como os **ivetistas**: ignorem-no! A história, a verdadeira memória nacional e os trabalhistas que merecem a graça de o serem realmente, farão justiça. **Luciano Moreira Lagos — Rio de Janeiro.**

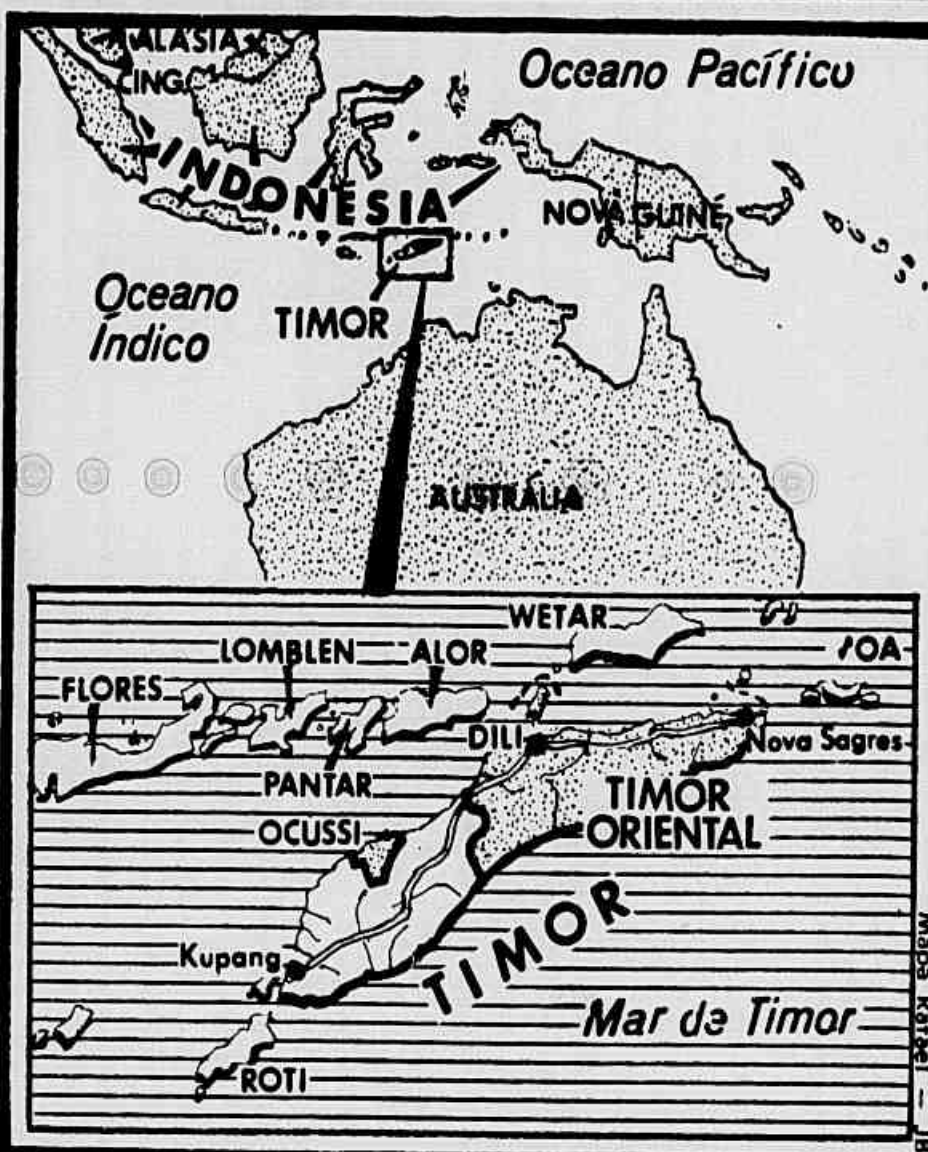
Deputado processado

o editorial **"O Dever da Defesa"**, publicado em 14 de maio, diz textualmente (...): "Não há exemplo, pelo menos na história da República, de um único deputado que tenha sido liberado para responder pelo crime que cometeu".

Não acho que tenha cometido crime algum, mas ao tempo do Governo do Sr Negrão de Lima em nosso Estado, tendo em vista as minhas denúncias, como Deputado estadual contra os notórios abusos da Secretaria de Saúde no chamado caso da "comida congelada" — **quick frozen food** —; tendo eu pedido uma CPI para apurar o fato, fui surpreendido com a manobra publicitária do então Secretário, solicitando para me processar perante o Tribunal de Justiça.

Enviado o ofício à Assembléia, esta em memorável sessão concedeu, a meu pedido, que foi colocado em têrmos de desafio, a fim de que pudesse, como pude, levar à barra do tribunal os elementos e provas da Exceção da Verdade (**exceptio veritatis**); tal fato foi marcante, não só pelo assunto mas por ter sido **efetivamente** concedida licença para processar parlamentar que cumpria o seu dever.

Emílio Nina Ribeiro — Rio de Janeiro

Arquivo

A Indonésia invadiu Timor Leste em 1975, cortou o abastecimento e destruiu com herbicidas a maior parte das plantações que alimentavam a pobre população desta ilha do Índico

REFUGIADOS DE TIMOR LESTE FICAM EM PORTUGAL COMO ÚLTIMA MARCA DA COLÔNIA

Juarez Bahia

LISBOA — Portugal prepara-se para esquecer o Timor Leste. Não propriamente o seu drama humano, mas, objetivamente, o território que esteve sob sua administração colonial até dezembro de 1975, quando foi invadido pela Indonésia. Mas o Governo Sá Carneiro aceitou receber, em março último, mais 17 mil refugiados timorenses, que foram encaminhados para o gueto do Jamor, uma extensa área degradada sob controle da Cruz Vermelha, onde já se acham 5 mil brancos e negros procedentes do Timor, Cabo Verde e Angola.

A posição atual do Governo português é pragmática e nesse sentido à questão está sendo encaminhada junto à Indonésia e às Nações Unidas. Segundo o Conselho de Ministros, o Timor Leste está perdido, tornou-se uma "questão da soberania da Indonésia". O Premier "Sá Carneiro admite que a oportunidade portuguesa de recuperar o Timor foi perdida em 1976, com o abandono do território pelas tropas que ali se achavam para garantir a ocupação.

Prioridade

Para o Governo de Portugal o problema agora é mais de eficácia que de política. A prioridade é o drama humano da população, que permanece, cinco anos depois da invasão indonésia, e não uma tentativa de acordo para restabelecer a soberania portuguesa no Timor Leste. Esta posição tinha o apoio da maioria das Nações Unidas e contou com a simpatia do Terceiro Mundo até há um ano, mas já se inverte em favor da tese do Governo da Indonésia, segundo a qual Timor é parte de seu território.

Portugal tem consciência de que a comunidade internacional já não está sensibilizada pelo drama do povo timorense, apesar das freqüentes advertências dos movimentos de libertação, entre os quais a Fretilin (Frente Revolucionária de Timor Leste Independente), de que o massacre dos timorenses prossegue e de que a sua agonia é marcada pela fome e pela miséria.

Um grupo de 20 países que garantiram há um ano e meio a folgada maioria de apoio a Portugal nas Nações Unidas, já comunicou ao Ministério do Exterior em Lisboa que este ano de 80 votarão com a Indonésia ou simplesmente se absterão, de qualquer forma contribuindo para uma reviravolta da posição da ONU sobre o drama do Timor Leste.

Os mortos

Segundo Mari Alkatiri, Ministro do Exterior da República Democrática do Timor Leste, que esteve em Lisboa conduzindo negociações com o Governo português e explicando a situação do território, em face de novos ataques da Indonésia aos grupos que lutam pela independência do Timor, são mais de 200 mil os mortos desde a eclosão da guerra civil, em 1975, quando a administração era ainda assegurada por Lisboa.

Alkatiri acha-se ausente do Timor há dois anos, mas pelas informações que recebe diz estar em condições de afirmar que "continuam a ser cometidas atrocidades sistemáticas" pela Indonésia contra o povo timorense. Essa perseguição começou com o movimento de libertação nacional, ainda em 1975.

Mari Alkatiri está otimista quanto à ajuda do Terceiro Mundo e da Europa à luta da Fretilin contra a Indonésia e insiste por uma posição "política" de Portugal, atitude que o Governo português afasta com prudência, fixando-se mais numa preocupação pela "dimensão humana" do problema. "Temos conseguido infligir sérias derrotas ao inimigo a nível internacional", assegura ele, acreditando que a condenação da Indonésia devido à sua política anexionista em relação à República Democrática de Timor Leste ainda venha a reunir suficientes adesões nas Nações Unidas para obter uma"vitória política".

O porta-voz da Fretilin revela que a Indonésia aumenta constantemente o seu potencial bélico para se lançar "na campanha mais criminosa de todos os tempos", destinada ao cerco e aniquilamento da resistência patriótica. Alkatiri reconhece, porém, que "no campo diplomático o regime de Jacarta desenvolve um trabalho inteligente" de utilizar organizações internacionais como a Conferência Islâmica, a OPEP, e o Movimento dos Não Alinhados como extensões dos "seus objetivos imperialistas".

Mas, para Alkatiri, onde a Indonésia encontra mais apoio a sua verdadeira base de força para atacar e tentar eliminar a resistência da Fretilin é nos Estados Unidos. Segundo ele, a aviação, a infantaria e a artilharia da Indonésia, com a presença de 60 mil soldados mobilizados contra o movimento de libertação, contam com modernos armamentos fornecidos regularmente pelos Estados Unidos. "Noventa e cinco por cento das armas utilizadas pelos indonésios são de procedência norte-americana". O dirigente da Fretilin assegura ainda que Washington mantém conselheiros militares e pilotos ao serviço das forças regulares da Indonésia.

Timor, desde a invasão

Quase cinco anos depois da invasão do Timor Leste por forças da Indonésia, que desde então mantém o seu controle sobre o que oficialmente ainda é designado território sob administração portuguesa, milhares de timorenses acham-se afetados pela pobreza, fome e doença. A invasão da ex-colônia portuguesa, cuja independência fora unilateralmente proclamada a 28 de novembro de 1975 por Francisco Xavier do Amaral, presidente da Fretilin, foi feita dias depois, a 7 de setembro, numa operação combinada do exército, marinha e força área.

"Os indonésios invadiram. Os seus soldados estão em Dili. Estão a matar indiscriminadamente. Mulheres e crianças estão a ser alvejadas nas ruas", transmitia a rádio local no seu último boletim. Portugal classificou a intervenção de Jacarta no Timor Leste como "um ato de agressão" e pediu a convocação urgente do Conselho de Segurança da ONU. Mas, os protestos e as iniciativas diplomáticas de nada resultaram, não abalaram a ocupação indonésia. Timor encontra-se muito distante de Portugal. A colônia do remoto arquipélago da Sonda, apesar de todo o seu drama por muitos considerado tão ou mais grave que o do Camboja, foi sendo pouco a pouco esquecida, mais ainda que no passado.

No dia seguinte à invasão, 8 dezembro, Jacarta anunciou a formação de um governo provisório de Timor Oriental, chefiado por Arnaldo Araújo, presidente da Apodeti, um Partido nacionalista pró-indonésio. Araújo é o mesmo que em 1946 fora condenado por colaboração com os ocupantes japoneses. Mas, em dezembro de 75, a Assembléia Geral e o Conselho de Segurança da ONU adotaram resoluções favoráveis à autodeterminação e independência do Timor, pedindo ainda a retirada das forças indonésias. A Indonésia permaneceu insensível. Ainda a 30 de dezembro o último reduto português, a pequena ilha de Atauro, foi evacuado pela administração com mandato de Lisboa.

Isolados, os timorenses se agruparam em torno da Fretilin e desencadearam a luta armada contra o ocupante indonésio. Os combates não têm fim, não obstante a ONU reiterar suas posições. Em julho de 76, Jacarta decreta a incorporação do Timor como sua 27ª província. A Conferência de Sri Lanka, logo depois, deu à Indonésia em nome dos não-alinhados o benefício da dúvida agravando ainda mais a situação dos movimentos de resistência. Recentemente, um relatório do antigo cônsul australiano em Dili, James Dunn, revelava que a Indonésia chacinou milhares de timorenses durante a invasão, apontando o caso do Timor como o mais sério de violação dos direitos humanos em todo mundo. Este relatório foi confirmado por uma comissão de cinco congressistas americanos que se deslocou ao Timor Leste.

Em Portugal a causa do Timor Leste foi sobretudo vítima da permanente instabilidade política do país e o mais fácil foi pretender esquecer o drama dos timorenses. Em nome de um humanitarismo duvidoso, Lisboa abriga os refugiados do seu antigo território em tendas improvisadas numa área degradada a Oeste de Lisboa, o vale do Jamor. É tudo quanto Portugal acha possível fazer, na prática, em face do drama do Timor, enquanto promete à Fretilin o seu reconhecimento como movimento que garante a existência de uma República Democrática do Timor Leste.

Juarez Bahia é correspondente do JORNAL DO BRASIL em Lisboa.

GENOCÍDIO E PETRÓLEO NUMA PEQUENA E ESTRATÉGICA ILHA

Jorge Pontual

SÃO apenas 600 mil pessoas (ou 400 mil, se é verdade que 200 mil morreram nos últimos quatros anos), ocupando metade de uma pequena ilha, em área menor que a de Sergipe, terras montanhosas de acesso difícil. Mas no mar, em frente, há petróleo, e por ali passam as rotas entre o Índico e o Pacífico, de interesse estratégico. E o único movimento de libertação de uma ex-colônia portuguesa que não teve êxito, a Fretilin (Frente Revolucionária de Timor Leste Independente), teima em lutar pela independência desse território já oficialmente anexado pela Indonésia.

A Fretilin tem amigos influentes, a começar pelas ex-colônias portuguesas na África, à frente Moçambique, que obtêm dos países interessados numa aproximação política, como o Brasil, o apoio à causa dos timorenses. É de Maputo e Luanda que os escritórios da Fretilin tentam irradiar apelos para que essa causa não seja totalmente esquecida.

Seu maior êxito foi a resolução da ONU, em dezembro de 1978, exigindo a retirada das tropas da Indonésia: 59 votos a favor, 31 contra e 44 abstenções. Mas o adversário tem peso e pode virar a opinião internacional a seu favor: membro da OPEP, rica em petróleo, a Indonésia, com seus 143 milhões de habitantes, e a maior população islâmica do mundo, tem voz forte na comunidade muçulmana e, por extensão, no movimento dos Não Alinhados. Militarmente, a ajuda dos Estados Unidos permite manter em cheque a Fretilin, embora seus combatentes aleguem ter o controle de 85% do território e de 96% da população. E Portugal, que poderia reivindicar a soberania sobre Timor Leste, não está politicamente interessado.

Genocídio

O apelo humanitário parece ser a última saída para que Timor Leste não tenha o destino das ilhas Molucas, cujo movimento separatista contra a Indonésia teve seus últimos estertores num desesperado terrorismo, patrocinado pelos molucanos refugiados na Holanda. Relatos da oposição trabalhista australiana e de defensores dos direitos humanos norte-americanos, como Noam Chomsky, dão substância às alegações da Fretilin de que ocorreu e ainda ocorre em Timor Leste um genocídio em grande escala.

Duzentos mil mortos — um terço dos habitantes — como denuncia a Fretilin, ou 100 mil, como calculam as fontes ocidentais, o drama de Timor assume proporções semelhantes ao do Camboja, sem despertar a mesma indignação internacional. Talvez porque o regime militar indonésio continue vedando o acesso à ilha para a imprensa e até mesmo para a Cruz Vermelha Internacional. Quase não há relatos de primeira mão sobre o que ocorre em Timor, e sim, basicamente, histórias contadas pelos refugiados.

Assim como no Camboja, a principal arma para o genocídio é a fome. Os relatos coincidem nesse ponto: a Indonésia cortou o abastecimento alimentar de Timor Leste e, através do bombardeio com herbicidas, destruiu a maior parte das plantações que garantiriam a subsistência da população. Segundo Noam Chomsky, em seu livro **The Washington Connection and Third World Fascism**, os herbicidas, assim como os aviões antiguerrilha OV-10 **Bronco**, são fornecidos pelos Estados Unidos. Também segundo ele a Itália fornece helicópteros e a Holanda vende fragatas para bombardeio naval.

Praticamente todas as informações a respeito foram condensadas numa conferência internacional em Lisboa, em maio de ano passado, quando o líder trabalhista australiano, Ken Fry, divulgou a cifra de 100 mil mortos. Segundo o antropólogo Shepherd Forman, que trabalhou em Timor, trata-se da "aniquilação de um humilde povo montanhês". São denúncias que praticamente não encontraram repercussão, a não ser na opinião pública australiana. Alegam os timorenses que não foi coincidência o fato de a invasão de Timor ter seguido de perto a queda dos trabalhistas na Austrália e o retorno dos conservadores ao Poder. Aliás, o Governo conservador de Malcolm Fraser reconheceu em 1978 a soberania da Indonésia sobre Timor Leste.

A Fretilin aponta outra coincidência: 24 horas antes da invasão, em 7 de dezembro de 1975, o Presidente norte-americano Gerald Ford e o Secretário de Estado Henry Kissinger passavam por Jacarta. Na análise dos timorenses, Washington teria interesses estratégicos em sua pequena ilha: primeiro, evitar o surgimento de um novo Estado marxista no Sudeste da Ásia, logo após a queda do Vietnam, do Laos e do Camboja; segundo, explorar os recursos minerais da ilha, como magnésio, cobre e ferro, além do petróleo da plataforma marítima; terceiro, fortalecer o regime militar do General Suharto, que resolveu uma crise interna enviando seus jovens oficiais insatisfeitos para dominar a ex-colônia portuguesa.

Mas o principal interesse, sempre segundo a Fretilin, seria a proximidade dos estreitos de Ombai e Wetar, ao Norte de Dili, por onde passam os submarinos atômicos norte-americanos e os petroleiros que abastecem o Japão. Um Estado marxista nesse ponto estratégico abriria a possibilidade de instalação de uma base soviética.

A posição geográfica e estratégica desfavorecem a Fretilin. Ao contrário de seus aliados e protetores na África, não há território vizinho simpático à sua causa que possa servir de santuário. Além de lutar numa ilha, há a agravante de que a metade ocidental, de colonização holandesa, aceita calmamente a dominação indonésia e lhe serve de base.

Da social democracia ao marxismo

Ainda na época colonial, os nacionalistas timorenses organizaram-se na Associação Social Democrata de Timor, que propôs a independência total e imediata após o 25 de Abril de 1974. Mas os colonos portugueses fundaram a União Democrática de Timor, que defendia a independência gradativa. A Apodet (Associação Popular Democrática de Timor), que pregava a anexação à Indonésia, não tinha qualquer expressão política.

Em maio de 1974 o Partido Social-Democrata transformou-se em frente, a Fretilin. E em janeiro de 1975 seus dirigentes fizeram uma coligação com a UDT para obter logo a independência. Mas, em agosto, o Partido dos colonos tentou um golpe, eliminando alguns dirigentes da Fretilin e bombardeando sindicatos, organizações de estudantes e das mulheres. O apelo da Fretilin à insurreição armada teve sucesso e o golpe foi derrotado. Em 28 de novembro era declarada a independência unilateral. Os marxistas já então predominavam no movimento, proclamando na pequena Timor Leste uma República Democrática, "anticolonial e antiimperalista".

Mas sua existência foi das mais efêmeras. Em 7 de dezembro começa a ocupação pelas tropas da Indonésia. Dili, a Capital, e outros pontos costeiros são rapidamente dominados. Os sobreviventes da Fretilin sobem às montanhas, de acesso muito difícil, e mantêm até hoje sua guerrilha.

Atraso

Como as outras colônias portuguesas, Timor Leste foi deixada em situação de total atraso. Há apenas uma pequena fábrica de sabão. O café, único produto exportado, teve as plantações destruídas pela guerra. A população leva vida tribal, com mais de 90% de analfabetos. Além dos dialetos locais, fala-se uma língua franca, derivada do português, o teto.

Pouco a pouco, a resistência dos timorenses vai sendo esmagada. No Ano Novo de 1979 foi morto numa emboscada o líder da Fretilin, Nicolau Lobato, de 28 anos, que se escondia nas montanhas. Há informações não confirmadas de que, além dos herbicidas, napalm está sendo usado contra os camponeses de Timor. Sem qualquer apoio militar externo, só resta a eles uma ofensiva diplomática que sensibilize a opinião internacional.

Jorge Pontual é subeditor de Internacional do JORNAL DO BRASIL

POLÍTICA URBANA E DIREITO DE PROPRIEDADE

Álvaro Pessôa

BRASÍLIA comemorou 20 anos de fundação. No Distrito Federal o Poder Público foi titular inicial de todo o solo urbano e, de quebra, ainda controla, até hoje, uma empresa pública destinada a operar compra e venda deste solo: a Terracap. Não obstante e a despeito da concepção de Lúcio Costa, a especulação com terra urbana é largamente praticada e a discriminação social é dolorosa. Hoje moram no Plano Piloto menos pessoas (25%) do que em 1970 (30%). Os 5% restantes foram expulsos para a periferia, onde o descontrole do desenvolvimento urbano é significativo. Ainda pior: 49% das áreas situadas nas Asas do Plano Piloto estão desocupadas e 90% dos setores de mansões desabitados. Grande parte desta terra está retida em "regime de engorda".

Para os intransigentes defensores da socialização do solo urbano como "solução final", o caso de Brasília demanda madura reflexão. O que ali se demonstrou, em experiência comprovada, é a inadequação do instrumental para controle do desenvolvimento urbano colocado ao alcance do administrador local. Em tais condições, o administrador de cidades no Brasil revela-se incapaz de desempenho eficiente, até mesmo quando socializa os fatores de produção.

Ocorre hoje em Brasília o que Jean Paul Gilli já demonstrou em seu **Le Régime Juridique du Sol Urbain en U.R.S.S. — 1969 — Revue Internationale du Droit Comparé**: "A socialização do solo é muito menos decisiva do que parece, para o bom ordenamento urbano soviético". Acontece que socializar o solo pode não resolver questões de planejamento urbano, mas o imobilismo também não, e já se andou demais em círculos sobre a definição da política urbana brasileira. É tmpo de lançar seus rudimentos, e eles já não virão sem tempo.

A adoção de uma política fundiária, entre nós, enfrenta poderosos interesses privilegiados por sua ausência. É uma ilusão pensar que sua falta só ocasiona perdedores. Ao contrário. Se isto fosse verdade ela já teria sido implantada. Há ganhadores de muito em pequeno — e influente — número e perdedores de muito em grande número. Estes últimos constituem o grande contingente que representa quase 60% da população brasileira. A parcela que mora em cidades.

Voltarei a esta questão adiante, mas antes de retomá-la, desejo confessar minha perplexidade, com um fato enigmático que venho constatando em leituras sobre planejamento urbano e nas declarações dos atores interessados no problema. Tanto os administradores públicos civil e, até mesmo quando podem — e podem pouco — os líderes de associações de moradores, deixam de referir uma questão fundamental: de que é que se trata ao delinear uma política urbana? Afinal, que país é este? Presumo que seja do conhecimento geral, que a definição da política fundiária de um país envolva a redefinição do direito de propriedade imóvel, a nível político e econômico.

Todavia, por mais que tenha esmiuçado a grande massa de material impresso a respeito, jamais encontrei esta verdade claramente confessada. Tudo se passa, como se as expressões da moda: controle do uso do solo, zoneamento urbano ou preservação ecológica não fossem temas de substancial importância, mas assuntos desimportantes sem qualquer conotação política. Resta, pois, admitir que quem se atreveu a percutir o tema considera este ponto nevrálgico da controvérsia, senão desprezível, pelo menos intocável ou imprudente de ser tocado. Isto é um erro, pois é aí que está o nó górdio da questão.

Aliás, a incerteza e a imprecisão sobre os novos delineamentos do direito de propriedade já vem ocasionando graves males aos segmentos interessados na boa ordenação das cidades ou dos que lucram com seu crescimento. De um lado sofre o industrial imobiliário ou empresário, por não poder planejar seu lucro com segurança num quadro de instabilidade. De outro lado sofre o proprietário comum, ao descobrir, por exemplo, que recente lei aprovada pelo Congresso permite que 2/3 dos condôminos de um edifício podem decidir sua demolição contra o desejo do terço remanescente.

Mas se de um lado o fetichismo de alguns juristas e o descompasso do direito com as necessidades da sociedade, e de outro lado o temor de abrir o assunto por parte dos empresários contribuiu para esta indefinição, foi naturalmente impossível impedir a evolução dos tempos. O direito de propriedade imóvel urbana já está redefinido no Brasil. Os indícios deste fato podem ser virtualmente verificados no meio da rua. O pior é que, por falta de precisão e regras definidas de conduta, isto foi feito e continua sendo feito de maneira inteiramente desorganizada, anárquica e irracional. Sem doutrina, filosofia ou dogmática e, mais grave do que tudo, sem sistema ou desprezando o sistema.

Quem quer que trate do assunto sabe disso. Uma verdadeira floresta de siglas desaba sobre a cabeça do cidadão ou empresário que ousa exercer seu direito de construir ou lançar um empreendimento imobiliário. Os controles são cumulativos: federais, estaduais e municipais e um não exclui o outro. No Rio de Janeiro, por exemplo, além dos órgãos da Prefeitura, o direito de propriedade depende (ou pode depender) do que pensem a seu respeito a Serla (rios e lagoas) a FEEMA (proteção ambiental), a Fundrem (interesse metropolitano) e a Flumitur (turismo), para já na área federal desdobrar-se em consultas ao IBDF, ao INCRA, à Embratur, ao SPU, a Portobrás etc... isto para não falar em áreas especiais como a do projeto Turis, as áreas de proteção às praças de guerra; às de defesa do vôo; às de defesa da costa. Depende também, **ça va sans dire!** das leis, que são muitas e pouco claras: a lei de loteamento; a de zoneamento; o Código de Obras etc...

Neste inferno burocrático é que o empresário comum e o cidadão comum, consideram bem respeitado e intocável o seu sagrado direito de propriedade.

Esta situação é grave, na medida que permite ao Poder Público tratar desigualmente os interessados. Em alguns casos abusa de seu poder controlador e em outros age com a maior generosidade. Isto, dependendo de quem é o sujeito do controle. Aliás, a incerteza atual sobre o delineamento do direito de propriedade constitui o sinal mais claro da crise que afeta o sistema jurídico ou, talvez ainda melhor, a ordem jurídica do país. Afinal de contas, o sistema jurídico de que somos herdeiros foi estruturado e concebido ao tempo do Império Romano. Seu mérito maior reside no fato de constituir um ordenamento que, graças à sua metodologia e coerência lógica, pode reger situações infinitamente variadas no tempo e no espaço.

A inadaptação deste sistema jurídico milenar aos tempos atuais é porém palpável. Pouco importa se isto ocorre em virtude da falta de gênio inventivo dos seus juristas sucessores, pelo agigantamento das funções do Estado ou complexidade do fenômeno econômico. O certo é que a realização da ordem, finalidade essencial do direito e que por seu intermédio pode ser assegurada num mundo relativamente estável, torna-se de todo inadaptável num momento social de movimentação contínua. Os preconceitos da deformação profissional da maioria dos juristas (treinados anos a fio para entender um sistema jurídico preponderantemente baseado em Direito Romano) os impedem de promover a revisão necessária com a necessária velocid de, e a partir deste ponto o direito se desvia, para tornar-se um sistema imaginário, artificial e naturalmente ineficaz.

Uma razão de natureza técnica e muito circunstancial agravou o descompasso entre as concepções jurídicas e a verdadeira dimensão do direito de propriedade. A sociedade brasileira trocou, a partir dos anos 30, a área de influência cultural européia (sobretudo francesa) pela norte-americana. A maioria das ciências exatas trocou apenas de língua. Algumas ciências sociais trocaram concepções. A ciência jurídica brasileira não trocou. Perdeu a área de influência. Originalmente concebido com base em padrões europeus, que por sua vez tinham como tronco mestre o sistema romano, o direito brasileiro não se pôde beneficiar da influência anglo-saxônia. Vazio de influências significativas das áreas culturais européias mais avançadas, não manteve a ciência jurídica, como ciência pura, a vivificação indispensável.

A conseqüência mais grave e inquietante deste fato é que as concepções que se estão ampliando e aprofundando nas socieades ocidentais desenvolvidas — não socialistas — sobre uma redefinição do direito de propriedade (que são a base da política urbana), estão sendo deliberadamente retirados da mesa do debate entre nós.

Trata-se de uma manobra, estratégia ou simplesmente atitude estática tipicamente subdesenvolvida. Ela já começa a cobrar caríssimos juros exatamente dos empresários. Isto ficou recentemente mais nítido com o redirecionamento dos recursos do Sistema Financeiro da Habitação. Durante mais de uma década, a política do SFH insistiu em privilegiar financiamento de imóveis para quem já estava bem situado na escala social. Só agora iniciou-se o movimento de retorno à idéia original para a qual foi o BNH criado: erradicação de condições subumanas de habitação.

ESTE redimensionamento, que já se avizinhava há muito, parece entretanto ter apanhado de surpresa o empresariado. Sua reação foi imediata. Busca-se o retorno ao desvio, cobrando-se do BNH maiores tetos de financiamento para a classe média. Caso esta demanda seja isoladamente atendida, vai-se cometer um erro. A saída para que o empresário volte a realizar seus lucros e cumpra sua missão não se deve mais concretizar com o figurino do passado. No Brasil, como aconteceu em muitos países europeus, o empresariado necessita de um pacto com o Poder Público, mediante o qual seja-lhe permitido lucrar com o processo de desenvolvimento urbano e, em decorrência, com a construção civil. E não o contrário.

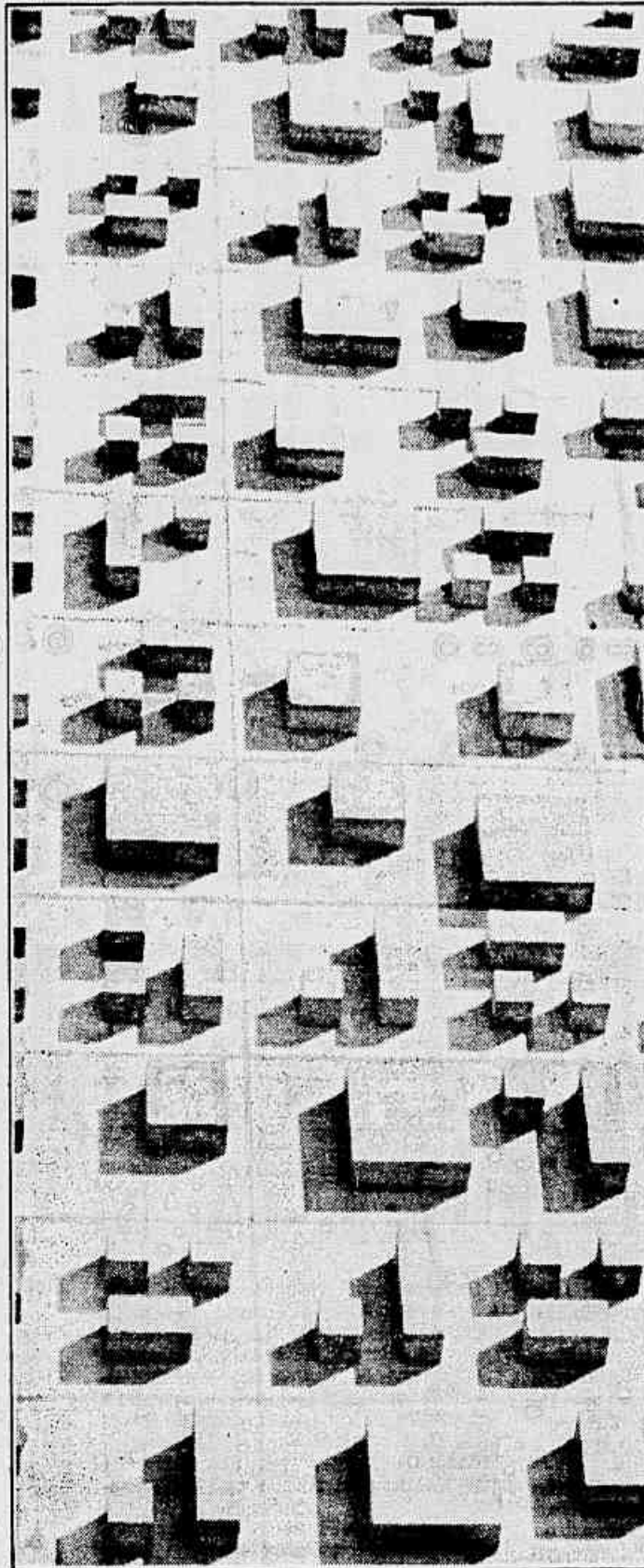
A realização do lucro pelo empresário, através de investimentos em infra-estrutura urbana, não é, aliás, nenhuma novidade no Brasil. A Light no Rio e a City em São Paulo conseguiram operar brilhantemente nesta faixa, lucrando extraordinariamente neste campo de atividade econômica. É bem verdade, que o pacto com o Estado ocorria de forma rudimentar e bastante informal. Hoje os tempos são outros e muito mais complexa é a problemática urbana, mas a possibilidade de realização do lucro é a mesma.

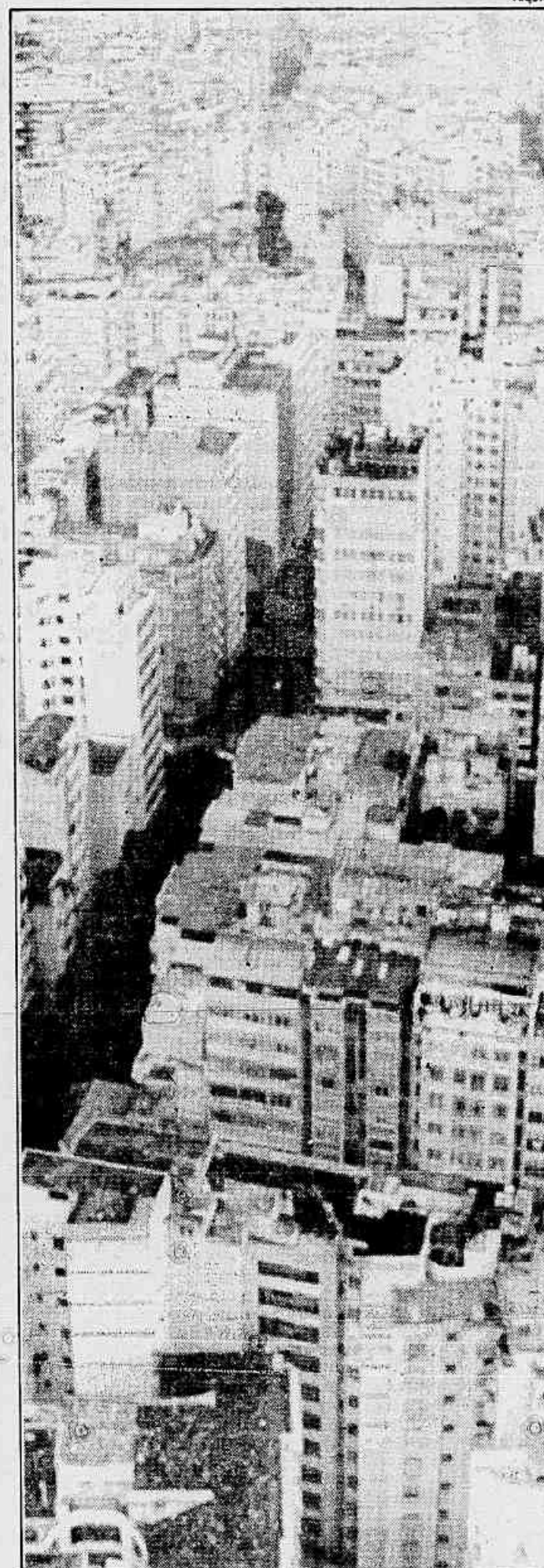
Ocorre que o bloqueio verificado nesta área tem facetas paradoxais. Os empresários entendem com alguma razão — que o Estado não deve competir com a iniciativa privada em matéria de construção civil. Defendem que ao Estado cabe fornecer áreas dotadas de equipamento urbano e destinadas à construção. O Estado porém não tem nenhum interesse neste campo, por falta de instrumentos que lhe permitam recuperar ao menos parte do investimento feito, o que é, exatamente, a posição do empresariado. O que ambos continuam aguardando, mas parecem não se dar conta, é exatamente a definição clara do instrumental jurídico destinado a implantar a política urbana brasileira.

Enquanto a definição não ocorre, resta ao empresariado manter-se bem informado para continuar lucrando através da solução clássica: apoderar-se das mais-valias decorrentes de investimentos públicos inadiáveis. Esta técnica ainda permite que grandes grupos empresariais, bem informados, realizem seus lucros com empreendimentos de porte médio. Isto não poderá ocorrer eternamente, nem serve ao interesse coletivo.

Sem uma redefinição sistemática do direito de propriedade, e a implantação de uma política urbana onde cada ator saiba exatamente quando e onde atuar e como vai lucrar, algumas empresas podem continuar a ganhar dinheiro, mas nem por sonho conseguiremos atingir padrões de desempenho onde a indústria de construção civil como um todo, possa realizar seus lucros na faixa de habitação popular que é —, e deverá ser a vingar a descompressão política —, a nova palavra de ordem da política habitacional brasileira.

Álvaro Pessôa é professor de Direito Urbano no IBAM

Arquivo

Teatro Nacional de Brasília

Arquivo

Copacabana, Rio de Janeiro

Os brasileiros e os lemings

J. O. de Meira Penna

O Ministro da Justiça, recentemente, valeu-se de uma ocasião para declarar, perante uma CPI do Senado, que o planejamento familiar "acaba impondo-se como medida irrecorrível". O senhor Abi-Ackel, segundo entendo pela leitura dos jornais, teria associado a questão da violência urbana às altas densidades populacionais numa cidade como o Rio de Janeiro. O problema resultaria tanto das migrações internas quanto do fenômeno mais geral de explosão demográfica.

Essas conclusões, em boa hora, alcançadas pelas altas autoridades nacionais, me chamam a atenção para um fato que há muito está sendo estudado pelos cientistas sociais, antropólogos e etólogos, a saber, a estranha correlação entre fenômenos de criminalidade, neuroses, suicídios, vícios, acidentes e outras mazelas das grandes metrópoles modernas e a explosão populacional que sofre o mundo, em geral, e o Brasil, em particular. Experiências com ratos têm sido, por exemplo, realizadas para provar que, acima de certa densidade num espaço fechado, os animais começam a agir de modo psicótico: sofrem de paranóia.

Devo dizer que a irracionalidade demonstrada pela espécie humana encontra paralelo singular nos hábitos de um pequeno roedor da Escandinávia — o leming. O paralelo é impressionante. Com efeito, nenhuma outra espécie animal, salvo o homem, se dedica como o leming a empreendimentos coletivos de caráter tão mortífero. O caso é apresentado neste artigo como pequena contribuição para o tema.

Na maneira como alguns defendem a explosão demográfica, argumentando com a necessidade de povoar o vasto sertão, muito embora seja notório que as migrações internas não se dirigem para o interior, mas estão acumulando, como "caranguejos presos às praias", massas incríveis de favelados miseráveis nas cidades costeiras e penemarítimas; no modo suicida como, diante da criminalidade crescente, ofendemos a polícia, que é nossa protetora, privando-a de recursos, de bons salários, de efetivos, de popularidade e de dignidade; na estranha tendência de considerarmos a pena de morte como uma aberração legal, incompatível com nossa tradição humanista e liberal, mas, ao mesmo tempo, amiúde recorremos ao linchamento em praça pública e aos atos de uma misteriosa **mão branca**, em lugar ermo — nesses e em outros curiosos traços de comportamento coletivo, que mereceriam a atenção dos etólogos, oferecemos exemplos de irracionalidade bem semelhantes ao dos lemings. Ouçamos, pois, sua história!

Roedores que habitam a Escandinávia, a Sibéria, o Norte do Canadá e as regiões polares, esses bichinhos intrigam há séculos a ciência, em virtude de seus curiosos hábitos migratórios. Sendo extraordinariamente prolíficos, é natural que hajam atraído a atenção dos etólogos nesta época de explosão demográfica. Produzem ninhadas de três a nove filhotes, depois de um curto período de gestão de três semenas, e não hesitam em reproduzir-se em pleno inverno.

Como conseqüência dessa capacidade surpreendente de multiplicação, atingem em períodos cíclicos uma excessiva densidade. Então, de três em três ou quatro em quatro anos, explodem, destroem as colheitas, invadem tudo e precipitam-se numa verdadeira fúria agressiva contra qualquer obstáculo que encontrem às suas incursões.

O fenômeno misterioso tem sido registrado freqüentemente e levanta a hipótese de uma ausência de controle natural na relação entre densidade, território, alimento e meio-ambiente — o que constitui uma falha excepcional entre os mamíferos. Em sua atividade migratória que, na Noruega por exemplo, se transforma numa espécie de pânico e impulso cego, avançam em massas compactas e, enfrentando um lago ou o oceano, mergulham aos milhões, nadam e morrem afogados. Hecatombes são encontradas sobre as águas.

O pânico suicida das multidões de lemings poderia ser entendido com uma reação patológica à excessiva multiplicação diante da escassez de alimentos. Não é, porém, o caso. Mais contraditório e incompreensível é o impulso mortal. Como explicá-lo em termos darwinianos de sobrevivência do mais apto na seleção natural? Como pode um ímpeto autodestruidor registrar-se no código hereditário e transmitir-se como uma característica genética? Como consegue um suicida passar a seus descendentes a própria tendência à autodestruição? Como é possível ser o suicídio uma característica inata de comportamento, desenvolvida pela seleção natural no correr da história da evolução? Estamos obviamente diante de um impasse, que desperta sérias indagações filosóficas e científicas.

O leming pertence à mais numerosa família dos mamíferos, a mesma a que se juntam os ratos e as cobaias — raças cuja forma especial de sobrevivência não é a agressão mas a estupenda capacidade prolífica. Os coelhos também pertecem a essa categoria simpática dos que preferem fazer o amor a fazer a guerra. O número de lemings nas vastidões árticas talvez exceda não apenas os bilhões mas os trilhões. Como escreve Robert Ardrey (em **The Social Contract**), "a cadeia de investigações iniciada pelo comportamento bizarro dos lemings está tomando um curso de flecha em direção ao objetivo da aflição humana"...

O mais curioso — fato que foi observado na Suécia no ano de 1963, particularmente notório pela migração do animalzinho — é que freqüentemente há abundância de alimento. A fome não configura o motivo aparente do pânico. Os que emigram são também animais jovens, fortes, que se são lançados à aventura **antes** da reprodução. Por que então o fazem? Darvin, que conhecia o fenômeno e que com ele se sentiu bastante intrigado, supôs que era causado por epidemias periódicas. Mas se o fenômeno específico de ímpeto migratório pode ser atribuído a uma mecanismo natural, de procura para restabelecer o equilíbrio malthusiano entre densidade e alimento disponível, em determinado território, o suicídio em massa é outra história, ainda mais enigmática.

Ardrey observa que a fatalidade que atingiu os zoólogos e etólogos interessados no estudo dos lemings, em conjunção com possíveis ciclos climáticos de abundância ou escassez de alimentos, atingiu também Thomas Robert Malthus. O morticínio dos lemings não seria, em outras palavras, motivado por um imperativo malthusiano. O que não se diz é que não somente o malthusianismo mas o próprio darwinismo estão seriamente postos em questão pela curiosa propensão irracional do pequeno e rústico roedor.

Como bem acentua Ardrey, "as certezas da biologia do século XIX estão sendo substituídas pelas questões abertas do século XX". Se não são os ciclos climáticos de alimentos, que outro fator poderia então determinar a estranha depressão e **crash** da população de lemings das zonas nórdicas? A resposta é críptica. Mas está, de qualquer forma, relacionada com um problema de densidade em determinada área, já que a maior parte das espécies parece possuir um mecanismo, cujo funcionamento constitui ainda hoje um mistério, o qual regula, automaticamente, a fecundidade de acordo com a mortalidade vigorante, de maneira a manter o equilíbrio demográfico. A nova ciência da Dinâmica Populacional procura investigar o assunto. Certas espécies, porém, e este é o caso, não possuiriam esse mecanismo admirável, assegurado geneticamente através dos órgãos de reprodução e, conseqüentemente, o controle cíclico se efetuaria da maneira brutal e irracional do suicídio coletivo.

Ardrey é sarcástico quando escreve que o mistério da morte e da vida, tendo a atenção despertada pelo insignificante leming, não foi resolvido por uma bula do Vaticano. A sugestão de todo o argumento é que o problema da explosão demográfica humana pode ser semelhante ao do leming. Não será a extrema densidade, que estão adquirindo as áreas metropolitanas do mundo, responsável pelos fenômenos de mortalidade suicida (o crime, as neuroses, as drogas, os acidentes de tráfego, as guerras) que corrigem ou corrigirão o excesso de nossa população? Afinal de contas, durante talvez meio milhão de anos, a espécie **Homo Sapiens**, vivendo da caça e da coleta de frutos, manteve-se ao nível de 1 milhão de indivíduos sobre todo o planeta. A descoberta da agricultura, ocorrida há uns 10 mil anos, permitiu o crescimento geral da população até atingir 100 milhões. O Império Romano, que dominou o mundo antigo (ocidental), contava talvez 100 milhões de habitantes, enquanto a China, naquela época, talvez registrasse o mesmo número. A revolução industrial e os progressos da técnica, dos quais o mais relevante na matéria é a descoberta de vacinas e antibióticos e as modernas regras de higiene, reduziram drasticamente a mortalidade e permitiram à espécie alcançar 4 bilhões, dobrando aceleradamente em menos de 50 anos. Até o fim do século, deverá atingir 7 bilhões! Obviamente estamos diante de um fenômeno estupendo, semelhante ao da crise demográfica cíclica dos lemings. E é o caso de perguntarmo-nos se a explosão populacional humana já não constitui uma maneira, misteriosamente antecipadora, de corrigir os claros que provocaria uma guerra nuclear, ou se a bomba nuclear não será um método adequado à correção da presente calamitosa situação demográfica? Alternativas ominosas! Escarmentados pelos acidentes, os assaltos, os assassinatos em massa, cabe-nos, cariocas, estudar e aplicar meios mais racionais de reduzir o crescimento populacional da cidade, do que o praticado pelos bichinhos da Escandinávia...

PETRÓLEO

NÃO BASTA FURAR PARA ENCONTRAR

Carlos Walter Marinho Campos

O petróleo não está onde se quer, mas onde a natureza o criou e escondeu. Certamente a broca só o encontrará quando dirigida para onde ele está. Para isso, devemos utilizar os instrumentos básicos da pesquisa de petróleo: a coleta e a interpretação de informações geológicas. Os métodos geofísicos de prospecção e os poços exploratórios são os principais meios para obtenção destas informações.

Apesar do fantástico desenvolvimento tecnológico, durante o último quarto do século, ainda não existe um método direto de constatação da presença de petróleo em subsuperfície. Os métodos usados, definindo as situações mais favoráveis, aumentam substancialmente os índices de sucesso das perfurações pioneiras e reduzem drasticamente os custos exploratórios. Como a parte mais onerosa do processo é a perfuração, qualquer melhoria que se consiga nos índices de sucesso justifica os investimentos adicionais decorrentes do uso das técnicas mais modernas e sofisticadas no processo pré-perfuração.

Na indústria do petróleo, índices de sucesso de 10 a 15% são considerados muito bons (10 a 15 descobertas comerciais em 100 perfurações pioneiras tecnicamente escolhidas).

A presença de uma acumulação comercial de petróleo depende de alguns fatores severamente limitativos.

Petróleo só existe em bacia sedimentar, mas nem toda bacia sedimentar possui acumulações comerciais de óleo ou gás. O geólogo dirá onde estão as bacias sedimentares e quais são as mais interessantes sob o ponto de vista da prospecção de petróleo. São depressões antigas da terra preenchidas, durante certo intervalo do tempo geológico, por sedimentos que se transformaram em rochas sedimentares. O tempo aqui se conta em milhões de anos e a espessura das rochas sedimentares em milhares de metros. Ordens de grandeza inferiores não formam bacias sedimentares interessantes para ocorrência de petróleo.

Os sedimentos são constituídos, em grande parte, pelo produto da erosão de rochas preexistentes, que foi transportado por agentes geológicos como os rios, as geleiras e outros. Também muito importante na constituição das bacias sedimentares são as rochas formadas por precipitados químicos, como carbonatos, sulfatos e cloretos.

Os sedimentos se acumulam formando espessas colunas e, após sua consolidação, se transformam em rochas constituídas por uma seqüência de estratos, daí os nomes coluna estratigráfica e perfil estratigráfico. Juntamente com os sedimentos se depositam restos orgânicos que, quando preservados e adequadamente transformados, dão origem às acumulações de petróleo e de gás natural. A presença de acumulações de petróleo depende da natureza das rochas sedimentares formadas em uma bacia sedimentar, do seu conteúdo orgânico, das relações espaciais entre essas rochas, das transformações físico-químicas por elas sofridas após a deposição, das deformações a que foram submetidas durante o tempo geológico e da ocasião em que essas deformações ocorreram. Evidentemente, a presença de rocha geradora e rocha armazenadora é indispensável na seqüência sedimentar.

Na formação da rocha geradora, denominada rocha-matriz, substanciais quantidades de matéria orgânica foram depositadas e preservadas em associação com seus constituintes minerais. Esta matéria orgânica, submetida a condições adequadas de temperatura e pressão, se transforma em petróleo.

A rocha armazenadora, denominada rocha reservatório ou simplesmente reservatório, tem que ser porosa, isto é, possuir espaços vazios para receber o petróleo migrado da rocha-matriz. Esta porosidade pode ser intergranular, intercristalina, de fraturas e de dissolução.

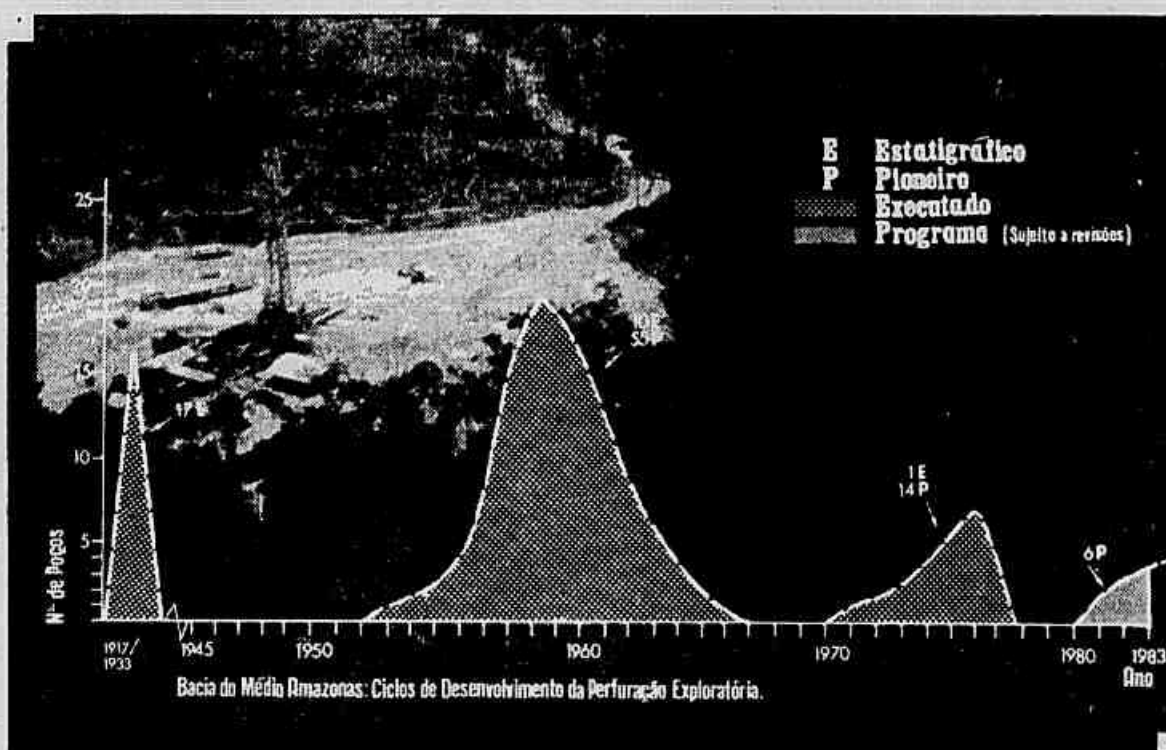
O petróleo, localizado nas rochas reservatório, escaparia até se perder nas exsudações superficiais, emersas ou sob as águas, caso sua migração natural para zonas de mais baixa pressão não fosse bloqueada por rochas impermeáveis, denominadas capeadoras, ou por obstáculos denominados trapas ou armadilhas. A figura 2 mostra uma trapa estrutural do tipo anticlinal e outra estratigráfica, do tipo lenticular. A trapa, alçapão ou armadilha constitui o depósito, de onde o petróleo não poderá escapar.

As rochas — reservatório e matriz — devem associar-se adequadamente no espaço, pois, do contrário, o petróleo gerado numa não teria a oportunidade de migrar para a outra.

Ao ser expulso das matrizes e entrar em rochas porosas e permeáveis, denominadas condutoras, o petróleo deverá encontrar, na sua trajetória, as armadilhas já formadas. Aquelas, constituídas posteriormente, só poderão reter petróleo de uma geração tardia, envolvendo grandes volumes, excepcionalmente.

Bacia do Médio Amazonas: Ciclos de Desenvolvimento da Perfuração Exploratória.

Esforço exploratório

Estas informações são suficientes para percebermos que este processo depende de acontecimentos e de ajustes delicados entre vários fatores naturais, no espaço e no tempo geológico. Deficiências ou falhas no processo resultarão na ausência total ou em acumulações insignificantes. Certamente a maior parte do petróleo, gerado no tempo geológico, se perdeu na superfície por falta de obstáculos na sua trajetória migratória.

As jazidas de petróleo, como aliás todos os recursos naturais, se distribuem de maneira muito irregular na crosta terrestre, concentrando-se exuberantemente em certas áreas, como no Oriente Médio, onde todas as citadas condições básicas existiram. É exatamente por isso que no mundo existem apenas 63 países produtores, dos quais apenas 26 auto-suficientes, não importando qual seja o seu grau de desenvolvimento tecnológico.

Em diferentes áreas de uma mesma bacia sedimentar podemos ter incidências de acumulações de petróleo variando entre extremos notáveis: esta mesma variabilidade ocorre também entre as diferentes bacias sedimentares. Existem causas geológicas para explicar o fato de que em determinadas áreas há muito petróleo, em outras pouco e ainda em outras nenhum. O que determina a presença e o porte das acumulações de petróleo, numa determinada área, são fatores geológicos, bem conhecidos da indústria petrolífera, e não o número de poços perfurados. Certamente, para avaliarmos com segurança uma bacia sedimentar, devemos executar, em primeiro lugar, levantamentos geológicos e geofísicos. Em seguida, perfurar um número mínimo de poços que permita uma amostragem adequada das trapas mapeadas — estruturais, estratigráficas ou combinadas — bem como da coluna de rochas sedimentares.

Esses poços iniciais, para testar a presença de trapas (poços pioneiros) ou simplesmente para conhecer a coluna de rochas (poços estratigráficos), poderão ser bem-sucedidos ou não. Caso a resposta ao esforço inicial seja animadora, as atividades exploratórias serão intensificadas, podendo haver mesmo verdadeira corrida de sondas para a área produtora. Caso contrário, haverá certo arrefecimento, enquanto os dados obtidos são revistos e novas hipóteses de trabalho formuladas. Estes ciclos alternados de atividades, intensificados e arrefecidos, estão registrados na história da exploração do petróleo de várias áreas do mundo, inclusive em áreas brasileiras, como é o caso da bacia do Amazonas. O que não deve acontecer é a perfuração ininterrupta de poços, quando a resposta aos investimentos exploratórios mantém-se negativa, ou enquanto não surjam novas idéias ou nova tecnologia para vencer os obstáculos encontrados na identificação dos fatores que controlam as acumulações de petróleo. Existem ainda fatores econômicos que justificam a exploração de petróleo em certas áreas, antes consideradas difíceis ou apenas com possibilidades de modestas acumulações. Não há contudo justificativa para insistir, indefinidamente, investindo em uma determinada área quando os resultados são consistentemente negativos.

O custo da prospecção pode ser dividido em duas parcelas: investigação geológica e geofísica (envolvendo 15% dos custos) e perfuração exploratória (envolvendo 85%). Por esta razão, as companhias mais experientes do mundo em exploração de petróleo — isso estamos vendo de perto — perfuram seus poços exploratórios de maneira cautelosa, após minuciosa fase de investigação exploratória, onde não são poupados investimentos.

A resposta ao esforço aplicado é fundamental para intensificação dos trabalhos. Nos Estados Unidos, encontrou-se petróleo quase à flor da terra. Muitos enriqueceram, ou pelo menos puderam reunir bastante capital para aumentar o negócio. Em 1859 encontrava-se petróleo na Pensilvânia, em 1901 ocorreu o fabuloso jorro de Spindletop no Texas e em 1930 surgiu o gigante do East Texas. Enquanto isso, os nossos pioneiros Edson de Carvalho, em Alagoas, e Monteiro Lobato, em São Paulo, viam seus minguados recursos se exaurirem diante das respostas negativas.

A perfuração no Brasil

O Quadro 2 mostra o número de poços perfurados no Brasil. Observa-se a concentração de poços no Recôncavo e em Sergipe, onde encontramos petróleo, embora as áreas dessas bacias sejam diminutas, comparativamente àquelas das grandes bacias do Amazonas, Maranhão e Paraná.

Perfuramos 148 poços na Bacia do Amazonas e ali continuamos trabalhando porque estamos convencidos da possibilidade de encontrar acumulações comerciais. Mas antes de testar novas idéias em poços estrategicamente locados, utilizando a tecnologia desenvolvida nos últimos anos, não nos parece racional massificar perfurações precariamente posicionadas, a custos superiores a 4 milhões de dólares por poço. Sem perfurar, nada encontraremos, como também nada descobriremos se perfurarmos ao acaso, comprometendo os escassos recursos de um país em desenvolvimento.

É interessante notar que no Oriente Médio se perfura muito pouco e se descobre muito petróleo. Abu Dhabi, com a perfuração de 93 poços, em 1978, aumentou suas reservas de petróleo de 24 bilhões de barris (1977) para 30 bilhões de barris (1978). Do mesmo modo, a Arábia Saudita, com a perfuração de 145 poços, em 1978, acrescentou cerca de 3 bilhões de barris às suas reservas de petróleo, que nesse ano passaram a 113.284 bilhões de barris. (Fonte: **World Oil**, agosto/79). A nossa Braspetro, com três poços pioneiros no Iraque, descobriu reservas fabulosas, com mais de 6 bilhões de barris já provados. Onde os fatores geológicos são extremamente favoráveis, não há preocupação com as estatísticas de perfuração.

A quantidade de petróleo numa bacia sedimentar, num país ou no mundo, é **finita**. Após um certo número de anos, produzindo num determinado ritmo, as reservas se esgotam. As reservas não são proporcionais ao número de perfurações executadas ou às dimensões do país produtor. Os Estados Unidos perfuram um número fabuloso de poços, mas as suas reservas são inexoravelmente decrescentes, mesmo com os progressos obtidos nas técnicas de recuperação do petróleo das jazidas. Ali se perfura muito em áreas onde a resposta foi generosa e não em áreas como Oregon e Washington, cujas rochas basálticas constituem problemas, talvez menores do que aqueles da bacia do Paraná. Nem mesmo a superdesenvolvida indústria petrolífera americana se lança naquelas áreas perfurando ao acaso.

Ao citar estatísticas de perfuração devemos distinguir várias categorias de poços, notando-se que os mais numerosos são os de desenvolvimento das jazidas ou de explotação, onde se incluem poços de injeção de água, de injeção de vapor, de combustão **in situ** e outros destinados a aumentar o fator de recuperação de petróleo. A Argentina, por exemplo, perfurou em 1977 um total de 647 poços, dos quais apenas 143 exploratórios (pioneiros). Nesse mesmo ano os Estados Unidos perfuraram 46 mil 479 poços, 9 mil 691 dos quais foram exploratórios. (Fonte: **International Petroleum Encyclopedia** — 1979). Obviamente poços de desenvolvimento somente são perfurados quando os poços exploratórios revelam jazidas.

Os resultados da exploração de petróleo no Brasil foram bastante satisfatórios nos últimos anos, apesar de ainda não se ter estabelecido produção comercial nas grandes áreas sedimentares brasileiras (as bacias paleozóicas) pelas suas peculiares e complexas condições geológicas. Nas bacias terciárias e cretáceas, de terra e mar, apropriamos reservas, de decênio 1969-1978, da ordem de 146 milhões de metros cúbicos ou cerca de 90 milhões de barris por ano, o que equivale à descoberta de um campo de petróleo de médio porte anualmente. Para atingir a auto-suficiência nessa mesma década e garantir uma relação igual a 15, entre as reservas e a produção anual no fim do período, deveríamos ter descoberto, em média, a cada ano 670 milhões de barris, isto é, um campo gigante por ano! Freqüentemente, se perde a percepção da ordem de grandeza desses números.

Os resultados da exploração de petróleo na plataforma continental, iniciada em 1968, podem ser considerados bons. Já descobrimos 730 milhões de barris de petróleo recuperável, perfurando 1,5 milhão de metros de poços exploratórios (459 poços). Cada metro de poço perfurado nos proporcionou 843 barris de reserva. Na América do Norte, na costa Leste (atlântica) dos Estados Unidos e Canadá, foram perfurados, até agora, cerca de 130 poços exploratórios, tendo havido uma descoberta de gás (270 mil m^3/dia) na costa dos Estados Unidos e, recentemente, uma de petróleo na plataforma continental de Newfoundland (Canadá), esta em fase de avaliação.

Essas considerações permitem concluir que não é correto pensar que se o Brasil tivesse perfurado 10 vezes mais, teria encontrado petróleo na mesma proporção. O conhecimento geológico de uma área e as sutilezas de determinados prospectos fazem com que a exploração de petróleo seja, em grande parte, um processo de aproximações sucessivas. A intensificação das perfurações exploratórias tem ocorrido nas áreas mais promissoras, definidas pelas investigações geológicas e geofísicas e pelos resultados subseqüentes das perfurações pioneiras.

Um exemplo típico está se desenvolvendo na Bacia do Alto Amazonas: após muitos anos de dificuldades com o método sismográfico, os novos recursos tecnológicos permitiram mapear estruturas portadoras de gás na região de Carauari, Amazonas. Para lá enviamos duas equipes de sismografia e duas sondas. Já perfuramos seis poços e estamos perfurando mais dois. Os dados colhidos nos levam a formar certos conceitos sobre a origem das estruturas mapeadas e a formular certas hipóteses de trabalho que nos permitirão traçar um plano abrangente para a avaliação de toda a sub-bacia do Alto Amazonas.

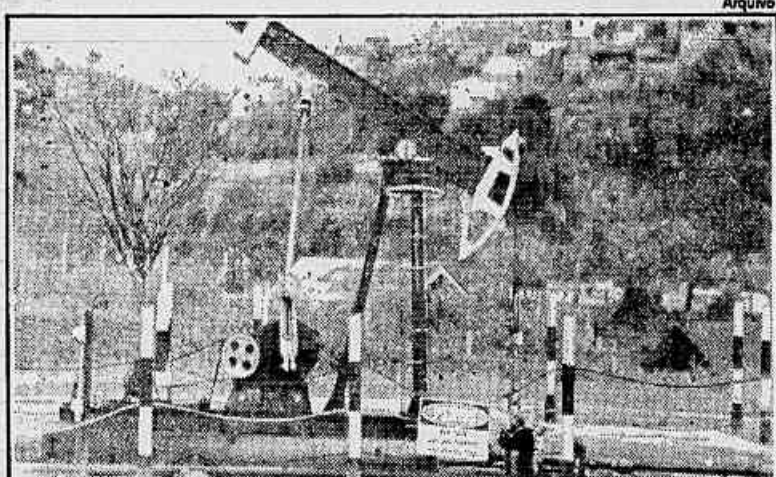
Há ainda uma dificuldade: as reservas até agora provadas parecem modestas para o porte das estruturas onde o gás natural foi encontrado. O poço 1-JI-1-AM, em perfuração, poderá trazer muitos esclarecimentos para essa questão. Enquanto isso, especialistas estão estudando a geoquímica das rochas matrizes, a história da deposição das rochas sedimentares e as informações geofísicas já obtidas.

Com base no resultado desses estudos, a gerência de exploração planejará o nível adequado para a atividade futura de perfuração, consciente de que não se pode perder tempo. O dimensionamento adequado do esforço de perfuração é fundamental, ainda mais numa área como a do Alto Amazonas, onde cada poço pioneiro exige investimentos superiores a 4 milhões de dólares.

Resumindo, a eficiência exploratória se mede pelos resultados obtidos e não por estatísticas de perfuração.

O problema maior é não haver petróleo bastante para abastecer o país e acompanhar o crescimento do consumo. Haverá um dia? Não podemos responder ainda essa pergunta, mas as novas conquistas tecnológicas e o programa exploratório agressivo que a Petrobrás tem conduzido nos darão elementos para fazê-lo nos próximos anos.

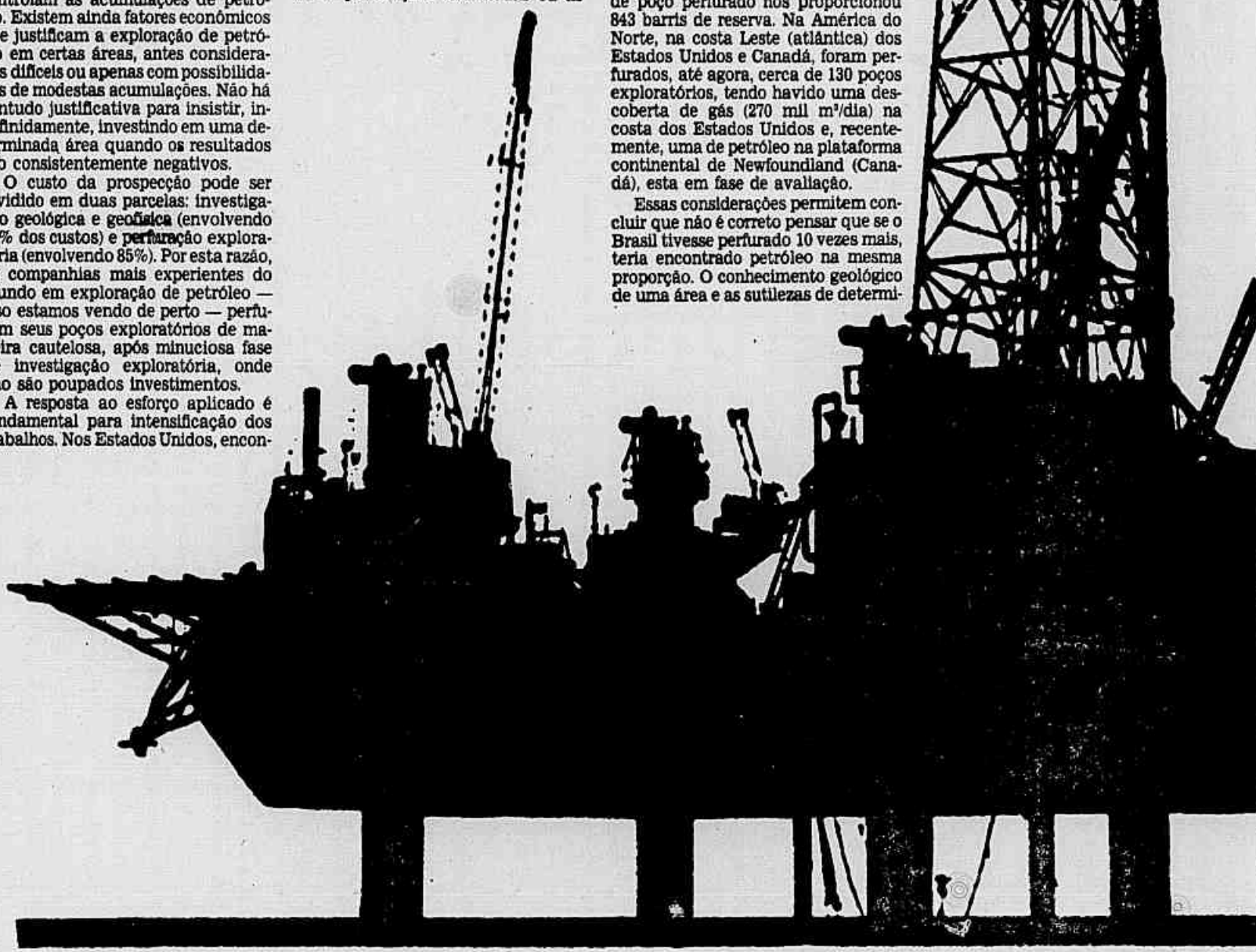
O geólogo Carlos Walter Marinho Campos é diretor de Exploração da Petrobrás.

Arquivo

Poço pioneiro de Lobato (BA), ainda em operação

POÇOS PERFURADOS [31.12.79]

	Bacia	Poços de Exploração	Poços de Explotação	Metragem Perfurada
TERRA	Acre	11	—	25.384
	Alto Amazonas	22	—	38.682
	Médio/ Bxo. Amazonas	126	—	243.879
	Marajó	14	—	31.126
	Bragança-Vizeu	2	—	4.168
	S. Luiz	15	—	29.870
	Barreirinhas	59	—	150.196
	Maranhão	24	—	50.184
	Potiguar	5 (*)	—	7.280
	Faixa Costeira PB/ PE	1	—	406
	Sergipe-Alagoas	438	805 (x)	1.335.284
	Jatobá	2	—	3.587
	Tucano Norte	2	—	8.367
	Tucano Central	13	—	30.951
	Tucano Sul	81	14	207.800
	Recôncavo	735	2253	3.627.900
	Almada	3	—	4.160
	Jequitinhonha	3	—	12.005
	Cumuruxatiba	3	—	4.030
	Mucuri	1	—	590
	Espírito Santo	83	34	216.439
	Campos	1	—	2.620
	Paraná	71	—	165.133
	Pantanal MT	10	—	1.986
	Pelotas	8	—	3.736
	TOTAL TERRA	1733	3106	6.205.743
MAR	Plat. Amapá/ Pará	38	—	150.051
	" Barreirinhas	11	—	39.387
	" Piauí/ Ceará	38	3	116.673
	" Potiguar	34	33	168.654
	" Sergipe/ Alagoas	101	98	441.466
	" Recôncavo	7	—	14.375
	" Camamu	2	—	6.945
	" Almada	6	—	14.416
	" Jequitinhonha	14	—	34.751
	" Cumuruxatiba	26	—	83.185
	" Mucuri	3	—	7.581
	" Espírito Santo	35	—	114.011
	" RJ (Campos)	132	18	507.862
	" SP/ PR (Santos)	10	—	39.914
	" Pelotas	2	—	9.852
	TOTAL MAR	459	152	1.749.123

(*) + 44 poços p/ água
(x) inclui injeção

MÁRIO ANDREAZZA

MODELO BRASILEIRO CONCILIA A LIBERDADE DE INICIATIVA COM O BEM-ESTAR DA SOCIEDADE

O uso da terra, o desenvolvimento urbano, as migrações internas, a política florestal da Amazônia, a política indigenista e o Nordeste são os assuntos analisados pelo Ministro do Interior, Mário Andreazza. No seu entender, o país tem um modelo de inspiração neocapitalista, que procura conciliar a economia de mercado com a necessidade de levar à maior parcela possível da população os benefícios do progresso. Neste contexto, o Ministério do Interior trabalha para favorecer uma racional e rentável exploração das potencialidades econômicas do país, como no caso da floresta amazônica, e ao mesmo tempo dá prioridade às exigências da população, especialmente a de baixa renda.

Uma das questões fundamentais no país, e por isso polêmica, é o uso da terra. Qual é a sua visão?

— Recentemente, instituições divulgaram documentos apresentando soluções quanto ao uso da terra no Brasil. A esse respeito já tennho opinião bem formada: existe no país uma clara e bem definida opção pelo capitalismo social e uso da terra; o que constitui a própria base do nosso regime. O Brasil vem adotando modelo de desenvolvimento que pode ser considerado de inspiração neocapitalista, procurando conciliar a liberdade de iniciativa, própria das economias de mercado, e a necessidade de estender ao maior número possível de pessoas os benefícios do progresso e do bem-estar social.

Os seus postulados estão na Constituição, que especifica como chegar ao desenvolvimento nacional e à justiça social: liberdade de iniciativa, valorização do trabalho como condição da dignidade humana, função social da propriedade, harmonia e solidariedade entre as categorias sociais de produção, repressão ao abuso do poder econômico (caracterizado pelo domínio do mercado, bem como a eliminação da concorrência e o aumento arbitrário dos lucros).

Ficar contra eles significa ficar contra o nosso próprio regime. A partir destes postulados, a questão do uso da terra no Brasil deve ser colocada de modo a considerar as diversidades regionais, pois não comporta soluções uniformes e rígidas. Observa-se, inicialmente, que o Brasil é, hoje, um dos poucos países com ampla disponibilidade de terra, em condições de expandir sua fronteira agrícola e aumentar a produção de alimentos, seja para o abastecimento interno, seja para exportar. Em segundo lugar, as várias modalidades de uso da terra — propriedade familiar, média, e grande propriedade agrícola — podem e devem conviver no espaço continental brasileiro.

É preciso, no entanto, que fique bem claro o seguinte: as formas diferenciadas de uso adequado da terra não excluem a necessidade de reestruturação e regularização fundiárias em região onde as modalidades de domínio, posse e uso da terra são injustas e inadequadas, social e economicamente. Temos, aí, o Estatuto da Terra para solucionar essas injustiças flagrantes que existem em nossa sociedade e que, em grande parte, se originam da posse e do uso da terra.

— A questão da terra é uma face da moeda; a concentração urbana, outra. Como o Ministério do Interior define a situação?

— Através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano, constatamos a ocorrência de um processo de urbanização rápido e concentrado, que tem contribuído para o agravamento dos desequilíbrios regionais e provocado alterações na estrutura interna das cidades. O Poder Público encontra dificuldade em acompanhar o processo, que se manifesta através da carência de equipamentos e serviços urbanos, bem como pelo desordenado processo de ocupação do solo. Essas dificuldades decorrem, em grande parte, da insuficiência do instrumental jurídico-tributário, que não acompanhou as profundas transformações da realidade urbana, principalmente no que diz respeito ao uso do solo urbano.

Para o Ministério, é urgente a necessidade de aperfeiçoar o instrumental jurídico, assim como é preciso definir a competência das três esferas de Governo — federal, estadual, municipal — no que tange à matéria urbanística. Quanto à tributação, acredito que deva ser considerada não só como fonte de receita, mas também como instrumento de ordenamento territorial regional e urbano e de justiça social.

— As distorções no uso do solo e no desenvolvimento urbano alimentam as migrações. Qual a disposição do Governo diante do problema?

— Recentemente, o Conselho de Desenvolvimento Social, por proposta do Ministério do Interior, aprovou o Programa Nacional de Atendimento às Migrações Internas, manifestação da necessidade de se enfrentar uma situação aguçada nos últimos anos, com a passagem de populações rurais para cidades, e das cidades pequenas e médias para os aglomerados metropolitanos. É uma decorrência, principalmente, da concentração dos investimentos públicos e privados nas maiores cidades.

No Brasil, cerca de 40 milhões de pessoas, um terço da população, são considerados migrantes, isto é, residem em locais onde não nasceram. Embora todos os estratos sociais estejam representados neste contingente, o migrante típico e objeto da preocupação governamental é proveniente dos estados mais carentes da população. A intensidade, direção e características migratórias refletem a distribuição social e especialmente desigual das atividades produtivas, de emprego e da renda nacional.

O desafio principal ao Governo é criar estímulos para melhorar o nível de vida das camadas populacionais de baixa renda, através da ampliação das oportunidades de trabalho, elevação de renda e melhor distribuição espacial das atividades produtivas e de oportunidades de emprego. Ou seja: atacar o problema na origem, eliminando a necessidade de migrar, mas também procurar minorar as dificuldades dos que migraram.

— Neste quadro de preocupações com a qualidade de vida das camadas mais pobres, como encarar a ação do Banco Nacional da Habitação?

— Tem um lugar de destaque, agora que está orientado para atividades de caráter eminentemente social, que atinjam, particularmente, aquelas populações de baixa renda, atendendo também a classe média. Além de adequar todos os seus procedimentos à orientação, vários programas foram criados, merecendo ênfase o Promorar, instituído com o objetivo básico de recuperar favelas em todo o Brasil, através da construção de moradias, de promoção do desenvolvimento comunitário, da criação de uma infra-estrutura urbana. É, diferentemente do Plano Nacional de Habitação Popular, atuando no local mesmo das favelas.

O Promorar se destina a famílias que recebem até três salários mínimos. Pretendemos que os participantes do programa paguem, no máximo, um décimo do salário-mínimo por mês: é um programa para as populações que vivem em favelas e palafitas, e já estamos trabalhando no Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

Dentro do mesmo programa (Promorar) estamos procurando fundir recursos com correção monetária do BNH, e recursos a fundo perdido do DNOS, de modo a atender as Prefeituras através de financiamentos a baixo custo para solução dos problemas de águas, drenagem e saneamento básico, tão importantes para a saúde dessas populações.

— Qual o papel da iniciativa privada no programa da habitação?

— Estamos estimulando, consideravelmente, a iniciativa privada, para que ela participe desses programas, uma vez que precisamos somar todos os esforços para alcançar a meta de 4 milhões 400 mil novas moradias até o final da administração. É uma meta que estamos convencidos que poderá ser alcançada, tal a progressividade dos trabalhos e tal é o interesse da iniciativa privada e de todos os órgãos vinculados ao sistema financeiro habitacional.

Mas não se pode esquecer um outro aspecto das atividades do BNH, que é o esforço para minorar os efeitos das calamidades públicas. No que se refere às cheias, todos os planos indicam a necessidade de recolocar as populações ribeirinhas, nas cidades em que há constantes inundações. Esse trabalho é realizado ao longo dos rios São Francisco, Araguaia e Tocantins. Quanto às secas, o BNH já atua como agência especial no Nordeste, para construir inicialmente 30 mil habitações nas regiões atingidas, ocupando considerável mão-de-obra e garantindo moradia para essas populações de baixa renda.

— Seca é sinônimo de Nordeste, capítulo indispensável ao se tratar de problemas brasileiros. A região está estagnada, em retrocesso? É possível acabar com a seca? Que estratégia adotar?

— Efetivamente, a região merece especial atenção do Governo, com prioridade nos programas desenvolvidos pelo Ministério do Interior. As atenções estão concentradas na parte semi-árida, onde está 40% da pobreza absoluta rural do país. Mas é preciso desfazer um engano. Ao contrário do que se procura demonstrar, a economia nordestina, como um todo, provou ter grande dinamismo nos últimos 20 anos.

De acordo com a Sudene, o Produto Interno Bruto cresceu 247%, ou 6,8% ao ano, de 1960 a 1979, enquanto o do Brasil conseguiu 288%, ou 7,4% ao ano. A diferença deve-se fundamentalmente ao pobre desempenho da agropecuária nordestina, que cresceu 3,4% ao ano, contra os 4,3% do país. Porém, o produto da indústria do Nordeste cresceu 8,5% ao ano, enquanto a média nacional ficou em 8%. No setor de serviços, a relação foi de 8,2% contra 7,2%.

O que se pretende, no Nordeste, é continuar dando todo o estímulo possível à sua industrialização e ao seu setor de serviços, no sentido de manter o dinamismo da economia no segmento urbano. Afinal, a industrialização tem-se constituído como o grande suporte da economia da região, criando grande número de empregos diretos e indiretos nas áreas urbanas. E, também, realizar um grande esforço junto à agropecuária, a qual, em última análise, não dispõe ainda dos instrumentos necessários para o seu desenvolvimento.

Entendo que o estímulo à agropecuária deve começar pela implantação de uma estrutura hídrica no semi-árido, uma vez que a seca é um fenômeno cíclico e precisamos garantir a convivência com ela. Esta política vem sendo desempenhada através de vários programas, como o Projeto Sertanejo, o Polonordeste, o da Agroindústria, o de Irrigação.

Assim, já existe em execução um Programa de Recursos Hídricos, para perfuração de poços, construção de pequenos açudes, perenização de rios, organização de pequenas áreas irrigadas em cada propriedade. Em suma, temos que desestimular as soluções paliativas e procurar realizar obras duradouras, com o objetivo de criar condições para o nordestino viver no semi-árido, convivendo com a seca, o que será possível concretizar em cinco anos. Não devemos é desanimar com as secas que se sucedem.

Neste contexto, ganha relevo o Programa de Irrigação do Nordeste. Fala-se que é um programa caro, mas nós devemos ver, por exemplo, que as terras do Sul são férteis e de preços elevadíssimos, ao passo que as do Nordeste são muito fracas e de preços irrisórios. Então, quando se faz a comparação de preços, nós devemos comparar o valor da terra — o do hectare do Sul com o do hectare irrigado no Nordeste — para se ter uma idéia melhor. E, depois, não se pode ficar pensando no preço do hectare irrigado, quando existe um problema social a ser resolvido.

— Até que ponto o Sr defende a irrigação?

— A irrigação, na verdade, é a grande solução. Até a criação da Sudene, em 1959, o Governo construía açudes e canais de irrigação, mas sem tratar o problema de um modo global. Hoje, a irrigação é planejada e desenvolvida em vários níveis. Assim, o Projeto Sertanejo trabalha em pequena escala, buscando criar pequenos perímetros irrigados em cada propriedade, para que o agricultor possa sobreviver nos períodos da seca. Na grande irrigação, há duas linhas, por conta da DNOCS e da Codevasf.

Na área do DNOCS, os projetos se propõem a utilizar intensivamente os escassos recursos de água e solos irrigáveis com o objetivo de distribuição das terras irrigadas em pequenos lotes familiares, a serem entregues a pequenos proprietários e agricultores sem terras, mediante um sistema de seleção, complementado com programas de treinamento, assistência técnica, saúde e educação. Essa é que constitui a verdeira reforma agrária e já está em plena execução.

Recentemente, 1 mil 200 famílias receberam títulos de posse em vários perímetros de irrigação do Nordeste, para este ano, ou no próximo, totalizarmos 10 mil propriedades. Uma outra finalidade do projeto é criar uma classe média rural, uma vez que já se consegue uma renda líquida familiar mensal de 10 salários mínimos. Nossa previsão é que se possa atingir 30 salários mínimos mensais.

O modelo da Codevasf contempla de pequenos a grandes empresários. São projetos destinados principalmente ao assentamento dirigido, com prioridade para as unidades familiares residentes no local. No caso de não serem suficientes para ocupar toda a área do projeto, a área excedente poderá, mediante licitação, ser cedida preferencialmente a pequenas e médias empresas; no caso de ainda sobrar terra, abre-se licitação para grandes agroindústrias.

Desejamos, porém, destacar um ponto fundamental: a necessidade de se contemplar com prioridade projetos singelos, de investimentos reduzidos, mas que assegurem respostas rápidas em termos de produção de alimentos. A escassez de capital deve orientar-nos para a execução de obras com menor grau de sofisticação técnica e maiores índices de aproveitamento.

Arquivo

Ministro Mário Andreazza

— Mas projetos como a irrigação podem dar certo na estrutura fundiária do Nordeste?

— Ao pensar nos problemas do Nordeste, dois pontos sempre me preocupam. O primeiro é exatamente a estrutura fundiária, pois 22% da população são constituídos de trabalhadores rurais. Cerca de 84% das propriedades rurais têm menos de 100 he tares e totalizam apenas 13% da área total; 14% das propriedades têm de 100 até 500 hectares, representando 35% da área. Agora, o fundamental está nos 2% de propriedades com mais de 500 hectares: concentram 53% da área total.

Isso indica a necessidade de se meditar sobre o assunto, de forma a se pensar a reestruturação fundiária na região. Não que se faça apressadamente, mas através dos tempos, buscando-se uma solução que dê ao Nordeste um aprendizado para o desenvolvimento de ações que sejam voltadas para a reestruturação agrária prevista no Estatuto da Terra, através do remanejamento do uso da terra e utilizando até mecanismos tributários, como o Imposto Territorial Rural; e que se realize a desapropriação daqueles latifúndios improdutivos, por interesse social. Faz-se também necessário um estudo das terras da União e do Estado.

— A reestruturação agrária é um ponto que o preocupa. Qual o segundo?

— A zona canavieira do Nordeste. Está provado que o plantio de cana no Nordeste é altamente improdutivo em algumas regiões. Basta um exemplo: em projetos-pilotos de irrigação no Vale do São Francisco, a produtividade é cinco vezes maior do que na Zona da Mata, que poderia ser melhor aproveitada na produção de alimentos para todo o Nordeste.

Estamos desenvolvendo agora um programa de apoio às populações da zona canavieira, que ocupa o chamado Litoral da Mata, do recôncavo baiano até o Rio Grande do Norte. Já aprovado pelo Presidente da República e em execução, procura efetivar uma série de projetos, como habitação, saúde, alimentação, estradas vicinais, previdência e assistência social, aplicação da chamada Lei do Sítio.

Mas nos parece muito importante desenvolver uma segunda etapa de promoção social na região, com a plena reestruturação das zonas canavieiras, buscando-se o aprimoramento e a intensificação da produção de cana, açúcar e álcool, mas também a diversificação da produção industrial e agroindustrial. Assim, haveria uma transferência progressiva para o Vale de São Francisco da cultura de cana, liberando as áreas onde ela não alcança uma produtividade adequada.

Num desdobramento desta reflexão, verifico a necessidade e fortalecer as pequenas e médias empresas agrícolas e industriais, no Nordeste e na Amazônia, com a aplicação de recursos do Finor e da Finam, que hoje estão voltados para empreendimentos de grande porte, os quais, afirma-se, são os únicos que garantem capitalização e rentabilidade adequadas aos objetivos dos incentivos fiscais.

A situação das pequenas e médias indústrias do Norte e do Nordeste levam-nos a pensar na formulação de uma estratégia específica, ora em estudo no Ministério do Interior. Tenho pensado muito na criação de uma linha especial de financiamento, voltada para a produção de alimentos e prpdutos de consumo popular. Difundiríamos, assim, a propriedade e interiorizaríamos essas indústrias, porque elas se voltam particularmente para a agroindústria. Enfim, seria uma forma de também dar uma chance aos pequenos e médios industriais do Nordeste.

— O Sr falou na Região Norte. Como está o desenvolvimento de uma política florestal para a Amazonia?

— Para se entender o problema, dois conceitos são básicos: o de preservação e o de conservação. Quando se fala em unidades de preservação, pretende-se englobar áreas que devem permanecer intocáveis na sua forma original; e quando se fala em unidades de conservação, pensa-se em áreas onde seria permitida a execução de projetos florestais mediante processos científicos de conservação e reposição.

A extensão da Região Amazônica, seu ambiente ecológico e cultural, a importância de sua situação geopolítica, seus recursos de flora e fauna, suas riquezas de toda ordem, indicam a necessidade urgente de uma política especial que, atendendo aos reclamos preservacionistas e conservacionistas, possibilite igualmente o aproveitamento de suas potencialidades econômicas. Para tanto, a floresta amazônica brasileira não pode, e não deve, ser considerado como um obstáculo intransponível, mas sim como um desafio à nossa capacidade técnico-científica e nossa criatividade.

Tal política deverá estabelecer as ações necessárias para atingir os objetivos, atribuindo-as aos órgãos e entidades competentes do Poder Público; criará um zoneamento ecológico e econômico, fundamental para inventariar e avaliar os recursos naturais; fixará as condições básicas para utilização racional dos recursos n turais e disciplinar a ocupação do espaço amazônico.

As unidades de conservação florestal, inalienáveis, pertencerão ao Poder Público, que fará a exploração florestal conforme um plano diretor de conservação, de bases científicas, de modo que a floresta possa ser recuperada e se assegure a sua permanência através dos tempos.

— Como o Sr entende as denúncias de desmatamento, as críticas contra a pecuária, a desertificação da Amazônia?

A introdução da pecuária na região é um ponto controvertido. Entendo que a região dispõe de suficientes áreas adequadas — campos naturais, cerrados, cerradões, etc. — para serem utilizadas pela pecuária, sem necessidade de destruir floresta tropical densa para a formação de pastagens. Já a questão do desmatamento, asseguro que é tratada com exagero, pois se chega a afirmar que 10, 20% da cobertura vegetal da Amazônia foram destruídos.

Ora, o Governo federal, através de convênio entre o IBDF e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, concluiu em janeiro um levantamento das alterações na cobertura vegetal da Amazônia brasileira. No trabalho foram utilizadas imagens obtidas por satélites e dados sobre a região coletados em diversos organismos governamentais. Com auxílio de computadores foi estabelecido o mapeamento da região e das alterações nos últimos anos.

A Amazônia Legal tem 506 milhões de hectares; em dezembro de 1978, cerca de 7,7 milhões de hectares, ou 1,5% da cobertura vegetal natural, tinham sido removidas pelo homem. Se considerarmos apenas a Amazônia geográfica, com seus 356 milhões de hectares, a área alterada foi de 3 milhões de hectares, ou 0,87%. Na área de floresta tropical — 280 milhões de hec ares na Amazônia geográfica — a alteração foi da ordem de 1,1%. Verifica-se que há desmatamento, mas não nas proporções que estão sendo anunciadas. E é evidente que devem ser tomadas medidas sérias para que esse desmatamento não prossiga, inclusive em intensidade, para que se possa realizar um controle e preservar essa cobertura vegetal.

— E os contratos de risco para a exploração da floresta?

— Para um projeto da envergadura da exploração econômica da Amazônia, o Governo não poderia agir sem estudos e projetos-pilotos, para testar os métodos científicos de conservação florestal. Nós não podemos partir sem que haja absoluta segurança de que todas essas recomendações científicas sejam realmente executáveis e que tenham os efeitos esperados.

Assim, o Governo federal, através do IBDF, desenvolve vários trabalhos da Floresta Nacional do Tapajós, no Município de Santarém (PA), contando com a colaboração técnica da FAO. A região foi escolhida por representar as florestas do Baixo Amazonas e várias conclusões da FAO constituíram relatório amplamente divulgado pelo IBDF em dezembro de 1978, por ocasião do Congresso Florestal.

O ponto-chave do relatório diz respeito ao arrendamento, dispositivo legal que confere a indivíduos ou empresa privada o direito de utilizar, durante certo período, o potencial de recursos florestais de uma região sob controle do Governo. Embora adotado em vários países, como Indonésia, Malásia, Filipinas, Costa do Marfim, Colômbia e Peru, a FAO registrou que há risco de a empresa privada exploradora pôr em perigo os recursos florestais — o relatório utiliza a expressão "contrato de risco".

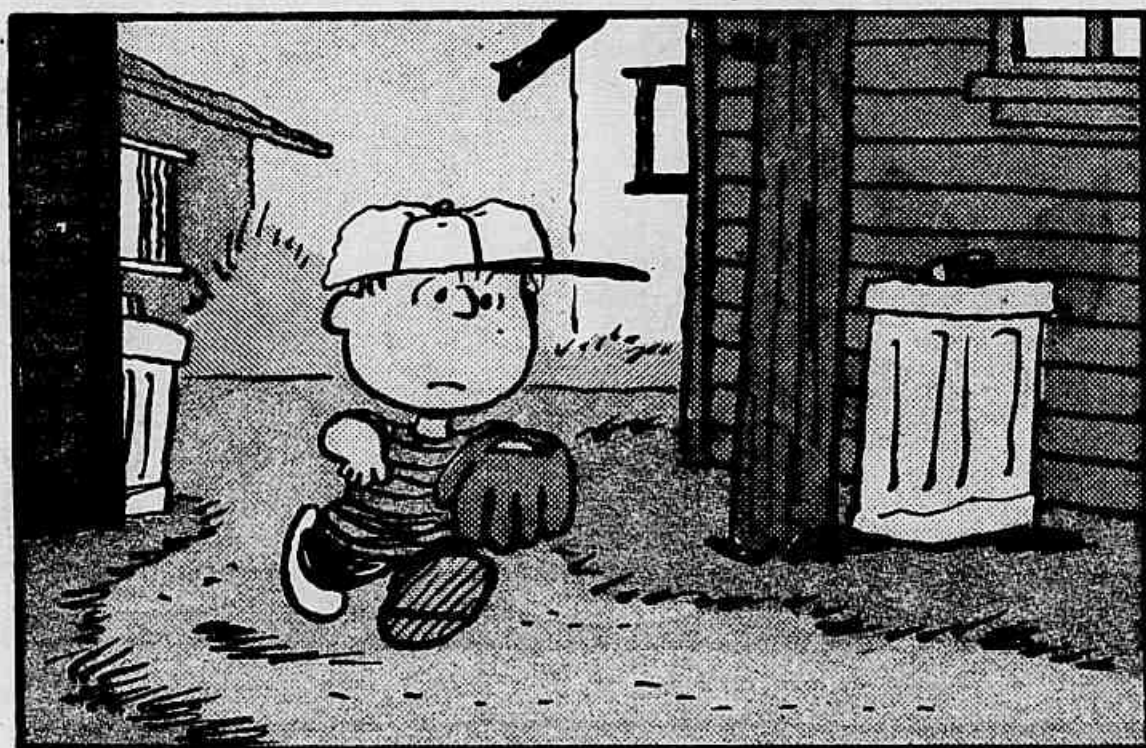
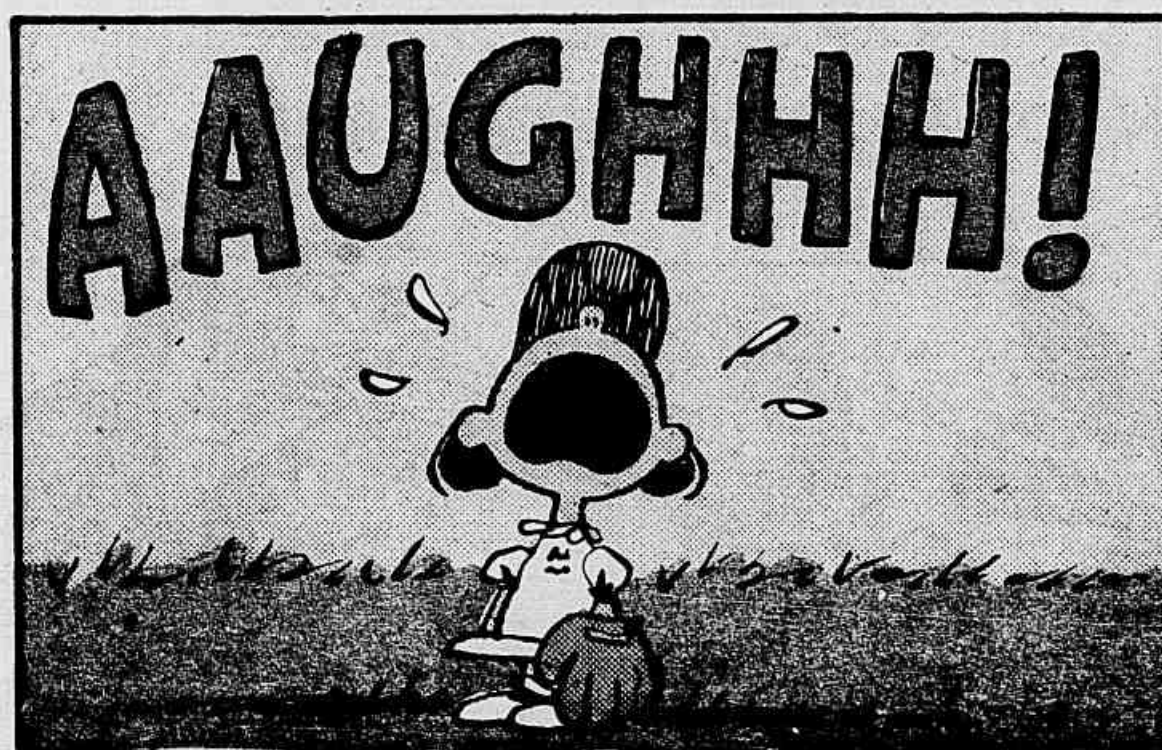
Diante disso, o IBDF excluiu esse sistema de concessão florestal ou arrendamento. Quer dizer: em todos os estudos realizados sobre política florestal, não se admite o sistema, justamente pelos riscos que se corre da empresa privada não proceder de acordo com o Plano Diretor de Manejo, pondo em risco a própria floresta.

— Os críticos da ação governamental na Amazônia costumam ter afinidades com os grupos preocupados com a situação dos indígenas. E, realmente, são temas correlatos.

— Na questão da Amazônia, vela salientar que as superposições de interesses econômicos, conservacionistas e de segurança nacional em terras indígenas obrigam o órgão competente a orientar e coordenar a política florestal do Governo a trabalhar em estreita colaboração com a Funai, visando garantir o respeito à pessoa do índio, a posse permanente das terras que habitam, reconhecendo-lhe o direito do usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades existentes naquelas terras, bem como direito de livre escolha do seu modo de vida e subsistência, proporcionando meios para o desenvolvimento e progresso das comunidades indígenas.

Não se trata, porém, de cuidados extraordinários, nem restritos à Amazônia. Trata-se da aplicação da política indigenista brasileira, expressa na Constituição e no Estatuto do Índio. Esta política tem sido seguida de forma intransigente. Não se pode dar nenhum exemplo em que ela não tenha sido rigorosamente observada e assim nós pretendemos continuar, cumprindo a lei, que é o único caminho que nos pode oferecer critérios e procedimentos que assegurem a solução desses problemas num clima de paz e de ordem.

CADERNO DE
QUADRINHOS
Nº219 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 1 de Junho de 1980 Não pode ser vendido separadamente

PEANUTS
Charlie Brown e sua patota
por SCHULZ

ARCA BICHOS

DEUS AJUDA QUEM CEDO MADRUGA...

NÃO FALE EM CORDA NA CASA DO ENFORCADO...

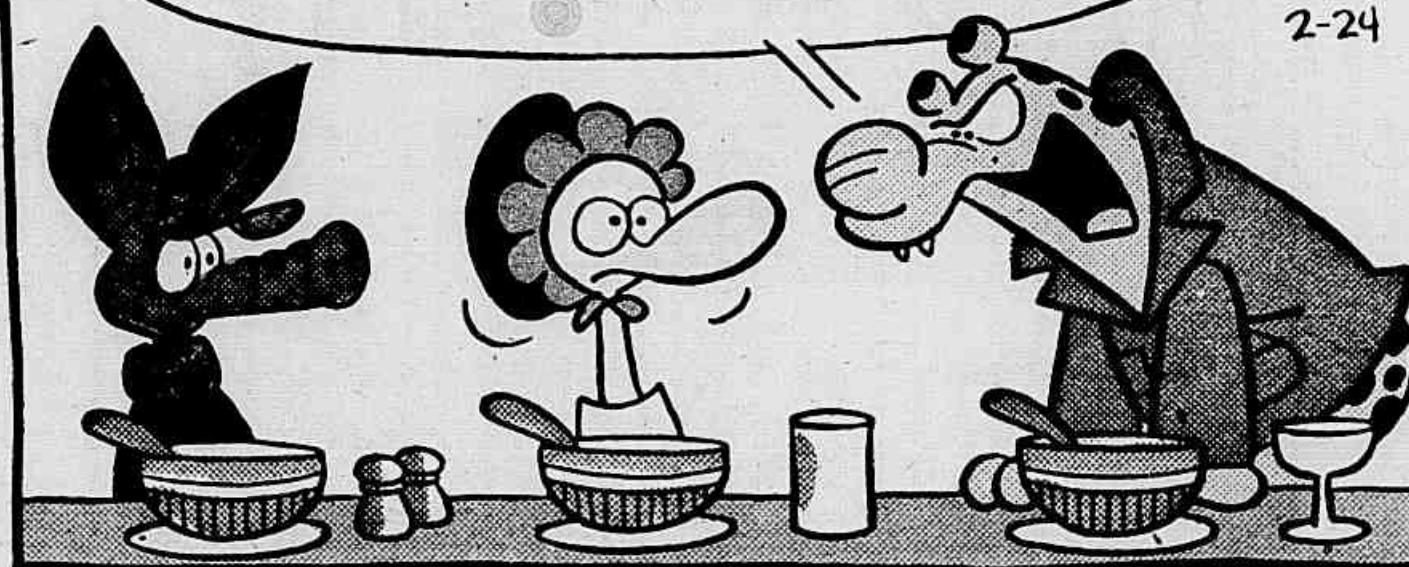
UM VINTÉM POUPADO, UM VINTÉM GANHO...

QUEM DESDENHA QUER COMPRAR...

O TOLO E SEU DINHEIRO CEDO SE SEPARAM...

A GENTE CONHECE OS AMIGOS NA HORA DA NECESSIDADE...
© 1980, KING FEATURES SYNDICATE, INC.

NEM TUDO QUE RELUZ E' OURO...

EM BOCA FECHADA NÃO ENTRA MOSCA!
Addison
2-24

CEBOLINHA
MAURICIO

PÕE AÍ NO BALCÃO, QUE EU VOLTO LOGO!
374
© 1980 MAURICIO DE SOUSA PROD.

MAURICIO

BLOCH

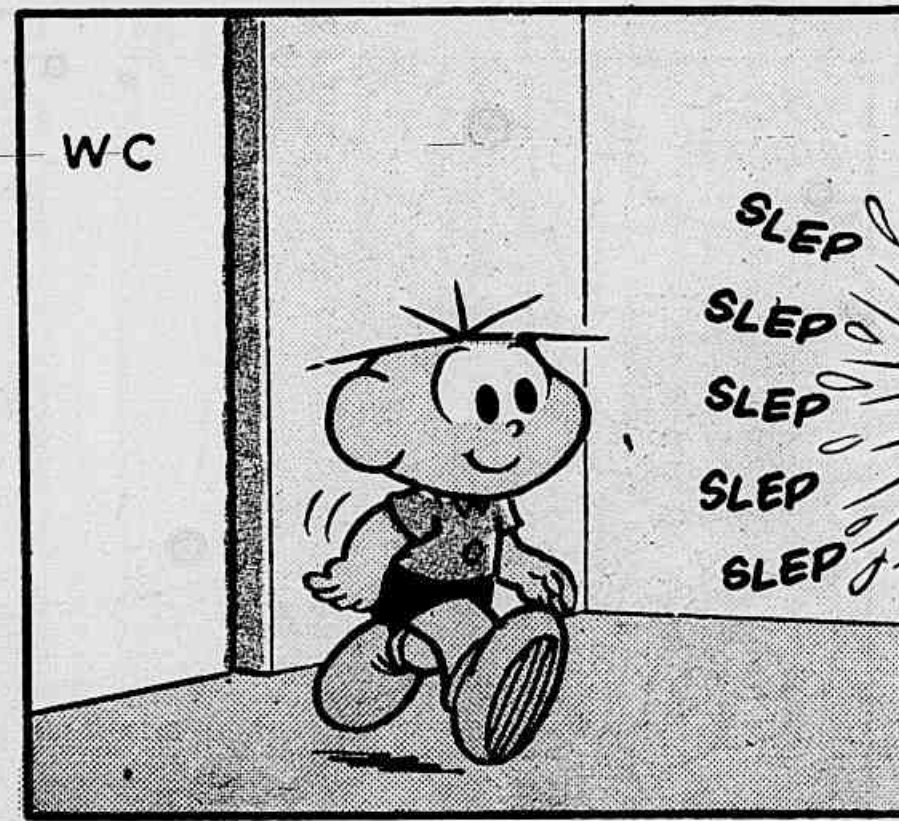
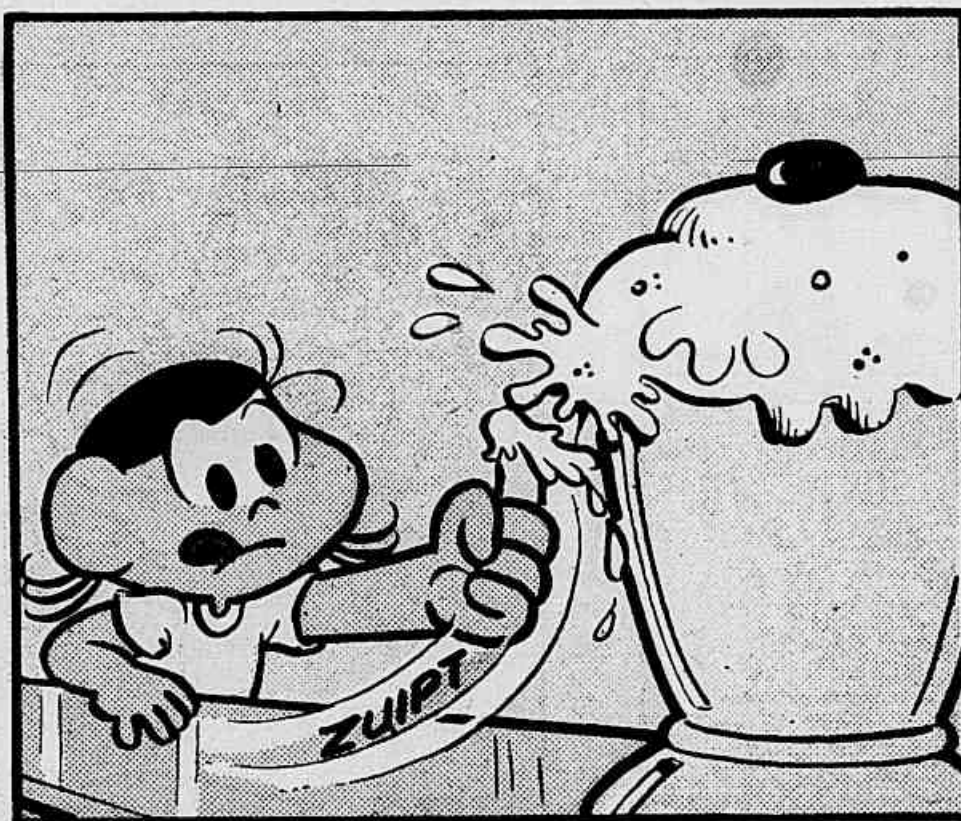
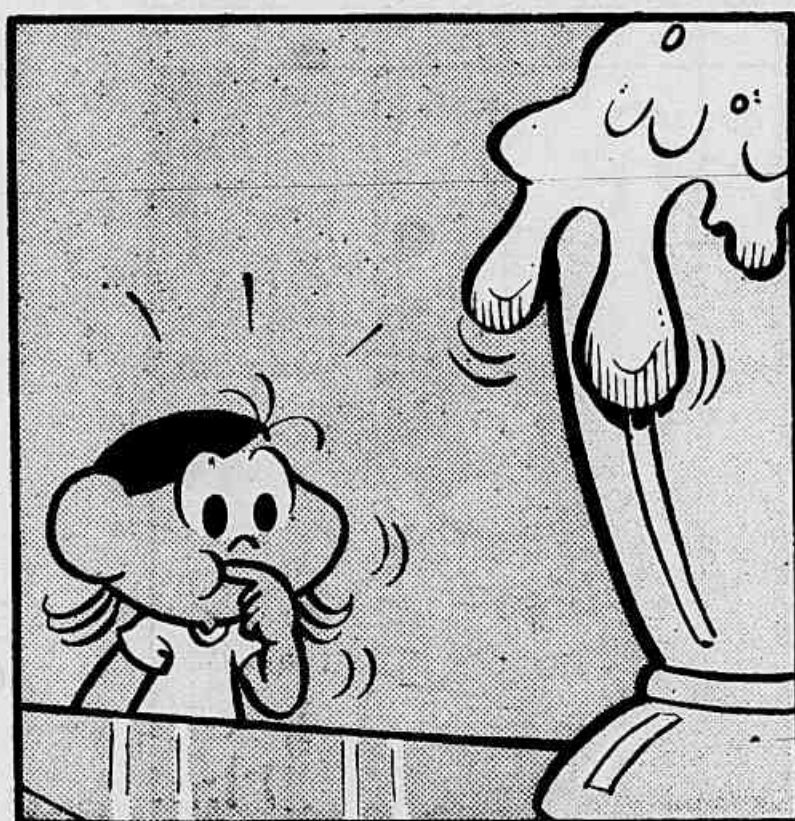
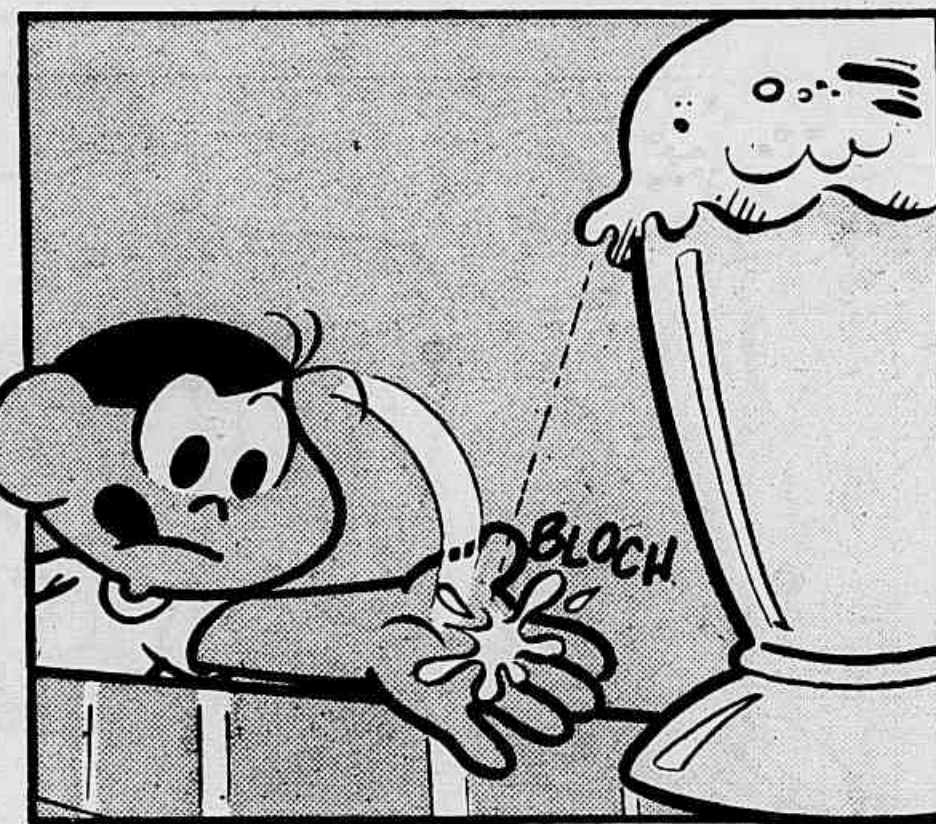
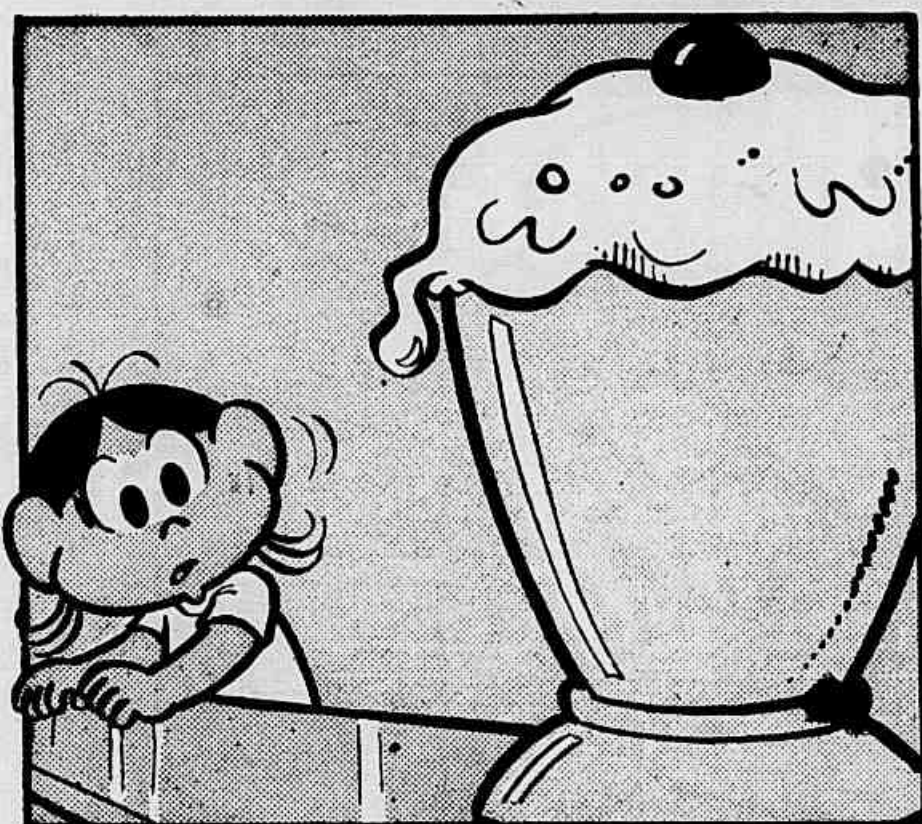
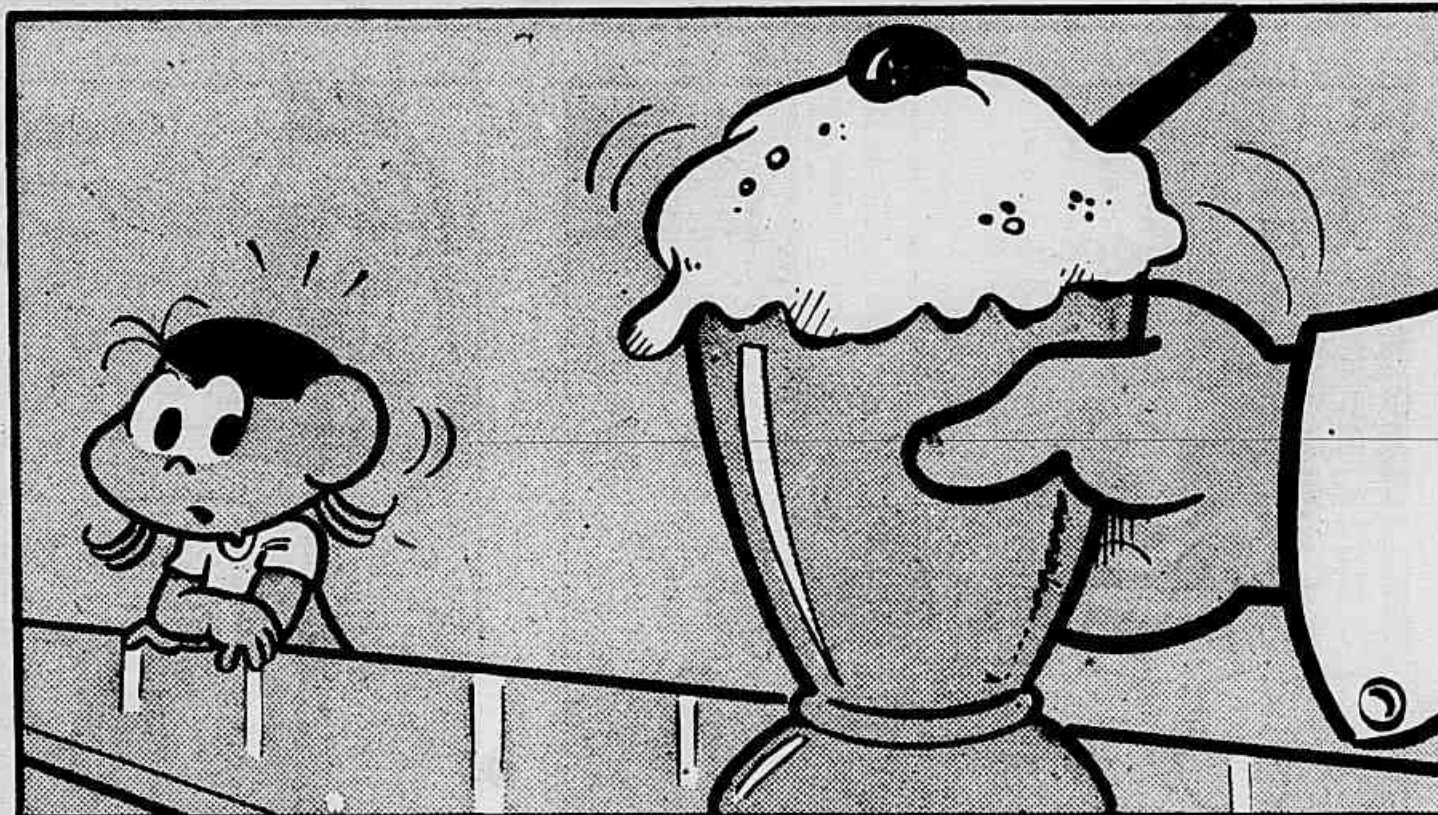
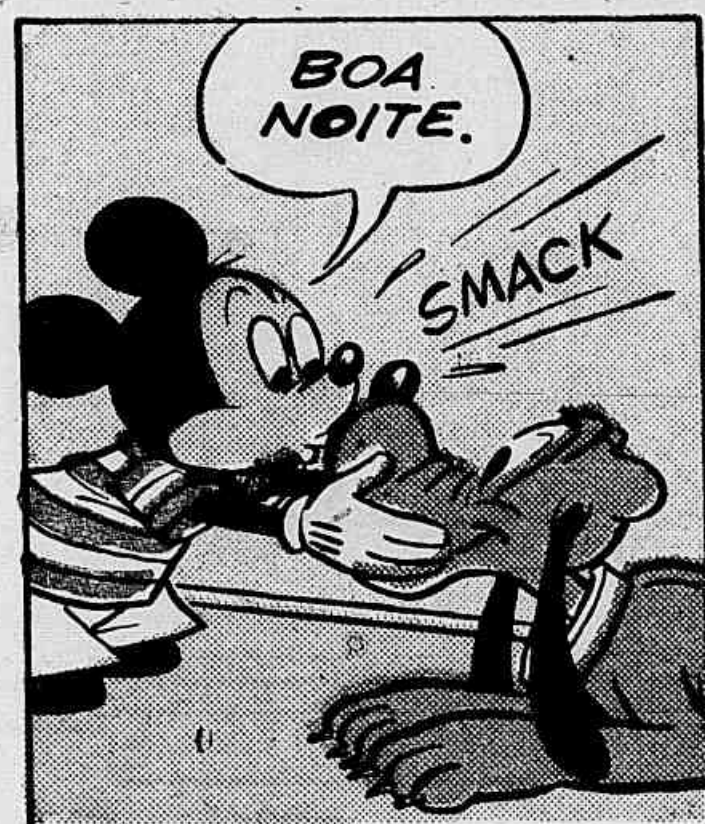
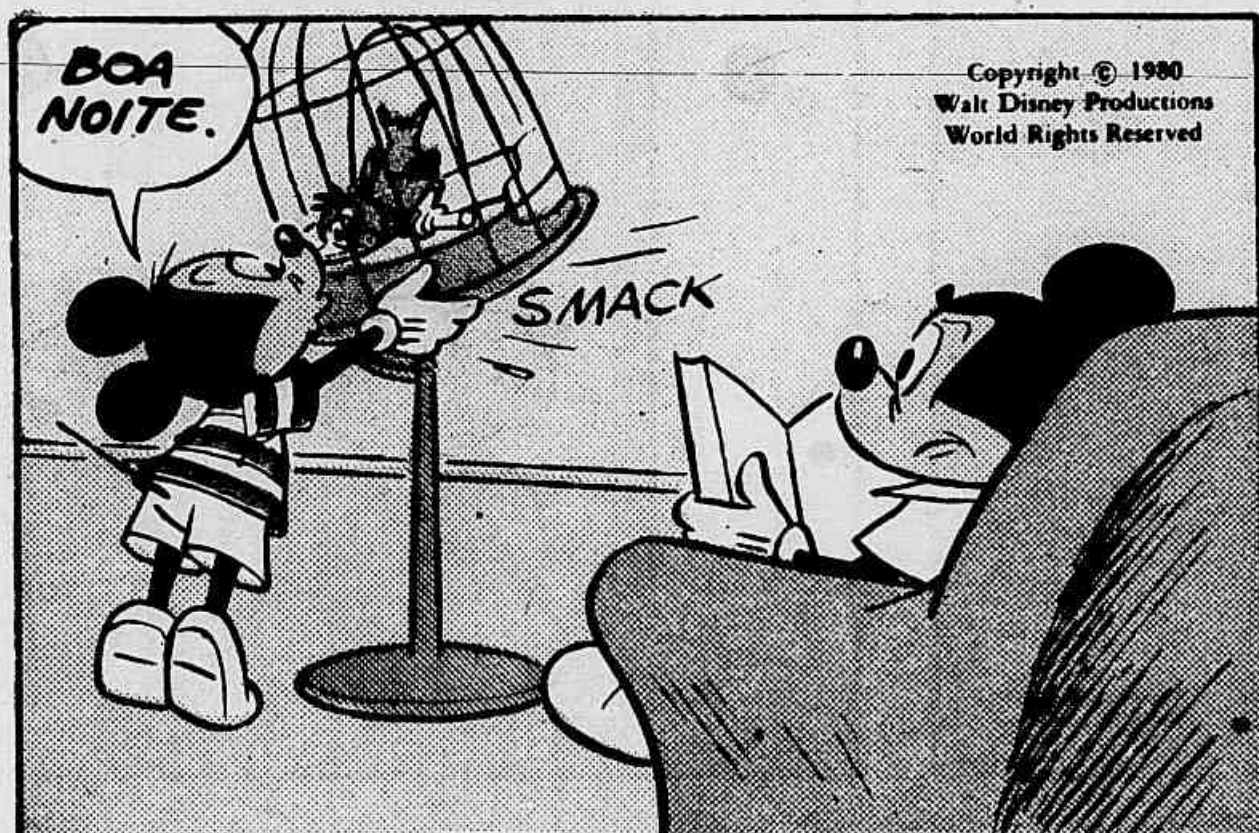
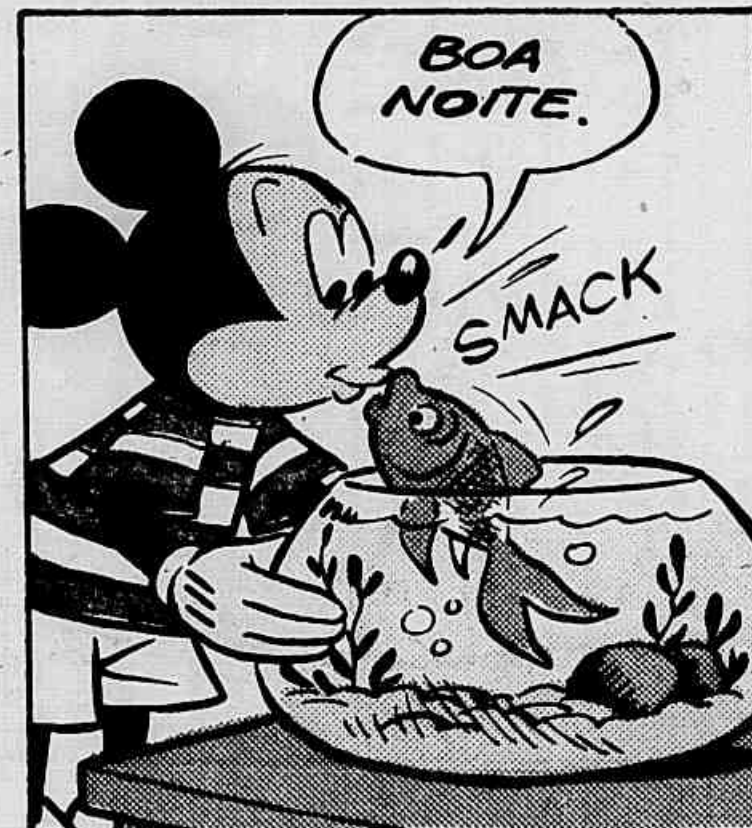
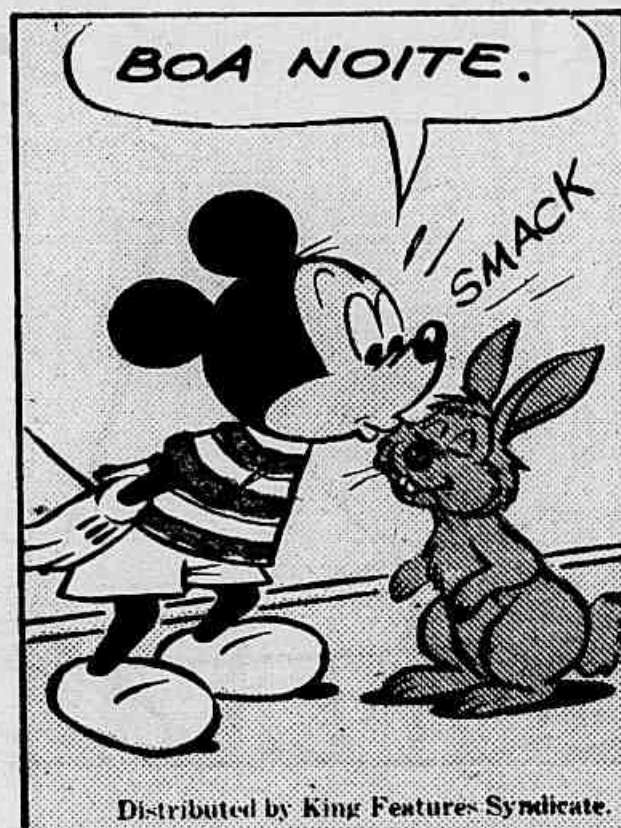
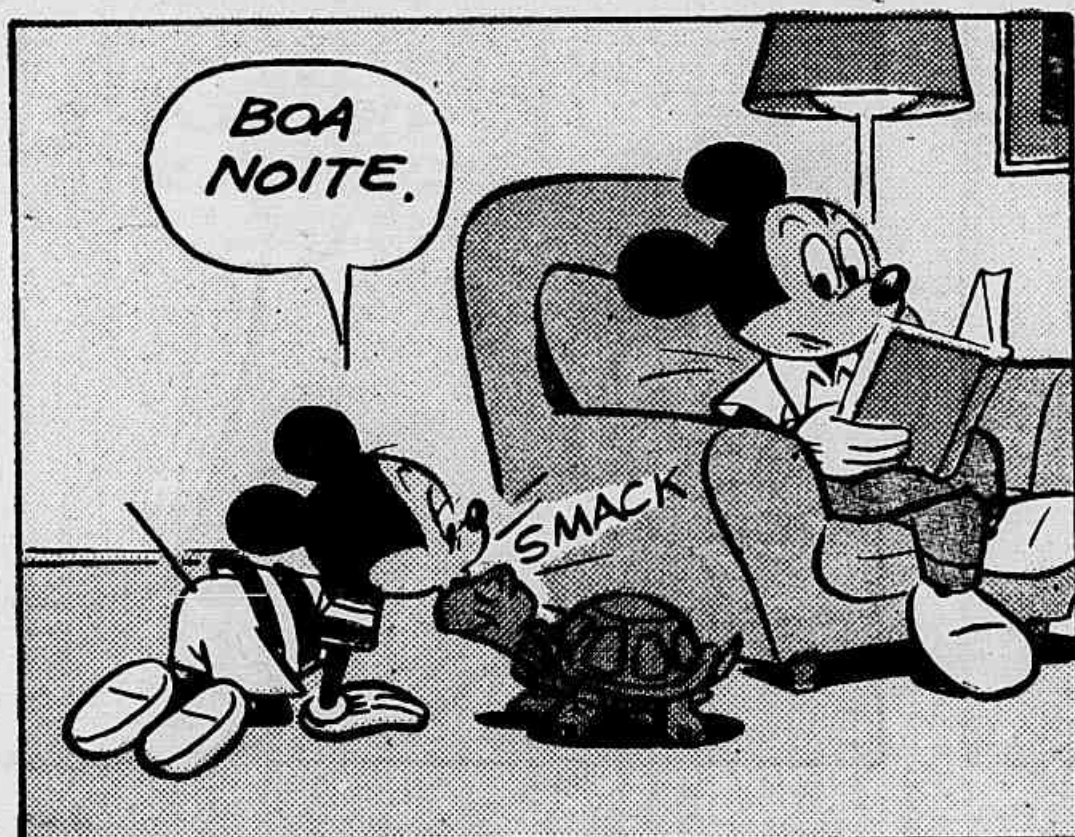
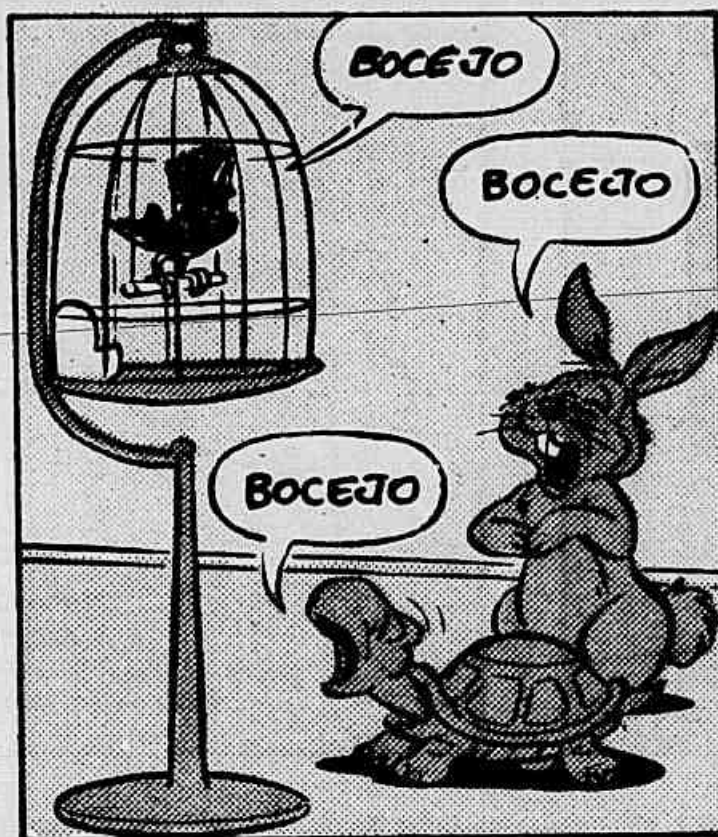
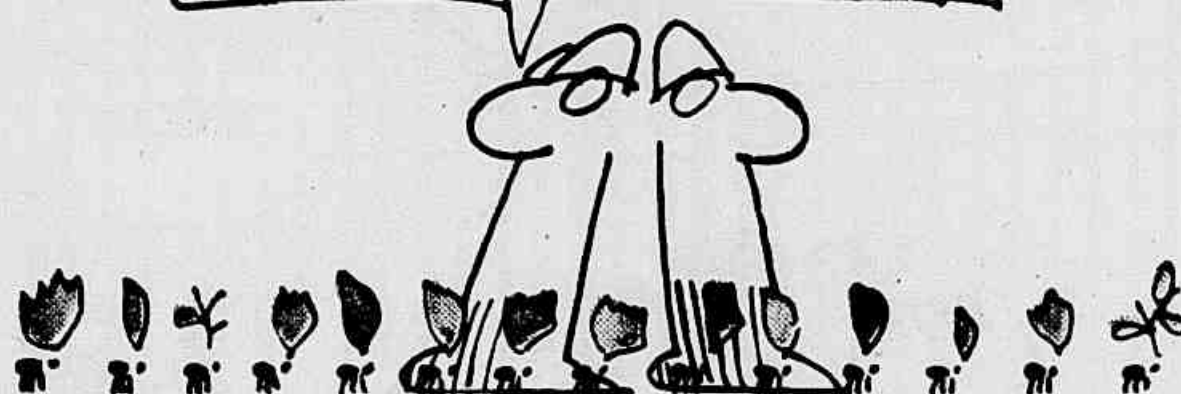
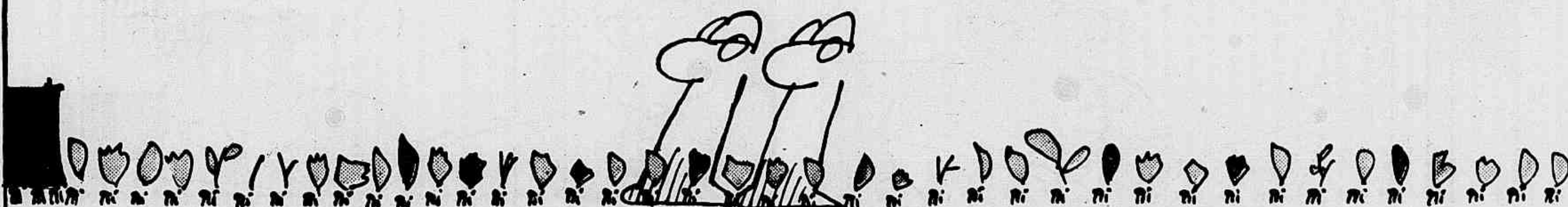
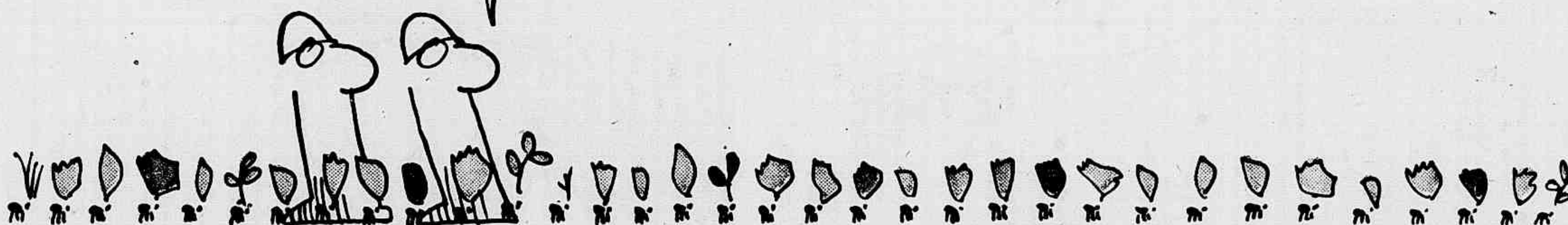
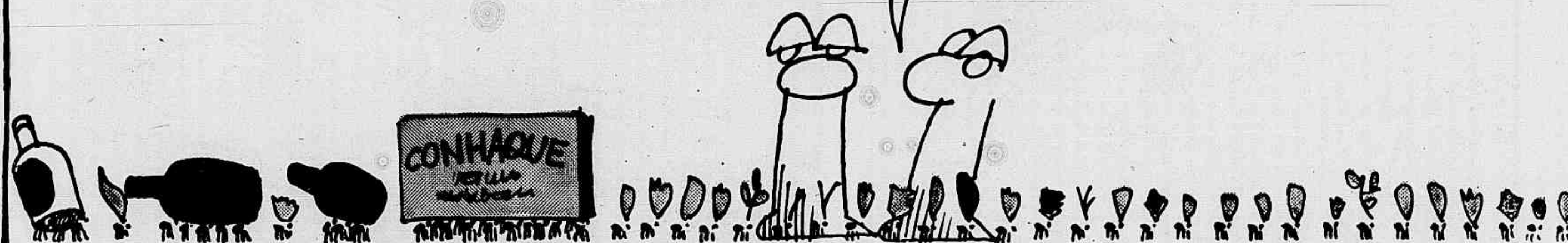
ZUIPT

WC
SLEP
SLEP
SLEP
SLEP
SLEP

PODE TLAZER O MEU, AGOLA!

EU SEMPLE LANÇO UMA ISCA DO LADO DE LÁ PLA EU PODER TOMAR O MEU SOSSEGADO!
SLEP
SLEP
SLEP
SLEP
SLEP
FIM

WALT DISNEY MICKEY

Distributed by King Features Syndicate.

VERISSIMO
AS COBRAS
80-22
O QUE É QUE AS FORMIGAS ESTÃO FAZENDO?

ARMAZENANDO PROVISÕES PARA O INVERNO

VAI SER UM INVERNO LONGO
CONHAQUE

Zezé e Cia

de MORT WALKER e DIK BROWNE

FÊMUR
HECTOR SAPIA
EI! ACORDE!

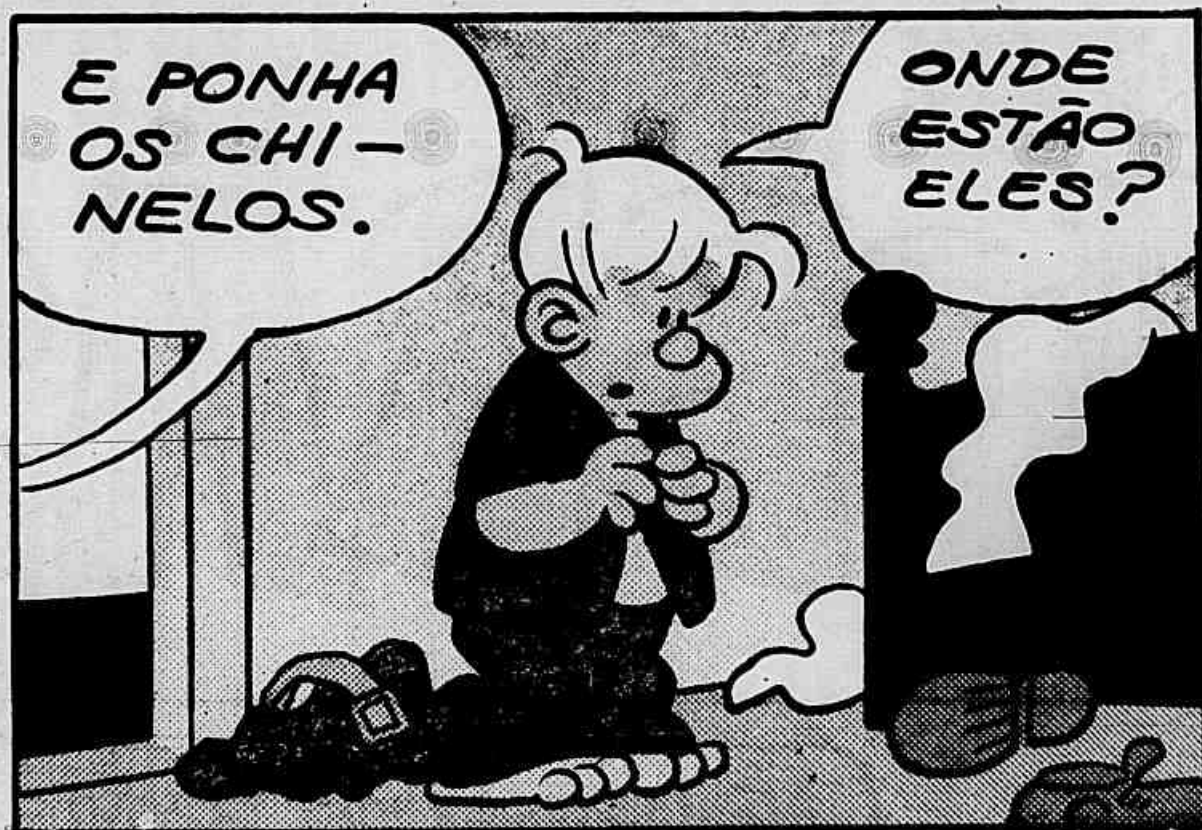
NÃO ME DEIXE SOZINHA PARA ENFRENTAR OS LEITORES.

VAMOS, QUE EU ESTOU MORRENDO DE VERGO-NHA!

POR FAVOR, ME TIRE DESTA SITUAÇÃO!

INVEJO A SORTE DESSA MENININHA.
PULGAS

PASSA O TEMPO TODO DANDO AS COSTAS PARA OS LEITORES E NINGUÉM SE IMPORTA COM ISSO.

MAS, SE EU FIZESSE A MESMA COISA, ME MANDA-VAM EMBORA NA MESMA HORA DESTA HISTORI-NHA.
SAPIA
102 A

KID FAROFA de Tom K. Ryan ®

FRANK e ERNEST

AS MULHERES DE VOCÊS VÊM AÍ!

VAMOS DAR O FORA.
DEVEM TER ALGUM SERVIÇO PARA NÓS.

PELA PORTA DOS FUNDOS!
SAÍDA
CERTO.

VAMOS PARA A GARAGEM DO ARI!
OS RAPAZES ESTÃO JOGANDO LÁ.

EI! AS MULHERES DE VOCÊS VÊM PARA CÁ!
4221

VAMOS DAR O FORA.
CERTO.
4221

ESTIVERAM AQUI, MAS SAÍRAM. DISSERAM QUE IAM TRABALHAR.

OLÁ... ESTAMOS TRABALHANDO.

EI, QUE TAL PARAR UM POUCO?
É... VAMOS JOGAR UM POUCO DE SINUCA.

BEM, ATÉ LOGO.

1-20

ÀS VEZES DÁ CERTO.

MAURICIO APRESENTA

HORÁCIO

CAPÍTULO II

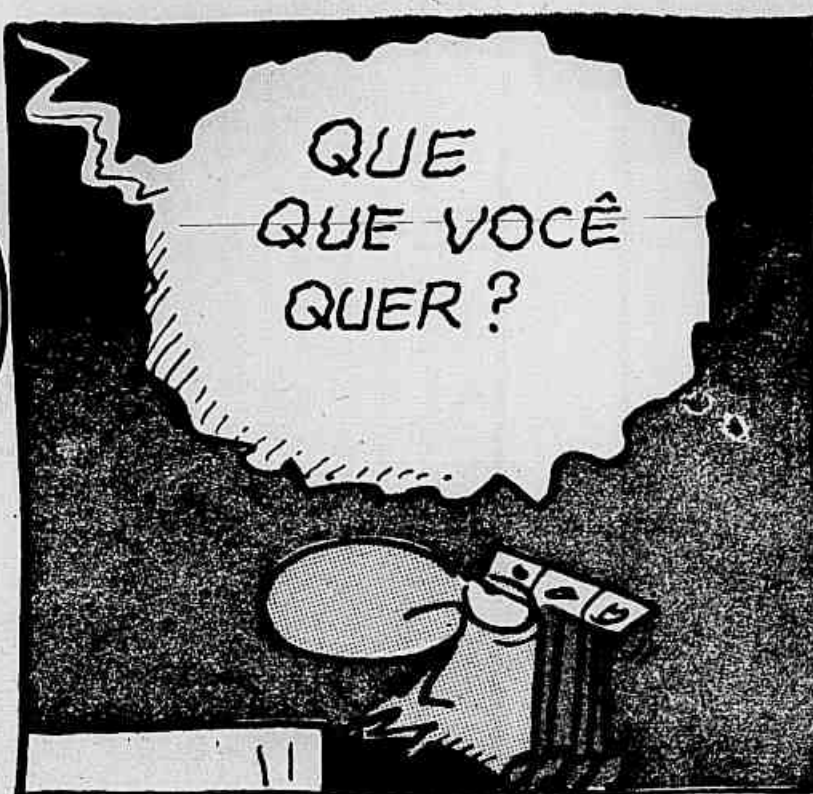
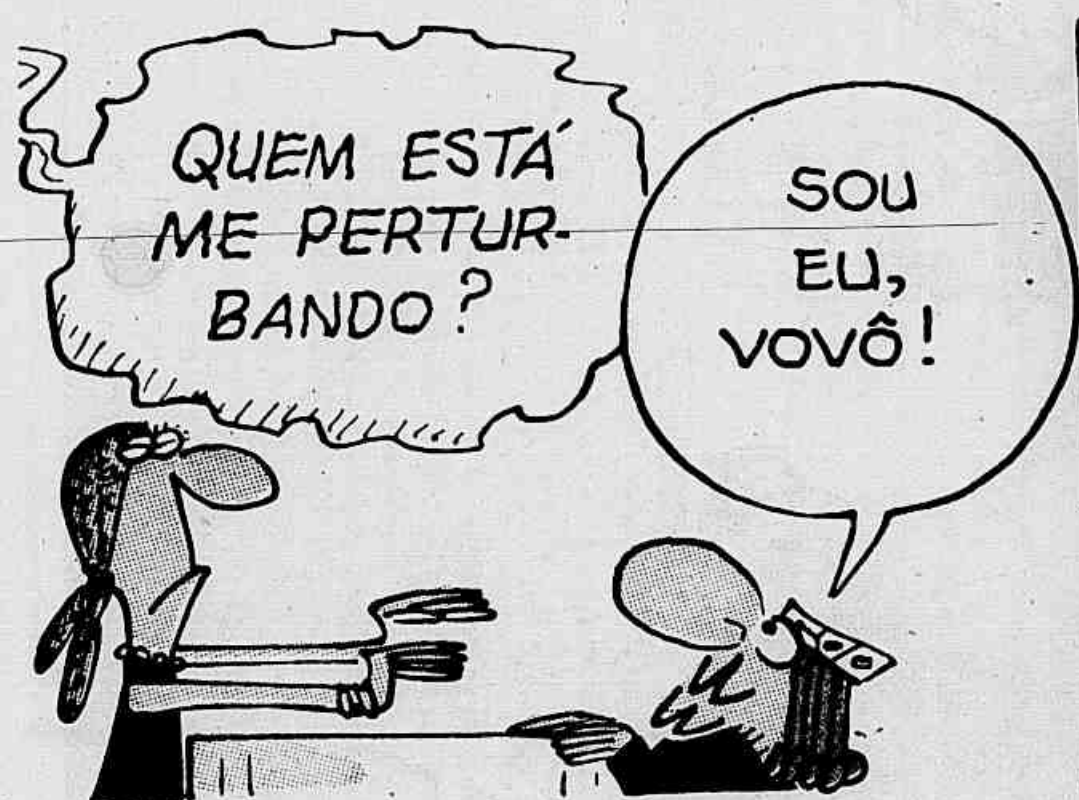
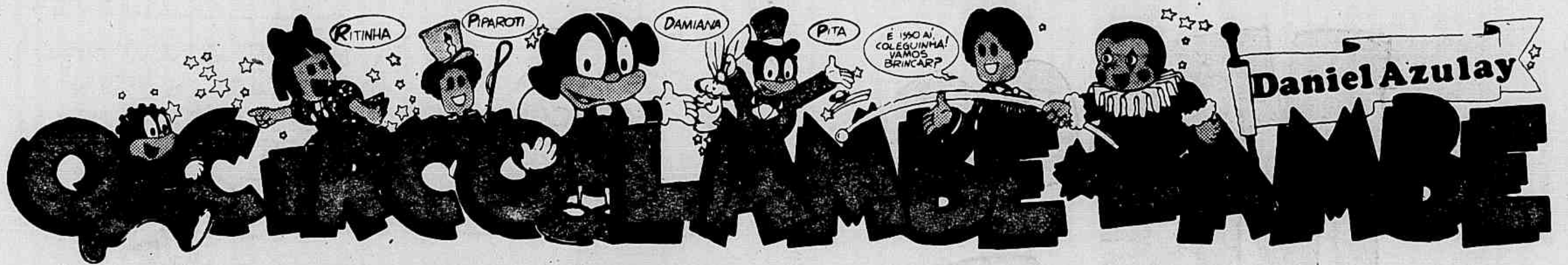
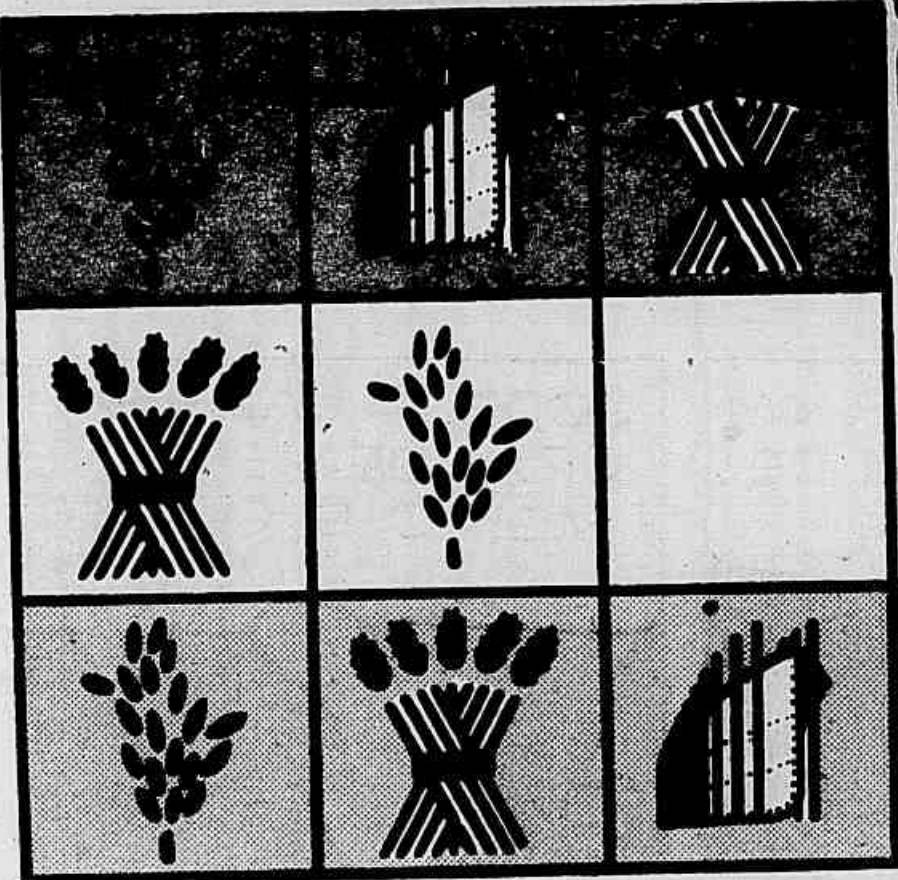
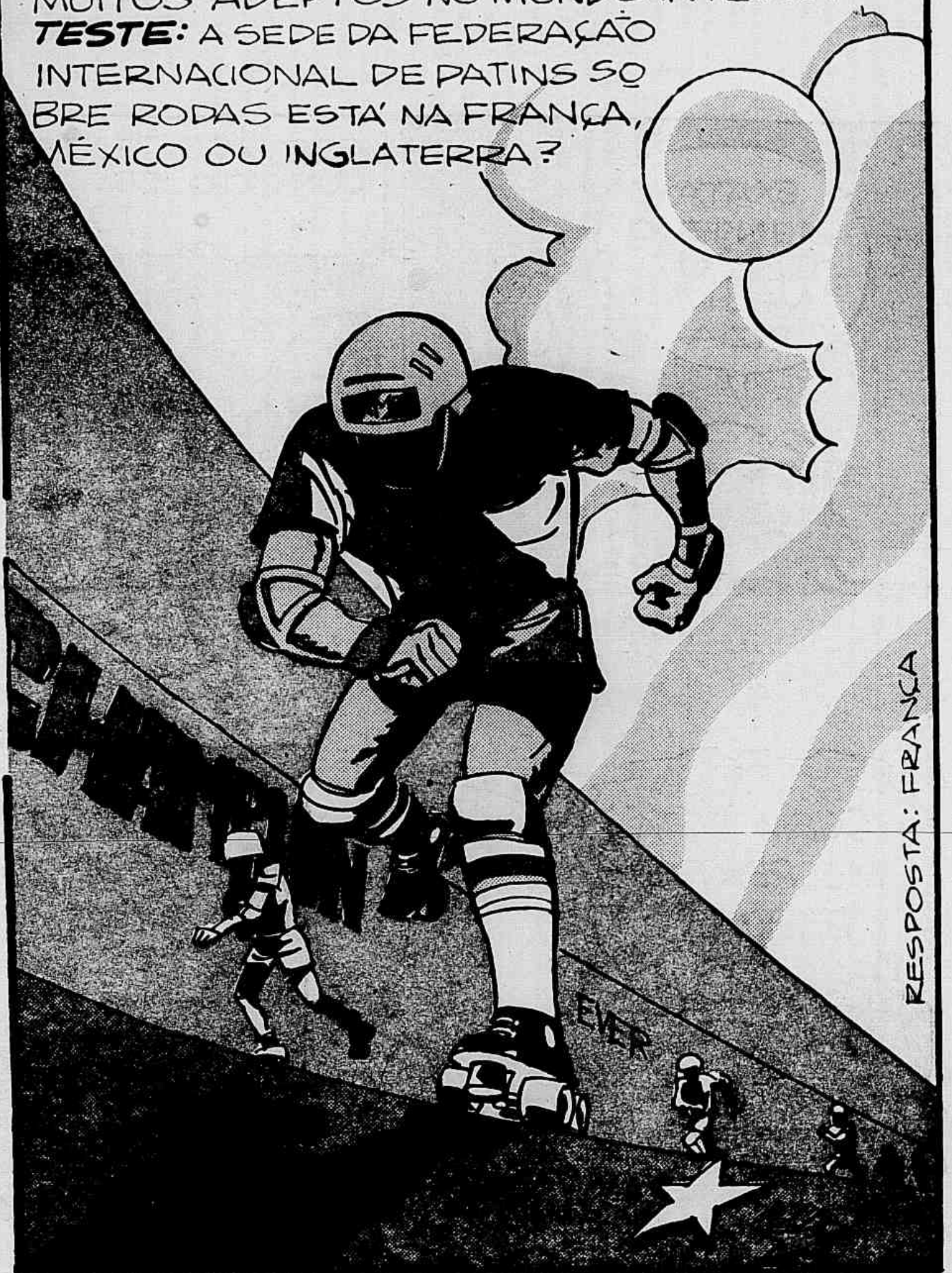
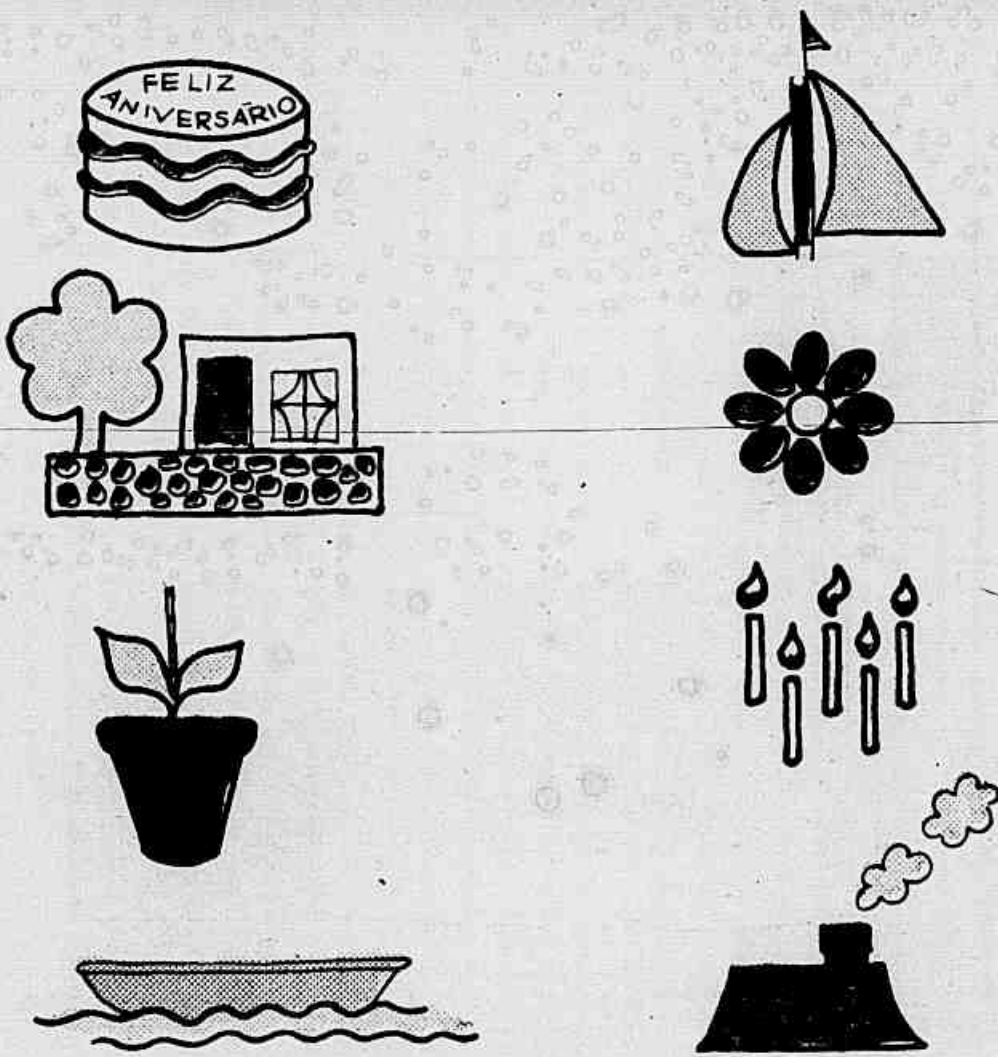
FINALMENTE! UM FILHO NA BOLSA!

COMO SEMPRE SONHEI!

?

CONTINUA.

O MAGO DE ID

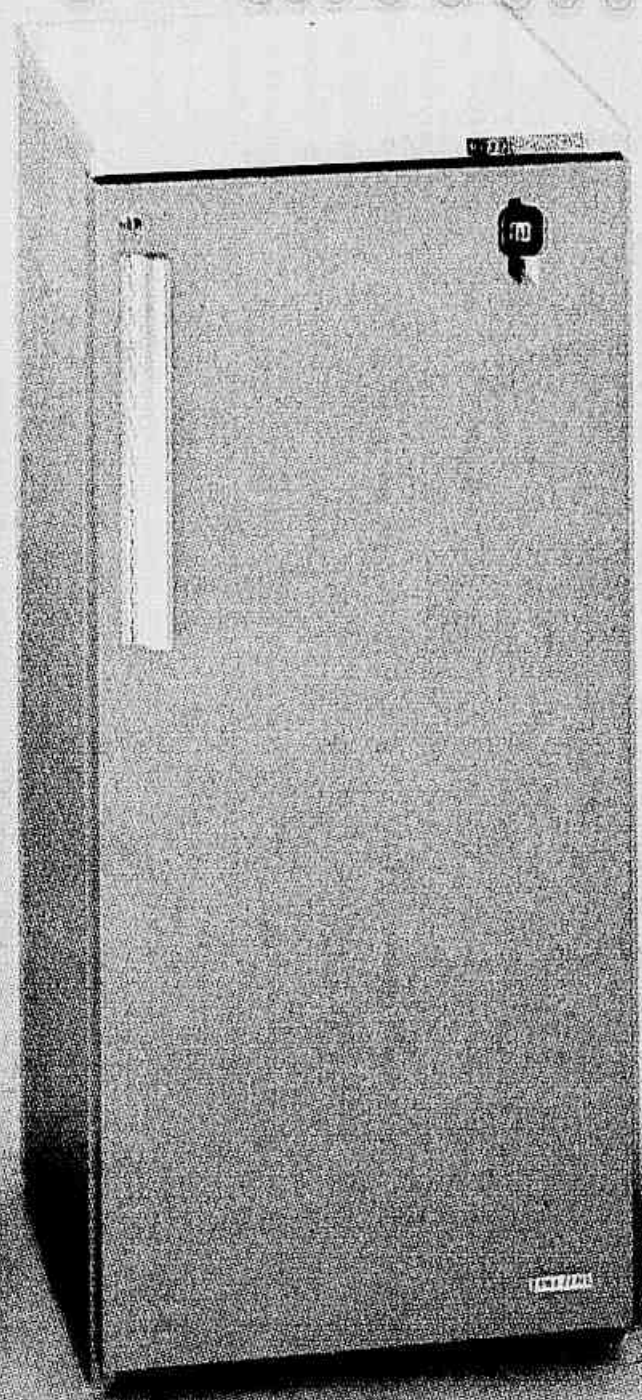
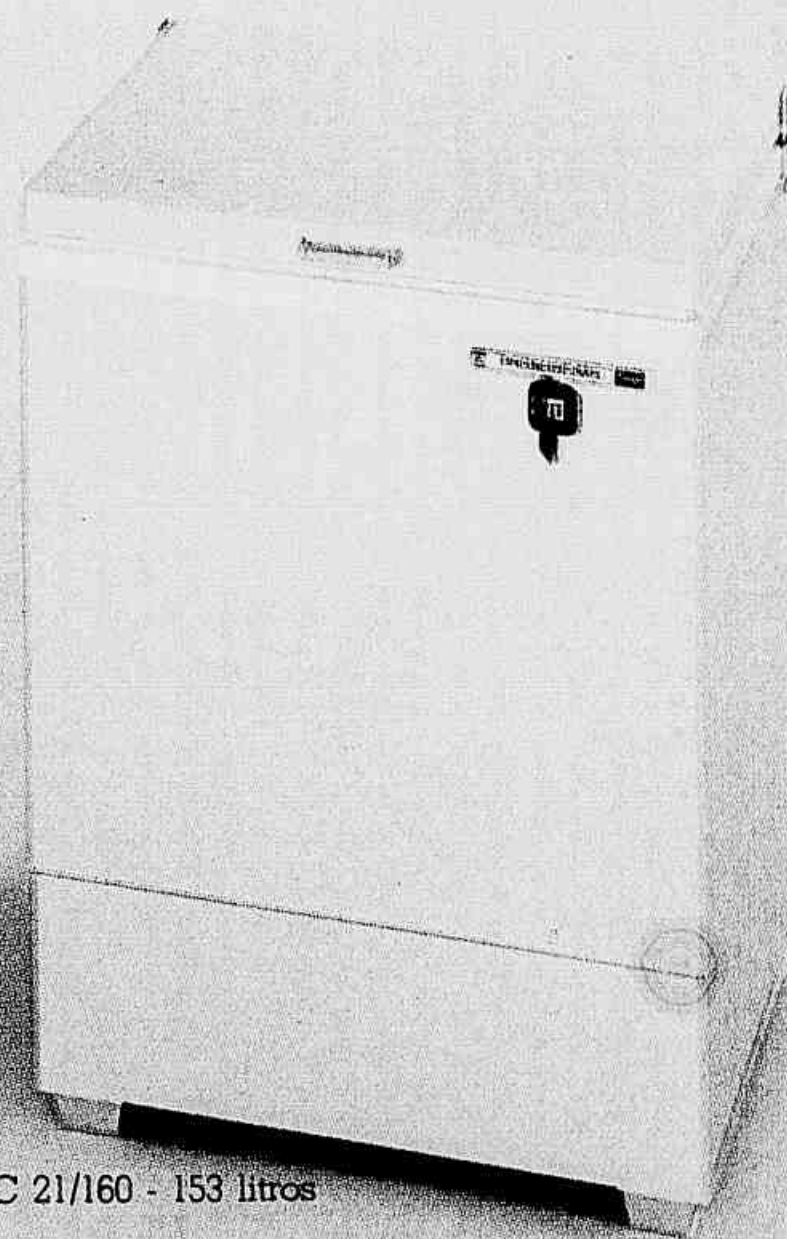
PARKER E HART

QUAL É O DESENHO QUE FALTA NO ESPAÇO VAZIO?

JORNAL DO BRASIL — Não pode ser vendida separadamente — Ano 5 — Nº 215

Revista do Domingo

MILTON, SOM DA MATURIDADE

Da cor brasileira, cantos e atitudes que tomaram forma em Paris

Na horizontal ou na vertical, o congelador doméstico Prosdócimo mantém de pé suas qualidades.

Modelo CC 19/220 - 220 litros

Modelo CC 22/180 - 180 litros

Modelo CC 21/160 - 153 litros

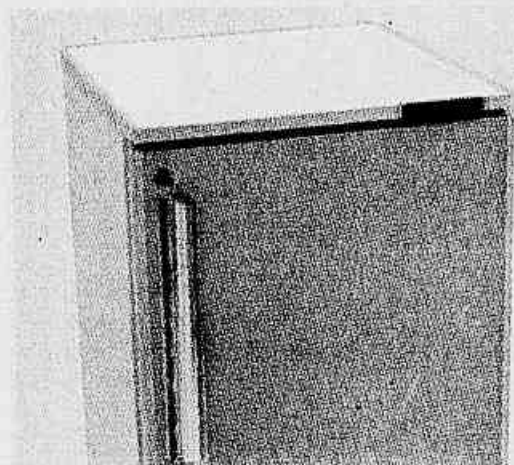
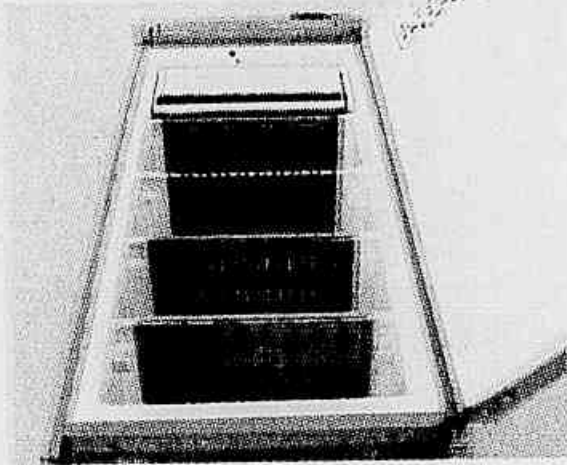
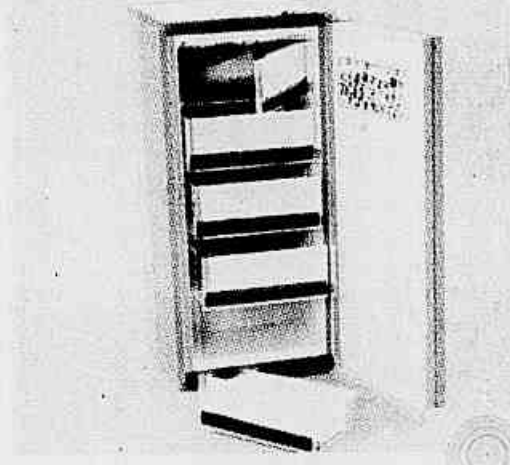
Qualidade número um: mais espaço interior.
Cento e oitenta litros de capacidade garantem a você a possibilidade de armazenar grandes quantidades de alimentos por 3, 6, 9 ou 12 meses, no modelo vertical. E os horizontais têm capacidade para 150 e 220 litros.

Qualidade número dois: temperatura mais baixa.
Os três modelos de congelador doméstico Prosdócimo atingem a temperatura de 18 a 25 graus centígrados negativos, suficiente para conservar os alimentos sem alterar o seu sabor ou suas qualidades nutritivas. E o modelo vertical tem um compartimento especial para congelamento rápido de alimentos frescos, que chega a 25° centígrados negativos.

Qualidade número três: maior economia total.
Com os congeladores domésticos Prosdócimo, a economia é tripla:
a) custam bem menos que as geladeiras de luxo;
b) consomem menos energia que os refrigeradores comuns;
c) dentro do congelador, os alimentos não sobem de preço.

Qualidade número quatro: melhor padrão técnico.
O revestimento em espuma de poliuretano de 6 cm no modelo vertical e 7 cm nos modelos horizontais, seguem normas aprovadas internacionalmente para congeladores domésticos. E o sistema já consagrado do **Frio Envolvente** garante a distribuição uniforme do frio em toda a caixa interna, conservando seus alimentos congelados. Para qualquer problema, nossa assistência técnica garante a qualidade Prosdócimo em todo o Brasil.

Qualidade número cinco: mais opções para você.
Como você vê na foto, agora são três os modelos do congelador doméstico Prosdócimo: dois horizontais e um com Funcionalidade Vertical. Tudo isso parte do mais moderno conceito em congeladores, aliado ao **know-how** de muita tradição da Refrigeração Paraná S.A. Cada modelo pode ser encontrado em 4 cores: azul, vermelho, branco e amarelo, com exceção do modelo CC 19/220, que é produzido somente nas cores branca, azul e vermelha.

Fechaduras opcionais
Agora, os modelos 19 e 21 poderão vir com chave de segurança opcionais.

Chave de segurança
O novo puxador tornou mais fácil abrir e fechar a porta. Esta, agora, pode ser fechada com chave. O tampo superior, **table top**, é em fórmica, para aproveitamento como mesa de preparo de alimentos.

Frio Envolvente -18°C
Sistema já consagrado, com serpentinas que envolvem todas as prateleiras, distribuindo o frio por igual em todo o congelador. É a Tecnologia Tropical, padrão Prosdócimo.

Gavetas removíveis e de degelo
Três espaçosas gavetas tipo cestas e uma para receber a água na ocasião de degelar. Todas removíveis, de fácil manuseio. Plastificadas com resina epoxi.

Congelador Doméstico
PROSDOCIMO

Rua Ministro Gabriel Passos, 360 Fone: 276-2011
Telex 0415567 RPSA/BR - CEP 80.000 - Curitiba - Paraná.

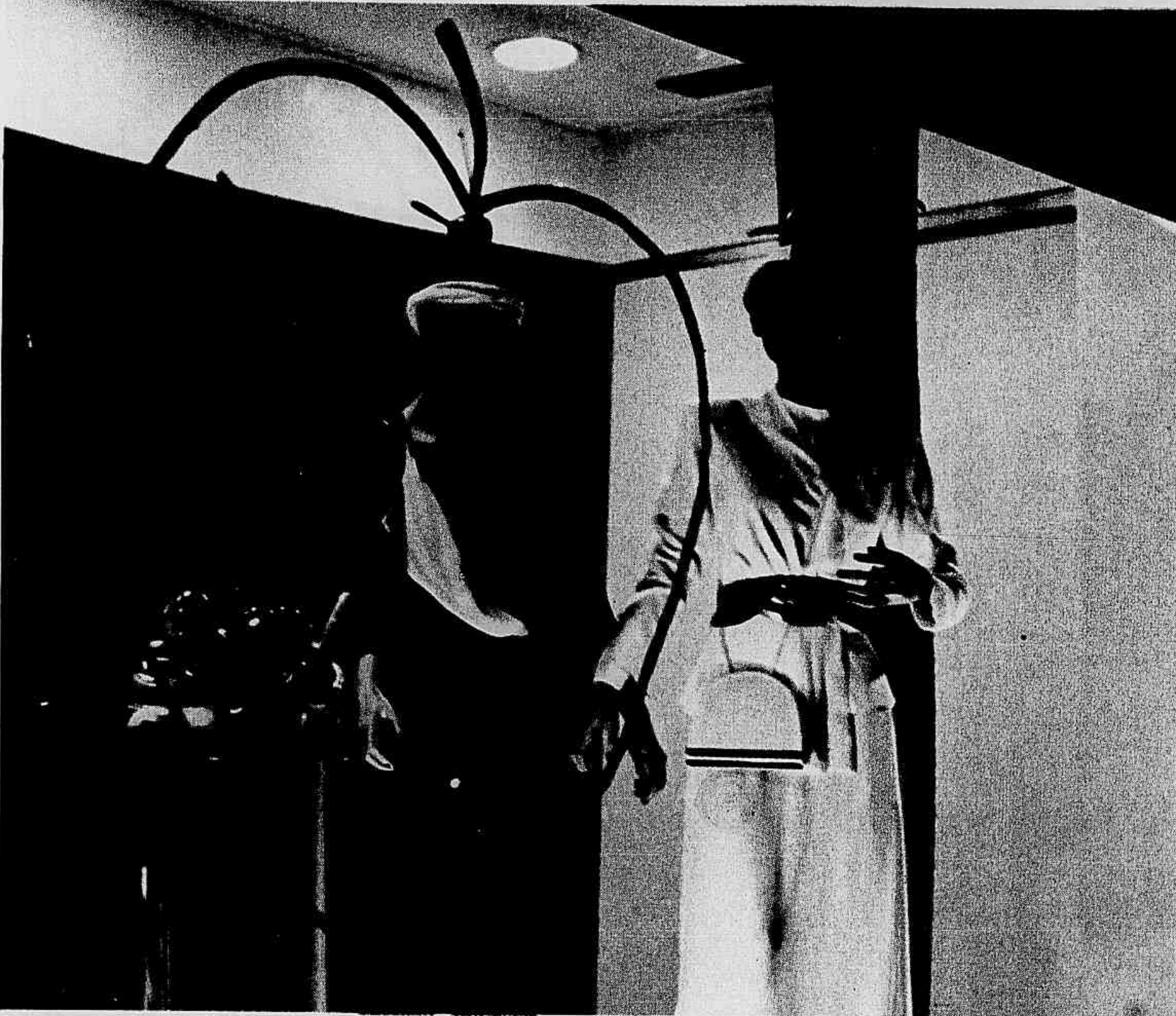
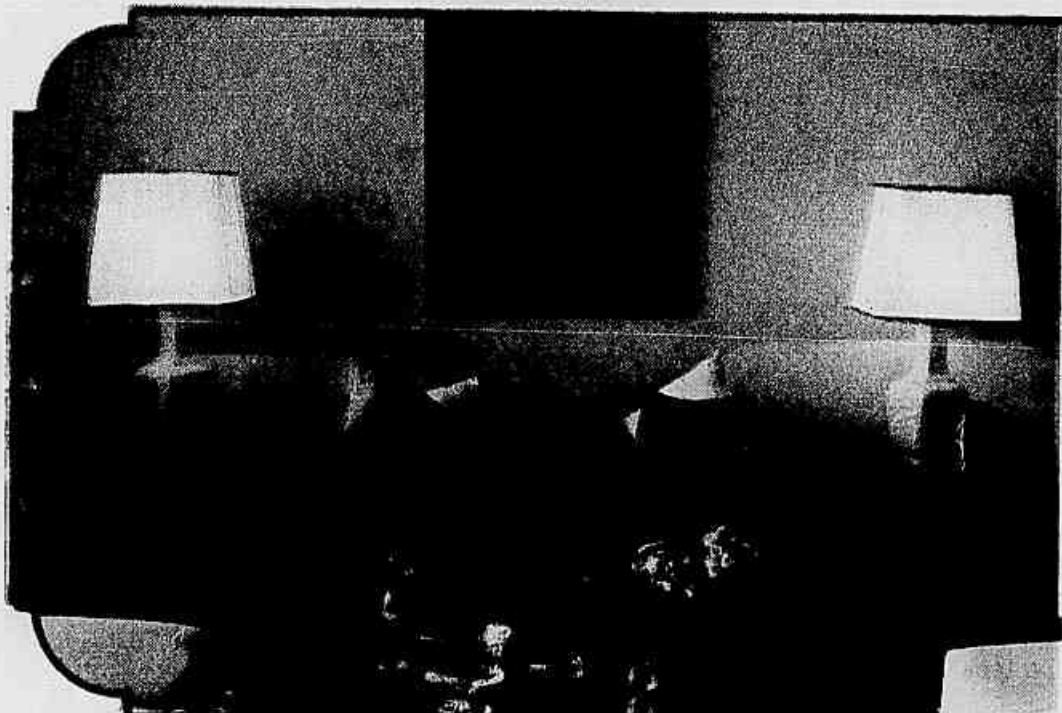
Exclam

Domingo
JORNAL DO BRASIL
Rio, 01-06-80, Ano 5 nº 215

CAPA
Milton Nascimento, em ilustração de Miguel Paiva

Revista do Domingo figura no IVC (Instituto Verificador de Circulação), através do JORNAL DO BRASIL. Consulte as Notas Explanadoras.

Balé americano, maturidade para criar

Milton, criatividade madura

Vitrinas, vender pela forma e a cor

Catherine dá uma chance à televisão

Catherine Deneuve não gosta muito da televisão, talvez por querer instintivamente preservar sua aura glacial do desgaste que sofreria entrando quotidiana e prosaicamente pelos lares adentro. Mas há dias fez uma exceção, aparecendo ao lado de Gérard (1900) Dépardieu no programa *Numéro Un*. Na breve mas animada apresentação ela cantou, muito digna, vestida como uma grande dama, uma canção de Michel Legrand, o homem que ajudou a transformá-la em estrela — a única, provavelmente, do cinema francês — ao compor o *score* dos *Guarda-Chuvas do Amor*.

Um outro reencontro, não menos prestigioso, reanima agora a carreira da moça em algumas ruas e estádios de Paris. Há 11 anos, em 1969, Catherine compôs, logo após o êxito de *Belle de Jour*, sua mais acentuada caracterização de *femme fatale* em *A Sereia do Mississipi*. Era um ensaio deslavadamente melodramático em que François Truffaut, inspirando-se em antigos modelos americanos, levava Jean-Paul Belmondo a perder a cabeça por uma *garce* conhecida através de anúncio em jornal, e que o fazia viajar milhares de quilômetros em vão, da ilha de Réunion a Paris, e de volta à África. Truffaut declarou-se pouco depois em débito com o casal de estrelas, por considerá-los acima dos resultados obtidos por ele, como cineasta, na *Sereia*. Para saldar esta dívida é que ele dá à Deneuve o papel principal de *Dernier Metro*.

O filme nada ou muito pouco tem a ver, diretamente, com os caminhos e descaminhos do *subway* parisiense. Truffaut afirma ter partido do desejo de falar de teatro e da vida na Capital durante a ocupação alemã. Catherine, mais uma vez têmpera de aço sob contornos aveludados, é a atribulada proprietária de uma casa de espetáculos freqüentada por gregos e troianos, ou seja, colaboradores, resistentes, alemães e até por cidadãos pacatos. E que fecha as portas quando passa o último metrô. (GAMMA, Paris) ■

GAMMA

Catherine Deneuve, "credora de Truffaut"

Pietrina aperfeiçoa carnações

A moça muito loura que chegou ao Brasil com 13 anos, filha de mãe iugoslava e pai turco, fala com acentuado sotaque paulista, lugar da primeira morada no país. Mas a formação, Pietrina Checcacci faz questão de dizer, é totalmente brasileira. Basta observar a luminosidade que transparece em suas telas, a sensualidade das formas redondas, o erotismo das antigamente pequenas e agora grandes esculturas lúdicas. Passou pela Escola de Belas-Artes, assimilou o que pôde, trabalhou em cima da figura humana, sua temática constante, aproveitando ao máximo as aulas de modelo vivo e gesso.

Hoje, são 20 anos de atividade profissional, que ela irá comemorar em Brasília, com uma retrospectiva em setembro. Na primeira década de carreira se preocupou com a linha a seguir. Eram os óleos, num trabalho que virou quase um virtuosismo. Passou para os estandartes, com cores chapadas, limpando a paleta e chegou à tinta acrílica. Já os últimos 10 anos viram a escultura. Duas técnicas que passou a executar paralelamente. Atualmente, uma pode influenciar a outra e vice-versa. Na verdade, ela admite que a década de 70 foi época de amadurecimento. Ganhou, inclusive, Leonardo, o filho de dois anos, única pessoa com direito a tirar a mãe do *atelier* para os jardins gramados da casa de São Conrado.

EVANDRO TEIXEIRA

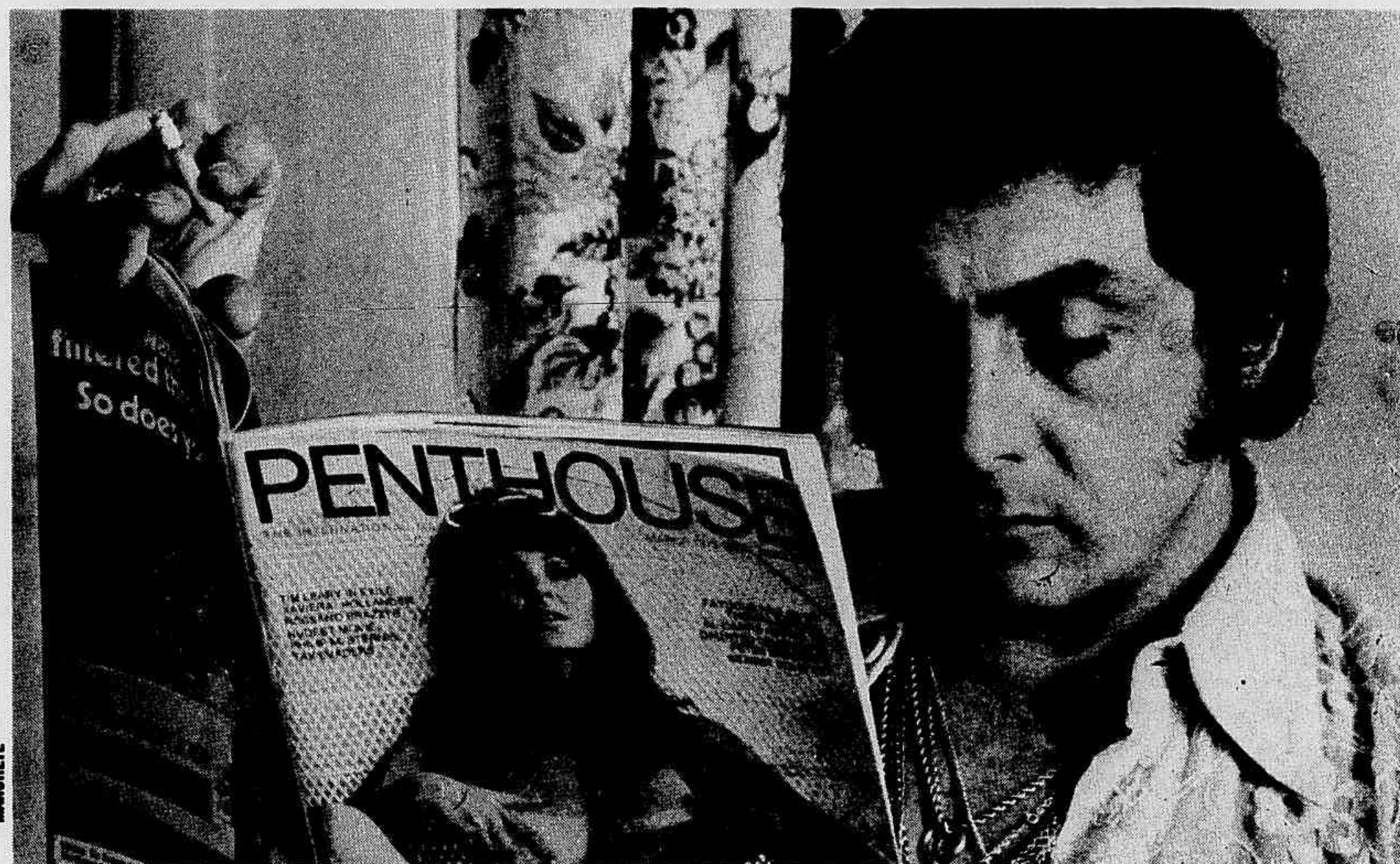
Pietrina Checcacci, "nem pé, nem unha, nem umbigo"

Assim, depois de fazer do corpo humano paisagens em tons ocres, terras e vermelhos, Pietrina mentaliza este tema tão seu conhecido e faz dele um todo: "Você não reconhece, nem imediatamente nem depois, um pé, uma unha, um umbigo." São simplesmente *Carnações* pintadas em cores mais quentes, principalmente vermelhos. (MARIA LÚCIA RANGEL). ■

Bob Guccione ofende crítica com "Calígula"

Junte três atores egressos da Royal Shakespeare Company (Macolm McDowell, Peter O'Toole e *Sir* John Gielgud), adicione roteiro de Gore Vidal e volumosa injeção financeira de Bob Guccione, editor da revista masculina *Penthouse*, leve quatro anos filmando, faça a crítica esperar na fila e pagar ingresso na pré-estréia. Resultado: *Calígula*, milionária (custos superiores a 18 milhões de dólares) produção porno-histórica que hoje sofre boicote de todos os *media* nos Estados Unidos, a ponto de só ser exibida em uma única sala, justamente a Penthouse East, em Nova Iorque.

Há três meses em cartaz, *Calígula* vem sofrendo um dos maiores ataques de que se tem notícia. O alvo, cenas explícitas de sexo, em suas diversas variações. Vicent Canby, crítico do *New York Times*, disse que o filme é "tolo, efemeramente erótico e, diversas vezes, notadamente repulsivo". Guccione repele as acusações com um único argumento. "Comparar *Calígula* a um simples pornô é a mesma coisa que chamar a Segunda Guerra de briga de rua". Além disso, se quisesse mesmo pornografia, faria 200 filmes com o mesmo dinheiro".

MANCHETE

Bob Guccione, "briga de rua"

Desde que lançou, em 1969, a edição americana de *Penthouse* — que já estava em seu quinto ano de existência na Inglaterra — Robert Charles Joseph Edward Sabatini Guccione é famoso por virtualmente ignorar limites. Para lançar a revista na América pôs anúncio de página inteira nos principais jornais desenhando o coelhinho-símbolo da *Playboy*, até então soberana no mercado, sob a mira de um rifle, dando por aberta a caça ao animal. Nove anos depois, sua previsão de derrocada do império de Hugh Hefner confirmou-se quando *Penthouse* conquistou 37% de vantagem nas vendas em banca. Hoje, Guccione lidera uma rede editorial responsável por cinco revistas, com capital de 750 milhões de dólares. (WARREN SHANAHAM, Nova Iorque) ■

CYNTHIA BRITO

Paulo Moura, "muito a aprender com eles"

Moura faz Quatuor de Villa

A relativa indiferença das gravadoras não incomoda o maestro, arranjador, professor, saxofonista e clarinetista Paulo Moura. Seu último trabalho, considerado o melhor disco instrumental de 1977, com boa aceitação na França e no Japão, não levou a novos convites. "Afinal, quantos grandes músicos morrem sem ter um único disco gravado", comenta Paulo com voz mansa que contrasta com a vibração com que toca o clarinete e o sax.

Mês de abril, ele apresentou-se na Funarte com o conjunto Fundo de Quintal, ressuscitando um maxixe e fazendo com que a platéia não parasse de se mexer nas cadeiras. Aos sábados, apresenta um programa de *jazz* na Rádio Roquete Pinto e aos domingos pode ser visto e ouvido na Estudantina, uma gafieira da Praça Tiradentes. Mês passado, fez um *show* no Sesc da Tijuca, ao lado de Luizinho Eça. Agora, prepara o concerto *Quatuor*, de Villa Lobos, a ser apresentado em julho na Funarte. Para agosto, porém, não há nada acertado.

Aos 46 anos, muitos cabelos brancos, Paulo Moura, maestro consagrado, não se pode permitir o luxo de programar sua vida. Dos alunos do Instituto Villa Lobos, diz ter "muito a aprender". Embora toda a atividade no campo dos arranjos, *shows* e discos (raros) não lhe assegure estabilidade financeira, ele não abre mão da formação de novos instrumentistas: "Posso passar necessidade, mas não descuido desse lado meu", diz. (ROSE ESQUENAZI) ■

Madeleine criou ponto de samba

Incentivada pelo marido, Tomás Colaço, escritor português que amava o Brasil, Madeleine Colaço criou há tempos o *ponto brasileiro*, inspirada num samba que um dia ouviu no rádio. Nascida em Tânger — "tangerina, portanto", ela diz sorrindo — desde cedo se interessou pelos tapetes marroquinos e pelo trabalho minucioso das artesãs que o fabricam. Aprendeu as técnicas e, depois de viver algum tempo em Portugal, veio para o Brasil. Escolheu como motivos os pássaros, cacaueiros, igrejas, baianas, portais e temas ecológicos, que transporta para os tapetes através de milhares de pontos que levam de nove meses a um ano para formarem a peça completa.

Em sua fazenda do Espraiado, entre Maricá e Saquarema, Madeleine criou um grupo artesanal com 70 mulheres da região que com ela aprenderam técnicas de quase todos os cantos do mundo. Agora, pronta para expor mais uma vez no Rio, desta vez no Rio-Palace, entre os dias 12 e 22 de julho, só se queixa da falta de tempo para terminar sua última criação, *Energia*, que tem como tema a mandioca.

Com a tapeçaria, aprendeu a "ter calma, segurança e alegria infindável". Admiradores e compradores de seus trabalhos são principalmente os suíços e alemães que seguidamente a convidam a expor em seus países. Assim, para 1980 e 1981 já estão programadas exposições na Alemanha, Estados Unidos, França e Áustria. Um fato que surpreende os aficcionados da tapeçaria é que Madeleine, além de criar os temas, permanece como executora, coisa rara entre artistas internacionais de renome comparável ao dela.

Cada mural é composto de várias camadas superpostas, o que, segundo ela, "realça o motivo". Quanto à preferência por temas brasileiros, explica: "Quero mostrar a civilização que está sendo formada aqui, composta de diferentes camadas sociais e raciais". Objetivo maior é "escrever a História do Brasil através dos tapetes e murais". Como *motto*, adotou uma frase de Andrés Frossard, com a qual concorda "racional e emocionalmente": "O dia de amanhã pertence àqueles que criarem com suas mãos os objetos de beleza e durabilidade". O que não a impede de manter, junto com a filha, Concessa Colaço, também artista plástica, um restaurante em Maricá, o Maria do Céu, onde dedica-se a proporcionar aos freqüentadores os prazeres fugazes mas não menos belos da boa mesa. (PIETRA ANGELO) ■

RONALDO THEOBALD

Madeleine Colaço, "ouvindo rádio"

Gigi Dourado, "sem supérfluos"

Gigi prefere trabalhar com a moda

Filha de pai extremamente bem-sucedido nos negócios imobiliários, criada no que os aficcionados do lugar-comum chamariam berço de ouro, ela poderia ter-se limitado aos supérfluos das festinhas, das pistas de dança em boates de moda. Gigi Dourado, 23 anos, dentinho quebrado na frente lembrando antigas travessuras, preferiu o trabalho. Em 1978, há dois anos portanto, ela já abria sua própria firma, a primeira do gênero no Rio de Janeiro, especializada em promoções ligadas à moda.

Eram, no início, três as sócias: Patrícia Santos Lima, Celina Pessoa e Gigi. O casamento afastou Patrícia, Celina desistiu no ano passado e elas resolveram vender a firma que havia começado numa pequena sala do Shopping Center da Gávea e se transformara num negócio lucrativo. Agora, casamento marcado para 14 de julho e uma casa em construção em São Paulo que a está "levando à loucura", Gigi ainda encontra tempo para organizar os desfiles da Cianê, fábrica de tecidos do futuro marido. E garante: "Depois de casada não pretendo parar, continuo em alguma coisa ligada à moda, é claro." (GISELA PÔRTO) ■

CRISTINA PARANAGUÁ

Ari Coslov, "como o filho do pai"

Ari se dobra à imagem e seus botões

O que faz um ex-editor iconográfico — indivíduo que escolhe ilustrações e fotos — de uma enciclopédia numa sala de vídeo-tape? Tudo, porque, afinal, o universo da imagem é múltiplo. Só que Ari Coslov, carioca de 38 anos, que roçou todas as atividades ligadas ao teatro e à imagem para já na maturidade se fixar como ator, fascinou-se (mais uma vez) pelos botões. Na fria câmara de carretéis e fitas ele edita e acompanha os pedaços, seqüência por seqüência, do seriado de televisão que agora dirige, *Carga Pesada*.

Pesa-lhe pouco, ou nada, esta carga, pelo menos em termos de possibilidades: são muitos botões a apertar, muitas imagens a mudar e cortar. Ari Coslov nem pensava, quando gravava cenas da novela *A Escrava Isaura* (que lançou a atriz Lucélia Santos), que poderia deixar a profissão de ator, iniciada na década de 60, para dirigir colegas. Atualmente, lê o máximo sobre televisão, brasileira e estrangeira, sem esquecer a biografia de Vincente Minelli, herói de sua adolescência.

Estreou no teatro profissional em 1963, trabalhando em vários elencos até 1969, quando passou a editar ilustrações na Encyclopaedia Britannica ao lado de Otto Maria Carpeaux. "Eu tinha que escolher a ilustração do texto. Brigávamos por verbetes, a discussão intelectual era rica", lembra ele, cercado de *posters* e desenhos que vestem sua casa e denunciam desde logo o adorador da imagem. E na televisão ele extravasa outra fantasia, a de diretor de cinema: "Na minha cabeça, sinto-me fazendo cinema, me vejo um cineasta, com cadeira de lona e todos os aparatos típicos. Sei que é bastante diferente, mas continuo fazendo meus super 8".

Já testado e experimentado no açucarado horário das seis da tarde, da Rede Globo, ele enumera as produções de que participou: *Sinhazinha Flô, Maria, Maria, A Sucessora* e confessa que travou "uma batalha para ser assistente de direção do Herval Rossano". Em 1978, no início dos seriados, ele se apresentou como voluntário e passou a ser assistente do também ator e diretor Milton Gonçalves que lhe deu todas as informações e segredos do negócio. "Ensaiamos muito e me dou bem com os atores talvez por ser um deles; sei que o ator precisa do diretor como um filho do pai". Encara os seriados como video-drama e observa que somente agora os autores começam a escrever para televisão, "uma postura totalmente diferente". Por quê? "Ainda existem alguns preconceitos e no Brasil não há tradição de texto para TV". Ex-diretor de teatro, ex-ator, ex-editor de enciclopédia e sempre apaixonado pela imagem e pela fantasia, Ari descobriu tarde a televisão; mas este reconhecimento tardio traz também a certeza entusiasmada de que ele nunca mais a vai abandonar. (JOELLE ROUCHOU) ■

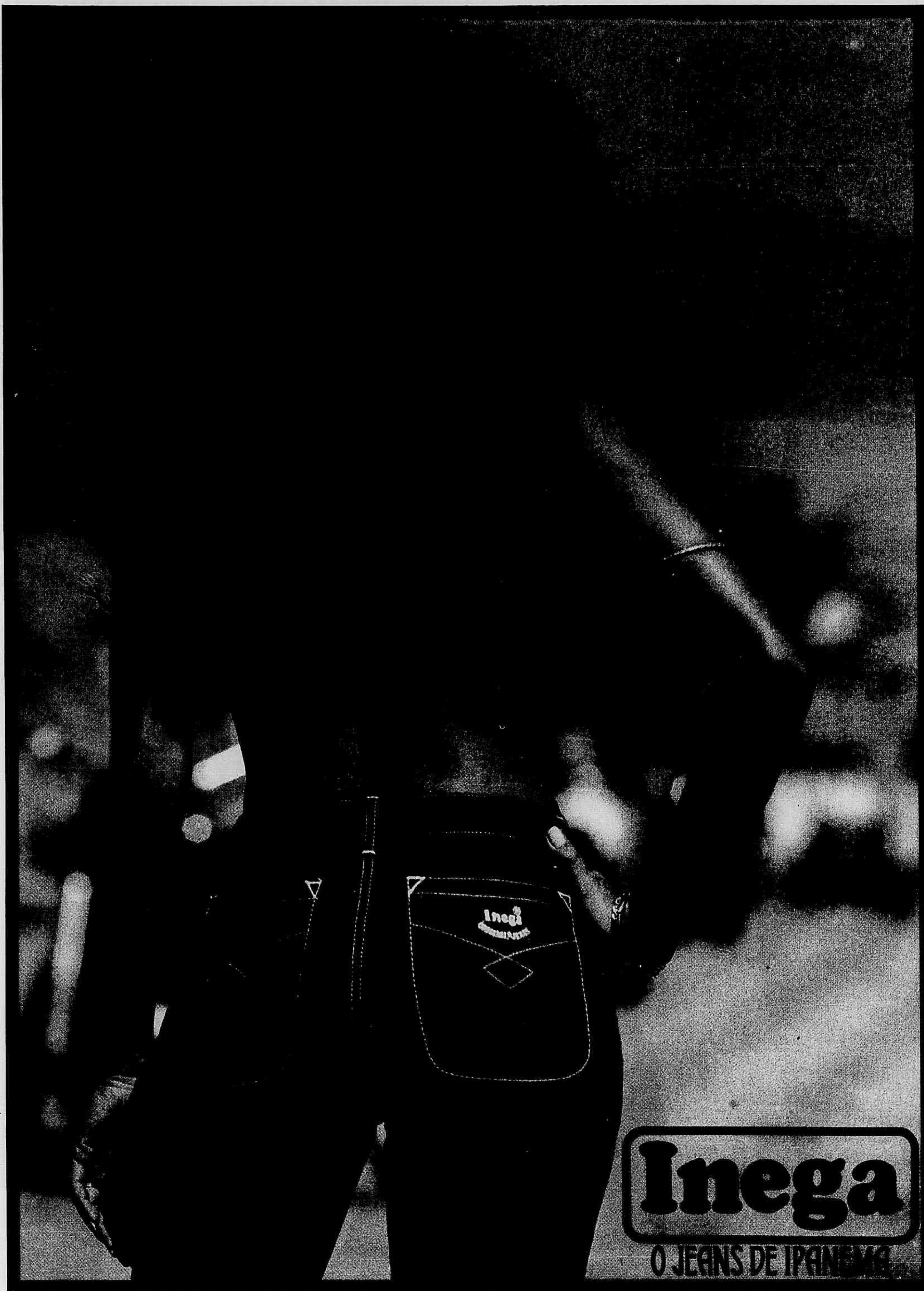
Dilma troca a nudez pela folha branca

Dilma Lóes quer agora que o trabalho e a vida projetem um reflexo, uma correspondência equilibrada. O filme *A Volta do Filho Pródigo*, que pode ser considerado sua *rentrée* cinematográfica, mostrou há pouco a filha de Urbano Lóes e Lídia Mattos no papel de uma moça que deixava para trás a cidade grande. Por esta já não se interessa mais a atriz, que aos 30 anos mudou-se para Mar do Norte, perto de Macaé, com o marido Luís Alberto, arquiteto, e a filha Vanessa. E é lá, escrevendo roteiros, que ela acaba agora de dar o golpe de misericórdia numa fase de sua carreira que chegou a ser marcada pela pornochanchada.

Vista em pêlo várias vezes na tela, Dilma acabou cansando, e parou por algum tempo também na televisão, onde fez *Pigmaleão 70* e *O Bem-Amado*. "Não vejo diferença entre fazer uma pornochanchada e trabalhar na TV: nos dois casos o ator leva a marca da padronização", sentencia ela. Iniciou-se então — para a atriz-roteirista que viu transformados em "pratos cheios de pornografia" seus trabalhos para *Quando as Mulheres Paqueram* (1968) e *Essa Gostosa Brincadeira a Dois* (1971) — uma fase por assim dizer intelectual. Fase de participação como atriz num curta-metragem sobre os brasileiros exilados, de direção de dois outros — *Só o Amor não Basta*, sobre a mulher que trabalha fora, e *Morrendo a Cada Instante*, sobre a falta de atenção ao verde — e de invenção sobre a folha branca de papel.

Com Sônia Maria, Dilma acaba de receber financiamento da Embrafilme para roteirização de uma sinopse provisoriamente intitulada *Fundo do Poço*, história de um casal. "Se ganhei", diz ela, renovada, "é porque o julgamento foi honesto, pois muitos medalhões ficaram de fora." (JR) ■

LUÍS CARLOS DAVID

Dilma Lóes, "fase intelectual"

Inega
Inega
O JEANS DE IPANEMA

Ivan Nagy e Natalia Makarova ensaiam o adagio de O Lago dos Cisnes

Gelsey Kirkland, uma das preferidas de Baryshnikov e de toda a America

Rudolf Nureyev e Carla Fracci refazem a delicadeza de Giselle

TEXTO E FOTOS DE BEATRIZ SCHILLER, Nova Iorque

Quando, em janeiro de 1940, estreou o primeiro Teatro de Balé dos Estados Unidos no Radio City Music Hall, de Nova Iorque, o nascimento daquela que era então a única companhia de dança clássica do Novo Mundo foi arrogante e impropriamente saudado, em cartazes, entrevistas e material de imprensa, como um acontecimento que deixava ao alcance dos americanos "os maiores balés e colaboradores de todos os tempos".

A arrogância, num país de tanta competitividade e excelência no campo da criação artística, até que se justifica. Um artista, às vezes, nada melhor tem a fazer do que firmar pé na certeza de que fará alguma coisa que é "a melhor coisa do mundo". É uma questão de motivação.

Ao completar 40 anos de existência, o Ballet Theater, hoje American Ballet Theater, pode gabar-se de ter atingido as metas que se propôs. O conjunto é mesmo um gigante em termos de criatividade, produções e nível dos colaboradores, já tendo montado mais de 250 espetáculos, desde *La Fille Mal Gardée,* recriação de balé de 1786, quando iniciava-se a era *sur les pointes,* até o solo sobre peças de Bach desempenhado por Cynthia Gregory em 1979.

Pelos palcos do American Ballet Theater desfilaram, dançando, todos os melhores talentos do mundo. O legado, a influência de Sergei Diaghilev e dos Balés Russos — que durante 20 anos, no início do século, inventaram e inovaram — pode ainda ser constatada em cenários, músicas e coreografias do ABT. O nascimento da companhia foi acompanhado de perto por Mikhail Fokine, que dirigiu *As Sílfides, O Espectro da Rosa* e *Carnaval.*

No passado, existiram ainda, deixando sua marca, nomes como Markova, Dolin, Baronova, Skibine, Chase, Nora Kaye, Jerome Robbins, Donald Saddler, Rosella Hightower, tantos outros. No presente, a companhia brilha com Natalia Makarova, cada vez melhor, em carreira nitidamente ascendente, Mikhail Baryshnikov, que a partir de setembro será seu diretor artístico, além de dançar, a fabulosa jovem americana Gelsey Kirkland e o novo *superstar* Alexander Godunov, que deixou o Bolshoi de Moscou para estrear, junto ao ABT, na noite de gala do 40º aniversário.

Só uma coisa parece destoar nessa constelação de talentos e acertos, e é ter a companhia — num acesso de nacionalismo que não rima com o internacionalismo de seus elencos, programas e alcance — adicionado o adjetivo *american* a seu nome original. No caso dos balés russos, a denominação fazia sentido: afinal, eram dançarinos russos, de uma escola tipicamente nacional, atuando contra um pano de fundo fornecido por compositores russos e temas enraizados em riquíssima e milenar cultura. Os Estados Unidos se caracterizam por absorver talentos criativos e científicos

Alicia Alonso e Jorge Esquivel, de Cuba, participaram da grande festa

Com a renda da noite, Baryshnikov poderá começar folgadamente seu período como diretor artístico do ABT

de todo o mundo, e o American Ballet Theater felizmente não é uma exceção. Nada há nele de claustrofóbico ou folclórico. Existe, sim, um cosmopolitismo sem fronteiras, que não só atrai dançarinos como os três russos, que praticamente *fazem* as atuais temporadas (Makarova, Baryshnikov e Godunov), como imanta platéias do mundo inteiro, certas de que poderão ver aqui não algo muito especificamente *americano*, mas, efetivamente, "os maiores balés e colaboradores de todos os tempos".

A celebração do 40º aniversário foi uma noite de nostalgia e lágrimas, para começar, porque despedia-se do cargo de diretora artística a empreendedora Lucia Chase, também ex-*prima ballerina* da casa. Com seu amor, entusiasmo e dedicação, e ainda contribuindo com belas dotações de sua fortuna pessoal, Lucia Chase formou clima, tradição e público para o balé no constante novo mundo que é esta terra da tecnologia pragmática. Ela conseguiu instilar romantismo em platéias sem ilusões; conseguiu refinar tudo, cultivar a arte e, no imenso espaço da Metropolitan Opera House do Lincoln Center, montar temporadas de tirar o fôlego aos mais exigentes.

Irina Baronova, que aos 26 anos já se aposentou, voltou ao palco com seu antigo *partner*, Anton Dolin, para recriar uma breve mas inspirada cena. Alicia Alonso, primeira bailarina e diretora do Balé Nacional de Cuba, além de antigo destaque do próprio ABT, dançou dois números, um com seu velho *partenaire* Igor Youskevich, outro com o fabuloso Jorge Esquivel, de sua companhia cubana.

Toni Lander e Bruce Marks, veteranos, retornaram com a obra maravilhosa sobre o drama de Otelo, *The Moor's Pavane*, no qual a rivalidade e o campo de tensão entre o mouro e seu amigo Iago são mais destacados do que a relação entre Otelo e Desdêmona. Carla Fracci, uma das mais belas solistas do ABT, pisou o palco com Erik Bruhn para um trecho das *Sílfides;* e retornou com Rudolf Nureyev — que nunca havia dançado na companhia, sendo convidado por continuar sendo uma estrela, incontestavelmente — para uma esplêndida *Giselle*.

Convidados vieram do mundo inteiro. Marcia Haydée e Richard Cragun mostraram um *pas de deux* brilhante, deixando o crítico Clive Barnes tristíssimo por não tê-los sempre por perto. Zhandra Rodriguez veio representando o Balé Nacional de Caracas por ter sido aluna do ABT, e dançou uma notável *Corbeille de Flores* com Patrick Bissell.

Mas o momento de apoteose da noite foi a estréia de Alexander Godunov. Todos se lembram do enorme estardalhaço que ele causou no final de 1979: em excursão pelos Estados Unidos com o Balé Bolshoi, do qual era integrante também sua mulher, ele surpreendeu a todos — inclusive a ela — com sua decisão de permanecer nos EUA; como ela insistisse em voltar à União Soviética, o Governo americano cedeu à tentação de supor que o faria sob pressão e deteve seu avião no Aeroporto Kennedy, de Nova Iorque, por três dias, até convencer-se de que era realmente possível que uma bailarina profissional quisesse voltar a seu país natal mesmo sem o marido.

Godunov, em contrapartida, desapareceu por uns tempos do noticiário, apesar de ter sido imediatamente contratado pelo ABT. O episódio rocambolesco do aeroporto, afinal, precisava ser deixado um pouco para trás. Desesperado com a inatividade, Sacha (como o chamam os íntimos) começou a treinar furiosamente enquanto brigava por um salário mais generoso do que o proposto pelo ABT; ele chegou, para conseguir um contrato a seu gosto, a ameaçar com um retorno ao Bolshoi.

Em sua estréia, Godunov dançou, com Martine van Hammel, um *pas de deux do Corsário*, mostrando ser mesmo a força da natureza que todos esperavam: muito físico, acrobático, cigano, ele será um chamariz de platéias na próxima e em muitas outras temporadas.

Natalia Makarova — Natasha, para os íntimos — dançou lindamente o *pas-de-deux* do *Lago dos Cisnes*, com aquelas suas mãos inimitáveis. Com outra convidada muito bem-vinda pela crítica, a japonesa Yoko Morishita, Fernando Bujones dançou em sua melhor forma; ao apresentar ainda um trecho do *Americano em Paris*, de Gershwin, ele evoluiu, de chapeuzinho de marinheiro, com a mesma graça com que dança a *Carmen* ou *O Lago dos Cisnes*.

Infelizmente, para dar uma pitada americana à noite, veio à cena o patinador de gelo John Curry, acompanhado de Anthony Dowell para *Top Hat*, um número *broadwaiano* que não conseguiu ser sapateado, nem patinação, nem balé. Eles conseguiram ainda arrastar a inacreditável Makarova, resultando um frenético e desconexo momento de *americana* que não fez jus à qualidade da noite.

Com a renda do espetáculo — 415 mil dólares — Mikhail Baryshnikov, que estranhamente não esteve presente para receber o cetro de Lucia Chase, poderá iniciar com pé direito sua administração artística da casa que já tem uma tradição no balé americano. ■

imóveis em revista

Entrega em janeiro próximo.
Rua Valparaíso, 82.

Salão, 3 quartos (suíte), varandas e 2 vagas. E coberturas duplex com piscina e solarium.

Sinal + Escritura 262.840,00
Mensais fixos —— 14.040,00
Preço —— 2.850.000,00
Use o seu FGTS. Isento de IOF.

Informações na Tecnilar ou no local, diariamente, das 9 às 22 hs. TPV 218.

Financiamento BAMERINDUS — Incorporação e Construção IMOBILIÁRIA IRAPUAN S.A.

JACAREPAGUÁ

COBERTURA DUPLEX - Em excelente localiz. na Geremário Dantas, 1222 pertinho da Freguesia, salão 2 quartos (suíte), 2 grandes varandas, terraço com espelho d'água e jardineiras. Bom preço, prédio de luxo. Infs. no local (incl. sáb. e dom.) até às 20hs. ou na TECNILAR. TPV 207.

ÓTIMO APT.º 2 VARANDAS, SL. 2 QT.ºS (1 suíte) e garagem na Estrada do Pau Ferro n.º 255, o trecho mais nobre da rua. Apenas 4 p/andar. Prédio centro de terreno c/salão de festas e playground. Financ. BANERJ. Infs. na TECNILAR. TPV 177-A.

FLAMENGO

Salão, dois quartos c/garagem, pronto. Peq. entrada (pode usar o FGTS), financ. 180 meses. Marquês de Abrantes, 88. Infs. (incl. sáb. e dom.), no local até 20 hs. ou na TECNILAR. TPV 107.

OSWALDO CRUZ, 1 P/ANDAR - Pta. entrega p/família de alto nível, apt.º avarandado, c/grande salão, 3 quartos (1 suíte de 2 grandes ambientes), 240m2 exclusivos no andar. Constr. e acab. com a qualidade e garantia Brizon. Financ. direto do incorporador. Infs. na TECNILAR. TPV 175.

TIJUCA

3 qt.ºs 1 por andar pronto c/gar., ótimo, c/173 m2, prédio novinho, centro de terreno, c/playground, em rua tranqüila e residencial, pertinho da Pça. Saens Peña. Rua Conselheiro Zenha, 58. Financ. até 180 meses. Infs. (incl. sáb. e dom.) no local ou na TECNILAR. TPV 126.

SAENS PEÑA 2 qt.ºs, garagem, pronto, em rua tranq. e resid., juntinho à Pça. Saens Peña. Copa-coz., dep. compl. ótimo acab. Rua Jurupari, 31. Financ. direto s/comprov. renda. ou através financeira usando o FGTS em 15 anos. Infs. na TECNILAR. TPV 147.

RUA ITACURUÇÁ, NOVO, 4 qt.ºs (1 suíte), salão c/tábuas corridas, toilette, banh. soc., copa-coz., 2 qt.ºs empr. e 2 vagas garagem. Prédio centro terreno, esq. alumínio, vidros fumê, salão de festas, telefone interno, acab. de luxo. Infs. na TECNILAR. TPV 217.

IMÓVEL EM DESTAQUE

ENTREGA IMEDIATA NUMA RUA SUPER-TRANQÜILA. Ótimo apat.º, novo, salão, 3 qt.ºs (1 suíte), 2 varandas, 2 vagas garagem. Apenas 170 mil de sinal e mensais, já morando, de 24.246,00 c/financ. direto s/comprov. renda. Rua Antonio Pinto da Motta, 100 (entrada pela Barão de Itapagipe entre Bispo e Delgado de Carvalho). Infs. no local (incl. sáb. e dom.) das 9 às 21hs. ou na TECNILAR. TPV 201.

MADUREIRA

A GRANDE OFERTA, apt.ºs 2 qt.ºs, c/garagem, na Firmino Fragoso, 101, rua tranqüila no coração de Madureira. Prédio centro de terreno. Infs. (incl. sáb. e dom.) até às 20hs, no local ou na TECNILAR. TPV 174.

MÉIER

APT.º DE 1 OU 2 QT.ºS C/GARAGEM, rua residencial próx. centro comercial Méier. Prédio centro de terreno fach. decorada, 2 elev. salão festas, playground. Entr. Cr$ 42.831,00 (2 qt.ºs) Rua Capitão Resende, esq. com Miguel Fernandes. Infs. no local (incl. sáb. e dom.) até às 21hs. ou na TECNILAR. TPV 180.

CASA NO GRAJAÚ

Ideal para uso comercial, excelente casa, ótimo estado, em centro de terreno, à Rua Eng. Richard, em área de 10X35 (350m2). Construída em 2 pisos, tendo no térreo um salão mais uma sala, lavabo, copa-coz. e dependências e no andar sup. 3 salas c/banh. (suítes), mais 1 sala e varanda. Nos fundos, 3 salas, 2 banh. depósito. estacion. p/4 carros. Marcar visita com a TECNILAR. TPV 216.

MARINAS DO CANAL: UMA ILHA PARTICULAR, UM CAIS PRIVATIVO E TODA A BELEZA DOS CAMINHOS DO MAR DE CABO FRIO. Umas poucas áreas de 1.000m2 em ilha particular com cais privativo para a marina da sua propriedade. Você chega de carro por ponte de acesso a rua particular ou de barco pelo mar. No ponto mais nobre do canal de Cabo Frio, próximo ao Clube Costa Azul e em frente à Moringa e à Ogiva. Completa infraestrutura de habitação, com luz e água encanada. Também à venda espetacular casa, pronta, com quadra de tênis iluminada. TPV 206.

AV. DO CANAL/PRAIA DAS DUNAS,
BAIRRO DO BRAGA. ED. GENUS.

ENTREGA IMEDIATA, ÓTIMO LOCAL: Sala, 2 quartos, construção Sybeton, excelente acabamento local tranqüilo e residencial. Bom preço e facilidades de financiamento. TPV 209.

PRAIA DO FORTE

ENTREGA IMEDIATA, NA PRAIA: Sala, 2 quartos (1 reversível), varanda, garagem, na Praia do Forte, bem de frente para o mar. Financiamento em até 120 meses. TPV 101.

AV. VIEIRA SOUTO 4 QUARTOS

IPANEMA, espetacular apt.º frente, c/varanda 23m2, living e sl. jantar 74m2, toilette, vestíbulo, sl. almoço, hall íntimo, 4 qt.ºs (1 suíte c/26m2), 3 banh. soc., arm. em todos os qt.ºs, copa-coz., área serv., lavanderia, 2 qt.ºs empreg., 3 vagas garagem. Marcar visita com a TECNILAR. TPV 223.

SÍTIO EM JACAREPAGUÁ, IDEAL P/RECREAÇÃO/COLÔNIA DE FÉRIAS. RUA ITUVERAVA.

Para grande empresa (club privado) ou família de alto gabarito, belíssima propriedade de 7.700 m² c/3 residências de luxo, casas de hóspedes e de caseiro, piscina, sauna, ducha escocesa, sl. repouso, vestiários, bar, cpo. futebol, quadra polivalente, área recreação, restaurante, churrasqueira, boate, garagem p/10 carros, jardins e árvores frutíferas..
Marcar visita com a TECNILAR. TPV 220.

Vendas

tecnilar

Rua do Carmo, 7/17.º andar
Tels.: 263-9422/221-1491
221-1494/242-0876
Walmir Ferreira - CRECI J-0984

Assoc. ADEMI — JVS

A Central de Informações TECNILAR funciona diariamente das 9 às 19 hs. Sábados e domingos somente pelos tels. acima.

Talento

A NOVA BAGAGEM NO TREM DOS MIL SONS

Milton Nascimento atrela à sua composição a segurança de quem agora decide o rumo

ANA MARIA BAHIANA

O carteiro, o entregador do supermercado, a babá magrinha com o bebê gorducho lhe adernando o lado esquerdo, a moça com as sacolas de compras, os funcionários da Light, todos estão passando lentamente pela outra calçada da rua estreita, meio Gávea, meio Leblon. Muito lentamente. Quase parando, na verdade. É que na outra calçada, calça *jeans* quase branca, camisa amarela emprestada a seu produtor Mazola ("Essa roupa *tá* muito sem vida", disse a fotógrafa de sua camiseta mescla, azul clara, um Bituca impresso, miudinho, no alto do peito), boné e óculos escuros, Milton Nascimento está posando para umas fotos. Posando não: sofrendo, com paciência infinita, debaixo do sol inclemente deste maio estival e diante de sua entranhadíssima timidez. "Eu devo ser o pior modelo do mundo. Isso não tem jeito. Já superei o medo da entrevista, do gravador, do repórter tomando nota. Mas fotografia continuo aterrorizado. E olha que eu gosto de cinema. Gosto mesmo. Tem movimento, tem o texto, o ambiente. Mas ficar parado aqui..." A fotógrafa pede um gesto, uma expressão, uma mudança qualquer. Milton sorri: "Ai, ai. Eu só tenho essa cara mesmo."

Do primeiro andar de um prédio, o casal de meia idade assobia, acena, saúda aos gritos: "Milton! Milton!" O passo, pequeno e lento, Milton acena com a cabeça, um sorriso sutilíssimo no canto da boca, a mão às vezes afagando a barriga: "Engordei uns dois quilos em Paris. Tenho de fazer uma ginástica". E vai andando para sua gravadora, a nova, milionária Ariola de quem foi o primeiro contratado, com *luvas* de (contam, ninguém confirma ou desmente) Cr$ 30 milhões. "Só posso dizer que foi, em escala de grandeza, o segundo maior pagamento de *luvas* de nossos contratos. Acima de Milton, só o Chico Buarque", diz Adail Lessa, gerente de elenco da Ariola, ex-gerente da Odeon, como Milton, com quem trabalhou durante 11 anos. "Mas aí é preciso ver não só o valor individual do artista, em termos de vendagem, mas o que ele representa para toda a música brasileira, sua carreira, seu prestígio. O Ramon Segura (presidente da Ariola) tinha já feito uma pesquisa do mercado brasileiro, antes de instalar a empresa. E sabia da importância do Milton nesse mercado."

Neste exato momento, o polpudo investimento da gravadora alemã está começando a render. É um segredo guardado a sete chaves, mas Milton está num estúdio carioca duas vezes por semana, de 10 da manhã às 10 da noite ("mas a gente pára às 7h, porque ninguém mais é garotão, a gente cansa", diz Wagner Tiso, músico, arranjador, amigo fiel) gerando seu primeiro disco em dois anos (desde o opulento *Clube da Esquina II*), o primeiro do contrato de dois anos, dois álbuns que tem com a Ariola.

A quantidade de material novo é tamanha que há dificuldade para escolher apenas 10 ou 12: há uns "dois ou três" temas do balé *O Último Trem*, o *Assim Seja*, antiga marcha-rancho dos tempos do grupo de baile W's Boys, recém-letrada por Fernando Brant, o *Povo da Raça Brasil* e o *Roupa Nova*, escritos originalmente para Simone e Beto Guedes, a marujada *Peixinhos do Mar*, tema tradicional arranjado por Tavinho Moura, mais "dúzias, dúzias" de novas canções compostas com fervor hemorrágico nos últimos meses, todas em parceria com Brant. E o que talvez seja o melhor de tudo, aquilo que, com certeza, mais o entusiasma: as novas interpretações para músicas conhecidas, redescoberta de seu material anterior, um achado súbito e feliz durante a temporada no Theatre de la Ville, em Paris, no mês de abril. "Você canta as coisas durante um tempo muito grande e acha que já sabe a forma que elas têm", Milton diz, o olho brilhando. "Mas aí, de repente, você começa a cantar de um modo inteiramente novo, mas tão novo que parece até uma outra música. Isso aconteceu com *Ponta de Areia*. Ficou lindo, uma coisa incrível. E *Para Lennon & Mc Cartney* também. Olha, é tanta coisa que a gente tem de fazer força para não sair gravando só antigas."

Adail Lessa revela que uma das faixas será gravada ao vivo, só voz e órgão, numa igreja, provavelmente a da Penha (e, provavelmente, *Ponta de Areia);* que um coral está sendo trazido de Minas especialmente para o disco; e que "não há orçamento fixo" para a produção, "gastaremos o que for necessário para Milton fazer o disco da sua vida". (Mas tudo é segredo, em parte porque Milton quer "fazer um certo *suspense*", como ele diz, em parte para evitar o clima dispersivo, festivo e tumultuado dos discos anteriores. "Gravação do Milton virava programa, no Rio", ▶

MANCHETE

Milton se espantou porque os parisienses no Théâtre de la Ville o aplaudiram sem entender as letras e sem buscar timbres de exotismo

“Quando diziam que nossa música era elitista, fomos tocar pelo interior e vimos que lá todo o mundo a cantava”

recorda Mariozinho Rocha, diretor artístico da Odeon em 10 dos anos de carreira de Milton na gravadora. “Ficava uma confusão enorme, o estúdio cheio de gente, e isso prejudicava demais o resultado final. A primeira semana de gravações do *Clube da Esquina II* teve de ser apagada, jogada fora, porque era só bagunça, não tinha um mínimo de qualidade”. No que Milton concorda: “Com aquele monte de gente lá dentro, ficava difícil manter o controle. Você não vai chamar a atenção de um músico na frente de um bolo de gente, muitos até estranhos. E fica difícil você ouvir uma bronca, assim em público.”) Wagner Tiso conta que está “quase louco” tirando as cifras de mais de 150 músicas de Milton para um livro a ser lançado em breve, pela editora musical do compositor, a Três Pontas. Ivone Kassu, divulgadora, garante que Milton está escrevendo um livro infantil, uma *História do Brasil para crianças*. E Lessa, finalmente, aponta agosto como mês provável de lançamento do LP — com a conveniente série de *shows* — e setembro ou outubro como época para um concerto especial de Milton, só para crianças, à tarde, “ou no dia da Criança, ou no de Cosme e Damião”.

Enfim, após o que parecia um longo e aflitivo silêncio — ou dormência, apatia — o dínamo está de novo em movimento, e sua escura, densa luz começa a inundar, como de costume, todo tipo de esquina, porta, janela e desvão da vida cultural brasileira. (Porque, é preciso não esquecer, ainda há o balé *O Último Trem* e o musical *Poema Sujo,* trabalho em cima do texto de Ferreira Gullar que foi encenado apenas uma vez, no ano passado, em São Luís do Maranhão, e cuja fita original ainda está com o produtor, Maurício Tapajós.)

Um olhar superficial encontra apenas o ídolo. A figura que atrai os passantes da rua da Gávea, o ícone de boné (“botei o boné uma vez porque tive preguiça de pentear o cabelo, aí gostei; quanto tirei, uma vez, ouvi reclamação até na rua”), o ímã que puxa para o alto as mãos, as cabeças, os olhos, em cada gigantesco lugar em que cante — mesmo Paris, onde, tinha certeza, quase ninguém compreendia o que dizia, mas, “de alguma forma que não dá pra entender, a comunhão se fez.” O carisma, essa força estranha, isso que “algumas pessoas têm mesmo, não adianta discutir”, segundo Wagner Tiso, “e Milton sempre teve, sempre atraiu as pessoas, sempre foi o líder”. A unanimidade nacional, capaz de emprestar, pelo vigor do contraste, brilho até mesmo às vozes dissonantes — como a do crítico José Ramos Tinhorão, inquisidor constante dos “americanismos” da música brasileira, capaz de definir a música de Milton como “um fio de canto à base de versos longos e nostálgicos, alternando voz de preguiça mineira com recursos de falsete e chiado de amaneirado sotaque carioca (....), algumas pitadas de recursos orquestrais e chavões de *jazz*”.

A idolatria é o delírio, o espelho distorcido, o irreal. Talvez seja o peso maior na balança que pagou as *luvas* de CR$ 30 milhões, e a mercadoria de mais fácil barganha nos 300 mil discos que Milton vende, hoje. Mas Milton não gosta dela. Não é do tipo que goste. O ídolo é uma fantasia incômoda que ele se recusa sistematicamente a vestir, apesar de sentir sua presença, cada vez mais forte, “aí desde *Geraes*, mais ou menos”.

Milton nunca fala “eu”. É sempre “nós”,“a gente”. Sua trajetória não é a do ídolo, mas a do apóstolo. Seu alvo não é o sucesso-delírio, mas o sucesso-reconhecimento, com um forte componente afetivo: “Uma vez uma menina disse, num jornal de Ouro Preto, que a gente era especial, porque era um amigo dela. Ser amigo das pessoas para quem a gente canta é a maior vitória que se pode ter. Quando a gente está no palco, não pinta esse lance de idolatria, não. É mais uma festa, porque cada *show* da gente é como se fosse um lugar para as pessoas se encontrarem.”

A força que o guiou ao longo desses 17 anos de carreira — desde aquela tarde longínqua em que, entusiasmado com a trilha sonora do filme *Jules et Jim*, compôs com o amigo Marcio Borges *A Paz do Amor que Vem* — foi messiânica: mostrar ao Brasil, ao mundo, aos surdos, as descrentes, aos acomodados uma qualidade nova de produção musical. Melhor que isso: uma visão nova que abrange não só o canto, mas a concepção mesma. O que Caetano propôs pelo brilho implacável de seu bisturi crítico, o que Chico firmou pela integridade de sua postura, Milton cavou com a tenacidade, a constância e a riqueza do seu trabalho.

É isso que se oculta sob a capa leve da mitologia miltoniana. Wagner Tiso, talvez seu colaborador e amigo mais antigo, o menino vizinho em Três Pontas que sabia tudo sobre pianos e clássicos, recorda: “Ele sempre teve a consciência plena do que fazia. Naquela época em que rolavam aqueles papos de que a música dele era difícil, fechada, e tal, ele dizia: Não faz mal, todo mundo ainda vai cantar essa música, eu ainda vou encher um estádio com ela.” Milton só ri: “A gente sempre soube o que fez. Quando diziam que a música da gente era elitista, nós fomos tocar pelo interior e vimos como, lá, todo mundo cantava o que diziam que era difícil. Isso tem a ver com o modo como tudo começou. A gente cantava, só, era *crooner* de baile e tal. A gente começou a compor porque descobriu que quando cantava acabava criando, mudando tudo, quer dizer, era livre assim *pra* criar”.

Esse fervor não se reduziu ao canto — a clareira que Milton abriu ao longo dos anos é muito maior que sua própria ampla voz. Porque era, como Wagner lembra, “uma parte de um grupo lá de Minas, só que o *cara* que sempre se destacou mais”, Milton nunca se furtou a dividir conquistas. Muito pelo contrário — sem trombetas, ele multiplicou seu canto e fez modificarem-se os ouvidos. Instalou Wagner Tiso e sua concepção maciça de orquestra dentro do seu som — onde, Wagner lembra, ela sempre esteve porque “nossas cabeças são muito iguais e Milton já compõe com os espaços todos, é só colorir. “Puxou um trem mineiro de amigos: Toninho Horta, Beto Guedes, Lô Borges (é bom lembrar que o primeiro álbum a ter

A gravadora Ariola adquiriu o passe de Milton por Cr$ 30 milhões

considerável repercussão em vendas, o primeiro *Clube da Esquina*, de 72, era dividido fraternalmente com o desconhecido Lô), Flavio Venturini e seu grupo 14 Bis, Tavinho Moura. Ou seja — uma parte substancial, significativa, do moderno som brasileiro. "Esse elenco quase todo da Odeon, que é tão festejado e tudo, olha, eu sou franco: isso se deve, em primeiro lugar, ao Milton", confessa Mariozinho Rocha. "Ele me ligava da casa dele *pra* dizer: Olha, vocês têm de contratar fulano, ele é sensacional. (Quando, hoje, Milton senta numa mesa vazia da Ariola e brinca com a divulgadora Ivone Kassu — "Exijo que vocês contratem Beto Guedes, Lô Borges e o 14 Bis!" — ele pode perfeitamente estar falando sério.)

Por sua produção, diretamente, passaram Alaíde Costa (LP *Coração*, de 76), Wagner Tiso (os dois álbuns individuais), Lô Borges (o LP de 79, *Via Láctea*), o 14 Bis e até Simone (Milton co-produziu o LP *Gotas D'Água*, com Hermínio Bello de Carvalho). Pela sua insistência (e por talento, é óbvio), Robertinho Silva, Luís Alves, Nivaldo Ornellas, Novelli, Nelson Ângelo e o notável percussionista Naná se inscreveram no primeiro time dos músicos brasileiros. Por seu aval discreto mas operante, por seu interesse, deslancharam-se as carreiras de Gonzaguinha, Nana Caymmi, Fafá de Belém e Joyce. Seu amor ajudou a trazer Clementina de volta aos palcos e estúdios. Seu temperamento tornou comum a presença de outras pessoas, que não o astro, num disco ou *show* (já em seu primeiro LP, de 70, Toninho Horta cantava uma faixa: *Aqui, Oh!).* Seu cuidado estabeleceu novos padrões para a capa de disco — esse espaço de cartão vital e negligenciado — e trouxe ao conhecimento público o trabalho de artistas gráficos como Cafi e Noguchi. A corrente de sua energia vai até os altos de Santa Teresa e alimenta, via Ronaldo Bastos, poeta e letrista, a produção de textos do grupo Nuvem Cigana (que é nome de uma canção do primeiro *Clube da Esquina*).

Esse é o tamanho da clareira que o canto de Milton abriu e o peso atrás desse disco novo, desse momento novo numa estrada particularmente luminosa. O novo desse momento não é a retomada da produção-coisa esperada, aguardada — mas a maturidade. Aos 38 anos, Milton está sorrindo com mais freqüência, o olho brilhando amiúde. Dizer que "esta é a melhor fase" já não é novidade — a cada novo disco Milton garantia que era, essa sim, a melhor, mas uma espécie de melancolia tímida e subseqüentes confusões com o difícil mundo das finanças desmentiam. "Vou te contar, como o Milton atraía *picareta!",* desabafa Mariozinho Rocha. Milton não gosta de falar nisso, na longa série de incidentes com empresário após empresário que acabavam, sempre, do mesmo modo — Milton sem dinheiro, devendo. Lessa confirma: "Milton era muito ingênuo. Assinava as coisas sem ler, as coisas mais absurdas. Aquela procuração que ele assinou para o Paulo Pilla era um absurdo — o Paulo Pilla tinha direito a tudo, mexer em conta de banco, abrir e fechar firma, tudo. Ele era o próprio Milton."

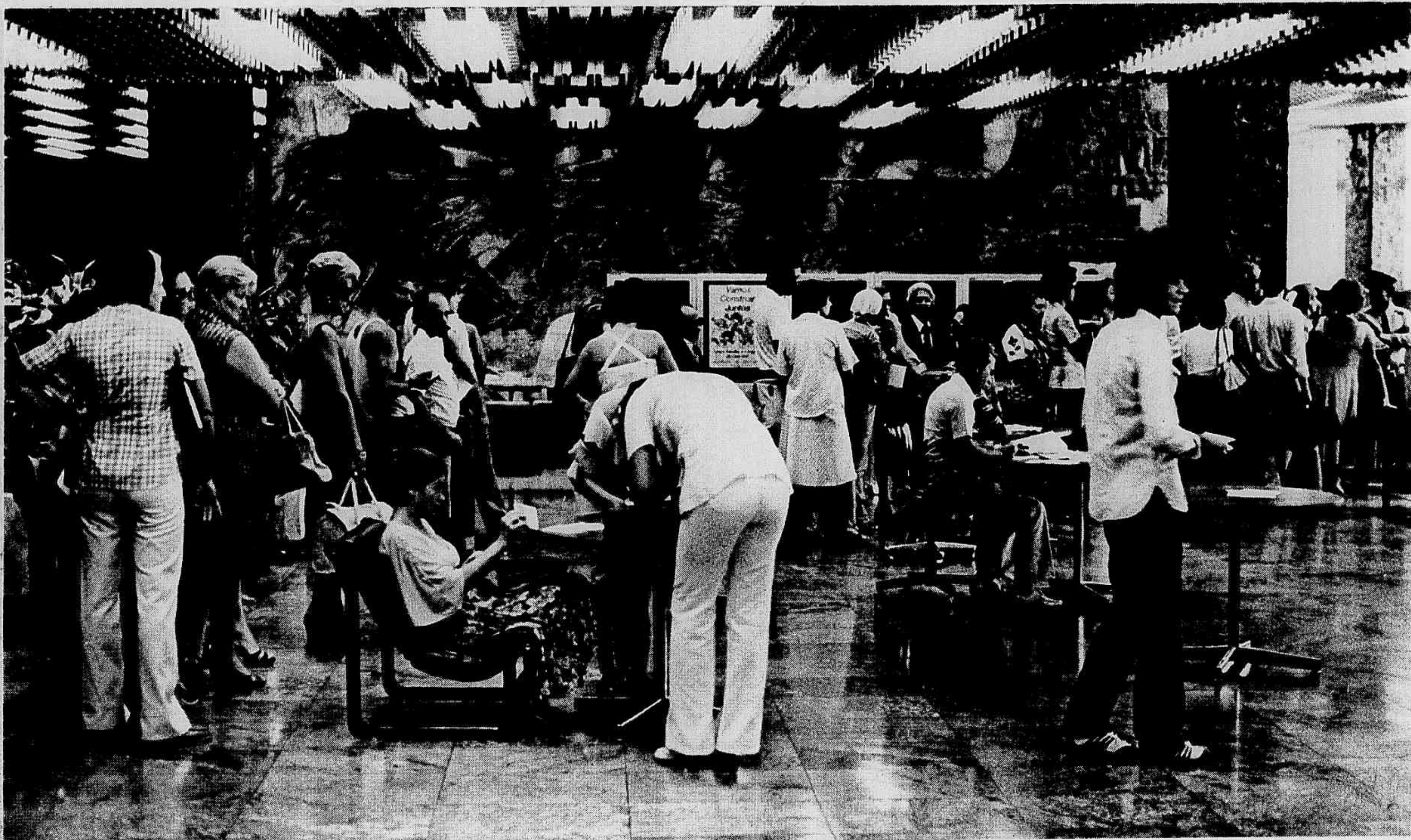
A revogação desse documento, em abril do ano passado, marcou uma etapa importante na vida de Milton: o começo da autonomia, da maturidade completa, de ser dono do próprio destino.

Hoje, é ele mesmo, assessorado por Hildebrando Pontes Netto na parte legal e por Marcio Ferreira na produção executiva (com Fernando Brant supervisionando tudo) que cuida de todos os aspectos do seu trabalho, contratos, agenda, recebimentos.

"Chegamos a pensar em abrir uma firma", Hildebrando conta, "mas desistimos, porque realmente não era necessário. Funcionamos assim na base da tarefa, e recebemos assim também — foi uma discussão importante, essa, e chegamos à conclusão que não fazia sentido trabalhar se não fosse em bases profissionais. Eu recebo por honorários, e o Fernando e o Marcio, por cada trabalho. É mais razoável". Fernando e Márcio cuidam da agenda de Milton e decidiram não bancar os *shows*, mas fazer os contatos e deixar que cada produtor, em cada cidade, cuidasse da produção em si — Milton recebe um cachê, "nunca inferior a Cr$ 500 mil", diz Hildebrando,"mas também Milton é especial, ele é um patrimônio nacional".

As decisões são em comum, e isso é o que Hildebrando considera mais importante: "Eu ainda julgo que o artista tem o direito de contemplar o umbigo, mas ele também tem de descer à terra, olhar as coisas, cumprimentar as pessoas. Se não, a tendência é ir mesmo *pro* cosmo."

Milton tem planos, muitos: voltar à Europa ("nos Estados Unidos, sim, eles querem só o exotismo; na Europa, eles querem o som"), cair na estrada, tocar, o livro, um filme, talvez. E um sonho, um sonho antigo, de menino, que fica assim suspenso no ar: ser maquinista de trem, "viajar na máquina, lá na frente, vendo aquele trenzão enorme lá atrás."

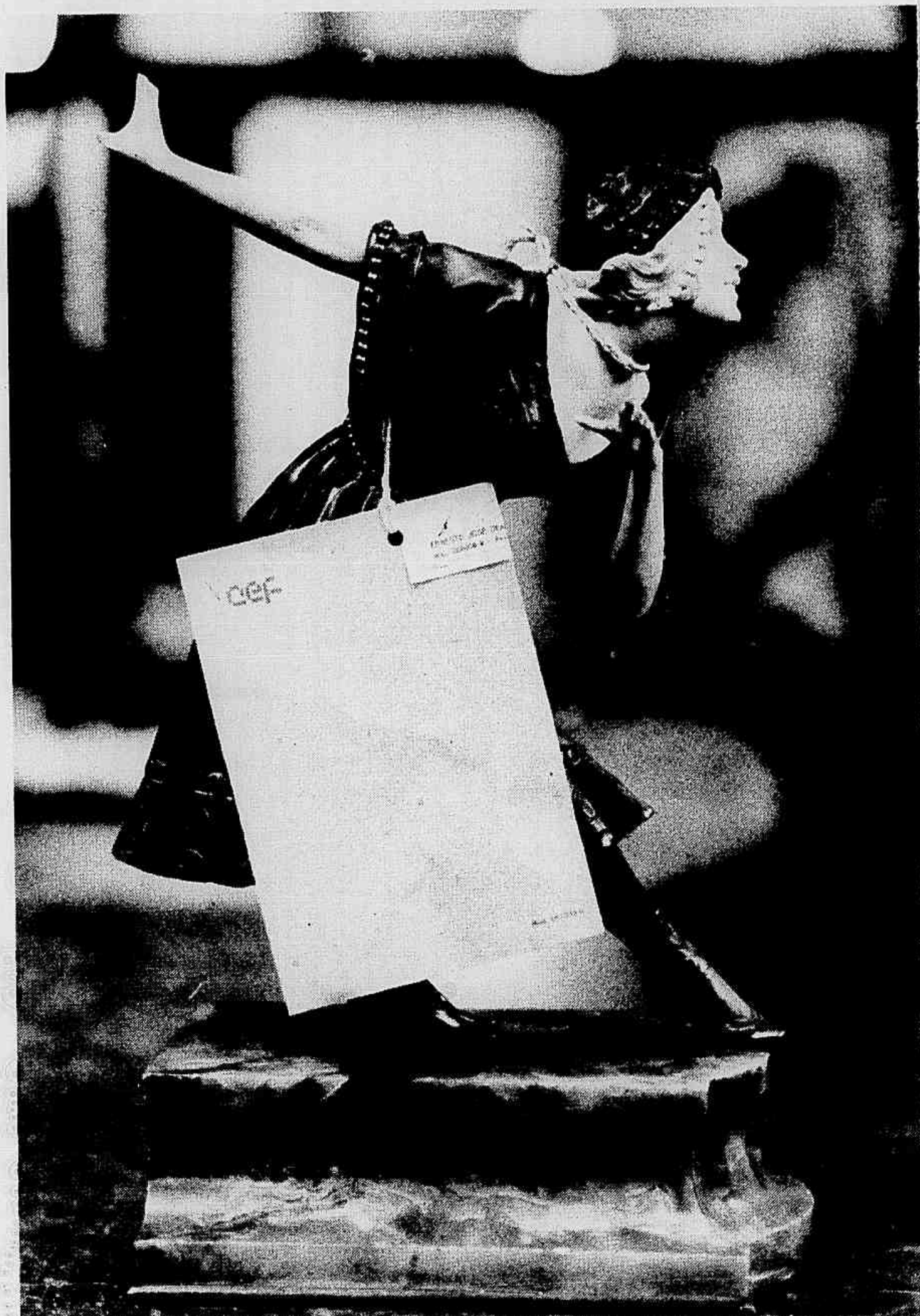
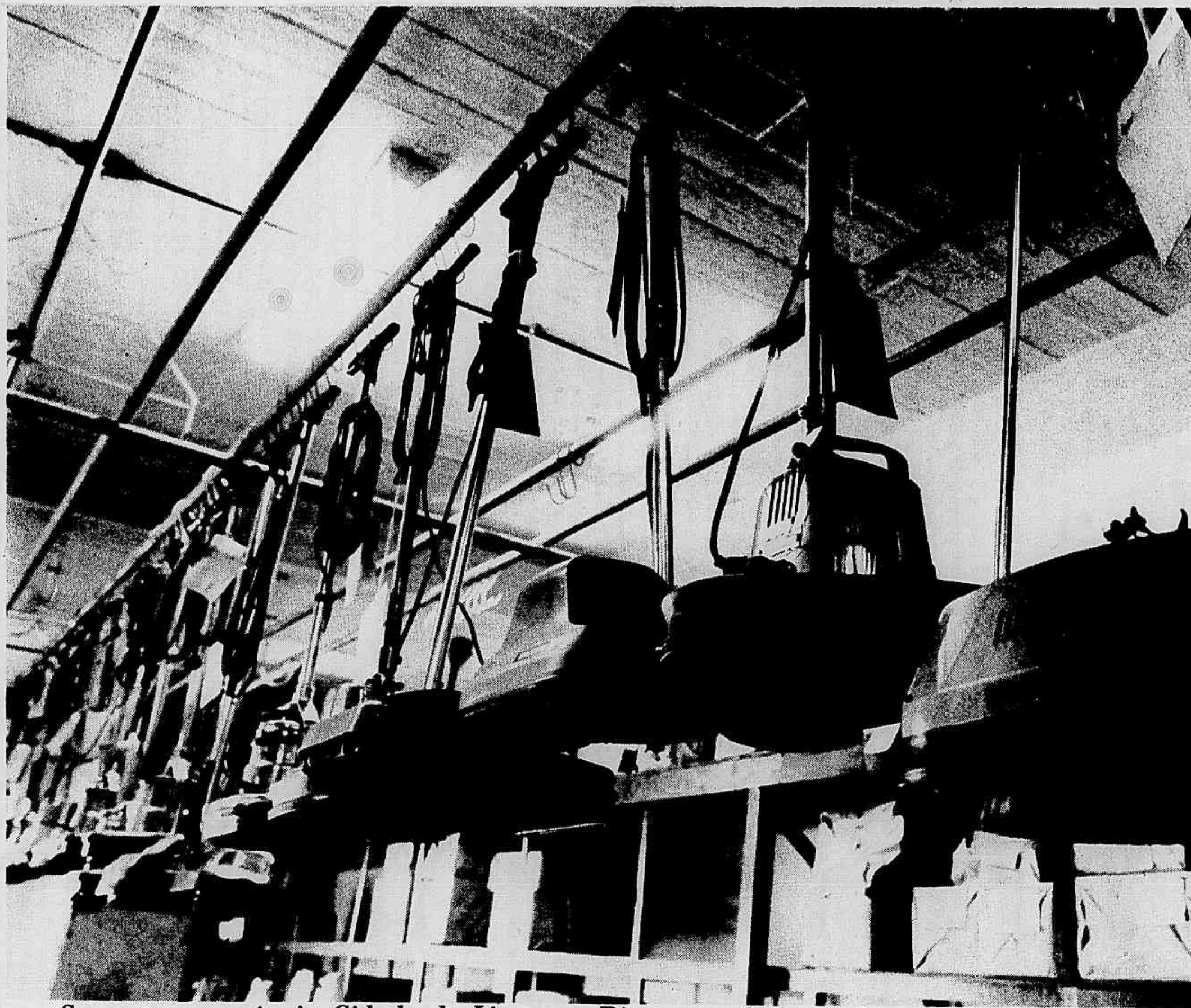
Provavelmente ele já sabe há quanto tempo ele, locomotiva, puxa essa composição pelos sertões da vida brasileira. ■

Desde cedo, começa a formar-se a fila das angústias e esperanças de boa avaliação. Na Caixa, os juros são baixos

Urgência

DRAMA E BONS NEGÓCIOS NA LONGA FILA DO PREGO

Cobrando juros baixos, a seção de penhores da Caixa Econômica troca angústias por empréstimos

ROSE ESQUENAZI
FOTOS DE LUIZ CARLOS DAVID E BAZÍLIO CALAZANS

Durante muito tempo, empenhar as jóias era sinal de falência. Entrava-se na Caixa Econômica Federal mais ou menos às escondidas e num dos boxes individuais fazia-se a transação, muitas vezes nervosa, e o mais rápido possível. *Seção Penhores* foi o primeiro serviço da Caixa, que se chamava em 1861 (ano de sua inauguração no casarão da Rua da Misericórdia) *Monte de Socorro*. Os boxes e os aristocratas falidos desapareceram mas o que continua a existir, dizem algumas das 5 mil pessoas que superlotam as 10 agências da Caixa diariamente, é falta de dinheiro. Sem precisar de avalista, saldo médio, outras exigências e favores, com a vantagem extra de pagar juros menores que os da rede bancária, pôr no prego cordões, colares, pulseiras e anéis de ouro, platina, brilhantes e todas as pedras preciosas é fato corriqueiro e sem maiores complicações.

Somente na agência Cidade de Lima, no Rio, empenham-se eletrodomésticos

Objetos de arte e jóias são avaliados por peritos. Mesmo assim, a visita a diferentes agências pode revelar pequenas diferenças de cálculo

É preciso boa dose de paciência para esperar de 30 a 60 minutos na fila e ouvir, do outro lado do balcão, o número da cautela e o nome do cliente serem gritados a todo volume. Não há mais discrição. Se a avaliação do lote for aceita (alguns tentam outras agências para diferentes avaliações) assina-se a cautela e recebe-se o dinheiro do empréstimo. As jóias são ensacadas e mandadas para o cofre — geralmente no subsolo das agências — e lá ficarão no mínimo seis meses. Em Copacabana, o sufoco é grande, as pessoas guardam para si a irritação e comentam a última cotação do ouro. Como não há nenhum balcão de informações, quem empenha pela primeira vez tem que descobrir através de perguntas o que se deve fazer em primeiro lugar — preencher a proposta de penhor, com o número do CPF, identidade expedida por um órgão oficial e ter mais de 18 anos.

"Colocar as jóias no prego" é expressão que não tem mais razão de ser. Antes de 1937, sim, quando a Caixa não tinha ainda o monopólio sobre o penhor e as lojas particulares proliferavam em cada canto da cidade. Seus proprietários, geralmente estrangeiros, costumavam aceitar de tudo — roupas, inclusive íntimas, sapatos, óculos, guarda-chuvas, instrumentos de trabalho, tapetes e jóias, naturalmente, que eram penduradas num quadro com centenas de pregos. Depois de 1937, a Caixa dispensou os pregos mas continuou aceitando praticamente todo tipo de mercadoria. Hoje só existe uma loja da Caixa que aceita máquinas fotográficas, rádios, faqueiros, pratarias, máquinas de lavar e de costura, estátuas, motocicletas, bicicletas — rejeitando qualquer tipo de material perecível como roupas, tapetes, cristais e porcelanas.

O sistema de penhores funciona à base de computadores e só no ano passado foram realizadas em todo Brasil nada menos que 1 milhão de operações. O Rio de Janeiro bate o recorde das operações — 61% são feitas aqui — talvez por sua tradição ou pelo hábito inexplicável do carioca de ter que arrumar dinheiro rápido para pagar uma

O GABINAL

2. Freguesia, Jacarepaguá.)

CLUBE DESDE CRIANCINHA

Basquete? Ah, não senhor. O que eu gosto mesmo é de dar festas. E no Bosque do Gabinal, além de um salão de festas incrível, tem também o recanto das churrasqueiras para reunir os amigos.

Eu estou com o Bosque do Gabinal e tudo farei prá dar alegria a minha imensa torcida. Afinal, vou ser o artilheiro do futebol de lá.

Eu vou entrar para o Bosque do Gabinal porque apartamento para mim tem que ter acabamento de primeira e muito espaço prá criança brincar.

Parece que já nascí torcendo pelo Bosque do Gabinal. Afinal, depois de uma partidinha de vôlei só mesmo um chopinho gelado e uma sauna, um chopinho e uma sauna, um chopinho e...

Viver é lazer.

Esta é a filosofia do Bosque do Gabinal.

Um apartamento que não tranca você nem seus filhos entre quatro paredes, que lhe oferece a chance - raríssima nos dias de hoje - de viver num clube, num ambiente verdadeiramente comunitário.

No Bosque do Gabinal você está junto do melhor comércio de Jacarepaguá.

Pertinho da praia da Barra. Com acesso fácil para as zonas norte, sul e centro da cidade.

Uma vida assim não tem preço.
Mas o seu apartamento no Bosque do Gabinal é muito fácil de pagar.

SINAL: **Cr$ 43.400,00**

ESCRITURA: **Cr$ 86.800,00**

5 MENSAIS FIXAS: **Cr$ 4.340,00**

CHAVES (entrega em outubro 80): **Cr$ 152.363,00**

Saldo financiado em 15 anos. **Utilize o seu FGTS.**

Seja um craque do Gabinal

Quadra polivalente oficial

Estrada do Gabinal, 352. Jacarepaguá.

Piscinas, infantil e de adultos

SUPERPUBLICIDADE

O empréstimo è calculado sobre o material da jóia, seu peso e qualidade

A onça do ouro no mercado de Londres no final da semana passada estava custando Cr$ 5 mil 700 e a grama Cr$ 826. A Caixa Econômica paga pela grama Cr$ 240. "É pouco" — reconhece Elizabeth — "mas é melhor do que nada. Não tenho a mínima vergonha de vir aqui. Esse mês foi apertado e não deu para pagar a escola do meu filho." A cada ano, a Caixa Econômica recebe mais 25% de novos clientes. O gerente sabe que quem empenha uma vez dificilmente deixa de usar os serviços —"porque é rápido e muito fácil". Mas a razão principal de se usar o penhor e renovar *ad infinitum* o prazo mínimo de seis meses é não se ter dinheiro para pagar a cautela. Pagando-se os juros, renova-se o prazo, mas quando não se tem dinheiro nem para pagar os juros existem dois expedientes pouco usados e conhecidos do público. Um deles é o *levante* — uma segunda avaliação das jóias, que dá diferença em dinheiro para se pagar o que se deve de juros. Outro é a taxa de afastamento do leilão: durante 25 dias atrasa-se a venda da jóia em leilão.

O gerente acentua que é enorme tolice venderem-se as cautelas. Mesmo vencidas, elas têm valor e, depois mesmo de terem ido a leilão, o cliente garante por um prazo de mais cinco anos a quantia em dinheiro correspondente à diferença entre a primeira e a segunda avaliação. Descontados os 5% da taxa cobrada pela Caixa pelos seus serviços, praticamente mais 70% do valor inicial pertencem ao dono da cautela.

Armando está com uma expressão desesperada — precisa de Cr$ 10 mil urgentemente a fim de completar os 90 mil que já conseguiu para pagar uma dívida inadiável. O avaliador ouve e reconta muitas histórias tristes e fúnebres. "Tem gente que mata a família inteira aqui para ver se consegue maior empréstimo. Mas conhecemos de longe os casos e sabemos distinguir o que é desespero e o que é negócio." E com seus muitos anos de experiência, o Sr Paulo, da Agência Nova Lima, arremata, com sinceridade: "Não acredito mais em dramas. Agora existe um critério na avaliação. E muitos negócios." ■

Há comerciantes que empenham seus estoques para obter capital de giro em condições mais favoráveis que as do mercado

dívida, o aluguel do apartamento, criar capital de giro, poder enterrar um parente, enfim, pelos mais diversos e nem sempre agradáveis motivos. O mínimo que se empresta é Cr$ 1 mil — o que salva muita gente — e o máximo num mesmo lote é Cr$ 744 mil 060 sendo que os penhores acima de Cr$ 100 mil recebem um tratamento todo especial, com avaliadores tarimbados e suas máquinas sofisticadas. "Às vezes" — diz o avaliador que não tem tempo para conversa — "o próprio cliente desconhece que comprou uma jóia falsa".

A estudante de Medicina não quer revelar seu nome mas diz que está empenhando várias pulseiras de ouro para comprar um livro de Anatomia, que pelo jeito deve custar caro. "Uma vez vendi minhas jóias para um agiota por Cr$ 3 mil. Valiam no mínimo Cr$ 20 mil — nunca me arrependi tanto." Na fila da lotadíssima Agência São Bento, José Luís espera para pagar os juros de seus relógio e anel de ouro que empenhou há seis meses para "poder comer e beber alguns dias mais". O músico diz preferir mil vezes estar ali do que contar seus problemas financeiros aos amigos. Maria de Lurdes, agente administrativa, concorda com a idéia: "Se a gente pede dinheiro a um amigo, perde o amigo e ainda não consegue o dinheiro. É sempre assim, empenho de um lado, tiro do outro. Assim não dependo de ninguém."

De 1969 a 1980, o ouro subiu 1 mil 400 vezes e o diamante 4 mil vezes o que significa, em última ou primeira instância, que as jóias são os objetos que mais rapidamente se transformam em dinheiro nas surpresas e emergências aos quais todos estão sujeitos. O que vale na avaliação não é, como pensam muitos, o trabalho de ourivesaria, mas o peso, no caso de ouro, e a calibragem — incluindo peso, tipo de lapidação, cor e raridade — no caso do diamante. "Mas como cada cabeça, uma sentença" — diz o gerente geral de Penhores, Waldemar Chaves Fernandes — "uma bela peça pode ser melhor avaliada por um funcionário". Vários tipos de relógio são aceitos mas a marca nunca é levada em consideração.

A Agência Centro, moderna e sofisticada, abre suas portas às 10 horas da manhã — uma depois das outras nove existentes no Rio e já uma fila de pessoas se forma para usar o serviço. É a única agência que exige um mínimo de 40,5 gramas de ouro — que correspondem a Cr$ 10 mil. Diariamente, são emprestados cerca de Cr$ 16 milhões e, no imenso cofre que uma porta de aço de 20 toneladas protege, estão, em mercadorias, a quantia de Cr$ 1 bilhão 800 milhões — sendo que este é o valor calculado pela Caixa. O valor venal das jóias é no mínimo três vezes mais.

Documento

PESADELO NO PAÍS DOS KHMERS

Uma aventura marítima terminou em massacre no Camboja, fronteira do maior genocídio moderno

ANDREW CLARK E BRIAN MOYNAHAN ■ The Sunday Times Magazine

Em agosto de 1976, o iate Sanuk partiu de Sidney com uma tripulação de jovens australianos que durante dois anos o conduziram pelos Mares do Sul em idílica vilegiatura. Decidindo, em 1978, vender o iate, Ron Dean e David Scott rumaram para a Tailândia no dia 11 de outubro para comprar um novo convés — e desapareceram, "perdidos no mar". Um ano mais tarde, jornalistas ingleses encontrariam em Phnom Penh as "confissões" que os dois assinaram na prisão cambojana de Tuol Sleng, hoje mantida pelos vietnamitas como um museu de horrores para justificar sua invasão do país vizinho. Dean, Scott e pelo menos mais cinco estrangeiros haviam sido torturados e enforcados como espiões.

O iate *Sanuk* e o regime cambojano do Khmer Vermelho poderiam ter sido criados especificamente como personagens de um drama alegórico de fundo moral, tão perfeitamente representam os pólos extremos de qualquer visão do mundo em que vivemos.

Ossadas no campo de Tuol Sleng: 12 mil vítimas; entre os estrangeiros, dois dos australianos que buscavam negócios e aventura

De um lado, o símbolo da irresponsabilidade ociosa, um barco de cruzeiro tripulado por jovens mais ou menos à deriva e com um único objetivo na vida: gozá-la; gente que se encontrou por acaso em andanças pelo universo muito particular dos cassinos, da música *pop*, das drogas e viagens sem destino, e que encarnava à perfeição o individualismo desinteressado, ou até o solipsismo para o qual se inclinam certas camadas de vida fácil e afluente do Ocidente urbano.

Do outro lado, isolado em seu rigor fanático, o regime cambojano de Pol Pot, tão violentamente puritano que aboliu todos os prazeres, o dinheiro e o comércio, a família e cidades inteiras; um regime cuja resposta a qualquer desvio de sua rígida moral coletivista era a morte pura e simples, e que, tendo seu território invadido pelos "libertadores" vietnamitas e por seus próprios desertores, temia obsessivamente a subversão, sobretudo a de inspiração estrangeira.

Pequeno iate de 52 pés, o *Sanuk* foi um sonho longamente acalentado por Kim Barnaby, que aos 35 anos já havia levado uma existência errante de engenheiro naval, mergulhador e aventureiro em sua Austrália natal e nas ilhas vizinhas. Mas o barco pertencia também a Ron Dean — *croupier* em cassinos rodesianos e londrinos, assim como em casas congêneres e ilegais de Sidney — que contribuiu com metade das 23 mil libras necessárias à instalação do casco de aço. O equipamento ajudou a transformar o *Sanuk* numa embarcação apta a viagens de aluguel oceanos afora.

Personalidade dominadora, dado a gestos extremados e cultivando uma imagem de pirata embrutecido por muitas tormentas, Barnaby não podia encontrar parceiro mais contrastante do que Dean, recolhido e discreto, nitidamente marcado pelas convenções da cidadezinha — Wollongong — onde vivem até os 18 anos, mesmo levando uma vida itinerante e licenciosa. Enquanto os dois preparavam o barco para as novas empreitadas, Dean reencontrou uma conterrânea — Janice Barnes — que conhecera em Londres, e em pouco tempo os dois estavam casados e com um filho. Desde logo configurou-se para o casal a opção de estabelecer vida familiar normal, mas Dean preferia, tem-

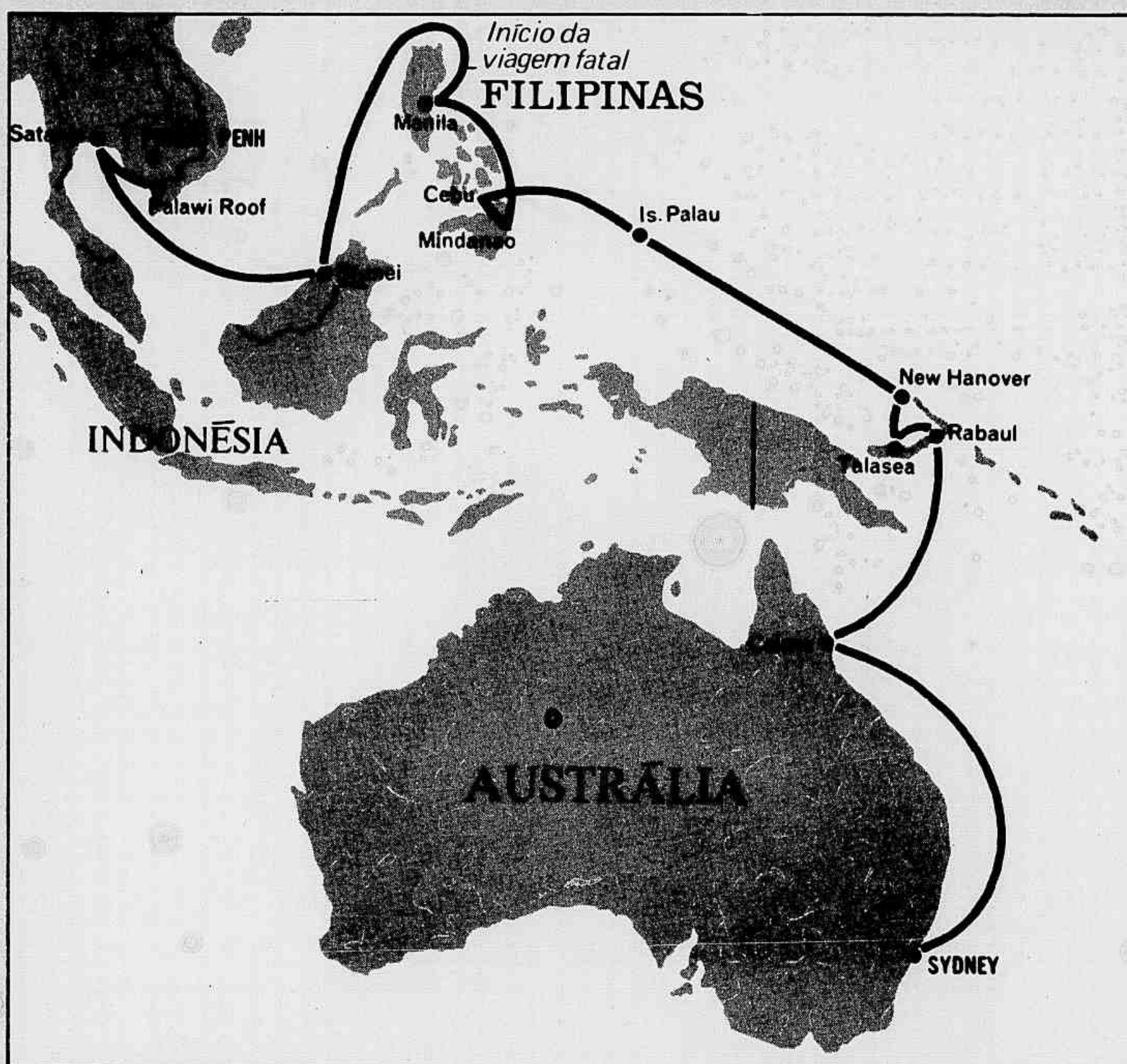
Na tentativa de apaziguar seus algozes, Dean e Scott começaram a inventar detalhes sobre as intenções da CIA

porariamente, tirar proveito do investimento que já fizera, aderindo à vida itinerante de ilha em ilha. Nesse conflito de interesses nascem as raízes de um posterior estremecimento de relações entre ele e Barnaby, e, indiretamente, das terríveis conseqüências do último cruzeiro do *Sanuk*.

Em meados da década de 70, o barco estava pronto para as viagens planejadas pelos dois como meio de ganhar bom dinheiro e de levar uma vida despreocupada. Pretendiam navegar por mares asiáticos, abordando ilhas remotas segundo a vontade do momento ou as imposições do negócio de *charter*, viajando com calma e reequipando-se nos mercados mais baratos, mas sempre com o melhor material. Para torná-lo um barco de aluguel suficientemente atraente nos portos onde, segundo Barnaby, pequenas fortunas poderiam ser feitas, o *Sanuk* precisava de um novo convés, de equipamentos de navegação e de alojamentos confortáveis para hóspedes. De roupa nova, o iate partiria primeiro para a costa oriental africana, seguindo para o Mediterrâneo e atingindo, no clímax de sua peregrinação por mercados favoráveis, as riquezas e exclusividades de Newport e Rhode Island, em tempo de participar das principais competições náuticas dos Estados Unidos.

Em agosto de 1976, o *Sanuk* deixou Sidney em direção às linhas do Norte. Na tripulação, além de Barnaby e Dean, um homem chamado Stewart; tendo emprestado 2 mil 500 libras a Barnaby, ele estava sendo pago com acomodação gratuita no cruzeiro, embora acreditasse que ainda tivesse dinheiro para receber. Da mesma maneira foram pagos outros amigos que forneceram peças de reposição e outros artigos quando, após viagem lenta, o *Sanuk* ancorou no porto tropical de Cairns — na costa Nordeste da Austrália — para consertos e adaptações. Criou-se assim o hábito de receber — principalmente de Sidney — tripulantes ocasionais que passavam algumas semanas ou meses a bordo. David Scott foi um destes, já nos últimos meses.

Grande parte do que se sabe destas viagens vem dos relatos de Barnaby e outros que ainda vivem na Austrália. Significativamente, entretanto, as informações mais detalhadas serão encontradas nas "confissões" extraídas de Dean e Scott, mediante tortura, após terem sido capturados e internados no campo de extermínio

Transformado em museu ideológico pelos vietnamitas, o campo exibe hoje um painel fotográfico onde aparecem Dean (em baixo) e Barnaby (de barba)

O percurso do* Sanuk, *de agosto de 1976 à captura em novembro de 1978

de Tuol Sleng. Tais informações merecem crédito quando dizem respeito à vida pessoal de cada um deles ou a aspectos das viagens que — segundo devem ter raciocinado — não teriam efeito sobre a disposição de seus captores ou sobre seu próprio destino. Sempre que pudessem parecer plausível, no entanto, ambos acrescentaram a seus depoimentos sobre os cruzeiros detalhes nitidamente fantasiosos, mas que os incriminavam como "agentes da C I A", numa tentativa desesperada de neutralizar seus torturadores do Khmer Vermelho.

No mar de Bismarck, o barco foi apanhado num ciclone, conseguindo abrigar-se em Talasea, na costa Norte da Nova Bretanha. E ali tudo começou a derrocar. Stewart queixou-se a Barnaby de que havia sido "passado para trás" quanto a seu empréstimo, atracando-se os dois.

Com seu relacionamento cada vez mais tenso, Dean e Barnaby resolveram vender o barco, não sem antes dotá-lo — para efeito de valorização — de um convés de teca, madeira encontrada a bom preço na Tailândia. Irritado com a permanência em Manila, louco para livrar-se da sociedade e reencontrar a família, Dean estava ansioso por ir ele mesmo comprar o convés, no que seria sua primeira viagem sozinho, dependendo apenas de suas próprias habilidades como marinheiro e navegador. Com o treinamento adquirido em Sidney e, nas Filipinas, com dois iatistas americanos, ele não tinha o que temer; nem chegou a preocupar-se muito com os boatos de pirataria no Globo do Sião. Muito menos passou-lhe pela cabeça a idéia de que poderia ser capturado e torturado.

O *Sanuk* deixou Manila em direção a Brunei no dia 11 de outubro de 1978, tendo como meta final o porto tailandês de Satahip. Em Brunei, permaneceu uma semana, antes de partir rumo à Tailândia a 23 de outubro. De Brunei, ambos escreveram a suas famílias. "Nenhuma razão para ficarmos aqui", dizia o postal de Dean; "Vivos e inteirinhos", brincava o de Scott. Foi a última notícia que se teve dos dois.

As provas materiais do que lhes aconteceu são em certo sentido arqueológicas. No horripilante amontoado de ossadas, documentos, roupas e instrumentos de tortura e morte de Tuol Sleng — tudo que restou das 12 mil pessoas lá internadas — alguns itens significativos foram encontrados pelos vietnamitas, quando chegaram na qualidade de conquistadores a 7 de janeiro de 1979, e posteriormente por jornalistas e curiosos que tentavam descrever os inexplicáveis horrores da revolução do Khmer Vermelho. Foram encontradas as fotocópias de "confissões" de sete estrangeiros presos e enforcados: as de Dean e de Scott, mais as dos americanos Christopher DeLance e James Clark, do neozelandês Kerry Hamill e dos franceses Rovin e Harard Bernard.

Os depoimentos destes últimos são meras notas biográficas, cheias de perplexidade: "*...ne sachant rien de la cause de notre arrêt ...je sais pas du tout la faute que j'ai commise*." Os cinco outros fizeram detalhadas confissões de treinamento e envolvimento com a CIA. As de Hamill — 4 mil palavras datilografadas e dois longos apêndices manuscritos — estão cheias de invenções: seus cursos universitários e de fotografia, seus passeios por regiões montanhosas, realmente feitos, teriam na verdade consistido em treinamento para a CIA; seu próprio pai, "um coronel da CIA", o teria recrutado. Para fornecer a seus interrogadores algo mais excitante do que meras histórias de alpinismo, Hamill acrescentava infindáveis detalhes sobre planos da CIA para subverter o regime cambojano.

Clark e DeLance, Dean e Scott mostram-se igualmente ansiosos por colorir de tinturas suspeitas (sempre a CIA) relatos verdadeiros sobre a atividade nada culposas, ou culposas por outros motivos (Clark contrabandeava drogas). Os dois primeiros, fornecendo análises plausíveis sobre os interesses políticos da CIA no Sudeste Asiático, haviam "fotografado a costa cambojana"; Dean e Scott, haviam *coberto* a costa com seus equipamentos de radar, rádio e sonar. Dean, curiosamente, afirmava também ter sido introduzido na Agência por seu pai.

Embora razoavelmente versado em inglês, o homem que fabricou ou montou as "confissões" não foi capaz de detectar uma série de discrepâncias quanto a detalhes sobre a organização interna da CIA nos vários depoimentos: discrepâncias salariais, de estruturas de comando, de jargões, métodos de treinamento e operações. Dos muitos nomes citados, alguns são de pessoas reais, mas absurdamente impróprias como "agentes da CIA"; outros fo-

As normas do horror

Entre os documentos encontrados no inferno de Tuol Sleng, o seguinte Regulamento dos Agentes de Segurança — desenhado em maiúsculas, a caneta pilot, em quase impecáveis versões francesa e inglesa — dá uma medida do frio fanatismo com que os interrogadores-torturadores (às vezes grupos familiares inteiros de adeptos do regime de Pol Pot) tratavam os "espiões" estrangeiros.

REGULATIONS OF SECURITY AGENTS

1. YOU MUST ANSWER IN CONFORMITY WITH THE QUESTIONS I ASKED YOU. DON'T TRY TO TURN AWAY MY QUESTIONS.
2. DON'T TRY TO ESCAPE BY MAKING PRETEXTS ACCORDING TO YOUR HYPOCRITICAL IDEAS. IT IS STRICTLY FORBIDDEN TO CONTEST ME.
3. DON'T BE A FOOL FOR YOU ARE A CHAP WHO DARE TO THWART THE REVOLUTION.
4. YOU MUST IMMEDIATELY ANSWER MY QUESTIONS WITHOUT WASTING THE TIME TO REFLECT.
5. DON'T TELL ME ABOUT YOUR ~~LITTLE INCIDENTS~~ COMMITTED AGAINST THE PROPRIETY. DON'T TELL ME EITHER ABOUT THE ESSENCE OF THE REVOLUTION.
6. DURING THE BASTINADO OR THE ELECTRIZATION, YOU MUST NOT CRY LOUDLY.
7. DO SIT DOWN QUIETLY. WAIT FOR THE ORDERS. IF THERE ARE NO ORDERS, DO NOTHING. IF I ASK YOU TO DO SOMETHING, YOU MUST IMMEDIATELY DO IT WITHOUT PROTESTING.
8. DON'T MAKE PRETEXTS ABOUT KAMPUCHEA-KROM IN ORDER TO HIDE YOUR JAW OF TRAITOR.
9. IF YOU DISOBEY EVERY POINT OF MY REGULATIONS YOU WILL GET EITHER TEN STROKES OF WHIP OR FIVE SHOCKS OF ELECTRIC DISCHARGE

1. Responda em conformidade com as perguntas que lhe fiz. Não tente contestar minhas perguntas.
2. Não tente esquivar-se com alegações derivadas de suas idéias hipócritas. É estritamente proibido questionar-me.
3. Não seja tolo, pois você é um sujeito que ousa opor-se à revolução.
4. Você tem de responder imediatamente a minhas perguntas, sem perder tempo para pensar.
5. Não me venha falar dos pequenos incidentes que cometeu contra a propriedade. Nem me venha com conversa sobre a essência da revolução.
6. Durante a bastonada ou os choques elétricos, não grite alto.
7. Sente-se bem quieto. Espere as ordens. Se não houver ordens, não faça nada. Se eu lhe pedir que faça alguma coisa, você deve fazê-la imediatamente sem protestar.
8. Não levante argumentações sobre a República do Camboja para esconder seus dentes de traidor.
9. Se desobedecer qualquer ponto deste regulamento, você levará 10 golpes de açoite ou cinco choques de descarga elétrica.

Guerra, revolução e invasão: um país estil

HENRY KAMM ■ The New York Times

Há pouco mais de um ano o exército vietnamita derrubava o Premier cambojano Pol Pot, cujo regime tirânico impôs quatro anos de desumanidade e morte a seus concidadãos. Um sentido de sobrevivência é o sentimento mais palpável no Camboja de hoje — todo ele ocupado por tropas do Vietnam. Mesmo assim, a perspectiva de uma grande fome ainda é uma ameaça e os cambojanos temem que os que hoje detêm o poder, sejam eles cambojanos ou vietnamitas, possam deixar que a tragédia se repita.

Soldados do Vietnam patrulham as ruas de Phnom Penh sem encontrar olhares muito hostis. Se, quando fazem compras, não são saudados com os sorrisos que acolhem os raros visitantes ocidentais, tampouco existe qualquer sinal ostensivo da animosidade.

Os funcionários vietnamitas dizem que seus "técnicos e assessores" trabalham no Camboja porque os cambojanos educados foram dizimados na campanha de extermínio movido por Pol Pot contra a elite do país. A presença militar, obviamente, é a mais visível — e ubíqua. Soldados vietnamitas perambulam pelas calçadas, montam guardas nas estradas, misturam-se à população nos mercados e algumas vezes patrulham pontes, à frente de metralhadoras.

Na verdade, segundo os próprios combojanos, os cursos de doutrinação política ministrados pelos vietnamitas são estritos e, ao que parece, a maioria da população urbana do Camboja é forçada a segui-los. No que sobrou de antigas lojas de Phnom Penh podem-se ver conferências e aulas, em pleno andamento, com um funcionário de agitação e propaganda a arengar uma pequena platéia sonolenta, onde muitas cabeças e olhos se desviam ocasionalmente, para ver o que se passa na rua.

Ali eles podem ver famílias atravessando a Capital em carros puxados a búfalo, alguns carregando suas crianças, mais potes e panelas enegrecidas, e até mesmo pequenas provisões, em direção a alguma parte, numa infindável busca de lugar com gêneros e condições que lhes garantam a sobrevivência. Phnom Penh é um ímã não por causa da ajuda internacional, que é distribuída aqui; mas por ser a junção das principais estradas do país, nas quais, mais de um ano após a "liberação", os cambojanos ainda vagueiam à procura de parentes desaparecidos, casa e comida.

As platéias desatentas dos cursos de doutrinação também podem observar as inúmeras transações comerciais que sustentam a vida e o tecido social neste país de escassez: gente trocando um resto de fumo por arroz, legumes por peixe, ou uma fruta por uma peça de bicicleta. Podem ver também crianças esquálidas e andrajosas brincando sem brinquedos e adolescentes vasculhando montes de lixo — encontrados por toda a parte numa cidade outrora cuidada e limpa — na esperança de achar um pedaço de mobília para acender fogo ou garrafas vazias e outros objetos de valor para conseguir a refeição do dia.

Em Phnom Penh, a miséria não permite ignorar os detritos das ruas

Os funcionários dos ministérios também assistem aos cursos de doutrinação. A Escola de Medicina, recentemente reaberta e único setor da Universidade que ainda funciona, está obrigando os estudantes a passar um dia por semana nos cursos de educação política. Os professores são cambojanos e vietnamitas. Distribuíram-se recentemente novas cartilhas, alfabetizando as crianças com textos e ilustrações sobre Marx e Lênine, a luta de libertação e as atrocidades de Pol Pot. (Como Pol Pot aboliu completamente à educação, a maioria dos cambojanos menores de 12 anos não sabem ler).

Os Estados Unidos não podem subtrair sua parcela de responsabilidade pelos desastres ocorridos no Camboja durante a guerra de 1970-1975, mesmo que tenham passado para segundo plano e deixado os próprios cambojanos malbaratarem seus negócios e a ajuda americana. Hoje o Camboja é infinitamente mais frágil, seus sobreviventes estão profundamente traumatizados, suas casas, estradas e canais, arruinados. A alimentação que o país produzia em abundância está agora reduzida a níveis inferiores ao mínimo exigido à subsistência de seu povo — uma população calculada entre 5 e 6 milhões.

O Vietnam domina este país estilhaçado, quer o Governo diretamente ou através de uma tênue estrutura cambojana de administração. Hanói pode até justificar-se e dizer que a fome do ano passado não podia ser evitada. A invasão vietnamita ocorreu durante a colheita e as tropas de Pol Pot incendiaram a esmo plantações de arroz e estoques já acumulados. Os cambojanos fugiram da guerra e iniciaram suas peregrinações através do país à medida

haçado

que o novo regime invertia o movimento forçado por Pol Pot, que expulsou toda a população das cidades e a instalou à força em enormes comunas agrícolas.

Contra estas justificativas podem-se alinhar, entretanto, outros feitos. O Camboja demorou a pedir ajuda internacional. As negociações que resultaram finalmente no início do socorro no último mês de outubro foram penosas, extremamente difíceis, em razão de atitude extraordinariamente desconfiada da parte do Governo-cliente dos vietnamitas. E a distribuição desta ajuda foi, no mínimo, ineficaz.

Embora envie considerável parcela de alimentos e veículos, da mesma forma que o Vietnam, a União Soviética não parece estar dando assistência aos cambojanos com um planejamento eficiente, e os erros que cometeu indicam que Moscou não dá muita importância à sobrevivência dos cidadãos que compõem a sua mais recente soma de aliados. Em abril, por exemplo, quando a comida escasseava e se tornava crítica a situação da importação de sementes (os agricultores tinham que plantar antes das monções), não havia atracadouros disponíveis no único porto de mar do país, Kompong Som. Um dos seis cais estava — e ainda está — permanentemente reservado a pequenos cargueiros costeiros que trazem suprimentos do Vietnam para as forças de ocupação. Funcionários das agências internacionais de ajuda arrancavam os cabelos porque os carregamentos de arroz ficavam semanas à espera de desembarque. Enquanto isso, durante vários dias, o maior atracadouro de Kompong Som ficou ocupado pelo cargueiro soviético Karl Liebknecht, *que descarregava uma boa tonelagem de chaleiras de alumínio — que não se pode dizer sejam necessidade vital do país nos dias que correm.*

Funcionários ocidentais que coordenam o auxílio consideram desesperadora a situação e já apelaram às autoridades para que lhes permitam fazer mais e mais rápido. A burocracia cambojana, contudo, sem pessoal e sem preocupação com a urgência, responde, na melhor das hipóteses, com indiferença. Os próprios funcionários vietnamitas sacodem a cabeça em desaprovação. E os oficiais da Marinha Mercante soviética não escondem seu desprezo diante da ineficiência dos cambojanos na tarefa de distribuir alimentos vitais à população faminta. Mas poderão o Vietnam e a União Soviética, mais que os americanos antes deles, renunciar à responsabilidade de garantir a sobrevivência de um povo que tornaram seu dependente?

Os torturadores só queriam assinaturas, dispensando formas mais sutis de interrogatório ante o estado dos prisioneiros

ram evidentemente inventados; alguns, ainda, podem até mesmo ser nomes de funcionários da CIA. O inquiridor, ou os inquiridores que editaram as "confissões" ignoravam também que nenhum agente de grau inferior teria conhecimento dos planos estratégicos detalhadamente fornecidos em todas as "confissões".

O que se deduz é que grande parte deste material foi simplesmente ditada, ou fabricada: os cambojanos precisavam apenas das assinaturas, dispensando técnicas mais sutis de interrogatório diante do estado em que já se encontravam os prisioneiros torturados. De armar um "complô da CIA" cuidariam eles mesmos, com sua vasta demonologia "revolucionária." Não tivessem os "libertadores" vietnamitas invadido o Camboja, entretanto, estas "confissões" teriam provocado um outro impacto em todo o mundo, porque estariam desacompanhadas das revelações de todo o horror que se passou em Tuol Sleng, das circunstâncias em que foram extraídas. Pois afinal, muito dessas confissões traz a marca da verdade.

DeLance: "...Vimos um barco que se apressava em nossa direção. Quando (...) ficou evidente que nos perseguiam (...) mudamos nossa rota. Lançamos a câmara ao mar e ligamos o rádio para ver se conseguíamos socorro de algum navio que estivesse por perto (...) Eles deram três tiros de advertência (...) alcançaram com um esporão nossa proa e cinco ou seis soldados saltaram a bordo. Imediatamente nos amarraram e vendaram nossos olhos."

Dean: "David veio arrancar-me de um sono pesado (...) para substituí-lo na vigília (...) À 1h30m do dia 2 de novembro (1978) fomos capturados por um barco patrulheiro cambojano." Dean assinou sua confissão a 21 de novembro, após quase três semanas de fome, choques elétricos, chicotadas e pancadas.

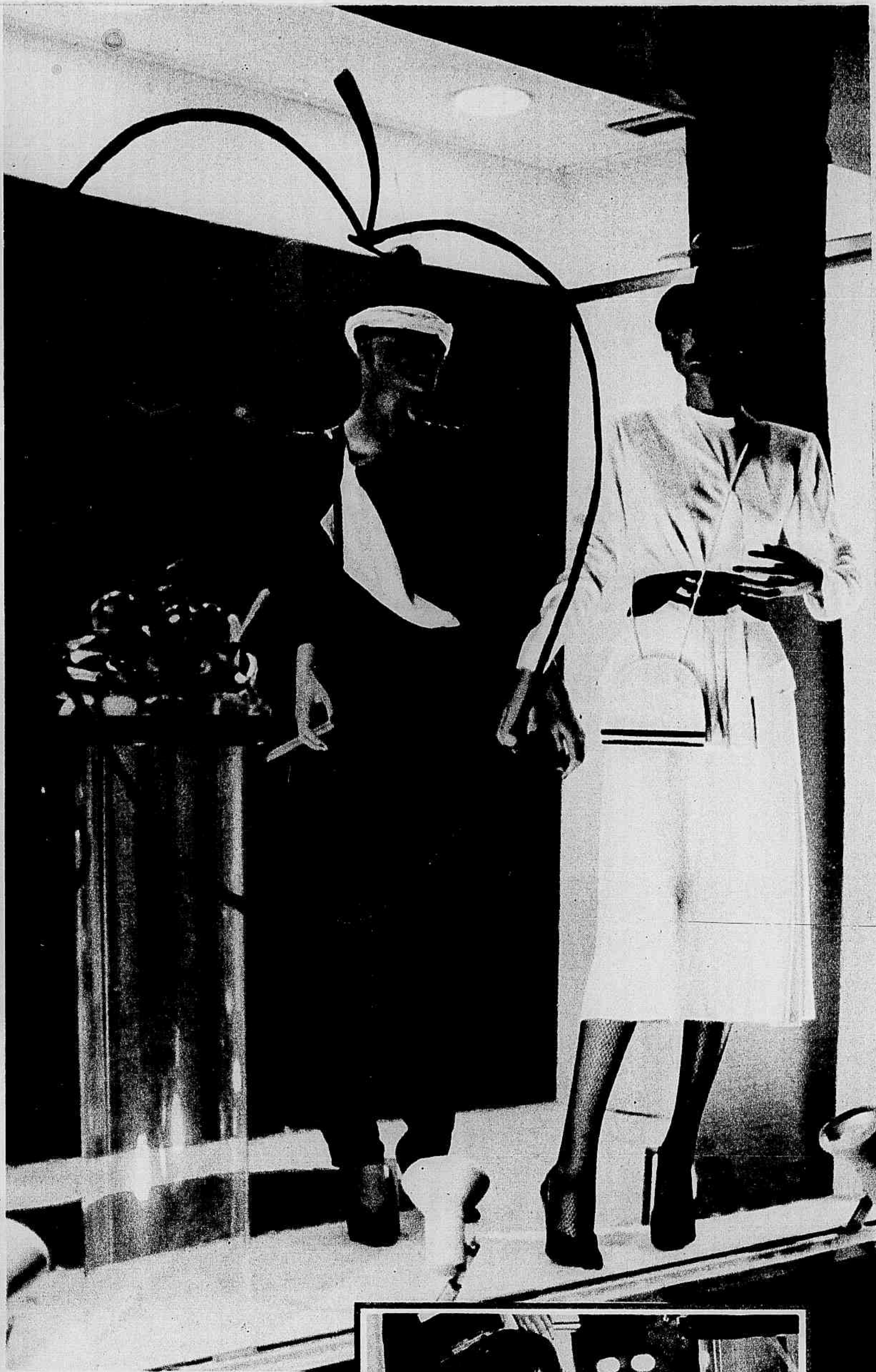
Quando os invasores vietnamitas entraram em Phonom Penh, seis semanas depois, Ron Dean, David Scott, Hamill, Clark, DeLance, os irmãos Bernard, Lance MacNamara (companheiro de Clark) e Mike Deeds (da tripulação de DeLance) haviam sido levados a morte cruel: pendurados várias vezes, libertados da corda ainda com vida e novamente pendurados até a morte, por estrangulamento. Dias, ou talvez horas antes da chegada dos "libertadores", os cambojanos já não tinham motivos para mantê-los vivos. ■

imagem

REFLEXOS CRIATIVOS DE FORMAS QUE VENDEM

Antes inócuas, hoje básicas para o comércio, as vitrinas são espaço pensado e disputado

Eduardo Garcia

Ele é estilista da American Denin, mas abre uma exceção no seu trabalho para fazer a vitrina da Oliver, onde a preocupação maior é "mostrar um look de moda com informação precisa"

GISELA PÔRTO ■ FOTOS DE EVANDRO TEIXEIRA

Houve época em que vestir a filha com o modelo exposto na vitrina da Bonita era o maior símbolo de *status* das mamães da Zona Sul carioca. Bastava entrar numa festa infantil para verificar que os laçarotes, manguinhas fofas e casinhas de abelha que enfeitavam os modelos se repetiam infinitamente em rosa, azul, amarelo e branco sem a menor variação. Mas esse impulso consumista que atingiu todas as mães de uma geração não se devia ao fato de o modelo escolhido ser original ou

Edgard Octávio

Dele são as vitrinas da Gregório's, Museum, Maison Lido, Alice Tapajós, Bee, além de da Fiorucci carioca, dividida com Roberto Renner

O importante é aguçar o apetite do comprador para que ele queira saborear todas as ofertas sem pensar no que vai gastar

bem exposto na loja, mas pelo alto preço cobrado e porque a *boutique* era uma das poucas da Zona Sul. A concorrência de novas lojas salvou as crianças da falta de originalidade de suas mães, mas as roupas *da vitrina* ainda apresentam um enorme carisma para os cariocas. Elas são o chamariz, o *papel de mosca* que faz com que o cliente entre na loja, nem que seja apenas para perguntar o preço. Assim, montar uma vitrina transformou-se numa verdadeira arte.

Depois da influência psicodélica imposta por Londres com a sua famosa Carnaby Street, quando a mistura de cores chocantes e gosto duvidoso freqüentou o comércio de Copacabana e Ipanema, e da reformulação na maneira de expor a mercadoria, que ditou o fim do manequim de massa com peruca e cílios postiços, tombados pela também londrina Bibba, as vitrinas cariocas agora buscam inspiração em

Ovídio Cavalleiro

Gerente da Spy and Great masculina, além de fazer todas as vitrinas dessa cadeia de lojas há cinco anos

Mauro Taubman

Um dos donos da Company. Formado em Arquitetura, é um dos principais responsáveis pelo sucesso da sua loja junto a new generation

Nova Iorque, no luxo do Bloomingdale's e de Henry Bondel.

Olhar vitrinas virou verdadeiro prazer visual e não apenas um exercício para passar o tempo. Vitrinas como as da Company, na Garcia d'Ávila, onde Mauro Taubman procura mostrar de maneira didática os seus novos lançamentos sempre acompanhados dos devidos acessórios, repetem na geração jovem o mesmo fenômeno sofrido por seus pais com a Bonita. Assim, em vez da festa infantil enfeitada com os modelinhos em tons pastéis, agora temos as pistas de *roller skate* povoadas de *t-shirts* idênticas. A Fiorucci, com um ano de existência na Joana Angélica, mostra o mesmo sucesso de suas irmãs em Nova Iorque, Milão ou Londres, com suas vitrinas cheias de *pin-ups* recortadas em papelão vestindo os modelos mais extravagantes.

A arte de fazer vitrinas formou verdadeiros profissionais, com preocupações maiores do que apenas vender o que está exposto, numa saudável competição visual que embeleza o comércio da Zona Sul do Rio de Janeiro. Nesta competição as lojas masculinas também têm vez, deixando de lado os preconceitos de que quem faz compra é mulher e facilitando a vida dos

Roberto Renner

O responsável pelo visual da Fiorucci. Sua firma, Anyway Studio, trabalha não apenas com vitrinas, mas com toda programação visual, que inclui etiquetas e sacolas

homens que muitas vezes têm apenas a limitada manhã de sábado para completar seu guarda-roupa.

O importante é criar todo um visual em cima de um simples vestido, que sem o devido realce provavelmente passaria despercebido. Nesse *vale tudo*, qualquer extravagância é permitida, menos o mau gosto. Maçãs colorem e perfumam a vitrina da Gregório's criada por Edgard Octávio, uma nuvem de tule envolvendo os manequins vestidos de preto dá um clima de sonho à criação de Ovídio, responsável pela Spy and Great. Na Oliver o nome em néon ilumina a vitrina criada por Eduardo Garcia, enquanto a Maria Bonita mostra suas criações num clima de Hollywood personificado pela *sexy* Marilyn Monroe. E se a moda *cowboy* está em voga, por que não enfeitar sua vitrina com cactus de papelão como fez Mauro, da Company? Ou ainda aderir aos *punks* como manequins para mostrar o choque do roxo e vermelho no *look* Fiorucci? O importante é aguçar o apetite do comprador para que ele queira saborear as ofertas, sem pensar no bolso. ■

Este é um guia para ser guardado até o próximo domingo. Ele traz produtos e serviços que você e sua casa podem estar precisando.

Página de Serviço

ABAJURES
LE DETAIL - DECORAÇÕES
Cúpulas de Luxo - Art. p/Escritórios em Couros/Pirogravura
267-6475 - 287-2547. Fco. Sá, 31/2.º

ACADEMIAS DE BALLET
MALUCE BALLET STUDIO
257-3205. Copacabana, 895 - 6.º

ACADEMIAS DE DANÇA
CARMINHA ALONSO/BALLET/MÚSICA
260-8707. Av. Democráticos, 1949

ACADEMIAS DE MÚSICA
DO RE MI ...MÚSICA/DANÇA
260-5035. Ligia, 97 - Ramos

ACADEMIAS DE YOGA
YOGA LÉA MELLO
287-7048. Visc. Pirajá, 318/204

ADMINISTRADORAS
A IMOBILIÁRIA ZIRTAEB LTDA.
LOCAÇÕES ADM. CONDOMÍNIOS
221-4351 (KEY SYSTEM)
221-7992 (PBX). Alfândega, 108

ADM. ORION-CONDOMÍNIOS
LOCAÇÕES C/GAR. COMPRA - VENDA
255-7341.
Siqueira Campos, 225 - Loja A

EKASA S/A: AS ORDENS DO SÍNDICO C/ ATENDIMENTO PERSONALIZADO 24 HS. POR DIA
Matriz: PABX 244-0977
7 de Setembro, 98 - 5.º e 6.º
Barra: 399-2990 - 399-2121

IMOBILIÁRIA MELBA
244-3465. Trav. Paço, 23/11.º

ADVOGADOS
AMÉRICO ROMERO/M. CARRILHO
273-4116 - 234-7299 - 238-1381

ANGELA BUONOMO/VERA MENDES
242-2559 - 246-4180 BIP 9K8

COMERCIAL/TRIBUTÁRIO/CIVIL
242-9179 - 262-4798. Centro

FALÊNCIAS E CONCORDATAS
392-8233 - 234-4081

MARIO ANI CURY
359-5750. E. Romero, 224/Madur.

ADVOGADOS - CAUSAS CÍVEIS
RODOLFO R. DE VASCONCELOS
284-3441. Saens Peña, 45 S/1508

ADVOGADOS - CAUSAS CRIMINAIS
ALVARO COSTA FILHO
222-0957 - 249-3320 (A Noite)

JOÃO CARLOS AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE
224-4450 - 221-6708 - 257-9398

ADVOGADOS - CAUSAS TRABALHISTAS
ANNA BOGÉA
240-9508. E. Veiga, 35 S/1605

ADVOGADOS - DIREITO DE FAMÍLIA
ADVGS.: LITÍGIO-INVENTÁRIO
237-5052. Copacabana, 195 S/408

ADVOGADOS - DIREITO IMOBILIÁRIO
IMÓVEIS - LOCAÇÕES - CONTRATOS
262-2426 - 262-1790 - 262-2025

ADVOGADOS - INVENTÁRIOS
DR. EDMUNDO COELHO
221-3075. R. Branco, 133 S/604

LUCIA CAMIZA FORTES
240-2389. Senador Dantas, 117

ÁGUA-TRATAMENTO
ANÁLISE-CAIXAS/POÇOS/CONDOM.
273-8140 - 208-1545 - 208-2594

AMBULÂNCIAS - ALUGUEL
"PULLMAN" C/AR CONDICIONADO
MACA ESPECIAL P/ELEVADORES
236-1011 - 257-4132. Zona Sul
228-6170 - 228-2255. Z. Norte

ANTENAS
INSTALAÇÃO E MANUTENÇÃO
208-9570 (Visitas Grátis)

INSTALAÇÃO - VENDA - REVISÃO
392-3770. Est. Gabinal, 18-C

ANTIGUIDADES - COMPRA E VENDA
MOV. - PRATAS/LOUÇAS - QUADROS
274-6240. G. San Martin, 1219

APARELHOS DE SOM - CONSERTO
AKAI - MARANTZ - SANSUI - SONY
228-5004 (Atende a Domicílio)

AKAI - PIONEER - SONY - SANSUI
236-2772. Copacabana, 807/603

AKAI/SONY/SANSUI/MARANTZ
247-6445. Visc. Pirajá, 86 SL 3

ASSIST. - TÉC. - PIONEER - SANSUI
273-8005 - 273-7975

BUT SOUND/VENDA/MANUTENÇÃO
255-1792. Av. Copacabana, 978 S/S113

AQUECEDORES - CONSERTO
BOILER/CUMULUS E OUTROS
253-1349 - 396-2837 (2.ª/domg.)

IRMÃOS SILVA C/GARANTIA
201-1491. A. Cordeiro, 492 F.

AR CONDICIONADO - CONSERTO
MÁQ. LAVAR/FOGÕES - GARANTIA
230-6366. Boa Viagem, 179-D

TELEMAQ - ASSIST. TÉCNICA
280-6349 - 230-8337. Roma, 310

ARMÁRIOS EMBUTIDOS
HERMAX MÓVEIS LTDA.
771-9301

MODULADO FAVO/FAB. ABOLIÇÃO
229-5389 - 399-0792 (Carrefour)

ARTISTAS E MÚSICOS-AGÊNCIAS
BIRA & CO.-SHOWS-FESTAS
710-2730 - 711-0700

ASSOALHOS - VITRIFICAÇÃO
SINTECO EM COR/BRILHO/FOSCO
236-1858. Copacabana, 500/910

AULAS PARTICULARES
"MATEMÁTICA" - "ESPECIALIZE-SE"
1.º, 2.º Grau/Vestibular/Concursos
286-7605 - 226-5835 - 268-7374

AUTO-ESCOLAS
RIO ROMA: RAPIDEZ/EFICIÊNCIA
235-7605. Bar. Ribeiro, 391 S/LJ

AUTOMÓVEIS - ALUGUEL
OPALA 4 P. À DISPOSIÇÃO
Serviços/Passeios/Peq. Viagens
208-0429 - 238-2451. Sr. Quirino

BABY - SITTER
P/FIM SEMANA. NOITE. TERAPEUTA EXP. CRIANÇAS 2/8 A.
228-6691 (2.ª a Dom.)

BOMBEIROS HIDRÁULICOS
GASISTA - NA HORA C/GARANTIA
238-0251 - 268-4637 - 258-5440

SUPER - TEC: NO DIA C/GARANTIA
274-9946 - 246-4180 BIP 2340

BOX PARA BANHEIROS
ACRÍLICO-BLINDEX-ESQUADRIA
238-0251 - 268-4637 - 258-5440

BBC-MULTIVIDROS DO BRASIL
223-5409. Camerino, 71 S/6

BLINDEX-VIDRAL
221-2351/2450. Alfândega, 98

BOX EM ALUMÍNIO
359-7179 (Orç. S/Compromisso)

BOX-PORTA VIDRO TEMPERADO
268-7982. Br. Mesquita, 905

PERSIANAS COLUMBIA S/A.
PBX 264-9062. Dona Maria, 29

VICRAL VIDROS TEMPERADOS
FUMÊ-BRONZE-VERDE TRANSP.
268-9911 - 288-8796 - 288-7448
Barão Mesquita, 673 - Tijuca

BUFFETS
BUFFET CLASSE "A" ATEN./48 HS
Casa para Recepções
238-6852. Barão S. Franc., 322

CHURRASCARIA COSTA DO SOL
SALÕES PARA RECEPÇÕES
268-8357/9266. Av. Edson Passos, 4517 - Alto Boa Vista

J. CARVALHO/ALUGA MAT. FESTA
295-7866 (2.ª a Domingo)

CABELEIREIROS
CAROLINA CABELEIREIROS
255-2218. Santa Clara, 50/315

FERREIRA'S - SALÃO UNISSEX
390-9500. E. Romero, 81/212 - Madur.

STUDIO HEBÉ COIFFEUR MASCULINO/FEMININO E BOUTIQUE
265-4950 - 205-9695
Largo do Machado, 11 - 1.º Andar

CABELO - TRATAMENTO
HAIR CLUB DO BRASIL TRATAMENTO MASCULINO/FEMININO
Hair Treatment Contra Caspa, Seborréia, Micose e Queda dos Cabelos
255-0197 - 257-3753
Xavier da Silveira, 45/C04

HAIR REPLACE INTERNATIONAL
Queda - Seborréia - Revitalização e Reposição Capilar
255-0102 - 257-2517. B. Rib., 502/205

INST. LANE - QUEDA/SEBORRÉIA
232-4574. Pç. 15 Nov., 38-A

CAMAS HOSPITALARES - ALUGUEL
"A.M.E."-OXIGÊNIO-REMOÇÕES
CADEIRAS DE RODAS-MULETAS
236-1011 - 257-4132. Zona Sul
228-6170 - 228-2255. Z. Norte

ALCE-CAMAS E CADEIRAS
257-3462 - 257-0956

DIA/NOITE/CAD. RODA/AMBULÂNCIA
261-7151 (2.ª a Domingo)

VENDAS CAMAS CAD. MULETAS
273-0742 (2.ª a Domingo)

CANIS
HOSPED. VENDA PASTOR - "GLEICE"
332-3786. Açuruá, 147 - Bangu

CARNE À DOMICÍLIO
SEM NENHUM CUSTO ADICIONAL
Carnes Excelentes ou Seu Dinheiro de Volta. Ligue
270-3991 (Entrega no Dia)

CINE FOTO - CONSERTOS
CANON - NIKON - OLYMPUS - FILM.
235-7046. Copa, 610/221 e 224

"KARTEL" - CÂMERAS/FILMADORAS
231-1103. Sen. Dantas, 44 1.º

POLIMENTO LENTE/BINÓCULOS
Av. 13 de Maio, 47 Grupo 213

CORTINAS
ABA-FÁBRICA ROLÔ-PAINÉIS
273-6250 - 273-9605. A. Lobo, 100

ABC FÁBRICA ROLÔS - PAINÉIS
234-7431. Pedro Alves, 239 S/6

"ATENÇÃO": CORTINAS - ROLÔS
PAINÉIS - VULCATEX - CAMURÇA
392-1246. Fieltex
E. Jacarepaguá, 7741 - Freguesia

CARLOS - FÁBR./ROLÔS - PAINÉIS
235-7948. Siq. Campos, 143/416

CHAUMIÈRE DECORAÇÕES
Rolôs e Painéis c/Garantia
268-1947 - 288-5749 (2.ª/Domingo)

LUNAR ROLÔS E PAINÉIS
Orç. Grátis Finan. 5 x S/Juros
224-8689 - 232-5495. E. Visconti, 18

OSTROWER ROLÔS E PAINÉIS
"FIBERGLASS" E "BLACKOUT"
266-3068 - 266-7775
Marquês Abrantes, 178 Lj. D

SÓ CORTINAS
Todos os Modelos
255-1600

STELLA CORTINAS E PAINÉIS
256-8983. Barata Ribeiro, 62

COZINHAS - REFORMA
BANHEIROS - FINANCIO TOTAL
238-0251. 268-4637. 258-5440

CRECHES
BABY SITTING/DEDO MINDINHO
295-9830. Otávio Corrêa, 384

CASTELO DA TURMA MIÚDA
710-5028. 710-3507. 7 Set., 157 - Nit.

CRECHE BAMBÁ - BARRA TIJUCA
399-4142. A. C. de Freitas, 46

CRECHE GABRIELA - GRAJAÚ
208-5804. 238-7283. 257-7848

ESCADA DO TEMPO - LEBLON
274-2544. Timóteo Costa, 538

DATILOGRAFIA - SERVIÇOS
A ANA IBM-INGL./PORT./ESPANH.
240-2228 e 262-3345 (2.ª a 6.ª)

A JATO-LIANE IBM/7 IDIOMAS
266-3393 (2.ª/6.ª). 265-4700 (Dom.)

ADA-IBM TODOS OS IDIOMAS
205-1157. Flamengo (Incl. Dom.)

ELIANE SERVIÇOS EM GERAL
248-5592 (2.ª a Dom.)

TEREZA IBM ESF./IDIOM. S/GER.
351-6003 (2.ª/Dom.). 224-0675 (14 às 20)

DECORAÇÃO - ARTIGOS
77 - CORTINAS ESTOFADOS TEC.
227-7839. T. Melo, 77 - Ipanema

DEDETIZAÇÃO E DESINFECÇÃO
DEDETIZADORA MEFAMO
P/O MESMO DIA C/GARANTIA
FEEMA 002298-6/2121
201-8643 (2.ª a Sábado)

IMUNILAR (FEEMA 000352-9/2121)
Cupim - Barata - Traça
Garantia 25 Anos de Tradição
295-1697 - 295-1647 - 295-1147

VENTANIA IMUNIZAÇÕES
FEEMA 000.564.2/2121
Baratas, Ratos, Cupim, Traças
252-1436. Vendas (Total Garant.)

DEPILAÇÃO DEFINITIVA
LIMP. PELE/REJUVEN. MÃOS/ROSTO
256-4671. 242.1801 (2.ª a Dom.)

STELA ELETROCOAGULAÇÃO
265-0130. L. Machado, 29/808

DESPACHANTES
CONTAD. LEGALIZ./ADM. IMÓVEIS
392-9699. 392-9371 (Incl. Dom.)

MARIO - LEGALIZ. DE FIRMAS
226-9854. 205-5898

DETETIVES PARTICULARES
INVESTIGAÇÕES SIGILOSAS
255-4158

ROQUE-INVESTIGAÇÕES SIGILOSAS
275-5390. Escritório Rio J.

DOCES E SALGADINHOS - ENCOMENDAS
BARTYRA-SERVIÇO COMP. BUFFET
201-0703 (2.ª a Domingo)

CELSO/SERV. COMPLETO P/FESTA
261-1192 (2.ª a Domingo)

JANTARES/SERVIÇO P/FESTAS
289-1243 - 269-7844 (2.ª a Dom.)

"KITUTES DA MAMÃE" TAMBÉM SERVIÇO COMPLETO DE BUFFET
Reservada Área ao Ar Livre
342-5504. Estrada Tindiba
Esquina Iriquitia - Taquara

"MARIA MOLE"
Serviço Completo p/Festas
286-5448. Vol. Pátria, 249-B

ELETRICISTAS
SUPER-TÉC: NO DIA C/GARANTIA
274-9946. 246-4180 BIP 2340

EMPREGADAS DOMÉSTICAS - AGÊNCIAS
AG. ALAN KARDEC - C/REFERÊNCIA
281-8699 - 289-3920 (2.ª/Domig.)

AG. ASSOCIAÇÃO STA. URSULA
Garant. Permanente - Taxa Fixa
751-3250 - 751-4392 (2.ª/Domg.)

AG. CIDADE - EMPR. C/GARANTIA
256-9968

AG. EMPREGADORA CRISELA
390-8940 - 350-5179

AG. GIRASSOL - EMPREG. C/GARANTIA
257-2011. B. Ribeiro, 391/810

AG. IDÔNEA: SEL. RIGOROSA
Da Garantia - Devolve a Taxa
240-7790. Sen. Dantas, 117/1933

C/GABARITO: MINEIRAS
1/2 Idade Recém Chegadas
350-7856 (2.ª a Domingo)

DIOMAR GOMES AG. COLOCAÇÕES
Garantia Taxa Por 1 Ano
232-4039 - 221-5810 (2.ª/Domg.)

EMPREITEIROS - REFORMAS DE IMÓVEIS
CINAR CONSTRUÇÕES/PROJETOS
228-5724 - 228-8797 (2.ª a Dom.)

DINEL CONSTRUÇÕES LTDA.
Toda Área do Rio - Financio
350-4679 (2.ª a Domingo)

FACHADAS - BANHEIRO - COZINHA
201-4995 - 396-4264

ENFERMEIROS
ACOMPANHANTES - DIA E NOITE
Somente P/Adultos - C/Prática
252-9206. 232-1257 (2.ª Domg.)

ACOMPANHANTES - DIA E NOITE
Assistência Particular
260-7232 (2.ª a Domingo)

ALBA EQUIPE ENFERMEIRAS
Para: Adultos e Crianças
295-0218 (2.ª a Domingo)

ASPE - ENF. PART. DIA/NOITE
Aprov. P/Fiscaliz. Medicina
257-0956. 257-3462. 269-6628

PART. DIA/NOITE - ACOMPANH.
791-2195

ENXOVAIS
CAMA - MESA - BANHO - BORDADOS
CONFECÇÃO PRÓPRIA - V. CRED.
228-5106. Alte. Cochrane, 43
S. Peña, 45/335 - V. Pirajá, 281/209

ESCOLAS
JARDIM DE INFÂNCIA "NINHO"
226-2335. Abade Ramos, 66-J. Bot.

"SORE" JARDIM MATERNAL
275-1800. Dona Delfina, 49

ESCOLAS DE ARTE
BOLO MODELAGEM - ARTESANATO
249-6094. Piauí, 123 Casa 1

ESPORTES -ARTIGOS
LOJA ADIDAS
257-2795. Xavier Silveira, 40-C

SPORT TICIANO
256-1948. Miguel Lemos, 25 B

ESQUADRIAS DE ALUMÍNIO
A CARGA PESADA 4 X S/JUROS
201-4846 - 201-9610 (2.ª a Domingo)

A 2700,/M²: JANELA - BOX - 24 H.
289-5628 (2.ª a Domingo)

ALUMÍNIO URUBATÃO - BOX
284-0446 - 248-1876 (Luiz)

ANODIZAÇÃO PRÓPRIA: BOX
Janelas - etc./S. Entr./15 meses
229-1799 - 289-4398

ÁREAS - BOX - JANELAS - GLOBAL
289-9294. Goiás, 228

COMODORO: PORTA - JANELA - BOX
270-4838. Cardoso Moraes, 400

JONAF JANELAS - 4 X S/JUROS
280-3888

OZODRAC: ALUMÍNIO E FERRO
Box - Janela - Área - Porta - Etc.
359-7179 (Orç. S/Compromisso)

ESSÊNCIAS P/PERFUMES

PERFUMARIA COTIAS
224-5489. Buenos Aires, 184

ESTOFADORES

ALEMÃO LIDER NO RAMO
Fabricação e Reformas - Cortinas: Prontas ou Sob Medida Tapetes: Forrações em Geral
268-2175 - 268-9995 - 258-2424

CARDEAL DECORAÇÕES LTDA.
267-3241 - 228-2394 - Copa

MELLO/ORÇ. GRÁTIS/TODOS MOD.
254-0872 (A Noite na Resid.)

RICARDO: REFORMA/FÁBRICA
258-5038. Br. Mesquita, 891 L.O

VERISSIMO: FABRICA/REFORMA
245-8517. Laranjeiras, 559

WILTON REFORMA: COURO/PANO
Couro Pinta/Encera Fica Novo
722-1284. Niterói (2.ª/Domg.)

FARMÁCIAS E DROGARIAS

ATENDE 2.ª/DOMINGO - ENTREGAS
255-0053 - 245-0388 - Flamengo

BARKI - ENTREGAS 2.ª/DOMINGO
285-0249 - 225-5064 - Flamengo

DROGA SIX ENTREGA NA HORA
267-2677. Copacabana - Posto 6

DROGARIA VENEZA - ENTREGAS A DOMICÍLIO ATÉ 24 HORAS
285-4926 - 265-9789 - 245-4949
Marquês de Abrantes, 79

FARM. HOMEOPÁTICA AYMORÉ
221-0573. 7 de Setembro, 219

FARMÁCIA DO LEME
275-3847. Prado Junior, 237

FEIRA A DOMICÍLIO

HOME FOOD - ENTREGA NO DIA
Não cobramos taxas
234-7197 - 247-4776 (2.ª a Sáb.)

FESTAS INFANTIS - ORGANIZAÇÃO

BLOCO DA PALHOÇA - SHOW C/ BRINCADEIRAS MUSICAIS
259-1861.

CARRETA TEATRO BONECO
268-3128 (2.ª a Domingo)

CECÍLIA: DECORAÇÕES FESTAS
Enfeites • Doces • Bolos
235-0995

PALHAÇOS - MÁGICOS - VENTRIL. BICHINHOS - BABY DISCOTHEQ.
240-7185 - 240-8200 - 258-0227
Álvaro Alvim, 37 - GR 1013

FILMAGENS

CASAMENTO/FESTA/DOCUMENT/ETC.
225-5174 - 225-1080 (2.ª a Dom.)

FINANCIAMENTOS

EMPRÉSTIMOS/VENDO TELEFONE
269-8198 (2.ª/Sábado)

FOTÓGRAFOS

L'ATELIER
240-7486

REPORTAGEM - CASAMENTO - DOCUM.
223-3746. Uruguaiana, 212

FURADEIRAS ELÉTRICAS

ÚTIL NO LAR - PEÇA P/TEL. DEMONST. S/COMP. - A PRAZO C/GAR.
228-8131 - 228-5380 - 264-0709
Pref. Olimpio Melo, 2105-B

GELADEIRAS - CONSERTO

ATUAL: FRIG. - BRAST. - CONSUL - G.E.
284-7348. 28 de Setembro, 182

P/O MESMO DIA - C/GARANTIA
243-2454 Livramento, 87

GELO

À DOMICÍLIO DE 2.ª A DOMG.
EM: CUBOS - BARRAS - ESCAMAS
399-2227. Barra da Tijuca
394-4157/2503/5550 Z. Norte

GRADES PROTETORAS

BOX E ESQ. DE ALUMÍNIO
226-7484. Real Grandeza, 160

GRÁFICAS

ELF. SERV. GRÁFICOS - XEROX
295-1898 - 295-9397 - 295-7897

MINERVA - NOTAS FISCAIS
232-2144. Relação, 55/104

IMÓVEIS-COMPRA E VENDA

DJALMA CUNHA IMÓVEIS
Atendimento Justo/Perfeito
270-4292 - 270-3337 (2.ª/Domingo)

IMPERMEABILIZAÇÕES

BRASILUX/TERRAÇO/CX. D'ÁGUA
283-1858 (Sub-solo)

TERRAÇOS - CAIXAS - PISCINAS
Ideal Com. e Imperm. Ltda.
240-5138 - 240-6589

IMPRESSOS DE LUXO

ALDAN - CONVITES/ALTO RELEVO
223-1271 - 252-0271 - 243-3802

EDUMAR - CONVITES/CARTÕES
Para o Mesmo Dia/Calendários
243-2223. Conceição, 116-A

JANELAS DE ALUMÍNIO

ADEP-BOX/FORROS/FACHADAS
281-5949 - 289-5835 (A Noite)

LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

BRONSTEIN-A DOMICÍLIO
262-1366 - Centro/236-7805 - Copa

DIAC-DOMICÍLIO/MESMO DIA
294-1705. At. Paiva, 566/304

SHAFFER-ATEND. A DOMICÍLIO
257-3727. Copacabana, 542 S/908

LENTES DE CONTATO

SOLOTICA - GELAT. P/ASTIGMAT. PINTADAS/MULTIFOCAL/CAB.
Origem Alemã Teste S/Compr.
262-4436. R. Branco, 156/1131

LIMPEZA DE CAIXA D'ÁGUA

RELAMPAGO AT. MESMO DIA
FEEMA 001.438-2/2121
248-4559 - 359-2684

LÍNGUA PORTUGUESA - ATUALIZAÇÃO

CURSO PROF. MÁRCIO ORTIZ
255-3822. Teatro Opinião

LUSTRES

O NOSSO BAZAR - LUSTRES E ILUMINAÇÃO EM GERAL
288-0065 - 238-2391
Av. 28 de Setembro, 310
238-5884 - 238-3198
Barão de Mesquita, 608/610

MÁQUINAS DE COSTURA - CONSERTO

SINGER - VIGORELLI - ELGIN
Atende Domicílio - Incl. Z. Sul
254-3409. S. Costa, 58-A/Tijuca

MÁQUINAS DE LAVAR - CONSERTO

ASSIST. TÉCNICA BRASTEMP
Serviço Aut. c/Garantia
264-3198 - 228-8186

AUTOR. BRASTEMP - FISPER
232-4421 - 232-6744 - 232-4718

BRASTEMP - BENDIX - KARINA
289-1001. Ramos da Fonseca, 19 LJ F

TELEMAQ - TODAS MARCAS C/GAR.
280-6349 - 230-8337. Roma, 310

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

FERRAGENS PLANALTO - MAT. ELÉTRICO E HIDRÁULICO
234-1967 - 264-4999 - 248-1997
Ceará, 336 e 336-A

FINANCIO DIRETO S/AVAL
233-8179. Pres. Vargas, 446/901

LOJAS DANTAS - MATERIAIS BRUTOS E DE ACABAMENTO
269-6847. Dias da Cruz, 638
390-0970. Carol. Machado, 352

TREVOLAJE - LAJE PRÉ-FABRICADA A VISTA OU A PRAZO
331-3750. Av. Brasil, 33783

MENSAGEIROS DOMICILIARES

TOC-TENHA - 24HS. POR DIA
274-4747 - 274-9898

MOLDURAS

JOÁ MOLDURAS - LOJA/FÁBRICA
Todos Tipos - Bambu Exclus. Cortiça - Montagem Posters
274-8249. Dias Ferreira, 242

MÓVEIS

AUSTRÍACOS/JANGADA MÓVEIS
243-2419. Barão S. Félix, 70

"BORGES FILHOS" - FÁBRICA
Linha Própria e Sob Medida
761-0471. Rod. Pres. Dutra, Km 11

PISCINA/VARANDA/CAMPO/PRAIA
Fábrica: Arm. Pronto/Sob Medida
391-2579. Amadeu Amaral, 41/65

MÓVEIS - LAQUEAÇÃO

AMPLILAR: NOVOS E REFORMAS
266-5993. Vol. Pátria, 416-A

MÓVEIS P/MÁQ. COSTURA

CASA VICTOR ENG.º NOVO
281-9291 - 722-1949

MÓVEIS SOB ENCOMENDA

"LAICA"/PROJETA/FABRICA/DECORA
Armários - Estantes - Cozinha
224-1334. Inválidos, 138 LJ. M

MUDANÇAS

MUDANÇAS BRUNO - PLANEJAMENTO P/ESCRITÓRIOS - RESIDENC.
236-1573 - 252-5488 - 350-3877
350-1919

ORIENTAÇÃO DOMÉSTICA PRÁTICA

ACONSELHAMENTO • SOLUÇÕES
245-1597

PAINÉIS CORTINADOS

FÁBRICA CORTINAS ROLÔS PAINÉIS EM LONA TÉRMICA
273-9605 - 273-6250 - A. Lobo, 100

PAINÉIS FOTOGRÁFICOS

REVESTIMENTOS E DECORAÇÃO
245-3550. L. Machado, 29/1117

PAPEL DE PAREDE

CAMURÇA - TAPETE - VULCATEX
Preço S/Concorrente - Financio
229-1464 - 208-2254 (2.ª/Domg.)

"DECOR" - DECORA E REVESTE
257-7694 - 236-4847 (Orç. Grátis)

DOCELAR/PAINÉIS FOTOG./REV.
248-7175. S. Fco. Xavier, 90-A

PERFUMARIA

"VIP" ROUPA FEMININA/PRESENTES
Buarque Macedo, 68-A Esq. Catete

PERSIANAS

DAMASCENO:CONSERTO/REFORMA
270-9381. Barreiros, 674-Fds.

PERSIANAS COLUMBIA S/A.
PBX 264-9062. Dona Maria, 29

PERSIANAS - CONSERTO

A. FRANCO-REFORMAS E NOVAS
252-5693. Itapiru, 315

ACESSÓRIOS/PEÇAS-PREMIER
258-7435. Pereira Nunes, 242

BADARÓ PERSIANAS
Consertos, Pinturas e Novas
281-3533 - 281-4509

GIRÃO:VENEZIANA/NOVA/REFORM.
252-2534 - 249-5896 (2.ª/Sábado)

PORTA SANFONADA/JAPONESA
238-0251 - 268-4637 - 258-5440

PRODECON: PERS./SANFONADA
351-2122. Estr. V. Carvalho, 55

PINTURA DE IMÓVEIS

A'DALMAS PINTURA/REFORMA
255-6124. Copacabana, 796/411

PISCINAS - EQUIP

AQUAFLOR - PISCINAS/SAUNAS
399-4900. 392-7930. Carrefour

BLUE SKY: EQUIP. CONSTRUÇÃO
Entrega Automática Cloro Líquido
399-3165. 399-4747 (Barra)

PLANTAS NATURAIS

PLANTIVA - VASOS - TERRAS
342-1062. Largo da Taquara

TROPIFLORA - VENDA - ALUGUEL P/JARDINS E INTERIORES
310-1221. 310-1395. Grota Funda. 1000 - I. de Guaratiba

PLANTAS ORNAMENTAIS - ALUGUEL

RODÍZIO MENSAL E JARDINS
236-0176. 275-7855. 237-0857

PORTAS COLONIAIS

SOB ENCOMENDA - MOV. BRASIL
234-8384. Costa Lobo, 93

PORTAS DECORATIVAS

FERRO/ALUMÍNIO - LUXO/FINANCIO
269-8647. Souza Cerqueira, 43

PROJETOS RESIDENCIAIS

LEGALIZAÇÃO E C/HABITE-SE
242-7491. E. Veiga, 41 S/603

PSICÓLOGOS

DR. CARLOS RODRIGUES
Condutoterapia-Gagueiras
267-6045. Av. Copacabana, 1226/1102

DRA. MÁRCIA-PSICODIAGNÓSTICO
Orientação Vocacional
269-9263 (2.ª a Domingo)

REFEIÇÕES À DOMICÍLIO

MASSAS: TABULEIRO A Cr$ 160,
275-3156. Zona Sul

REVESTIMENTOS

AZULEJOS - PISOS - TAPETES
201-4995 - 396-4264

IN-DECORAÇÕES - PAPEL/PAREDE
239-0349. A. M. Franco, 170-B

P/PISO - PAREDE - MAT. INÉDITO
274-7445. M. S. Vicente, 52/335

TAVARES DECOR. E CORTINAS
234-3833. S. Fco. Xavier, 342

ROUPAS - ALUGUEL

BOUTIQUE SOCIAL MODAS TOILETTE E COMPLEMENTOS VEST. NOIVA - CONFEC. - ALUGUEL
222-1094. Sen. Dantas, 44 - 1.º a.

MME. ROSA FAZ ALUGA VESTE
Noivas, Madrinhas, Alt. Cost.
265-1354. M. Assis, 5/202

STILE - RIGOR - SOCIAL/HOMEM
220-4497. A. Guanabara, 17/605

ROUPAS PROFISSIONAIS

ALFAIATARIA MAGAZIN LONDON UNIFORMES CIVIS - MILITARES
233-2126. 1.º de Março, 155
256-4205. Barata Ribeiro, 354-D

SAUNAS - EQUIP

AQUAFLOR - PISCINAS/SAUNAS
399-4900. 392-7930. Carrefour

SEGURANÇA - SISTEMAS

PORTEIRO/PORTÃO ELETRÔNICO
Circuito Fechado de TV
252-9548 (Visitas Grátis)

SEGUROS

"PREDIL" CORRETORA SEGUROS
233-1022. Teófilo Otoni, 72

SOM - ALUGUEL

OSCAR-SOM/LUZ P/FESTAS INSTALAÇÃO E CONSERTOS
246-4180. BIP 625 (2.ª a Dom.)

SOM P/AUTOMÓVEIS

A DOMICÍLIO - 2.ª DOM. - 24 HRS.
205-4718. 285-1275

TAPETES

"AVANTI" IND. DE TAPETES
Forrações Especiais S/Emendas
201-8798. Viúva Claudio, 329

DECORAÇÕES RIO DE JANEIRO
359-4435. A. Freitas, 25/604

TAPEÇARIA SUMARÉ
Forrações e Cortinas Orçamentos a Domicílio
256-0892 - 256-9509 - 235-4409

TAPETES - CONSERTO

CASA JULIO/LAVA E CONSERTA
295-1545. 295-1445

TAPETES - LIMPEZA

ACAVAM-TAPETES/CORTINAS
287-4306 - 350-4150 (2.ª/Domingo)

ADELIMP LAVA/SECA LOCAL 2 HS.
257-2794 (2.ª a Dom.)

ALVA CORTAP-TAPETE/CORTINA LAVA-TINGE-SECA LOCAL
205-7741 - 205-1897
Laranjeiras, 122

BOM JESUS CORTINAS/TAPETES
228-0801 - 232-5097 - 228-9456

LIMGETAP-LAVA LOCAL M/DIA
208-5049 - 393-0760 (2.ª/Dom.)

TELEVISORES - CONSERTO

A TELE SERVICE DO BRAZIL
242-7381

ADMIRAL - SANYO - AUTORIZADA ELETRÔNICA "EL ESPAÑOL LTDA."
295-3548 - 295-2144 - 295-2344
295-7894. Passagem, 146 LJ. 9

AGORA NA BARRA DA TIJUCA
Televisores e Antenas Betamax Eng.ª de Video/Ligue
399-6855. Condado de Cascais

AIRIS - SHARP/PHILCO/SANYO
258-5575 - 390-2334 (2.ª a Dom.)

ALVES - PHILCO - PHILIPS - SANYO
235-6484 - 256-2829. Z. Sul

AUT. PEREIRA LOPES IBESA
Sanyo a Cores Ass. Técnica
260-4481 - 260-8858 - 260-9260

AUTORIZ. SPRINGER ADMIRAL
246-5744. Assis Bueno, 23

BIRA: PHILIPS/PHILCO/SANYO, ETC.
267-2211 (Visitas Grátis)

DIA/NOITE TODAS MARCAS
351-3486. Major Conrado, 302

PHILCO E OUTRAS MARCAS
252-5967 (Visitas Grátis)

PHILCO - PHILIPS - SEMP - ATUAL.
245-1949. C. Dutra, 59-D - Flam.

PHILCO - PHLIPS - TELEFUNKEN
269-1794 - 269-7197. Méier

TOLDOS E COBERTURAS

LONAS E TOLDOS BRASIL
234-0507. 228-5789

TOLDOS SÃO CRISTÓVÃO
289-4496. João Ribeiro, 105

TRAILLERS

FÁBRICA PINO QUENTE
Comercial - Turismo - Carretas
248-0988. 24 de Maio, 29 - BOX 9

TURISMO - AGÊNCIAS

GUANATUR - AGÊNCIAS
EMBRATUR 08048500.9
255-1271. Dias da Rocha, 16-A

LOTUS TURISMO - EXCURSÕES
EMBRATUR 080052900-6 CAT. A
240-2282. Sen. Dantas, 80 SL

VETERINÁRIOS

CLÍNICA VETERINÁRIA GÁVEA PROF. JACINTHO MENDONÇA
246-2970. Inglês Souza, 176
286-5044. (Entrar Lopes Quintas)

VIDRACEIROS

BRAGANÇA - MOLDURAS - VIDROS
247-1702. Gomes Carneiro, 131

VIDROS P/AUTOMÓVEIS

AEROPLEX
Na Hora e a Domicílio
255-4625. Barata Ribeiro, 266

CONSULTOR MÉDICO

DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO 417/70 DO CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA E AS NORMAS EMANADAS DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA.

ABREUGRAFIAS

- **DR. JOÃO CARLOS CABRAL** CRM. 52.05975-0
  221-0586. Sete Setembro. 124/5.º

ALERGOLOGIA (ALERGIA)

- **DR. ISAAC AISENBERG** CRM. 52.16321-6
  Herpes -Acne -Asma -Bronquite
  289-9595. Man. Barbosa, 1/506

ANGIOLOGIA (APARELHO CIRCULATÓRIO)

- **CLÍN. BERTOLOTTI - ART. VEIAS**
  248-0766 - 284-3848 - 231-1416

CASAS DE SAÚDE

- **DR. JORGE FERNANDO DE JESUS**
  CRM. 52.15285
  331-3059. Tibagi, 1317 - Bangú

CIRURGIA PLÁSTICA

- **DR. ANTONIO SEGURA** CRM. 52.11037-0
  256-0083. Copa, 1066/805 - 3.ª e 5.ª
  711-0218. G. Peixoto,182-Nit.-2.ª, 4.ª e 6.ª
- **CLÍNICA DR. ONOFRE MOREIRA**
  Cirurgia c/Arte: Face-Nariz-Busto-Abdome-Coxas-Orelhas-Inclusão de Silicone-Retirada Cicatrizes: Acne-Operações-Acidentes e Queimados
  265-6565 - 285-3798. Pinheiro Machado, 155
- **DR. FRANKLIN C. CARNEIRO**
  CRM. 52.23082-1
  257-4560 (Copa). 350-5499 (Madur.)
- **DR. LUÍS MONTELLANO** CRM. 52.15377-8
  235-2144. Siq. Campos, 143/914
- **DR. WALDYR CAMILLO JORGE**
  CRM. 52.07769-8
  257-7429. Copacabana, 540/406

CLÍNICAS DE REPOUSO

- **CASA GERIATR. S. SEBASTIÃO**
  Mansão c/Jardins-Pensionato Recreação-Assist. Médica
  208-1082. S. Miguel, 80 - Tijuca
- **CASA REPOUSO STA. EUGÊNIA VIVA COM A NATUREZA**
  Jardins/Pássaros/Local de Paz
  C/ Assistência Médica
  264-2274. Tijuca
- **GERONTEL CLÍN. GERIÁTRICA**
  Tratamento para Idosos-Áreas Verdes e Recreação
  249-6955. Silva Mourão, 102

CLÍNICAS DE TÓXICO

- **DR. GERSON B. HALLAIS** CRM. 52.13430-9
  237-6990. Av. Copacabana, 1018/304

CLÍNICAS ESPECIALIZADAS

- **CLÍN. DE PSICOTERAPIA BREVE**
  246-4649 (Com Hora Marcada)
- **ULTRAMED CASA SAÚDE RENAUD LAMBERT**
  Adultos e Crianças
  PBX 392-1168. Av. Geremário Dantas, 877

DENTISTAS

- **DILSON PIRES - ENDODONTIA**
  CRO. 5488
  236-2260. Fig. Magalhães, 286/702
- **MARCO AURÉLIO P. MACHADO** CRO: 6700
  201-9299. Br. B. Retiro, 901/204
- **DR. MURILLO A. FERREIRA JR.** CRO. 5556
  247-4984. V. Pirajá, 550/2109

DERMATOLOGIA

- **DR. ALCYONE RONGEL** CRM. 52.01918-1
  Cosmetologia - Peelings 16às19 hs
  287-4611. Visc. Pirajá, 4 G./603

DIABETOLOGIA (DIABETES)

- **URGÊNCIAS PARA DIABÉTICOS PROF. FLÁVIO ROTMAN** CRM. 52.10506-4
  237-4075. Siqueira Campos,43-Copacabana

DOENÇAS NERVOSAS

- **CENTRO MED. PSIC. DE IPANEMA**
  Psicoterapia Individual
  287-4633. Bulhões de Carvalho, 524 C/2

GASTROENTEROLOGIA (APARELHO DIGESTIVO)

- **DR. RUBEN GANDELMANN** CRM. 52.00338-1
  Estômago - Fígado - Intestinos
  Urgências: Tel. 267-5617
  220-7398. Rio Branco, 257/1409

GERIATRIA (VELHICE)

- **CLÍNICA DRA. MARIANA JACOB EX-ASSIST. DA PROF. ASLAN**
  CRM. 52.30722-2
  Formada em Bucarest-Romênia
  257-7191. Copacabana, 664/407

HOMEOPATIA

- **DR. JOSÉ PÊCEGO - CLÍN. GERAL**
  CRM. 52.28585-1
  239-5245. At. Paiva, 135/1111 - à Tarde

LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

- **DR. J. CARRERA ATEND. DOMICÍLIO**
  CRM. 52.12844-4
  249-0088. Dia e Noite - Méier
- **M. M. LABT. - ATEND. DOMICÍLIO**
  237-6298. B. Ribeiro, 391/705

MEDICINA NUCLEAR

- **CLÍNICA VILLELA PEDRAS**
  220-4772. 240-9178. 240-9128
- **IBRAM-BERNARDO BLUM**
  CRM. 52.18812-7
  288-0997. P.E. Gorayeb, 50 - S. Peña

OFTALMOLOGIA (OLHOS)

- **CLÍN. OLHOS JOÃO B. TEIXEIRA E ROMANO NEURAUTER**
  CRM. 52.8023-0 - 52-7431-0
  235-5047 - 256-3496
  Av. Copacabana, 1120/901
- **CLÍNICA OLHOS JACAREPAGUÁ**
  Urgências Dia/Noite - Lente Contato
  392-6648. André Rocha (Taquara)

ORTOPEDIA E TRAUMATOLOGIA (OSSOS E ARTICULAÇÕES-FRATURAS)

- **DR. EDUARDO MARTINELLI - DIARIAM. 14:30/20:30 - SÁB. 9/13 HS**
  CRM. 52.18113-1
  246-5168. J. Botânico, 635/707
  Urgências: 246-4180 BIP-2621

RADIOLOGIA (RAIOS X)

- **ABREUGRAFIAS - RADIOGRAFIAS EM GERAL E A DOMICÍLIO DR. ROMUALDO JOSÉ CARVALHO**
  CRM. 52.04762-2
  224-4635. Graça Aranha, 416/218
- **DR. CARLOS OSBORNE** CRM. 52.06542-0
  265-6230. Bento Lisboa, 160 - Catete

ULTRA-SONOGRAFIA

- **CLÍNICA ULTRA-SONOGRÁFICA DA TIJUCA**
  Diagnóstico Fetal na Gestação.
  Ginecologia • Medicina Interna
  248-2597 - Conde de Bonfim, 232/910 Diariamente

VACINAÇÃO - CLÍNICAS

- **IMUNO BABY CLÍN. DE VACINAS**
  246-8780. V. Pátria, 445/1303

Inclusões pelos tels.: 242-6952 • 222-5718

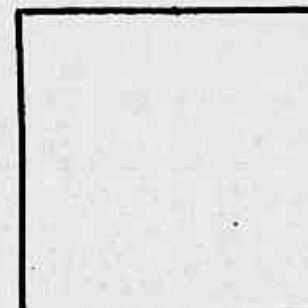
EDIÇÃO DE 01-06-80

Bridge

LIZZIE MURTINHO

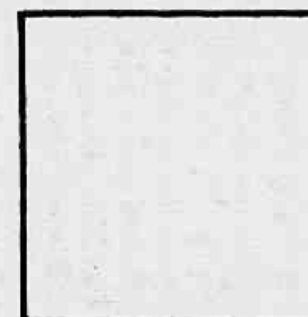
Lendo as cartas (IV)

Vamos ver o programa da semana passada

♠ K72
♥ QJ
♦ 742
♣ K10932

♠ A108
♥ 953
♦ AK
♣ AJ875

3ST. SAÍDA 3 DE OUROS:

O problema deste jogo está no naipe de paus. Se estiver 3-0 e você bater a honra do lado errado, as coisas vão ficar pretas. No entanto, Oeste deu um indício precioso — se você souber usá-lo. A saída de ouros mostra que Oeste tem quatro cartas deste naipe. Com quatro copas ou quatro espadas, ele possivelmente teria preferido o naipe rico, de modo que você tem grandes razões para supor que, se alguém tem três paus, este alguém é Oeste. Sua melhor jogada é bater o A de paus.

♠ AKQx
♥ Kx
♦ Axx
♣ xxxx

♠ x
♥ AJ98xxx
♦ xx
♣ xxx

Oeste abriu de 1 paus e vocês tomaram conta do leilão, indo parar em quatro copas. A saída foi A e K de paus, aparecendo o 10 e a Q em Este. Oeste bate mais dois paus, Este baldando o 2 de espadas e o 2 de ouros. Você corta, joga copas para o K e puxa pequena copas aparecendo uma pequena em Este. E agora?

Você tem duas pistas da maior importância: o leilão e o 2 de espadas. Pelo leilão você sabe que Oeste não tem um naipe quinto na mão. Para ele ter seca de copas, sua distribuição teria que ser 4441. Mas se Oeste tiver quatro espadas, Este também tem quatro e aí nós chegamos no 2 de espadas. Ninguém, bom da cabeça, baldaria sua quarta espadas quando está vendo AKQx no morto. Pode bater o A, que a Q vai cair.

Áries

(21/3 a 20/4)

Vida diária: Tranqüilidade e satisfações resultantes de esforços passados. Facilidades para quem tem comércio de luxo. Alguns problemas financeiros. Pode começar um processo. *Amor*: Nada realista, você se deixará levar pela imaginação, o que lhe pode ser prejudicial. Harmonia com Aquário e Escorpião. *Pessoal*: Renuncie às soluções muito fáceis. *Saúde*: Cuide de sua alimentação. *Nº* 9. *Cor*: Roxo. *Dia*: Sexta-feira.

Touro

(21/4 a 20/5)

Vida diária: Boa intuição esta semana, permitindo-lhe dispensar conselhos alheios a seus interesses reais. Importante decisão sobre o futuro poderá ser tomada. *Amor*: Período de euforia e felicidade sentimentais: você atingirá uma espécie de êxtase. Harmonia com Câncer e Balança. *Pessoal*: Confie mais em sua eloqüência: ela lhe trará satisfações. *Saúde*: Faça ginástica e ioga. *Nº*: 7. *Cor*: Azul. *Dia*: Terça-feira.

Gêmeos

(21/5 a 21/6)

Vida diária: Jornalistas e artistas favorecidos. Dirigindo seu dinamismo para um alvo construtivo, você poderá impor seu ponto-de-vista e conseguir muita coisa. *Amor*: Propensão a aproveitar-se de todas as oportunidades, por julgar que toda aventura pode ser sedutora: cuidado. Harmonia com Leão e Touro. *Pessoal*: Não subestime o poder e a maldade de seus adversários. *Saúde*: Faça uma dieta de frutas. *Nº*: 4. *Cor*: Laranja. *Dia*: Sábado.

Câncer

(22/6 a 22/7)

Vida diária: Profissões comerciais favorecidas. Semana de grandes satisfações com seus colaboradores e de chances financeiras que você deve aproveitar. Pode assinar documentos. *Amor*: Cuidado com o que disser, pois as pessoas podem guardar rancor. Não faça projetos. Harmonia com Virgem e Aquário. *Pessoal*: Não admita intromissões em seus negócios. *Saúde*: Bom equilíbrio físico e psíquico. *Nº* 8. *Cor*: Prata. *Dia*: Domingo.

Leão

(23/7 a 22/8)

Vida diária: Indecisão e irritabilidade no trabalho. Discussões surgirão, sobretudo para quem trabalha em escritório. Não tome decisões. Cuidado com o terreno financeiro. *Amor*: O amor lhe reserva alegrias ilimitadas, e alguns laços sentimentais poderão levar a uma casamento. Harmonia com Sagitário e Câncer. *Pessoal*: Reaja a tudo com objetividade. *Saúde*: Evite emoções fortes. *Nº*: 9. *Cor*: Preto. *Dia*: Quinta-feira.

Virgem

(23/8 a 22/9)

Vida Diária: Sorte para vendedores. Esperando oportunidade e a postos para lutar por suas idéias, você não deve hesitar, pois os astros sustentarão suas iniciativas. *Amor*: O amor lhe reserva grandes alegrias. Você pode pensar em noivado ou casamento. Harmonia com Touro e Balança. *Pessoal*: Apesar de tudo, leve mais em conta a opinião dos amigos. *Saúde*: Massagens e ioga serão benéficos. *Nº*: 3. *Cor*: Verde. *Dia*: Sexta-feira.

Balança

(23/9 a 23/10)

Vida Diária: Boa semana para profissionais liberais e jornalistas. Quanto a seus projetos, você encontrará as portas abertas, precisando apenas organizar-se. Compreensão dos chefes. *Amor*: Seja muito prudente, pois, com Vênus em quadratura, a alegria lhe escapará. Harmonia com Sagitário e Virgem. *Pessoal*: Confie em sua intuição. *Saúde*: Descanse mais para o bem de seu coração. *Nº*: 1. *Cor*: Cinza. *Dia*: Terça-feira.

Escorpião

(24/10 a 21/11)

Vida Diária: Escrituração favorecidos. Novos contatos com empresas podem trazer satisfações profissionais. Uma colaboração pode ser proveitosa. Possível um novo empreendimento. *Amor*: Com a impressão de que o amor lhe dá azar, você continua esquivando-se de relacionamentos sérios. Harmonia com Virgem e Áries. *Pessoal*: Cuidado com seus juízos de valor. *Saúde*: Pratique esportes. *Nº*: 2. *Cor*: Granada. *Dia*: sexta-feira.

Sagitário

(22/11 a 20/12)

Vida Diária: Meça bem vantagens e desvantagens antes de aceitar uma oferta sedutora que lhe será feita. Cuidado com o domínio financeiro. Evite jogar. *Amor*: Vênus em período neutro: total livre arbítrio. Faça um exame de consciência e ponha em dia sua correspondência amorosa. Harmornia com Áries e Escorpião. *Pessoal*: Cuidado com as cartas que escrever. *Saúde*: Faça massagens e pratique esportes. *Nº* 11. *Cor*: Amarelo. *Dia*: quarta-feira.

Capricórnio

(21/12 a 20/1)

Vida Diária: Semana de reembolsos de dívidas, problemas financeiros, legais ou fiscais. Evite processos ou negócios litigiosos. grandes satisfações com os chefes. *Amor*: Compensação no plano da amizade, mas cuidado com o terreno sentimental, com Vênus em oposição. Harmonia com Touro e Aquário. *Pessoal*: Não seja arrogante com pessoas diferentes de você. *Saúde*: Beba muita água mineral. *Nº*: 5. *Cor*: verde. *Dia*: quinta-feira.

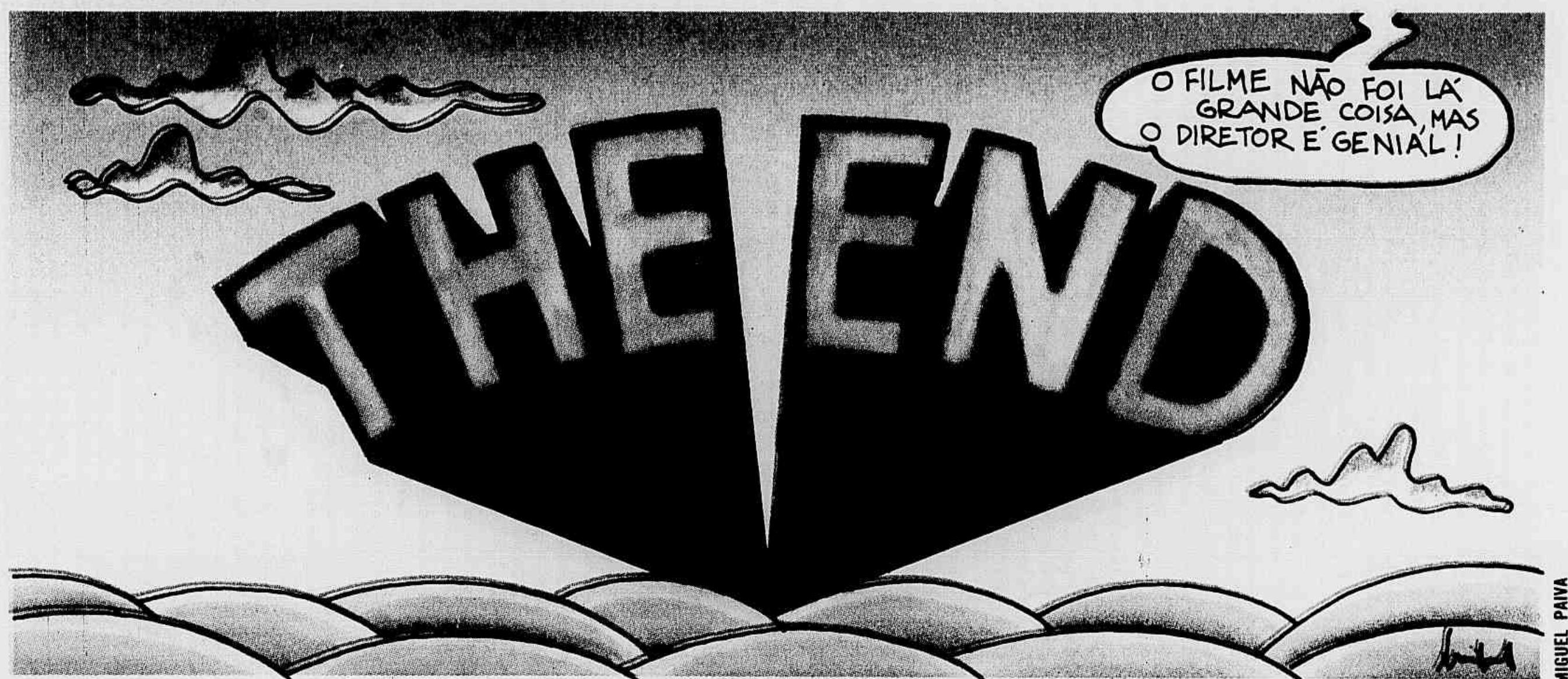
Aquário

(21/1 a 18/2)

Vida Diária: Sorte para jornalistas, recepcionistas, secretários. Agindo com prudência e ponderação, suas iniciativas terão êxito. Saiba valer-se de quem tem influência e pode trazer-lhe ajuda. *Amor*: Muito amor, repleto de sensualidade. Emoções vivas: você não saberá mais onde está. Harmonia com Áries e Câncer. *Pessoal*: Cuidado para não alienar a boa vontade de certas pessoas. *Saúde*: Não abuse de remédios. *Nº*: 13. *Cor*: rosa. *Dia*: segunda-feira.

Peixes

(19/2 a 20/3)

Vida Diária: Seja prudente. No trabalho, cuidado com *fofocas*. Plano financeiro também péssimo: evite jogos e especulações. Espere para assinar eventuais documentos importantes. *Amor*: É possível que seu magnetismo atraia uma pessoa a quem você agrada: saiba usá-lo. Harmonia com Câncer e Áries. *Pessoal*: Muito orgulho pode levar a humilhações. *Saúde*: caminhe para sentir-se melhor. *Nº*: 15. *Cor*: vermelho. *Dia*: domingo.

O FIM DO MUNDO

Eu sei que não é um assunto agradável mas você já pensou seriamente no fim do mundo? Ninguém, claro, gosta de pensar nessas coisas. O céu em chamas, as covas se abrindo, crianças apontando para os quatro cavaleiros do Apocalipse e gritando que também querem um cavalo que voa, os bons e os maus sendo reunidos para o Juízo Final e engarrafando ainda mais o trânsito, o Sol parado no céu e nem por isso dando praia, um cansaço. Mas é preciso ser previdente. Senão, depois do fim do mundo, você vai se lamentar por não se ter preparado adequadamente. E aí será tarde. Eis alguns conselhos para você enfrentar o fim do mundo com um mínimo de desconforto.

O que usar — Obviamente, algo leve. Para as mulheres, alguma coisa na linha de cafetãs coloridos. Para os homens, ternos safári. Dar preferência a tecidos sintéticos que resistem mais à ação do enxofre. Homens e mulheres também podem preferir os práticos *jeans* ou mesmo bermudas e *shorts*, desde que os pés fiquem protegidos. Pois as serpentes da remissão percorrerão a Terra e nem quem mora em cobertura estará a salvo. No caso de usarem roupa de gala, recomenda-se às mulheres portarem todas as suas jóias, pois uma oportunidade igual a esta não se repetirá tão cedo. Os homens podem alugar *smokings*. O único inconveniente é que terão que pagar adiantado. O crédito estará compreensivelmente suspenso.

Grupos — Algumas anfitriãs reunirão pequenos grupos para desjejum ou coquetéis — dependendo da hora do evento — e depois todos assistirão ao Apocalipse da sacada. Uma sugestão: escolher um tema para a festa. *Black and White*, por exemplo, ou *Os últimos dias da Babilônia*. Não leve roupa de banho porque a água da piscina vai ferver.

Conselho jurídico — É bom contratar um bom advogado para o Juízo Final. Alegar que você só cometeu os crimes menores, como matar mulher a tiro e roubar na Bolsa. Em hipótese alguma tente subornar o Juiz.

Novela das oito — Você nunca vai saber como termina. É triste mas não há o que fazer. Não, comprar um daqueles aparelhos japoneses que gravam os programas quando você não está em casa não adianta. É possível que a besta de sete cabeças que emergirá dos mares apareça no programa do Flávio Cavalcanti e a Márcia de Windsor dê nota dez. Um consolo é que não haverá mais festivais de música nem reapresentações do *Cyborg*.

Emigrar para a Suíça — Não adianta e pode até ser perigoso. Dizem que Deus tem uma implicância especial com a música tirolesa e arrasará a Suíça primeiro.

Disfarces — Podem ser tentados. Experimente com nariz postiço ou hábitos religiosos. De preferência hábitos religiosos para manter um resquício de seriedade. Se perguntarem responda que você é padre.

— Que religião?

— Católica

— Hmmm.

Parece que está tudo bem. Você receberá tratamento especial. Mas espere. Há outra pergunta.

— De que linha?

— Como, de que linha?

— Conservadora ou progressista?

E agora? Qual é a linha que tem mais prestígio lá em cima? Fique com o nariz postiço.

Últimos desejos — Parece que, quando o fim do mundo estiver chegando, teremos um aviso. Mudará a mão do Túnel Novo, os telefones começarão a falar sózinhos e o Maluf aparecerá com uma peruca mechada. Isto quer dizer que haverá tempo para realizarmos nossos últimos desejos. Ou, então, aqueles desejos reprimidos, aquelas coisas loucas que sempre tivemos de fazer mas nunca fizemos. Pegar formulários oficiais e onde diz "Não escreva neste espaço", escrever. Morder uma nadega da Fafá de Belém. Sei lá.

Desconfiança — Só porque é o fim do mundo não quer dizer que vão enrolar você. Se o Apocalipse cair numa sexta, por exemplo, diga coisas como:

— Espere aí! E o dinheiro da Loteria Esportiva vai ficar com quem?

Conspiração — Alguém olhará para o céu em chamas, os quatro cavaleiros no ar, as fendas sulfurentas se abrindo na terra, os espíritos deixando suas covas e o mar burbulhando e certamente pensará:

— Mais uma do Golbery.

Recomendações finais — Não precisa fechar a casa. O risco e pilhagem depois do fim do mundo é mínimo.

lindo, rústico e natural

e móvel com personalidade.

Os móveis Casaredo de estilo Escandinavo são em madeiras de lei protegidas com poliuretano que as mantêm sempre novas e claras. Em cada loja você encontra a "Equipe Projeto Adequado" que lhe oferece sem despesas o melhor projeto. Casaredo é uma linha com design de Munis Zilberberg, apresentando as soluções mais práticas mesmo para pequenos ambientes.

casa

Não custa caro a n

MAISA TEM MAIS.

Muito mais fruta que qualquer outro suco.